



TORMENT PLANESCAPE

DIREITOS DE ©1999 INTERPLAY PRODUCTIONS

TEXTO ORIGINAL DE CHRIS AVELLONE E COLIN MCCOMB / A NOVELIZAÇÃO FOI FEITA POR RHYSS HESS

Há tempos discute-se a respeito da imortalidade. Benção ou maldição?

Até onde iríamos para alcançá-la? Cada ação gera uma reação e uma consequência, e quando essa é muito grave, o preço a ser pagar torna-se alto demais...

Um homem que buscou a vida eterna, uma amizade sem limites, um amor sem barreiras, uma promessa a ser cumprida, uma busca atormentadora por uma resposta e que nos faz imaginar:

“ O que pode mudar a natureza do homem?”

Primeiramente, recomendo a todos que joguem o jogo, ouçam as musicas, atentem-se as tonalidades, vozes e as características tão marcantes dos personagens ali presentes.

Eu comecei essa tradução há 5 anos atrás, e como não tenho tempo para fazer, eu intercalei esse trabalho com meu tempo livre (que não é muito).

Meu inglês não é tão bom quanto eu gostaria que fosse e mesmo que fosse, alguns significados ainda seriam muito difíceis de serem mantidos 100% devido a ambientação interna do jogo que se passa em um lugar criado dentro de um “universo” criado especificamente para o Torment (apesar de quase tudo ter uma relação com algo religioso ou histórico da nossa realidade). Como a obra possui muitas expressões criadas exclusivamente para esse jogo, existem palavras que são na verdade, junções de nomes e ou preposições que uma vez unidas, criam um significado próprio. Em alguns casos eu traduzi algumas sentenças de maneira que o leitor pudesse entender o significado geral do contexto, mas na tradução perde-se um pouco da originalidade do texto, por isso recomendo que leiam o original em inglês se puderem(jogando o jogo de preferência).

Além da complexidade da obra, linguagem e dos significados (e da minha falta de tempo) eu fiz questão de escrever toda a tradução a mão, e após isso eu digitei toda ela novamente, com isso, eu traduzi, e revisei traduzindo uma segunda vez. Pois minha intenção nunca foi apresentar o resultado final logo, e sim, me dedicar ao trabalho e me divertir refletindo e aprendendo a cada linha.

Não quero crédito algum pelo trabalho, nem quero ser cobrado por algo que fiz por livre e espontânea vontade e com todo o cuidado, carinho e dedicação.

Quero apenas permitir que todos tenham acesso a essa obra, que na minha opinião é algo capaz de mudar, e te fazer pensar que muitas coisas podem mudar um destino, uma pessoa e uma vida.

NOTAS:

Em Torment Planescape, pode-se notar a influencia de muitas religiões (praticamente todas) e muitas referencias e menções implícitas ou não a essas religiões.

Notem que os Lugares possuem nomes em maiúsculo, isso ocorre propositalmente porque os lugares também são considerados vivos de certa forma, e portanto, possuem suas características, e peculiaridades, sendo assim, nesse “mundo”, devem ser tratados como seres e não como lugares.

O jogo possui uma das mais incríveis trilhas sonoras que já ouvi e cada personagem merece uma atenção especial. Esse é mais um motivo para jogarem o jogo, que possui muito mais personagens NPCs com frases marcantes e diálogos incrivelmente ricos. E pode-se explorar muito mais a variação de caminhos e escolhas a serem consideradas. Já que aqui trataremos apenas de trechos do caminho **Lawful Good (Leal bom)**.

Em breve será lançada uma “sequência” de Torment não relacionada diretamente a esse jogo, mas sim a esse universo, nomeada TORMENT- TIDES OF NUMENERA.

Desde já me pré dispondo a traduzi-la por completo, com ou sem apoio algum, novamente apenas com a intenção de permitir a todos o acesso a mais essa obra.

Volto a lembrar de que: aqui estou traduzindo apenas a novela adaptada, o jogo é muito mais rico, intenso, triste, cruel e próximo do real do que esta sendo apresentado aqui. Muitas partes servem como reflexão e ler apenas por ler, sem querer entender o que o autor quis passar, empobrece em muito a leitura, por isso peço compreensão e atenção.

Nunca irei cobrar absolutamente nada por isso e nem admito que outros o façam.

Divirtam-se.

ÍNDICE

O Necrotério	5
Deionarra	15
Colméia (HIVE)	20
Morte, Parte 1	27
Mercado Colméia	27
Aprisionado	33
Bar Cadáver Flamejante	36
Dak'kon, Parte 1	43
Praça dos Esfarrapados	46
Vilarejo Enterrado	54
Circulo Interrupto de Zertimon, Parte 1	60
Catacumba das Pedras que choram	64
Nações Mortas	68
O destino de Soego	73
O rei silencioso	73
Nações Afogadas	77
O Túmulo	78
Pharod	81
Xachariah, parte 1	86
Dak'kon, Parte 2	90
Xachariah, parte 2	93
Annah, parte 1	96
Cães caóticos latindo	100
Beco dos Suspiros Remanescentes	105
Mestre dos Ossos	109
Circulo Interrupto de Zertimon, Parte 2	113
Ala Inferior	117
Metal persuasivo	128
Ala Clériga	132
Ignus	137
Fall From Grace, Parte 1 / Cair da Graça	143
Bordel da Satisfação dos Prazeres da Mente	147
Nenny dos nove olhos	149
Marissa	151

Kesai-Serris	153
Kimasxi Addertongue- Língua de Víbora	155
Dolora	158
Yves the Tale Chaser-Yves a Perseguidora de Histórias	162
Galeria de Arte e Curiosidades	170
Loja de Curiosidades	173
Aelwyn	179
Salão de Festas Cível	183
Salão de Palestras	186
Sensorial Público	195
Amarrando pontas soltas	200
Rubikon	203
Nordom, Parte 1	210
Subjulgar	213
Armadilha Pedra Sensorial	217
Pedra Sensorial Deionarra	219
Mensagem para Ravel	223
Fall From Grace, Parte 2	226
Nordom , Parte 2	233
Jornal Dodecaedro	240
Advogado Iannis	245
Preparações	251
Ravel Puzzlewell, Parte 1- Ravel Solucionadora de Charadas	256
Ravel Puzzlewell, Parte 2	266
Circulo interrupto de Zertimon, parte 3	276
Curst	279
Trias	282
Vhailor	286
Annah,Parte 2	293
Fhjull	294
Pillar dos Crânios	299
Morte, Parte 2	306
Carceri	310
Trias - O Traidor	312
Sigil	315
Portal Necrotério	317
Fortaleza dos Arrependimentos	321
Destino dos Companheiros	323
Provação dos Impulsos	326
Labirinto das Reflexões	328
Escapatória	339
Aquele que Transcende	341
Adeus	350

TORMENT PLANESCAPE

O NECROTÉRIO

Um sonho, deitado numa maca, em um necrotério. Uma pilar coberto de nomes. Uma pilha de crânios. Um símbolo. Uma mulher. Um fantasma.

Acordei, em uma maca, no que era obviamente um necrotério. Enquanto me levantava, notei com o canto do meu olho um movimento. Um crânio flutuante. Não, eu percebi enquanto ele falava: um crânio flutuante, que falava.

“Hey Chefe, Você esta bem? Está se fingindo de morto ou esta tentando enganar os Dustman? (Varredores) Achei que você estava morto de verdade.” Eu estava confuso, e tinha dificuldade em me focar no que o crânio dizia.

“Qu...? Quem é você?”

“Uh...quem sou EU? Que tal você começar? Quem é você?”

“Eu...não sei. Não me lembro.” Percebi que não lembrava de nada sobre mim mesmo.

“Não consegue lembrar do seu NOME? Heh. Bem, a próxima vez que for encher a cara por ai, pega leve. Meu nome é Morte. Estou preso aqui também.”

“Preso?”

“Sim, já que você não tem tido tempo para se manter de pé ainda, ai vai o que se passa: eu já tentei todas as portas, e esse quarto esta mais trancado que um cinturão apertado.” Eu precisava me orientar, e procurar saber aonde eu estava através do crânio.

“Nós estamos presos em... aonde? O que é esse lugar?”

“É chamado de O Necrotério... é uma grande estrutura negra com o charme estrutural de uma aranha grávida” Teria eu morrido? Isso explicaria a perda da minha memória?”

“O Necrotério? O que... estou morto?”

“Olhando daqui não. Mas apesar disso você tem muitas cicatrizes... parece que alguém pintou você com um faca. Mais um motivo para dar o fora daqui antes que quem quer que tenha feito isso em você volte para terminar o serviço.”

“Cicatrizes? Elas estão muito ruins?”

“Bem... as gravuras no seu peito não estão **tão** ruins... mas as das suas costas...” Morte pausou. “Digo, parece que você tem toda uma galeria nas costas chefe. Elas dizem algo...”

Olhei para mim mesmo, e percebi que era verdade sobre as cicatrizes. Elas cobriam cada parte visível da pele. Havia também uma tatuagem no meu braço, a mesma do meu sonho. Imaginei o que havia nas minhas costas entretanto.

“As que estão nas minhas costas. O que elas dizem?”

“Heh! Parece que tem algumas direções...” Morte limpou a garganta. “Vejam... começa com... “Sei que você se sente como tivesse bebido alguns barris em Styx** ,mas você precisa se CONCENTRAR. Dentre seus pertences esta um Jornal que irá dar alguma luz na escuridão. “Pharod pode guia-lo o resto do caminho, se já não estiver escrito no livro da morte.”

“Pharod...? Ai diz algo mais?”

“Sim, tem um pouco mais...” Morte pausou. !Vejam... Continuando... “não perca o jornal ou você irá ficar nesse estado outra vez. E seja lá o que fizer, não conte a ninguém quem você é ou o QUE lhe aconteceu, ou rapidamente lhe colocarão num caminho sem volta para o crematório. Faça o que eu digo: LEIA o jornal e encontre Pharod.”

“Agora sei por que minhas costas doem; existe uma maldita novela escrita nela. Quanto ao jornal que supostamente deveria estar comigo... havia um comigo enquanto estava deitado aqui?”

“Não... você foi despido até a pele quando chegou aqui. Além disso, parece que você já tem jornal o suficiente escrito no seu corpo.” O crânio não estava sendo de muita ajuda.

“E quanto a Pharod? Você o conhece?”

“Não o conheço... mas novamente, eu não conheço muita gente. Existem chances de que, ALGUM babaca possa saber aonde encontrar Pharod...uh, depois que sairmos daqui na verdade.”

“COMO sairemos daqui?”

“Bem, todas as portas estão trancadas, então precisaremos de uma chave. Existem chances de um dos cadáveres andantes do quarto terem ela.”

“Cadáveres andantes?” perguntei.

“Sim, os guardiões do Necrotério usam esses cadáveres como trabalho barato. Eles são estúpidos como pedras, mas inofensivos, e não o atacarão a não ser que você o faça primeiro.” A ideia de matar, por alguma razão, me deixou apreensivo.

“Existe algum outro jeito? Eu não quero mata-los só por uma chave.”

“O que, você acha que vai machucar os sentimentos deles? Eles estão MORTOS. Mas você quer ver o lado bom disso: se os matar, finalmente vão poder descansar antes que seus chefes os ergam e os façam trabalhar novamente.”

“Bom... tudo bem eu derrubarei um deles e pegarei a chave.”

Aproximei-me de um dos zumbis que se moviam negligentemente pelo quarto. O cadáver parou e me olhou. Eu podia ver o numero “782” cravado em sua testa, e seus lábios estavam costurados. Um leve odor de formal exalava de seu corpo.

“Parece que tive sorte com esse aqui chefe. Veja... ele esta com a chave nas mãos.” Eu não precisava que Morte me dissesse aquilo. Ele segurava firmemente a chave na mão esquerda, seu polegar e o apontador firmavam-se ao redor dela. Eu provavelmente precisaria cortar a mão do cadáver para liberar a chave.

Preciso de uma arma para pegar a chave. Procurei nas prateleiras no quarto que estava até que encontrei um bisturi. Morte, que estava seguindo cada movimento meu, me interrompeu.

“Tudo bem, você encontrou um bisturi! Agora, vá pegar aqueles cadáveres... e não se preocupe, eu ficarei atrás e providenciarei preciosos conselhos táticos.”

“Talvez você pudesse ME ajudar Morte.”

“Eu ESTAREI ajudando. Um bom conselho é difícil de conseguir.” Eu senti uma raiva súbita com relação ao crânio tagarela.

“Eu quis dizer ajuda ao ATACAR o cadáver.”

“Eu? Eu sou um romântico, não um soldado. Eu apenas ficaria no caminho.”

“Quando eu atacar o cadáver, é melhor que você esteja lá comigo ou você será a próxima coisa em que irei enfiar esse bisturi.”

“Eh...tudo bem. Vou ajuda-lo.” Me aproximei do zumbi outra vez.

“Eu preciso dessa chave, cadáver... parece que você não permanecerá nesse mundo.” Alguns golpes com o bisturi logo transformaram a criatura em um cadáver sem movimento, e usei a chave que havia obtido para abrir uma das portas do quarto.

“Um conselho chefe, chefe: Eu faria silêncio daqui em diante- ninguém precisa colocar mais corpos no livro da morte do que o necessário... especialmente as fêmeas. Ainda mais, mata-los pode atrair os cuidadores aqui.”

“Não creio que você os tenha mencionado antes... **quem** são esses cuidadores?”

“Eles se nomeiam os Dustman (Varredores) Não tem como não nota-los:Eles tem um obsessão com o preto e rigidez cadavérica no rosto.São um bando de apodrecidos e cadavéricos adoradores da morte; eles acreditam que todos devem morrer...mais cedo do que o esperado.” Eu pensei a respeito deles.

“Estou confuso... porque os Dustman se importam se eu escapar?”

“Você não estava me ouvindo?! Eu disse que eles acreditam que TODOS tem que morrer, mais cedo melhor. Você acha que os cadáveres que você viu estão mais felizes no livro da morte ou fora dele?” Depois de dar início, eu me encontrei cheio de dúvidas.

“Os cadáveres daqui... de onde eles vieram?”

“A Morte visita os Planos todos os dias, chefe. Esses coitados são tudo o que sobrou dos pobres que venderam seus corpos aos cuidadores depois da morte.”

“Antes você havia dito para ter certeza de não matar nenhum cadáver feminino. Por quê?”

“O qu-ta falando SÉRIO? Veja chefe, essas gatinhas mortas são a última chance para um par de acabados como nós. Nós temos que ser CAVALHEIROS... não matando-as por chaves, sem arrancar seus lábios, coisas desse tipo.” Eu não conseguia entender aonde Morte queria chegar.

“Última chance? Do que você está FALANDO?”

“Chefe, ELAS estão mortas, NÓS fomos mortos... Vê onde quero chegar? Hein? Hein?” Eu pude entender agora, mas não conseguia acreditar.

“Você não pode estar falando sério.”

“Chefe, nós já temos um assunto para abrir conversa com elas. Nós TODOS já morreremos pelo menos uma vez: Nós teremos sobre o que conversar. Elas irão apreciar homens com nossa experiência de morte.”

“Mas... espere... você não disse antes que eu NÃO estou morto?”

“Bom... tudo bem, VOCÊ pode não estar morto, Mas EU estou. E pelo que posso notar, eu não me importaria de dividir um caixão com uma dessas belezas que vejo aqui.” Morte começou a bater os dentes, como por antecipação. “Claro, os cuidadores teriam que se divertir com elas antes, e isso não seria muito provável...”

Morte continuou, “Olha chefe. Você ainda está um pouco oco depois do beijo da morte. Então dois conselhos pra você : primeiro, se você tiver dúvidas, PERGUNTE A MIM, tudo bem?”

“Certo... eu... tentarei lembrar-me disso.”

“Segundo, se você estiver MEIO esquecido como parece estar, comece a escrever as coisas- sempre que se lembrar de algo que possa ser importante, escreva para não se esquecer.”

“Se eu tivesse o jornal que eu SUPOSTAMENTE deveria TER comigo, eu faria isso.” Senti um toque de raiva de seja lá quem for que o retirou de mim.

“Comece um novo então chefe, sem problema. Existem um monte de pergaminhos e tintas ao seu redor.”

“Hummmm. Tudo bem. Isso não faria mal algum... eu farei um novo então.”

“ Use isso para manter o registro dos seus movimentos. Se você começar a se esquecer de algo importante, como quem é você.... ou mais importante, quem sou EU... use-o para refrescar sua memória.”

No próximo quarto haviam mais...zumbis. Eles estavam vagando, mais obviamente nas tarefas dadas pelos Dustman. Um em particular, entretanto, chamou minha atenção. Um cadáver masculino estava embaraçado

em um caminho triangular. Quando chegava em um dos cantos do triangulo,ele parava, então virava em direção ao próximo canto. “965” estava tatuado no lado de sua cabeça. Quando me aproximei, ele parou e virou para mim.

“Heh.Parece que alguém esqueceu de avisar esse cara para parar com a “Regra de três”, Morte comentou.

“O que você quer dizer?”

“Esses corpos não tem muita coisa mais na cabeça, então não podem dar a eles mais de uma tarefa por vez...quando lhes é dito para fazer algo, eles continuarão fazendo até que alguém os mande parar. Esse pobre coitado deve ter acabado sua tarefa, e esqueceram de avisa-lo.”

“A Regra de Três. O que quis dizer com isso?”

“Ah? Bom, a regra de três é uma dessas “leis” existentes nos Planos, sobre coisas que tendem a acontecer triplamente... ou de tudo que é composto por três partes... ou que sempre existem três escolhas, e daí por diante.”

“Você não parece botar muito fé nisso.”

“ É tudo um monte de besteira, se me perguntarem.Se você pegar um numero, qualquer um, e tentar colocar nele um grande significado, voe irá encontrar um monte de coincidências.”

Eu deixei o cadáver zanzando sua trajetória e fui para o próximo quarto. No meio do quarto havia a primeira pessoa que encontrei obviamente um dos Dustman. Ele escrevia em um livro imenso.

O escriba parecia muito velho... Sua pele era enrugada e tinha um leve traço amarelado, como um velho pergaminho.

Olhos acinzentados faziam parte de seu rosto ossudo, com uma grande barba branca que descia pela sua robe como uma catarata. Sua respiração era áspera e irregular, mas mesmo suas tossidas ocasionais não diminuían o escrever de seu lápis. O livro que escrevia devia conter milhares de nomes. Quando me aproximei dele, ele não olhou para cima.

Morte interrompeu “Opa chefe! O que você esta fazendo?”

“Eu ia falar com o escriba. Ele deve saber algo sobre como eu cheguei até aqui.”

“Olha, mexer com os Dustman devia ser a ULTIMA coisa-“

Antes que Morte pudesse acabar sua frase, o escriba começou a tossir violentamente. Depois de um momento ou dois, a tossida cessou, e o respirar dele se resumiu numa bufada inconstante.

“E nós não devíamos ESPECIALMENTE trocar ideias com Dustman doentes. Vamos lá, vamos sair. O quanto antes sairmos daqui, melhor.” Antes que Morte pudesse acabar, os olhos cinza do Dustman pestanejaram para mim.

“O peso dos anos pesam sobre mim, Incansável.” Ele baixou sua pena. “... mas não conte a surdez como uma das minhas doenças.” Eu imaginei se ele podia ajudar.

“Incansável? Você me conhece?”

“Se eu o conheço? Eu...” Havia um traço de amargura enquanto sua voz falava. “Eu nunca CONHECI você, Incansável. Não mais do que você se conheceu.” Ele ficou calado um instante. “Pois você se esqueceu, não foi?”

“Quem é você?”

“Como sempre, uma pergunta. E a pergunta errada, como sempre.” Ele abaixou levemente, mas o movimento o fez começar uma onda de tosse. “Eu...” Ele pausou um momento, tossiu respirando. “Eu... sou Dhall.”

“O que é esse lugar?”

“Você está no necrotério, Incansável. Mais uma vez... você...veio.” Antes que pudesse terminar, Dhall começou a tossir novamente. Depois de um momento, ele se acalmou e seu tossir resumiu-se em um respirado irregular. “... esse é o quarto de espera para aqueles que aguardam sua partida da sombra dessa vida.”

“Esse é o lugar aonde os mortos são trazidos para serem enterrados ou cremados. É nossa responsabilidade como Dustman cuidar desses mortos, daqueles que deixaram a sombra dessa vida e caminham para a Morte Verdadeira.” A voz de Dhall tornou-se preocupada. “Suas feridas devem ter cobrado um preço alto se você não reconhece esse lugar. É quase seu lar.”

“Sombra da vida?”

“Sim, uma sombra. Veja, Incansável, essa vida... não é real. Sua vida, a minha, são sombras, lampejos da vida que um dia foram. *Essa “vida” é aonde vamos **após** termos morrido. E aqui permanecemos...presos.Engaiolados. Até alcançarmos a Verdadeira Morte.”

“Verdadeira Morte?”

“A verdadeira Morte é a não existência. Um estado desprovido de razão, de sensação, de paixão.” Dhall tossiu, e então respirou com dificuldade. “Um estado de pureza.”

“Talvez você possa explicar porque os Dustman me querem morto.”

Dhall suspirou. “Dizem que existem almas que não podem alcançar a Verdadeira Morte. A morte os esqueceu, e seus nomes nunca serão escritos no Livro da Morte. Para acordar da morte como você fez... sugere—se que você é uma dessas almas. Sua existência é inaceitável para nossa facção.”

“Inaceitável? Isso não parece me deixar numa boa situação.”

“Você deve entender. Sua existência é uma blasfêmia para eles. Muitos da nossa facção teriam condenado-o a cremação...se estivessem cientes da sua aflição.”

“Você é um Dustman. Mas não parece ser a favor de me matar. Por quê?”

“Porque forçar nossas crenças em você não é justo. Você deve desistir da sombra dessa vida pó conta própria, não porque nós o forçamos.” Dhall parecia prestes a começar a tossir bruscamente, mas conseguiu conter com algum esforço. “Enquanto eu permanecer no meu posto, eu irei proteger seu direito de buscar sua própria verdade.”

“Você diz que eu já estive aqui mais de uma vez. Como os Dustman não me reconhecem?”

“Eu sou um escriba, um catalogador de todos aqueles que chegam ao Necrotério.” Dhall voltou a tossir, depois se recompôs. “Apenas eu vejo os rostos daqueles sobre nossas macas. A escuridão da sua existência esta segura comigo.”

“Você sabe quem eu sou?”

“Eu sei muito pouco sobre você, Incansável. Eu sei pouco mais do que aqueles que viajaram com você e que agora nos pertencem.” Dhall suspirou. “Peço que não peça mais que outros se unam a você, Incansável- aonde você caminha, a miséria o acompanha. Deixe seu fardo só para si.”

“Existiram outros que viajaram comigo? Eles estão aqui?”

“Voce não conhece o corpo enterrado na morada abaixo? Eu achei que ela havia viajado com voce no passado...” Dhall parecia prestes a voltar a tossir, mas segurou o ar. “Estou enganado?”

“Aonde esta o corpo dela?” Perguntei, mesmo imaginando como eu a conhecia.

“No salão memorial a noroeste daqui, no andar abaixo. Chequem os esquifes lá... o nome dela deve estar em uma das placas memoriais. Talvez isso reviva sua memória.”

“Existem outros enterrados aqui que viajaram comigo?”

“Difícilmente, mas eu não sei seus nomes, nem aonde descansam. Alguém como você deixou um caminho que muitos cruzaram, e poucos sobreviveram.” Dhall gesticulou ao meu redor. “Todos os mortos chegam aqui. Alguns podem ter viajado com você um dia.”

“Como cheguei aqui?”

“Sua carruagem envelhecida lhe arrastou para o Necrotério, Incansável. Você pensaria que você era um nobre com base no número de súditos leais que estavam fedendo e pútridos sobre o carro que você foi trazido.”

“Seu corpo estava em algum lugar no meio da pilha, partilhando os fluidos com os restos da montanha de corpos.”

Dhall voltou a ter outra violenta serie de tosses, tomando ar depois de alguns minutos depois. “Seu “cuidador” Pharod foi, como sempre, grato em aceitar algumas moedas para trazer seu corpo aqui para o portão do Necrotério.”

“Quem é esse Pharod?”

“Ele é um...coleccionador de mortos.”Dhall tomou ar com dificuldade, então continuou. “Nós temos esse tipo de pessoa que varre os corpos daqueles que caminharam para a Verdadeira Morte e os trazem para que nós possamos enterra-los apropriadamente.”

“Não parece que você gosta muito de Pharod.”

“Existem alguns que eu respeito, Incansável.” Dhall tomou ar e se recompôs. “Pharod não é um deles. Ele carrega sua doentia reputação como uma medalha de honra e toma para si os pertences dos mortos. Ele é um cavaleiro no posto, baixo negociante da mais baixa espécie.” Ele pausou um momento, franzindo a testa ao pensar em Pharod.

“Tudo que ele traz para nossos muros chega mais depenado e são deixados com menos do que a pouca dignidade que tiveram em vida”. Pharod toma para si qualquer coisa que possa caber em seus dedos. “

“Pharod tomou algo de mim?”

Dhall pausou, considerando. “Provavelmente. Você esta dando falta de algo... de valor especial?” Sua voz mergulhou enquanto ele desaprovava. “Não que Pharod faria exceção de qualquer coisa que tenha sido sua, e às vezes nem isso é suficiente para dar uma trégua para sua mente ambiciosa.”

“Estou sem meu jornal.”

“Um jornal? Se ele tinha qualquer valor, então provavelmente esta nas mãos de Pharod.” Eu tinha agora outra razão para encontrar esse homem.

“Aonde posso encontra-lo?”

“Se as coisas persistirem como tem sido, Incansável, você tem grandes chances de ser encontrado por Pharod novamente e ser trazido para cá antes que você faça ideia de onde ele possa estar.”

“Independente disso, devo encontra-lo.” Eu disse, com aborrecimento na voz.

Um leve aviso surgiu no tom de Dhall. “Não procure por Pharod Incansável. Estou certo de que isso apenas reiniciará o ciclo outra vez, com você e o sábio Pharod um pouco mais rico. Aceite a morte, Incansável. Não perpetue o seu ciclo de miséria.”

“Eu TENHO que encontra-lo. Você sabe aonde ele esta?”

Dhall fez silêncio um momento. Quando ele finalmente falou, ele parecia fazê-lo relutantemente. “Eu não sei sobre que portal fica o lar dele no momento, mas acredito que possa ser encontrado em algum lugar além dos Portões do Necrotério, na Colmeia. (HIVE) Talvez alguém lá saiba aonde encontra-lo.”

“Mais cedo você mencionou meus ferimentos. O que quis dizer?”

“Sim, as feridas que decoram seu corpo... elas parecem que levariam um homem menor ao caminho da Verdadeira Morte, contudo parece que muitas delas já se curaram.” Dhall tossiu violentamente por um instante, depois de recompôs. “Mas essas são apenas feridas superficiais.”

Ao meu questionar ele respondeu, “ Eu falo das feridas da mente.Você se esqueceu de muita coisa não foi? Talvez seus verdadeiros ferimentos sejam muito mais profundos do que aqueles que decoram a superfície seu corpo...” Dhall tossiu outra vez. “... Mas isso é algo que só você saberia com certeza.

Pela primeira vez, eu havia considerado Dhall como um indivíduo, ao invés de uma fonte de informação. Senti um traço de preocupação.

“Você parece doente. Você não esta bem?”

“Estou próximo da minha Morte Verdadeira, Incansável. Não demorará para eu passar pelas Fronteiras Eternas e encontre paz que tenho buscado. Estou cansado dessa esfera mortal...” Dhall deu um suspiro áspero. “ Os Planos não possuem mais maravilhas para seres como eu.”

“Eu não desejo viver para sempre e nem viver novamente, Incansável. Eu não suportaria.”

Parei um momento, considerando ele e revelando nele um novo conceito um sentimento de “preocupação”. Mas eu precisava encontrar uma maneira de sair do Necrotério.

“Que seja. Adeus, Dhall.” Enquanto me virei para sair, Dhall falou.

“Saiba disso: eu não o invejo Incansável. Renascer como você seria uma maldição que eu não poderia suportar. Você deve resolver essa questão. Em algum momento, seu caminho o trará de volta aqui...” Dhall tossiu, o som rasgava sua garganta. “Esse é o caminho de tudo que tem ossos e carne.”

Fui até uma saída ao lado do quarto, quase tropeçando num cadáver feminino.

Este cadáver feminino foi fazer as rondas de laje para laje no quarto. Seu cabelo era cheio de nós que formava uma longa trança que se enrolava e torno de seu pescoço como um laço. Alguém havia gravado o numero “1096” em sua testa, e seus lábios haviam sido firmemente costurados.

Surpreso, eu murmurei “Uh... bela trança.” O cadáver não respondeu, sem duvida nem sabia que eu estava lá. Enquanto seguia em frente. Morte me disse.

“Pssst. Você viu o jeito que ela olhou para mim? Hein? Viu aquilo? O jeito que ela olhava a curva da minha ossada?” Tentei uma piada, tanto quanto eu podia me lembrar da primeira que eu podia tentar.

“Você quer dizer aquele olhar vazio além do tumulto?”

“O qu- Você esta CEGO?! Ela estava me secando! É vergonhoso o tanto que ela me QUERIA!”

“Acho que você e sua imaginação precisam de um tempo longe um do outro.”

“Sei, sei, seja lá como for. Quando você tem estado moto há tanto tempo quanto eu estou, você conhece os sinais. Eles podem ser SUTIS para você notar, mas é por isso que passarei as MINHAS noites com alguma gatinha recém-falecida luxuosa enquanto você fica por ai com seus “Huh?” “ O que ta acontecendo?” “Aonde estão minhas Mem memórias?”

“Ta bom Morte, Vamos indo.”

Quando cheguei ao próximo quarto, notei outro Dustman ocupado com um esquife. Era uma fraca jovem mulher com traços finos. A carne afundada ao redor das bochechas e pescoço fazia parecer que ela estava passando fome. Ela parecia ter a intenção de dissecar o corpo na frente dela, aprofundando o peito com o dedo.

Aproximei-me dela, e disse: “Saudações.”

A mulher não respondeu... Ela parecia muito atenta ao corpo na sua frente. Enquanto olhava seu trabalho, eu subitamente notei suas mãos... Seus dedos eram garras. Eles estavam cavando o peito do cadáver para dentro e fora como facas, removendo órgãos.

“O que há de errado com suas mãos?” Murmurei, mas Morte deve ter escutado, porque ele me respondeu.

“Eh... ela é uma Tiedfling* chefe. (Híbrida Demônio/Humano) Eles tem sangue de demônio em suas veias, geralmente “pois algum ancestral se deitou com um demônio ou outro. Faz deles apodrecidos na cabeça... E sua aparência também.”

Determinado agora, toquei nela, para chamar sua atenção.

A mulher saltou e virou para ver meu rosto... Eu podia agora ver seus olhos, um amarelo podre, com pequenos pontos laranja como pupilas. Quando me viu, sua expressão mudou de surpresa para irritação, e ela franziu a testa pra mim.

Ela não parecia ter ouvido minhas tentativas de cumprimentos, ao invés disso inclinou-se para frente, com os olhos envesgados, como se mal conseguisse me olhar... seja lá o que houvesse de errado com seus olhos devem ter feito ela ficar terrivelmente míope.

“Você-“ Ela juntou as garras, então fez um estranho gesto com as mãos. “Encontre FIO e Suco Embalmador, traga AQUI, para Ei-Vene. Vá- Vá- Vá.”

Eu segui, rindo comigo mesmo da reação dela. Eu tentei tira-la da cabeça, mas não podia ignorar que eu tinha um dever a ser cumprido, um dever que não achava correto ignorar. Felizmente, uma rápida busca nas mesas e arquivos e encontrei os itens necessários. Quando retornei para Ei Vene, ela ainda estava dissecando o peito do corpo com suas garras. Novamente, a cutuquei para ter sua atenção, eu lhe entreguei o fluido e o fio.

Sem perder tempo, Ei Vene pegou o fio das minhas mãos e o enrolou ao redor das suas garras, então começou a costurar o peito do corpo. Ela pegou então o fluido embalmador, e começou a aplicar camadas pelo corpo.

Fascinado com o trabalho dela, eu permaneci ali e a observei. Dentro de minutos, ela havia terminado. Ela clicou com as garras, então ela se voltou para mim. Para minha surpresa, ela estendeu suas mão e envolveu suas garras sobre meu peito e braços. Eu gemi, fazendo meu papel de zumbi, ignorando os comentários de Morte, “Parece que você tem uma nova amiga, chefe. Vocês precisam de algum tempo juntos ou...?”

Enquanto ela percorria meus braços e peito, eu subitamente notei que ela examinava minhas cicatrizes. Ela recuou suas garras, clicando-as duas vezes, então inclinou para frente e examinou algumas tatuagens no meu peito.

“Hummph.Quem escreveu em você? Coletores fazem isso? Sem respeito pelos zumbis. Zumbis não são pinturas.” Ela murmurou, e então pegou em uma das minhas cicatrizes. “Essa aqui esta em mal estado, muitas cicatrizes, sem cuidados.”

Suas garras subitamente se envolveram no fio que havia lhe trazido, e como um trovão, ela agarrou com outra garra na pele perto de uma das cicatrizes. A sensação era curiosamente indolor enquanto Ei Vene costurava minhas cicatrizes.

Quando ela acabou, ela me cheirou, franziu a testa, então enfiou as garras no fluido embalmador. Dentro de minutos, ela havia coberto meu corpo com o fluido... e estranhamente, me fez sentir melhor. Morte não pode deixar de comentar.

“Essa deve ser a segunda vez na vida que eu agradeço não ter um nariz.”

Ei-Vene deu os toques finais no meu corpo, me cheirou novamente, acenou, então me fez um gesto para que eu fosse embora. “Feito. Vá- vá.”

Eu perambulei mais algum tempo então encontrei uma escadaria para o andar de baixo.Vi outro Dustman, o qual me aproximei. Para o meu desanimo, ele me cumprimentou com um alerta, e um olhar frio ao dizer “Você esta perdido?”.

“Não.” Respondi rapidamente.

“Se você não está perdido, o que está fazendo aqui?”

“Estava aqui para um internamento, mas parece que cometeram um engano.” Por um instante, um momento irrefletido, eu quis continuar, e dizer que o engano era meu internamento, mas que eu não estava morto realmente.

“Quem estava enterrado? Talvez o serviço esteja sendo feito em outro lugar do Necrotério.”

“Pode ser. Em que outros lugares esses serviços estão sendo feitos?”

“Varias câmaras internas no perímetro do Necrotério. Elas seguem a curva dos muros no primeiro e segundo andar. Você sabe o nome do morto?” Cercado com minha própria mentira, eu podia dar apenas uma resposta.

“Sim.” Respondi. O Dustman ficou calado, obviamente esperando mais. Eu tinha que pensar em algo.

“O nome é...Adahn.” * Alusão ao primeiro homem da terra.

“Esse nome não é familiar para mim. Cheque com os guias no portão da frente... eles poderão direcioná-lo melhor do que eu.”

“Muito bem. Eu o farei. Adeus.” Me afastei contente por ele parecer estar ansioso para retornar aos seus afazeres se quem suspeitas fossem levantadas.

DEIONARRA

Movimentei-me no perímetro do primeiro andar, dentre os esquifes colocadas sobre a morada. Infelizmente, as direções de Dhall foram pouco uteis, já que eu não fazia ideia de aonde ficava o noroeste. Estudei cada nome que lia, esperando que um deles ativasse minha memória, me mantendo cuidadosamente afastado de outros Dustman.

Deparei-me com um esquife que dizia, “Aqui jaz Deionarra.”

Chocantemente, um fastama insubstancial de uma mulher apareceu diante do esquife. Uma forma estonteantemente bela em forma de fantasma, com os braços cruzados, e olhos fechados. Ela tinha um cabelo longo flutuante e seu vestido parecia ser tecido com uma brisa incorpórea eterna. Eu percebi que já a conhecia anteriormente. Esse fantasma havia aparecido no meu sonho antes de eu acordar no Necrotério. Enquanto observava, ela se moveu levemente, e seus olhos piscaram.

Eles abriram lentamente, e ela piscou confusa por um instante, como se estivesse incerta sobre onde estava. Ela olhou ao redor lentamente, e então me viu. Seu rosto tranquilo rapidamente virou um olhar de irritação.

“Você! O que o traz VOCÊ aqui?! Você veio ver em pessoa ver a miséria que trouxe pessoalmente? Talvez em morte eu ainda tenha algum uso para você...?” Sua voz baixou para um chiado. “... meu Amor.”

Surpreso com sua atitude, eu perguntei planejadamente. “Quem é você?” Em uma súbita mudança de emoção, o espírito fez um gesto de implorar com as mãos.

“Como podem esses ladrões de mente continuarem roubando meu nome da sua memória? Você não se LEMBRA de mim, meu Amor?” O fantasma descruzou os braços. “Pense...” Sua voz ficou desesperada de novo. “... o nome Deionarra deve trazer algo de volta para sua memória.”

“Eu ACHO que sinto algumas memórias surgirem... conte-me mais. Talvez suas palavras persigam as sombras da minha mente, Deionarra.”

“Oh! Finalmente o destino mostra misericórdia! Nem mesmo a morte pode me afastar da sua mente, meu Amor! Você não vê? Suas memórias irão voltar! Diga-me como posso ajuda-lo que eu irei fazê-lo!” Havia uma pergunta principal na minha cabeça.

“Você sabe quem eu sou?”

“Você é aquele tanto abençoado quanto amaldiçoado, meu Amor. E você é aquele que nunca estará longe dos meus pensamentos e coração.”

“Abençoado e amaldiçoado? O que você quer dizer?”

“A natureza da sua maldição deve ser aparente, meu Amor. Olhe para você. Ela apontou para mim. A morte o rejeita. Suas memórias afastaram-se de você. Você não parou para pensar no por quê?”

“Memórias aparte... e assumindo que a morte tem me rejeitado... porque isso é uma maldição?”

“Eu não duvido da sua habilidade de voltar da morte. Eu creio que cada encarnação enfraquece seus pensamentos e memórias. Você diz ter perdido-as. Talvez seja o efeito colateral de tantas mortes? Se for, o que mais perderá com as mortes subsequentes? Se perder sua razão, você não conseguirá mais nem notar que não pode morrer. Você estará realmente condenado.” Eu imaginei quantas vezes já havia acordado nesse Necrotério.

“Incontáveis mortes? Há quanto tempo isso vem acontecendo?”

“Eu realmente não sei. Exceto que já faz muito tempo.”

“O que mais pode dizer sobre mim?”

“Sei que uma vez você afirmou que me amava e que me amaria até que a morte chegasse para nós dois. Eu acreditei naquilo, sem nunca conhecer quem você realmente era, ou o que você já foi.”

“E o que eu sou?”

“Você... Eu....não posso....” Ela subitamente parou, e disse devagar, cuidadosamente, como se sua voz a assustasse. “A verdade é essa: você é aquele que morre muitas vezes. Essas mortes lhe deram o conhecimento de todas as coisas mortais, e em suas mãos estão as fagulhas da vida... e morte. Aqueles que morrem perto de você possuem um rastro que pode fazer com que voltem...”

Enquanto Deionarra falava essas palavras, uma sensação horripilante subiu pelas minhas costas... eu senti uma obrigação de olhar minha mãos. Quando as ergui, OLHEI para elas, eu pude VER o sangue correndo lentamente através do meu braço, caindo sobre meus músculos, e com isso, dando força aos meus ossos...

E eu sabia que Deionarra estava CERTA. Eu subitamente lembrei como trazer a luz mais fraca que fosse de volta ao corpo, e trazê-lo de volta... Esse fato tanto me intrigou quanto me aterrorizou.

“Pode-me dizer onde estou?” Perguntei.

“Aonde você esta? Porque, você esta aqui comigo, meu Amor... como nas vezes em que a vida era algo que nós compartilhávamos. Agora as fronteiras eternas nos separam.”

“Fronteiras Eternas?”

Deionarra parecia entristecida. “É uma barreira que eu temo que você nunca cruzará, meu Amor. É a barreira entre sua vida e o que restou da minha...”

Foi quando eu estava prestes a perguntar a ela sobre como escapar dali, me engasgou algo na garganta. Me ocorreu que se eu pedisse a ela uma maneira de escapar dali, ela podia sentir que eu a estava abandonando. Eu precisava ser delicado a respeito disso.

“Deionarra. Estou em perigo. Você pode me guiar para um lugar seguro? Eu voltarei assim que puder para falar com você novamente.”

“Em perigo?” Deionarra parecia preocupada. “Claro, meu Amor. Eu irei ajuda-lo do jeito que puder...” Ela fechou os olhos um momento, e eu observei um vento etéreo passar pelo seu corpo, mexendo seu cabelo. Depois de um momento, a brisa parou, e seus olhos lentamente abriram. “Talvez haja uma maneira.” Ela ficou ali um momento, como se procurasse por algum inimigo escondido.

“Sinto que esse lugar contém muitas portas envoltas por olhos mortais. Talvez você possa usar um desses portais como um meio de escapar. Portais são buracos na existência, levando a destinos de planos internos e externos...”

“Se você puder encontrar a chave certa, você poderia escapar por um deles.” Deionarra pausou um momento, como se tentasse lembrar de algo.

“Portais irão se revelar quando você tiver a chave adequada para eles. Infelizmente, essas chaves podem ser praticamente qualquer coisa... uma emoção, um pedaço de madeira, uma adaga de vidro prateado, um pedaço de roupa, um tom de dizer algo... receio que os Dustman sejam os únicos que saibam a chave para deixar sua morada, meu Amor.”

“Então irei pedir a um deles. Até logo Deionarra.” Me afastei muito cheio de emoções para continuar a conversar com o espírito. Deionarra falou novamente antes que eu me fosse.

“Espere um momento... aprendi muito ao viajar com você, meu Amor, e o que você perdeu, eu reavi. Eu não falei tudo o que sabia pra você. Minha visão é clara... enquanto você tateia a escuridão por uma faísca de pensamento.”

“E o que você enxerga que eu não vejo?” Perguntei.

“O próprio tempo alivia sua pressão assim como o frio do esquecimento lentamente nos chama, meu Amor. Vislumbres do que esta por vir preenchem minha visão. Eu vejo você, meu Amor. Eu te vejo como esta agora e...” Deionarra se calou. Eu senti uma apreensão, mas o desejo de saber o que ela viu era mais forte.

“O que é? O que você vê?”

“Eu vejo o que lhe aguarda. Ele ondula pelos planos, decorrendo a partir desse ponto. Devo dizer o que vejo?”

“Diga-me”

“Primeiro, preciso que me prometa. Prometa que irá voltar. Que você irá procurar um meio de me salvar ou de juntar-se a mim.”

“Eu juro que irei procurar uma maneira de salvá-la ou de me unir a você.” Eu não sei o que me impulsionou a fazer essa afirmação, mas eu sabia que seria forçado a cumprir minha promessa.

“Isso é o que eu vejo meu Amor, livre das amarras do tempo. Você encontrará três inimigos, mas nenhum tão perigoso quanto você mesmo em toda sua glória. Eles são sombras do mal, do bem, e da neutralidade, dada a vida e contorcidas pelas leis dos planos.”

“Você chegará a uma prisão construída com arrependimentos e pesar, aonde as sombras enlouqueceram. Lá você terá que fazer um terrível sacrifício, meu Amor. Para que você possa descansar, você deverá destruir o que lhe mantém vivo e deixar de ser imortal.”

“Destruir o que me mantém vivo?” Perguntei.

“Sei que você deve morrer... enquanto você ainda pode. O ciclo DEVE chegar a um fim, meu Amor. Você não foi feito para essa vida. Você deve encontrar o que foi tomado de você e viajar além, para a terra dos mortos.”

“Eu o aguardarei nos salões da Morte, meu Amor.” Ela sorriu, mas havia apenas tristeza ali. Ela fechou os olhos, e com um sussurro etéreo, ela se foi.

Voltei-me na direção oposta do esquife dela, ainda chocado com o que havia prometido. Morte me fez uma pergunta, com uma voz preocupada.

“Você esta de volta chefe? Você pareceu ter viajado um momento.”

“Não, estou bem. Você conhece aquele espírito?” Morte estava confuso.

“AH? Espírito?”

“O espectro com quem eu conversava. A mulher.”

“Você estava pensando em alguma mulher? Aonde?” Morte olhou ao redor, excitado. “Como ela era?”

“Estava bem em cima da esquife. Você não a viu?”

“Ah.... não, você apenas desligou um momento, parado ali como uma estatua. Eu fiquei preocupado se você iria apodrecer ali de novo.”

“Eu estou bem. Vamos em frente.”

Continuei ao redor do Necrotério. O problema era que eu não fazia ideia de onde esses portais que Deionarra havia mencionado podiam estar.

Entretanto, eu vi algo logo adiante quase tão bom quanto. Portas, que provavelmente levavam para fora dali. Esperando que não fosse encontra-las fechadas, fui a sua direção. Infelizmente, outro maldito Dustman se aproximou de mim em silêncio, e estava muito perto para eu fingir que não o havia visto.

Ele era um homem que parecia cansado com uma robe negra. Seu rosto magro era extremamente pálido, e parecia que ele não dormia; seus ombros eram caídos, a pele caía pelos seus olhos avermelhados. Ele parecia tão focado em pensamento que podia nem ter me notado, mas eu não podia contar com isso.

“Saudações...”

“Saudações...” O homem virou-se para mim com um leve cumprimento. Eu notei que seus olhos não eram tão avermelhados, mas pareciam ter sido tingidos. “Eu sou Soego. Como posso ajud-...” Ele subitamente notou minhas cicatrizes, e o canto de sua boca torceu. “Desculpe senhor, você está perdido?”

“Não.”

“Não me lembro de ter recrutado você.” Soego parecia olhar para mim desconfiadamente, e seus olhos tinham um brilho vermelho a luz das velas. “Posso perguntar o que está fazendo aqui?”

“Eu estava aqui para um enterro, mas parece que foi cometido um engano.”

“Quem ia ser enterrado? Talvez os serviços estejam sendo feitos em outro lugar do Necrotério.”

“O nome é... Adahn*.” A mentira saiu mais fácil dessa vez. Os olhos de Soego franziram, e o vermelho que eu via antes agora parecia se atenuar.

“Ninguém com esse nome reside nas moradas no Necrotério, vivo ou morto.” Sua boca torceu, e para minha surpresa, ele cheirou o ar por um momento.

“Uh... então eu não devo ter sido claro.” Eu me amaldiçoei em silêncio por ter usado aquele nome. É claro que os Dustman saberiam os nomes de seus mortos. Eu me atralhei e inventei uma nova desculpa, “Estou aqui para ver Dhall.”

*Adahn é uma analogia aqui para o primeiro homem de acordo com a Bíblia(Adão) Inclusive o primeiro pecador

“Dhall? Dhall o escriba pode ser encontrado no primeiro andar.” O canto da boca dele retorceu de leve. “Ele é bem ocupado e sua saúde está lhe falhando. A menos que tenha assuntos urgentes, eu não o incomodaria.”

“O que há de errado com Dhall?”

“Oh, não há nada de errado com ele. Dhall está...” Soego rangeu os dentes. “... Velho. Sua longa devoção ao catalogar dos mortos está para acabar seu curso. Sem dúvida a Morte irá vir em seguida busca-lo devido a sua doença contraída.”

“Sabe, eu posso fazer isso outra hora. Pode me deixar sair?” Soego acenou, e o canto de sua boca contorceu.

“Por que... é claro. claro. Deixe-me abrir o portão da frente para você.” Ele foi até os portões e os abriu. Eu tinha uma forte impressão que ele sabia que eu estava mentindo, mas por razões próprias ele não quis me expor, ou não se importava com o que eu fazia. Eu me apressei para sair dali.

Um leito no Necrotério, aonde por um curto tempo o cadáver de um imortal repousava. A luz tremula lançava sombras que se movimentavam. Um observador cuidadoso podia notar que certas sombras não obedeciam ao padrão de movimento de uma simples sombra, mas tinha o seu próprio movimento, como se guiadas por uma inteligência externa. As sombras se moviam sob a mesa por uns instantes, como se quisessem algo. Então tudo estava como antes; com apenas as sombras causadas pelo bloqueio de luz dos objetos na luz.

COLMÉIA

Eu passei por algumas portas, contente por estar agora fora do Necrotério finalmente. Passei por um pequeno pátio em frente a um prédio, e cheguei a uma cidade. Essa devia ser a seção conhecida como Colmeia. Meus olhos viajaram através dos edifícios a minha frente, depois acima. E mais acima. A cidade formava um arco cima. Percebi que na verdade a cidade formava um círculo, e se unia. Morte, notando minha expressão chocada, ofereceu uma explicação.

“A cidade é Sigil, a cidade das portas. Sigil é uma cidade circular que se ancora em cima de uma espiral infinitamente alta que alguns dizem ser o centro dos Planos... claro, COMO ela poderia estar no topo de algo tão alto, e como a cidade pode ser o centro dos planos são perguntas levantadas frequentemente.”

“Algo mais?”

“Sigil é chamada de “Cidade das Portas”, principalmente porque existem MUITAS portas invisíveis que levam a outros- quase que toda curva, moldura, aro de barril, estante de livros, ou janela aberta pode ser um portal sob certas condições. Tudo depende se você tem a chave para abri-la.”

“Veja, acho que a melhor forma de explicar é- a maioria dos portais estão “dormindo”, certo? Você pode atravessa-los, passar por cima deles, então aconteceria. Agora, cada portal tem algo que o faz “acordar”.isso poderia ser um tom de voz, um pedaço de pão, lembrar de como foi seu primeiro beijo, e então- BAM- o portal é ativado, e você pode utiliza-lo.

“Para seja lá aonde vai dar o outro lado.”

“Como que lugares?”

“Qualquer lugar, chefe. Literalmente. Qualquer lugar que puder pensar, existe um portal para ele.É por isso que Sigil é tão popular através dos Planos. Assim que comecei a andar pelo pátio, uma mulher que passava começou a me olhar. Ela pareceu me reconhecer instantaneamente; ela se afastou aterrorizada e gritou.

“Depois de todo esse tempo... seu bastardo! Que todos os demônios em Baator o levem! Um dia você se arrependerá pelo que você fez com Aerin... por todos os Planos eu JURO!” Ela se virou e correu.

Eu apenas a deixei ir. Percebi que podia me deparar com muitos que podiam me reconhecer, e eu teria que estar em guarda. Mas era crítico que eu obtivesse mais informação o mais rápido que pudesse, e decidi perguntar para quem eu encontrava sobre a cidade, particularmente sobre esse Pharod.

Encontrei alguns outros que não falavam comigo, que faziam apenas um sinal contra um Mal e me ignoravam.

Uma prostituta foi particularmente útil, depois de aceitar algumas moedas. Ela me disse que um grupo de coletores se reunia em uma praça não longe dali, numa área conhecida como Praça dos Esfarrapados. Morte falou como se eu já tivesse acabado meu assunto com ela. Percebi que ele estava ficando previsível em alguns assuntos.

“Chefe. Pode me emprestar umas moedas... é que... bom... já faz muito tempo sabe.”

“Eu nem vou perguntar como você pretende fazer isso.”

A mulher interrompeu, “Custa o dobro por um Mimir... ou qualquer outro degenerado.”

Com meu olhar de questionamento, Morte respondeu, “Mimir é uma enciclopédia falante. Sou eu chefe.” Mencionei para Morte esquecer-se dessa ideia.

“Não se engrace Morte. Pelo jeito dela, eu estou provavelmente te poupando de morrer mais uma vez.” Com isso a mulher fez um gesto de amaldiçoar para nós.

“Que uma varíola murche suas entranhas! Você tem o cheiro e se veste como um cabreiro, e é duas vezes mais feio que um!” Ela continuou xingando por mais uns instantes. Morte parou, hipnotizado, enquanto a prostituta xingava um monte de coisas obscenas. No final da avalanche verbal, Morte fez silêncio um momento, e virou para mim.

“Wow chefe, ganhou mais algumas provocações para seu arsenal.” Ele virou-se para a prostituta, que estava tomando fôlego. “Também estou apaixonado.”

Rindo de Morte apesar dos meus insultos, sai dali.

Decidi que apesar de ter uma noção de onde procurar Pharod, seria melhor aprender algo sobre Sigil, e desvendar algo mais do meu passado, antes de procura-lo.

Continuei perguntando aqueles que encontrava. Alguns bandidos locais devem ter achado devido as minhas perguntas me faziam uma presa fácil, pois eles sacaram as facas e atacaram. Quando saquei a espada que havia encontrado numa maca no Necrotério, percebi que já havia usado uma espada antes, e sabia muito bem como usa-la. Apesar de ter sofrido uns ferimentos leves, logo eu estava em pé diante dos corpos deixados no chão. Também percebi que já havia matado antes, talvez muitas vezes.

O próximo habitante com quem conversei em Hive estava assustado, sem dúvida das cicatrizes no meu corpo e do sangue que o cobria da minha recente luta. Ele tinha pouco a dizer além do que eu já havia ouvido, mas senti pena dele, e lhe dei algumas moedas. Ele olhou ao redor para ver se alguém tinha visto minha boa ação, então guardou os trocados na sua vestimenta.

“Muito obrigado senhor! Que a sombra da Dama o proteja!” Isso me chamou atenção.

“Espere um momento... Dama? O que você quer dizer?”

“A mestra de Sigil? Você não ouviu falar dela? Você deve ser abençoado ou amaldiçoado.... eh... você sabe muito pouco sobre Sigil sem dúvida.” Ele riu fracamente. “A palavra da Dama é a lei aqui em Sigil.” Ele pensou um momento. “Exceto que ela não diz muito. Na verdade ela é totalmente quieta.” Ele riu de mim cautelosamente.

“Não queria ficar falando muito sobre ela, cara... você não quer encontra-la nem ser pego por ela, certo? Agora, vamos parar de falar sobre isso. Ficar falando sobre a Lady é sombrio, realmente sombrio.”

Cheguei a um pequeno memorial dos Dustman não longe do Necrotério, apenas quatro paredes ao redor de um pilar no centro. Alguns Dustman se reuniam do lado de fora cantando sobre suas “Verdadeiras Mortes.” Curioso, me dirigi por entre um arco em uma das paredes, e vi que o interior e a base dela estavam cobertos com centenas de nomes. Reconheci a base do sonho que tive antes de acordar no Necrotério. Perguntei a um homem que estava perto dali o que era aquele suporte.

“É uma lápide para os Planos.” Ele zombou. “Túmulos de nomes são rabiscados naquela pedra. Apenas espero que meu nome não seja aquele que dividirá aquela pedra em dois.” Ele apontou para a base do monólito. “Quentin aqui, martelou forte o suficiente para colocar aquela maldita coisa pra baixo.”

“Os Dustman rabiscam os nomes dos mortos nesse monumento aqui...” Ele gesticulou ao redor dele. “E nas paredes desse lugar. Não há espaço suficiente ao meu ver, mas não importa...eles fazem seu melhor. Mal pode-se ler metade dos nomes.” Perguntei porque ele estava ali, especialmente já que ele era hostil para os Dustman. Sua resposta foi iluminadora.

“Lendo os novos que chegaram. Tento encontrar um novo todo dia, tento lembrar se eu o conhecia, nada mais.”

“Os Dustman gravam os nomes de todos aqueles que morrem nesse monumento?”

“Sim, eles rabiscam nessa pedra... e nas paredes desse lugar também.” Quentin fez uma careta. “Não sei por que eles tem o trabalho de contar os mortos... os Dustman tem mais cuidado com os vivos.”

“Os vivos?”

“Parece-me que os mortos valem três vezes mais que qualquer ser vivo nesse buraco.”Ele acenou para o monumento.

“Cada nome aqui é bem vindo no meu livro.”Ele continuou seus afazeres, me ignorando.

Enquanto eu saía, por capricho eu parei e falei com um dos Dustman lamentadores. Eu a disse que meu “amigo” Adhan, estava angustiado por uma pessoa que havia morrido. Ela prometeu lamentar sua dor. Um sorriso surgiu em meu rosto enquanto me afastava, enquanto ouvia o nome Adahn no meio de seus lamentos.

Continuei questionando aqueles que encontrava nas ruas de Hive. Uma em particular tinha uma historia intrigante, uma mulher desfigurada envolta em trapos. Seu cabelo era desigual e sujo, e sua pele era extremamente negra. Eu a cumprimentei, pra chamar sua atenção.

“O que você quer de mim?” O sotaque da mulher era áspero, e tive dificuldades de entender o que ela dizia. “Você quer que eu saia? NÃO sairei dessa cidade, então não irei. Eu não posso, já tentei, não é uma cidade, é uma prisão em toda parte.”

“Toda parte?” Perguntei.

“Existem mundos, existem...” Seus olhos brilhavam loucamente. “... planos que fazem areias afundarem, campos secarem, mundos cegos que fazem suas palavras trazer ódio e vida, cidades de poeira cujo povo é pó e

cinza, a casa sem portas, as terras gêmeas, os ventos uivantes, os ventos cantantes...”Ela começou a soluçar quietamente, mas ela estava em prantos. “E sombras... as terríveis sombras estavam lá.”

“Onde estão esses outros lugares?”

“Aonde? Onde ficam esses lugares?” Ela arremessou o carão em sua mão direita no arco, gesticulando para a arquitetura da cidade. “Elas estão TODAS aqui. Portas, portas, aqui para todo lugar.”

“Portas?”

“Você! Você não está sabendo disso?!” Ela me fintou, e seus dentes começaram a ranger. “Vou te dizer: Cuidado com todo espaço que você andar ou tocar nessa cidade triplamente amaldiçoada... Portas, portões, arcos, janelas, porta retratos, a boca aberta de uma estatua, os espaços entre os livros... Cuidado que QUALQUER espaço pode estar ligado. TODOS eles são portas para outros portais.”

“Toda porta tem uma chave, e com ela, eles mostram sua verdadeira natureza... um arco se torna um portal, um porta retrato, uma janela se torna um portal... sempre ansiosos para leva-lo a **outro** lugar. Eles roubam você...” Ela ergueu um pedaço da mão direita. “E às vezes o que está no outro lado leva uma parte de você como DÍZIMO.”

“O que são essas chaves.”

“Essas chaves, existem tantas chaves quanto existem portais nessa cidade. Cada porta, uma chave, cada chave, uma porta.” Seus dentes começaram a ranger de novo, como se passasse frio. “E a chave é...? A chave é qualquer COISA. Pode ser uma emoção, um prego de ferro segurado entre o segundo e quinto dedo, um pensamento pensado três vezes, então pensado uma vez reversamente, ou pode ser uma rosa de vidro.” Ela cerrou sua boca fechada para tentar para seu ranger de dentes, e fechou rapidamente os olhos. “Não posso sair... não posso...”

“Como você chegou aqui?”

“De...” Ela pareceu se acalmar levemente, e seus olhares se tornaram distantes. “Vim de um lugar longe daqui, quase uma vida atrás, cantarolava uma música numa clareira com duas árvores mortas que tinham caído em conjunto. Um portal brilhante abriu entre as árvores cruzadas, me mostrou essa cidade do outro lado... e eu entrei nela, e acabei aqui.”

“Porque você não pode voltar?”

“Eu tentei! TODAS as portas levam a OUTROS lugares.” Ela estremeceu e agarrou sua mão direita derretida. “Já passei por mais de trinta portais, com o mesmo propósito, alguns acidentes, nenhum deles era o correto. Não consigo achar meu caminho de volta...”

“Deve haver um portal que a leve de volta.”

“Não posso nem sair daqui! Dessa praça! E lá, o lugar da morte além dos portões me aguarda!” Ela apontou para o Necrotério depois do portão, então se voltou para mim, com desespero no rosto. “Não posso ir a lugar algum nessa cidade!”

“Qualquer coisa pode ser uma porta. Qualquer arco ali, qualquer porta aqui, poderia ser um portal, não conhece sua chave, e você pode ser enviado a um terrível lugar...” Seus dentes voltaram a ranger novamente.

“... preciso me manter afastada de lugares fechados, tudo pode ser uma porta, posso ter uma chave comigo, e nem estar sabendo...” Achava difícil de acreditar nisso.

“Você... tem medo de passar por QUALQUER porta ou travessa porque **podem** ser portais?”

Ela acenou, com os dentes rangendo.

“Há quanto tempo você tem tido medo disso?” Ela parou, ponderando.

“Desde a ultima vez que passei pelo ultimo portal, o lugar que era minha terra...” Ela parou. “Desde meu décimo aniversario... Estou fazendo quarenta agora.” Seus dentes voltaram a ranger.

“Trinta anos? Você não entrou mais em NENHUMA porta por trinta anos?”

Sua visão pareceu melhorar levemente. Ela me olhou com os dentes ainda rangendo.

“Se você chegou aqui, deve haver um portal que a leva de volta. É apenas uma questão de encontra-lo.”

Ela sorriu. Seus dentes não rangiam por causa de frio... Eles se moviam dentro da sua boca, suas gengivas tremiam enquanto os dentes se moviam. Eles apareciam e voltavam enquanto eu observava, rangendo como se brigassem uns com outros. Ela sussurrou para mim.

“É preciso apenas UM portal errado que você entra por acidente, para incitar o MEDO em você. Eu passei por trinta deles, perdi minha mão, queimaram minha carne, perdi meus sentidos.” Ela olhou para os pés. “Chega, para mim chega.”

“Desculpe... Se puder encontrar um meio de ajuda-la, eu irei. Adeus.” Eu esperava não prometer para todos que eu encontrasse em Hive. Suspeitava que a cidade produzisse mais desafortunados que qualquer outra, mesmo que fosse imortal, podia esperar ajuda.

Passei por um bar empoeirado, mas era um local de Dustmans. Eu já tinha tido o suficiente com eles, então não entrei.

“Parece que os Dustman perderam um de seus mortos...”

Notei que o comentário era para mim. Quem disse foi uma linda ruiva vestida com uma armadura de couro. Seu braço direito estava coberto por uma serie de placas interligadas que pareciam serem tiradas de alguma pele de criatura, e uma ombreira com chifres protegia seu braço esquerdo. Estranhamente, ela tinha uma cauda... que balançava para trás e para frente enquanto eu olhava. Ela notou meu interesse.

“Da o fora.”

Ignorando o comentário, eu a cumprimentei, perguntando quem ela era. A garota zombou, então fez um gesto obsceno com a cauda.

“Da o fora, seu otário.”

A garota em si era muito recompensadora de se olhar, mas ela sabia que tinha uma cauda? Eu percebi que havia falado o que estava pensando quando ela respondeu.

“Se eu sei?” A garota olhou sua cauda. “Eu também! E eu aqui pensando que era um truque para os meus olhos. Meu Deus, você é mesmo muito inteligente não é? Ela cerrou os dentes. Porque você não volta para o buraco da onde saiu e me deixa em paz hein?! Nem eu nem minha cauda estamos à venda ok?” Enquanto formulava minha resposta, Morte entrevistou.

“Justamente por você nem sua cauda estarem a venda. Você não conseguiu sobreviver sem ela mesmo.”

Felizmente, sua voz foi muito baixa para ela ter escutado, e ela ficou apenas olhando para Morte com uma interrogação. Eu já tinha me feito do bobo o suficiente. Também queria satisfazer minha curiosidade.

“Ele não disse nada... mas ainda estou curioso...PORQUE você tem uma cauda?”

“Você é SURDO? Será que você é mais burro que uma pedra, ou talvez você tenha o Poder da Ignorância? Talvez os Dabus rachem sua cabeça e façam dela uma rua!” Morte respondeu minha pergunta.

“Ela é uma Tiefling chefe. Eles têm um pouco de sangue de demônio neles, e isso faz deles paranoicos e defensivos... belo rabo, entretanto. Pena estar preso a um corpo tal horrível.” Tentei acrescentar um comentário, sem sucesso, enquanto ela respondeu.

“É melhor você calar a boca, seu crânio boca mal lavada, antes que eu arranque os dentes que você ainda tem da sua mandíbula, sacou?”

“Porque você não TENTA dividir minha mandíbula gata?! Tudo que ouço é uma falastrã de um lixão de Hive! Aja! Eu te desafio! Vou arrancar suas pernas fora!”

“Chega!” Eu finalmente interrompi.

“Isso, isso mesmo. Mantenha sua boca fechada, crânio, ou vou enterra-lo com sue corpo, sacou?” Notei que não conseguiria obter mais nada dela.

“Ate breve então.”

“isso, de o fora pra seja la de onde você tenha vindo.”

Eu vaguei. Um vendedor de rua chamou minha atenção. Esse homem imundo era rápido de se notar que chamaria atenção rapidamente; em instantes ele estava perto de mim, mostrando seus “produtos”. Ele carregava uma vara longa de madeira; com dúzias de ratos cozidos e sem pele balançavam sobre ele. Enquanto ele falava, ele gesticulava para eles com uma mão grande, suja, e um sorriso amarelado e uma protuberância nos dentes toda amarelada.

“Oi, amigão, como esta indo aí? Que tipo de ratos deliciosos você esta interessado em adquirir hoje?”

Eu examinei os “ratos”. Cada rato havia sido esfolado e eviscerado, seus pés e rabos arrancados, eles balançavam na vara pendurados pelo pescoço. Enquanto examinada as varias maneiras que haviam sido preparados, eu percebi que suas cabeças eram ligeiramente disformes – um nó bulboso de osso pretuberava de cada crânio, coberta de voltas que davam um aspecto de tecido cerebral.

“Esses ratos estão estranhos.”

“Sim, você tem uma boa visão, amigão! Tudo o que vendo são cérebros de vermes, sim... tenho certeza que você vera que eles tem um sabor muito mais rico que o rato comum. Muito bom de verdade!” Ele apontou

para eles mais uma vez, balançando a vara diante de mim, os ratos balançavam na vara, enganchados por pequenos bifés.

“Cérebro de vermes?”

“Sim, amigo, Cérebro de vermes. São animais imundos. Veja os ratos normais, apenas comem lixo de armazéns e se multiplicam, espalhando doenças e tudo isso... um incomodo, realmente, nada mais. Agora esses ratos, entretanto- cérebro de vermes, que eu acabei de capturar- eles são problemáticos. Quando você junta um bocado deles no mesmo lugar, eles começam a ficar mais espertos com você...as vezes realmente espertos.”

“Eles ficam mais inteligentes?”

“Tão certo quanto eu estou perante a você agora, eles ficam! Se eu me deparasse com mais de uma dúzia deles, eu correria para meu esconderijo rapidinho...” Ele bateu o pé, enfatizando seu ponto. “... Eu iria! Você vê um monte deles em bando, por que... porque eles ficam tão espertos quanto um homem! Verdade!”

“Ai vai meu melhor conselho para você, chefe... se você quiser pegar cérebros de vermes, contente-se com pequenos bandos. Uma dúzia no máximo. Vou te contar...” Ele deu um passo em minha direção, com seu bafo pútrido na minha cara, e disse com um tom silencioso: “ Se você encontrar mais do que isso... mais do que uma dúzia....você já estará com um pé no outro mundo.!” Ele se afastou de mim novamente.

“Feitiçaria, meu chapa, feitiçaria! Se você vir mais do que uma dúzia desses demônios em um lugar, ele obtém todo tipo de poderes estranhos!” Irão fazer o cérebro do seu inimigo sair pelos ouvidos! Francamente assustador... é apenas errado, estou te dizendo.”

“Quem é você?”

“Quem sou eu? Porque, Eu sou Creeden, algumas chamadas de Creed- O Açougueiro dos Ratos!” Ele sorriu grandiosamente, expondo suas fileiras amareladas de dentes, quebrados e tortos.

“Você certamente parece mais.... amigável.. que a maioria por aqui.”

“Bem, amigo, eu tento ser. Talvez devido ao meu negócio, eu acho... a maioria do povo por aqui são desconfiados e francamente assustadores, mas eu quero que todos saibam que o Creeden terá sempre um sorriso quente e um bocado de ratos frescos preparados para eles!” Ele piscou para mim, e tocou meu braço.

“Vejo que esta indo, chefe. Mas antes de ir, gostaria de experimentar um saboroso rato?Um pra viagem, o que diz? “

“Porque não...”

“Boa meu amigo, boa! De que tipo você gostaria?” Ele apontou para eles com as pontas seus dedos. “Eu tenho assados, temperados, cozidos e fritos! Todos frescos, todos suculentos... e apenas três moedas de cobre por dois deles!”

“Frito,” Eu respondi. Isso deveria esconder qualquer gosto horrível.

Peguei minhas moedas, e com um rápido movimento, ele pegou um par de ratos da vara, os desenganchou, e os colocou em minhas mãos. Ele piscou para mim.

“Aproveite amigo!”

O rato estava torrado e crocante por fora, mas tenro e macio por dentro. Era um sabor rico e meio bom, parecia a de algo que já havia comido antes... O homem me observava enquanto o comia.

“Gostou? Gostaria de outro?” Gesticulando que não queria, eu segui em frente.

MORTE PARTE 1

Vi que era hora de saber um pouco mais sobre Morte. Eu lhe pedi que me contasse algo sobre si mesmo. Ele tagarelava tanto que eu temia que ele nunca fosse parar.

“Claro que você tem perguntas sobre mim - você provavelmente tem perguntas a respeito de TUDO. Deixe-me resumir um pouco pra você: quando você está morto há tanto tempo quanto estive... sem braços, pernas, ou qualquer outro membro, você passa muito tempo pensando, entende? Eu percebi que faz algumas centenas de anos desde que fui escrito no livro da morte, mas o tempo não registra as coisas tão bem depois disso tudo... sem aquela mortalidade pressionando você, todos os dias e noites meio que se misturam. Então pense sobre isso, e pense sobre aquilo... e a sabedoria mais importante que aprendi com o passar dessas centenas de anos é essa:

“Existem MUITO mais gestos obscenos que você pode fazer com os olhos e mandíbula do que se imagina. Sem ao menos depender de provocar ou irritar, você pode realmente ferver uma pessoa com a combinação certa de movimentos dos olhos e cliques da mandíbula. Os deixa loucos! Se um dia você tiver sua cabeça decapitada do resto dos membros e corpo, eu te mostrarei como se faz. Eu tenho algumas pérolas chefe, elas levariam uma divindade ao suicídio, sem dúvida.”

“Sei o que você está pensando: Estou morto. Perdi tanto. Ele deveria ter me acalmado por toda a alegria que me foi privada, todos os amores que perdi. Algumas pessoas ficam todas depressivas sobre a morte- elas nunca a PROVARAM claro- *mas uma coisa que elas não parecem perceber é a maneira de ver as coisas; realmente faz você olhar uma segunda vez a vida, expandir seus horizontes.* Para mim, me fez perceber quantas garotas mortas existem por aqui e a tamanha falta de homens com língua afiada como a minha por aí. Você gira a roleta de forma correta, e os anos de aguardar sozinho acabarão!”

“Superficial? Eu não sou superficial. Eu apenas não me ligo em toda aquela filosofia e fé na crença que todo otário de Arbórea até Gray Waste o faz. Quem se importa? Os planos são o que são você é o que é, e se isso mudar, ótimo, mas as coisas não são ruins do jeito que são- e eu deveria saber. Vá em frente, faça-me perguntas sobre os planos, ou das falas, ou das pessoas, ou das culturas -quando você termina como eu- sem olhos, sem nada, eu digo- você acaba vendo um monte de coisas, eu posso te dizer quase tudo que você precisa saber.”

“É mais ou menos assim: Estamos nisso juntos chefe. Até que isso acabe, eu ficarei do seu lado.”

MERCADO COLMÉIA

Percebi que cheguei a uma área mercante na Colméia. Eu passava por uma mulher velha silenciosa encostada na parede, observando a distancia. Ela parecia despreocupada com o fluxo de gente ao seu redor, e apertou

uma vara de bambu na qual algumas dúzias de peixes pequenos estavam balançando. Passei na frente dela, chamando sua atenção.

“Ola senhor, se importa em comprar algumas...” Ela me fintou um momento, tentando descobrir minha identidade. “Ora só! Aqui estava eu, achando que você era um dos meus clientes regulares. Hummm...” Sua boca pressionou até apresentar um lábio bem mais fino, e ela me olhou por cima dos ombros.

Eu olhei atrás de mim, tentando ver para onde ela olhava. Não pude notar nada de interessante. Quando me virei a ela, eu a vi me reparando... Ela desviou o olhar rapidamente, resumindo seu olhar distante mais uma vez.

“O que foi? Pareço familiar para você?”

“Meu Deus! Não!” Ela pausou um momento. “Sim, parece. Eu acho... ou um homem muito parecido, senhor. Foi a muito tempo atrás.”

“Me conte...”

“Bom, senhor veja... minha vista não é muito boa agora, e não era grande coisa antes também. Mas acho que te vi andando com um grupo pequeno com você. Foi há muito tempo atrás, e você passou muito rápido também. Mas eu me lembro agora, da maneira que ela te olhava...havia uma mulher te seguindo, tentando te parar. Para fazê-lo parar e voltar e a falar com ela...mas você a empurrou.”

“Ela era linda, e tão... triste, tão irritada, tudo de uma só vez. Ela parou lá por um instante, então te seguiu com sua mesma pressa para alcança-lo. Havia pelo menos mais 2 cavalheiros com você, senhor... o único que me lembro bem, era alto e magro. Tinha cheiro amargo, eu senti seu odor de muito longe. Parecia que ele não tomava banho a anos também. Ele o seguia de perto. E nunca dizia uma palavra. Agia como se a mulher não estivesse lá, mesmo quando ela trombava nele, tentando para-lo. Isso é tudo que me lembro senhor.”

Outro incidente do meu passado. Eu dei a ela algumas moedas, andando e puxando por qualquer memória que me conecta-se ao incidente.

Uma área da praça estava cheia de detritos. Uma mulher de ombros largos estava perambulando dentre enormes vigas que se encontram na rua. Ela chutava os feixes com botas de ferro; de tempo em tempo, ela agachava e arrancava um prego da placa com as mãos nuas. Ela os erguia, apreciando-os, então os colocava em seu saco de estilingue de couro. Ela se endireitou, ouvindo minha aproximação. Ela sorriu educadamente, mas pela sua postura e pelo jeito que mantinha as mãos próximas da bainha da sua arma, eu podia presumir que estava preparada para problemas. Notei que um de seus olhos tinha uma membrana leitosa sobre ele.

“Já está próximo o suficiente ai, amigo... em que você precisa de mim?”

“Quem é você?” Ela arrancou 3 pregos da bolsa com um clique abafado. “EU os vendo para um homem, chamado Hamrys, na Ala Inferior. Ele faz caixões.”

“Onde fica a Ala Inferior?”

“Bem, eu costumava saber o caminho, sim, mas os Dabus mudaram as ruas novamente. Não sei como chegar lá agora- precisarei bolar um novo caminho, mas eu acho que o Dabus irão endireitar as coisas, eventualmente.” Eu havia ouvido esse termo antes, e pensei sobre isso.

“Dabus?”

“Sim, Dabus - os servos da Dama.” Ela me olhou, confusa. “Você deve ser novo em Sigil. Eles trabalham por toda a cidade de Sigil, fazendo a vontade da Dama. Sempre construindo e reconstruindo, eles usam o que está quebrado e destruído para fazer algo novo.”

“A madeira vem daqui e dali. Às vezes eles derrubam coisas, eu vou até lá antes de chegar um outro para pegá-los, provavelmente dos pedregulhos que caem dos muros que estão levantando e derrubando.”

Dabus- eu percebi que agora tinha um nome para as criaturas flutuantes que eu via fazendo esses trabalhos pela cidade. Notei um cheiro dessa vez. Um cheiro de esgoto estava piorando enquanto eu seguia em frente, saindo de um vapor comum que eu havia associado a cidade, e que eu estava aprendendo a ignorar.

Um homem estava me olhando de maneira estranha. Seus olhos eram Enormes... Tão grandes que pareciam que iam saltar dos globos e cair sobre os carvões gigantes. Ele acenou avidamente enquanto me aproximava, sacudindo a cabeça como um pássaro... e quando cheguei perto dele, eu subitamente senti que um cheiro de urina e fezes o cercavam. O homem fungava, secando o nariz com as mangas, então abria a boca para revelar gengivas negras apodrecidas.

“Histórias por moedas, senhor?” Seu halito fedia; parecia que ele estava guardando carne podre dentro a boca. “Histórias por moedas?”

“Quem é você?” O Homem bufou um catarro espesso.

“Nomes, nomes... quem é você, quem é você...” Sua cabeça se inclinava toda a vez que ele repetia aquilo para si mesmo.

“Nomes... perigosos, perigosos.” Ele olhou para o chão e bateu o pé para remover uma sujeira. “Saber um nome ou ficar preso a um, são coisas perigosas.” Ele olhou para mim de volta. “Meu nome é um nome que me foi imposto, não um que eu pedi. Ventopodre.” Mais uma vez senti o cheiro pútrido de sua boca e o cheiro igualmente ruim de fezes e urina ao seu redor. “Um nome imposto, um nome imposto.”

“Ah....um nome apropriado.”

“Não é meu nome verdadeiro, não.” Reekwind murmurou, sua cabeça pendia toda vez que pronunciava **nome**.

“Um nome verdadeiro é algo perigoso, dá poder as coisas.” Ele me olhou com os olhos gigantes e balançou os dedos. “Mantenha seu nome um segredo, guarde-o, nunca o pronuncie.”

“Nomes são como cheiros... coisas que podem ser rastreadas.” Reekwind tossiu, seus olhos quase saíram de seus glóbulos quando o fazia. Sua tosse fazia parecer que ele ia perder seus intestinos, pois ele tossia alto, como que para acentuar sua confirmação.

“Se alguém conhece um nome verdadeiro, isso lhe dá poder.” Ele lambeu os lábios. “O poder de FERIR.”

“Eu não sei meu verdadeiro nome.” Os olhos de Reekwind saltaram com minha afirmação; ver seus olhos maiores que aquilo me deixou apreensivo.

“Então você é abençoado, abençoado. Continue sem nome, e você será como um espírito nos Planos, irrastrável, não será visto, não será descoberto.” Ele apertou as gengivas molhando-as. “Um nome escolhido, um nome dado...eles permitem que os outros lhe encontrem e te machuquem.”

“Você foi ferido?” Reekwind fez um aceno concordando, então se coçou.

“Deixei meu nome escapar uma única vez, uma vez, apenas uma.” Seus olhos retraíram como se ele estivesse tendo uma memória dolorosa, então olhou para mim apreensivo. “Posso te contar a historia que sei, eu irei, mas custará 3 moedas de cobre.” Seu rosto assumiu um sorriso quando ele disse a palavra moedas, e seu halito me acertou novamente como um martelo.

Dei a ele uns trocados. Reekwind reassumiu sua postura, olhou para esquerda, direita, então voltou-se para mim. Seu rosto firmou, então com um grunhido, ele falou novamente. O cheiro quase me matou, mas ele não percebeu.

“Maldito, EU! Andava pelas alas com esplendor...” Ele se ergueu rigidamente, com o nariz empinado. Ele perambulou pra trás e pra frente, acenando aos que passavam por ali. Reekwind congelou, com as mãos na cintura.

“Meus caminhos encontraram os de um cruzado. Tinha a aparência de uma abóbora e suas sementes, malditas!” Reekwind então estufou sua barriga para parecer inchada, puxou para trás o cabelo para parecer quase careca, e começou a bater seus dedos em sua “barriga” gorda. Ele andou um pouco, circulando no lugar que a pessoa que era da alta classe costumava ficar. Todo cheio de maldições ele era.” Com um gesto de zombaria, Reekwind jogou uma maldição invisível no materialista.

“Sabia meu nome, deixei-o escapar uma vez, só uma, e ele me tomou tudo!” Ele enrijeceu novamente, respirando fundo e resumindo a pessoa materialista. Esse personagem subitamente se fora, e Reekwind tossiu violentamente, então exalou, puxando ar com seu halito podre. “Amaldiçoado com fedores, cheiros, excrementos! Vim aqui contar histórias, tudo pelo bem, tudo pelo bem agora. Agora Reekwind é o nome, nome imposto, nome imposto...”.

“A Colméia, a Colméia... posso contar uma história, posso conta-la, mas preciso ver 3 moedas antes.” Ele mordeu os lábios e grunhiu como um porco. Intrigado ao ouvir mais uma de suas histórias, lhe dei mais algumas moedas.

“Espiral, Espiral...” Ele apontou para a esquerda, para um beco queimado mais adiante. “Um beco das Inclinações Perigosas.” Ele curvou seus lábios imitando as construções esqueléticas. “Nem sempre foi inclinada, nem sempre ela foi queimada e incendiada, era viva um tempo atrás, não é mais.”

“Chamas! fogo!” Ele lançou as mãos no ar, as balançando para simular as chamas. “O beco queimou, fumaça sem limites, cinzas por toda parte,... no final, sobraram apenas os esqueletos do lugar, ossos da construção morta, ossos da construção morta. Inclinações... por toda parte, inclinações.” Ele debruçou para trás, sua voz sussurrava. Novamente, o cheiro do seu corpo me acertou como uma onda.

“Perigoso, agora, homens maus sediarão seus lares lá, e ficam lá.” Ele abaixou, então falou rapidamente, como se soprasse uma corneta. “Essa é a historia de como a rua se tornou o Beco das Inclinações Perigosas”. Ele fez um semi círculo sobre seu coração.

“Um homem fez isso tudo. Uma besta, melhor dizendo. Um homem cujo até mesmos os demônios admiram. Uma história de um feiticeiro,tomado pela loucura,tristeza,queimando,gemendo....” Ele assobiou, então imitou o barulho dos fogos queimando. “uma história perigosa, perigosa.”

“Havia um feiticeiro, não um simples feiticeiro limitado, mas um mago PODEROSO.”Reekwind juntou as mãos em reverência, e então sorriu diabolicamente. “Ele queimou usando sua Arte, e sua Arte o queimou.”

“O nome dado a ele era Ignus, um nome respeitado, então temido, depois odiado, e por fim, punido.”Reekwind tremeu o ar então agarrou e assobiou, aparentemente imitando Ignus.”

“Ele foi ensinado por um dos maiores magos, e como aprendiz, Ignus aprendeu muito, muito... e nada ao mesmo tempo.” Reekwind balançou a cabeça triste. “ No seu coração, negro como carvão,uma chama queimava.Ela queimou, queimou e ficou faminto.” Reekwind agarrou o seu peito, como se tivesse com dor. “Enquanto a chama queimava, Ignus ansiava mais e mais. Seu desejo era ver os Planos queimarem.”

“Naquela noite...” Reekwind abaixou-se e começou lentamente a se dirigir até o beco, com um sorriso maléfico no rosto. “Ignus veio até o Beco que era O Beco das inclinações, e com fogo nos olhos, com chama no coração,ele deixou ambos escaparem.” Reekwind apontou para o Beco, então mexeu os braços no ar, gritando moderadamente e rindo ao mesmo tempo.

“A carne escorria como cera, pessoas pareciam velas, e Ignus ria,ria...” Reekwind abaixou-se encolhido no chão, seu corpo dobrou-se imaginando a dor. “Um mal, Uma maldade havia sido feita, e não foi esquecida, não foi.” Ele levantou, e então abaixou, olhou para esquerda, direita e começou a murmurar, como se confessasse algo a alguém.

“Algo tinha que ser feito que ser feito...” Ele levantou-se, se rosto estava decidido.

“Uma punição foi decidida, todos os aprendizes de magos, parteiras, leitores de runas,bruxos, todos os tipo de mágicos...vieram, até mesmo aqueles com o menor que fosse o grau sobre a Arte, para Punir Ignus. Separados, eles eram moscas...”Ele fez um barulhos estridente com suas gengivas podres.. “Juntos, eram perigosos, perigosos.” Ele cantarolou, depois ergueu as mãos.

“Pegaram Ignus, lhe concederam seu desejo...” Ele vibrou as mãos, como se lançando uma magia. “Ele queria queimar, eles o deixaram, usando seu próprio desejo para alimenta-lo. Eles fizeram de seu corpo um portal para o Plano de Fogo- eles planejaram mata-lo, mata-lo.Mas falharam , falharam...” Reekwind tossiu de novo, como se para acentuar o fracasso dos magos. “Ignus permaneceu vivo, Ignus vivia, apenas adormecera, coberto de chamas, fogos, voltou-se em seus sonhos enquanto ele queimava, nunca mais teve felicidade, nunca mais...” Ele fechou os olhos, colocou os braços ao redor de si e virou-se devagar. “Queimando....pra sempre...”Seus olhos subitamente abriram. “Um dia ele irá acordar, e então, os Planos irão Queimar!”

Esse Reekwind parecia saber demais. Talvez seu conhecimento se estendesse até onde eu buscava.

“Pode-me dizer aonde posso encontrar um homem chamado Pharod?” Como eu achei que fosse o caso, isso demandava mais algumas moedas, eu concordei.

“Pharod era uma vez um homem de respeito, um homem de objetivos, respeitado. Tudo virou nada, nada, virou ar.” Reekwind focou a visão, então tossiu, enchendo o ar com o mesmo cheiro terrível. “Tudo que tinha virou ar... e mau cheiro.”

“Um mentiroso, enganador, um homem que perturbava a lei ele era”. Ele abaixou como se escreve esse numa mesa. Ele “escreveu” por um momento, então subitamente parou assustado. “Então um dia, ele percebeu que havia se corrompido”!

“Havia se tornado tamanho mentiroso, que quando ele morresse, sabia que iria para um lugar horrível...” Reekwind balançou a cabeça com tristeza, então abaixou e olhou abertamente em todas as direções. “Pharod não aceitaria isso, de maneira alguma, nunca! Ele havia enganado os outros, ele faria o mesmo com seu destino!”

“Ele leu, buscou em livros, consultou visionários...” Reekwind andou para trás e para frente, com as mãos na frente dos olhos como se buscasse algo distante. “... e lhe disseram que apenas no lixo ele iria encontrar o que poderia liberta-lo de seu destino.” Reekwind tossiu novamente. “Talvez tenham mentido...”.

Reekwind ficou de pé, e começou a lançar roupas imaginarias. A cada peça de “roupa” que ele jogava fora, ele se abaixava mais.

“Pharod lançou sua posição, seus objetivos, e aderiu um novo título...” Reekwind parou então e analisou. Ele agarrou seus trapos, os chacoalhando. “E tornou-se o rei dos Farapos! Ele governaria os lixos, teria seus empregados procurando por toda parte, para encontrar o que ele precisava.” Ele balançou a cabeça. “Até agora ele a procura, até agora...”

“Uh... você sabe aonde posso encontra-lo?” Ele acenou com a cabeça.

“Ele vive entre os trapos e o lixo. Lá, você poderá encontra-lo. Isso mesmo...”

Sem muita ajuda então. Continuei andando, deixando a área mercante.

Eu estava curioso com o Beco das Inclinações Perigosas que Reekwind mencionara. Era perto, então eu entrei. Havia várias construções queimadas, e duas gangues, que nos cobrou um pedágio para entrar na aérea. Em uma igreja em ruínas conheci um homem chamado Aola, que parecia ávido a falar comigo, vindo imediatamente até mim para me cumprimentar assim que entrei no lugar.

“Bem vindo a catedral de Aoskar. Você veio idolatrar Aoskar comigo? Você pode ser seu segundo discípulo”.

“Conte-me mais sobre Aoskar.” A voz de Aola tinha agora um tom de adoração.

“Aoskar é o Guardião dos Portais. Nele reside o poder dos portais, portas e oportunidades. Sigil, também conhecida com a cidade dos Portais, costumava ser o lar de Aoskar, até que ele foi arrancado e amaldiçoado por aquela Dama. Agora existem poucos adoradores de Aoskar aqui porque a Dama proíbe essa prática. Entretanto isso logo mudará, pois eu ajudo as pessoas a verem a grandiosidade de Aoskar. Ela não pode ir contra a vontade do povo!”

Aoskar hein? Eu não via o ponto negativo em ter uma divindade ao meu lado. Mesmo se esse Deus pastor não me ajudasse, ele podia ser útil por si só.

“Quero me tornar um discípulo de Aoskar.”

“Maravilhoso! Já faz algum tempo desde que fizeram esse pedido. Aola me fez realizar uma serie de rituais e então disse” Você agora é um discípulo de Aoskar; vá agora e espalhe para os habitantes de Sigil, para que todos conheçam a gloria de Aoskar!”Tardamente, eu fiquei preocupado”.

“Porque não existem outros seguidores de Aoskar?”

“Com o passar dos anos eu tive muitos discípulos. Infelizmente, todos desapareceram. É um pouco frustrante na verdade. Assim que me iniciam nunca mais os vejo. Ultimamente, existe um rumor que a própria Dama é o motivo disso tudo. Agora ninguém mais me procura. Você é a primeira alma que eu vejo parar por aqui durante muito tempo.”

APRISIONADO

Eu deixei o lugar arruinado confuso. Dei um passo... E estava em outro lugar. Sozinho. Meus arredores eram totalmente diferentes. Eu estava diante de uma pedra, formada por círculos concentrados. Havia falhas entre os círculos, apesar de pontes de pedras conectarem os círculos em intervalos irregulares. Os círculos se si também eram irregulares.

Quando olhei para baixo entre as pedras, tudo que vi foi um grande nada acinzentado, como se o espaço que eu ocupava fosse de alguma maneira ligado. Arcos foram colocados regularmente ao longo decorrer do círculo externo, cada arco que eu entrava continha um portal. Porém, esses portais me levavam apenas além dos círculos, nenhum deles parecia levar para fora dali.

Enquanto eu verificava isso, notei um lugar que não era apenas uma pedra comum, onde o lixo fora empilhado. Fui investigar, e descobri que alguém antes de mim havia acampado ali. Encontrei um objeto curioso no acampamento.

Parecia um tipo de jornal. Folhas de pele de humano ressecadas esticadas através de uma moldura de osso, e estranhamente, parecia que a pele havia se curado nas costuras, formando a estrutura de um livro improvisado. Parecia que as outras páginas de pele formavam uma capa por uma série de outras peles presas dentro da estrutura óssea.

Uma série de símbolos haviam sido escritos com sangue no interior das páginas de pele, mas eu não podia entendê-las; eles pareciam uma outra forma de linguagem, mas pareciam estar de cima para baixo, da direita para esquerda, e com inclinações que faziam a vista doer.

Apesar da crueza das escritas, eu tinha que admitir que o design das estruturas ósseas eram bem complexas; os ossos haviam sido esculpidos de maneira que se encaixassem bem um ao outro. Parecia que eles podiam ser desprendidos um do outro; permitindo que o livro fosse aberto e lido.

Eu abri a estrutura óssea, que desdobrou com uma pressão nítida. Estudei as páginas... Elas estavam cheias de símbolos estranhos que coincidiam com os que estavam do lado de fora da capa, e não pareciam fazer sentido algum.

Tentei muito, mas não pude desvendar os símbolos. Desesperei-me, e decidi colocar o jornal de lado. Quando voltei a lacrar a estrutura óssea, um estranho pensamento subitamente me atingiu- que as páginas internas do

livro não haviam feitas com o intuito de fazerem sentido algum. Eu...seja lá quem tivesse sido na ocasião...colocara os símbolos lá para enganar e despistar alguém de procurar pelo verdadeiro conteúdo, que estava escrito em algum outro lugar do jornal.

Eu examinei as extremidades dele, e notei que um dos ossos tinha uma fratura pequena próximo de sua extremidade; coloquei a mão sobre ela e torci o topo do osso, revelando um espaço vazio. Dentro dele, havia um pedaço de pele.

Era difícil de ler, mas pude entender quase tudo.

APRISIONADO, APRISIONADO É A VONTADE DA DAMA SERÁ FEITA ESQUIVE DE SEU OLHAR... MATEI MUITOS, MUITOS TENTARAM E TIVERAM O FOLEGO DE VIDA ENCERRADO NAS SUAS GARGANTAS... EXISTE UMA SAÍDA EU SEI DISSO ENTÃO IREI DAR UMA BELA RISADA DELA...

...UM DOS ARCOS LEVA A UMA SAÍDA, UM DELES SIM, NÃO SE PODE FICAR ENTRANDO NELES TODA HORA, - TALVEZ DEVESSE ENTRAR EM UM, E ENTÃO VOLTAR PELO MESMO PORTAL SEM...

O começo estava com rabiscos quase apagados indecifráveis. Por alguma razão, eu tinha o pressentimento que era a última entrada... Ou essa encarnação morreria nesse labirinto ou havia escapado de alguma forma.

Descobri que se entrasse um portal num dos arcos, e voltasse por ele sem entrar em nenhum outro, eu seria transportado para outro portal que não havia encontrado antes. Esse último me permitiria sair, voltando a Hive no lugar que havia deixado da última vez. Eu senti que já sabia aonde os discípulos de Aola haviam desaparecidos.

Eu brevemente expliquei a Morte o que havia acontecido. Deixamos O Beco das Inclinações Perigosas pelo outro lado, não muito longe do Necrotério se minha memória não me falha. Continuei explorando Hive, indo até uma seção que não havia visitado ainda.

Ouvi um uivo adiante. Que animal estranho estava emitindo aquele som? Vi que era um homem selvagem pelo jeito, abaixado, rosnando e dando rugidos baixos. Parecia que ele não penteava o cabelo há anos... Era tão longo que formava um véu sobre seus olhos. Ele tinha um bigode comprido oleoso e suado, e as falhas do bigode caíam tanto que começavam a enrolar com sua barba mal trapida.

Eu o cumprimentei. O Homem parou de rosnar, Ai ele descobriu o topo do cabelo que cobria seus olhos. Enquanto suas mãos murchas colocavam para trás seus cabelos despenteados, insetos de cor de pus caíam de seu cabelo e se espalhavam pelas pedras. Por trás daquele cabelo, a pele do homem era pálida e marcada com rugas. Suas sobrancelhas espessas formavam um V enquanto ele me olhava.

“Mão, pega a minha e voa pra lua também?” Eu tive dificuldade, mas consegui entender o que dizia.

“Pegar sua mão e voar para a lua? Hoje não amigo.”

O homem franziu a testa, mas suas sobrancelhas moveram-se para cima invertendo sua expressão e criando uma nova bizarra. Eu não tinha ideia de como ele conseguia fazer aquela expressão facial, mas me fez ficar incomodo ao ver os músculos de sua face mudarem e adquirirem uma nova. Eu não podia dizer se ele estava bravo, curioso, ambos ou nenhum dos dois.

“Um beijo só diz uma mulher, melhor a resposta de um homem frio.”

“Um único beijo revela o coração de uma mulher, mas uma resposta de um homem é o que você prefere?” Muito bem, então, mas saiba disso: minha resposta é uma pergunta, e uma resposta sua é o que eu prefiro.” O homem parecia mesmerizado pela minha voz. A cada palavra que eu dizia, uma luz brilhava em seus olhos.

“Gritante Selvagem eu sou, sou sim! Perguntando, respondendo, você pode, você deve?” Eu estava começando a desvendar sua linguagem.

“Você pode perguntar, irei responder: Quem... ou o que... é você?”

“Kay-osh!” ele gritou uma palavra, como se tivesse dificuldade com sua língua para dizê-la. “Alguns dizem Xaositects, eu digo S tech I Soax. Homens Caóticos. Homens não. Nem são. homens sim. Três palavras que formam sim.” Ele ficou de joelhos e começou a balançar pra trás e pra frente, cantando como uma criança soprano. “Chaos man, Chaos man, um grande salto para casa, é uma facção, contudo somos sozinhos.” Não tendo nada a perder, fiz outra pergunta.

“Estou procurando um jornal perdido. Sabe onde posso encontrá-lo?” Ele fez um olhar severo, forçou bem os olhos, então os reabriu. Quando falou de novo sua voz estava elevada e direta... Era como se outra pessoa falasse. O efeito era misterioso.

“Mais do que um perdido, mais alguns você deve encontrar. Cada parte de você tem um, então mais de um você encontrará. Ele piscou e balançou a cabeça por um momento, como se surpreso consigo mesmo, então riu inquieto. Eu perguntei se poderia me dizer ao menos onde um estava. Ele parecia que não ia dizer então subitamente seu punho esquerdo bateu na sua cara. Ele gritou com isso, e subitamente parou, piscando.

“Um está em um armário em seu quarto de hóspedes no salão dos sensitivos, e outro está nas muralhas de um tumulto selado profundamente na cidade onde as pedras choram. Os outros estão...” Antes que terminasse, seu punho direito deu um soco em seu rosto, fazendo ele gritar outra vez. Ele piscou e balançou a cabeça por um instante, como se surpreso consigo, e depois sorriu inquieto.

Aquele foi seu último momento de clareza. Não importava o quanto eu o questionasse, eu não obtinha mais respostas. De fato, ele nem sequer parecia lembrar do que havia me dito sobre os jornais. Ao invés de passar o resto do dia numa conversa sem sentido, eu dei meia volta. Morte comentou sobre o Gritante Selvagem.

“Bem, é apenas um galho no meio de muita árvore.” Morte rolou os olhos. “Não faz sentido falar com os Xaositects chefe. São um bando de lunáticos.” Pedi a ele que me falasse mais sobre eles.

“São uma ‘facção’ que não possuem regras... exceto a de não manter um pensamento na cabeça por muito tempo. Algumas vezes são chamados de Homens Caóticos. Não preciso explicar o porque. Eles apenas parecem atrair membros como moscas... bem, membros que são loucos ou caóticos o suficiente, eu suponho. Eu não acho que possuam recrutadores... apesar de que não se pode dizer muito sobre eles.”

BAR CADÁVER FLAMEJANTE

Uma anunciante estava chamando os que por ali passavam enquanto nós seguíamos pela rua.

“Venham, venham ver o Homem incandescente! Tentem derruba-lo, comprem um drinque. Ele tem sede. Ele esta pegando fogo. Ele esta ardendo. Venham, venham, vejam o que eu digo!” Eu parei, analisando o prédio por detrás da anunciante. Ao me ver parar, ela gritou.

“Venha cá amigo! Venha amigo, você irá adorar isso!” O prédio era evidentemente um bar; esse parecia um ótimo lugar para obter informações. Entrei. Para minha surpresa, havia de fato um corpo incandescente, se retorcendo no ar acima das grelhas quentes no chão.

Havia uma mulher ali perto, com machucados disfarçados em seu rosto e braços e um olhar de desespero longínquo em seus olhos fundos. Ela devia ter sido bonita, mas aqueles dias haviam terminado. Ele virou-se lentamente para me olhar. Vida derramava em seus traços, e a centelha de luz sardônica que dançava em seus olhos agora me fazia pensar se meus olhos estavam me enganando.

“Bem vindo ao Bar Cadáver Flamejante, homem de cicatrizes.”

“Quem é você?”

“Eu? Eu sou Drusilla. E você deve ser ignorante. Não me pergunte como eu sei disso. Isso apenas transborda em você.” Ignorando seu elogio, lhe perguntei.

“O que você pode me dizer a respeito desse lugar?”

“Aqui? Esse é o Cadáver Flamejante, apesar da pessoa que esta queimando ainda não estar morta ainda. Eles apenas esta se mantendo vivo até que alguém venha ajuda-lo. Idiotas que gostam de ver outros sofrendo e com dor vem aqui. Demônios gostam disso. Outros que não gostam de ser importunados também... o próprio nome já mantém muitos afastados.”

“Quem é aquele queimando logo na entrada?” Aquele desespero que eu vi em seu rosto voltou a se mostrar como uma sombra negra antes de se manifestar por completo.

“Aquele é Ignus, um dos maiores feiticeiros que já apareceu nesse lugar. Eles o pegaram e abriram um portal do Plano do Fogo através dele, e agora ele é um portal para ele, mantendo-se vivo apenas com sua força de vontade. Se alguém pudesse resfria-lo por alguns instantes, isso o daria sua vida de volta mais uma vez- mas não existe água suficiente para fazer algo assim.” Eu considerei o cadáver flamejante um momento. Parecia-me ser de alguma forma meio... bom, esqueça.

“Qual sua conexão com ele?” Sua voz praticamente latejava ao responder com uma dor profunda.

“Eu era a amante de Ignus, e ele meu amado. Ele amava as chamas mais do que a mim e agora se tornou uma- e por ama-lo, eu amo o fogo... mas esta tudo consumado agora. Agora espero que ele possa se resfriar sozinho. Vendi o pouco que tinha para poder permanecer ao seu lado.”

Eu a deixei com seu pesar, indo até o barman. Vi um homem com roupas de couro com apenas alguns sinais de cor no rosto. Seus dentes pareciam mais afiados que o normal, e seus olhos eram cheios de tédio que era resultado de ter visto tanto. Sua voz era nasal e grampeada.

“Você de novo hein? O que quer dessa vez?”

“Você de novo? O que quer dizer?” Falei com resignação, já que fora reconhecido mais uma vez.

“Sim, você outra vez! Você tem algum problema auditivo ou algo assim agora? Você esteve aqui há uns 50 anos atrás, se irritou todo, quebrou o lugar, e deixou uma pilha de moedas que não eram suficientes para pagar os danos. Então você retirou seu próprio globo ocular e me disse que retornaria pra busca-lo quando você tivesse 200 moedas. Com quinze anos de interesse nisso, você tem cerca de 500 moedas. Você tem a grana, parceiro, eu tenho seu olho.”

“Quinhentas moedas? Isso é ridículo!” Ele parou um momento, considerando.

“Isso aí mesmo. Diga-me o seguinte. Me de 300, e o olho é seu.” Algo me levou a aceitar.

“Negocio feito. Aqui está seu dinheiro.”

“Fechado. Ele produziu algo escuro, com rolha de cera, frasco de boca larga de seu bolso. Eu ouvi o som de líquido espirar ao redor dentro dela, junto com um mais pesado, um ruído de jato. Ao abri-lo, o cheiro de algum tipo de agente conservante quase me fez vomitar. Flutuando na lama viscosa era um globo ocular. “É melhor você descobrir o que você quer fazer com isso... Agora você expôs ao ar, assim como você pode colocar um ovo em conserva no frasco só pra te fazer bem. Faça a sua escolha, cortador... Conserva de ovos ou não”?

Por um instante, eu olhei para o olho, incapaz de acreditar que havia gastado quase todo meu dinheiro naquilo. Então agi, antes que pudesse pensar por mim mesmo na reação.

Coloquei-o em meu glóbulo. O Barman ajudou a cortar o nervo óptico, e dirigiu minha mão ao vaso de sal. Coloquei meu olho no líquido preservativo, passei os dedos ao redor do antigo olho, e o coloquei no lugar. A dor desse processo todo era incrível. Depois de um momento, entretanto, pude sentir meu nervo óptico realocando-se novamente ao novo olho.... e subitamente, fui atingido por um lampejo de memória!

Lembrança: Uma vasta extensão caótica, em constante mudança deserta que se estende diante de mim, um grupo de abutres humanoides em queda livre em minha direção, armas cruéis prontas para atacar, e minha própria lâmina brilhando agarrou apertado no meu punho...

Lembrança: Três valentões me cercaram, com as cores de um inimigo que eu não conseguia identificar. Punhais longos brilhavam em suas mãos, e a luz brilhou cruelmente de seus dentes expostos. Olhei para as minhas mãos cheias de cicatrizes, e sabia que logo eles estariam cobertos de sangue...

Lembrança: Uma enorme criatura anfíbia veio pulando sobre / através de / caoticamente, dirigiu-se para mim com a boca cheia de dentes. Eu arremessei meu dardo através da matéria mudando-a e prendo a criatura a um pedestal de pedra de repente ...

Percebi que havia reganhado algumas das minhas habilidades de luta.

Fiz mais perguntas ao Barman, cujo nome era Barkis. Havia vários clientes no bar, incluindo alguns demônios, e lhe perguntei quem poderia me ajudar. Ele me deu uma curta lista de patrões que poderiam me ajudar, e fui falar com eles.

Eu vi um homem de idade ligeiramente curvado com uma barba grisalha cheia e juba de um leão de cabelos grisalhos. Ele usava um par de ombreiras como armadura, e ele mantinha um capacete nas proximidades. Ele fumava cachimbo e carregava uma bolsa de tabaco em torno de sua cintura. Ele parecia muito forte, mas ele estava um pouco gordo e também pareceu ter algum tipo de dificuldade para respirar.

“Bem, agora, você não está vendo, cara! Nunca vi tantas cicatrizes num só cara -você está usando quase um manto de cicatrizes! Você tem estado- pendurado num gancho de pescaria?” Ele riu. “Oh, Estou apenas te irritando, homem, não se ofenda, por favor. Sou Ebb.” Ele estendeu a mão.

“Saudações Ebb.” Seu aperto de mão era firme.

“Agora, me permita desculpas pelas brincadeiras injustas, amigo. Espero que não guarde magoas; posso lhe pagar um barril ou dois de algo para acalmar as tensões?” Eu não havia me ofendido, e concordei com sua proposta.

“Esse é o espírito, cara! Espere um momento.” Ele levantou-se e foi até o bar. Depois de um momento, ele voltou ao seu assento com um par de bebidas. “Ai vai amigo, beba!” Ele deu uma enorme golada na sua bebida, bafou seu cachimbo e disse, “O que o velho Ebb pode fazer por você nesse ótimo dia em Sigil?”

“Eu tinha algumas perguntas sobre esse lugar.”

“Oh, eu notei isso, só de olhar pra você. Digo, você não parece ser daqui, amigo...você parece muito desorientado para ser um nativo daqui!” Ebb riu, então tomou outro drink. “Então, como posso ajudá-lo amigo? Você precisa conhecer a estrutura do lugar?” Ebb piscou.

“Quem é você, e o que está fazendo?”

“Ebb Creakknees, Terceira Medida de Harmonium, agora aposentado e um coletor com uma voz, uma vez que eu não descanso tranquilo quando deveria essas duas ou três décadas que passaram!” Ele riu.

“Terceira Medida De Harmonium?” Ebb bufou com orgulho levemente e assumiu uma expressão semi-severa.

“Sim, Terceira Medida De Harmonium...” Ele relaxou um pouco. “Apesar de não ter servido como guia de dever há muitas décadas. Usar uma pena não era bem minha praia depois de todas as brigas e encrencas que eu havia estado, então eu apenas passo meu tempo colocando as coisas na mesa aqui em Hive e ajudando no pouco que posso. E você parece que precisa de uma mão...você se meteu em alguma confusão amigo?”

“Em que lutas e encrencas você esteve?” Perguntei, recusando seu desviar.

“Mais do que eu possa me lembrar amigo!” Ebb virou os olhos. “Bem...QUASE que mais do que eu me lembre, pelo menos. Eu fiz uma longa turnê pela Guerra Sangrenta, aquela Guerra de Mentiras numa bagunça infernal na Terra, distante há muitos anos da Guerra dos Séculos Negros...” Ebb começou a contar nos dedos as guerras e contava silenciosamente para si. “...Eh, então teve a Guerra dos Três Planos, e muitas outras, eu até participei da Guerra da Liberação de Harmonium. Oh, no final dela, também fui para a Vigia da cidade de Sigil... alguns dizem que essa é a mais perigosa de todas!” Ele riu alto. A menção da Guerra Sangrenta me fez sentir como um faca gelada estocando o coração. pedi a ele que me contasse mais sobre ela.

“Sim, A Guerra Sangrenta: A mais perigosa desse lado da família. De um lado uma quantia vasta de soldados demoníacos, um bando de demônios lunáticos e sanguinários do outro. Foi a guerra que provocou a criação, e eles tem se enfrentando desde então.”

“Os Tanar’ri, assassinos perversos que se importam apenas consigo mesmos, e a maquina de guerra Baatezu, tudo pela lei e pela ordem sobre suas regras infernais. Toda essa bagunça espira em outros planos de tempos em tempos, e isso faz do Multiverso um lugar menos agradável para se viver.” Eu achei que ele podia saber algo sobre o homem que eu procurava.

“O que você sabe sobre um coletor chamado Pharod?”

“Bem, agora eu não sei tudo o que há para saber sobre o velho Pharod, mas sei algo sobre as sombras que o cercam. Se você estiver determinado a rastrear essa aranha e coloca-la contra a parede, então acho que poderia dar uma dicas para você saber com o que esta lidando.” Ele parou para fumar seu cachimbo. “Pharod fez seu ninho profundo na Praça dos Esfarrapados há algum tempo atrás, juntou umas gangue e coletores e começaram o que alguém poderia considerar uma facção... seja lá o que ela for...”

“Aonde posso encontra-lo?”

“Bem, amigo, se você esta procurando por Pharod, o que eu poderia dizer que é bem estúpido da sua parte, você já esta na metade do caminho. Você quer encontrar a Praça dos Esfarrapados. Dizem que ele fica em algum lugar na Praça. Mesmo um velho camarada como eu que estou nesse lugar há algum tempo não sei sua localização exata. Imagino que Pharod queira manter a escuridão das suas sombras escuras. Se você esta afim e determinado a encontra-lo vá para a praça, e tente extrair sua localização de algum cara por ali. Tente e seja cuidadoso nisso, já que muitos lá fariam um capuz com sua pele só de olhar para eles.” EU lhe perguntei então a respeito da cidade em si.

“Conte-me sobre o design de Sigil.”

“Nossa. Deixe-me molhar a língua.” Ele deu uma golada na bebida. “A cidade flutua acima de uma infinitamente alta espiral. Ela fica na sua lateral com uma roda de vagão descarilhado, mas não existem sinais de que seja conectada a Espiral. É dividida em 6 alas, cada uma delas com sua própria função. Agora mesmo, você esta em Hive. Creio que o propósito de Hive é ser um lixo miserável para que o resto possa parecer grandioso!” Ele riu. “Facções- filósofos, ou gangues se preferir- a cidade esta dividida entre eles.”

“Você esteve em uma facção?” Ebb ergueu a mão como se fosse me deter e riu levemente.

“Oh, espera aí, amigo- eu não fiz um dia um membro de facção... dizem, e estão corretos, que você um dia foi um Harmonium, um Harmonioso da Vida. Somos aqueles que tentam fazer com que Sigil fique fora das encrencas. Sem colocar a Espiral em risco, sem deixar com que fiquem muito empolgados em machucar uns aos outros, mantendo a cidade em tranquilidade.

Nós tentamos manter sua paz, amigo, e na maioria das vezes. Fizemos um bom trabalho.” Outra pergunta me veio a mente.

“Conte-me sobre a Dama.”

“Bom, veja, não se sabe muito sobre ela, amigo, e creio que mesmo aqueles que saibam um pouco mais não sabem tanto assim. Ela é um mistério, e mesmo aqueles que cruzam seu caminho... poderes proíbem... ela é

silenciosa e mortal. Ela não é maligna, pelo que eu sei, mas ela mantém seus segredos e os que cercam Sigil firmemente. Ninguém foi capaz de penetra-los, e se o fizeram, ficaram aprisionados.” Eu lhe perguntei sobre esse aprisionamento, que eu havia experimentado eu mesmo.

“Sim. algumas vezes alguns são mandados a lugares onde não poderão mais fazer mal algum. A Dama, veja, ela pegará um pouco de Sigil, e fazer desse pedaço uma pequena dimensão em seu bolbo, um labirinto. Ela coloca aqueles que cruzam seu caminho lá e os deixa para que apodreçam.” Ebb fumou seu cachimbo. “Agora...você não consegue deixar de ser preso uma vez que ela coloca os olhos em você, amigo. Ela ira pega-lo, eventualmente, não importa o quanto você tente esquivar-se dela. Você acordará num beco, ou a um passo de um portal, ou virar no mesmo canto que já havia virado varias vezes, e subitamente você esta em um lugar que não reconhece. Agora, labirintos não são a prova de escapatória. Existe sempre uma saída de cada um... Um portal que a Dama coloca lá. Você apenas tem que descobrir aonde esta e como usa-lo.”

“Voltando a Dama, bem provável que você não a encontre, a não ser que faça algo realmente ruim...machucar muitas pessoas, matar um Dabbus,desafiar suas regras, adora-la...ela odeia isso, imaginamos, ou interferir num trabalho de um Dabbus(que é um trabalho dela no final das contas)...se tiver sorte, apenas os Misericordiosos virão te punir, mas se ela vier, você estará morto antes que sua sombra apareça.”

“veja, a Dama pode fazer quase qualquer coisa em Sigil, amigo, pelo menos ate aonde podemos notar. Fazer das pessoas maiores ou menores, fazer novos portais, selar antigos, fazer com que a Guerra Sangrenta não tome conta das ruas, impedir que alguns apareçam na cidade, manter poderes afastados dela.”

“Poderes. É uma outra maneira de dizer Deuses, amigo. E existe uma grande quantia deles espalhados pelos Planos amigo.” Ebb fumou mais um trago em seu cachimbo. “Entretanto eles não podem vir para Sigil, a Dama tem um jeito de mantê-los afastados e ela não diz como o faz. Sendo assim, ela previne que Sigil seja tomada por interesses externos.”

Me virei agora para outro que partilhava a mesa com Ebb, que havia estado calado até agora. Eu vi um homem de aparência amena com olhos suaves, olhando fixamente de longe. Vestia-se com roupas de couro flexível, e lavava consigo vários implementos de uso e destruição sobre seu corpo, tais como cordas, pregos, isqueiros e frascos vazios de ar. Ele parecia estar Incompleto ali- literalmente. Havia uma insubstancialidade em sua existência, como se sua essência tivesse sido parcialmente arrancada. Ele focava aqueles olhos em mim, e subitamente eu os vi atentos e determinados.

“Saudações a você, buscador,” disse ele. Colocando a caneca que estava segurando, e me deu toda a sua atenção.

“Eu tenho visto os limites extremos do Multiverso e voltei para contar a historia. Eu tenho andado sobre os corpos mortos de Deuses e lancei raios lunares no plano astral na frente de milhares de cavaleiros Githyanki. Eu ultrapassei os limites da existência e vi minha essência se afastar de mim. O que posso fazer por você?”

“Quem é você?”

“Eu sou Candrian Illborne, viajante, sonhador, contador de historias, e daí por diante.”

Conversei com ele por um bom tempo sobre os diferentes Planos. Os Planos Internos da matéria, substância, materialidade verdadeira. O Plano Etéreo, pelo qual os Planos Internos eram filtrados, para formar os

elementos do Mundo Material Primário, o mundo dos mortais. No Plano Material a crença nasceu, pelos quais os espíritos que criaram os Planos Externos nasceram. Quando os mortais morrem, seus espíritos passam através do Plano Astral.

Os Planos Externos e os seres que nele habitam foram criados por e pela Fé da crença e dos pensamento dessa fé. Os Planos Externos foram divididos por viajantes em Grandes Anéis, da qual Sigil faz parte. Esse Grande Anel me despertou interesse imediato, e perguntei mais detalhadamente sobre os Planos que o compunham.

Os Planos Superiores Leais. Candrian estremeceu levemente quando o descrevia. “Não sou a melhor pessoa para descrever os planos de Lei.” Ele disse, “Pois as estruturas inatas e os padrões finais que eles impõem me assustam. Eu os evito, pois eu valorizo minha individualidade mais do que eu valorizo o conhecimento que me trarão. Isso inclui Arcadia regimentada, mais próximos dos bons Planos da Ordem Indobrável de Mechanus, e Mount Celestia, lar dos Arcontes, uma ilha do Mar Prateado.”

Os Planos Neutros inferiores. “Planos Neutros hein? São perversos e de difícil entendimento, e são mais traiçoeiros no seu modo de ser do que você imagina. Pegue a Gehenna, por exemplo: Quatro vulcões em estado de dormência flutuando em um vácuo infinito, cada um deles de algum modo VIVO, e cada um deles querendo sua alma de qualquer maneira que puderem obtê-la. Habite-os com yugoloths- o pior tipo de demônio, na minha opinião, e você terá ideia de como é esse lugar.

O Plano da Maldade Definitiva- pelo menos, é assim que o chamam- é o Desperdício Cinza, um lugar morto que drena as cores de seu corpo e espírito, roubando até mesmo sua empatia- e é o lugar das piores guerras lá debaixo. Imagine que isso tudo é só o começo... E você terá Carceri no lado Caótico...”

“Ah, Carceri e suas florestas venenosas, Pântanos ácidos, águas destrutivas, amarrado como um colar de pérolas podres alinhadas uma dentro da outra...” Ele parou e me olhou com cuidado, novamente me paralisando com o olhar.

“Lembre-se disso: buscador: Carceri é uma prisão, lar de Gehreleths, um dos mais perigosos tipos de demônios que existem. A Força da prisão é a força do capturador, tão poderoso quanto o prisioneiro permitir que seja. Destrua o guardião da prisão, e um corpo poderá escapar da Prisão Vermelha. Praticamente não existe saída de lá, não quando os portões se fecham contra você e o veem sair para fora no vasto espaço ao redor dos globos. Tenha cuidado com Carceri, viajante, pois seus elos podem ser maiores que a carne.”

Os Planos inferiores Leais. “Por mais que eu deteste a Ordem dos Planos Superiores Legítimos, pelo menos, eles apresentam um mínimo de bondade. Sua contra partida entretanto... Acheron é um lugar de cubos ricocheteantes que nunca enxergam um fim para a batalha, amultuando-se com as almas dos humanos mortos. Baator...” Ele estremeceu involuntariamente. “Baator é um lugar que é melhor ser evitado. Aqueles demônios que você encontrar lá não passam da mera expressão da corrupção desviante encarnada na máquina sem alma da ordem. Tudo que é ruim sobre burocracia e ordem se originam dos Baator, e se espalham como uma macha pelos corações dos mortais. Apesar de existir algum conhecimento a ser encontrado lá, raramente vale a pena passar pelo estupro espiritual que você irá sofrer.”

Os Planos Inferiores Caóticos. “O Abismo não é um lugar que você devia considerar visitar. Enquanto Baator é todo ordenado, o Abismo é cheio de caos e mudança, e nenhum deles é prazeroso. Quando se torna algo que se aproxima da normalidade, são nesses casos que você deve se atentar. É o lar dos Tanar’ri, o que a maioria dos planares chamam de “demônios”, e eles tem esse nome por uma razão. Eles são imprevisíveis e assassinos, e os poucos que você pode confiar são baixos e raros. Os poucos que encontrei que podia confiar,

eu ainda não confiava completamente- eles são criaturas caóticas e da maldade encarnada, e se estão mostrando um rosto amigo, quem disse que isso não faz parte de um plano maior?”

Os Planos Divisórios. “Existem 2 Planos Divisórios em minha mente, e eles são diametricamente opostos. Um deles, Mechanus, é a essência pura da lei, um lugar aonde as crenças se alinham, se interligando, tornando-se a máquina massiva que compõem todo o plano. Alguns caras dizem que as máquinas de Mechanus são as engrenagens que movimentam os planos.

O Outro plano é Limbo, um pântano repleto de Caos que não segue regras, nenhuma, e quando um corpo acha ter encontrado ou definido seu comportamento, o plano vai e o muda- ou não. Não dá pra saber. Eu estive em Limbo não faz muito tempo...”

Ele fechou os olhos, lembrando: “ Eu tinha um guia Githzerai comigo, um anarquista que podia moldar a matéria sem lógica de um plano nas formas que ele desejasse. Havíamos lutado contra uns saqueadores de Slaadi, criaturas caóticas que chamam o lugar de lar. Parece que haviam mais do que o comum, mas aí, não se pode dizer o que é comum em Limbo...mas eu imagino. No meio de todo esse caos, nos deparamos com uma série de metais enormes, cubos interligados, como algum tipo de caixa de adivinhação. Não era algo que nós havíamos moldado, conscientemente ou não, e não podíamos achar uma entrada nele. Era como se... como um bastião da ordem dentro dos limites do transtorno, uma semente de lei. Esse é o melhor jeito de explicar.”

As Terras Distantes. “As Terras Distantes são absolutamente neutras. Provavelmente seja o melhor lugar para se visitar nos planos Externos, fora de Sigil, se não quiser ter a moralidade de um Plano forçada em seu coração. Tudo se balanceia nessas terras- como deveria ser no plano que fica no centro dos Planos Externos. Reinos de energia são espalhados lá, e existem um punhado de “ cidades portais” que abrem para o resto das Terras Distantes. As cidades portais geralmente espelham a filosofia da cidade para qual foi aberto o portal- e se o equilíbrio da crença não for mantido na cidade, a cidade escorrega para o plano mais próximo. Isso é ruim para todos, porque poucos os habitantes que realmente QUEREM mudar.

Ele também havia voltado a pouco tempo do Plano Material Negativo. Quando lhe perguntei sobre ele, seus olhos ficaram nebulosos. “Eu fui para o Plano Interno para descobrir minha verdadeira essência. Cometi o erro de visitar o Plano Negativo Material para que pudesse aprender o urgir de meu corpo em decair e do ciclo da morte em vida. Pensei estar protegido dos efeitos negativos do plano com minha magia, mas estava errado. A Escuridão da infinidade de vazio pressionou minha alma, eu estava cercado por sombras que procuraram extinguir minha alma. Me perdi por um tempo- por uma eternidade- e quase perdi minha existência. Eu podia sentir minha essência me deixando, e agora eu sou incompleto. Nunca voltarei a ser como antes.”

“Como você sobreviveu?”

“Como sobrevivi?” Ele sorriu firmemente. “Com um pedaço de nada que se firmava em quase nada. Nada pode parar nada, sabe, então carreguei comigo nada que me protegesse. Você planeja ir para o Plano Negativo? Você tem um cheiro de desespero então fiz para você esse presente. Segure-o nas mãos quando as sombras o assolarem, e isso protegerá você e seus amigos de alguma maneira, se ficarem perto de você. Heh.” Ele me deu um pequeno símbolo que parecia não ter dimensões.

DAK'KON PARTE 1

Isso acabava com a lista que havia pego com o barman e daqueles que achava que podiam ajudar, mas me aproximei de outra mesa, algo me puxava. O Homem diante de mim era Velho. Sua pele seca amarelada possuía cicatrizes como as de quem havia viajado por muito tempo sem nunca descansar muito tempo em um lugar. Seu rosto comprimido era inumanamente irregular, e suas orelhas saltavam para fora de seu crânio, afinando nas extremidades. Ele vestia uma túnica folgada laranja, e uma estranha espada estava embainhada em suas costas. A Lamina parecia um gládio de duas pontas, feita de algum metal cuja superfície emanava cores que giravam como óleo na água.

O Homem virou-se para mim, seus olhos eram polidos como carvão. Ele me olhou, e por um instante, imaginei que ele pudesse ser cego. A Arma subitamente assumiu uma cor negra, morta, imitando os olhos do seu usuário.

“Você esta bem?” Perguntei. Ele nada disse por uns instantes, meramente analisando meu rosto com seus olhos, e então respondeu.

“Saudações...viajante.” Sua voz era calma e sombria, como um vento soprando pelos galhos de uma grande árvore.

Seus olhos encontraram os meus, seus olhos queimavam ao me olhar. Sua cor drenava a escuridão, resumindo seu brilho eu percebi enquanto falava com ele. “Seus olhos carregam o peso de alguém que viajou longe para estar aqui.” O olhar dele não estremeceu ao me ouvir.

“Eu sou CONHECIDO como Dak'kon.” A ênfase que ele colocou na palavra CONHECIDO me atingiu como se fosse algo estranho... mas familiar ao mesmo tempo. “Você...não é CONHECIDO por mim.”

“Eu não conheço a mim mesmo.” Respondi honestamente.

“É pelo seu bem. Ao CONHECER-CE, haveria muito pouco que valesse a pena nos planos para passar a CONHECER.” Ele silenciou um momento, ainda me estudando com os olhos negros. “Eu gostaria de SABER porque você veio a esta cidade.”

“Estou procurando respostas...tenho muitas perguntas.”

“Fale suas perguntas. Irei ouvi-lo.”

“Seus traços são...incomuns para mim. O que é você?”

“Um Githzerai.” Quando ele o disse, perguntei novamente sem entender sua resposta.

“Um Githzerai?”

“Githzerai é um dos povos.” Novamente o indaguei.

“Um dos Povos?”

“Um Githzerai” Imaginando se ele era tão sem humor quanto aparentava, fiz uma pergunta outra vez.

“Sim,mas o que é um Githzerai, exatamente?” Dak’kon ficou quieto um momento, depois disse.

“Nossa historia não precisa ser CONHECIDA por você. Nós sangraríamos ate a morte nas laminas do tempo antes que eu pudesse recitar uma fração das historias de nosso Povo.”

“Não preciso conhecer suas histórias...mas eu gostaria de saber como seu povo é agora.”

“SAIBA isso e aceite como uma resposta: Nós somos o Povo que fez nosso lar sobre o inconstante Plano de Limbo.” Com um gesto rápido e hábil, Dak’kon retirou a espada das costas e a colocou diante de si.

“Lá, nós moldamos a matéria de Limbo com nossas mentes.Nós forjamos cidades com nossos pensamentos.” Enquanto eu olhava,uma serie de ondas tremulas de metais começaram a rolar a partir do centro da lâmina. O relvado e a crista das ondas combinavam com as inflexões da voz de Dak'kon. “Em seu Caos nós habitamos. Com apenas nosso CONHECIMENTO para nos preservar. Nós somos os Githzerai.”

“ O que é essa espada que você tem... ela se mexeu, alterando conforme sua voz.”

“É a espada Karach.É um objeto que permite aos outros verem o nível de seu usuário.”

“Que tipo de nível ela indica?”

“A Espada é um símbolo carregado por Zerth. Zerth é aquele que CONHECE as palavras de Zerthimon.Ao CONHECER as palavras de Zertimon, eles CONHECEM a si mesmos.”

“Zerthimon?”Perguntei-lhe.

“Zerthimon fundou nossa raça. Ele CONHECIA os Githzerai antes que eles se CONHECESSEM a si mesmos. Ele definiu o Povo.Ele lhes deu uma única mente.

“Você parece colocar certa ênfase em CONHECER. Porque isso?”

“Todas as coisas, sejam carne ou estruturas- suas existências são definidas por CONHECEREM a si mesmas.”

“E se um homem não conhece a si mesmo?”

“Quando uma mente não CONHECE a SI mesma, ela se torna falha.Quando uma mente é falha, o homem também é.Quando um homem o é, aquilo que toca também se torna.” Dak’kon parou. “Dizem que o que um homem falho vê, é destruído pelas suas mãos.”

“Você conhece a si mesmo”?

Dak’kon ficou quieto. Seus olhos negros tomaram a mesma distância quando nos falamos pela primeira vez.Senti que essa pergunta era importante, por isso o pressionei.

“Perguntarei outra vez: Você se conhece?”Quando Dak’kon falou de novo, sua voz havia mudado,suas palavras ecoavam, como uma grande pedra caindo num poço. Parecia que ele forçava as palavras de seu peito.

“Não é da minha vontade que você SAIBA disso.” Eu tinha certeza agora, de que sua reposta, me diria muito.

“Talvez eu estivesse sendo muito gentil ao formular minha pergunta: Diga-me.” A resposta veio lentamente, como se fossem carregadas uma a uma.

“Eu... com o passar do tempo eu passei a não me CONHECER.” A voz de Dak’kon baixou para um sussurro, como areia. “Eu não SEI por quê. Eu SEI que aconteceu, mas não SEI como, nem quando... nem como voltar a me CONHECER novamente.” Senti uma tristeza em sua voz, que eu cuidadosamente mantive para mim, sem que Dak’kon soubesse, pois era obvio que ele não iria gostar. Mudei para um assunto mais neutro.

“Pode-me dizer sobre essa cidade?”

“É CONHECIDA como a cidade de Sigil. Dentre o povo, é CONHECIDA como a cidade que não se CONHECE.”

“Ela não se conhece? O que isso quer dizer?”

“A cidade existe, mas não CONHECE a si mesma. Ao não se CONHECER, sua existência torna-se imperfeita.”

“A Cidade opõem-se a si mesma. Ela se separou dos planos, contudo ela procura estar em todos os lugares ao mesmo tempo. Seus muros são portas, contudo ela mantém essas portas fechadas. Tal existência condiz com algo que não se CONHECE. Ao não se CONHECER, é imperfeita.” Considerei sua afirmação, e formulei um contra argumento, exibindo uma maleabilidade de espírito que eu tinha certeza de que eu não poderia ter conseguido em um curto período de tempo antes.

“E se a cidade NÃO for imperfeita? Uma coisa não precisa ser organizada e ter um propósito para se conhecer. E se essas contradições forem poderes que não estão sendo enxergados?”

“Para sua pergunta: uma pergunta: E se a cidade for imperfeita, e tudo o que você vê ao seu redor é contraditório?”

“Para a SUA pergunta, uma pergunta: Você diz que a existência dessa cidade é imperfeita. Você aceitou isso ao invés de explorar as possibilidade de que algo maior possa existir. Isso sugere que você é imperfeito...e que você não procura conhecimento, e sim por uma resposta conveniente apenas.” Dak’kon ficou quieto.

“Não há como saber a resposta para as perguntas feitas. Contudo a cidade existe. isso é tudo.” Eu não estava pronto para deixar o assunto fugir.

“No entanto, eu sustentaria que conhecemos a nós mesmos pelas perguntas que fazemos e as que não fazemos. Se deixarmos de fazê-las e aceitar apenas o que percebemos...”

“Então iremos deixar de nos **conhecemos**” A voz de Dak’kon mudou ligeiramente, tornando-se mais severa. “tais palavras já foram ditas anteriormente. Eu já as ouvi e as CONHECIA.”

“Aonde você as escutou?”

“São minhas palavras. Um dia, eu as CONHECIA e seu significado. Eu havia esquecido até você ter dito novamente.”

O olhar de Dak’kon me analisou, e sua lamina parou de brilhar, sangrando toda aquela coloração até ficar translúcida.

Houve um momento de silencio, então Dak’kon olhou para mim. “Eu seguiria a mesma estrada que você.”

Sentei, chocado novamente. Olhei para Dak'kon, e percebi que não podia recusa-lo. Senti uma conexão a ele, de certa forma.

Conforme concordei, ele disse: "Seu caminho é o meu caminho." Estranhamente, sua voz parecia distante, e ecoava, como se falasse de muito longe.

Decidi que tinha tido demais por um dia, e voltei para o pequeno hotel que havia passado a pouco. Pelo caminho, quando Dak'kon havia ficado um pouco para trás, Morte apressou o passo, e comentou cochichando.

"Ah... eu não confio no Glth. Eu o deixaria para trás."

Eu estava surpreso com suas palavras. O que Morte poderia saber sobre Dak'kon, de qualquer maneira? Eu o ignorei, e prossegui.

PRAÇA DOS ESFARRAPADOS

Passamos a noite no hotel, partilhando o quarto com um Bariatur, uma criatura semelhante a um centauro, e um louco que não parava de reclamar com um garfo. Na manhã seguinte fui para a Praça os Esfarrapados, onde tinha certeza que encontraria Pharod. Era um lugar miserável, cheio de pilhas de lixo, e construções quebradas que pareciam que iriam desmoronar em breve criando novas pilhas.

Assim que entrei na praça, notei algumas pessoas trajadas em capas marrons imundas, com longos goros escondendo a maior parte do rosto de ser vista. Eu aprendi a associar esse traje aos coletores. Me aproximei de um deles. Pude ver seus olhos estreitarem sobre o capuz, e deu um passo para trás.

"O que você quer?"

"O que você está procurando?" Perguntei.

"Procurando por alguns malditos corpos, é isso que estou tentando fazer, mas acho que os Poderes da Morte fizeram as malas e saíram desse Plano, do jeito que as pessoas andam saudáveis e tudo mais." Havia um brilho cintilante em seu olhar: "Tivemos uma Varíola no mês passado, e foi uma época gloriosa, haviam....corpos fedendo até as alturas, e tinham um monte de porcarias também."

"Porque você procura por seus corpos"? Ele pareceu surpreso.

"Bem, graças aos corruptos do Necrotério. Lá, você fala com os Dusties, barganha um pouco, e pega algumas moedas.

Os Dusties, coletam os mortos...é seu trabalho. Eles nos pagam pata cobrir uma área maior e trazer os corpos e encontra-los. Então eles fazem para que seus corpos vão para o seu devido lugar ou seja cremado. Eles são muito sérios com relação a isso, sua filosofia idiota, mas isso quer dizer mais grana para mim." Ele piscou.

"Procuro por um homem chamado Pharod." Eu sabia qual seria a próxima pergunta dele, e antes que pudesse fazê-la, eu me antecipei e lhe joguei algumas moedas. Ele estreitou os olhos subitamente.

"Pharod...o que tem ele?" Apesar da grana, ele ainda parecia hesitar.

“Você parece meio preocupado...porque?”

“Pharod,hump!”Ele cuspiu,zombando continuamente. “A Praça dos Esfarrapados é território de Sharegrave(Cova Partilhada) – meu chefe-sabe. Pharod e seus cães vieram um tempo atrás e tentaram nos tirar.Nós lutamos com eles, então eles se escondem em algum lugar agora.nós ainda pegamos um ou outro de seus capangas ao redor daqui. Geralmente nós pegamos algumas moedas pelos seus corpos no Necrotério, os coitados.”

“Conte-me sobre Sharegrave.”

“Ele é meu chefe...lança suas sombras e alcança um monte de Colatores. Eu ficaria longe dele a não ser que você tenha um BOM motivo para falar com o homem...Eu mesmo nunca falei com ele pessoalmente.”

“Você sabe aonde Pharod esta?”

“Eu sei aonde ele não esta...ele não esta aonde a maioria dos Colatores chamam de prostíbulo, na Praça dos Esfarrapados,mas ele esta por perto.” Talvez esse Sharegrave pudesse me ajudar, assumindo que fosse mais fácil encontra-lo do que Pharod. Quando fui saindo o coletor me chamou.

“Bem,se cuide, amigo.Se encontra-lo nas ruas, serei gentil com seu corpo.”

Um companheiro de aparência curiosa estava vasculhando sobre o lixo como uma sombra esfarrapada. Vendo Morte e eu, ele acenou para mim.

“Hsssst...hey!Esse crânio. Aonde você pegou esse crânio?Ele é meu!Devolva-o.” Morte virou-se para o sujeito.

“Da o fora.” Eu estava curioso sobre esse homem.

“Quem é você?” Ele me ignorou, ainda olhando para Morte.

“A Caveira é minha, minha hey! Devolva ela pra mim, vou gritar que você a roubou!” Ele reclamava, forçando com os seus olhos.Eu estava ficando nervoso com esse cara, e decidi deixa-lo perceber ele mesmo.

“Va em frente, pegue a caveira.” Como se ele tivesse alguma chance de conseguir.

Ele deu uma risada seca. Quando ele se aproximou de Morte, ele foi mordido! E a mão dele recuou. O homem começou a gritar. “Aghhhh!Aghhhh! Eu vou te matar! Vou matar você!” Morte estava segurando entre os dentes um dos dedos do homem como se fosse um cigarro macabro. Ele falou com o dedo na boca.

“Toque em mim de novo, e sua mão se juntara ao seu dedo, otário.”

“Morte! Devolva o dedo do homem.” Morte cuspiu o dedo de volta. Ele rebateu em seu peito e caiu no chão.Não precisamos perder mais tempo aqui.

“É um jeito ruim de aprender as coisas.Adeus.” O homem, mordendo os lábios de dor,olhava pra mim.Subitamente, ele atacou! Ele não foi páreo para Morte e para mim, e caiu imediatamente com um golpe da minha faca em sua barriga.Notei que Dak’kon que observava assistindo silenciosamente, havia vindo me defender.

Pensei em perguntar a Dak'kon o que ele achava da minha atitude, mas eu estava...apreensivo em descobrir que ele não aprovaria. Notei e pensei considerar mais tarde que sua mera presença já parecia surtir efeito em mim.

Outro homem havia visto minha luta. Ele agora estava assobiando uma música alegre e brincando com uma faca de combate bem conservadas. Quando me aproximei, ele parou de assobiar e me deu um olhar curioso.

“Hum? O que você quer?” E prosseguiu, “Meu nome é Ratbone(Ossos de rato), amigo. Eu sou um ladrão contratado aos serviços do mestre Sharegrave, o chefe dos Colatores dessa cidade. Ele me paga mais para observar os rapazes, e para lutar caso as coisas fujam do controle. Essa são praticamente as únicas perguntas que irei responder a você, amigo.” Ele fungou e deu com os ombros.

“Aonde esta esse Sharegrave amigo?” Ele apontou para a casa, mal acabada atrás dele.

“Mas tome cuidado, amigo. Ele não gosta de visitantes. Ele suspeita de todo mundo. Sharegrave nem é seu nome verdadeiro...apenas como eu e os outros o chamam.”

“Estou procurando por um homem chamado Pharod. Você sabe aonde ele esta?” Ratbone negou com a cabeça.

“Não, não sei. Ouvi que ele fica por perto, entretanto. Algum dos seus homens vieram correndo umas vezes, indo para algum esconderijo, sabe-se lá aonde. Em algum lugar lá em cima naquelas plataformas elevadas, apostado, mas não é assunto meu.”

Ele se encolheu e cuspiu no chão. “Viva e deixe viver, disse Ratbone.”

Aguardei um momento, já que achava que eu não tinha o que dizer, mas ele permaneceu quieto. Decidi que deveria ir e visitar seu chefe.

Havia três homens no quarto principal da casa que eu havia entrado. Dois eram obviamente coletores de baixo nível, com roupas sujas. O terceiro era diferente. Alto e esguio, pálido, de aparência desagradável exalava autoridade apesar de seus traços esguios e de certa forma desajeitado. Uma boa parte da orelha dele estava faltando; o pouco que sobrava parecia um monte de tecido cicatricial irregular, como se tivesse sido mordida, ao invés de cortada. Seus olhos eram focados- quase apenas pupilas-eram afiados...e perigosos. Esse deve ser Sharegrave. O cumprimentei. Ele cuspiu ao responder.

“Eu não te conheço, otário.” Ele me olhou. “O que você quer? Responda logo, antes que eu chame mais homens para fazer um dinheiro com você.” Suspeitei que ele não blefasse, eu já tinha parecido tolo o bastante ontem. Eu fui direto ao ponto.

“Estou procurando por um homem chamado Pharod.” A Tensão no quarto subitamente aumentou.

“Agora, que engraçado você perguntar isso. Para que você quer saber sobre o velho Pharod?” Eu achei melhor parecer amigável dele.

“Ele tem alguns pertences meus, e os quero de volta.” O homem ficou quieto um momento, então sorriu.

“Ele rouba de todos nós não é, esteja vivo ou morto.” Ele riu.

“O que quer dizer?”

“Nosso meio principal de viver...por aqui....esta morto. Percebe?”

“Você é um Coletor.”

“Sim, isso mesmo.” Ele me olhou como se considerasse algo. “Agora, tem tantos mortos de uma só vez. Apenas Meus homens e eu podemos pegá-los. Se tiver alguém mais coletando mortos, isso significa muita grana a menos no nosso bolso.”

“Pharod está coletando corpos, também?”

“Sim. A dificuldade é que ele tem encontrado um MONTE deles. Agora, eu não ouvi muitas histórias de massacres em Sigil.” Ele franziu o rosto, tapeando o bigode. “Então estou bem interessado de onde estão saindo todos esses mortos.”

“Eu poderia descobrir para você, se quiser.”

“A é? E como você faria isso?”

“Tudo o que preciso fazer é achá-lo. Deixe eu me preocupar com o resto.” Eu deixei implícito que, se encontrasse Pharod, eu que determinaria quando e como eu iria cumprir minha promessa.

“Hummm. Bem, está certo; Eu vou te dar cem moedas para te ajudar. Suba aquelas plataformas, siga ao norte e leste, e você chegará a um portal para o buraco de Pharod. Entrar lá e pegar informações fica por sua conta. E se alguém perguntar, nunca tivemos essa conversa, entendeu?”

Eu deixei Sharegrave desapontado. Ainda não tinha ideia de como chegar claramente a Pharod. Eu devia ainda inspecionar a área da praça que me haviam descrito, mas ainda estava de olho em quem pudesse ser questionado.

Ignorei os coletores na praça. Era difícil que soubessem mais que seu chefe. Havia entretanto, uma cabana de madeira a diante. Não parecia tão detonada quanto as outras, então decidi ver se havia alguém dentro.

Havia um ocupante. A velha abaixada parecia que tinha perdido toda sua cor- tudo desde seu cabelo, ao seu xale, e sua roupa- tudo tinha um tom de cinza. As únicas faíscas de cor vinham de algumas ervas, que estavam presas ao seu cinto por seus talos. As ervas faziam um barulho quando ela se movia, como de uma vassoura.

A Velha virou para me olhar... e notei que os traços acinzentados de seu corpo se estendiam pelas suas feições também. Seu cabelo era fino e cinza claro, e seus olhos eram como pedras de granito. Ela franziu as sobrancelhas quando me viu.

“E quem seria você?” Tendo sido pego mais uma vez embaraçado por não ter um nome, eu voltei a usar minha mentira universal.

“Me chamo Adam. Quem é você?” Com um leve gargalhada ela ergueu as sobrancelhas.

“Você não ouviu sobre a velha Mebbeth então, a parteira da Praça? Você não sabia?” Ela fechou os olhos e sua voz baixou. “Bom, agora você sabe, que eu sou Mebbeth”

“Você é uma parteira? O que você faz?”

“Eu arrumo ossos, curo a tosse dos doentes, ajudo com dores, com bebês recém nascidos, conserto roupas, uma costura ou duas, faço curas e poções e outras coisas do tipo.” Ela me analisou, estudando minhas cicatrizes. “Você precisa de uns curativos não é?”

“Sim, você precisa de alguns sim olhe para você. Você quer comprar alguns, quer...?” Ela olhou para as cicatrizes que cobriam meu corpo, e então encolheu os ombros. “Tarde demais para isso eu acho.”

“Você conhece um homem chamado Pharod?”

“Pharod!? Aquele- aquele-AH!” EU olhava enquanto Mebbeth cuspiu uma... duas.... três vezes, seguido de um gesto que fazia um semi círculo sobre seu coração. Aquele fantasma sedento! O que você quer com tipos como ele?”

“Preciso encontrá-lo. Sabe aonde ele está?”

“Ele não está na Praça dos Esfarrapados, isso eu posso lhe dizer...você precisa achar um caminho SOBRE a praça para chegar ao ninho da aranha.” Ela cuspiu de novo. ! Só de falar dele já deixa um gosto amargo.”

“Ele está sobre a Praça?”

Ela bateu os dedos no chão. “Sim, ele está enterrado sobre aquelas pilhas de lixo, ele e seus capangas, e será difícil chegar até lá.” Ela balançou a cabeça. “Deixe como esta criança, deixe isso de lado.”

“Preciso encontrá-lo. Como chego até lá?” Mebbeth franziu a testa, e depois suspirou.

“Ouça bem, Pharod tem um portal que leva até ele em algum lugar na Praça...é apenas uma questão de encontrar. Você precisa perguntar a alguém que viajou mais que a Velha Mebbeth.”

Tive uma impressão curiosa olhando para Mebbeth. Pensei ter visto um leve brilho ao redor de seu corpo. Senti que podia saber o que significava. Ainda mais, senti que era algo que eu poderia fazer- e precisava aprender mais uma vez. Tentei esvaziar minha mente, para alcançar de alguma maneira o que eu não podia inconscientemente. Para minha surpresa, funcionou. Do nada me surgiu uma pergunta.

“Você é uma bruxa Mebbeth?” Ela me examinou com cuidado.

“Eu diria que não sou isso agora, mas o que você quer dessa velha mulher, latindo e farejando por um pouco de informação?” Claro, que eu seguia o caminho da magia.

“Eu quero aprender sobre magia. Poderia me ensinar?” Mebbeth riu.

“Pah! Eu não sou professora, nenhuma palestrante toda pronta para ensinar para o público no salão de festas! Existem outros por aí que com certeza fariam isso...você estaria perdendo tempo com a velha Mebbeth, sem dúvida.”

“Não concordo, Acho que você tem muito a ensinar.” Mebbeth olhava pra mim intensamente.

“A é? PORQUE você quer aprender essas coisas?”

“Porque posso precisar delas para resolver o mistério sobre minha identidade.” Depois de um momento, ela acenou.

“A Arte pode ajudar,ou não, e você não deve depender dela para resolver todos os seus problemas.” Ela suspirou. “Criança, ela vai mais é colocar mais outra exclamação na sua pilha de perguntas...”

“Entendo, você me ensinará?”

“Pah!” Mebbeth balançou a cabeça. “Você deveria fazer musicas ao invés de magias.Musicas tem mai beleza.A magia tornou-se tediosa, comum,batida para a maioria das pessoas que a conhecem...hummp.” Ela me checava. “Eu vou ensina-lo...mas primeiro terá que fazer umas coisas para MIM, ouviu?”

Mebbeth me passou uma serie de tarefas antes de me ensinar. Eu fui rapidamente fazê-las, devido a urgência em procurar Pharod.Eu logo percebi que eram na verdade testes para ver ate onde eu iria para aprender sua Arte devido ao aborrecimento que eram essas tarefas.

Passei o resto do dia correndo em Hive, indo da casa dela ate o mercado. De meus recados ela acabou com uma moldura crua feita a partir de uma planta farpada, trapos super engomados e um recipiente de tinta de peixes. Ela disse que estava tudo pronto.

“Você faz tudo muito bem, criança. Tudo que pedi. Agora pergunto mais uma vez: depois de tudo o que viu, você ainda quer aprender a Arte?”

“Sim.Apesar de tudo, seu objetivo era testar minha persistência não era?” Ela sorriu mais uma vez, e concordou.

“Sim...talvez,criança, talvez.”

“E isso não é tudo; você sabia quem eu tinha que encontrar para completar cada tarefa não é?” Ela acenou de novo, mais devagar dessa vez.

“Talvez criança, talvez...se for o caso,o que seus sentidos dizem?”Pensei no que havia aprendido com aqueles que estivera enquanto fazia suas tarefas.

“Mourn for Trees(Lamentar pelas árvores) me mostrou que minhas crenças afetam os que me cercam. Giscorl me ensinou que um ritual é um desperdício se o propósito dele for ignorado,Meir’am me ensinou que não importa o quanto eu saiba, ainda existe muito a aprender de outro ponto de vista.”

Mebbeth ficou quieta um instante, então ela caminhou ate mim e tocou minha bochecha. “Oh criança...” Ela suspirou. “Um dia você será um feiticeiro mestre.Você tem o conhecimento sobre isso...contudo...você veio ate a velha Mebbeth para procurar ajuda. O que uma parteira poderia ensinar a alguém assim?”

“Muito, Mebbeth. Quero aprender tudo que tem a ensinar.”

“Então você trilhará esse caminho....”Mebbeth pausou. “Bem, primeiro o inicio: Apenas saber sobre a Arte não é suficiente.Você precisa de uns meios de foca-las: geralmente “magias”.Elas costumam ficar em livros. A Arte exige que você tenha um livro com as magias nele contidas antes de poder usa-las.Consegue ler?”

“Sim” Eu não tinha dificuldades lendo escrituras enquanto estava no Necrotério.

“Então vamos testa-lo, pode ler isso?” Mebbeth sacou uma carta manchada...parecia uma receita.

Eu a examinei. As escritas nela contidas inundavam diante de meus olhos, cada símbolo se desfocava sempre que eu tentava ler.Quase que instintivamente, eu relaxei meus olhos,permitindo-os ver toda a pagina de uma

só vez... e os símbolos subitamente se juntaram: a receita cotinha medidas, ingredientes... parecia algum tipo de adivinhação menor.

“Isso é uma adivinhação inferior não é? Parece como uma magia que serve para identificar a “natureza” de um item...para ver se ele é encantado ou não.” Os olhos de Mebbeth arregalaram.

“Quem é você para testar a velha Mebbeth dessa forma então?! Você é um demônio?”

“Não...bem, não que eu saiba, o que aconteceu?”

“Bem...não estava esperando isso...” Ela apontou para a magia, então a colocou em minha mão. “O que você vê, esta escrito na linguagem da Arte. Se você não é um feiticeiro ainda, deveria ser uma confusão imensa pra você ler.” Ela mordeu o dedo. “Contudo, claro como cristal, você tem uma noção clara. Talvez você possa me explicar porque tem essa facilidade?”

“Acho que eu já a conhecia um dia...mas esqueci...olhar os símbolos me fez lembrar novamente.”

“Ou então você possa ter um dom natural...não importa, não importa, você acabou de pular a fase de aprendizado.” Mebbeth pigarreou. “E eu estava procurando alguém para lidar com essas notas por aqui...”

“Se precisa da minha ajuda com algo aqui, você ainda pode me pedir... é o mínimo que posso fazer em troca de ter me ensinado.” Eu amaldiçoei minha boca por ter dito aquilo. Eu ainda não tinha certeza do porque ter agido tão favorável em relação a Mebbeth, mas eu não podia mais perder tempo aqui. Felizmente, sua resposta acalmou minha preocupação.

“Não, não, não se preocupe com isso...” Ela fez uma careta. “ Bem, você pode ler magias muito bem, mas magias não serão uteis se não tive um livro para arquivá-las...”

“Você tem um?”

Mebbeth olhou ao redor da sua tenda, e então encontrou a moldura negra que eu fizera. Ela a pegou cuidadosamente e a estudou. “Isso servirá.”

“Isso? É apenas uma moldura.”

“Ah, mas você também é, criança...” Ainda segurando a moldura, ela pegou uma das paginas costuradas que havia pego com Giscorl. Com um puxão, ela tirou o filme engomada da superfície esverdeada; ele vibrou no ar como um pouco fino de pano.

“O que quer que Giscorl utiliza na lavagem, funciona melhor do que curar, esticar e petrificar um pano normal. Não posso pagar por pergaminhos...”

Ela pegou uma fita e cobriu a moldura negra, trancando suas paginas em ganchos ao redor da moldura até parecer uma lona de pintura. “ Esta faltando algo...”

“Alo precisa ser escrito nela...” Ela pegou um galão de tinta que eu havia trazido. Ela mergulhou um dos dedos nessa tinta, e desenhou ali, murmurando sozinha. Ela começou a rabiscar símbolos na moldura, um a um, ainda murmurando sozinha. Algum tempo passou, antes dela olhar para mim de volta.

“Feito” Ela ficou em pé secando os dedos com tinta na roupa. Ela inclinou os cabelos, apontando para a pagina estranha em sua frente. “Uma pagina para o seu livro, aqui esta.” Ela indicou que eu podia pega-lo.

Percebi que era familiar aquele processo do livro de magia. Eu podia apenas copiar nele os pergaminhos que encontrasse, e então memorizar e usar aquelas magias utilizando meu próprio controle sobre elas. Eu pude sentir meu conhecimento se fortalecendo, e soube que poderia aprender em dias, coisas que normalmente levariam anos para aprender. Eu notei que Mebbeth percebeu que eu não precisava mais dela.

“Tudo bem criança—não espere mais aqui. Alguém como você tem mais coisas a fazer ao invés de perder tempo por aí com uma velha como Mebbeth.

“Você não é tão velha.”

“Pah!seu paquerador!Sua língua é tão afiada quanto uma prata que deixaria até um Baatezu com ciúmes!Tome jeito!”

“Obrigado por tudo, Mebbeth.”

“Pah!Você já me agradeceu quando passar a não usa-la para coisas fúteis. A Arte já amaldiçoou muitos tolos que buscavam para caminhos errados. Agora vá!”

Eu ainda tinha tempo para investigar a entrada para o lar de Pharod. Encontrei um caminho de madeira levando a direção indicada anteriormente, e a segui, evitando as plantas profundamente ali enraizadas.

Esse caminho terminava em um arco, que levava a alguns passos de uma pequena construção bloqueada por uma parede sólida. Aquilo tinha sido embalado com tanta força que poderia muito bem serem pedras e argamassa.Morte observava algo.

“Espere aí chefe...veja isso.” Olhando de perto, notei um rastro sujo que levava até ali... e não voltava dali. “Deve haver algum portal ou chave por aqui.”

“Um Portal? Como iremos abri-lo?”

“Não faço ideia chefe. Deve ser uma chave comum, entretanto- veja quanta gente o usa! Talvez uma das vidas inferiores aqui ao redor saibam...”

“Vou perguntar ao redor então. Vamos.” Lembrei que mais cedo eu achava que Ratbone poderia ter algo mais a dizer e voltei até ele, para perguntar a ele.

“Você sabe como passar por aquela pilha de lixo a noroeste daqui?”

“Eh?Não, não sei.Digo...você poderia procurar por Creeden, o Catador de Ratos.As vezes ele está perseguindo e desaparece por algum tempo estranhamente.Ele geralmente está em Hive, bem ao lado da Oficina de Vermes e controle de Doenças.”

Eu o agradeço,e me apressei de volta ao mercado perto de Hive aonde havia encontrado com ele antes.Ele ainda estava lá,vendendo ratos.Eu lhe perguntei sobre o arco que procurava passar. Ele pensou um momento.

“Sim, sei do que você está falando. Tinha uma moça, chamada Nalls, que eu vi entrar lá uma vez, enquanto eu procurava por ratos.Não sei como ela fez isso entretanto.Você provavelmente pode encontrá-la a nordeste daqui, apodrecendo ao redor de uma pilha de pregos e etc.

Minhas perguntas ao redor de Hive estavam surtindo efeito, já que eu sabia aonde ela estava também. Eu agradeci Creeden e fui procura-la. Ela também, estava aonde a tinha visto da ultima vez, tirando pregos das madeiras. Perguntei sobre o portal. Nalls acenou lentamente.

“É um portal sabe. Tropecei nele por acidente... tudo o que você precisa para fazê-lo é ter um bocado de porcarias consigo para ultrapassa-lo. Existe uma pequena passagem depois dele, e um portão levando ao subterrâneo, mas eu achei sem sentido procurar por problemas então apenas dei meia volta e sai aqui....” Ela me deu um punhado de tranqueiras. “Use isso, se quiser. Eu ia jogar fora mesmo, de qualquer jeito.”

Eu a agradeci, e já que estava tarde eu fui direto pro Hotel aonde havia passado a noite anterior.

VILA ENTERRADA

No próximo dia eu voltei a praça, e segui meu caminho até o arco. As porcarias que eu trazia, de fato, abriram o portal. Entrei e reapareci do outro lado da construção.

Segui umas pegadas empoeiradas, que levavam ao subterrâneo. Eu me apressei, para só então perceber que havia um grupo de coletores dentro da passagem. Procurei por meus companheiros, mas havia me distanciado de Dak'kon e Morte. Percebendo que um ar de confiança era minha melhor alternativa, segui em frente, sendo bloqueado adiante por um deles, que mantinha uma espada nua. Os outros me cercaram, sacando suas armas. Eu saquei a minha única, mas haviam muitos deles para que pudesse me defender, e rapidamente fui derrotado, com meia dúzia de espadas me perfurando. Meu ultimo pensamento era, não deixe acabar assim.

Acordei em uma maca ensanguentada. Ao meu lado estavam Morte e Dak'kon. Notei que pude me lembrar deles. Todas as minhas memórias desde que havia acordado do Necrotério pareciam estar intactas. Eu não duvidei em momento algum que eu havia morrido devidas aquelas espadadas. Mas seja lá o que houvera me afetado no passado, dessa vez a morte não apagou o que eu havia aprendido.

Levantei da maca, e vi que havia mais alguém por perto. Ela era uma mulher bruta vestida com uma túnica de serapilheira pesada. Ela circulava sobre o quarto, suas articulações estalando quando ela se curvava para pegar objetos de várias macas. Seu cabelo estava preso para trás de sua cabeça com um grampo de cabelo de osso, e ela tinha uma expressão coagulada no rosto. Ela estava resmungando para si mesma em uma voz cantante.

Tentei chamar sua atenção. A mulher parecia não ouvir meus cumprimentos, ao invés disso, ela troçava de volta para uma das longas mesas e começou a pegar em um dos cadáveres.

“Vamos lá, agora...” Ela rangeu os dentes. “Não seja tão dura com Marta... ele esta sendo duro com você não esta, Marta?” “Sim, ele esta sim...” Pelo que eu podia ver, ela estava arrancando os dentes de um dos cadáveres... apenas com as unhas de seus dedos. Quando isso não funcionava, ela pegava uma talhadeira e um martelo e batia nas gengivas ate que os dentes soltassem, então os colocava em seu bolso. Eu tentei novamente.

“Uh...o que você está fazendo?” Com o som da minha voz, Marta pulou para longe do corpo, chocada, e deu um grito agudo.

“Ahhh!” Ela tomou ar, então suspirou irritada- com o cadáver na maca. “Se você não estivesse morto, você tinha que ter dito algo antes, cadáver falso, cadáver danado! Você não tem vergonha?”

“Fui eu quem falou não o cadáver.” Marta cerrou os olhos e virou-se.

“Eh? Como você chegou aí tão rápido?” Ela reclamou sozinha. “Marta, como ele fez aquilo? Não faço ideia, não sei mesmo.”

“Essa coitada está cega e quase surda.” Comentou Morte.

Marta continuava a reclamar sozinha, algo sobre cadáveres e gratidão, que eu não pude entender.

“Quem é você?” Perguntei.

“Marta, ele perguntou quem é você? Sim, perguntou sim, foi sim...” Ela começou a cantar. “Ninguém além de mim mesma, Eu sou Marta, Marta a costureira....nanana...Mar-ta-a-Costu-reira...Mar-ta-a-Costu-reira...”

Ela se virou, de volta ao cadáver, cantando consigo mesma.

“O que você está fazendo?” Marta virou-se de volta com um desgosto.

“Estou tentando fazer esse cara me dar seus dentes e pontos, e ele não está colaborando, não está não...” Ela sacudiu os dedos, como se ensinasse uma pequena criança. “Teimoso feito uma pedra, não é Marta?” Fazendo cara feia. “Sim, sim, ele é sim...”

“Pontos...e dentes? Do que você está falando?”

“Tenho que tirar esses pontos, os dentes...Marta, talvez você pudesse me ajudar...eu TE ajudei, meu velho amigo...não precisa usar esse tom comigo...arrancando pontos e dentes sim. E as coisas de dentro.”

“Eu acho que ela se refere a órgãos. Espero que seja isso.” Morte disse. Marta repetiu, “Coisas.” Morte olhou para ela. “Sim, COISAS. Ele se virou para mim. “É tudo semântica.”

Eu a perguntei, “Marta, porque está arrancando os dentes e pontos dos cadáveres?”

“A Marta os separa, é isso que a Marta faz aqui.” Ela coçou a cabeça. “Sim, Marta, nós fazemos...fios esticados e dentes são preciosos, podem ser convertidos em dinheiro. Limpe os corpos que trazemos, dizem para a Marta: Arranque dentes, pontos, coisas de dentro do corpo, deixe-os sem nada que nós os venderemos aos Dustman.” Um pensamento peculiar me veio à mente, de trás daquela barreira imaginária que escondia fragmentos das memórias das minhas vidas passadas.

“Você procura por coisas dentro dos corpos?” Pode cavar meu corpo para ver se encontra algo?” Ela me fintou.

“Hummm” Então concordou. “Marta pode fazer isso não pode Marta? Sim você pode.” Morte olhou para mim.

“Eu NÃO vou ficar vendo isso.”

“Aonde? aonde...” Marta me estudava, como se procurasse por um lugar mais apropriado para me abrir. Eu tinha uma premonição.

“Cheque os intestinos... pode ter algo lá.”

Deitei-me na maca, Marta ficou diante de mim, uma faca enferrujada estava pronta. Houve uma dor alucinante enquanto ela perfurava meu abdômen, então cortou-o para baixo brutalmente como uma serra, expondo minhas entranhas. Apesar da dor, observei em silêncio, ela tinha um fascínio mórbido enquanto explorava meus órgãos, cantando para si mesma...”

“Ah!” Senti uma dor absurda enquanto Marta levantava a maior parte de meus intestinos, sangue e outros fluidos escorriam como uma cachoeira. “veja isso, Marta, veja isso... eu to vendo, sim, corte lá, corte ali...” Marta fez uma pequena incisão ao lado do intestino, e ouvi um barulho de algo pequeno e metálico acertar o chão.

Marta colocou tudo de volta em mim, então abaixou, pegando objeto... um anel, parecia, e balançou para mim.

“Bonito, bonito hein Marta?” Ela acenou. “Sim, Marta, você não deveria engolir algo assim não, não não...”

“Obrigado... havia algo... mais?”

“Mais nada, mais nada viu. Marta? Deveríamos tentar em outro lugar Marta?”

Não-não- eu tinha outras perguntas... Quem te diz para remover todas essas coisas?

“Aquele porco gordo, manco de muletas, aleijado de muletas, não é verdade Marta?” Ela deu um estranho sorriso e acenou. “Sim, é ele mesmo, Marta...”

“Pharod? Aonde ele está?” Marta encolheu os ombros.

“Aonde ele está, ele pergunta? Ele está aqui, Marta, não é...?” Ela acenou. “Sim, Pharod está aqui, Marta. Em uma das construções aqui, ele está...”

Eu a deixei com seu trabalho, saindo pelo quarto da qual tinha vindo. Descobri que ainda estava no subterrâneo, mas em uma área mais aberta abaixo de Sigil. Havia pessoas o suficiente para constituir uma pequena vila, e logo passei a saber, que ali era chamado de Vilarejo Enterrado.

Fui até ele, notando as coisas pelo qual passava. Notei logo que apenas uma das casas possuía guardas na frente. Aquele devia ser o lar de Pharod.

Eu entrei audaciosamente, ignorando os guardas. No interior, apesar de muito maior que as outras casas que havia visto por ali, era um monte de lixo como no exterior da vila. Havia apenas uma pessoa dentro. Diante de mim estava um velho homem apoiando fortemente em sua muleta; sua perna esquerda era retorcida, como se tivesse tentado correr em duas direções ao mesmo tempo e pagado o preço. Sua pele tinha cor de verme juntava-se ao seu crânio e tinha focos de manchas de fígado. Ele estava murmurando e estalando os lábios enquanto seus olhos circulavam sobre o quarto.

Eu o chamei.

“Aha!” Os olhos dele saltaram quando ouviu minha voz. “Se não é o meu seguro monte de dinheiro que vem aos braços de Pharod novamente! Saudações, cadáver.” Ele fez um sorriso macabro. “Veio pedir outro passeio a Pharod pelos muros do Necrotério?”

“Pharod,eu vim para descobrir algo.Me foi dito que você sabe algo sobre mim.”

“Sei algo sobre você...? A luz no olhar de Pharod diminuiu. Ele me estudou,murmurando levemente enquanto seus olhos piscavam para cima e para baixo. “Cadáver...?Não?Sim?” Seus olhos encontraram os meus. “Ah!Não...”

“Olhe mais perto...Você sabe quem sou eu?”Pharod me estudava com um olhar mortal.

“Isso não é muito justo,cadáver.Não há tempo para jogos, não tenho temo para rolar a roleta...porque esta fazendo essas perguntas?” Eu não confiava nesse Pharod,e talvez uma mentira fosse uma estratégia melhor.Mas isso era muito importante,e com a intenção de ser direto, eu disse logo o que realmente queria.

“Eu esqueci quem eu sou, e me foi dito para procurar você. Que você saberia algo sobre mim.”

“Eh...”Pharod lambeu os lábios;eles faziam um barulho áspero, como de um pergaminho seco na areia. “Agora me fale quem te disse isso, Cadáver?”

“Bem,ninguém me DISSE isso exatamente.Tenho essas tatuagens nas costas...que me dizem para faze-lo,se me esquecer quem sou.”

“Ah...tão pouco, diz tanto...” Pharod ficou quieto, e subitamente, tive um pressentimento que Pharod me dissecava, como um cadáver numa maca no Necrotério. “Eu sei muito que você gostaria de saber.Muito, sim.Realmente muita coisa....”Pharod sorriu lentamente, as dobras na carne de seu rosto curvavam-se como uma cortina.

“O que você sabe sobre mim?”Pharod lambeu os lábios, então se apoiou em sua muleta como um abutre.

“Não, não...não de graça, para o que você pergunta.”Suas mãos pastosas batiam na ponta de sua muleta. “Posso te contar muito, mas isso tem um custo.”Pharod bateu com a muleta nas lajotas e zombou. “Essa vila não é tudo que existe enterrado abaixo da Praça dos Esfarrapados.”

“Câmaras,sepulcros,corredores...cheias de mortos, todos repousando em seus caixões.Em algum lugar nessas moradas,esta algo perdido, algo meu.”

“O que é?” perguntei resignadamente.

“Algo pequeno,uma bugiganga, uma ninharia...”Enquanto Pharod falava, sua palavras começaram a ecoar, como se duas pessoas conversassem...sabia que já havia ouvido-as antes....mas dos meus próprios lábios.

Terminei a frase, “...é uma esfera.Feita de bronze.Feia.Parece um ovo ao toque, e tem cheiro de creme podre. Correto?” Pharod fez um silêncio mortal por um instante, então acenou.

“Sim...quanto você esconde de mim cadáver?” Ele sorriu. “Você voltou para ver se lembrava se era isso que eu queria?”

“Porque você não manda um dos seus coletores para procura-la para você?”

“Porque os corredores não precisam de mais mortos dessa vila.” Pharod espirrou. “Forte, rápido, sagaz...são habilidades que o povo do vilarejo não tem. Eles descem- e não retornam.” Pharod olhou para mim. “Talvez os mortos recepcionem os seus próprios hein? isso é o que eu acho, cadáver.”

“Você sabe aonde esta essa esfera?”

“Ah...” O suspiro de Pharod era como areia escorrendo. “E porque você acha que peço para você procura-la, cadáver? Eu não sei AONDE ela esta. Sei que esta enterrada profundamente, muito mais do que qualquer um tenha ido.” Pharod espirou. “Deve estar nas catacumbas onde as águas vertem profundas, profundamente...”

“Muito bem... eu o farei. Mas quero saber o que significa essa tranqueira.”

“Existem muitas coisas passando na minha cabeça, cadáver.” Ele ergueu um dedo murcho. “Uma delas é essa porção de sabedoria: todos QUEREM algo, conhecendo o que querem ou não. Eu sei muito sobre você... muito que você vai QUERER saber...”

“Muito bem.” Concordei. “Eu irei encontrar essa esfera para você... em troca do que você sabe.” Eu me senti preso. Ele sabia algo sobre mim, e eu podia apenas esperar que ele as dissesse caso trouxesse a esfera comigo.

“Muito bem, trato feito, preço fechado...” Pharod bateu com as muletas fortemente contra a laje. “Uma esfera por uma espiada na minha mente. Agora- cadáver, não há tempo a perder. Vá para o portão ao sul e leste e diga aqueles tolos para abrirem para você passar- apresse-se, depressa.” Eu ainda tinha perguntas e ignorei o seu desejo de livrar-se de mim rapidamente.

“Uma vez ouvi uma historia de um Homem chamado Pharod. Rei dos farrapos.” Os olhos dele se arregalaram, apesar de não poder dizer se ele havia o feito ou se a pele de seu rosto dava essa expressão naquele momento.

“É mesmo? Sigil esta cheia de histórias, mas qualquer conto que fale sobre Pharod não pode passar despercebido por mim.” Ele olhou para mim com um ar de zombaria, e então sorriu. “Tornou-se um contador de historia não é mesmo cadáver?”

“É um conto estranho. Fala de um homem de posição e riqueza que tinha tudo, e descobriu que não tinha nada.” O semblante de Pharod congelou seu rosto, e seus olhos assumiram um brilho ardente.

“E você certamente deseja contar essa historia, cadáver? Talvez você não goste do jeito que ela termina, hein?” Eu ignorei sua ameaça implícita.

“O homem era tão mentiroso e traidor, que ele havia se encurralado. Ele descobriu que quando a morte viesse a ele, ela o levaria a um lugar horrível.”

O sorriso de Pharod sumiu, e ele lambeu os lábios. Ele parecia... assustado conforme eu continuava.

“Ele estava determinado a evitar tal destino, então ele desesperadamente procurou uma maneira de escapar dele, ele enganaria seu destino, como havia feito com tantos outros.”

O rosto dele se contorceu, como se ele tivesse engolido algo que não gostasse.

“Ele encontrou uma resposta... ou encontrou um lugar aonde procurar por ela. Lhe foi dito para procurar nos lixos de Sigil pelo que poderia liberta-lo de seu destino. Agora, Pharod... talvez você possa me contar como termina essa história.” O rosto dele tornou-se severo como se fosse rosar.

“Ela não TEM um final! Não para mim!” Eu observava enquanto o sangue subiu a sua cabeça. “Agora eu tenho uma historia para VOCÊ, cadáver!”

O dedo de Pharod me bateu, como uma chicotada de um cajado de um pastor.

“Um cadáver chega a corte de Pharod, cheio de manchas e promessas, afirmando que iria ENCONTRAR o que Pharod precisava. Mas ele irá manter sua palavra? Promessas são quebradas com muita facilidade, cadáver! Você irá negá-las? Diga que sim, significará que você mentiu para mim, e irá MORRER por causa disso!”

“Eu irei procurá-la, Pharod. Quando a encontrar, irei trazê-la a você. Nenhuma promessa foi quebrada.”

“Mentiras que levam os outros a morte são as piores que existem...” Pharod tapeava sua muleta, bufando levemente.

“Melhor manter sua palavra, cadáver, caso contrário os planos irão segui-lo como uma roda de moleiro.”

Eu tinha outra pergunta que ainda queria fazer antes de deixá-lo, apesar de suspeitar o que ele iria dizer.

“Ouvi dizer que você encontrou riqueza nos cadáveres, Pharod. De onde ela vem?”

“Um mago ensina como criar magias? Assim que é um coletor...” Pharod fez uma carranca, me estudando. “Talvez eu lhe diga... Mas deve prometer que ficará para você apenas.”

“O que eu escutar será mantido comigo.” Eu jurei, que me calaria enquanto Pharod vivesse, o que pelo jeito não seria muito mais tempo.”

“Muito bem...” Pharod bateu nas lajotas com sua muleta e zombou. “Essa vila não é tudo o que se encontra enterrado abaixo dessa Praça dos Esfarrapados.”

“Câmaras, sepulcros, corredores...” Pharod deu um sorriso débil, e seus olhos brilharam como ouro. “Lugares escuros como ébano, cheios de pedras que choram e preciosos mortos, todos dormindo em seus caixões. Dormindo...”

“De onde vêm todos esses mortos?”

Pharod me olhou com um semblante assimétrico.

Cadáver, cadáver... tudo morre. A vida é curta, mas a morte dura tanto, tanto tempo. Tantas pessoas, tantas mortes...” Seu olhar me atravessou. “Que desperdício suas mortes serem inúteis para os Dusties não é?” Pharod sorriu, gananciosamente.

“Nem todos os mortos que chegam ao Necrotério são levados para a fornalha cadáver. Os Dusties enterram alguns de seus mortos nas entranhas da cidade. Sobre a vila... tão próximas... tão perto... fica esse lugar. Eu seria um tolo se não visse essa oportunidade.

“Então você rouba as catacumbas dos mortos que os Dusties colocam, e os vendem para que os Dusties os enterrem novamente?” Pharod acenou, e deu uma risada leve - o som era como de uma areia escorrendo.

“Aqueles catacumbas são tão profundas quanto os bolsos dos Dusties.”

“E tão profundos quanto a ganância do homem.”

“Oh sim...”Pharod zombou. “E a ganância do homem é algo que vai ser levada em consideração quando nada mais houver certo?”

Eu ainda não conhecia nada sobre a Vila Enterrada, e decidi perguntar a ele enquanto ele estava sendo explicativo com relação a qualquer coisa que não fosse eu.

“Bem,agora, tem uma história...” Pharod lambeu os lábios de novo, depois encolheu os ombros. “ Mas para dizer a verdade, essa história me entedia.Resumindo? É um pedaço de Hive que foi destruído um dia, um pedaço da cidade que foi escrito no livro da morte.”

“O que quer dizer?”

“Conhece essas cabeças de cabra que ficam flutuando que servem a Dama, os Dabuss? Bem, não importa se conhece ou não, eles ficam arrumando,quebrando,enterrando, construindo o tempo todo.Entende?” Eu acenei, e ele prosseguiu. “Bom, como eu dizia... conforme eles iam reparando as coisas, e sendo velhos, esqueciam coisas, eles remendaram tanto uma seção que ela acabou se isolando do resto e ficou esquecida. Derrubaram um monte de lixo sobre ela,e logo,ninguém mais sabia que ela sequer estava lá.” Pharod sorriu. “ Cruel não?Uma parte de Sigil ser esquecida?”

“Como você a encontrou?”

Pharod tossiu. “ Eu ainda tenho meus olhos,cadáver, e ainda tenho ouvidos, e quando você tem senso suficiente para unir os dois, então encontrar as escuridões de qualquer natureza acabam não sendo tão difíceis de ser encontradas.”

Tendo satisfeito minha curiosidade em todos os pontos a não ser sobre mim, deixei Pharod em sua morada sombria. Decidi passar a noite na Vila Enterrada, sabendo que Marta permitiria que eu usasse seu abrigo para dormir. No próximo dia eu comecei cedo a busca para Pharod.Alem do mais, morrer não é algo que alguém se recupere da noite para o dia.

Círculo Interrupto de Zerthimon- Parte 1

Antes de dormir naquela noite, vi Dak´kon examinando uma pequena pedra responde. Para minha surpresa,ela parecia ser composta com uma serie de círculos interligados,ardilosamente anexados uns aos outros de maneira que o usuário pudesse dobra-lo de maneira compacto quando terminasse de usar. Eu imaginei se essa pedra representava para Dak´kon a mesma coisa que meu livro de feitiços representava para mim, e o permitia memorizar magias Githzerai. Eu o perguntei se podia me ensinar tais magias.

“SAIBA”, ele respondeu, “que o caminho seguido pelo meu povo, não possuem a mesma Arte que você CONHECE. Não é a energia que da a força. É o **conhecimento** próprio que o faz. Os ensinamentos de Zerthimon dizem tais coisas.”

“Você me ensinaria os ensinamentos de Zerthimon, Dak’kon?”

“Você SABE o que você pediu?” A textura da lâmina de Dak’kon fluiu, até que tornou-se como pedra. “Para trilhar o caminho de Zerthimon você deve conhecer sobre seu Povo. Tal CONHECIMENTO para aqueles que não pertencem ao Povo é algo muito difícil de aprender. Existem aqueles que não são do Povo que ouviram sobre o Caminho de Zerthimon,mas eles não o CONHECEM.”

EU estava intrigado com meu companheiro, e com esse Zerthimon do qual falava tanto. Eu estava ansioso para aprender mais sobre sua filosofia e, através dela, mais sobre Dak’kon.

“Dak’kon, eu quero CONHECER mais sobre o Povo e CONHECER os ensinamentos de Zerthimon. Eu creio que existe sabedoria a ser aprendida nesses ensinamentos.”

“SAIBA que eu ouvi suas palavras, e irei testa-las.Para aprender, você deve CONHECER sobre o Povo.Para CONHECER o Povo, você deve CONHECER o Circulo Interrupto de Zerthimon.” Dak’kon ergueu a pedra em forma de disco em sua posse e seus dedos aracnídeos engancharam em suas laterais.Houve um clique, e as placas do Circulo mudaram para um novo formato. Ele reverteu o movimento, selando a pedra. “SAIBA que o Primeiro Circulo de Zerthimon esta aberto para você. Estude-o, então irei ouvir seus comentários.”

Eu peguei o Circulo Interrupto de Zerthimon de Dak’kon. Eu copiei os gestos que Dak’kon fizera sobre o Circulo, e as placas moveram-se ao meu toque, os anéis mudaram novamente de forma. Sobre esses anéis havia uma serie de símbolos; as escritas não eram como nenhuma outra que eu havia visto; era uma serie de formas geométricas intercaladas, com círculos predominantes. Apenas olhando-a, eu CONHECI os símbolos e SABIA que podia ler eles.Mais uma vez usei o conhecimento que possuía, mas não lembrava como havia adquirido-o. Li o primeiro circulo.

“SAIBA que somos o primeiro Povo.”

“No inicio tudo era Caos. O Primeiro Povo foi retirado desses pensamentos do Caos.Quando eles passaram CONHECEREM a si mesmos, eles não eram mais Caos, e tornaram-se Carne.”

“Com seus pensamentos e CONHECER da matéria,o Povo moldou o Primeiro Mundo e habitou nele com seu CONHECIMENTO para sustenta-lo.”

“Contudo a Carne era nova para o Povo e com isso, o Povo passou DESCONHECER a si mesmos. A carne deu origem a novos pensamentos.Ganância e ódio, dor e prazer,ciúmes e duvidas.Tudo isso alimentou uns dos outros e a mente do Povo foi dividida.Com essa divisão, o Povo foi punido.”

“As emoções da carne eram fortes. Aquelas ganâncias e ódios, dores e prazeres, os ciúmes e duvidas, tudo isso serviu como guia para seus inimigos. Ao tornarem carne, o Primeiro Povo tornou-se escravo daqueles que CONHECIAM a carne apenas como ferramentas de sua vontade. SAIBA que essas bestas eram os Illithids.”

“Os Illithids eram uma raça que não passaram a se CONHECER. Eles haviam aprendido a fazer com que outras raças não se CONHECESSEM a si mesmas.”

“Eles possuíam tentáculos. Eles eram de carne e viam a carne como instrumento de sua vontade. Seu sangue era como água e eles moldavam mentes com seus pensamentos. Quando os Illithids atacaram o Povo, eles não eram mais um povo. Haviam tornado-se escravos.”

“Os Illithids levaram o Povo do Primeiro Mundo e os levaram para os Falsos Mundos. Enquanto o Povo trabalhava nesse Falso Mundo, os Illithids os ensinaram o Caminho da Carne. Através dele, o Povo passou a CONHECER a perda. Passaram a CONHECER o sofrimento. Passaram a CONHECER a Morte, tanto do corpo quanto da mente. Eles passaram a SABER como é pertencer aos outros e ter sua carne consumida. Eles passaram a CONHECER o horror de serem feitos para sentir prazer em tais coisas.”

“O Circulo interrupto é o CONHECER de como o Povo se perdeu. E de como eles passaram a se CONHECER novamente.”

Falei com Dak'kon sobre o que havia lido. Ele perguntou o que eu havia APRENDIDO. Eu sabia que ele não se referia a historia superficial e de como os Illithids escravizaram seu povo, mas sobre a mensagem por detrás dela.

“A Força esta em CONHECER a si mesmo. Aprendi que uma vez que alguém não se CONHECE, ela se perde. Ela se tornam objetos para outros.”

“Você passou a CONHECER o primeiro Circulo de Zerthimon. Você não apenas viu as palavras de Zerthimon, você passou a CONHECE-LAS.” Dak'kon ergueu o Circulo e agarrou suas laterais. Houve um clique, e suas placas assumiram outro formato. Ele reverteu o gesto, selando a pedra. “Saiba que o Segundo Círculo de Zerthimon está aberto para você. Estude-o, então irei ouvir suas palavras.” Eu li o segundo Círculo.

“SAIBA que a Carne não pode marcar o aço. Saiba que o Aço pode marcar a carne. Ao SABER disso, Zerthimon tornou-se livre.”

“SAIBA que os possuidores de tentáculos eram de Carne. Eles dependiam da carne e as usavam como ferramentas de suas mentes. Um dos lugares aonde a carne servia sua vontade eram os Campos das Cascas no Mundo Falso dos Illithids.”

“Esses Campos era aonde os corpos do Povo eram jogados depois dos Illithids consumirem seus cérebros. Quando o cérebro havia sido devorado, as cascas passaram a serem fertilizantes para crescer nas gramas envenenadas dos Illithids.

Zerthimon trabalhou nos Campos sem CONHECER a si mesmo ou no que havia se tornado. Ele era um instrumento da carne, e a carne tinha conteúdo.”

“Foi sobre esses Campos que Zerthimon passou a CONHECER as escrituras do aço. Durante uma de suas viagens, enquanto ele lavrava os Campos com suas mãos, ele encontrou uma casca que ainda mantinha um cérebro nela. Ela não havia sido usada como alimento. Contudo estava morta.”

“O pensamento de que uma delas havia morrido sem ter se tornado alimento para os illithids era algo que Zerthimon tinha dificuldade de entender. Daquele pensamento, veio um desejo de CONHECER o que havia acontecido com a casca.”

“Incorporada não crânio da casca estava uma lamina de aço. Ela havia atravessado o osso. Zerthimon percebeu que fora aquilo que havia matado a casca. O aço havia penetrado a carne, mas a carne não havia marcado o aço.”

“Zerthimon pegou a lâmina para estudar sua superfície. Nela, ele viu seu reflexo. Foi no reflexo do aço que Zerthimon passou a se CONHECER. Sua lâmina era afiada, sua vontade era como de seu usuário. Era a lâmina que seria erguida contra Gith quando Zerthimon fez o Pronunciamento dos Dois Céus.”

“Zerthimon manteve a espada por muito tempo, e foram muitos os pensamentos que teve com ela. Ele a usou nos campos para auxiliá-lo em seu trabalho. Ao usá-la, ele pensou em como ela não estava sendo usada.”

“Os illithids eram poderosos. Zerthimon acreditava que não havia nada que eles não SOUBESSEM. Contudo os Illithids nunca haviam usado instrumentos de Aço. Eles usavam carne como objeto. Tudo era feito através da carne, pois aqueles seres com tentáculos eram feitos de carne e CONHECIAM apenas ela. Contudo aço era superior a carne. Quando a carne havia matado aquela casca, foi a carne que havia sido mais fraca que o aço.”

“Foi então que Zerthimon passou a SABER que a carne sucumbia ao aço. Ao SABER disso, ele passou a SABER que o aço era mais forte que os Illithids.”

“Aço tornou-se a escritura do Povo. SAIBA que através do aço que o Povo passou a conhecer sua liberdade.”

Novamente, quando terminei Dak'kon me perguntou o que eu havia aprendido.

“Eu aprendi que ao NÃO SE CONHECER algo pode ser tornar um instrumento, assim como a carne ou o aço, se você encontrar algo assim, você pode CONHECER sua natureza e como ela é.”

“Você viu as palavras e o que está além delas. Você passou a CONHECER o Segundo Circulo De Zerthimon.” Ele pegou o círculo e com um gesto hábil, ele torceu um dos eixos na placa- mas estranhamente ela parecia intacta. Ele me deu a placa. “medite sobre esse ensinamento, e seu CONHECIMENTO lhe trará força. Quando você puder absorvê-lo, você SABERÁ mais.” Percebi que ele havia me dado um equivalente a um pergaminho Githzerai, que eu seria capaz de copiar no meu livro de magias. Ele também abriu o terceiro círculo de Zerthimon para mim. Havia esquecido do meu cansaço, senti o estudei.

“Zerthimon elaborou muitas possibilidades para o Illithid Arlathii Falecido Duplamente e sua parceria em seus céus cavernosos dos Mundos Falsos. Seus deveres teriam quebrado as bases de muitos outros, mas Zerthimon trabalhou nisso, sofrendo tormento e exaustão.”

“Sendo que o Illithid Arlathii Falecido Duplamente ordenou Zerthimon diante de si em suas inúmeras galerias cheias de nervuras. Ele alegou que Zerthimon havia cometido deslizos de obstinação e covardia contra a sua parceria. Tal afirmação não possuía veracidade, pois Arlathii apenas desejava SABER se existiam chamas no coração de Zerthimon. Ele desejava CONHECER o coração de Zerthimon era um escravo ou um rebelde.”

“Zerthimon rende-se às punições dos illithids ao invés de revelar sua nova força encontrada. Ele SABIA que se mostrasse o ódio em seu coração, isso não serviria de nada, e iria ferir outros que se sentiam como ele. Ele escolheu resistir às punições e foi colocado nos Pilares do Silêncio para que pudesse sofrer por um bom tempo.”

“Acoitado nos Pilares, Zerthimon destinou sua mente em um lugar onde a dor não poderia alcançá-lo, deixando o corpo para trás. Ele durou um bom tempo, e quando foi levado diante de Illithid Arlathii Falecido Duplamente, ele foi grato por sua punição. Ao fazê-lo, ele provou-se um escravo para os olhos dos Illithids enquanto seu coração permanecia livre.”

“Ao resistir e esfriar as chamas de seu ódio, ele permitiu que Illithid Arlathii Falecido Duplamente achasse que ele era fraco.Quando surgiu o tempo de se erguer, Arlathii foi o primeiro Illithids que passou a CONHECER a morte pelas mãos de Zerthimon e morreu sua terceira e final morte.”

Considereei essa mensagem do terceiro circulo por um tempo, e percebi que sua essência podia resumir-se ao que eu havia ouvido Dak´kon dizer uma vez. Eu lhe disse que havia passado a CONHECER o terceiro circulo.

“Resista.Ao resistir, fortaleça.”

As palavras ditas pareciam acertar Dak´kon estranhamente... enquanto eu as dizia, a testa enrugava, então reassentados em sua expressão passiva normal. Ele me deu outra “magia” Githzerai, desbloqueada de alguma maneira do circulo. Imaginei se havia mais a se aprender.

“Muito bem... há algo mais que possa me ensinar?”

Enquanto perguntava a ele, subitamente notei que Dak´kon não estava olhando para mim. Ele estava segurando o Circulo Interrupto em suas mãos, estudando-o. Sua lamina havia assumido a mesma textura do Circulo... e Dak´kon subitamente parecia mais VELHO de alguma forma.

“Dak´kon?” perguntei, preocupado.

Os olhos negros de Dak´kon ergueram-se para olhar diretamente para mim.

“SAIBA que eu não acreditava que você pudesse passar a CONHECER os ensinamentos do Circulo.É um...caminho difícil de se trilhar ate o Caminho de Zerthimon. Sua mente esta focada nesse assunto?”

Quando lhe assegurei que sim, ele abriu o quarto circulo para mim. Eu observei o que estava diante de mim, que falava de um traidor para seu povo.Mas já era tarde, e eu não podia ver o que a historia desse traidor podia dizer sobre os Githzerai.Decidi voltar a estudar mais tarde novamente.

CATACUMBAS DAS PEDRAS QUE CHORAM

No próximo dia entrei nas catacumbas. Rostos de pedras estavam inseridos nas paredes.O fluir da água deixava traços abaixo dos olhos dessas faces, então realmente parecia que elas estavam chorando.

Começamos a examinar os túmulos a esquerda da entrada. Encontramos primeiramente com vampiros, comedores de carne morta e torpes.Então encontramos crânios de ratos.Realmente é verdade que quando estão em conjunto eles podem usar magias.Também encontramos alguns vargoilles, que são algo como um par de asas anexadas a um crânio de humano.

Encontramos alguns tesouros nos túmulos,mas nada de grande interesse.Já pela metade do dia já havíamos visto quase tudo a esquerda da entrada, e decidi tentar a sorte do outro lado.

Estávamos andando por outro corredor imundo quando uma dos rostos nas pedras retorcidas nas paredes me chamou com uma voz que parecia uma colisão de pedregulhos.

“Imortal...Me cumprimente.Eu sou...Glyve.EU gostaria de....falar com você.”Por mais chocado que estivesse por ser chamado por uma pedra, eu estava ainda mais chocado pelo conhecimento que ela tinha.

“Como você sabe que eu sou imortal?”

“Entendo...um propósito intrépido....no seu interior. Vejo...muitas coisas no cair....de pó desses.túneis. Lhe falta....algo essencial... e isso lhe impede....do doce abraço da Morte.”

“O que você quer falar para mim?”

“Ouça:Esse lugar contem...muito perigo para você.Traição lhe aguarda....na superfície... e seu caminho é longo e tortuoso. No final dele....você encontrara...o que você procura...mas você pode não...querê-la.” Eu imaginei como ela podia saber disso.

“Você é algum tipo de adivinho?”

“Adivinho?Não...eu observo.Isso é tudo.”

“Nesse caso,talvez possa responder algumas perguntas que tenho...”

“O que....você quer....saber?”

“Conte-me sobre você. Como você chegou a essa situação?”

Eu fui um dia...um líder respeitado...da minha comunidade...na Ala Inferior.Um pequeno lorde...procurava aumentar seu poder...aos custos do meu povo...dos meus amigos....parentes.... e eu falei ...contra ele.”

“E então...ele nos capturou...um a um... e limitou nossos espíritos e sentidos...nesses rostos gritantes...sobre a Vala...aonde toda a podridão de Sigil...vem eventualmente.E então...ele deixou que a água poluída acima...fluisse através de nossas bocas... e narizes....e olhos.” Eu senti pena de Glyve. Esquecido, sozinho, condenado a uma existência interminável. Minha oferta veio em seguida.

“Posso fazer algo para ajuda-lo?”

“Estou amaldiçoado a....permanecer aqui até que...água pura passe pelos meus lábios...Existe um....cálice de água mágico...nas Nações Afogadas.Traga-o para mim... e deixe-me prova-la.... e irei lhe contar....de alguém...que possa ajuda-lo a despertar...seu potencial máximo...e você nunca mais precisará...nunca lhe faltará água...novamente.”

“Através das Nações Mortas...onde os mortos andam...e governam...ou através do Viveiro dos Pensamentos...Onde Muitos como um se mantém...nem sem os seus....riscos.” Eu entendi que ele se referia a uma área onde os mortos governam, como os vampiros que havíamos encontrado, ou a região onde os ratos predominavam.

“O que você pode dizer sobre as catacumbas ao nosso redor?”

“As catacumbas foram esculpidas... há uma eternidade atrás...para a casa da cidade dos mortos...que não desejam...a tenra administração dos Dustman. Eles se tornaram...o chão rejeitado da cidade...onde habitam monstros raramente vistos...onde humanos perambulam como...varredores dentre varredores.Muitos como Um patrulha esses tuneis... e voltou muitos contra suas ...naturezas.As Nações Mortas...perambulam assim como...guardam contra...as depredações dos...humanos...que vem junto com eles.”

Nós deixamos o rosto de pedra para trás, seguindo em frente. O túmulo no final de seu corredor continha nada além de armadilhas, então demos meia volta, e tentamos outro caminho. Encontramos outro túmulo cheio de armadilhas, mas uma surpresa me aguardava em um corpo de um dos Varredores de Pharod.

Era um braço... decepado... tão endurecido quanto um porrete de madeira. Parecia que havia sido decepado diretamente do ombro (mais provavelmente por uma foice), e mesmo assim parecia ter muitas décadas, e estava mais petrificado do que apodrecido. Ele tinha uma palidez cinzenta insalubre e estava coberto de cicatrizes. Tatuagens complexas cobriam a superfície do braço, desenhando uma espiral desde o pulso até o que sobrava do ombro.

Sobre inspeção mais próxima, eu soube de fato que o braço era meu. Por quanto tempo ele estava esperando por mim era o que todos tentavam adivinhar.

Lembrei-me de Barkis, o barman do Bar do Cadáver Flamejante, mencionando um salão de tatuagens próximo do bar. Ele havia dito que o proprietário lidava com tatuagens especiais. Ele podia saber algo sobre aquelas em meu braço. Ele podia até mesmo ter feito-as. Achei aquilo importante o suficiente para interromper a busca de Pharod por um momento.

O salão não era difícil de se encontrar, praticamente ao lado do bar. Entrei sozinho. As memórias que se alongavam por alguns dias, e eu já sabia sobre ter cuidado. Não tinha certeza quanto a confiar em Morte, e se eu ia encontrar algo mais sobre meu passado, decidi o que contar aos meus parceiros.

Quando entrei, vi uma criatura alta com um cabelo branco chocante. Tinha um tom esverdeado, e um par de chifres de cabra sobressaltava de sua testa. Vestia-se com uma longa manta natural. Eu percebi que procurava por um Dabus, apesar de que esse era o primeiro que via e que não estava flutuando.

Eu o cumprimentei. O Dabus aguardava pacientemente, com as mãos enfiadas nas mangas. Uma série de símbolos se materializava sobre sua cabeça, então se dissipavam e uma marca de interrogação aparecia. Percebi que ele falava em figura de linguagem, logogrifos.

Fiz a ele algumas perguntas, tentando me adaptar as formas que apareciam sobre sua cabeça. Ele era extremamente paciente através dessa “discussão”, me dando frases simples para traduzir. Depois de alguns minutos, comecei a me adaptar a eles... parecia que já havia feito isso antes.

Eu ia perguntar seu nome, mas eu percebi que já sabia como se chamava-seu nome era Fell. Como se respondesse, o Dabus inclinou a cabeça levemente, e um único símbolo apareceu diante de sua cabeça. Estava turvo no início, então virou uma massa oval de relâmpago negro sobre ela.

“Sinto que já te conheço, Fell.” Fell inclinou a cabeça reverentemente, e uma série de símbolos girou sobre sua cabeça, girando em sentido horário, e então no sentido anti-horário. Demorei um pouco para traduzir.

(Essa é a primeira vez e não é a primeira vez que você vem a esse lugar.).

Perguntei se ele sabia quem eu era. Outra série de símbolos materializaram rapidamente e focaram-se sobre sua cabeça. Sua tradução foi tão rápida quanto à formação dos símbolos em si... Como se eu já houvesse traduzido aquela mesma sequência muitas vezes antes.

(Sim. Mas não tenho permissão de lhe contar sua história).

Ótimo. Eu perguntei porque não. Durante um instante não houve resposta por parte dele, então uma sequência de logótipos apareceu, como se fugissem de sua mente.

(Perdão, não posso. EU não posso mudar a natureza de um homem) Não sei o porquê, mas a última sentença me fez sentir um gélido calafrio subir pelas minhas costas.

“Natureza do homem? O que isso quer dizer?” Os símbolos sobre sua cabeça quase imitavam os anteriores.

(Perdão, não posso dizer) Tanta coisa para aquilo.

“O que é esse lugar?” Uma lenta série de símbolos se materializaram sobre a cabeça de Fell... esses me tomaram um tempo até que pudessem ser traduzidos, começando com sentenças simples, então mudando repentinamente o padrão utilizado de cores.

(Aqui é aonde eu tatuo cor e vida sobre a carne e ossos.).

“Pode me dizer algo sobre essas tatuagens em meu corpo?” Fell estudou meu corpo um instante, andando ao meu redor. Ele copiava cada símbolo que examinava, e voltava a me olhar.

(Eu os conheço. Nenhum deles foi feito por mim) Perguntei se podia me dizer algo sobre algum deles. Fell acenou, com símbolos que surgiam como vagalumes.

(Os escritos nas suas costas foram escritos com uma mão cuidadosa e de maneira que uma mente esqueça-se delas por si só. O símbolo no seu ombro esquerdo é a marca do tormento.).

“Tormento?” Os símbolos tomaram forma, ganhando extremidades que eram quase dolorosas de se olhar.

(É o Tormento em si. É aquilo que faz com que todas as almas atormentadas sejam atraídas por você.) Fell acenou para meu braço esquerdo, e para meu ombro. (A Carne lembra-se do sofrimento mesmo quando a mente esquece. Sendo você esta sempre vestindo a sua runa.) Agora o que eu havia trazido comigo.

“Você fez as tatuagens que estão nesse braço desmembrado que encontrei Fell?” Fell o examinou-o por um momento, tateando os padrões com seus dedos. Ele olhou para cima, e uma série de símbolos se formou nebuloso inicialmente, então se focou nele.

(O braço é seu. As tatuagens são minhas. Uma das tatuagens conta sobre uma época onde você dividia seu caminho com outros quatro.).

“Quem eram esses quatro?” Quatro fileiras de símbolos giraram sobre sua cabeça, combinando com os símbolos do braço desmembrado.

(Ela conta sobre os quatro. Devo lhes relevar seus corações?) Eu gesticulei para que prosseguisse. Os símbolos giraram diante de mim, e eu os identifiquei.

(Uma desgostava daqueles que amam aquele que não ama.).

(Um que não vê o que os outros enxergam e vê o que outros não veem)

(Um que é familiar e segue com seu dever.).

(Um que está acorrentado e cujas algemas são suas palavras.).

Depois de terminar a tradução, as quatro linhas pareciam se alinhar, e juntaram-se em uma corrente... essa corrente pendeu até que tornou-se o símbolo que reconheci, o símbolo do tormento em meu braço.

“Você mencionou haverem outras tatuagens em meu braço? Que outras?” Fell as examinou novamente, Tateando as mais apagadas sobre sua superfície. Quando o fez, cada um dos símbolos apareceu diante de sua cabeça, nebulosas inicialmente, e depois mais claras. Ele virou-se para mim.

(Algumas esquecidas, agora lembradas. Você pode usá-las novamente se desejar.).

O talento especial de Fell lhe permitia fazer tatuagens mágicas, que podiam ser usadas e retiradas conforme preferissem. Além de seu estoque de tatuagens pré-prontas, descobri que ele podia fazer novas tatuagens baseadas nas minhas experiências e do braço desmembrado que eu havia trazido. Ele me mostrou com sua maneira de linguagem as tatuagens que Haia criado baseando-se em meu braço, e as explicou para mim.

Uma tatuagem que ele chamava de Tatuagem da Encarnação Perdida falava de experiências de uma de minhas encarnações prévias... os símbolos e contos não me pareciam familiares, mas pareciam contar sobre um tempo em que eu estava perdido e abandonado as ruas de Hive, meramente capaz de me manter em PE com roubos e furtos daqueles que encontrava.

Os crimes que essa encarnação perdida havia cometido eventualmente o levaram a procurar refúgio nas Catacumbas das Pedras que Choram, onde ele sobreviveu por quase um ano.

Outra, a Tatuagem das Escuridões Desperdiçadas, da mesma época, contada quando eu procurava abrigo abaixo das ruas e era forçado a viver como uma sombra, me escondendo da luz das autoridades de Sigil e tentando-me conciliar entre os muitos habitantes das Catacumbas das Pedras que Choram.

A última delas foi a Tatuagem das Pedras que Choram, quando essas eram meu segundo lar. Dizia a respeito da minha vida abaixo das catacumbas, vivendo na escuridão, e passando a entender o porquê das pedras ali chorarem.

Examinei suas outras tatuagens um instante, e resolvi voltar e comprar quando tivesse algum dinheiro a mais. Do lado de fora, me reuni com os outros. Tipicamente, Morte teve que fazer uma piada.

“Eu sabia que você voltaria chefe! Finalmente percebeu que precisa de mim hein?” Fiquei quieto devido ao que havia aprendido ali dentro, mesmo que em pequena quantidade.

NAÇÕES MORTAS

Depois de outra noite no hotel, voltamos até a Vila Enterrada e então as Catacumbas. Enquanto explorávamos, começamos a encontrar guerreiros zumbi, e corpos de esqueletos guerreiros, na verdade, esqueletos que haviam tornado-se guerreiros apenas após vivarem apenas ossos secos. Achei que estávamos nos aproximando das “nações Mortas” da qual o rosto na pedra havia nos dito, e apressei o passo, sabendo que havíamos entrado numa área ainda não explorada por Pharod.

Nós abrimos uma porta, e paramos surpresos. Um grande número de mortos vivos nos aguardavam. Um deles, um esqueleto com um manto e um cajado extravagante falou.

“Pare! Você chegou muito longe, viajante, e transpassou as Nações Mortas, domínio do Rei Silencioso! Você ira submeter-se pacificamente?”

“Submeter a o que?”

“Essa é a vontade do Rei Silencioso que todos que passem pelos portões de nossa nação tornem-se prisioneiros dessas terras. Ira se submeter?”

Eu não tinha certeza se podíamos contra aquele numero todo em nossa frente. Alem disso, enquanto estivessem conversando, era possível que eu conseguisse aprender algo útil. E concordei em aceitar.

“Vamos então... Iremos mostrar a Capela. Saiba que: você é livre para vagar por essas moradas, mas não pode deixar as catacumbas. Você será prisioneiro daqui ate sua morte; se você se erguer depois da morte como nós fizemos, estará livre. Louve o Rei Silencioso, que sua vontade seja feita.”

Eles nos levaram através de varias passagens, para uma capela antiga. De lá, outra passagem levava a um quarto. Para minha surpresa, o quarto em que nos deixaram tinha mais uma outra pessoa viva. Alguém que eu conhecia, que me cumprimentou.

“Ah, outro membro dentre os vivos. A maioria é morto pelos vampiros, nessa distancia da catacumba; você tem sorte.”

“Você é Soego, do Necrotério. O que esta fazendo aqui?”

“Sua memória é fiel. Não estou mais situado no Necrotério... ao invés disso, me tornei um missionário dessa região.”

“Missionário?”

“Sim, vim para essas catacumbas depois de ter ouvido rumores de mortos que tinham ciência desse lugar. Espero salvá-los. A paixão os amarra a esta vida falsa. Espero poder ensina-los a abandonar essas paixões e deixar essa vida falsa para trás e alcançar a Morte Verdadeira.”

“Você quer que morram?”

“Eu quero que transcendam desse plano de existência, divorcia-los das paixões. Isso pode salvá-los.” Assim que me virei para buscar algum lugar onde descansar ele me parou.

“Um momento do seu tempo antes que vá. Não ataque nenhum morto vivo nessas catacumbas; eles não irão feri-lo enquanto você se manter pacífico. Se você se tornar hostil eles irão se defender, e eles são... muitos.”

Havia muito pouco a ser analisado naquele quarto, apenas uma maca de metal onde sentei. Percebi que deia ser ali que Soego dormia. Olhando para o lado da mesa onde meus pés pendiam eu vi um painel do lado que estava entreaberto. Imaginando que Soego usava aquilo para guardar seus objetos, eu resolvi checar quando ele não estivesse por perto. Lembrei-me de suas ações suspeitas no Necrotério, e me perguntei se o que ele havia me dito com relação aos seus motivos por estar aqui serem verdadeiros.

Mas chega de Soego por enquanto. Deixei o quarto, procurando pelo esqueleto que nos dissera para entrar. Eu o encontrei na capela que havíamos passado agora a pouco. Ele usava o que pareciam serem mantos

antigos de padres, pesados e decorados. Ele levava um impressionante cajado grande, que foi tampado com chifres esculpidos, pingentes pendentes, e um crânio dourado.

Fui até ele, para chamar sua atenção. O esqueleto possuía olhos que ardiam como duas brasas acesas, que me olhavam...mas não respondiam. Eu perguntei se ele era o Rei Silencioso cujo nome havia me aprisionado.

Ele negou com a cabeça, com uma graça estranha e apontando para leste. Em seguida, ele virou-se para mim mais uma vez.

Perguntei se podia falar com o Rei Silencioso.

Ele ergueu sua mão cadavérica. Com um gemido rangente e uma nuvem de poeira, suas mandíbulas abriram-se para falar: “Não.” Sua voz era profunda e ressoante, ecoou por muito tempo depois de ser ouvida pela cripta sepulcral.

“Mas porque não?” Sua voz estourou sobre a cripta.

“Nenhuma criatura viva deve passar pelas portas que levam ao seu quarto onde fica seu trono; e nem assim eu permitiria uma audiência diante dele. Você não ira vê-lo.”

Vendo que essa linha de diálogo não daria em lugar algum, tentei outra alternativa, perguntando por que eu havia sido aprisionado. O esqueleto respondeu com uma voz ecoante.

“Essa é a vontade do Rei Silencioso. Os vivos que são pegos aqui são obrigados a permanecer em sua morada até que se juntem aos mortos.”

“Ele pode ser convencido a fazer o oposto?” Depois de um curto silêncio, suas mandíbulas pronunciaram-se.

“Duvidosamente, mas talvez. São misteriosos os caminhos do Rei Silencioso.”

“O que posso fazer para convencê-lo?”

“Primeiramente, gostaria de saber por que esta aqui.” Respondi honestamente, já que acreditava não haver motivos para o esqueleto se importar em eu procurar uma esfera de bronze, a qual ele balançou a cabeça.

“Eu não vi tal objeto. Porque procura por tal artefato?” Expliquei que era para um homem chamado Pharod, que causou um pequeno problema.

O esqueleto recuou. Ele olhou para cima, como se espiasse a superfície.

“Ainda corre sangue naquele coração negro? Aquele saco de carne débil ainda envia seu bando para nos pilhar e roubar nossos lares.” Ele me encarou mais uma vez. “Você errou em vir aqui... nós não toleramos tais profanadores dentro de nosso antro.” Comecei a falar, reconsiderando, e continuei, sem dar desculpas.

“o que você pretende fazer então?”

“Nós iremos executá-los, conforme a lei do Rei Silencioso. Saqueadores não tem permissão para viver aqui.” Respondi com a primeira coisa que me veio à mente, que eu havia pensado desde o momento em que nos foi dito que permaneceríamos aqui até o dia de nossas mortes.

“Mas eu não posso morrer.” Ele me olhou nos olhos antes que respondesse algo.

“Isso não é problema. Irão permanecer aqui, sobre o olhar do Rei Silencioso, por toda a eternidade. Talvez um dia você ira ver a loucura dos teus caminhos, e poderá fazer um esforço para ser de utilidade para a nossa civilização.”

Decidi procurar ao redor dessas Nações Mortas antes de continuar a conversa, ou de fato, de como iria partir.

Encontrei três tipos de mortos vivos nas moradas.

Os primeiros eram esqueletos, que apesar de estarem naquele estado há muito tempo, pareciam manter suas habilidades enquanto vivos, e algumas poucas memórias. Um dos esqueletos com quem falei começou a tagarelar quando perguntei por que eu havia sido aprisionado. O esqueleto tocou o queixo, inclinando seu crânio ligeiramente para cima.

“Os vampiros podem se alimentar de todos que sejam encontrados roubando as catacumbas”. O Rei Silencioso sentiu que seria melhor deixar outros intrusos-aqueles que são pegos vagando são feitos prisioneiros, assim como você definham aqui, para cair em nossos cuidados, ao invés de serem devorados pelos vampiros. Você pode querer falar com Hargrimm, nosso alto sacerdote- é ele quem fala com o Rei Silencioso.

Ah, então Hargrimm deve ser aquele que deu ordem para nos prender. Pelo agora eu tinha um nome. Perguntei sobre Hargrimm e sobre o Rei.

“Hargrimm, nosso alto sacerdote. É ele quem fala com o Rei, e nos transmite suas leis e palavras. Ele esta aqui, na câmara que precede o trono do quarto do Rei.”

Nosso senhor e mestre é chamado assim porque ele fala apenas em situações que são realmente necessárias.” O esqueleto gesticulou enquanto falava, suas juntas velhas faziam barulho e saltavam enquanto o fazia. “Pergunte a Hargrimm, nosso alto sacerdote, dele. Ele pode dizer mais a respeito.”

Perguntei sobre os tipos de mortos vivos que habitavam ali. O esqueleto apontou.

“Nós somos os mais velhos mortos vivos aqui, os mais livres da carne. Nós fazemos um esforço para servir como guias e mentores para os outros, mantendo a comunidade saudável.”

“Os zumbis são fortes, mas possuem corpo e mente lentos, eles mantiveram grande parte de sua humanidade -e de suas emoções- se comparados a nós. Eles servem a comunidade como trabalhadores, operários, sobre a vigia de Stale Mary, a mais cuidadosa e inteligente deles.”

“Stale Mary é lenta, mas cuidadosa, e sabia. Ela age como uma mãe de alguma maneira para os outros zumbis. Ela pode ser encontrada na câmara a oeste de onde você veio antes de entrar nas Nações Mortas.”

“Os vampiros são fortes, violentos, e criaturas vorazes liderados por sua matriarca medonha, Acaste. Eles servem a comunidade- As Nações Mortas- como guardas... mas são elementos instáveis. O medo dos números de outros mortos vivos, e do Rei Silencioso, os mantém reféns. Sem nosso grande senhor para comanda-los, nós... assim como nossas taxas... podem ser vitimas deles, um dia.”

Eu o perguntei o que quis dizer com taxas.

“Os silenciosos... os mortos que nada fazem alem de dormir. Nós os protegemos, cuidamos para que descansem.”

“Quem iria perturba-los?”

“Muitos.” Ele os cutucou com os dedos empoeirados amarelos enquanto falava. “Famintos, vampiros incontroláveis, ratos, e a maioria dos... vivos. Aqueles que vem da Vila Enterrada- servos de um homem chamado Pharod- frequentemente descem nas catacumbas das Nações Mortas, perturbando os silenciosos. Eu não sei por que, nem me importo... minha única preocupação é parar seu trabalho imundo.”

Os zumbis eu mal podia entender; aparentemente eles ainda tentavam fazer seu suas cordas vocais físicas funcionarem, pois não haviam aprendido a falar como as caveiras sem a falange e laringe.

Aproximei-me de um vampiro sem hesitar. Sua salivação, amarelada cheirava a sangue e carniça. Ele pegou suas presas, com garras curvadas, imundas e longas, constantemente cheirando o ar ao seu redor. Sua carne havia se tornado esverdeada, e estava coberta de feridas e apodrecimentos.

“Eh...” Morte comentou quando me aproximei, “não sei se você quer falar com essa... coisa.”

“Porque não Morte?”

“Um dia eles foram humanos... eles, ou seus ancestrais, deleitaram-se em cadáveres, e é isso o que se tornaram. Um monte de coisas nefastas chefe... eles são um pouco mais do que animais, de verdade. Animais perigosos.”

Tentei falar com o vampiro, mas Morte provou que estava certo. Ele não respondia, e parecia que mal era capaz de se controlar para não me atacar.

Continuei falando com o esqueleto que encontramos, já que pareciam ser os únicos capazes de ser de alguma ajuda. Falei com um que parecia considerar o discurso de Soego sobre a Morte Verdadeira. Ai estava uma oportunidade boa demais para se perder.

Voltei rapidamente até Soego para contar sobre um esqueleto que estava considerando sobre a Morte Verdadeira. Soego foi ate ele.

Assim que ele saiu do quarto, eu espiei a lateral do painel da maca de metal. Dentro encontrei um livro. Aquele livro era de fato um diário de Soego. Ele detalhava uma ocasião onde fora atacado por um homem rato, sua eventual regressão na licantria, e sua chegada ao Necrotério depois de ter voluntariamente matado e devorado um amigo. Procurando por um local para se esconder, ele chegou até Viveiro de Pensamentos e concordou em servir Muitos como Um, Hive continha um ninho de ratos cranium reunidos ali. Ele estava agora nas Nações Mortas para espionar os mortos vivos de Muitos como Um, que esperava um dia controlar parte das catacumbas.

Eu retornei o diário a seu lugar, e fui procurar Hargrimm. Disse-lhe o que havia descoberto sobre Soego, e que a prova estava contida no diário em um livro no quartel.

O DESTINO DE SOEGO

Hargrimm sentiu uma agitação de medo. O desconhecido podia estar certo sobre Soego. E se Soego havia pegado alguma dica sobre seus maiores segredos, e as passasse ao inimigo? Rapidamente ele juntou um bando de seguidores, encontrou Soego, e todos retornaram ao refugio de Soego, onde Hargrim o confrontou.

“Soego, o que eu ouvi sobre você estar em complô com Muitos como Um?”

“O que?! É mentira! Um rumor criminoso! Uma Mentira!” ele respondeu, mas ele começou a suar.

“Você ousa mentir ao sumo sacerdote do Rei Silencioso?”

“Não! Não, Hargrimm, eu nunca iria...” Ele começou, mas Hargrimm o cortou.”

“Aonde esta o diário? Deixe-me velo. Prove sua inocência diante dos lhos do Rei Silencioso.” Percebendo que havia sido pego, ele começou a implorar.

“Eu... eu... eu imploro o sua misericórdia, Hargrimm...”.

“O Tratado de Morte irá protegê-lo aqui, Soego, mas você nunca ira deixar essas catacumbas. Você ira permanecer sua busca por sua “Verdadeira Morte” aqui, sozinho... pelo resto dos seus dias. Adeus.”.

“Mas... você... não pode... arghh!” Soego se enfureceu, transformando-se num homem rato.

“Marquem essas palavras vivos: apenas o Tratado os protege aqui. Não joguem fora o único escudo impensadamente.” Mas Soego havia ido longe demais para escutar.

O licantropo chorou, “Eu não serei encarcerado! Morra!” Hargrimm invocou uma magia que matou a criatura antes que pudesse dar um passo. Hargrimm olhou silenciosamente para o corpo por um momento.

“Esta feito, então. Que o Rei Silencioso nos proteja de tais imundices no futuro.”

O REI SILENCIOSO

Presumi que após ter descoberto o espião para ele, Hargrimm estivesse mais inclinado a nos deixar ir. Entretanto, eu não tive vontade de ver seu confronto com Soego e fui explorar mais as Nações Mortas.

Encontrei um esqueleto enigmático, que estava bolando uma charada que havia sido feita por outro esqueleto. Apesar de saber a resposta bem obvia, eu hesitei em lhe dizer, acreditando que ele tinha pouco a fazer nesse meio tempo.

Um pouco mais tarde fui ate aquele que lhe impôs a charada. Ele não tinha o comportamento sem emoção que os outros tinham. Ele balançava sua cabeça e gargalhava sozinho. Ele gargalhava e bufava ocasionalmente, mordendo as mãos ansiosamente tentando parar. Ele era velho o suficiente para se notar que não havia mais carne alguma em seus ossos... apenas alguns vestígios coloridos. Eu o cumprimentei.

“Vejo que você tem uma charada boa.” Ele acenou, rindo.

“Você quer ouvi-la?” Eu acenei confirmando, e ele continuou “Ahem! Agora, pensa em palavras que comecem com – “gry”. Angry e Hungry (irritado e faminto) são duas delas. Existem mais três palavras Na Língua Comum... qual é a terceira palavra? A palavra é algo que se usa diariamente. Se você ouviu com cuidado, eu já te falei o que é.” Obvio.

“É claro que falou”. É “língua.” Mesmo sem carne e pele, eu pude notar que o esqueleto havia fico irritado.

“Ahhh! Como você sabia?”

“As primeiras dois sentenças não tinham ligação, estão lá apenas para enganar. Existem três palavras em – a / língua/ comum”. A Terceira palavra é língua.”

“Oh, porcaria de troll! Bem, por favor só não conte a ninguém a resposta.Você promete isso, pelo menos?”

Quando perguntei por que deveria, ele respondeu, “Porque eu gosto da ideia deles ficarem lá, quebrando a cabeça com isso por toda a eternidade.”.

Eu dei uma olhada, e comentei casualmente. “Eu suponho que você não seja tão bom respondendo charadas, quanto é formulando elas.”

“O que é isso? Ele colocou sua mão cadavérica ao lado da cabeça. “Ouvi”... um desafio? Sim... sim... vá em frente! Mas se perder, ou abandonar o desafio, eu não falarei mais com você!”.

Ele me esperou começar. Eu percebi que minha confiança em responder charadas não se estendia em contá-las baseando-me em apenas alguns dias de memória adquirida.Tive que rapidamente criar algo.

“Hummm. O que vale mais? Uma centena de libras comuns, de ouro puro, ou meia libra de duzentos- moedas de ouro comum? “Eu apontei apressado”.

“Fácil, muito fácil! Uma moeda de ouro é SEMPRE mais valiosa que metade de uma libra! tolo, tolo!” Ele riu. O esqueleto abaixou rindo e desenhou um simples rosto na poeira. Apontando para ele, ele disse: “Tios e irmãos não tenho, mas o pai desse homem é o pai do meu filho. Quem é ele hein?”.

“Ele é seu filho.” Respondi.

“Ah! Sua vez.” Eu parei um momento, então inventei mais uma.

“Aquele que o faz, não quer, aquele que compra não usa, e quem usa, não vê. O que é isso?” O esqueleto murmurou infantilmente.

“Não é verdade! Não é verdade”! A resposta é “caixão”, e eu certamente vejo o meu!” Ele estava pronto com mais uma charada. “Que palavra de cinco letras que até o mais sábio dos mortais pronuncia errado?” Outra muito obvia.

“Humm”. “Errado” Ele balançou os punhos contra mim.

“Ohhh, maldição! Vai.”

“De noite elas vem sem serem buscadas, e de dia elas se perdem sem serem roubadas.”

“Ehh..hum...Ah....estrelas!, He He He!” Eu amaldiçoei silenciosamente, já que fazia tanto tempo que ele havia visto estrelas eu achei que teria dificuldades de saber essa.

O esqueleto estralou os punhos. “Eu nunca fui, sempre serei, ninguém nunca me viu, nem nunca verá. E ainda assim sou a confiança de todos, para viver e respirar nesse salão sagrado.” Essa era mais difícil. Que tipo de espectro? Não, caminho errado.

“A resposta é...é...ah! “Amanhã”!”

“AH!!!!Sim, amanhã, isso mesmo. Sua vez agora.”

“Veremos. Qual é o começo da eternidade, o fim do tempo e espaço, e começo de cada fim, e o fim de todo lugar?” O esqueleto começou a rir ridiculamente, mas subitamente parou. (lendo em inglês pode-se entender a charada)

“Ah... Oh céus.” O esqueleto suspendeu a cabeça. “Eu... não sei.”

Eu dei risada, já que a charada que eu usei era tão parecida com a sua própria charada que ele havia contado aos zumbis. Perguntei se ele queria a resposta da minha charada. Ele concordou.

“Muito bem”. A letra “E”. E o deixei.

Cheguei a um corredor, e notei que apenas zumbis estavam ao redor. Perguntei de Stale Mary a um deles. Não pude entender a resposta, mas ele apontou para baixo no corredor. O corredor estava cheio de escombros adiante. No bloqueio estava um grupo de zumbis; pela sua postura; estava claro quem devia ser Stale Mary. A Zumbi mofada e fedorenta parecia ser extremamente velha, quase mumificada. Sua pele tinha uma aparência de derretimento, um couro cinza esverdeado, e um dos olhos havia caído, deixando um buraco negro em seu rosto. Sua voz era lenta e grossa.

“Suuuuu daaa çuesss (saudações)” Ela apontou para si mesma e me disse: “Stttullll Ma rrry (Stale Mary).” Parecia que suas cordas vocais haviam apodrecido em uma massa espessa no final de sua garganta. Eu imaginava como ela dava ordens aos outros zumbis.

“Como você fala com os outros zumbis? Eu não posso entendê-los como você. .”

Os cadáveres deram um passo em minha direção, estendendo o braço para me tocar. Eu recuei um pouco.

“O que você está fazendo?” Ela apenas gemeu levemente ao responder, tentando mais uma vez tocar meu braço. Apesar das devastações do tempo, ainda havia um vestígio de humanidade em seu olhar. Eu podia ver que ela não tinha intenção de machucar.

Permiti que tocasse meu braço. Sua mão quase sem carne roçou gentilmente meu antebraço, e ela disse, “Lusseeenn(ouça)”.

“Como eu posso entender você?” Ela me tocou mais uma vez.

“Spuhhhkkk tuuuh uhhh yuhhhh kuhnn”. Buhuuhhh mhuuussst duhh uhhht puhhhpuhhleee. (Você pode falar conosco. Mas deve fazer isso apropriada.)

“Você pode me ensinar?” Ela sorriu, a pele endurecida em seu rosto rachava com couro enrijecido.

“Yuuuuh (Sim)”

Algum tempo passou. Ela acabou de me ensinar as habilidades requeridas para falar com os mortos, um processo que ela chamava de “Historias que Os Mortos Contam”. Perguntei se podia falar com qualquer cadáver.

“Suhmmm. Uhhhhers tuh duhhhud. Muhhht yuhhhh skuhhhh(Alguns.Outros estão mortos demais.Deve usar uma habilidade.) Tinha certeza que ela seria mais suscetível que Hargrimm.

“Mary, preciso falar com o Rei Silencioso. Você pode me ajudar?” Ela me olhou, e entendi que ela precisava saber o motivo.

“Eu preciso disso para sair desse lugar, Mary. Tenho muito que fazer... e ficar aprisionado aqui, por simplesmente pisar nas Nações Mortas... não é certo. Por favor... Peço apenas um pouco de compaixão. Pode me ajudar?” Stale Mary ficou quieta um instante, então acenou. Ela apontou para o primeiro e terceiro portal através da parede ao norte.

“C-c-cluuhh ayyys. Thuuuh uh Suhhlunnh Kuh-kuknnng. Wwhhhuuuhbh uuhhhnd nuuuheehhh ahhhlilk-kuuuuhh. Bhu-bhu-buhhh uhn suuuhhh lhuuung ayyye lhhhuuv (Feche os olhos. Pense no Rei Silencioso. Atravesse o portal pela alcova a Noroeste. Mas apenas enquanto eu estiver viva.)”.

Eu a agradei, e fui até o local. Fechei meus olhos, pensei no Rei Silencioso, e fui adiante.

Abri os olhos, e vi que havia sido levado a uma câmara larga. Ali predominava um trono circular, erguida a altura de um homem sobre o chão. Havia o trono no centro da sala, uma figura cadavérica o ocupava. Eu fui adiante. Vi que Hargrimm também estava no quarto, e o chamei.

“Pare essa heresia! Não se aproxime do Rei Silencioso!” Eu o ignorei, e continuei adiante, subindo o pedestal para confrontar o Rei Silencioso. Hargrimm se antecipou para me deter.

“Então, você veio.” O esqueleto virou-se para olhar o trono gigante. “O que você vê aqui é o fim de nossa cultura.” A figura no trono não se movia. Eu apontei para o ocupante do trono.

“Aquele é o Rei Silencioso?”

“Sim. Ninguém pode saber que o Rei está silenciado.” Fiz outra pergunta, forçando Hargrimm a confirmar minha suspeita.

“Porque ele não fala?”

“Ele é silencioso porque ele deixou esse lugar. Ele nos abandonou para a Morte Verdadeira... e apenas seu corpo permanece nesse lugar.”

“Há quanto tempo isso aconteceu?” Uma nova voz me respondeu. Stale Mary entrou no quarto.

“Luuunnnnngg (muito).” Hargrimm olhava distante para as sombras.

“Ele parou de falar conosco há muito tempo atrás- ele nos deixou para sua terceira amaldiçoada Morte Verdadeira.” Um traço de raiva e desespero escorria em sua voz. “Ele nos abandonou aqui para sofrer dentre os Vivos! Nós nos tornamos... uma presa... para todos que vivem.”

“Então que governa realmente?”

“Mary e eu falamos pelo Rei Silencioso. Nós reinamos em seu lugar. Nós interpretamos os desejos do Rei Silencioso baseados no que ele disse há muitos anos atrás. Não tem sido fácil...” Hargrimm parecia cansado; ele cedeu sob o peso de uma carga invisível. “Muitas perguntas, tenho tantas perguntas para fazer a ele.”

“Porque você não diz a verdade ao seu povo?”

“Quero preservar o que foi criado. Eu não quero morrer.” Stale Mary se pronunciou, com a voz pesarosa.

“Nuh- Nuh- nor –i(nem eu).” Hargrimm me contou seus motivos.

“Se nosso próprio povo soubesse disso... ou Acaste, líder dos vampiros, descobrisse essa decepção... ou Muitos-como Um, a inteligência principal dos ratos cranium... tudo que criamos aqui seria destruído. Essa casca é tudo o que mantém os inimigos internos e externos em seus limites. Se a verdade fosse dita, nossa pequena civilização viraria pó. Não posso força-lo a ficar calado. Mas queria pedir que olhasse além de si mesmo, e considerasse o que aconteceria se você falasse o que viu aqui.”

Eu brevemente considerei a oportunidade que me fora apresentada ali. Se eu me oferecesse com um rei imortal para sentar no trono diante de mim, tenho certeza que ambos iriam desesperadamente ter que aceitar. Mas as Nações Mortas poderiam ser apenas um refúgio temporário em minha jornada, não meu destino final.

“Eu apenas quero ir embora, Hargrimm. Conceda-me isso, e você terá meu silêncio.” Hargrimm ficou quieto um momento.

“Você pode deixar esse lugar. Vá, agora... e eu lhe imploro isso: honre sua palavra.”

NAÇÕES AFOGADAS

Hargrimm me mostrou uma saída que levava a outra parte do complexo subterrâneo. Antes de sair, resolvi checar Soego, para ver o que o destino havia feito com ele.

No caminho para seu quarto, tentei usar minha nova habilidade “Historias que Ossos Contam” em uma zumbi fêmea. O cadáver feminino apodrecido parecia estar completamente incapaz de me notar. Enquanto me aproximava, entretanto, ela virou e acenou lentamente, como se estivesse me cumprimentando. Morte deu uma olhada e veio concordando.

“Wow chefe...que belezinha hein? Não se encontra uma gatinha doce dessas todo dia sabe...”

“Bem, se você superar toda a coisa de larvas expostas, o cheiro ruim e a carcaça apodrecida...”.

“Sim,veja, é isso que estou falando... hey!” Morte virou-se para me encarar. “Você esta tirando saro de mim?”

Essa foi a primeira vez que eu havia conseguido tirar com a cara de Morte. Eu perguntei ao zumbi, e descobri que podia entendê-la claramente, mas sua mente era lenta como seu corpo, e eu não aprendi nada novo.

Quando cheguei ao quarto de Soego, encontrei seu cadáver. Examinei seu corpo; apesar de ter morrido, o cadáver havia sido deixado mumificado. Eu senti um pouco de tristeza por ele, mas tive a impressão que os

Dustman iam querer o cadáver, mesmo que ele tivesse os deixado. Era um cadáver muito grande para ser levado por tanta distancia,mas talvez só a cabeça. Em um instante eu a embalei, e estava pronto para ir.

Fomos para a área que Hargrimm havia dito ser conhecida como as Nações Afogadas. Os vampiros, agindo como guias para os mortos,perambulavam a área para eventual uso nas Nações Mortas.

Alem dos vampiros, a área estava infestada de vargouilles, e trocopotocas, lagartos brancos grandes. Em um seção, depois de escorregar em poças de água, e de lutar contra um bando de vargouilles, encontrei um frasco no chão,sua rolha estava frouxa.Eu o virei de cabeça para baixo, para permitir que a água escurece.Ela caia, e caia.A água parecia não acabar mais.Esse devia ser o frasco mágico que o rosto de pedra Glyve havia mencionado.

Um pouco mais adiante, depois de matar dois trocopotocas, fui capaz de chegar a um corpo de um dos coletores de Pharod. Ele devia ter sido muito habilidoso ou ter alguma habilidade rara, pois alem de ter vindo tão longe eu encontrei a esfera de bronze em seu corpo!Eu a examinei. A simples esfera tinha cerca de um pé de comprimento, mas era surpreendentemente leve, como se fosse oca por dentro. Apesar de sua aparência ser normal,ela de alguma forma, ofendia o resto dos meus sentidos. Sua textura, apenas seu “toque” me dava impressão de que era um ovo que estava prestes a se abrir- apenas tocando-a, me fazia sentir calafrios. Pior ainda, o cheiro pútrido de creme emanava dela, e fazia meus olhos lacrimejar.

O TÚMULO

Próximo dali havia um muro. Quando abri o portão, um vento frio soprou dele.Comecei a tremer ao ouvir um barulho de uma voz sussurrando, apesar de não conseguir entender o que dizia. Em um segundo, ela havia parado e ficou um silencio total... Eu percebi que já havia estado ali antes, e tive um forte pressentimento que meus companheiros não deviam me acompanhar ali.

O portão levava a um longo quarto. Entrei por um dos lados, e a única saída estava na parede oposta. Vaguei pelo quarto, minha única companhia eram uns cadáveres no chão, apodrecidos há muito tempo para serem esqueletos.

Em uma das paredes havia umas escritas, que pude ler.

Finalmente tenho você. Nunca mais irá me atormentar, pois mortal algum pode escapar desses muros.Procure pelas chaves e abraça a morte com cada uma que encontrar.Apenas assim poderá se libertar.

Apreensivo com o que aquilo podia significar voltou com pressa para o quarto pelo qual havia entrado. Ele estava fechado e trancado. Quando dei meia volta, notei algo mais. Havia um símbolo do tormento ornado no chão, o mesmo que decorava meu braço. Pensando nisso, entrei na única saída que havia no quarto.

Andei adiante, vendo adiante uma câmara quadrada com um sarcófago no centro. Quando dei um passo para entrar na câmara, subitamente estava em outro lugar. Estava em um quarto, com seu próprio sarcófago. Entretanto,quando o investiguei, tudo o que encontrei ali foi uma chave. O símbolo do tormento também estava inscrito no chão desse quarto.

A única saída visível do quarto levava de volta a mesma câmara quadrada. Quando fui adiante, subitamente eu me desloquei. Eu estava no quarto da qual havia acabado de sair. O que eu iria fazer agora? Assim que achei começar a andar, eu pisei no símbolo do tormento. Um raio de trovão me atingiu, e eu apaguei.

Acordei da morte no quarto que eu estava quando cheguei ao túmulo. Não tendo planos melhores, fui até a câmara quadrada de novo. Mais uma vez, fui teletransportado. Dessa vez para um novo quarto, mas ainda continha um sarcófago, no centro havia um símbolo do tormento e uma passagem para a câmara central.

Eu havia reconhecido as figuras na quarto central dessa vez, e sabia que essas armadilhas estavam ali para prevenir que mais alguém além de mim aprendesse o que esse túmulo tinha. Depois de morrer mais duas vezes, fui capaz de chegar ao salão principal.

Ao redor do sarcófago central haviam escrituras cravadas nos painéis de pedra. Eles cediam com um leve toque; cada um que eu empurrava, eu ouvia um clique do sarcófago. As escritas me interessavam imensamente, claramente eram mensagens para mim. Comecei a ler.

Tema os nomes. Nomes tem poder sobre a identidade. Outros usam nomes como armas. Nomes são como ganchos que podem ser usados para rastrear-lo através dos planos. Permaneça sem nome, e você estará salvo.

Eu sou Aquele Sem Nome. (anônimo)

Anônimo. Um título apropriado para mim. Aquela escritura, todas elas, devem ter sido escritas por uma encarnação anterior. Fui até o próximo painel.

Eles disseram- Você foi dividido. Você é um dentre muitos homens. Você carrega muitos nomes, e cada um deles deixou cicatrizes em sua carne.

PERDIDO... IMORTAL...O FIM DAS ENCARNAÇÕES...HOMEM DE MILHARES DE MORTES...AQUELE CONDENADO A VIVER...INCANSÁVEL...UM ENTRE MUITOS...AQUELE CUJA VIDA MANTÉM PRISIONEIRO...AQUELE QUE TRAZ AS SOMBRAS...FERIDO...AQUELE QUE ATRAI MISÉRIA...YEMETH...

Eu fiquei cansado.

As escrituras nos painéis eram cruas, apesar parecer que a mesma mão ter cravado todas elas.

Não há nada que possa ser feito. Memórias se vão, talvez para nunca mais voltar. Com cada morte eu perco parte de mim.

Como alguém pode ser imortal e ainda assim morrer?

Ele havia me dito que a minha mente enfraquecia com cada morte. Eu o perguntei como poderia ser assim, mas ele não podia responder. Não adiantava. Eu o massacrei para que nenhuma outra encarnação pudesse se beneficiar de sua inutilidade.

Outro painel me disse que tenho um inimigo, aparentemente um imortal assim como eu.

Eu perdi incontáveis vidas graças ao meu assassino. Eu não podia enganá-lo, então eu devo matá-lo. Eu tentei afastá-lo. Deixei corpos falsos, me adaptei para poder acalmá-lo. Eu percorri a maioria dos planos externos, esperando poder usar a distância como escudo. Eu construí esse túmulo cheio de armadilhas para tentar matar o assassino. Escondi-me.

Tudo o que ganhei foi tempo. Os ataques inevitavelmente começaram de novo, com mais fúria do que antes. Decepções são inúteis. De alguma forma, o assassino sempre sabia que eu estava vivo. E não importava em que lugar dos planos eu me escondesse, ele me encontrava...eventualmente.

As especulações no próximo painel diante de mim refletiam pensamentos que eu havia considerado.

Eu suspeito que nós continuemos morrendo e renascendo até que possamos finalmente ter o direito sobre nossa vida. Não sei o que temos que fazer para conseguir isso, entretanto. E é aí que reside a frustração.

Isso é algum tipo de ciclo karmico? Enquanto eu acumulava, algumas encarnações haviam cometido crimes terríveis, mas também havia outras que não fizeram outra coisa senão o bem. Seriam essas encarnações tidas como punições? Não sei. E essa é a única verdade que posso oferecer através dessas escrituras: Eu não sei.

E qual o sentido em EU havia sido separado de NÓS? E em que ponto eu sou libertado das correntes das ações das minhas encarnações anteriores? Em que ponto eu poderia ser EU, sem o peso daquelas vidas passadas?

Indo adiante, o próximo painel comentava a importância dos jornais; os muros que eu estava olhando representavam jornais também.

É extremamente importante você guardar suas jornadas para que possa aprender com elas. A maior necessidade, entretanto, são as fontes de informação que você usa para descobrir os mistérios necessários para protegê-los quando forem encontrados. Se for o caso, documentos ou profecias forem de alguma maneira removidos, sendo destruídos ou mortos, então você nunca encontrará quem ou o que você é ou como ficou assim.

O próximo painel pareciam ser as direções das minhas costas que Morte havia lido no Necrotério.

Sei que você sente como se tivesse bebendo litros de bebida, mas você precisa se FOCAR. Dentre suas possessões esta um jornal que irá derramar alguma luz nas trevas em que esta. PHAROD pode lhe dar o resto da frase, se não estiver morto a essas alturas.

Não perca o Jornal ou você se perderá novamente. E seja lá o que fizer, NÃO DIGA a NINGUÉM quem você é ou o que ACONTECE com você, ou irão coloca-lo rapidamente para um viagem sem volta para o Crematório. Faça o que digo: LEIA o jornal, ENCONTRE PHAROD.

Não confie no Crânio.

Morte não havia lido essa ultima linha para mim. Eu li o ultimo painel no quarto.

A vida baixa que esta ai fora esta drenando aos poucos meu corpo. O mundo pode queimar, os planos podem queimar apenas me de minha vida! Eu vou acabar tanto com essa vida, destruí-la, esmaga-la, e suja-lo com seu sangue e fezes, para que não possa viver a sua também! Deixe toda criação queimar, pois eu não posso morrer!

Empurrar os painéis havia destrancado o sarcófago no centro do quarto, que continha outra chave apenas.

Tendo em mãos quatro chaves dos quatro caixões que havia encontrado, eu me encontrei em outra câmara. Um portal abriu na lateral. Ao entrar, eu apareci fora do tumulto. Acenei para Morte, para falar com ele. Ele flutuou até mim.

“O que esta te perturbando chefe?”

Eu pedi que ele lesse as instruções nas minhas costas novamente. Ele hesitou, mas insisti que queria ouvir tudo que estava ali dessa vez. Ele tagarelou as mesmas coisas que havia dito no Necrotério. Eu pedi que continuasse.

“Continue. O que diz depois disso?”

“Do que esta falando chefe? Não tem mais nada.”

““E que tal sobre,” Não Confie no Crânio.”

“Oh... ESSE pedacinho no final? Bem, acho que estava apagado, então não li tão alto assim.”

“A serio?E o que você acha que isso significa? Você acha que se refere a VOCÊ?”

“Duvido. Quero dizer, você pode confiar em MIM, certo, chefe?”

“Você esta mentindo para mim Morte?”

“Não! Vamos lá, qual seu problema chefe? Eu ainda não tratei você mal ate agora.”

“Até agora. Eu não gosto do fato de você não ter lido essa linha, e gostaria de saber o que mais você deixou de mencionar desde que estamos andando juntos.” Morte ainda manteve sua postura casual.

“Nada! Eu te contei tudo... bem, QUASE tudo, mas nada, sabe PERIGOSO.”

“Se existe algo MAIS, eu sugiro que me conte agora.”

“Chefe, de verdade, não há nada mais. Eu não iria esconder de você.”

Era o máximo que conseguia tirar dele com esse argumento. Tinha certeza que ele estava mentindo, mas não sabia o por que.

PHAROD

Retomamos nosso caminho, voltando para a Vila Enterrada. No caminho parei para falar com Glyve. A água que encontramos no frasco encantado dissipou a sujeira que a água podre havia deixado, e conseguiu libertar Glyve de sua prisão de pedra. Antes que ele se fosse por completo, ele me falou para procurar por Nemelle na Ala Inferior de Sigil para as palavras chaves que podiam desvendar todo o poder do frasco.

De volta a Vila Enterrada decidi descansar uma noite, e iria ver Pharod apenas quando amanhecesse. Mais uma noite de espera por sua preciosa esfera não iria machuca-lo depois de tanto tempo.

No próximo dia pela manhã entramos em seu salão.

“Ah... cadáver...” Pharod virou-se enquanto me aproximei, com sua muleta batendo nas lajotas. Ele lambeu os lábios e sorriu expectante. “Você trouxe o que eu lhe pedi?”

“A esfera de bronze? Aqui esta.” Os olhos de Pharod brilharam enquanto lhe entreguei a esfera de bronze- ele a tocou cautelosamente, quase que com reverencia.

“Você...” Ele sorriu. “Ah, cadáver, que bela aposta você foi, e você me fez vencê-la maravilhosamente, foi sim...” Pharod estudava seu reflexo na esfera e divagava. “Os anos tem sido cruéis comigo pelo que vejo...”.

“Fiz o que você pediu Pharod. Agora quero algumas respostas.” Pharod nem me olhava enquanto falava... sua atenção estava completamente voltada a esfera que ele segurava.

“Sim, sim, faça suas perguntas...” Pharod virou a esfera em suas mãos.” “Muito importante as suas perguntas...”

“O que você sabe sobre mim? Por que me foi dito para procurar você?” Pharod me estudou com um olhar critico.

“Guarde suas armas, pois o que vou dizer cadáver, pode não soar bem aos seus ouvidos...” Pharod sorriu maldosamente. “Meus ouvidos não se importam mais, mas os seus estão ávidos por novidades pelo jeito.” Eu não me importava com Pharod, apenas com a informação que ele tinha.

“Você tem minhas palavras que vou me deter, Pharod. Mas preciso saber o que você sabe.”

“A verdade...” O tom de Pharod suavizou como se bajulasse. “A verdade foi esticada um pouco da minha mente e da minha língua quando falou comigo pela primeira vez, cadáver- com toda terrível honestidade, sei muito pouco sobre você.” Ele ergueu seu dedo murcho. “Contudo, ouça-me...” Eu impaciente acenei para que prosseguisse.

“Você é um cara que brinca de estar morto, pelo que vejo.” Ele me fintou. “Algum tempo atrás, você veio ate mim, como veio agora, mas não assim, veio direto ate meu lar e disse que queria uma “audiência” comigo. Depois de parar um momento, ele continuou. “Sim, uma audiência, Pharod riu, parecia uma que areia escoria seu riso. “Como se eu fosse a realeza...” Ele parecia se divertir, mas havia um frio em sua voz. “Você sabia as coisas certas a dizer, você o fez, e como. Você disse as palavras como um governador, verdadeiro e legitimo. E eu o ouvi.”

“Mas você foi da realeza... pelo menos um homem de status, um dia, não foi?” Eu o interrompi.”

“Um dia” Pharod suspirou. “Um dia. Títulos, apenas palavras, NADA no final...” Ele caiu no silencio, então debochou.

“Sabia disso, também, minha historia, eu acho que você sabia...” Pharod deu uma zombada do comentário, suas muletas chiavam enquanto ele se apoiava nela. “Oh, Pharod, grande Rei Colecionador”, você disse,” Eu vim lhe pedir uma benção.”

“Uma Benção? Eu disse. “O que eu posso oferecer a um homem com tanta força obviamente aparente”?”.

Pharod sacudiu seu dedo torto.

“E você pediu tal coisa: Você disse, “Lorde Pharod, peço sua cortesia”“. Seus coletores vagam através de toda Hive. Se eles encontrarem meu corpo, eu quero que fique a salvo. Isso é tudo que peço. “Pharod desdenhou”. “Um simples pedido.”

Eu subitamente senti um formigamento nos meus ossos enquanto Pharod dizia a palavra “pedido” e o cheiro de sangue e medo percorriam minhas narinas... Pharod estava escondendo algo, algo que aconteceu no passado, me envolvendo – e isso o assustou. O desejo que ele me garantiu não era algo simples.

“Então você me concedeu esse desejo dessa maneira? Sem nada a ganhar com isso. Porque você concordou com isso?” Pharod ficou calado um momento.

“Um morto não pode manter sua palavra, e fazer promessas a um morto é fácil de fazer, cadáver.” Eu podia dizer que ele estava blefando.

“Você é um comerciante, Pharod, não um Samaritano. Deve ter tido outra razão...”.

“Sim...” O rosto de Pharod subitamente mostrou uma fúria tamanha, que seu rosto ficou vermelho. “Depois que você me enforcou ate sangrar ate quase morrer em Hive, eu tive razoes SUFICIENTES para te promover ate mesmo pelos PLANOS. Depois de me massacrar, vem para o meu LAR, para PEDIR uma “benção” para mim...” Pharod se acalmou, apesar de seu rosto ainda estar corado.

“Sim, eu concordei...”.

Tentei me convencer que essa encarnação era outra pessoa, que não tinha relação alguma comigo. Mas senti pena dessa ação cometida por esse outro eu.

“Eu sinto muito pelo ocorrido, Pharod, pelo que valha a pena.” Pharod debochou.

“Não importa, seus corpos me serviram muito bem. Os Dusties pagam a mesma coisa por mortos novos ou velhos...”.

“Essa foi a única razão por ter concordado com meu pedido?”

“Você sabia de coisas sobre mim... coisas que apenas eu sabia. Você sabia que eu estava querendo algo que estava abaixo de Sigil, e você a batizou e a desenhou: a esfera de bronze, você disse. Eu não achava que você fosse busca-la para mim...” Ele riu.

“Contudo você foi não é? Sim, os Planos agem de forma misteriosa...”.

“E isso é **tudo** que você sabe?”

“Tudo que sei? Não...mas isso é tudo que sei sobre você, cadáver.” Pharod respondeu.

“Ótimo. Próxima pergunta...O que você pegou do meu corpo depois que eu morri?”

“Eu?” Pharod lambeu os lábios. “Porque, Eu não peguei nada, cadáver.” Seu rosto mostrou um sorriso largo. “Não fui eu que encontrou seu corpo...”

“Quem foi? O sorriso dele aumentou, fazendo com a pele do seu rosto se esticasse como uma cortina.

“Minha filha, a rosa dos meus olhos, a mais doce da minha família, e a mais inteligente de todas...” Ele lambeu os lábios secos e tossiu doentamente. “Que língua cruel ela tem...”

“Sua FILHA? Quem?”

“Minha querida garota, Annah. Ela o encontrou morto como um morto deveria estar, em um lugar aonde a maioria dos coletores não iriam nem por uma montanha de moedas. Pode ser que ela tenha pego algo de você, não pode...?” Ele inclinou, balançando a cabeça.

“Você terá que perguntar a ela, pois não é o pai dela que vai dizer.” Ele ainda estava me fazendo de bobo.

“Não minta para mim Pharod. Você é um mercador, e você sempre ganha algo de seus trabalhadores. O que Annah lhe entregou que pertencia a mim?”

“Ah...sim...meu tributo...” Pharod dobrou suas mãos sobre sua muleta, quase protegendo-se. “Não tem como dizer o que era SEU ou não cadáver. É mais para, não havia nada.” Eu estava farto com a falta de honestidade.

“Pharod, minha paciência esta chegando ao fim. Se você não devolver o que foi roubado de mim, eu irei dizer aos Dustman aonde encontra-lo.”

Pharod ficou calado um instante. Ele bateu os dedos contra a muleta... lentamente. Eu aguardei, olhando para ele.

“Aonde foi a decência do homem...” Pharod resmungou, balançando sua cabeça. “Estou fazendo uma cortesia para você, cadáver... tamanha cortesia. Pharod despedindo-se de qualquer coisa... estaria escrito no livro da morte se alguém ouvisse... aguarde aqui, não de um passo. Eu retornarei.”

Depois de muito tempo, Pharod voltou, com sua muleta batendo nas lajotas. Em suas mãos, ele trazia um bocado de itens, que ele passou para mim.

“Você ficará QUIETO com relação a isso e aceitar a BENÇÃO que eu mesmo recordei...”

Distraidamente, eu cataloguei o que ele havia me entregue em voz alta. “Algumas moedas, um pedaço de papel, curativos, e um anel? Muito bem... foi Annah que me encontrou? Aonde ela esta?”

“Aonde esta Annah?” Pharod debochou. “Ela esta escondendo-se nas sombras aqui, eu espero, nos ouvindo conversar. Eu a chamei depois que você veio lá de baixo... tive que perguntar a ela se você estava MESMO morto quando ela o encontrou ou não...” Ele riu pervertidamente, então tomou um fôlego e gritou alto para a escuridão. “Annah! Pare de meter nessas sombras e venha conhecer nosso convidado!”

Virei-me para ver uma linda moça ruiva vestida com armadura de couro... eu não ouvi ela entrar no salão. Seu braço direito estava coberto com uma série de placas interligadas que pareciam terem sido tiradas da pele de alguma criatura, e uma ombreira com chifres protegia seu braço esquerdo. Estranhamente, ela tinha uma calda... que abanava pra trás e para frente enquanto eu olhava. Eu reconheci instantaneamente a garota Tiedfling.

“Você é Annah? Eu te conheci em Hive- fora do Necrotério correto?” A garota me ignorou e virou-se para Pharod.

“Sobre o que se trata isso então? Eu não estou aqui para adestrar esse cachorro assustado não. Peça a um dos seus capangas para fazer isso.”

“Annah, rosa dos meus olhos- não te ensinei a **respeitar** os mortos?” Um leve sorriso surgiu no rosto de Pharod, e ele fez uma pequena reverencia em minha direção. “Esse cadáver cheio de recursos precisa saber aonde você o encontrou.”

“Ah? Do que você esta falando?” Ela me fintou. “Ele não esta morto.”

“Ah! Sim, me enganei...”Pharod acenou, então sua voz baixou perigosamente. “Contudo, minha querida Annah, foi um erro SEU...pois esse individuo tinha apenas um dos pés na no livro da morte quando você o trouxe para mim.” Ele tapeou sua muleta contra as lajotas levemente. “Ele acordou, e veio me procurar- MUITO inoportuno”.

“E daí?” Annah me olhou, e depois debochou. “Ele não deveria brinca de morto por ai enquanto eu estiver por perto, ou ele ira acordar nos braços dos Dusties, vai sim.”Eu ainda estava nervoso com Pharod e transferi um pouco disso para a garota.

“Talvez você pudesse ter CHECADO para ver se eu ainda estava vivo antes de me jogar em qualquer lugar.”

“Oh,sim, e talvez VOCÊ devesse ter mais cuidado e talvez você devesse ter ficado deitado como uma pedra nas galerias como um morto não é?” Eu me acalmei um pouco, percebendo a irracionalidade das minhas queixas.

“Chega disso- aonde você encontrou meu corpo?”

“Mostre a ele aonde encontrou o corpo Annah.” Pharod bateu sua muleta novamente enfatizando. “Leve-o ao beco assombrado.” Pharod estudou Annah um instante, então sorriu e virou-se para mim. “Se acontecer de você se perder da minha querida Annah a caminho do beco, cadáver, volte ate mim e eu o guiarei...”

“Tchhh...” Annah zombou de Pharod, então jogou um olhar em mim. “Vamos lá então. E apresse os passos entendeu? Tenho pouco tempo para perder com tipos como você.” Indiquei que ainda não estava pronto ainda, que ainda haviam coisas que queria investigar aqui. Annah não estava com nada meu.

“Ah é? Bom, então, você pode ir cheirar suas covas por si só, otário, eu não vou ficar espera-“

“Annah...”A voz de Pharod era baixa,mas ela cortou o discurso da garota como uma faca. “Seja seu guia. Veja que ele não causou problemas enquanto esteve na vila. Então leve-o aonde ele deseja ir.” Annah cuspiu o chão.

“Malditos sejam vocês dois...”Entretanto,ela veio ate mim docemente assim que saímos do salão, aonde ela me parou.

“Tenho algumas coisa a dizer a você.” Eu a disse para prosseguir.

“Eu tenho visto a maneira como age, e algumas coisas precisam ser ditas antes de viajarmos juntos...primeiro -Não vá se agitando e trocando olhares com todos mundo que você esbarra.Existe muita confusão por ai, sem duvida. E não vá perguntando por nomes em vão ou você irá atrair o pior tipo de atenção, e bem rápido também.”

“E mais uma coisa. Não pense que pode me tratar como qualquer uma também, se começar a fazer isso, eu pegarei essas facas e irei trincar você, e como irei.” Eu a perguntei sobre as facas que ela carregava.

“Minhas facas? Sim, são minhas. Eu gosto muito delas- você pode ficar com seus machados e martelos e porretes- essas facas são mais o meu estilo. Apenas comporte-se, e você não irá senti-las ok?”

Havia alguns itens que gostaria de checar em Hive antes de ir com Annah aonde ela havia me encontrado. Nós deixamos a Vila Enterrada, voltando a Praça dos Esfarrapados. Antes de chegarmos a ela, lembrei de alguns itens que Pharod havia me entregado, especialmente a nota. Que eu peguei, e li.

Cuidados com as Sombras.

Cuidados com os lugares onde a Noite esta viva.

Elas aguardam

Não existe Escuridão Natural

Apenas Sombras

Eu imaginava o que aquilo podia significar.

Pharod permaneceu apreciando seu prêmio, a esfera de bronze, o item que iria salvá-lo de seu destino. Ele mal Havia notado que os outros haviam saído, de tão atento que estava com sua descoberta. Um movimento! Ele balançou a cabeça, deve ser apenas um rato.

Ele voltou a estudar a esfera. Depois de todos esses anos, ele finalmente havia obtido-a. Ela precisava ser estudada, mas ele estava certo de que podia revelar o que fosse que a esfera mantivesse, o segredo que o protegeria. Espere, alguém estava próximo dele. Mas ele não havia ouvido nada. Devia ser Annah. Ele irá esfolar a pele dela, por ter desobedecido ele...

Ele gelou, ao perceber o que havia se aproximado. Era como se as sombras escondidas nos cantos de seu salão fluíssem, tomassem forma de uma dúzia de humanoides que o cercavam. Ele não podia sequer fazer um som enquanto se aproximavam, as garras o rasgavam, e ele morreu.

XACHARIAH, PARTE 1

Deixamos a Vila Enterrada, passando por Hive novamente. Enquanto andávamos, Annah fez um comentário para mim.

“Veja, eu cresci aqui. Não foi uma infância agradável, devo dizer.”

Eu a disse que estávamos indo para o Necrotério, e deixei que ela liderasse. Eu olhei sua cauda; seu abanar era quase hipnótico. E o movimento dos seus lábios levavam meus pensamentos para outros lugares...

Ela olhou para trás, e notou meu interesse, e afirmou. “Gosta da minha cauda? Eu irei abanar para você.”

Ela havia conseguido me fazer de bobo outra vez. Eu fui adiante, assumindo a liderança sem comentar.

Enquanto passávamos perto do mercado, eu cumprimentei Iron Nails, que ainda procurava por pregos de ferro das madeiras ao redor dela. Ela se endireitou e colocou as mãos na cintura.

“Voltou outra vez hein?Do que você precisa dessa ve-“ Ela subitamente notou Annah ao meu lado. “Bem, amigo...quem é sua nova amiga?”

“Seu nome é Annah.”

“Eu sei falar por mim mesma, sabia! Eu sou Annah, se isso fosse da sua conta.” Annah cruzou os braços com um deboche. Nalls apenas riu e voltou os olhos novamente para mim. Eu ri de volta, e a deixei.

Eu brevemente olhei o estoque de uma outra mercante, que estavam a mostra. Quando comecei a me afastar, ela tentou me fazer ficar.

“Oh, senhor, espere!”Ela colocou as mãos no meu antebraço; seu toque era leve como uma pena. “ Tem CERTEZA que não precisa de nada?Talvez algo para seu lar, ou um presente...” Annah interrompeu.

“Sim, ele tem certeza; você não escutou ele dizer?” Annah virou os olhos. “Pelo amor dos Poderes, porque você não deixa ele em paz um pouco? Você esta se embaraçando, viu.”A mercante ergueu seu lindo nariz rosado.

“Humpf!Esta com tanto ciúmes a ponto de roubar a venda de uma mercadora? O bom senhor é um cliente, o Tocado pelo Planos, e não um pedaço de carne que você possui e luta por ele.” Com aquilo, ela apontou para mim.Annah parecia horrorizada, e depois furiosa.

“CIUMENTA?!Pare com isso! Cuidado com a língua mulher,ou irei separa-la da sua cabeça e enterra-la em seu corpo em cantos opostos por Sigil, a sim eu irei!”A mercadora, claramente assustada, recuou. “Isso aí!” ela virou-se para mim, com os olhos brilhando com fúria, e fez um deboche de desgosto. “Nem uma palavra! Não vá presumindo nada nessa sua cabeça oca ou ira se arrepender!”

Eu rapidamente sai antes que Annah tivesse algum motivo para voar na garganta da vendedora. Eu estava ocupado considerando o efeito de Annah sobre mim. Eu não havia considerado meu efeito sobre ela.

Chegamos ao Necrotério, e entramos com a desculpa que precisávamos falar com Dhall. Eu queria na verdade usar minha nova habilidade para alcançar o espírito que habitava o corpo, e ver se algum dos cadáveres caminhantes que podiam saber algo sobre mim. Eu podia inclusive encontrar algum companheiro que havia sido escrito no livro da morte.Infelizmente,a maioria dos mortos vivos eram tão velhos que seus espíritos estavam longe do meu alcance, enquanto os mortos mais recentemente não tinham como saber mais que os vivos que eu encontrei e questionei nas ruas.

Encontrei algo que me interessava quando me aproximei de um cadáver masculino com o numero “331” gravado em seu crânio. Seus lábios e olhos estavam costurados firmemente, e havia um buraco aberto em sua garganta.Ele tinha um cheiro pútrido. Usei minha habilidade nele.

“Você não pode me ver?” Perguntei.

“Sou cego, em morte assim como fui em vida...agora me responda. Quem é você?”

“Quem é você? “ Repeti a pergunta que ele havia feito de volta.

“Eu...” O zumbi ficou calado. “... meu nome....me fugiu...eu...não consigo mais lembrar quem eu sou.”

Me virei frustrado, para me deparar com a surpresa no rosto de Dak'kon. Ele rapidamente resumiu sua expressão fria enquanto olhava para Morte, mas não podia detectar nada incomum na caveira. Contudo, eu tinha minhas suspeitas, e idealizei um plano para testa-los.

Voltei até a loja de Tatuagens de Fell, só que dessa vez trouxe comigo meus companheiros quando entrei. Dentro, Annah endureceu quando viu Fell.

“Nós iremos atrair o olhar da Dama caso ficarmos aqui, vamos sim.” Eu a perguntei o que havia de errado...

“Você é surdo?!” Annah virou-se para mim... e subitamente percebi que ela estava apavorada. “Você é tão idiota a ponto de dançar na sombra da Dama enquanto você fala com esse aí?! Vamos dar o fora daqui antes que nós sejamos escritos no livro da morte!” Eu estava surpreso em ver sua auto confiança sagaz tão penetrada subitamente, e perguntei de novo o que havia de errado.

“Ele é Fell.” Annah lançou um olhar amedrontado nele. “Vamos sair daqui, sim? Nada de bom vira daqui, então saiamos!”

“Ele é um dabus que não é um dabus certo? Ele caminha pelo chão...” A voz de Annah baixou a um sussurro, e ela começou a tremer. “Sem mais perguntas, vamos dar o fora daqui certo?” Quando eu não fui até a porta imediatamente ela continuou. “Fell é um dabus que irritou ELA. Dizem que ele é um dabus que não é um dabus, e que esta próximo o dia em que a Dama irá cair sobre ele, e nós também iremos.”

“Você quer dizer a Dama da Dor?” Eu percebi qual era a fonte de seu medo.

“Sim... e segura sua língua.” Annah fez um semi círculo no ar em frente de si quando mencionei o nome da Dama.

“Os dabus trabalham para a Dama, e ela os protege...com exceção de Fell.” Ela estremeceu. “Vamos sair fora sim?”

Era importante falar com Fell; Eu não podia parar apenas por Annah. Eu a disse que precisava de apenas alguns instantes com Fell.

Annah agarrou eu braço. “Por favor, não! Não! Nada de bom virá daí- qualquer um que fale com Fell pode atrair o olhar da Dama. Eu não quero morrer, não quero!” Para minha surpresa, Annah parecia estar perto de chorar.

Eu hesitei, querendo abraça-la, mas estava com receio de irritá-la novamente. Eu me conformei em tentar confortá-la usando palavras apenas.

“Annah, nada ira feri-la enquanto eu estiver aqui- prometo. Eu só quero falar com ele um momento.” Por um momento, Annah apenas olhou para mim. Então, algo no meu olhar parecia tê-la acalmado, pois ela se recompôs.

“Não sei por que eu...” Ela balançou a cabeça. “Vá em frente, fale com ele! Eu não me importo!” Havia uma corrente de medo em sua voz.

Eu fingi que da ultima vez que estive aqui eu mal podia entender Fell, e pedi que Dak'kon as traduzisse para mim. Pedi que Dak'kon perguntasse a Fell se ele tinha as tatuagens no meu braço desmembrado que havia encontrado.

Fell repetiu o que havia dito antes, que uma tatuagem falava sobre o caminho que partilhava com outros quatro. Dak'kon permaneceu calado ao invés de traduzir. Quando o pressionei, tudo o que ele disse foi que o braço era meu, e a tatuagem dele.

Pressionei mais Dak'kon, perguntando se ele havia dito algo mais. Dak'kon ficou quieto um momento... e subitamente, instintivamente, eu sabia que Dak'kon estava MENTINDO para mim. Ele continuou com um tom quase morto.

“O resto dos símbolos não são CONHECIDOS por mim.”

Machucava ser enganado por Dak'kon. Eu achava que teria algo da parte dele, dos caminhos honrosos e Githzerai; mais que isso, eu confiava nele. Eu vi isso como uma traição, e perguntei seco, porque ele mentia para mim. Dak'kon calou-se de novo; ele não virou para me olhar- ele parecia olhar quilômetros adiante.

“Os símbolos... não é bom SABER a resposta do que você pergunta.”

“Desde quando NÃO saber da verdade sobre algo alguma vez ajudou alguém Dak'kon? O conselheiro que aconselha ignorância trai seu posto.”

“Existe verdade em suas palavras. Aquela verdade... é SABIDA por mim.” Dak'kon ficou calado um instante, então ele virou para mim, seus olhos endurecidos. “Os símbolos falam sobre quatro indivíduos que viajaram com você no passado.”

Os símbolos giravam sobre Fell formavam um padrão que eu havia visto antes, descrevendo os quatro que estiveram comigo. Dak'kon, entretanto, continuou sem olhar para Fell.

“A tatuagem conta sobre quatro mentes. Uma era uma mulher, que amava um homem que CONHECIA ela e não CONHECIA amor. O outro era um homem cego, que via coisas que outros não podiam. O outro era um familiar, um companheiro de mago, comprado e ligado. E o ultimo era um escravo.”

“Porque você não queria me contar isso?”

“Os quatro são ligados por um símbolo que é CONHECIDO por mim.” O símbolo do tormento surgiu sobre a cabeça de Fell, e Dak'kon explicou, “O símbolo é o tormento. Ele diz que você sempre o vestiu, pois a carne CONHECE o sofrimento, mesmo quando a mente esquece.”

Dak'kon recusou-se a dizer mais sobre os quatro, pelo menos não na frente daqueles que eu não havia escolhido como companheiros.

Consultei Fell para comprar algumas tatuagens, mas Annah ainda estava muito nervosa, seus olhos caçavam como se a Dama fosse entrar a qualquer momento, então eu abreviei o que podia.

DAK'KON, PARTE 2

Voltei para o Necrotério, parando para entrar num mausoléu próxima dali que parecia não ter lamentadores, ou outros visitantes a não serem ratos, por eras. Quando entrei, virei para Dak'kon, para continuar a discussão que estávamos tendo na Loja de tatuagens de Parlor.

“Quando Fell estava descrevendo a tatuagem no meu braço, você disse que conhecia os símbolos, que falavam de quatro que estiveram comigo no passado. O que pode me dizer sobre os quatro?”

“A mulher era jovem. Ela idolatrava o tempo, pois em seu sangue, ela SABIA de coisas que estavam por vir. O arqueiro era um homem cego, e ele podia ver coisas que nenhum outro podia ver. O caminho de suas flechas sempre levavam ao coração do inimigo. Do familiar e do escravo eu CONHEÇO muito pouco.”

“Ver coisas que estavam por vir? O nome da mulher não era Deionarra era?”

“SAIBA que Deionarra era o nome que ela tinha.”

“O que você sabe sobre o arqueiro?”

“Eu CONHEÇO pouco sobre ele. Eu SEI que era um soldado. SEI que o álcool tinha tomado parte de sua vida. Na cegueira, ele passou a CONHECER outra visão. Ao SABER disso, ele havia se tornado forte. Contudo ele não CONHECIA sua própria força.”

Perguntei a Dak'kon qual era seu nome, mas antes que Dak'kon pudesse responder, eu subitamente SABIA a resposta. Senti uma sensação horripilante na minha espinha, e senti um nome surgindo, como se viesse do fundo de um oceano profundo.

Eu disse, levemente para mim mesmo. “Seu nome era Xachariah...ele era cego, mas por ser cego, ele havia ganhado uma segunda visão que o permitia ver coisas escondidas para outros. Ele era um arqueiro, e aonde suas flechas voavam, elas encontravam os corações de seus alvos.” Enquanto isso, Dak'kon respondeu minha pergunta.

“SAIBA que Xachariah era o nome que ele carregava. E SAIBA que esse nome penetrou o coração de muitos inimigos.”

“Você sabe por que eu viajava com esses quatro?”

“A tatuagem não conta sobre seus caminhos, apenas sobre o símbolo que os liga. SAIBA que o caminho foi CONHECIDO apenas você.”

Voltei a pensar em 2 dos quatro que ele não havia mencionado, o familiar e o escravo. Achei que Morte podia ser o familiar.

“E qual deles era você, Dak'kon? Você era o escravo?” Dak'kon ficou calado um momento, e a superfície de sua espada transbordou, como num turbilhão.

“SAIBA que este que vos fala lhe devia um serviço. Ao dever a você, tornou-se assim como um escravo.”

“Como isso aconteceu?”

“SAIBA que é uma longa historia. A questão foi entre mim e um outro que um dia foi você.SAIBA que se for ouvi-la,será uma longa historia.”

“Sobre o Plano de Limbo,o Povo formou cidades do caos com seus pensamentos.SAIBA que não existe lugar para uma mente dividida.” Dak’kon ergueu sua espada pelos ombros e a ergueu diante de si. Enquanto ele a olhava,ela afiava ate quase parecer fina como uma folha de papel.

“Uma mente dividida é uma mente desfocada.Uma mente dividida desmorona muralhas e enfraquece as pedras.”Enquanto Dak’kon falava, as lâminas da espada se corroíam levemente, com o metal nebuloso e derretendo sobre as extremidades. “Muitas mentes divididas podem destruir uma cidade.”

“Há muito tempo eu CONHECIA as palavras de Zerthimon. Através da minha voz, muitos passaram a CONHECER as palavras de Zerthimon.Os Zerth protegiam a comunidade de todos os perigos, sejam fosse da mente ou do corpo.Eles são as pedras guias no caos.Então sendo assim eu falei as as palavras de Zerthimon sem CONHECER suas palavras. Com isso eu passei a não me CONHECER mais.”

“Então...você duvidou das palavras?”

“Não.”A voz de Dak’kon era afiada, e sua espada afiava-se em resposta. “ Eu CONHECIA as palavras.Mas passou pelo meu coração que talvez os outros pudessem não CONHECER as palavras de Zerthimon como ele as CONHECIA. E então formou-se uma divisão. Quando minha mente se dividiu,quando ela tornou-se duas,aquilo pareceu pra mim que a pedra guia havia se dividido.Muitos Githzerai, muitas centenas deles...duidaram.Shra’ktlor morreu aquele dia.”

“Os inimigos de Zerthimon vieram.SAIBA que seu ódio pelas palavras e o Povo emprestou a força de suas laminas.SAIBA que eles sentiram a cidade enfraquecida,e trouxeram a guerra para ela.Muitos Githzerai afogaram-se no caos e sobre as laminas de nossos inimigos.”Pequenos grânulos de metal apareceram na superfície da espada,como se fizesse bolhas.

“SAIBA que isso foi a muito tempo atrás.”

“Enquanto eu caia pelas muralhas de Shra’kt’lor, SAIBA que eu mesmo estava dividido.Minha espada estava turva, minha mente dividida.Eu estava a deriva nos mares do Limbo, eu desejava me afogar.Eu morri por muitos dias,minha mente inundava dividida,quando a morte finalmente veio até mim.Ela vestia sua pele, e tinha sua voz.”

“Eu?” perguntei, imaginando como eu podia ter estado lá.

Dak’kon respondeu, “Você pediu que eu o ouvisse.”

Enquanto Dak’kon dizia essas palavras, minha visão me levou a outro lugar, e uma sensação arrepiante começou a subir pelas minhas costas... senti náusea por um instante, e minha visão subitamente era só caos,manchada, torcida, e eu estava e outro lugar, em algum lugar do passado... eu me rendi a memória.

Tudo ao seu redor estava tumultuado- minha visão estava turva,girando,desorientado, tudo de UMA so vez...havia uma nevoa,poços de fogo, ilhas de lama, pedra, e rochas cobertas com gelo nadando através do Plano como peixes, chocando-se e dissolvendo, gotículas de água arqueando através do ar uivando, e chicoteando minha pele como dentes- engasguei de novo com náusea, e me estabilizei; esse era o Plano

de Limbo, tudo era caos, nada era estável... Foquei-me no homem que morria diante de mim e agonizava. Era por isso que havia vindo a esse lugar.

Examinei o Zerth, e vi que ainda estava vivo. O “homem” era um Githzerai, seu corpo estava coberto por uma bolsa de terra que circulava ao seu redor- inconscientemente, ele havia formado uma cova com os elementos, e apesar de fagulhas de água e fogo pulassem em seu rosto, ele não respondia. Suas mãos estavam pálidas, seus olhos negros como carvão não focavam em nada- seu peito refletia fome absurda, mas eu sabia que aquela era a menor dos seus ferimentos. Foi o destino que lhe aplicou o golpe mortal.

Olhei a espada que ele carregava. Em sua mão esquerda havia uma massa retorcida de metal, sua superfície havia derretido ao redor da sua mão como um bracelete. Enquanto o observava, ele cozinhava e chiava, como uma cobra dissecada. O Githzerai parecia não ter ciência daquilo... mas foi a sua arma que me levou até ali.

“Dak’kon, Zerth de Shra’kt’lor-dos Afogados, último usuário da lâmina Karach, saiba que vim até você com as palavras de Zerthimon, cravadas não em caos, mas em pedra, cravadas pelo desejo em um Circulo Interrupto.”

Com a palavra “Zerthimon”, os olhos de Dak’kon voltaram-se para tentar focar em mim. Com esforço, ele forçou-se para falar, mas apenas um suspiro seco saiu. Eu peguei a pedra de minha bolsa para segurá-la diante dele para que pudesse vê-la.

“Saiba que as palavras de Zerthimon escritas nessa pedra são verdadeiras, e saiba que sua mente dividida não precisa ser mais assim. Tudo que você precisa fazer é pegar a pedra e você passará a se Conhecer novamente.”

Os olhos de Dak’kon cintilavam sobre o Circulo Interrupto de Zerthimon, e por um instante, eu pensei que ele pudesse estar muito próximo da morte para reconhecer. Então a mão direita contorceu-se, e ele puxou-a lentamente de sua prisão de barro, as fileiras de terra quando saíam, tornavam-se como água fluindo nos ventos caóticos do limbo. Suas mãos esqueléticas apertaram a pedra, como alguém que se afogava, e seus olhos brilharam.

“Saiba que eu salvei sua vida, Dak’kon, zerth de Shra’kt’lor.”

Os olhos de Dak’kon viraram da pedra para me olhar, e ele chiou outra vez, muito seco para poder reunir as palavras. Ele piscou, lentamente, então falou, sua voz era pouco mais que um sussurro, mas eram as palavras que eu queria ouvir.

“Minha... vida é sua... até que os seus dias acabem...” Fechei meus olhos, e voltei ao presente.

“Então você entregou o círculo para mim?”

“Sim. Ao CONHECER essas palavras, eu CONHECI a mim mesmo.”

“Conte-me sobre o outro “eu”... a encarnação que você conheceu. Como ele era?”

O olhar de Dak’kon me atravessou, e ele se calou.

“Dak’kon?” Eu insisti.

“SAIBA que ele era diferente. SAIBA que as diferenças não são demonstradas através da pele,nem no conhecer das armas,nem na maneira de se vestir.SAIBA que ele era diferente no modo de pensar e da maneira que agia após pensar.Sua VONTADE torna-se substancia.SAIBA que ele via os outros e os outros NÃO o viam.Ele sabia APENAS como usar os outros para si.Seu coração era traiçoeiro, e ele era frio, e sua frieza nunca o queimava.”

“Ele alguma vez o feriu Dak’kon? Ele o traiu?”A lâmina de Dak’kon começou a perder sua cor, a ficar negra opaca, e eu via a lâmina, como dentes, começando a transparecer em suas extremidades.Seu rosto cerrou, e ele falou sussurrando.

“Não é da minha vontade que você SAIBA disso.”

“DIGA-ME Dak’kon. Ele o traiu alguma vez?”

“Eu dei minha **palavra** a ele. Eu me **RENDI** a ele.”

“Do que você esta falando?”

“O Povo não se permite ser escravizado por outro por documentos ou correntes. Se nos encontrarmos em tais jaulas, nós AGIMOS para nos libertar, mesmo que isso signifique resistir a outra jaula por um tempo.Você fez um grande serviço para mim.Ao fazê-lo, você me escravizou.Eu agi para me libertar.SAIBA que eu rendi minha palavra e a MIM MESMO para agir em seu nome até o dia de sua morte.”Com aquilo, eu me senti aterrorizado.

“Mas...eu não posso morrer.”

“Isso não era do meu CONHECIMENTO. Eu rendi minha PALAVRA a ele. Eu me RENDI por COMPLETO.SAIBA que não existe mais nada que eu possa entregar a não ser a minha vida.SAIBA que agora sigo você apenas para poder morrer.”Agora eu sabia porque ele estava tão relutante em falar sobre isso. Senti compaixão pela alma atormentada diante de mim, procurei uma forma de aliviar sua dor.

“Dak’kon, não precisa ser desse jeito...posso liberta-lo.Não desejo mais que você seja um escravo - considere a dívida paga.”

“Não...”A testa de Dak’kon baixou dolorosamente, e seus olhos me atravessaram. “Não são as suas palavras que carregam o peso, e não são elas que irão me libertar.As palavras que acorrentam são as minhas.O tormento é meu.Eu SEI que em meu coração, as correntes ainda existem.Palavras não as chaves para minha liberdade.”

“Existe alguma maneira de liberta-lo?”

“Você deve ter sua morte final.Contudo seu caminho não encontra a Morte.NÃO existe solução para esse assunto.” Eu não podia aceitar aquilo.

“Eu juro que encontrarei uma maneira,Dak’kon. Eu encontrarei um jeito de liberta-lo.” A voz de Dak’kon assumiu uma fúria, como se ele tivesse adoecido.

“SAIBA que você adicionou outras palavras as minhas.” Sua expressão demonstrava dor, e seu olhar cruzou o meu. “Agora você acorrentou a nós dois.”

Eu sentia muito por fazê-lo sentir mais dor, mas eu ainda queria encontrar um jeito de liberta-lo.

XACHARIAH , PARTE 2

Deixei o Mausoléu, e reentrei no Necrotério, procurando pelo zumbi cego outra vez. Usei minha habilidade de falar com os mortos, e perguntei se ele era Xachariah.

“O qu-....você!” O zumbi parecia chocado, mas contente. “Pelo olhar da Dama da dor...” Ele falou com um senso de indagação. “Você não esta MORTO? Amigo?” Eu perguntei quem ele realmente era.

“Então, é difícil penetrar nessa pele apodrecida imunda e ver o velho Xachariah nela? Sou eu, amigo. Benditos sejam os poderes, eu nunca imaginei que o veria outra vez....mas você também mudou, pelo menos é o que os meus ouvidos me dizem....você tem feito más escolhas ultimamente outra vez?” Xachariah bufou pelo buraco e sua garganta. “Estando morto também?”

“É uma longa historia... mas não, eu não estou morto.”

“Bem amigo, eu suponho que não se pode duvidar que você esteja morto, mas como pode falar comigo apesar de tudo? Sua voz é afiada e clara como uma faca...”

“O que você esta fazendo aqui?”

“Eu sou uma mão estável no lugar mais sem vida de todos. Visto que eu poderia passar pelas Fronteiras Eternas e ter um Plano para chamar de lar, mas muito da minha alma se dissipou, e agora eu estou aqui.”

“Como é ser um zumbi?”

“É um trabalho honesto...” A boca dele forçou um sorriso ao esticar a pele ao redor de seus lábios para trás....” Pouco me importo com isso.”

“O que o levou a esse estado?”

Sua voz baixou, como se com vergonha. “É um caminho difícil seguir os seus passos amigo, eu vi muitas coisas terríveis. Passei a beber, e me tornei pouco hábil com as coisas. Um dia, quando estava completamente bêbado, me inscrevi nos Dusties. O destino decidiu me derrubar quando estava caído, e morri logo em seguida.”

“O que você pode dizer sobre minha vida passada?”

“Porque? Você esqueceu de si mesmo?”

“De certo modo...sim.”

“Bem...você era um tipo estranho, sempre suspeitando e procurando algo...considerando que alguém como você tenha inimigos suficientes em suas vidas passadas. E não se podia negar que qualquer um que mexesse com você terminava nos capítulos negros da morte.”

“Mais alguma coisa? Mais específica....”

“Você podia ser absurdamente desumano também...como quando você me fez assinar aquele contrato,ou quando abandonou aquele pivete choramingando em Avernus.Nós passamos por maus bocados também.Nenhum de nós nunca considerou escapar da sua vista filho.”

“No fundo,você olhava o que acontecia com você como se fosse em uma guerra; tudo era como uma batalha para você, e você era o ser mais cruel e desumano que eu já havia encontrado de longe.Nada mais importava a não ser alcançar seus objetivos.A pobre Deionarra com seus soluços e desejos para que você não partisse com outra, ou o Gith lhe avisando sobre suas estratégias, e o pobre Xachariah apenas tentando se manter enquanto atacávamos os Planos.Você era durão pois não podia morrer,mas nós éramos apenas humanos.Agora creio que estamos todos no livro da morte...ou ao menos entrando e saindo dele, por assim dizer.”

“Você abandonou algo quando nos deixou amigo...você deixou Dak’kon sem um mestre, e o crânio sem um amigo.Eu?Você fincou algo profundo dentro de mim, que nunca me deixou enquanto eu estava vivo.Fazia meu sangue correr frio, aquela coisa parecia um pedaço de chumbo no meu peito.” Eu lhe pedi que me falasse sobre Deionarra.

“Aquele intrépida garota que jurava como um soldado em seu nome que lhe seguiria até o mais profundo inferno, e pelos Poderes, ela era tão viciada no pensamento de estar sem você que ela apenas o seguia.Pouco se importava comigo ou com o Gith, e pouco se importava consigo mesma. Ela era selvagem e seu coração era envenenado por você, ela era comprovadamente ingênua. Eu não entendo o que as mulheres viam em você, mas isso fervia o sangue delas.Ela era uma garota de família nobre da Ala Clériga, e você precisava de algo nela, e o único preço era segui-lo.”

“O que eu queria dela?”

“Uma das escuridões que nunca me foi iluminada amigo.Talvez você possa me dizer?”

“O que pode me dizer sobre o Gith?Depois da discussão que tinha tido com Dak’kon, eu não temia que Xachariah pudesse dizer algo que o machucasse ainda mais.

“O Gith de olhar ameaçador...hostil e de poucas palavras, como todos de sua espécie. Eu não confiava naquele Gith nem um pouco.Veja amigo,esses magrelos altos se importam apenas com 2 coisas: em não serem escravizados e em matar aqueles Illithids cabeça de polvos. Tudo mais deixava de ser prioridade,e ele não dava a mínima para qualquer um que não fosse você.” Eu também perguntei sobre Morte, interessado em saber sua perspectiva para ver se ele partilhava das minhas suspeitas.

“Aquele boca suja que ficava tagarelando e enchendo, como o fazia!Sempre dando uma de esperto ele ficava, e tirando saro da minha condição!”

“Você...você era um...arqueiro cego?”

“Eu era sim.Você realmente esqueceu não foi?Todos os homens enxergam mais com seus olhos amigo...alguns melhor que outros.Eu sentia o coração dos meus inimigos- SEUS inimigos- e minhas flechas os acertavam mortalmente.Ah, aqueles tempos...”

“Você sabe o que houve com meu jornal?”

“Aquele pagina de recados que você costurava em si mesmo que tinha mais paginas que eu tive em anos de vida?! Foi uma coisa boa ter perdido aquele livro fantasmagórico! Estava sempre escrevendo nele, tinha cheiro de medo. Parecia que você temia que a qualquer momento pudessem tira-lo de você....você escrevia até a carne sair dos seus dedos eu gostaria de saber se você estava tentando derramar o que tinha no seu cérebro através de sua caneta. Algumas vezes esperávamos dias até que você escrevesse. Eu odiava aquele livro infernal, parecia aprisionar seu coração, e não num sentido positivo. Da ultima vez que o vi amigo, ele estava com você. Se não esta com você agora, eu não sei em que lugar dos planos poderia estar.”

Antes de deixa-lo, Xachariah pediu um favor. Sua voz baixou, como se estivesse envergonhado.

“Eu cometi alguns erros, alguns muito graves, tenho certeza disso, e um dos maiores foi ter assinado um contrato com os Dustman. Se eu não estivesse tão desanimado, eu nunca teria feito aquilo. Eu me arrependo, e eu esperava que você pudesse resolver isso.”

“Pelo que sei, esse corpo irá durar por muito tempo... e todos os dias e noites são longos demais para mim. Você poderia me matar outra vez amigo... pelos velhos tempos? O pensamento de passar longos anos vindouros nesse Necrotério com esses rostos pálidos é algo assustador. Poderia me inscrever novamente no Livro da Morte, que é aonde eu mereço estar?”

“Se esse é o seu desejo...” Eu coloquei fim em seu sofrimento, e Xachariah caiu no chão com um ruído seco. Ouvi um fraco suspiro de seu cadáver, e vi seu peito suspirar uma ultima vez, depois com um fraco barulho, o corpo silenciou.

“Descanse em paz, Xachariah.”

ANNAH, PARTE 1

Voltamos para a Vila Enterrada. Queria ver se conseguia convencer Pharod a lembrar de algo mais a respeito de mim, e podíamos passar a noite lá.

Mais uma vez entramos na morada de Pharod. No final dela encontramos ele, caído no chão, morto, valendo apenas algumas moedas para os Dustman.

“Pai! O que aconteceu? Quem FEZ isso com você?!” Annah gritou ao ver seu cadáver.

Eu a chamei de lado e perguntei, “Annah, você sabe como Pharod morreu?”

“Eu...” Ela negou com a cabeça. “ Eu não sei. Ninguém com meio cérebro iria -Pharod tinha uma grande sombra, e como. Você cruzava o caminho dele, e acabava sofrendo a consequência.”

“Você não precisa mais me acompanhar Annah. Se você quiser ficar aqui na Vila Enterrada, Eu-”

“Não...” Annah me interrompeu. “Eu não preciso ficar na vila- eu estava imaginando o que eu faria se o velho Pharod fosse escrito no livro da morte.” Ela bufou. “Ah, bem; ele provavelmente esta montando nas costas de alguém no inferno, algo assim.”

“Mas...ele é seu pai. Você na-”

“Não era meu pai verdadeiro.” Seus olhos assumiram uma aparência severa. “Ele era ganancioso, e estúpido, e egoísta, e fraco.” Ela franziu a testa. “E agora esta morto. E isso é tudo.” Eu perguntei algo mais que me intrigava.

“Annah, quando Pharod foi devolver o que havia pegado do meu corpo, ele saiu por um tempo, depois retornou- mas ele nunca deixou a corte. Você sabe aonde ele foi?”

“Ah, sim. Escute bem, o velho de muleta tinha um esconderijo num buraco próximo dele. É a única razão que consigo ver para ele ter feito seu lar nesse lugar imundo. Nada além de mal cheiro e sombras.”

“Sério? É lá que ele coloca os tributos que ele arrecada? mas aonde ele guarda isso tudo? Se ele tem estado na vila a tanto tempo quanto ele dizia, ele deve ter juntado uma bela coleção.

“Bem...” Annah ficou calada um momento. “Eu sei que ele nunca deixou seu salão para pegar o que quer que precisasse.”

“Ele não iria querer andar até muito longe com aquelas pernas mancadas, entretanto.”

“Sim, é verdade- mas só se você não estiver observando ele cuidadosamente. Ele não era manco, apesar de fazer um show sobre aquela perna ser fraca.”

“Então porque ele carrega aquela muleta?”

“Eu não sei.” Ela negou para mim. “Você pode perguntar por que tem ossos ao redor do seu colar, dessa mesma forma.”

“Então aquela muleta dele....poderia ser uma chave para um portal?” Annah franziu a testa ao pensar, então acenou com a cabeça.

“Sim, essa é uma ideia.” Ela demonstrou indiferença. “Entretanto, eu não saberia como se usa. Talvez você apenas precise TE-LA.”

Pharod estava morto, mas podiam haver informações minha em seu baú. Fui até seu cadáver. Ele ainda possuía a esfera de bronze, que eu peguei. Também peguei a muleta, e comecei a andar pelo salão.

Em um dos cantos a muleta ativou um portal. Nós passamos por ele, chegando a câmara de Pharod.

Eu estava confuso com o que acabava de ver. A câmara era gigante. Não haviam apenas alguns livros. Havia prateleiras sobre prateleiras de volumes, em uma ordem que Pharod podia levar consigo para seu túmulo. Pilhas de roubos, lixo variados. Pharod devia ter ajudado a criar esse espaço de armazenagem... eu achava que sabia qual tinha sido o destino de seus seguidores quando ele se foi.

Nós procuramos até tarde da noite, e apesar disso pudemos cobrir apenas uma pequena parte do que havia ali. Achamos tesouros mundanos, é verdade, mas nada que lembrasse meu passado.

Enquanto Morte e Dak'kon estavam procurando em outro lugar, pude falar com Annah um pouco mais. Ela me olhou quando olhei para ela com um olhar indagador.

“Sim? O que você quer então?” Eu a pedi que me falasse sobre si mesma.

“Sim, mas o que você quer saber sobre mim?Você esta apenas entediado?Não é uma grande historia não,então se você espera algo épico, é melhor você ir distrair sua cabeça em outro lugar ouviu?” eu a encorajei que me contasse mais sobre seu passado, que ela entendeu ser sobre sua cauda.*Ele pergunta sobre seu passado, mas em inglês isso pode ser interpretado como cauda literalmente*

“Eu vi a maneira que você olha minha cauda- se isso te satisfaz eu vou te dizer de ela veio:é uma benção recebida do meu avô ou da minha avó,seja la qual fosse um demônio.Sou uma Tiefling, sendo assim,tenho sangue de demônio suficiente para fazer com que uma cauda faça parte de mim.Esse sangue passou deles para mim...depois de passar por meus pais,sejam já quem fossem.” Eu a pedi que me contasse mais sobre Pharod.

“O velho aleijado de muletas?Era meu pai, mas não o verdadeiro.Ele me encontrou quando era uma garota...”Annah mostrou indiferença. “Ele precisava de alguém que pudesse se infiltrar aonde seus coletores gordos e desajeitados não podiam ter acesso, então ele passou a tomar conta de mim.”

“Não tenha a impressão errada de que ele tinha sequer alguma parte bondosa dentro de si...ele não estava derramando lagrimas por eu ser uma órfã- ele apenas precisava de alguém para ajuda-lo nas ruas de Hive, e sou pequena o bastante para entrar em lugares que seus rapazes não podem.Alem disso,a maioria deles são medrosos, então eu acabava procurando por lugares que eles tinham medo demais para ir.os Dusties pagam uma boa quantia pelos mortos que eu trago,e Pharod não pegava tanta comissão da minha parte para me fazer mendigar por ai, então ele não era tão mal eu acho.”

“Tinha estado na Vila há muito mais tempo que eu.Chegou aqui há MUITO tempo atrás, talvez tenha ate ENCONTRADO esse lugar, é o que dizem alguns por ai.Ela franziu a testa. “Pharod era sagaz.Tinha um jeito de tirar uma moeda de quase todos, e nunca estava sem dinheiro.”

“Ele esteve procurando a esfera o tempo todo?”

“Creio que sim.” Annah mostrou indiferença outra vez. “Eu não sei porque ele queria tanto encontra-la.Eu pude sentir o cheiro dela assim que você a trouxe para ele.” Ela enrugou o nariz. “Tinha um cheiro pútrido de creme.Contudo...deve ter algum valor para ele carrega-la como ele fazia- quase metade dos coletores tiveram seus nomes escritos no livro da morte para achar essa esfera para ele.” Eu sabia a razão pelo qual ele a queria.

“Eu acho que ele a procurava porque achava que ela podia salvar sua vida.”Ela piscou, questionando o que eu queria dizer com aquilo.

“Pharod não levou uma vida boa, eu suponho- ele foi um dia um grande líder nas Alas Superiores. Ele aparentemente usou sua posição para mentir, enganar, e ferir outros nesse processo- ele o fez tanto que estava destinado a ir para o inferno quando morresse.Ele achou que a esfera de bronze poderia salvá-lo de alguma forma-tanto que ele abriu mão de seu titulo, sua riqueza, e de sua posição para tentar encontra-la.”

“Serio?” Ela ficou quieta um momento, então balançou a cabeça. “Não tem como medir a tolice de Pharod,não tem como.Uma bugiganga não pode salvar alguém das mãos do destino.Se as manchas na sua alma são negras o bastante,nenhum tanto de lavagem ira remove-las.”Ela pausou. “Contudo,se ele achou que poderia salva-lo ,talvez fosse importante de alguma forma...ou pelo menos de algum valor.” Eu a considerei, e murmurei para mim mesmo metade de uma observação que fiz.

“Eu não acho que você e ele são parecidos de forma alguma.” Os olhos de Annah estreitaram, e a cauda dela começou a balançar para trás e frente.

“O que você quer dizer com isso então?” Eu rapidamente respondi atrapalhado.

“Eu quis dizer que ele não parece mesmo um Tiefling.”

“É mesmo, ele não parece...e se você soubesse um pouco mais do que você sabe e do que você ouviu por aí, vagando pelas ruas Hive, você teria o senso de saber que nenhum de nós Tieflings somos parecidos uns com os outros amigos?” Ela balançou a cabeça. “Não tenho esperanças para você, isso é só para os mortos de verdade.”

“Eu não quis dizer aquilo com insulto. Vocês dois são tão diferentes. Quero dizer...Pharod é tão...Pharod, e você não é.”

“Oh, agora você especificar isso? Meu cabelo? Minha pele? Não consigo pensar em nada mais...” Annah deu um tapa de leve em sua testa, então zombou sarcasticamente. “Talvez seja a cauda? A sim, deve ter sido isso! Você é tão mais esperto do que eu sou. Um joia rara.”

“Eu quis dizer que é difícil ver alguma semelhança entre você e velho feio, travado, ganancioso e fedorento e você.”

O rosto de Annah ficou vermelho com vergonha.

“Oh, é mesmo? E como você vê isso?” Eu não podia mentir pra ela, contei toda a verdade, que eu apenas soube que era verdadeiro quando disse.

“Digo, você já se olhou alguma vez? Tirando a maneira como você se garante, você é confiante, sensível, e graciosa. E isso sem levar em consideração suas belezas: esse cabeça avermelhado, esses olhos esverdeados e vivos, e essa postura estonteante.”

Annah apenas me olhava. Eu imaginava qual seria sua reação.

“Então essas são as diferenças que eu queria dizer quando falei que você e Pharod não tinham nada em comum.”

Annah acenou, ainda me olhando. Ela nem sequer piscou.

“Você está me ouvindo?”

Annah subitamente se inclinou, e me mordeu no pescoço, dando um leve beijo. Ao invés de se afastar, ela pressionou-se perto de mim e sussurrou no meu ouvido.

“Você já fantasiou suas chances?” Sua cauda começou a balançar para trás e para frente, mas o ritmo era mais hipnótico do que irritado. Eu podia sentir o coração dela batendo rápido em meu peito, e a cor acentuando em suas bochechas. Eu subitamente tomei ciência de que sua pele era macia e suave. “Quero te dizer uma coisa, e você não pode tirar sarro de mim.”

“Tudo bem...” Respondi.

“Sabia que gosto do seu cheiro? É sim. - me deixa mais louca que os Caosman.” Ela cheirou a parte mais alta da minha bochecha, e ela deu uma chiada ansiosa. “Eu vejo a maneira que você me olha, e eu gosto disso. Você tem olhos famintos. Incendeiam-me.”

“Eu quero morder você, levemente ao redor do pescoço...” Ela me provocou mordendo ao redor dele com seus dentes afiados, sem perfurar a pele, e com cada sussurros, eu podia sentir sua respiração pelos meus ouvidos. Sua mão deslizava para trás de meu pescoço, e o apertava, e eu podia sentir suas unhas na minha pele. “Eu quero enfiar minhas unhas ao redor do seu pescoço, e te forçar a me beijar.”

“Sabia que posso te farejar a 15 passos, esse cheiro de formol saindo de você é igual ao das câmaras dos Dusties. Talvez se você se limpasse mais, seria um grande prêmio.” Seus olhos brilharam. “Eu faria amor com você tão freneticamente que você sairia de si.” Ela se afastou, com sua cauda esfregando de leve contra minha perna, então me olhou com firmeza. “Então...você me deseja?”

Eu não respondi, mas a agarrei, e antes que pudesse se soltar, eu a mordi no pescoço. Enquanto meus dentes tocavam sua pele, Annah chiava alto, miando como uma gata, e se afastou de mim.

“Eu estava apenas te provocando, seu vampiro assustado! Me deixe em paz!” Apesar de seus protestos, entretanto, seu rosto estava corado, e estava respirando rápido. “E olhe suas maneiras da próxima vez!” Ela cruzou os braços. “Você está me deixando vermelha, esta sim.”

Recuei um pouco também. Agora que podia pensar um pouco, me preocupei em estar tirando vantagem dela. Eu imaginava o quanto ela passava com a morte de Pharod, que apesar das palavras, pude notar que ela se importava muito.

Sem termos notado, Morte havia retornado, e pela primeira vez fui grato dele ter se intromedito, o que me tirou de um momento embaraçoso. Morte fez uma de suas observações incisivas.

“Eu gostaria apenas de deixar claro aqui que eu não vou dizer nada para estragar o clima chefe. Eu irei apenas flutuar aqui e olhar. Não se importem comigo- estou apenas quietinho aqui, flutuando e olhando, esse sou eu.”

Annah disse “Pare de olhar para mim, seu crânio bisbilhoteiro.” Eu apenas disse que era tarde e que precisava dormir para descansar. Demoraria cerca de um mês para ver se havia algo de valor verdadeiro na câmara de Pharod, e eu não queria perder tempo.

Precisávamos seguir em frente.

CÃES CAÓTICOS LATINDO

No próximo dia fui ver o que Annah havia encontrado em meu corpo. Enquanto íamos para a Praça do Esfarrapados, eu lembrei da promessa que fiz a Sharegrave de dizer de onde os cadáveres de Pharod vinham. Mas sem dúvida ele iria continuar fazendo o que Pharod fazia. Mesmo sem dizer a ele, algum outro iria assumir essa posição e logo tomaria controle da Vila Enterrada, e organizar mais expedições nas catacumbas, procurando por mortos.

Considereei isso enquanto passávamos por Hive, e me surgiu uma solução. Parei no Bar Acumulador de Poeira, um lugar onde se encontram, e falei com alguns deles. Eles evidentemente já suspeitavam que

aonde Pharod devia estar coletando seus cadáveres, e descrevi a um deles o que estava sendo feito, e de onde os cadáveres estavam vindo. Me senti melhor, já que agora as obrigações de Hargrimm e Stale Mary estariam protegidas.

Enquanto andávamos através de Hive eu vi um habitante Githzerai vindo em nossa direção. Fui interceptá-lo.

Ele virou-se para me olhar quando me aproximei. Como Dak'kon, ele tinha uma coloração amarelada e um aspecto magro. Sua roupa era uma mistura curiosa de cores e marrons desbotados. Os olhos negros sem vida dele olhavam para Dak'kon, depois para mim. Eu havia aprendido algumas maneiras do povo Githzerai com Dak'kon, e conhecia um cumprimento apropriado.

“Saudações, portador de espada.” O Githzerai me ignorou e virou-se para Dak'kon ao invés. Ele disse algumas palavras cortadas com uma língua baixa e estranha – eu acho que pude entender o que ele escondia, então pude traduzir o que ele havia dito.

“Saudações, zerth.” Dak'kon respondeu na mesma língua. A estrutura da sentença era estranha, mas pude entender o que Dak'kon disse.

“Existe um entre aqueles que não é fiel.” Perguntei a Dak'kon o que ele estava dizendo, para tentar confirmar minha tradução. O githzerai virou-se para mim quando falei, e voltou-se a Dak'kon para falar novamente, dessa vez longamente. Eu ainda tinha alguma dificuldade, mas achava que estava ficando mais fácil.

“Existe um chamado Dak'kon que não é fiel ao Povo. Dizem que sua mente é dividida. Dizem que ele é um zerth que não CONHECE as palavras de Zerthimon.” Dak'kon deu a mesma resposta que havia dado antes, mas o tom havia mudado vagamente, mas o significado parecia o mesmo.

“Existe um entre aqueles que não é fiel.” Dak'kon ficou calado, como se desse tempo para as palavras afundarem. “Aquele ao meu lado fala. Você o ouviu?” A resposta do gith foi tão rápida que quase tinha uma força de ataque por trás dela. Não estava certo se havia captado todo o significado, mas parecia como se o gith acabasse de desafiar Dak'kon com um tipo de questionamento.

“Zerth, você OBEDECE as palavras desse humano?”

Eu estava tentado a defender Dak'kon, mas não estava certo se queria que ele soubesse o quanto eu sabia a respeito do que ele dizia. Além disso, Dak'kon era capaz de se defender. A resposta dele foi rápida, mas sua fala era lenta, como se tivesse que puxar as palavras de sua garganta.

“A escolha dele tornou-se a minha.” O gith fez silêncio antes de continuar.

“Essa questão carrega o peso dos Illithids consigo.” Seus olhos brilharam sobre o rosto de Dak'kon. “Não vejo correntes em você. Você fala o que pensa. Como essa blasfêmia veio a acontecer?”

“As correntes são minhas.” Sua pele parecia assumir uma coloração cinza enquanto falava... parecia que cada uma daquelas palavras estavam o matando lentamente. “Anarquia de centenas de anos, não existem relógios que possam medir essa história. Essa questão é mais distorcida que as botas de Fri'hi. Sua solução ainda não existe e pode vir a nunca existir.” Dak'kon mostrou uma expressão de dor, então sua voz ganhou força. “Esse ao meu lado fala. Você o ouvirá?”

O gith não olhou para mim. Sua atenção estava voltada para Dak'kon. "Ele pode falar. Eu irei ouvi-lo."

"Iremos ouvir você," Dak'kon disse ao virar-se para mim.

"Muito bem. Tenho algumas perguntas..." O gith respondeu com uma metáfora.

"Ach'lai- Afogando-se."

Me esforcei para lembrar o que essa metáfora em particular queria dizer. Ach'lai- Afogando-se: Essencialmente, "Uma pergunta cuja resposta não tem propósito." Isso era geralmente o indagador fazer uma pergunta vaga ou inútil mais especificamente.

Eu lembrei da história que Dak'kon havia contado. Os githzerai fizeram seu lar nos Planos externos de Limbo, um plano caótico. Estabilidade pode apenas ser alcançada com o moldar caótico dos planos com sua mente; foco e disciplina eram necessários para isso ocorrer. "Ach'lai" era uma githzerai tolo de um mito que havia se perdido no Limbo, e ela mal era capaz de formar uma ilha ao redor de si mesma. Enquanto estava a deriva na matéria caótica, ela conheceu um viajante dos Planos que lhe ofereceu ajuda.

Ach'lai fez muitas perguntas inúteis e desfocadas sobre como voltar para casa, entretanto, que a ilha de matéria dissolveu ao redor dela, e ela se afogou no Limbo. Foi mais específico com minha próxima pergunta.

"Pode me contar sobre Dak'kon?"

"Ele anda com você." Sua testa franziu. "Como você pode não CONHECE-LO assim sendo?"

"Eu esperava que você pudesse me dizer algo mais sobre ele." Na verdade, eu esperava ver a perspectiva de outro gith sobre Dak'kon.

"Ele não é mudo. Se você quer CONHECE-LO, faça suas perguntas a ele. Não insulte a nós dois tratando um de nós como uma estatua."

O gith não responderia perguntas sobre Dak'kon ou os githzerai, e não aprendi nada novo com suas respostas implícitas.

Decidi, novamente, de alguma maneira libertar Dak'kon de seus votos. Sem sucesso, eu poderia apenas tentar aprender mais sobre os githzerai.

Annah nos levou aonde parecia ser uma habitação abandonada. Nos aproximamos de uma entrada ao lado da construção, por uma porta arqueada. O que a primeira vista eu considerei ser uma porta, na verdade era uma pintura. O artista havia usado as sombras na parte superior do arco e algum efeito sutil para dar a porta a ilusão de ser verdadeira.

"Tem certeza que isso é uma porta Annah?" perguntei.

"Sim...ela foi manchada com pinturas excêntricas dos Cães Famintos, é uma porta real até que você a veja, então ela torna-se apenas uma pintura."

"Como eles fizeram aquilo?" Annah desdenhou.

“Existem coisas estranhas nos Planos.” Ela subitamente fez uma careta. “Você deve perguntar também como você saiu do livro da morte depois de eu ter CERTEZA que estava morto.”

“Então...essa porta...eu apenas olho para ela?E a abro?”Annah olhou a porta, e acenou.

“Esse é o segredo, se o que dizem for verdade.”

“Tudo bem então...farei o que você diz.Você apenas...”

“Espere!” Annah me parou antes que eu alcançasse a porta. “Esse é o único caminho que conheço para chegar ate o lugar que encontrei seu corpo,mas não é um caminho seguro, entende? Tem certeza que esta pronto?Não estou aqui bancar sua baba, não importa o que o velho manco de muletas disse.”

“O que há de tão perigo atrás dessa porta?”

“Homens Caóticos.”Annah sussurrou. “Excêntricos como são. Uivando selvagemmente de dia e de noite, prontos para pinta-lo com suas cores ou rachar sua cabeça com um vaso do salão. São seres perigosos.”

“Se são tão perigosos, então como você chegou até lá?”

“Eu fui sem ser notada. Eles não podem pinta-lo ou mata-lo quando não podem te VER.”Ela me olhou de cima a baixo com uma careta. “Duvido que possa repetir esse feito com você ao redor.Você parece muito desajeitado.”

Fechei meus olhos, fui ate a porta e a apalpei... para minha surpresa, encontrei uma fechadura. Com um leve puxão, a porta abriu.Uma passagem estreita levava para o interior, e dali, pude ouvir um uivar distante.

Entramos em um pequeno quarto.Vi uma Tiefling esguia parada de costas para mim.Notei que ambas as mãos e a mesa em sua frente estavam manchados com um verniz fresco que parecia ser tinta rosa.Ela parecia estar alheia a minha aproximação.

Eu a cumprimentei.Com o som da minha voz,ela virou-se para me cumprimentar.Seu rosto,apesar de estar meio sujo e salpicado com gotas de rosa,era incrivelmente lindo. Ela me deu um maldoso sorriso aberto, então voltou sua atenção a lona improvisada.

Tentei falar com ela,mas ela parecia totalmente imersa em sua obra de arte.Me ignorando completamente.

A partir desse quarto abria-se um pequeno salão,com portas em ambos os lados.Havia outro habitante nessa sala, e eu percebi pela sua reação seria mais típica, pois ele atacou.Foi rapidamente derrotado, pois foi tolo ao enfrentar nós 4 sozinho.

Pegando a porta da esquerda, acabamos em outro corredor que se estendia na maior parte do cortiço.Olhando de um quarto do lado de fora do saguão, eu ouvi uma voz sussurrar,aparentemente tentando chamar minha atenção.Olhando ao meu redor, vi uma silhueta escondida em meio as sombras no canto do quarto.Assim que me aproximei,uma jovem mulher saiu das sombras revelando a si mesma.Estava usando uma túnica desamarrada,que, junto com seu cabelo curto-cortado e corpo esguio, deu-lhe uma aparência um pouco masculina.

“Eu não iria lá se fosse você.” Ela apontou na direção oposta a parede da porta. Quando perguntei o porque, ela estremeceu com o som da minha voz, colocando o dedo nos lábios para indicar silêncio. Ela parou um instante, então respondeu com uma voz sussurrante. “Um bando de lunáticos uivadores, é isso que tem lá. Parece que estão tendo um tipo de reunião. Não será capaz de chegar até o beco até que eles terminem.”

Perguntei quem ela era. “Meu nome é Sybil.” Ela sussurrou quietamente, depois cuspiu na palma das mãos e veio apertar a minha. Perguntei então o que ela fazia ali.

“O que parece que estou fazendo? Estou me escondendo. Vim aqui procurando por... comida.” Notei que enquanto ela falava, sua mão direita instintivamente movia-se a bolsa em sua cintura. “Apenas os idiotas uivantes no próximo quarto apareceram e decidiram começar uma festa na porta da frente. Agora estou presa aqui e não consigo sair.”

Voltando ao assunto principal, perguntei quantos haviam no quarto a seguir.

“Contei cerca de doze deles. Claro, eu estava espiando por uma rachadura na parede, então não pude ser mais apurada que isso.” Eu ponderei um momento, então fiz outra pergunta.

“Existe outro caminho para se chegar até o beco?”

“Deve haver outro meio de chegar até lá sem passar por esses animais sem lutar. Existe outra porta que leva até lá. Pelo que pude ver, existem pilas de caixas de madeira ao decorrer da mesma parede no outro quarto. Pode ser possível se esgueirar daquela porta até a saída do outro lado do quarto. Existe apenas um problema...”

“A porta está fechada... eu tentei. Acho que a chave está com um dos bandidos no andar de cima. Eu não sou louca o suficiente para subir para procurá-la, entretanto.” Ela cruzou os braços contra o peito e me olhou expectativa.

“Se a chave está lá em cima... eu a encontrarei. Até logo.”

Antes de sair, ela adicionou, “Se você for capaz de sobreviver até encontrar a chave, a porta está em um quarto ao sudeste. Eu estarei observando das sombras. Se puder destrancar a porta e chegar até o Beco inteiro, eu estarei logo atrás de você.”

Pedi que Annah liderasse o caminho, já que havia estado aqui anteriormente. Voltamos a escadaria, e continuamos até o fim. Entrei em um quarto que levou a outro, e algumas escadas levando ao andar superior. Annah sinalizou para pararmos. Ela havia encontrado uma armadilha, e foi desarmá-la. Morte flutuou até lá para ver o que ela estava fazendo. Eu podia notar pela tensão nos ombros dela como se ela não quisesse ser vista desarmando a armadilha por uma plateia. Quando terminou, ela virou para Morte.

“Se não parar de me irritar, crânio, vou acabar fincando você na ponta de um espeto!” Morte rapidamente flutuou para perto de mim, mas o seu balançar exagerado fez com que isso bastasse para entender a mensagem.

Subimos os degraus, chegando a outro pátio. Nesse andar fomos forçados a matar mais dois bandidos caóticos, mas não achamos nada que interessasse. No final do pátio haviam mais escadas, que subimos logo em seguida.

Esse provou ser o ultimo andar. Encontramos um pequeno grupo de homens caóticos, incluindo um mago. Esse provou não ser páreo para mim em habilidade mágica, e os outros provaram não ser páreo para me derrotar com suas habilidades físicas. No final da luta encontrei a chave com o mago.

Descemos ate o andar inicial, saindo através de uma porta no quarto na base dos degraus. Nós estávamos na verdade do outro lado do quarto que continha o grupo de bandidos, e após um pouco de procura revelou o painel secreto que Sybil havia mencionado.

Eu duvidava que todos nós pudéssemos nos esgueirar através do grupo do próximo quarto, além do mais nós iríamos precisar voltar por esse caminho. Eu também não tinha ideia de como nos sairíamos enfrentado um grupo tão grande. Mas eu tinha uma solução. Entreguei a Annah um artefato mágico que havíamos encontrado nas catacumbas, uma flauta que invocava nuvens venenosas. Eu expliquei a ele cuidadosamente como funcionava, e o que devia fazer para não inalar nenhuma dose do gás. Então a pedi que se escondesse nas sombras e que soltasse o veneno nos ocupantes. Eu estava apreensivo pela sua segurança, mas senti que devia mostrar que confiava em suas habilidades.

Eu não precisava ter me preocupado. Ela foi capaz de se infiltrar, e sem que ninguém a notasse ela lançou o veneno, matando todos eles. Foi uma pena todos terem sido mortos, mas teria provavelmente sido assim se tivéssemos tentado entrar de outra maneira no quarto. Passamos pela porta, que levava para o lado de fora, para o beco. Enquanto estávamos do lado de fora, tentando encontrar nossa direção, Sybil veio pela mesma porta.

“Devo dizer amigo....Estou impressionada. Eu tinha quase certeza que aqueles animais iriam destroça-lo todo. Bem, acho que deveria agradecê-lo.” Ela parou um momento, e então abriu sua bolsa e pegou uma pequena gema verde.

“Aqui...estava com os bandidos. Vejo você por ai amigo.”

BECO DOS SUSPIROS REMANESCENTES

Nós estávamos no que Annah se referia como beco dos suspiros remanescentes, apesar de que na realidade era mais uma serie de becos intercalados, prolongados entre os edifícios em ruínas e pilhas de lixo.

Ouvi umas marteladas adiante. Quando avançamos o suficiente pude ver de onde vinha o barulho, notei que era um Dabus. Ninguém mais estava por perto; até mesmo Sybil havia desaparecido. Dei uma espiada dentro do prédio por curiosidade, e para minha surpresa encontrei um cadáver.

Vi o corpo de um Dabus morto. O cheiro de sua decomposição era desconcertante e, pela aparência de sua rigidez, já estava morto há muito tempo. Contudo, de alguma maneira, fui inexplicavelmente estimulado pela cena.

Usei minha habilidade de conversar com cadáveres nele. Assim que o alcancei com meus poderes, houve uma leve agitação no ar, e o corpo do Dabus ficou turvo por um instante. Senti uma estranha dor dilacerante nos meus ossos, como se alguém o martelasse, bruscamente, desesperadamente.

Minha visão escureceu um momento,e as marteladas cederam, ate que pareciam vir do lado de fora do meu crânio- a escuridão se foi, e ouvi o martelar vir de dentro do prédio.Todo o lugar parecia de alguma forma nublado, confuso,como se eu estivesse vendo através de uma nevoa.

As marteladas pararam, e subitamente vi uma versão espectral do dabus entrando no prédio. Quando o fez, as janelas e portas tornara-se como água, subitamente selando a entrada pela qual ele veio.O dabus virou-se,parou, e então começou um lento circuito no quarto,examinando as paredes e martelando cada um uma vez, testando-as.

Assim que completou o ciclo no quarto, então parou frente a “porta” pela qual havia entrado.E começou a martela-la,lascando a pedra,mas com cada golpe, a parede se reparava.A visão escureceu, e a martelação voltou, primeiro em um passo firme,então mais lento, e mais lento...

Minha visão clareou e as marteladas cessaram, e eu estava mais uma vez diante do corpo do dabus...parecia que ele havia murchado por aqui,aprisionado na construção.

Sáímos dali,e continuamos seguindo Annah ate o lugar onde ela encontrou meu corpo.Descemos algumas vielas, e entramos em um beco sem saída.Ela apontou para um ponto no chão.

“Esse é o lugar.Encontrei você aqui bem aonde esta.”

Observei o chão aonde estávamos pisando, então olhei para cima para observar com terror o bizarro espetáculo diante de mim.O que parecia ser u simples tijolo rachado no muro, agora latejava e pulsava com movimento.A parede expandia com uma curiosa elasticidade,atirando-se para fora como uma força invisível a estivesse empurrando através de uma barreira para o outro lado.Lentamente,a massa ondulante começou a se acalmar,suas curvas tornavam-se mais e mais nítidas, e me vi cara a cara com uma caricatura petrificada de um rosto humano.

“O que é aquilo?” Imaginei pensando alto.

“Eu não sei.”Annah olhava aquele rosto sem acreditar, suas mãos estavam tateando nervosamente suas adagas. “Mas é melhor irmos antes de descobrir certo?”

Hesitei,havia algo...Subitamente,uma forte brisa começou a soprar ao meu redor e o ar continha um estranha suspiro.O vento corrente ficava mais forte e eu podia sentir outros sons também: o rachar de barcos,o misturar das folhas e o ranger de pedra sobre pedra.Depois de uns instantes,o clamor passou a ser uma cacofonia de barulhos individuais e passou a se misturar com um som articulado.Eu podia ouvir uma voz, uma voz que falava macio, contudo parecia que as palavras vinham todas de uma só vez.

“VOCÊ?!NAO PODE SER VOCÊ.”

“Você me conhece?” respondi. O vento ao meu redor havia parado, mas a voz de alguma forma ainda estava presente.

“VOCÊ FOI RESTAURADO NOVAMENTE? EU TE VI DESTRUIDO.”

“Destruído? Aonde?”

“EU TE VIDESTRUIDO AQUI,NA MINHA FRENTE. EU VEJO TUDO DENTRO DE MIM.”

“Você sabe o que aconteceu comigo?”

“COISAS QUE NÃO POSSUEM SOMBRAS...ERAM SOMBRAS.ELAS ERGUERAM-SE DIANTE DE VOCÊ. TE DESPEDAÇARAM.VOCÊ NÃO SE LEMBRA?” Eu me concentrei no estranho composto de vozes diante de mim.Em algum lugar, nas profundezas da minha mente,houve um breve lampejo de lembrança. Eu senti como se houvesse algo vagamente familiar sobre os sons.

Fechei os olhos e tentei lembrar. Fui capaz de trazer de volta um fragmento,uma memória de mim aqui, cercado por essas criaturas sombrias com formas humanas.Elas se aproximavam, atacavam.Eu devia ter morrido,e Annah encontrou meu cadáver.

“SIM,VOCÊ SE LEMBRA.”A voz do beco soava em meus ouvidos, despedaçando as imagens da minha mente e me trazendo de volta ao presente. “DESTRUIDO. EM BREVE EU SEREI.NÃO POSSO ADIAR A DIVISÃO POR MAIS TEMPO.A PRESSÃO SE MANTEM.LOGO PEDRAS CAIRÃO E OS QUE FLUTUAM IRÃO ME REPARAR,DESTROINDO-ME ENTÃO.”

“Você esta morrendo?”

“A PRESSÃO É GRANDE DEMAIS. MUITOS LUGARES SE JUNTARAM DENTRO.NÃO HÁ ESPAÇO SUFICIENTE. DEVO ME DIVIDIR.”

Annah interview, “Uh, deve ser dessa maneira.”

“Do que você esta falando?”

“Eu acho que esta grávida,” Annah respondeu.

Morte se juntou, “Aberração.Então aonde estamos pisando agora tecnicamente?”

“Eu realmente não quero saber a resposta disso Morte.” A voz continuava falando, ignorando meus companheiros.

“AJUDE-ME A DIVIDIR.A EXPANDIR.RAMIFICAR. NOVAS FENDAS IRAO SE ABRIR.VOCE PODER-A USA-LAS PARA IR ATE A ALA INFERIOR.”

“Do que você precisa para se dividir?”

“OS FLUTUANTES ESTAO SOBRE MIM.REPARANDO.ISSO FAZ COM QUE EU NÃO POSSA ME DIVIDIR.EU DESFAÇO SEUS REPAROS.MAS ELES VOLTAM NOVAMENTE E OUTRA VEZ. REPAROS NOVOS.OS FLUTUANTES DEVEM SER REMOVIDOS.”Eu não tinha certeza se eu gostava da consequência daquelas palavras.

“Você quer que eu MATE os dabus do beco?”

“REMOVA-OS. SÓ ASSIM PODEREI ME DIVIDIR.”

Eu soube através de Iron Nails que o caminho para a ala inferior estava bloqueado. Eu sentia que devia ir a outros lugares da cidade.Se ajudando essa...coisa fosse resolver, que seja.

Encontrei um dabus próximo de onde estava. Tinha certeza de que havia pouca chance de apenas convencê-lo a deixar o lugar, e mesmo que pudesse fazê-lo ir embora, ele voltaria sem dúvida rapidamente.

Entretanto, havia uma maneira. Fui até ele e disse que havia encontrado um cadáver de um dabus no beco.

Como imaginei, ele se interessou no que eu tinha a dizer, e logo ele entrou na casa que havia apontado a ele.

Por um instante, eu glorifiquei meu poder. Eu percebi que podia facilmente submeter aqueles ao meu redor a minha vontade, forçando-os a seguir meus comandos independentemente das consequências que aqueles atos trariam para suas vidas insignificantes. Mas apenas por um instante.

Eu havia enviado o dabus para sua própria morte, com tanta certeza como se tivesse cortado sua cabeça fora. Pode-se argumentar que foi para salvar outra vida, mas não estava fazendo nada errado, não a ponto de medir certo e errado na qual eu gostaria de viver.

Eu pensei na encarnação que Dak'kon e Morte haviam conhecido, e soube que se seguisse o caminho que me deixou tentado naquele instante, que era aqui que eu iria terminar. Considerei tal tentativa, e vi que não me atraía de verdade.

Hora de seguir em frente.

Quando voltamos a criatura, ela disse que o serviço que o dabus havia feito já havia enfraquecido-a suficientemente ao ponto que não podia seguir em frente, seja “concebendo” ou ao quebrar suas partes. Ele descreveu o que o dabus havia feito, e concordamos em desfazer o que ele havia feito.

Felizmente, eu tinha um pé de cabra que havia pegado no Necrotério, e com um martelo improvisado o serviço do dabus havia sido desfeito.

Retornamos até o ser. Ele falou novamente, usando os sons do ambiente do beco.

“SIM. TUDO ESTA EM ORDEM. EU SOU GRATO.” Novamente o vento começou a soprar ao meu redor, dessa vez com grande intensidade. Os sons onipresentes do beco começaram a aumentar o volume até que o suave murmúrio da voz quase foi abafada pelo barulho que se seguiu. “AGORA VOCÊ DEVE IR. A DIVISÃO VAI SE INICAR. O CAMINHO ESTA ABERTO PARA VOCÊ.”

O rosto de pedra diante de mim começou a se transformar novamente, sua massa mudava de forma e turvava enquanto eu observava. Toda a parede parecia derreter diante dos meus olhos, expondo uma estreita passagem adiante. O Chão abaixo subitamente começou a tremer violentamente e o leve suspiro do vento se intensificou para um gemido mais urgente, quase que humano. Eu podia ouvir os barulhos das pedras se rachando e as placas se encaixando ao meu redor enquanto corríamos pela passagem.

Nos apressamos adiante, até estarmos em uma área cheia de edifícios rearranjados. Olhando para trás, a estrutura dos becos e edifícios deixados para trás haviam mudado completamente.

MESTRE DOS OSSOS

Olhando adiante, vi que havíamos entrado em uma nova área de Sigil, não tão debilitada quanto Hive, contudo, ela possuía seu próprio cheiro ruim. Fui distraído por um vendedor de rua, e não notei Morte vagando. Não, quer dizer, até ouvir seus gritos. Dois homens rato haviam sequestrado ele, estavam correndo com o crânio.

Escolhemos persegui-los, mas eles conheciam o local, e os perdemos de vista. Voltei aonde havíamos começado.

Andei até um homem com armadura, evidentemente um dos homens de Ebb Creakkness da facção dos Harmoniosos da qual havia mencionado. Ele se apresentou como Measure Three Vorten (Voto de Três Medidas), mas dizia estar atarefado e recusou-se a ajudar. Talvez sequestros não fosse parte do seu trabalho quem sabe?

Olhei ao redor, e vi um batedor de meia-idade vestindo roupas empoeiradas. Ele se provou mais útil, dizendo que se era um crânio que havia sido tomado, eu deveria procurar por Lothar, o Mestre dos Ossos. Ele não sabia exatamente aonde Lothar estava, mas me disse para procurar um edifício eviscerado na enfermaria.

Vaguei pelos arredores um pouco, até que cheguei a um edifício dilapidado, o único que pude ver com tão pouco reparo na ala. Entrei, e vi meio que uma abertura no chão, e uma escada de ossos levando abaixo dali. Esse devia ser o lugar.

Abaixo havia uma cerca de meio dúzia de prateleiras de crânios. Reconheci as prateleiras do meu sonho antes de acordar no Necrotério. Uma voz familiar dirigiu-se a mim de uma delas; Morte era um dos crânios.

“Graças as Poderes que você está aqui, chefe. Me tire daqui.”

“O que você está fazendo aí?” Perguntei

“Aqueles homens ratos malditos que capturaram e me trouxeram para cá! Vamos lá chefe... precisamos dar o fora daqui! Esse lugar não é uma boa!”

“Porque você apenas não flutua para cá?”

“Não posso! Já tentei! Vamos lá, me tire daqui antes que...”

Um clarão de luz e fumaça me cegaram por um instante, e um homem avermelhado ficou diante de mim.

“Temos visitantes crânio? O homem devia ser o tal Lothar.

“Ah... não.” Morte sussurrou furiosamente para mim. “NÃO OFENDA essa cara chefe... ele vai te matar antes que você possa cuspir.” O velho ignorou Morte.

“Saudações viajante. Quem será você para entrar no humilde salão de Lothar sem ser convidado?” Não havia mal algum em ser educado.

“Minhas desculpas senhor, mas o senhor pode estar com algo que me pertence.”

“A é? E o que poderia ser isso?”

“Meu amigo Morte nessa sua prateleira.”

“Você quer aquele crânio tagarela com metade da graça e dos bons modos de qualquer outra espécie ordinária? Me de um crânio melhor se quiser tê-lo de volta.” Lothar respondeu. “Eu não preciso negociar com algo que já é meu.”

“Ele nunca foi seu...ou de qualquer um... para começo de conversa.”

“Sua ignorância é surpreendente. Você realmente sabe muito pouco de quase nada. Agora: vá buscar um crânio maior para substituí-lo ou despeça-se do seu amigo.”

Quando lhe perguntei aonde encontrar outro crânio, ele me disse para procurar nos túmulos abaixo daquela área. Ele me falou em um em particular que devia estar enterrado em uma cripta além das Nações Afogadas. Percebi que o necromante não sabia tanto quanto achava que sabia. Ele se referia ao túmulo cheio de armadilhas que uma das minhas encarnações anteriores havia deixado para meu “inimigo”. Eu lhe disse que o túmulo estava vazio.

“Qual o significado disso?” Ele disse, com a voz demonstrando raiva. O túmulo está tão bem protegido, tão bem defendido contra magias de adivinhação, que foi um desafio até mesmo para mim! Deve haver alguma explicação para isso, e,” ele soletrou as próximas palavras lentamente e furiosamente. “VOCÊ irá trazê-lo para mim. Vá através do portal na câmara abaixo e procure a resposta.”

Eu também, estava ficando irritado. Já era hora dele saber que também não estava lidando com qualquer um. Eu lhe disse que eu sabia a resposta porque era o meu próprio túmulo.

“Seu TUMULO? SEU TUMULO?” Ele me olhou cuidadosamente. “Iremos investigar isso com mais cuidado. Traga-me outro crânio então, já que você parece gostar do seu, e veremos que respostas posso entregar. Nosso acordo será como o anterior. Não tente me enganar nem por um osso sequer- eu sou um grande conhecedor. Volte quando você tiver algo de valor para mim.”

Lembrei de algo que trazia comigo. Algo que, a menos que uma pessoa tivesse sofrido as experiências que tive nos últimos dias, um observador teria achado difícil de acreditar que eu poderia ter esquecido. Puxei dos meus pertences a cabeça mumificada que havia guardado.

“Eu tenho o crânio de Soego, o missionário espião e metamorfo dos Dustman.” Lothar pegou o crânio de Soego de mim e o examinou cuidadosamente, checando os dentes.

“Um Dustman missionário e espião hein? Isso é satisfatório.” Seus dedos fincaram no crânio através de um gesto mágico. “Seu amigo o aguardará no andar de cima, de onde você veio. Tenha suas respostas comigo.”

Lothar cedeu um pouco, e concordou em responder algumas respostas. Eu lhe perguntei primeiro porque eu era imortal.

“Sua mortalidade- sua alma, se você deseja, aquela que lhe permite viver e morrer- lhe abandonou. Ela foi arrancada de você através de artifícios mágicos, pela Bruxa da Noite Ravel Puzzewell. Sua mortalidade é a chave de sua existência- quando encontra-la, irá encontrar suas respostas.”

Obviamente ele sabia muito mais sobre mim do que qualquer outro Haia dito anteriormente. Eu lhe pedi que me contasse sobre Ravel.

“Ravel Puzzewell é um enigma, mesmo dentre as próprias bruxas noturnas. Alguns a chamam de excêntrica; outros dizem que o jogo que ela joga é muito mais profundo que qualquer outro. Ela é maligna, completamente, fazendo os demônios que você ve na área parecerem ser angelicais se comparados a ela. Ela esta fora do alcance dos homens agora, graças aos seus poderes,pois ela foi aprisionada pela Dama da Dor.”

Presa!Eu lembrei da descrição que havia obtido,ou de como aqueles que desagradassem a Dama poderiam acabar aprisionados em uma realidade separada,entretanto haviam rumores que sempre existe uma saída,mesmo se essa for quase impossível de se encontrar.Me pergunto como poderia chegar ate ela.

“Labirintos são como dimensões internas....pequenos lugares entre lugares.Para chegar a um,você precisa encontrar um portal e uma chave.Eu não sei aonde estão o portal ou a chave.Talvez você devesse checar algumas das suas velhas aquisições- você deveria visitar o Salão de Festas Civil-eles possuem muitas respostas lá.”

Eu perguntei o que Ravel havia feito. “Ela fazia quebra cabeças, uma solucionadora de problemas que não precisavam ser resolvidos. Ela decidiu que Sigil,a Jaula,era o maior quebra cabeça de todos, e focou-se a desfazê-la- para deixar entrar os exércitos de amigos à sua disposição, sem dúvida, para perturbar o equilíbrio da cidade e transformar todo a fortaleza em um ossuário gigante.De graças aos Poderes que ela não foi bem sucedida.”

Lothar deixou o quarto com seu novo pertence, nos deixando. Eu sabia que seria melhor tentar pegar tudo enquanto ele não estava lá,mas decidi examinar as prateleiras.Eu andei olhando crânio por crânio,ate que um deles falou comigo.O voz desse crânio era baixa e rouca, o som parecia de pedra e aço.

“Eu.... acho que já te vi antes...desconhecido.”

“Aonde você já me viu?”

“Curst. Cidade Portal para Carceri.”Com meu olhar perplexo , ele continuou. “O que você é, Sem noção?É uma cidade portal,na borda das Terras ,Distantes,o portal para o plano de prisão de Carceri.É um lugar cheio de traidores e apunhaladores, e esta cheio de intrigas quanto os de um Baatezu.Estando próximos ao Carceri aptos para mudar a natureza do lugar;eu não me surpreenderia se a cidade mudasse de lugar.”

Eu sabia devido aos ensinamentos do Cambion no Bar do Cadáver Flamejante que uma cidade portal estava prestes a deslizar para um plano adjacente, nesse caso, Carceri.Eu perguntei ao crânio o que eu estava fazendo ali.

“O que você estava fazendo lá?” Você estava reclamando algo sobre algum idiota estar tentando te matar e vagando por todo tipo de lugar errado.Bom,você estava obviamente excêntrico e tudo mais, então eu e meus amigos matamos você. Enfiamos uma faca em você e dividimos seus pertences. Foi logo depois disso que eu fui traído,mas não antes de eu ter escondido algumas coisas.” Quando perguntei sobre as “coisas”, ele rapidamente respondeu com desdém.

“Não vou dizer. Talvez algum dia eu recupere meu corpo de volta e vá busca-los, ou talvez não, mas no momento me dá um grande prazer ver você vagando. Boa sorte ao procurar.” O crânio ficou quieto, e nenhum tipo de bajulação o convenceria a falar novamente.

Outro crânio, que havia dito que uma vez foi conhecido como Ocean Before the Storm (Oceano antes da Tempestade), tinha sido um Sensato, que é um membro da Sociedade da Sensação, cuja sede ficava no Salão de Festas Civil. Ele me disse que havia parado ali devido às ações de Ravel Puzzelwell, que os poderes amaldiçoem sua alma negra, tinha ido pra lá atrás para procurar respostas para as charadas que havia encontrado. Ela era uma especialista em resolver charadas-aquelas que deixam nossas melhores mentes confusas além da neblina que força sua razão, contudo ela havia encontrado dificuldades que precisavam de respostas externas. Eu ouvi que ela estava lá para desvendar os segredos de Sigil em si.”

“Ela era horripilantemente feia, não hesitando em usar sua magia para disfarçar sua forma- ouvi que ela o fazia, ou FEZ, de tempo em tempo- e aquela forma diabólica externa assustava muitas facções potenciais. Contudo, eu tinha que perguntar o que ela iria fazer, e se ela poderia me ensinar o que ela já sabia.”

Eu interrompi, “Parece que isso parece ter sido um engano.”

“Foi mesmo. Ela me ofereceu um pacto, pois ela se alimentava e vivia das charadas. Se ela respondesse minha pergunta, eu devia concordar em responder uma dela. Se eu errasse a resposta, minha vida seria dela. Concordei. Ela me disse que pretendia desvendar o segredo da Jaula, para abri-la para quem quisesse entrar- Entidades, demônios, Angelicais, modrons e slaadi, sem mencionar qualquer plano interno que quisesse se aproximar para entrar. A parte mais importante para ela era que o segredo que há tanto tempo ficou escondido de todos havia sido revelado por Ravel.”

“Ela fez a pergunta dela. Eu não pude responder apesar dela dizer que a resposta era tão aparente quanto o nariz no rosto dela. Meus antigos companheiros Sensoriais me encontraram gritando no sensorio quando chegaram na manhã seguinte. Eu implorei a eles que me matassem, e eles concordaram. Nenhum deles nem sugeriu que eu saboreasse a nova experiência, de tão horrível que era. E... aqui estou eu. Agora devo descansar.” Eu ainda não estava pronto para deixá-lo ir ainda.

“Qual foi a pergunta?”

“Era: Como se muda a natureza de um homem? Eu achei difícil responder, e disse, “Com amor.” Ela disse que todas as pessoas se amam muito a si mesmas para serem mudadas por algo tão simples como o amor. E então ela... ela... eu preciso descansar agora.”

Puxando pela memória, eu achei ter visto uma silhueta com nariz de gancho e pele escura fazendo a mesma pergunta... mas não pude me lembrar da resposta que dei.

A maioria dos crânios eram antigos demais para responder ao meu chamado, e já era hora de me juntar ao Morte novamente. Saímos do lar de Lothar, encontrando Morte nos esperando impacientemente quando saímos para a Ala Inferior.

Agora que estávamos todos juntos, perguntei aos meus companheiros se sabiam algo sobre Ravel Puzzelwell. Ao mencionar o nome, Annah cuspiu três vezes e fez um gesto de semi círculo sobre o coração.

“Pssssiu!Você é burro?!Não fique mencionando o nome DELA,se você presa sua vida!Ela é a mais maligna das Bruxas Cinzas.”A voz de Annah virou quase que um sussurro, como se tivesse medo que a escutassem. “Imunda, maldosa e com mais poder para gastar do que algumas Entidades.Dizem que ela é completamente ramificada e ate mesmo tem um coração.Dizem que NUNCA poderão mata-la, “pois o corpo dela é como uma árvore,você corta um galho, e sempre tem outro ainda crescendo em outro lugar através dos Planos.”

“Você fala como se ela ainda estivesse viva.”

“Claro que ela está. Ela TEM que estar.” A voz de Annah baixou novamente. “Como alguém iria MATAR algo como ela?Foi por isso que a Dama teve que aprisiona-la, foi o que foi feito.” Perguntei se Morte tinha algo a me dizer sobre Ravel.

“Bem, ela é uma bruxa da noite- e foi ela que definitivamente o tornou IMMORTAL, entre todos os seres. Digo, ela podia ter escolhido a mim.” Morte girou os olhos. “Contudo, qualquer um que seja enlouquecido o suficiente para trocar golpes com a Dama da Dor não é alguém que você queira encontrar.”

CIRCULO INTERRUPTO DE ZERTHIMOM, PARTE 2

Andamos até a área mercante. Parei em um vendedor, ao ver um homem corado,violento.Ele estava gritando e se comportando como se uma guerra estivesse prestes a começar,como se tivesse algo alojado em seus intestinos,como...bem,como se estivesse excitado demais para falar em um tom normal de voz.Morte olhou ao ser redor na multidão, então ao anunciante.

“Oh, um leilão!Talvez possamos vender Annah aqui.”

“Eu o retalharia se você tivesse algo para ser retalhado crânio!” Morte girou os olhos para mim.

O leiloeiro tentava nos interessar em algo, mas nãoobteve nenhuma atenção até ter anunciado quartos. Quando eu rapidamente concordei, e fomos passar a noite em um deles.

Resolvi tentar ler novamente o Circulo Interrupto de Zerthimon de Dak'kon novamente. Abi o quarto ciclo, e comecei a ler.

“SAIBA que o Povo que se ergueu contra os Illithids foi algo que se deu após muitos anos de trabalho. Foram muitos do Povo que se uniram e ensinaram os caminhos secretos para derrotar seus mestres Illithids.Eles aprenderam a defender suas mentes, e a usa-las como armas.Lhes foi ensinado as escrituras do aço, e mais importante, lhes foi dado o CONHECIMENTO da liberdade.”

“Alguns dentre o Povo aprenderam a natureza da liberdade e as gravaram em seus corações. O SABER lhes deu a força. Outros temiam a liberdade e se mantiveram quietos. Mas haviam aqueles que CONHECIAM a liberdade e CONHECIAM escravidão, e a escolha desses é que seu povo permanecesse acorrentado.Um desses era Vilquar.”

“Vilquar não via LIBERDADE para os que se erguiam, mas oportunidade. Ele viu que os Illithid se espalhado através de muitos Mundos Falsos. Suas palavras influenciaram tantos que sua visão era focada apenas para o Exterior, para tudo que eles ainda não haviam tocado. Os olhos de Vilquar viram que havia muita coisa que os olhos dos Illithids não viam. Para os que se erguiam, os Illithids eram cegos.”

“Vilquar veio diante de seu mestre, o illithid Zhijitaris, com o CONHECIMENTO dos que se erguiam. Vilquar assumindo suas correntes ofereceu ser seus olhos. Em troca, Vilquar pediu uma recompensa por seus serviços. O Illithid concordou com sua oferta.”

“Ao firmarem o contrato, surgiu uma era negra. Foram muitos as traições que Vilquar cometeu e muitas foram as pessoas que os illithids alimentaram-se para conter a ascensão do Povo que se erguia. Parecia que o Povo iria morrer antes que isso ocorresse, e os Illithids ficaram satisfeitos com os olhos de Vilquar.”

“Já estava no fim dessa era de escuridão quando Zerthimon passou a SABER das traições de Vilquar. Ao CONHECER suas visões, Zerthimon forçou os que se erguiam a se silenciarem, para que Vilquar acreditasse que suas traições haviam sido um sucesso, e que os que se erguiam haviam caído. Ele SABIA que os olhos de Vilquar estavam preenchidos com a recompensa que lhe fora prometido. Ele iria ver o que queria ver.”

“Com ganância batendo em seu coração, Vilquar foi até o Illithid Zhijitaris e falou sobre seu sucesso. Ele havia dito que o Povo que se erguia havia caído, e que os Illithids estavam seguros para voltar seus olhos para o exterior mais uma vez. Ele elogiou a sabedoria deles por usarem sua visão, e pediu sua recompensa.”

“Com sua grande cegueira, Vilquar esqueceu a RAZÃO do porque seu povo havia sofrido a escravidão. Ele havia perdido o CONHECIMENTO do que a escravidão significava. Ele havia esquecido o que os mestres Illithid viram quando viram o povo. Dessa maneira a traição de Vilquar terminou em outra traição. Vilquar passou a SABER que assim que seus olhos não tivessem mais nada para ser visto, eles se tornariam inúteis.”

“Os Illithids deram a Vilquar sua recompensa, abrindo seu crânio e comendo seu cérebro. O cadáver e Vilquar foi jogado nos Campos e Cascas para que seu sangue pudesse regar as gramas venenosas. ”

O significado desse quarto ciclo parecia muito mais claro que os anteriores. Eu disse a Dak'kon o que havia lido.

“Quando alguém escolhe enxergar apenas o que esta diante e si, eles veem apenas parte do todo. Eles são cegos. E assim como Vilquar estava cego pela promessa a sua recompensa, a mesma forma estavam os illithids por crerem que o Povo que se erguia sucumbiu. Pois quando ouviram as palavras de Vilquar, eles voltaram seus olhares para o exterior novamente não foi? E o Povo que se erguia estava livre para o ataque?”

“SAIBA que você esta correto. Os olhos e Vilquar traíram tanto ele mesmo quanto os Illithids. Esses inimigos acharam que não haviam mais nenhum daquele Povo que se erguia. Quando a ascensão deles ocorreu, o chão se infestou com sangue Illithid. Então foi uma vitória nascida a partir da traição.”

“Foi uma lição curiosa. Porque ela fazia parte dos ensinamentos e Zerthimon?” A espada de Dak'kon assumiu uma cor morta, negra como a noite, e sua voz se aprofundou- por um instante, achei que ele estivesse nervoso, mas não tinha certeza.

“Existe muito sobre o Caminho de Zerthimon que é difícil de CONHECER.”

“Você SABE porque os olhos de Vilquar fazem parte do Caminho de Zerthimon?”

“É parte da historia sobre como nosso Povo passou a CONHECER a liberdade. Ele nos permite SABER que existem aqueles, mesmo dentre o Povo, que não fazem parte do mesmo. E que mesmo na maior das traições, uma grande SABEDORIA pode ser alcançada.”

Eu aceitei aquilo, e Dak’kon me entregou outra “magia” Githzerai. Ele também desbloqueou o quinto Ciclo de Zerthimon ao meu pedido.

Comecei a ler o quinto ciclo.

“Zerthimon foi o primeiro a CONHECER o caminho da liberdade. Contudo não foi o primeiro a CONHECER o caminho da rebelião.”

“O CONHECER da causa rebelde veio através da rainha guerreira Gith, uma dentre o Povo. Ela havia servido como soldado os Illithid por anos nos Falsos Mundos, e ela passou a CONHECER a guerra e a carregava em seu coração. Ela havia passado a SABER como os outros podiam se organizar para julgar os outros. Ela CONHECIA os caminhos do poder, e ela CONHECIA a arte de pegar dos conquistadores as armas pelas quais poderiam ser derrotados. Sua mente era focada, e tanto sua mente quanto sua espada eram um só.”

“Ao ponto em que Zerthimon passou a CONHECER Gith, ele deixou de CONHECER a si mesmo. As palavras dela eram como chamas acesas nos corações daqueles que a ouviam. Ao ouvi-las, ele passou a desejar CONHECER a guerra. Ele não SABIA o que o afligia, mas ele SABIA que queria unir sua lamina a de Gith. Ele desejava expressar seu ódio e partilhar sua dor com os Illithid.”

“Gith era uma entre o Povo, mas seu CONHECIMENTO próprio era superior a qualquer um que Zerthimon já havia encontrado. Ela CONHECIA os caminhos da carne, ela CONHECIA os Illithids e CONHECIA a si própria, ela SABIA como derrotá-los em batalha. A Força de seu CONHECIMENTO era tanta que fez com que outros CONHECESSEM suas forças. E Zerthimon colocou sua espada aos seus pés.”

Eu contei a Dak’kon o que havia aprendido.

“Existe força em grandes quantidades, mas existe um grande poder no individuo, pois a força de vontade de um pode arrecadar muitos outros. A força não esta apenas em SE CONHECER, mas em como FAZER com que outros também consigam.”

Dak’kon abriu então o sexto ciclo, para que pudesse estudá-lo, E comecei a ler.

“Sobre as Planícies Amaldiçoadas, Zerthimon contou a Gith que não podia haver dois céus. Ao pronunciar essas palavras, a guerra veio.”

“Sobre as Planícies Amaldiçoadas, o Povo tinha conseguido sua vitória sobre seus mestres Illithids. Eles CONHECERAM liberdade.”

“Contudo antes das chamas verdes terem morrido no campo de batalha, Gith falou sobre continuar a guerra. Muitos, cheios de sede por sangue em seus corações, concordaram com ela. Ela não falava sobre meramente derrotar o Illithids, mas sobre destruir todos eles através dos Planos. Depois que fossem exterminados, eles levariam guerra a todas as raças que encontrassem.”

“No coração de Gith, as chamas queimavam. Ela vivia uma guerra,e com ela, ela se CONHECIA.Tudo que seus olhos viam, ela queria conquistar.”

“Zerthimon falou sobre os princípios do porque era contra a vontade de Gith.Ele disse que o Povo já CONHECIA liberdade.Agora iriam novamente CONHECER a si mesmos e causar o mesmo dano que haviam sofrido.Por trás dessas palavras estavam os corações de muitos do Povo que estavam cansados da guerra contra os Illithids.”

“SAIBA que o coração de Gith não tinha o mesmo sentimento que o coração de Zerthimon nessa questão.Ela disse que a guerra deveria continuar.Os Illithid seriam destruídos.Não haveria mais nenhum deles.Então o Povo iria reivindicar o Falsos Mundos como sendo propriedade deles.Gith disse a Zerthimon que estariam sobre o mesmo céu nesse ponto.As palavras foram como aço nu.”

“De Zerthimon veio o Pronunciamento dos Dois Céus. Ao pronunciá-lo, veio a guerra.”

Eu disse a Dak´kon o que havia aprendido.

“Eu SEI que a devoção de Zerthimon com seu povo era tanta, que ele estava disposto a protegê-los deles mesmos.Ele sabia que os Illithids não se conheciam por ter aquela obsessão em controlar e dominar.Então ele escolheu parar Gith antes que isso levasse seu Povo a morte.Deve haver equilíbrio em tudo, de outra forma não haverá sucesso.

Ele girou o ciclo de Zerthimon, mas dessa vez haviam duas placas com magias gith, e não uma. Eu virei meu olhar das placas para ele enquanto as segurava.

“Dak´kon... a segunda placa é para você?”

Dak´kon ficou calado. Sua espada parou de brilhar, o filme congelou sua superfície. Ele estava olhando a segunda placa, paralisado.

“VOCÊ CONHECE o sexto ciclo?”Dak´kon olhou para cima,mas seus olhos negros não olharam nos meus.

“SAIBA que não há nada mais que possa lhe ensinar. Você CONHECE o caminho como o Povo CONHECE, e isso lhe dará a direção que permitirá que você se CONHEÇA.”

“Não foi isso que perguntei. Você CONHECE o sexto ciclo ou não?” Dak´kon ficou calado um momento, então falou, com a voz lenta e cuidadosa.

“Eu passei a não CONHECER mais o Sexto Ciclo de Zerthimon.Um dia, o CONHECI,mas agora SEI que enxerguei apenas palavras.” Os olhos de Dak´kon passaram por mim. “Isso é tudo. O meu destino é passar a não CONHECER mais o Caminho de Zerthimon.”

“Dak´kon...existe algo que eu gostaria de SABER.Porque o olho de Vilquar esta no Circulo de Zerthimon?Parece estranho.Ele conta como o Povo se beneficiou de uma traição para si próprios.Parece que....” Os olhos de Dak´kon brilharam.

“Eu te disse que faz parte de como o Povo passou a CONHECER a liberdade. Você não escuta?” Sua voz enfraqueceu, como se contasse uma passagem de uma memória. “Conta sobre como o Povo mesmo através da maior das traições, alcançaram uma SABEDORIA mais grandiosa.”

“Não parece que você acredita nisso. Eu acho que existe outra razão para o Olho de Vilquar estar no Circulo de Zerthimon. Esta inserido lá para justificar a traição de Zerthimon ao Povo nas Planícies Amaldiçoadas.”

Dak'kon ficou calado, e sua espada mudou de cor, assumindo uma coloração negra morta, com dentes ondulando sobre a lâmina.

“Ele dividiu o Povo nas Planícies Amaldiçoadas, Dak'kon. Ele dividiu sua raça, quando estavam no caminho da vitória. Eu GOSTARIA de acreditar que foi porque ele queria salvá-los deles mesmos- mas não creio que VOCÊ acredite nisso.”

Dak'kon continuou calado um momento, e então me disse lentamente. “Eu... não CONHEÇO o Sexto ciclo como outros CONHECEM. Eu temo que o Terceiro Ciclo, o Quarto Ciclo e o Sexto estão mais ligados do que muitos SABEM. E foi por SABER disso que me perdi.”

“No Terceiro Ciclo, Zerthimon imergiu sua vontade para enganar os Illithids, então no Quarto Ciclo, ele conta dos benefícios da TRAIÇÃO. Então no Sexto Ciclo, Zerthimon divide seu povo antes que exterminem os Illithids. Você não acha que as palavras de Zerthimon possam referir-se a ele mesmo?”

“CONHEÇA minhas palavras, e CONHEÇA o ferimento que se aloja dentro do meu coração: eu temo que quando Zerthimon estava sobre o Pilar do Silêncio, ele não submergiu sua vontade. Receio que sua vontade tenha sido tomada dele pelos Illithids. E quando ele falou sobre as Planícies Amaldiçoadas, foi a vontade deles que foi dita. Receio que o que foi feito ali não foi pelo bem do Povo, mas pelo bem dos nossos antigos mestres.”

“É possível, mas SAIBA que não significa necessariamente que...”

“Então SAIBA disso e não fale mais sobre esse assunto.” A voz de Dak'kon foi como uma faca. “SAIBA que eu nunca irei SABER a verdade. Não existe solução para esse assunto, pois nunca irei CONHECER como estava o coração de Zerthimon nas Planícies Amaldiçoadas.” Seus olhos negros olhavam a pedra circular em suas mãos. “E sendo assim não me CONHEÇO devido ao Circulo Interrupto de Zerthimon.”

Não sabia o que dizer. Me senti mal por fazer mais uma vez Dak'kon revelar sua angustia interior, e eu não sabia o que fazer. Me preparei para dormir, mas me mantive acordado muito tempo.

ALA INFERIOR

Na manhã seguinte, eu andei através da Ala Inferior. Entrei em uma loja de caixões (isso era obvio, já que a loja em si tinha forma de caixão). O tema “Projetado para a Eternidade” estava acima da porta. Algo familiar nesse tole me fez querer entrar.

Eu vi um homem muito grande com mandíbula quadrada. Ele virou para mim com um largo sorriso.

“Como você está amigo, bom dia para você, bom dia de verdade.” Ele me olhou um instante, e esticou a mão para me cumprimentar. Outro homem que ficou parado em pé, que eu acreditava ser um cliente, não disse uma palavra, apenas me olhou silenciosamente. Enquanto apertei a mão do outro, ele continuou falando.

“Hamrys aos seus serviços, membro dos Harmoniosos e designer dos ótimos caixões para aqueles que se foram recentemente. Acho que te conheço não é...?Deixe-me ver se consigo lembrar...” Ele parou um instante. “Eu era afiado com os nomes nos Harmoniosos, deixe-me te dizer. Conhecia todo mundo na Ala toda...”Minha mentira para todos os propósitos escapou sem ter consciência do que iria dizer a ele.

“Meu nome é Adahn.”

Ele bateu os dedos. “É claro! Adahn! Eu sabia que te conhecia! De qualquer forma, precisa dos meus serviços?”Ele me estudou,então sorriu, vendo uma oportunidade de fazer uma piada as minhas custas. “Senhor, me parece que precisa desesperadamente de um caixão, e rápido.”Ele parecia contente com sua piada.

Eu tinha dificuldade de fazer Hamrys escutar qualquer coisa que dissesse. Ele parecia gostar de ouvir sua própria voz, e eu eventualmente apenas fiquei quieto,deixando ele falar, experimentando um novo sentimento, o do tédio. Depois de cobrir vários tópicos em detalhes excruciantes, ele começou a falar sobre seu diário.

“Eu já havia falado com alguns dos pintores na Ala Clériga sobre a possibilidade de pinta-los. Me fora dito que eles eram bastante perspicazes sobre vários aspectos da vida da cidade que eu observei no meu dever como Harmonioso.Mesmo sem treino formal, muitos concordaram que meu estilo de escrever é bastante surpreendente...mas chega disso.Seria muito mais fácil deixar você ouvir por si mesmo:EU podia ler pra você algumas das minhas paginas mais perspicazes...”

Hamrys leu algumas passagens do seu jornal monótono para mim, todas elas entediantes ate certo ponto. Eu estava prestes a encontrar uma escapatória, quando ele mencionou algo sobre o desaparecimento de seu pai que eu não entendi. Por alguma razão, aquilo chamou minha atenção. Tentei fazer com que parasse.

“Espere, você disse que seu pai desapareceu?” Hamrys levantou a mão para parar minha interrupção até que terminasse o próximo parágrafo em um de seus enfadonhos jornais.

“Então o que você achou ate agora? Surpreendentemente mais perspicaz que se possa imaginar de um simples membro dos Harmoniosos não é?”Ele sorriu.Ele parecia ter ignorado minha interrupção.Tentei perguntar novamente.

“Sim, muito perspicaz.Você disse que seu pai desapareceu?”Ele concordou.

“Ah sim. Há muitos, muitos anos atrás. Meu pai era um pedreiro muito talentoso,e ele não construía apenas sarcófagos, mas também era muito habilidoso com o design dos túmulos.Pessoas de toda Sigil...”

O quarto começou a se esvair ao meu redor como um memória roubada da minha consciência...

Me encontrei na mesma loja,falando com um homem mais velho enquanto uma criança estava sentada em um canto brincando. No canto entre mim e o lojista havia um conjunto de planos. Ele parecia estar explicando algumas complexidades na construção de um tumulo.Minha visão ficou turva e tentei examinar os detalhes dos planos.

Quando minha visão retornou eu estava diante de um tumulo em uma caverna. Abaixo da entrada eu via um slogan: Construído parta a Eternidade, claramente gravada na pedra. O vendedor estava diante de

mim, com um amplo sorriso no rosto. Ele gesticulou para mim e começou a andar para o tumulto. Eu rapidamente acelerei meu passo e saquei minha espada...

Vi que estava na parte de trás da loja de Hamrys. Eu sabia agora quem havia construído a tumba que havia encontrado nas catacumbas nas Nações Afogadas, e que eu, ou pelo menos uma das minhas encarnações anteriores, havia assassinado o construtor para manter seu segredo. Aparentemente Hamrys não havia percebido que eu não estava prestando atenção. Na próxima vez que ele parou para tomar ar, eu fiz outra pergunta.

“Diga-me o que aconteceu com seu pai.”

“Ele simplesmente sumiu um dia, deixando a maioria de suas delegações pendentes. O mais embaraçoso; levou muito tempo para quitar o débito causado pelo seu desaparecimento, e ainda mais, eu ainda estou quitando algumas pendências. Contudo, eu tenho certa aptidão para o trabalho, e...” Ele suspirou de leve e deu um olhar distante. Ele mostrou indiferença. “Desculpe, eu estava apenas pensando...” O desaparecimento de meu pai foi o que fez com que me unisse aos Harmoniosos, e saísse de lá mais tarde. No início eu tinha um desejo ardente em descobrir o que houve com ele, depois eu passei a sentir uma certa obrigação em continuar o seu trabalho em vida.” Ele suspirou. “Nunca encontrei as respostas que procurei. Foi realmente um mistério o que aconteceu...” E sua voz tornou-se um silêncio. Aproveitei essa pausa para sair rapidamente de sua loja.

Saindo de lá, continuamos andando. Vi uma Githzerai na multidão, e curioso, me aproximei dela. A mulher tinha uma pele amarelada e traços severos. Tatuagens cobriam seu corpo, e carregava consigo uma longa espada ao seu lado. Seus olhos eram como duas pequenas perolas negras. Quando me aproximei, Dak’kon seguiu meus passos. Antes que pudesse alcançá-la, Dak’kon interrompeu.

“Gostaria que me escutasse.”

“O que foi Dak’kon?”

“A minha vontade é que não falemos com essa mulher.”

“Porque não?”

“Ela é uma zerth. Nossas vontades são espadas cruzadas. Não temos semelhanças.”

Eu estava mais interessado do que nunca em falar com ela. Além disso, mais do que qualquer outro uma zerth seria capaz de entender pelo que Dak’kon estava passando. Eu ponderei a resposta.

“Então não fale com ela.” A Githzerai, que havia visto nossa aproximação, resolveu falar nesse momento.

“Porque você insulta o Circulo Interrupto de Zerthimon ao continuar indo contra seu coração? Você não tem um número dentro do Povo, traidor de Shra’kt’lor! Os Anarquistas e os Zerths disseram e suas palavras devem ser obedecidas. Você não deve se dirigir a mim... ou a qualquer Zerth.” Dak’kon a respondeu.

“Você irá ouvir quando esse humano falar?”

“As palavras dele carregam seu peso e tem a forma do Limbo. Eu não irei ouvi-lo Dak’kon.”

“Ele viaja comigo Kii’na, discípula de Zerthimon. Ele vem até você para ouvir os ensinamentos de Zerthimon que você como uma Zerth deve transmitir. Você o ouvirá?” Dak’kon continuou.

“As palavras de Zerthimon não são para os ouvidos dos humanos escutarem. Suas mentes não são como uma, e elas levam divisão aonde vão. Ele veste uma pele de cicatrizes e sangue, e viaja com um traidor. O coração de Vilquar bate em seu peito se você perguntar se eu irei escuta-lo.” Dak’kon tentou convencê-la outra vez.

“Você irá fechar sua mente para as palavras dele? CONHEÇA o que diz antes de falar o que pensa, Kii’na, zerth de Zerthimon.”

“Eu não o escutarei. Ele irá me ouvir.” Ela respondeu.

“Isso é suficiente.” Dak’kon virou-se para mim, e falou na minha língua. “Ela o ensinará.”

A Gith virou-se para mim. Seus olhos como perolas negras brilhavam perigosamente.

“Eu não o CONHEÇO, mas sua aparência lhe faz ma juízo, humano. Seu corpo é escrito com cicatrizes e sangue, e você anda na sombra de alguém que clama falar com o próprio Zerthimon. Diga o que pensa!”

“Saudações, usuária de espada.” Eu decidi mostrar que pelo menos eu conhecia a saudação formal, mas ela apenas respondeu irritada.

“Suas saudações são como o pó. O sinal do amanhecer se aproxima- o tempo é curto, humano. Eu gostaria de SABER quais são suas perguntas, e depois gostaria que saísse.” Muito bem, eu irei pular as formalidades.

“Pode me ensinar a diferença entre os Githzerai e os Githyanki?” Ela olhou severamente para Dak’kon por um instante.

“Gith foi um grande guerreiro que libertou nosso povo da escravidão dos Mestres Illithids. Zerthimon era seu tenente. Quando os dois libertaram nosso povo, Gith voltou-se contra Zerthimon nas Planícies Malditas. Palavras foram ditas. O aço foi desembanhado- e o povo foi dividido. Aqueles que permaneceram com a rainha piranha tomaram o nome Githyanki. Aqueles de nós que seguimos os caminhos de Zerthimon permanecemos puros e usamos o nome de Githzerai. Nossa fúria st5a na traição de Gith.”

“E porque odeiam um ao outro tanto assim?”

“Ambos somos como as mulas de Penansk- teimosos, cegos e irritados. Os Githyanki acrescentam a crueldade a essa lista. Eles nos odeiam porque não podem entender nosso crescimento nos planos.” Decidi mudar o foco.

“Pode me ensinar o Caminho de Zerthimon?” Seus olhos tornaram-se ásperos com essas palavras.

“Você viaja com alguém que se considera um Zerth e me ensina sobre moralidade, e, contudo você pede a mim que lhe ensine o Caminho? Peça a ELE que o ensine, pois eu não IREI!”

Tanto esforço para tentar aprender mais sobre Zerthimon falando com outro Zerth. Decidi direcionar para a animosidade entre ela e Dak’kon.

“O quis dizer quando você disse que eu andava sobre a sombra de um ingrato?”

“Você caminha com um ingrato e não CONHECE sua historia? Ele é rápido para dizer certas palavras, mas sobre a sua própria ele manteve silencio? Pergunte a ele sobre Shra’kt’lor, da queda da poderosa fortaleza dos Githyanki, e veja o que sua mente dividida lhe revelará. Pergunte a ele como ele fala sobre Zerthimon, mas sua Karach é como a névoa.” Dak’kon interrompeu.

“Não são nas palavras de Zerthimon que falta convicção. São seus ecos que foram distorcidos.”

“Sem duvida.” Kii’na respondeu, “Do jeito que as palavras de Zerthimon são ditas. As gerações de Zerth são como as Joias de Rrakma, com uma singularidade apenas. Sua postura carrega consigo uma mente dividida. A dúvida é sua, um eco lançado da sua infidelidade.” Dak’kon calmamente retrucou sua afirmação.

“Suas palavras não condizem com a mente de Zerthimon. Elas são formuladas por inclinações de ódio, como se moldadas da própria mente de Gith.” Aquilo irritou Kii’na.

“Você irá se juntar aos mortos de Shra’kt’lor no Caos inconstante, pois você vê tudo com os olhos de Vilquar.Sua mente é dividida, sua KARACH é fraca!”

Aproximei-me para ficar entre eles. Como se sentisse minha intenção,Dak’kon falou comigo sem tirar o foco que mantinha em Kii’na.

“Detenha-se, e não fique no caminho de nossas laminas.” Eu CONHECIA Dak’kon, enquanto que não conhecia Kii’na obviamente.Não sabia se Dak’kon procurava sua própria morte, ou se estava prestes a cometer outro erro. De qualquer modo, eu não testaria a sorte.

“Dak’kon, ordeno que pare com isso.” Dak’kon relutantemente baixou sua espada. Kii’na olhou descrente para ele um momento, e então um sorriso afiado veio em sua expressão.

“Finalmente a verdade.Sua mente não é dividida.Você é....um ESCRAVO desse humano.Ele fala com uma autoridade Anárquica com você, e você o escuta.” Dak’kon, ainda calmo, respondeu.

“Sua mente é moldada a partir da de Gith, Kii’na.”

“Vamos, Dak’kon.”

Questionei vários que passavam pela Ala Inferior, mas aprendi pouca coisa, ate me ariscar com alguém que olhava esses que ali passavam.Vi um homem de idade com trajes elegantes.Ele tinha olhos brilhantes e um sorriso gentil.Ele se curvou levemente enquanto me aproximava.

“Bom dia, amigo.Sou Sebastion, como posso servi-lo?”Eu o cumprimentei, paro qual ele respondeu, “Saudações para você também amigo...” Ele parou no meio da sentença quando notou minhas cicatrizes. Eu vi que seus olhos passaram por todas elas e suas sobrelanceiras se arquearam em surpresa. “Eu estava prestes a perguntar o que podia fazer por você,mas não tem necessidade.Acho que posso ver porque veio me ver, amigo.” Perguntei então quem ele era.

“Sou Sebastion,um....tipo de mago.Eu trabalho para aqueles que concordam com meus preços.”Eu prossegui com sua oferta implícita.

“Você...esta tentando dizer que pode me ajudar com essas cicatrizes?” Ele sorriu para mim e deu com os ombros.

“Talvez, amigo, talvez.” Ele inclinou-se pra frente e começou a examinar as cicatrizes com cuidado. Ele percorreu com o dedo varias delas, murmurando consigo mesmo. Finalmente ele olhou para mim. “Sim, amigo, posso ajuda-lo. Eu não posso cura-lo, mas posso aliviar a pior parte da... condição.”

“E seu preço?”

“Ah sim...o preço.” Ele começou a coçar a barba e olhar para mim. Tive a impressão de que estava sendo medido de alguma forma. Ele parecia ter chegada a uma decisão. “Acho que tenho um trabalho que você poderia cumprir.”

“Assinei um contrato com certa criatura. Eu não sou mais capaz de cumprir com esse contrato; esta ... além das minhas habilidades. Entretanto, a criatura não ira me libertar dele. Ao invés disso ela tem me ameaçado de morte a não ser que eu cumpra o que esta no contrato. “

“Deixe-me adivinhar. Você quer que eu resolva esse impasse para você.” Ele suspirou.

“Sim. Não posso fazer isso eu mesmo. Minha reputação exige que eu cumpra o contrato ou sofra suas consequências. Estou a sua mercê nesse assunto. Você ira me ajudar?”

“Que tipo de criatura estamos falando?”

“Um abishai chamado Grosuk, amigo.” Ele parou para medir minha reação. “Sei que é uma tarefa difícil, mas acho que você pode lidar. Além disso, a recompensa que te ofereço é grande.” Ele apontou para minhas cicatrizes.

“Você foi contratado para fazer o que?” Ele negou com a cabeça.

“Não posso revelar tal informação, amigo. Estou magicamente impossibilitado disso. É por isso que as pessoas me procuram. Elas sabem que se eu aceitar o contrato, eu irei lidar com discrição.

Um demônio. Não importava que tipo de acordo que Sebastion fez com a criatura, mas eu não podia deixa-lo morrer por causa dela. Concordei em ajudar. Ele me deu então mais detalhes.

“Obrigado amigo.” Você ira precisar de uma arma mágica para causar dano a ele, então cheque algumas lojas se não tiver nenhuma. Um usuário de magias também pode feri-lo. Grosuk pode ser encontrado ao leste, além da Torre de Cerco.”

“Torre de Cerco?”

“Sim, além do mercado. Essa maldita coisa surgiu um dia, há alguns anos atrás. Ninguém sabe porque e ninguém entra lá para descobrir.”

Eu perguntei sobre a área mercante na qual estávamos.

“Essa é uma área comercial comum, amigo. Existem muitas coisas sendo vendidas aqui. Magias, poções, informação, mulheres, homens... Quase qualquer coisa, se puder pagar por elas.”

Perguntei então sobre a Ala Inferior em si.

“Essa é a Ala Inferior, amigo, lar do povo comum e o lado industrial de Sigil. Não é como os esgotos de Hive, contudo não possui o esplendor da Ala da Dama.”

Perguntei a ele, “Porque é chamada de Ala Inferior?” Ele deixou escapar uma curta risada e encolheu os ombros.

“Isso depende do seu ponto de vista, amigo. Os ricos dizem que é porque esse é o lar das classes mais comuns e baixas. Se perguntar aos que aqui vivem, dirão que é por causa dos portais... e do acidente.”

“Que acidente?” Eu repliquei.

“Sim...” Ele franziu a testa para pensar. “ Há muito tempo atrás era conhecida como Ala Nobre. Pessoas novas na cidade eram colocadas aqui e não tinham acesso ao resto de Sigil. Havia muitas outras restrições aqui também... Alguns se sentiam ofendidos e decidiram começar uma rebelião. Não chegou a lugar nenhum, claro, até que fizeram uma descoberta fascinante...”

“Veja, existem muitos portais nessa área da cidade e a maioria leva aos Planos Inferiores. Bem, aquele imbecil encontrou uma maneira de abrir todos de uma só vez. Ele permitiu QUALQUER coisa que quisesse passar pelo portal entrar na cidade. Rapidamente a situação ficou sangrenta; uma guerra terrível estava garantida. De qualquer forma, é por isso que é conhecida como ALA Inferior. Por causa dos portais.”

“Sebastion, como essa pessoa abriu todos os portais?”

“Ele usou um item que ou ele havia obtido ou havia feito ele mesmo. Era chamado...” Ele parou para pensar um momento. “Ah, eu lembrei, a Chave Sombria Enfeitiçada...” Ao mencionar a chave eu comecei a me sentir zozinho, o mundo ao meu redor congelou, e tudo tornou-se cinza. Senti uma memória do passado tentando voltar a minha consciência. Eu relaxei, e deixei que viesse.

O mundo ao meu redor se esvaiu e eu estava nas ruas sombrias de Sigil. Meu coração estava palpitando, tentando sair do meu peito, minha respiração era falha. Parecia que eu estava correndo a horas, e contudo não podia parar...”

Virei uma esquina e entrei em um beco, finalmente diminuindo meu ritmo. Senti minha força sumir enquanto eu inclinava uma parede próxima para tentar recuperar meu fôlego. Tomei ciência de que algo pressionava a palma da minha mão. Olhando pra baixo pra ver minha mão acirrada para olhar a gema encravada na carne.

Meu corpo caiu em direção a parede até minha testa tocar a sua superfície fria, úmida. Meus olhos fechados e eu fomos forçados a tomar um fôlego profundo. Assim que senti minha força retornando eu ouvi um barulho fraco e instantaneamente assumi um alerta total. Me virei para olhar a boca do beco.

Inicialmente eu não vi nada, apenas visões de fantasmas causadas pelas sombras da noite. Eu estava prestes a ir embora quando um leve movimento chamou minha atenção. Lentamente, uma forma feminina cintilava um dourado em uma quina, parava, e então virava-se para me encarar. Meus olhos viajaram de sua cintura delgada até seus seios, e então para seu rosto escondido. Mesmo na escuridão eu podia ver seus olhos frios, sem emoção alguma...

A memória sumiu e minha visão voltou ao normal. Eu estava diante de Sebastion no mercado. Ele me olhava com certa preocupação, mas isso passou quando ele viu que eu estava bem. “Pensei que você tinha nos deixado por um momento amigo.”

“O que houve com a Chave Sombria Enfeitiçada?”

“Ninguém sabe. A chave se perdeu há algum tempo. Muitos acreditam que a Dama da Dor pegou a chave para prevenir para que não fosse usada novamente.”

“Então, qual foi o resultado da rebelião?” Ele pensou um momento.

“Bem...Todos, com exceção do líder, foram escritos no livro da Morte.O líder apenas vieram e apenas sumiram um dia,sem duvida foi obra da Dama da Dor.Os sobreviventes deixaram a ala.Os vapores da Ala Inferior haviam poluído o ar sabe.De qualquer forma, a ala permaneceu deserta até o dia em que a Fundação foi eventualmente construída.”

“O que você pode me dizer a respeito da Fundação?” Ele franziu a testa.

“É o lar dos Homens de *Deus*, amigo. Se você tem perguntas a respeito deles, sugiro que vá ate a Fundação para tira-las lá.”

Decidi ver se podia rastrear o demônio de Sebastion, enquanto via se encontrava algo a mais pela ala.Parte da área mercante era interna, dentro de uma longa, construção aberta com uma curvatura na metade de noventa graus para baixo do seu comprimento.Passamos em vários mercantes diferentes, e parei para falr com um jovem menino.

Ele tinha pele pálida,amarelada. Suas roupas eram sujas e precisavam de remendos. Ele estava cuidando de uma fornalha.

“Saudações.” Ele virou e deu um meio sorriso enquanto fazia seu serviço.

“Olá...você precisa de alguma ajuda?” Respondi que precisava.

“Sim,sim, eu ficaria feliz em poder ajuda-lo se eu pudesse...”O garoto parecia satisfeito em não ficar apenas ali sobre a fornalha.

“O que posso dizer para você?”

“O que é esse lugar?”

“Esse lugar?”Ele olhou ao seu redor. “É o Mercado ao Céu Aberto.Muitos vendedores e compradores vem aqui para fazerem seus estoques do dia.Eu tenho estado aqui já faz um bom tempo. Tenho trabalhado aqui sobre o olhar do meu pai.” Ele parecia um pouco distante. “Um dia eu poderia assumir seu comercio.”

“Pode me contar sobre essa ala?” Ele concordou.

“Ah sim, aqui é a Ala Inferior .Povo comum mora aqui, como eu e meu pai.” Seus olhos abriram mais que o comum e ele parecia excitado. “Você sabe porque é chamada de Ala Inferior?”

Já que ele parecia ansioso para explicar, eu o encorajei que o fizesse.

“Bem, pelo que se sabe, a ala virou uma bagunça de portais para o Plano Inferior no qual todos passavam facilmente, e o fizeram, então creio que é por isso que o nome pegou.” Ele sorriu orgulhoso.

“Alguma criatura ainda atravessa esses portais?” Seus olhos se arregalaram.

“Sim, passam sim. A maioria deles apenas da uma passada...” Ele engoliu nervosamente e pareceu preocupado.

“Você parece nervoso, você já viu por si mesmo?”

“Sim,eu já vi...” Ele parou e engoliu de novo. “Aconteceu apenas a uma semana atrás, vi um bando de abishais saírem pelo portal.Eles conversaram um pouco entre si e então um deles voltou pelo portal.Um deles ficou por aqui...”Ele franziu a testa.

“Sobre o que conversavam?”

“Não tenho certeza, para mim estavam apenas cochichando sabe, mas acho que falavam sobre a Torre.”Ele deu com os ombros.

“A Torre?”

“Sim, é uma das mais estranhas visões aqui na Ala.Ninguém sabe realmente a quanto tempo aquela horrenda torre velha tem estado ali...você não pode entrar lá sabe.Ela é mais fechada que um cinto de castidade.Eu gostaria de saber o que há lá...”Ele pensou um momento. “O abishai estava gesticulando para a Torre e para um portal. Estavam procurando a chave , eu aposto.”

“Que chave?”

“A chave para o portal que leva para a Torre.Cada portal tem uma chave que leva a outro lugar.A chave pode ser um gesto,um item, ou mesmo um pensamento...muitos tentaram entrar nessa Torre.Não importa o quanto tente, você ira falhar.”

Eu considerei o comentário e sussurrei o pensamento.

“Talvez o segredo seja não querer entrar lá...”Ele não deu importância.

“Não sei amigo.Pode ser...”

“Conte por favor aonde esse portal esta localizado.” Ele parou para pensar um instante.

“Tem uma ponte elevada como uma contração atrás da Torre,ao leste do mercado.Ele fica lá....”Ele deu um olhar distante.

Eu o deixei sonhando acordado, e continuei,procurando os outros produtos dos mercantes.

Deixamos o Mercado ao céu Aberto, e estávamos deixando o lugar por completo quando passamos por uma construção cercada com fumaça saindo.Essa devia ser a Fundição que Sebastian mencionara.

Dentre a multidão adiante vi algo notável. Parecia um githzerai, mas suas roupas eram muito mais brilhantes.Mesmo sua maneira de andar era sutilmente diferente.Se esse era quem eu pensava que era, era melhor deixar Dak´kon de lado.Pedi aos outros que fossem para outra área do mercado, que em breve eu os encontraria.

O sujeito tinha uma pele de couro áspera com um aspecto amarelado e um aspecto magro. Seu rosto era angular,"seu nariz era pequeno e empinado, e suas orelhas pontudas.Uma sequencia de tatuagens cobriam seu corpo. Ele vestia um couro exagerado que parecia mais ornamentado do que vestido para

combate. Seus olhos eram como pequenas pedras negras e me acompanhavam enquanto eu me aproximava.

“Você é o humano que procura memórias.” ele disse, terminantemente. “Posso ajuda-lo.”

“Você é um githyanki não é?” Perguntei.

“Tenho prazer de ser do meu povo.” Sua voz era chata. “Você precisa da minha ajuda para recuperar suas memórias?”

“Quem e o que é você?”

“Eu sou Yi’minn.Sou um pescador githyanki.Meu povo são os incontestáveis mestres do Plano Astral, aonde os deuses vão para morrer e as memórias dos mortos flutuam como folhas nãos poças. Meu dever é recuperar essas memórias dos mortos e resgatar a informação.Eu posso localizar suas memórias.Você apenas deve pagar um preço.

“Qual seria esse preço?”

“Apenas algumas meras moedas.O preço é negociável. Eu peço cem delas. Você ira determinar o valor das memórias resgatadas que eu encontrar e paga de acordo.” Esse githyanki me tratava como se fosse um tolo,mas eu decidi concordar, e ver aonde isso iria dar.

“Parece bom.O que tenho que fazer?”

“Se eu vou pescar suas memórias, eu vou precisar de algumas memórias que você possui. Também preciso de um lugar calmo para me concentrar. Se você me acompanhar, iremos viajar para um lugar e irei fazer você ser completo novamente. Iremos sozinhos, sem companhias.”

“Concordo.Vamos indo.”

E assim fomos,entramos em um beco.Cerca de meia dúzia de githyankis me cercavam.O humor de Yi’minn havia se tornado algo muito mais feio do que sua arrogância anterior.

“Agora,humano, largue seu escudo de mentira e nos diga o que você disse aos githzerai dentro daqueles muros.”

“Nós não íamos procurar as minhas memórias?” Perguntei, ironicamente, apesar de duvidar que eles entendessem minha entonação.”

“A única maneira de você viajar para os Planos Astrais é acorrentado humano. Você tem mais uma chance de nos dizer o que você disse e fez com os githzerai dentro das muralhas de Sigil.”

“Não irei lhe dizer.” Respondi.

“Então irá morrer.” Ele sacou sua arma e atacou! Eu apenas fiquei parado, e deixei que me matasse. A Espada de Yi’minn me cortou a garganta e senti o sangramento se espalhando pelo chão. Eles ficaram diante de mim e começaram a conversar.

“Ele realmente não sabia de nada, Al-midil?” Outra voz respondeu.

“Suas palavras eram como as de nossos inimigos.Mesmo que fossem verdadeiras,nós cauterizamos sua ignorância com a morte pelo ferro.Vamos deixa-lo aqui para os Colletores buscarem.Nós já colhemos

informações suficientes dos githzerai nessa viagem. Eles irão perder outra fortaleza antes do nascer do sétimo dia. Os muros de Vristigor irão cair.”

“Se você acha que nosso conhecimento é suficiente,” Yí’minn disse, “Vamos indo. Juntem os guerreiros e vamos nos juntar na guerra do Limbo.”

Eu não podia mais suportar os efeitos dos ferimentos letais que havia sofrido com apenas força de vontade, e acabei morrendo.

Acordei um pouco mais tarde no mesmo beco. Após checar rapidamente, todos os meus itens estavam comigo. Evidentemente os githyanki acreditavam em fraude e assassinato, mas talvez roubar um cadáver estivesse abaixo de sua “honra”.

Voltei para o mercado aberto. Meus companheiros compreensivelmente imaginavam o que me havia feito demorar tanto. Morte demonstrou sua impaciência com seu jeito típico.

“Ah, vamos lá. Vamos mover nossas pernas. Quer dizer... Você mexa as pernas.”

EU não lhes disse o que havia feito, apenas pedi que me acompanhassem até a Zerth, Kii’na. Precisamos procurar um pouco a redor para encontrá-la, mas finalmente a encontramos. Ela olhava para Dak’kon enquanto me via com ele. Ela me deu as costas, como se desafiasse Dak’kon a acertar o alvo.

“Pare com isso Kii’na. Você conhece a fortaleza de Vristigor?” Ela me olhou- áspera.

“Como você, que caminha na trilha da sombra de um traidor, passou a SABER esse nome?”

“Um grupo de Githyankis estão planejando invadir a fortaleza dentro de 7 dias. Eles estavam indo para lá agora mesmo.

“Saiba... SAIBA que tem minha gratidão... você e esse Zerth. SAIBA que isso não será esquecido.” Ela virou-se para Dak’kon. “SAIBA que isso NÃO IRA perdoá-lo pela queda de Shra’kt-lor. O veredito dos Anarquistas se mantém.

O que Kii’na havia dito a respeito dos Githzerai mais cedo? Teimosos, cegos e problemáticos. Eu a deixei, nem ela nem Dak’kon se pronunciaram.

Voltamos a procurar pelo demônio. Cada vez menos pessoas andavam pelas ruas, e eu percebi o porque logo adiante. Uma torre gigantesca erguida aos redores das construções, bloqueando o caminho. Suas muralhas eram esburacada e marcadas; parecia ter presenciado uma batalha durante sua existência. Uma ponte na parte superior da torre, quando baixada, daria acesso a partir da torre de cerco aos muros de uma cidade ou da fortaleza.

Na sombra da torre vi uma criatura reptiliana com um corpo semelhante a uma serpente, com quatro garras, asas de couro e cabeça draconiana. As escamas que cobriam seu corpo era um tom vil de verde. A criatura se ergueu sobre as pernas traseiras, balançando com sua cauda preênsil. Assim que me aproximei ele estreitou os olhos e ele começou a chiar.

O ar ao redor da criatura começou a emanar um calor e suas escamas assumiram um brilho pálido. Ele me deu um olhar faminto e parecia pronto para atacar. Subitamente ele desencadeou uma sequência de chiados e relaxou um pouco a sua postura.

“SSssss!Saia.Grossssuk não fala. Me disseram para esperar...SSSssssss...”Ele me olhava enquanto sua cauda se mexia para frente e para trás.

“Sebastion me mandou aqui.” A criatura relaxou um pouco e o ar esfriou um pouco.Ele ergueu uma das mãos para mim.

“SSssssss.De informação a Grossssuk.”

“Que informação?” Era difícil ler as expressões faciais em um demônio, mas estava certo que Gorsuk estava meio aborrecido comigo. Sua cauda começou a abanar furiosamente e o ar começou a esquentar novamente.

“Sem perguntassssss.Me de a informação ou morra.Grosuk pegara então a informação do seu cadáver.”

“Preciso saber que informação você quer. Eu trago comigo pedidos de outras pessoas,entendeu.”Ele me olhou enquanto pensava.Finalmente ele apontou para a torre próxima.

“Torreeeee do Cercoooooo.SSSssssss.Como entrar laaaaaa.Ssebastion disse que sabia uma maneira....”Grosuk deu um passo para trás estendeu a mão. “Agora me de!”

“Na verdade,” respondi. “Sebastion me mandou aqui para te matar.”

A criatura imediatamente atacou, mas nós quatro fomos capazes de lidar com ele sem muitas dificuldades.

O fim do dia estava se aproximando, e eu precisava me recuperar de outra “morte”. Decidi descansar o resto da noite, e falar com Sebastion pela manhã.

METAL PERSUASIVO

No dia seguinte, falei com Sebastion,que cumpriu bem sua promessa.Ele foi capaz de fazer algo a respeito das cicatrizes,pelo menos cosmeticamente.Pelo que eu podia ver do meu corpo, ele não fora capaz de alterar o aspecto cadavérico da minha aparência, mas as cicatrizes eram agora menos notáveis.

Eu estava curioso sobre a torre de cerco, e o porque do demônio Grossuk estar tão interessado nela.Afinal, tais armas devem ser comuns em suas “Guerras Sangrentas”,e muito mais fácil de se construir no local do que ter que transportar elas para Sigil.

Eu lembrei do que o garoto Lazlo havia dito,e me aproximei de uma área próxima da torre aonde ele disse que havia um portal que permitia a entrada para o local.Me aproximei do que deveria ser essa localização, e testei a ideia que tinha tido.Suprimi meus desejos de entrar na torre. E um portal apareceu pela qual nós entramos.

Estávamos dentro da torre. Dominando seu interior, havia uma criatura de... ferro.Seu tamanho era atordoante; se ficasse em pé totalmente, quebraria o teto da torre.Ecos trovejantes suspiravam pela escadaria enquanto a criatura martelava na forja,e o cheiro de fuligem e cinzas envolviam o ar.

A criatura ainda não havia nos notado. Eu hesitei, pesando as consequências de chamar sua atenção, mas minha curiosidade, que minhas muitas vidas haviam falhado em extinguir-la, pesou mais a balança. Além do mais, disse a mim mesmo, talvez soubesse algo a mais sobre mim.

“Saudações.”

Houve um barulho de metal se chocando enquanto o gigante se virava para me olhar. Eu subitamente percebi que o golem havia sido forjado na própria torre; vigas, canos, e as enormes braçadeiras percorriam através de seu torso e pelas paredes, e a parte de baixo do seu corpo era a própria forja em si.

“O QUE é você?”

EU SOU FERRO COM PROPÓSITO. EU FORJO OS IMPLEMENTOS PELOS QUAIS O MULTIVERSO SERÁ DESFEITO.

“Você quer dizer armas? Esse é seu propósito?”

METAL É COMO A CARNE. AMBOS CARREGAM POTENCIAL EM SUAS VEIAS. QUANDO MISTURADAS COM CALOR E PRESSÃO, O POTENCIAL SURGE. MEU PROPÓSITO É TRAZER A TONA ESSE POTENCIAL. PERMITIR QUE SE EXPRESSE.

“Pra quem você faz essas armas?”

“EU AS FORJO PELO BEM DA ENTROPIA. ELAS SÃO A DOR PROCURANDO EXPRESSÃO.

“Mas para que a entropia precisa de armas?”

ALÉM DESSA TORRE, ORDENS AGRUPAM SUAS LEGIÕES. O MULTIVERSO CURA SUAS FERIDAS. COM O TEMPO, SUA FORÇA PODE SE IGUALAR A ENTROPIA.

“O multiverso é seu inimigo? Porque?”

O MULTIVERSO VIVE. ELE CRESCE. ELE SE ESTAGNA. ELE FORJA SUAS CORRENTES AO REDOR DOS PLANOS ELO A ELO. COM O TEMPO, MESMO A ENTROPIA PODE SER ACORRENTADA.

“E você é contra o acorrentamento da entropia?”

QUANDO ALGO SE PROTEGE CONTRA SUA PRÓPRIA DESTRUIÇÃO, ELA APENAS OBTEM UMA MORTE DIFERENTE.

“Então você está dizendo que a imortalidade é apenas mais um tipo diferente de morte?”

A IMORTALIDADE É APENAS UMA PALAVRA. TUDO QUE EXISTE PODE MORRER. TODO SER VIVO TEM UMA ARMA DA QUAL NÃO POSSUI DEFESAS CONTRA TEMPO. DOENÇA. FERRO. CULPA.

“Como você sabe qual arma usar?”

DEVE-SE CONHECER O INIMIGO PARA FORJAR TAL ARMA. COMEÇA COM UM FRAGMENTO DO INIMIGO. UMA GOTA DE SANGUE, UM PENSAMENTO CRISTALIZADO, UMA DE SUAS ESPERANÇAS, TODAS ESSAS COISAS PODEM DIZER COMO ELE PODE MORRER.

“E se o inimigo te ataca a distância, das sombras, e nunca se mostra?”

ENTÃO É ESSE O FRAGMENTO DO INIMIGO QUE DEVE SER USADO. AS AÇÕES DO SEU INIMIGO JÁ DIZEM MUITO. ESSE INIMIGO NÃO QUER ENFRENTA-LO DIRETAMENTE. ESSA JÁ É UMA FRAQUEZA.

“Ou...por alguma razão, ele NÃO PODE me enfrentar diretamente.”

É UMA POSSIBILIDADE, AMBAS REVELAM UMA FRAQUEZA.

“Como eu exploro ela?”

SE O INIMIGO NÃO QUER CONFRONTA-LO DIRETAMENTE, NEGUE SEU DESEJO. LEVE A BATALHA ATÉ ELE. SE NÃO EXISTE A PERMISSÃO PARA FAZÊ-LO, ENCONTRE O PORQUE. ESSA RAZÃO IRÁ EXPOR SUA FRAQUEZA.

“Hummmm. Pode forjar uma arma que possa me matar?”

SIM. Eu não tinha certeza se queria saber, mas continuei.

“Sério? Como?”

EU PRECISARIA DE UMA GOTA DO SEU SANGUE. SÓ ISSO.

Uma arma dessas pode ser útil. Eu imaginava se meu inimigo realmente estava interessado em me matar definitivamente, depois de todas essas vezes que estive vulnerável e privado de memória. Eu providenciei o sangue, e pedi ao golem que prosseguisse.

O OBJETO DE SUA DESTRUIÇÃO FOI FORJADO E EDUCADO. MAS ELE NÃO É SUFICIENTE. A MAGIA QUE FAZ COM QUE SEU CORAÇÃO BATA E EMENDE SUA PELE É FORTE. VOCÊ DEVE ENFIAR A ESPADA NO SEU CORPO APENAS QUANDO O CORPO AONDE EXISTE ESSA CASCA ESTIVER SIDO BANIDO DOS PLANOS.

“Por quê?”

A RAZÃO NÃO É CONHECIDA POR MIM. CONTUDO TANTO O LUGAR QUANTO A ARMA SÃO NECESSÁRIOS PARA QUE POSSA MORRER.

“Aonde posso encontrar essa casca que me separa dos Planos?”

ISSO EU NÃO SEI.

“Anteriormente você disse que se o multiverso se protege da sua própria morte, ele morreria de outra maneira. O que dessa morte pior que a outra?”

TODAS AS COISAS POSSUEM SEMELHANTES AO DEFINIR. A GUERRA É NECESSÁRIA. A MORTE É NECESSÁRIA. A RUINA É NECESSÁRIA.

“E o quanto disso seria considerado excesso?”

NÃO EXISTEM LIMITES. OS LIMITES SÃO APENAS OS ELOS NA CADEIA DA ORDEM. OS LIMITES DEVEM SER QUEBRADOS.

“Mesmo se o resultado for a morte?”

TUDO DEVE CAIR PERANTE A LÂMINA DA ENTROPIA. APROXIMA-SE O DIA EM QUE SERÁ NECESSÁRIO PENETRAR AS MURALHAS DA CRIAÇÃO. A ORDEM SERÁ COLOCADA NA ESPADA. SUAS CORRENTES SERÃO DESTRUÍDAS. O MULTIVERSO SERÁ DESFEITO.

Filosofia interessante, apesar de achar que nem mesmo os mais caóticos iriam abraçar essa ideia completamente. Perguntei sobre outras coisas.

“O que é esse lugar?”

A TORRE É UM MOTOR DE CERCO. ELA EXISTE PARA PENETRAR OS MUROS ENTRE OS PLANOS.

“Penetrar os planos? Como?”

A TORRE APOIA-SE SOBRE UM PLANO. UMA FERIDA É ABERTA NO MULTIVERSO QUANDO A PONTE PARA A TORRE ABRE.LEGIÕES PODEM PASSAR DE UM PLANO PARA O OUTRO ATRAVEZ DA TORRE. QUANDO O PLANO TIVER SERVIDO O PROPÓSITO DA ENTROPIA, A TORRE SE ANCORA NOVAMENTE.

“O que houve com as legiões que usaram a torre?”

A ENTROPIA OS DESFEZ.

“E o que houve com os Planos que a torre de cerco invadiu?”

A ENTROPIA OS DESFEZ.

“Se a torre de cerco pode viajar através dos planos, porque você permanece aqui?”

A TORRE ESTA PRESA NESSA CIDADE.ESSA CIDADE É UMA PRISÃO QUE NÃO PODE SER VIOLADA.AO MESMO TEMPO A TORRE ESTA PRESENTE NOS PLANOS.COMO FUI TRAZIDO AQUI EU NÃO SEI.COMO VOU ESCAPAR EU NÃO SEI.

“Porque você faz armas?”

O FERRO DO MEU CORPO UM DIA EXISTIU APENAS COMO PEQUENAS EXPRESSÕES DA DOR.ESPADAS.LANÇAS.MACHADOS. FLECHAS.REBITES DE CATAPULTAS.DESSES IMPLEMENTOS DA GUERRA EU FUI FORJADO. ESSAS PEQUENAS EXPRESSÕES DA DOR FORAM DERRETIDAS PARA FORJAR ESSE CORPO.FOI PERMITIDO QUE O MEU POTENCIAL SE MANIFESTASSE.AGORA MEU PROPÓSITO É LEVAR ESSE POTENCIAL A OUTROS METAIS.

“Você disse que alguém derreteu aquelas armas e forjou seu corpo, quem foi?”

A ENTROPIA ME CRIOU APARTIR DOS CAMPOS DE BATALHAS PLANARES.

“Você já ouviu falar sobre uma bruxa noturna chamada Ravel?”

A BRUXA PROCURAVA DIVIDIR A CIDADE.SEUS MAIORES FEITOS SERIAM DESFAZÊ-LA.ELA TRILHOU OS PASSOS DA ENTROPIA.

“Você sabe o que houve com ela?”

A ORDEM A ACORRENTOU. ELA FOI LANÇADA EM UMA PRISÃO.

“Você sabe onde fica essa prisão?”

SUA PRISÃO É DESCONHECIDA POR MIM.

Mais tarde aprendi que o golem era chamado de “Metal Persuasivo” em certas escrituras antigas. Aceitei a espada do golem, a arma, que de acordo com ele, podia me matar. Examinando-a, ela parecia bem feia, forjada de uma maneira que lembrava o símbolo do tormento em meu braço esquerdo. Veias negras percorriam a superfície do metal, a lâmina parecia tão cega que não poderia nem cortar manteiga quente. Ela fazia sentir um leve ardor ao toque.

Não tendo mais o que dizer ao golem, eu deixei a torre.

ALA CLÉRIGA

Seguimos em frente, para outra ala da cidade, conhecida como a Ala Clériga, ou Superior. Notei uma mulher andando em nossa direção, seguida por um membro dos Harmoniosos, quase como se ele fosse um guarda costas.

Ela era mais velha, com uma aparência severa, claramente a caminho de algum lugar. Quando ela notou minha aproximação, ela me estudou com certa desaprovação, fazendo uma cara fechada. Apesar de aparentemente não me aprovar em nada, eu teimosamente insisti.

“Saudações...” A mulher acenou de leve, falando em um tom frio como gelo.

“Sim? O que foi? E veja o que vai dizer, pois eu sou Diligente Quarta Magistrada da Ala.” Eu brevemente imaginava se o povo de Sigil mudava seu nome de acordo com sua profissão, ou se os nomes dados determinavam o caminho a trilhar na vida.

“Algo perturbador a respeito da minha aparência?”

“Certamente eu acho isso! Assim que as Regulações dos Atos Aparentes passarem, pessoas do seu tipo não serão permitidas a caminhar dessa maneira, semi nu e sujo como você está...” Eu poderia insultá-la, e confirmar o que ela pensava de mim. Mas decidi seguir um caminho mais diplomático.

“Estou bem limpo senhora, com minhas desculpas, mas... sem desrespeitá-la, madame, algumas culturas achariam as SUAS vestes ofensivas.” Ela me olhou ceticamente por um momento, então acenou.

“Seu ponto de vista é bem vindo... senhor. Contudo, entretanto, você não pode negar que você está com uma aparência bem sofrida.”

“Minha aparência é meramente o resultado do meu ambiente, madame, e de uma vida difícil. Eu não deveria ser julgado por conta disso.”

“Oh, mas você deveria! Como é fácil culpar a vida que levou, e aqueles que o cercam em tudo que fracassam! Posso ver pelo seu jeito que você é bem educado, senhor, contudo você insiste em um estilo de vida de perambular e com violência sem sentido. Porque não se estabelece em Sigil, se torna um contribuinte, ao invés de um nômade ensanguentado nessas ruas?”

“A escolha esta fora do meu alcance, lhe garanto.”

“Oh?Como?”Sua frieza derreteu em curiosidade.

Meus lábios anunciaram um sorriso. Eu tinha tempo. E a contei minha historia...ou o que eu sabia dela.No final, Diligência me olhou chocada.

“Isso....é uma bela história,senhor.”

“Se fosse apenas uma historia, senhora. É a minha vida, e eu tenho as cicatrizes para provar – como você notou quando eu cheguei,creio eu.”

“Sim, sim...bem isso mesmo.” Ela sorriu levemente...Eu havia começado a imaginar se ela era sequer capaz de tal feito. “Eu lhe desejo, senhor,nos seus afazeres.Espero que se encontre outra vez.”

Ela disse que eu já havia tomado mais tempo do que ela podia perder em seus afazeres, então ela saiu sem fazer mais questionamentos.

Fui até um café na parte a céu aberto, circulando ao redor dos patronos próximos ao bar.

Falei com uma jovem mulher finamente atirada que relaxava ali,aproveitando o ar do lado de fora apreciando uma bebida.Seus olhos saltaram quando ela viu minha aparência.Ela sorriu inquieta.

“Ah...saudações a-“ Subitamente, seus olhos dirigiram-se para Morte. “Oh!Que mimir mais lindinho!”Eu decidi tirar um pouco de saro de Morte, para descontar.

“Não é mesmo?Ele gosta que cocem o topo da sua cabeça.”

“Verdade?” Ela continuou sorrindo, mas parecia suspeitar. “Você está me gozando senhor! Ele é apenas um mascote...”

“O que quer dizer? Todos eles não adoram essas coisas?” Eu perguntei inocentemente.

Ela negou com a cabeça. “Não, nenhum dos que eu vi.Eles são apenas objetos, não são.”Morte a interrompeu:

“Bem, veja bem chefe, tudo se resume a QUALIDADE do seu mascote.Alguns- como eu- são mais encantados que outros, é isso.Sou mais...hum...auto didática, é o termo.” A mulher demonstrou indiferença.

“Isso pode ser.”

Eu a perguntei a respeito da Ala Clériga.Com ela, e alguns outros patronos,aprendi que o lugar era cheio de salões de recordações e prédios administrativos.A parte da ala que eu estava agora era um pouco diferente.Continha o Salão de festas Civil dos Sensatos, uma facção.Haviam também outras construções que me interessavam também. A Galeria de Arte e Curiosidades, a casa do advogado, boticário, o Bordel da Satisfação dos Prazeres Intelectuais da Mente, o marinheiro e a estranha loja de curiosidades.

Questiona-la me fez aprender um pouco mais sobre algumas localizações.O advogado era Iannis,um jurista.O bordel existia para satisfazer prazeres mentais e os sentidos, certamente um tipo de bordel que não era comum.Era administrado por uma Sensata, que diziam ser uma sucubbus, que eu imaginava ser

um tipo de demônio.O Salão de Festas Cívico era muito popular pelo seus sensoriais, onde podia-se sentir as experiências que outros haviam passado e capturado em pedras especiais.Alguma áreas do salão de festas eram reservadas para membros dos Sensatos e seguidores da facção apenas.

Escutei também outro senhorio, mais velho, dissertando sobre regulamentos obscuros para um companheiro mais jovem que estava olhando um pouco aturdido.O homem de mais idade parecia estudioso.Suas roupas e acessórios eram extremamente limpos,claros e bem cuidados,e ele frequentemente parava para esfregar qualquer poeira ou sujeira que caísse nelas.Um símbolo que lembrava uma adaga estilizada, perfurando uma chama, estava bordado em sua túnica.

Eu o interrompi ao chamar sua atenção.Os olhos do homem passaram direto por mim,olhando diretamente para Morte.

“Ora vejam!Poderia olhar para aquilo!Um crânio flutuante!”

Morte virou-se e olhou atrás dele. “Aonde?Aonde!?”O homem engasgou quando Morte falou.

“Pelas Leis Injustas de todas as Piedades!”Ele subitamente cobriu sua boca e olhou para Annah desculpando-se.

“Perdão, perdão...o homem era um tirano horrível, morto a muito tempo.Seu nome nunca deveria ser dito; isso é meio vulgar.Minhas profundas desculpas, minha senhora.Eu não quis ofende-la.” Annah desdenhou, girando os olhos.

“Fale como quiser amigo, eu não ligo para o que você diz...a não ser que fique tagarelando sobre MIM.”

Ele virou para Morte.

“Mas espere! Um crânio,vivo,levitando sobre o chão, ciente do seu ambiente, e que possui os dons da fala, escuta, e pode ver.” Ele virou para mim, como se eu fosse subitamente seu confidente.

“Essa é realmente uma das razões pela qual os Planos nunca se tornam maçantes para mim,senhor - quando você acha que já viu de tudo,os Planos te mostram outra coisa para você dar uma expiada, e...”Ele ergueu as mãos gloriosamente.

“...subitamente, novas e lindas vistas lhe são apresentadas.”

“Não tenho certeza se Morte se qualificaria como uma “vista maravilhosa”. Eu disse envergonhado,ciente de que provavelmente era um erro sequer começar essa conversa.O homem me ignorou, olhando para Morte ao invés de mim.

“Digo....Crânio...” ele tinha começado a falar quando Morte engasgou.

“Veja!Atrás de você- outro crânio flutuante!”

Eu resignadamente deixei que as coisas seguissem seu curso. O homem parecia ter esquecido de mim por completo, virando para ver esse “outro” crânio que Morte comentou.

“Não!Aonde?Aonde!”

“Bem onde eu estou apontando! Lá!” O pobre coitado nem sequer parou para pensar que Morte não tinha como apontar para lugar algum, de tão atento que estava para ver o que Morte tinha “visto”.

“Aonde? Eu não posso vê-lo!” Morte respondeu com um tom de deboche irritado.

“Você perdeu! Um desfile INTEIRO com VÁRIOS DELES! Provavelmente nunca mais ira acontecer nem em um milhão de anos revolucionários!”

“Eu estou percebendo que você tem um leve senso de zombaria.” Ele se conformou, finalmente caindo em si.

“Prefiro chamar de percepções sagazes na natureza humana.” Morte balançou, como se debochando.

Eu tentei chamar novamente a atenção do homem. Ele subitamente parecia me ver pela primeira vez... Os olhos do homem saltaram.

“Pela misericórdia das Leis dos....!” Ele se recompôs, parecendo se desculpar. “Digo, você esta bem? Você parece...” Ele se atrapalhou nas palavras. “...ferido.” Respondi que eu estava bem. Annah também interferiu na conversa.

“Sim, dói até olhar pra ele , é sim.”

“Muito engraçado, Annah. Eu tenho algumas perguntas, como quem é você.”

“Claro, meu nome é Able Ponder Thought(ponderador de pensamentos). Eu passei no exame de Administrador recentemente, e alcancei um status de “A9”, um consultador de pesquisas no Salão dos Registros, um dos muitos assessores especializados nas leis físicas e históricas de Sigil. Eu pesquiso tópicos e leis de interesses para os outros. É bem fascinante, de verdade...”

Eu rapidamente o cortei, perguntando sobre o símbolo bordado em sua túnica.

“Ora, esse é o símbolo da Fraternidade da Ordem. Somos responsáveis pelas leis em si e na aplicação delas nas cortes aqui em Sigil. Muitos juízes, advogados e clérigos são membros da nossa Ordem, e nós temos o prazer de sermos capazes de reforçar as leis de Sigil e manter as coisas em ordem. Nós fazemos um esforço estridente para aprender todas as leis, pertençam elas a Sigil, ou aos Planos do Multiverso em si.”

“A Fraternidade da Ordem acredita que o multiverso é governado pelas leis. Quando alguém conhece todas as leis, ele irá entender o multiverso. Esse é nosso objetivo. Ao entender as leis, seus limites, nós aprendemos a evitar certas leis.”

Talvez isso tivesse algum uso, afinal. Perguntei sobre a Dama da Dor.

“A sim, a Dama da Dor, sim, sim... ela é a força por trás de Sigil, sabe. Uma figura impressionante, mas sabe-se pouco sobre ela.”

Ele começou assinalando pontos invisíveis com seus dedos: “Um: Ela não é apenas um símbolo em Sigil, como alguns dizem. Ela é muito real e muito perigosa. Dois: Creem que é ela que mantém os Poderes.... deidades... fora de Sigil. Enquanto ela estiver presente, os Poderes não podem entrar em Sigil... Três: Ela também previne com que se teletransportem para dentro e fora de Sigil. Isso previne criaturas planares de trazerem mais criaturas de suas espécies fora de suas rotas convencionais. Quatro: Ela

nunca falou. Com ninguém. Cinco: Ela roubou o controle de Sigil de Aoskar, um Poder que acredita-se estar morto agora. Seis: Qualquer um que ameaça Sigil... ou ela... é punido, ou caindo perante sua sombra, o que resulta em uma série de invisíveis facadas que podem matar até mesmo o maior dos baatezu, ou sendo enviado para os labirintos, da qual poucos escaparam. Sete: Ela não gosta de ser idolatrada. Aqueles que o fazem constantemente são encontrados sem suas peles. E por último: Vê-la parece levar os outros a loucura.”

Perguntei sobre alguns outros assuntos, mas vi que ou lhe faltava conhecimento, ou as explicações nunca chegavam a algo concreto. Ele não pôde perceber minhas tentativas de pedir licença, então eu apenas saí.

Fui até outro patrono, uma mulher alta e magra, bebendo vinho de uma pequena taça de cerâmica. Ela parecia procurar por alguém. Seus traços faciais eram elegantemente exóticos e as orelhas da mulher, apesar de parcialmente cobertas pelo seu longo cabelo, podia-se ver suas pontas afiadas.

Eu a cumprimentei. A mulher virou para me encarar, os olhos violetas brilhavam como lascas de ametista polida. Sua voz era como uma música; eu podia ouvir um fraco, eco musical, de centenas de sinos de cristais enquanto ela falava. Cada palavra persistia nos meus ouvidos, como se eles não estavam dispostos a abandonar o som emitido.

Nemelle virou-se para encarar o severo estranho cicatrizado. Ela perguntou o que eu desejava.

“Wow” Morte respondeu.

“Pah! Annah zombou de Morte. “Parte de encher sua caveira maliciosa.”

“Meu,” Morte respondeu, “Que garota mais esquentada! Esta com fome de atenção? Eu poderia babar em cima de você também, se você tiver com ciúmes...” Morte começou a flutuar em direção de Annah, fazendo barulhos maliciosos...

Annah afirmou, “Chegue um fio de cabelo mais perto, crânio, e eu farei com que nunca mais possa tagarelar sem estar a cem metros de distância de mim!”

Morte parou abruptamente, dando a volta enquanto reclamava consigo mesmo. Tentei ignorar a discussão dos dois.

“Você é Nemelle? Me disseram que você conhece o comando para essa garrafa.”

A mulher não se moveu para tocar a garrafa ou examiná-la, apenas falou. “Nemelle o pegou de um estranho, tomando-a em suas mãos. Se ela já a viu antes, você pensou? Talvez... sim, ela lembrou agora. Ela devolveu a garrafa, sussurrando em seu ouvido conforme ela dizia...” Eu percebi que sabia a palavra agora- Nildenosaj – apesar de eu estar certo da mulher nunca ter sussurrado a palavra para mim, mas vamos dizer que ela o fez. Ela piscou para mim.

“O estranho poderia agora ir embora, satisfeito com o que ela lhe disse?”

“Ainda não. Você procura por alguém?”

“Aonde ela poderia estar?” Nemelle pensava consigo. Sua companheira, Aelwyn, devia ter encontrado com ela a alguns dias atrás.” Ela suspirava miseravelmente; o ar se enchia de tristeza e frieza. “Por quanto tempo ela irá procurar nessa vasta, cidade estranha até encontrar sua querida amiga?”

Eu quase comecei com o nome Aelwyn.Quando deixei o Necrotério pela primeira vez, um cidadão de Hive me reconheceu, e me acusou de um terrível crime com esse nome. Mas pode não ser a mesma pessoa.

“Eu podia ajudar a encontrar sua amiga.Como ela é?” Nemelle apertou as mãos juntas e baixou sua cabeça para mim.

“Ela ficaria tão grata de ouvir novidades de sua amiga! Ela diz ao estranho que tipo de pessoa Aelwyn parece,assim ele vai saber se já viu ela passando!”Uma imagem se formou na minha cabeça-uma mulher que lembrava Nemelle, mas com olhos dourados e cabelo avermelhado como fogo.

Agora que eu sabia o comando para a Garrafa de Água Infinita que carregava, pensei em voltar ao Bar Cadáver Flamejante e o cadáver que se contorcia me deu seu nome.

IGNUS

Voltamos pelas alas, até Hive, e entramos no bar Cadáver Flamejante. Assim que entramos, um homem quase correu para me encontrar.

O homem diante de mim tinha olhos largos e uma estrutura magra.Ele parecia confuso e assustado com os outros patronos no bar,mas ele parecia incrivelmente aliviado em me ver.

“Saudações?” Ele parecia familiar,contudo, eu estava certo de que nunca o havia visto antes.Ele gargalhou e rolou os olhos como se dissesse “você não iria acreditar se eu te contasse” de maneira que eu achei estranhamente familiar.

“Bem na hora amigo!Eu pensei que ficaria aqui o dia todo esperando você.”

“Uh...eu te conheço?”

“Como, sim.” Ele me olhou desconfiado. “Pelo menos, eu acho. Eu...uh....bem...não lembro de nada a seu respeito, mas...”Ele fez uma careca, e depois deu com os ombros. “...de qualquer maneira, é bom ver você.Sou Adahn.Somos amigos,eu considero. Excelente!Eu poderia ter mais amigos como você, pelo jeito...”Ele olhou ao redor confuso. “Já que eu pareço não conhecer ninguém por esses lados, muito menos sobre como cheguei aqui.” Adahn! Eu certamente reconheço esse nome.

“De onde você é?”Adahn parecia surpreso, e sua confusão retornou.

“Eu....hum....”Ele fez uma careta. “Bom, não sou daqui, acredito que não...ou sou?Eu acho que me lembraria de tal lugar.Realmente não me lembro de onde venho, ou aonde tenho ligações...”

“Você sabe quem eu sou?”

“Um...velho amigo?”Ele parecia estar experimentando água. “Você não é mesmo?”

EU tinha certeza agora. A crença tinha poder nos planos externos. EU agora estava criando coisas, atraindo-as ao meu circulo de tormento, como se não houvessem desvios suficientes chegando até mim

por conta própria. Fui cauteloso para não dizer mais nada que pudesse arruinar sua confusão interna ainda mais.

“Sim, sim, eu sou. Diga, eu tenho algumas perguntas para você...”

“Oh, e eu também tenho algumas para você...” Ele fez uma careta. “Exceto que eu não acho que possa resolvê-las.” Ele deu com o ombro.

“Perguntas - quem precisa delas? Tudo que importa são as respostas de qualquer maneira. Eu acho.”

Eu reconsiderei, e achei que seria melhor que ele tivesse o mínimo de contato comigo possível. “Bem, foi interessante Adahn, mas tenho que ir. Até logo.”

“Hey....uh...” Ele fez uma careta. “Veja, antes que você saia por aí seja lá pra onde estiver indo. Tenho algo para você... pelo menos eu acho que tenho...”

“O que é?”

“Não tenho certeza.” Ele procurou em seus bolsos, e reclamou. “Esses bolsos são muito pequenos para guardar qualquer coisa dentro...” Ele coçou a cabeça. “Talvez...” Ele arregaçou as mangas, a esquerda e depois a direita, parecendo irritado, depois deixou ambas caírem novamente. Eu tive um pensamento peculiar, como se agíssemos de acordo com acontecimentos paralelos.

“Porque você não checa a manga esquerda outra vez? Acho que pode estar lá.”

“Sério?” Ele o fez novamente, e dessa vez, eu vi uma embalagem amarrada em seu pulso. Ele sorriu aliviado, desamarrou o braço, e me entregou. “Para você amigo. De mim... para você... um tipo de agradecimento!” Ele acenou enquanto eu pegava o item. Eu o estudei... parecia um tipo de anel. Eu quase podia ver aonde ia dar quando fiz outra pergunta.

“Não tinha um dinheiro junto com isso?” Ele estralou os dedos.

“Sim, havia sim, é verdade mesmo.” Ele olhou em seu cinto, onde agora havia uma bolsa. Ele a desamarrou e me deu. “Esta tudo aí. Todas as cem moedas.” Eu peguei a bolsa, e abri. E peguei tudo que havia ali.

“E aquele item encantado que você ia me dar?” Ele pareceu confuso um momento, aí sorriu, como se tivesse lembrado.

“Sim, verdade, havia um mesmo não é?” Ele puxou sua manga direita e pegou uma longa adaga.

“Aqui esta.”

Assim que olhei meu presente para agradecer Adahn, eu subitamente notei que ele havia sumido. Eu nem ouvir ele sair. Eu não estava certo se eu devia ficar feliz por ele ter deixado de poder passar pelas dores agri-doce de existência, ou triste por ele ter tão pouco tempo de vida e talvez pudesse encontrar uma maneira de ser feliz.

Examinei a adaga e o anel que ele me deu. O metal que havia feito ambos parecia extremamente grosso e pesado, mas quase não pesava. Eles mudavam de cor enquanto eu os olhava, variando entre, prata, ouro e bronze.

Balancei a cabeça, e continuei adiante para fazer o que havia vindo fazer aqui. A criatura estalante, ondulante, que devia ser Ignus, retorcia-se lentamente diante de meus olhos sobre uma grelha de ferro acima do chão do bar. Ele deve ter sido humano um dia, mas agora sua pele estava tão incinerada que estava além de qualquer reconhecimento. Labaredas de fogo formavam uma espiral de chamas ao redor do corpo da criatura, e as chamas consumiam os poucos pedaços remanescentes de carne, fazendo com que derretessem como cera pelo corpo cadavérico da criatura.

O calor que cercava essa...criatura...era incrível. Para minha surpresa, a grelha de ferro sob a qual a criatura flutuava acima tinha cedido e inclinou-se de calor emanado. Inicialmente, eu achei que o calor vinha da grelha...mas agora eu percebi que emanava da criatura. Enquanto eu observava, flocos de cinzas pairavam do cadáver murcho e flutuava lentamente até o teto.

Eu inclinei a Garrafa das Águas Intermináveis sobre a grelha e comecei a derramar. Uma pequena corrente de água azul gélida caiu da garrafa, e tocou as chamas da grelha com um chiado violento e uma corrente de vapor...como se respondendo ao desafio, a garrafa parecia enfrentar as chamas, caindo na grelha e quebrando!

Sibilantes nuvens de vapor e um ruído de crepitação furiosa saíam da grelha, caindo em cima de mim e me forçando a cobrir meus ouvidos e me afastar...houve então um grito, um chiado, na verdade um terrível som como se tudo estivesse queimando, pessoas gritando, seus gritos eram cortados pelo curto barulho do ecoar das chamas e da carne queimando...

Quando coloquei minhas mãos nas orelhas para bloquear o som, senti uma viscosidade em minhas mãos, como de uma vela de cera...meus ouvidos estavam sangrando com o barulho! Eu tirei as mãos, e as vi cobertas com pedaços de carne derretida cheias de redemoinhos sangrentos...

Eu estava prestes a fugir do bar, qualquer coisa para me livrar do barulho, quando subitamente tudo ficou quieto, exceto pela crepitação irregular que vinha da grelha. Virei- e a Garrafa das Águas Intermináveis não passava agora de apenas pedaços de estilhaços no chão. Sob elas estava a criatura, as chamas continuavam a percorrer seu corpo, flutuando sobre o chão do bar. Ele me olhava, seus olhos flamejantes eram como duas tochas...

Uma súbita percepção me atingiu. Eu disse “Eu te conheço...”

O rosto da criatura, por ter a pele carbonizada fazia com que sua mandíbula derretesse a carne para que pudesse falar. “SSSSiiimmmm...” Sua voz era estalada, queimada, e vinha gritada de dentro do peito da criatura, e com cada palavra, flocos de brasas e cinza cuspiam de sua boca e pairavam sobre o ar. Eu mal podia permanecer olhando aquilo- a radiação de chamas ao seu redor era algo horrível de se ver.

“Ignus...”

“SSSiimmmmm....” A criatura flutuou até mim, o ar retorcia de tanto calor emanado. “Eu dormi a muito ttttemmpooo...sonhossss de chamasssss...” Como se respondessem, as chamas enrolaram-se na garganta de Ignus, e uma rajada de fogo saiu dentre os seus dentes negros. “Eu sou sssseu....até que a morte venha nos buscarrrrrr....”

A amante de Ignus, Drusilla, havia se aproximado de nós. Os olhos de Ignus brilharam ao vê-la, e antes que eu pudesse para-lo, ele a abraçou. E ela foi de encontro ao abraço, perdendo-se nas chamas. Ela nem

chorou.Minha ultima visão foi dela queimado em minha memória:Seus olhos estavam cheios de paixão ardente e um amor arrebatador.Não sobrou nada dela- nem mesmo suas cinzas.

Eu estava repellido pelo ato de Ignus, mesmo sabendo que eu havia feito coisas muito piores.Eu decidi conversar com ele imediatamente, e tentar estabelecer algumas regras.

“Ignus, o que houve com você para que ficasse dessa maneira?”

“Dessssaa maneiraaaa....”Um pequeno pedaço da carne de seu rosto caiu, e escorreu pela sua mandíbula.

“Dessssaa maneiraaaa...Ignussss sempre foi...”

“Mas...você parece humano.Ou pelo menos, você parece ter sido humano um dia.”

Ignus se contorceu, curvando a cabeça para a frente conforme seu corpo girava lentamente sobre o chão...o efeito era como de um redemoinho,chamas fluíam de seu corpo e distorciam o ar ao seu redor. “Ainda asssiiimm era Ignussss..... Sssssempre Ignussss...”

“Eu tinha algumas perguntas para te fazer...”

“Digaaaaa!”Meu coração saltou quando Ignus elevou-se vários pés acima no ar, e sua mandíbula rasgou por completo, trilhas de fogo que derramam-se como um ninho de cobras. “Chega de perguntasssss!SSSSSilêncio...!” Eu rapidamente recuei.

“Mas quero falar sobre as chamas Ignus, e sobre incêndios...”Minhas palavras foram como óleo...e eu vi que Ignus se enchia delas,sofrando os fogos que eu via ali.

“Chamasssss?”Ignus desceu lentamente, o calor ao seu redor aumentava, como se interessado. “Digaaaaa...Ignussss irá ouvrrrrr...”

Eu perguntei se era verdade que ele havia incendiado o Beco das Inclinações Perigosas.

No rosto de Ignus,a carne que havia ao redor do canto de sua boca rachava, então se misturava com o que estava derretendo. “Simmm...Ignussss irá comparrrtilharr um sonhooooo...”Uma onda de fogo saltou dele, e me afastei, o ar até deslocava de tanto calor.

“Nas ruassss a noiteee....tãoooo friaaaa...Ignussss queimouuu os prédioss, os moradoressss.....todos fugiram de Ignussss,as chamasssss....,e as construções eram agora chamasssss....os gritossss dos moradoress vivarammmmm tochassss...”

“Prédios como esqueletossss....quinasss, cadáveresss eram esqueletossss....tudo laranjaa vermelho e pretooooo,as chamasss espalharammm,acariciandoooo..... tantas luzesssss.....”

“SSSS...”A fúria de Ignus morreu, as coroas de chamas em torno dele vazavam de certa forma.Ele parecia estar perdido em seu pensamento- talvez perdido em uma memória. “Ssss... e Ignussss estavaaaa satisfeitooooo...”Mais uma vez, eu tinha repugnância dele.Decidi mudar de assunto.

“Ignus, seu mestre na Arte...pode me ensinar algum dos seus poderes?

“SSSSss..... Ignussss sabia muito....não lembro maissss....Ignusssss queimaaa.....de sofrimentooooo, Ignussss aprendeuuuuuuu....” uma pequena faísca saltou de sua boca, como um riso, e uma sequência de brasas a acompanhou. “Sssssofrimentooooensinaaaa....”

Eu sabia que ia me ferir como parte do aprendizado. E eu sabia que não podia confiar nele, que meu corpo estava tenso inconscientemente, pronto para atacar se ele se aproximasse mais. Eu não entendia porque, mas eu devia poder fazer algo com aquele sentimento que crescia para com Ignus.

“Ignus, falei com um historiador em Hive, e ele mencionou que alguém lhe ensinou essas coisas....quem foi?”

“SObree ensinamentossss eaprendizadossss você sabeeee...você foi o messsstreee de Ignussss.”

“Eu? Tem certeza...?” A voz de Ignus baixou, e o chiado das chamas morreu.

“Simmmmm....é a únicaaa razão.... para eu obedecê-loooooooo....” As chamas se ergueram sobre ele como uma espiral.

“Até que a morrrrteeee venha nos buscarrrrr....suas palavrassss para mimmmmm.....para seu estudante Ignusssssss....Ignusss não esqueceuuuuu....Messsstreeeee.”

“Ignus, se eu fui seu Mestre...pode lembrar de algo sobre mim?”

Ignus chiou...e por um momento, suas feições piscaram-pela primeira vez, achei que eram chamas, mas não eram...era como um lampejo de uma memória....eu me rendi a ela.

O crepitar das 'chamas Ignus diminuiu, diminuindo como os ossos carbonizados do corpo de Ignus dobrados, atrofiando até que seus membros estavam imóvel, tornando-se uma pilha de madeira dentro de uma enorme lareira de ferro...Eu estava olhando o fogo, queimando brilhante em um quarto arqueado. O fogo estralava e as brasas saltavam no chão de pedra, faíscas erguiam-se da lareira. Pude ouvir uma fraco som vindo das sombras atrás de mim, o de alguém respirando.

Na memória, eu falava “Posso ouvi-lo....venha para a luz.”

Ouvi o barulho das sandálias, e um frágil jovem pisou nas extremidades da luz do fogo. Seus olhos negros bem abertos captavam as chamas e as imitavam. Ele estava nervoso- eu podia ouvir seus músculos tremendo, e sua voz também -o suficiente para aumentar minha irritação. “Perdoe minha intrusão, mestre. Eu-“

“Você JÁ interrompeu, suplicante. Você o fez com intenção. Eu o ouvirei agora, e então você me deixará com meus pensamentos.”

O menino tomou fôlego, e olhou para o fogo. “Mestre, eu...sonhei com as chamas de novo, na última noite...elas pareciam reais, e você disse que devíamos vir até você se.....”

“Era um SONHO, nada mais. Me deixe.”

O garoto não se moveu- suas sobrancelhas se juntaram, e lentamente, ele mostrou as mãos. A carne ao redor dos seus dedos....escuras, queimadas.

“Como suas mãos ficaram tão queimadas suplicante?”

“Eu acordei e minhas mãos eram como cinzas.”O menino olhou nos meus olhos; ele ainda tremia, fracamente,mas havia uma ansiedade em sua voz que me irritava. “Sonhei que subia acima da terra e o solo e céu eram como fogo. O mundo em si era tão brilhante que ... feria só de olhar para ele, mestre. E quando acordei, minhas mãos ... elas foram queimados, como se eu tivesse mantido a chama dentro de minhas mãos.”

“Você mente suplicante.Você veio até mim com uma história, e agora corre o risco de me irritar.”

“Não mestre...” O rosto do garoto brilhava com um brilho suado do medo. “Não, pela minha vida, eu não minto!”

“Você se queimou com uma vela, suplicante. Ou enfiou suas mãos dentro de uma das piras na Câmara das Correntes.Agora você vem até mim e me diz que um sonho o queimou. Estou cansado de suas mentiras.”

O garoto ficou quieto, e para minha surpresa, seu rosto mostrou raiva. “Não. Eu não minto. Foi o SONHO que me queimou mestre, como você disse que podia acontecer se sentíssemos seu poder vivo. Foram as SUAS palavras mestre, e eu venho REPETI-LAS para você e dizer que são REAIS.”Ele ergueu as mãos. “Veja , mestre...”

Antes que o garoto pudesse reagir,minha mão, enorme em comparação a dele,o atacou, esmagando suas mãos queimadas, e o garoto gritou, ecoando na câmara.Com um rosnado, eu o levantei do chão e deixei em frente a lareira, e ouvi um forte barulho quando seus joelhos acertaram o chão de lajotas.

“Olhe essas chamas, suplicante!Levante a cabeça, olhe!”

O garoto estava estremecendo de dor nos joelhos...eu vi as lágrimas embaçarem seus olhos enquanto levantava a cabeça para ver a lareira.As chamas deixaram sua cor, com um leve brilho...

“É ISSO que você deseja segurar suplicante?São as formas das chamas que excitam seu coração?Saiba que as chamas queimam, e se quiser aprender seu poder, você deve sofrer seu toque.”

O garoto estava quieto, olhando as chamas.Ele parecia encantado.Suas lágrimas haviam secado com o calor, e a tremedeira sumiu.As chamas eram seu foco.Eles não estava me ESCUTANDO, e eu senti uma fúria me tomar.

“Se é isso que te consume, chega de te introduzir minhas meditações, então irei ensina-lo sobre as formas das chamas,suplicante.”

Minha mão saltou e agarrou o pulso do menino. Ele gritava enquanto eu levava ele mais próximo da lareira, e enfiava suas mãos nos carvões- o barulho das rachaduras, o chiar da carne queimando, e seus GRITOS- eram terríveis, contudo-

“Para aprender, você deve SOFRER suplicante, você deve se permitir ser queimado pelo poder que você deseja manejar. Conheça seu tormento, e você saberá como usa-lo contra seus inimigos.”

Minha visão clareou, a memória se diluía como fumaça.Ignus estava pairando diante de mim, sua cabeça pendeu para um lado, e um sorriso maléfico, insano surgiu em seu rosto...

“Messstreee....Ignussss não essssqueceeuuuu seussss enssssinamentosssss...”Tentei mudar de assunto,mas Ignus impediu novamente.A raiva da minha memória ainda estava comigo e lhe dei uma ordem.

“Você IRÁ responder minhas perguntas, Ignus.Eu te libertei, e posso te mandar de volta para o inferno outra vez.”

“Achaaaaa que pode acorrentarr Ignussss...?”As chamas acobertavam Ignus como uma capa,depois se espalharam para fora, como se procurassem me acariciar. “Possso matar voceee, transsssforma-lo em cinzasssss, Ignussss podeeeeeee, por enquanto Ignussss lhe segue.....massssss ameçassss me irritammm...”

“Na verdade Ignus, você não pode me parar- você pode me queimar,mas eu continuaria voltando até que você virasse gravetos.Então chega de ameaças...”

O ar estalou, e Ignus ergueu a cabeça levemente,como se me estudasse,e então chiou. “Chamasssss irmão queima-lo até sua imortalidadeeeeeeee...você não esta sssseguro contra minhassss chamasssss....”

“Talvez você não entendeu o que significa Imortalidade Ignus...”

“Você não é imortal.....Ignussss pode mata-looooo....esssspalhar suasss cinzassss ao ventoooooooo...”Eu observava enquanto ele abria os braços, e o calor intenso emanavam dele, era tão forte que eu tinha que proteger os olhos- houve um grande ruído,enquanto o ar que passava por mim era atraído por Ignus.

Enquanto eu tentava gritar para Ignus parar, a onda de calor virava-se contra ele mesmo, e uma onda incandescente me lavou.Senti minha pele começando a fumar, e a fumacear, e depois veio a DOR...eu rangi os dentes, e através da risada, eu podia ouvir Ignus....rindo,cada vez mais alto....

Quando gritei seu nome novamente, o calor cessou – eu tirei os braços do rosto, eu vi que minha pele estava negra aonde havia sido queimada...e Ignus me olhava faminto.Eu sabia,mais do que qualquer um, que seja lá o que Ignus fosse,seja lá o poder o houvesse abraçado, ele tinha poder para me destruir-se as chamas quisessem me matar ali, não sobraria nada do meu corpo.

Eu mal pude me testar contra ele para ver se eu podia destruí-lo antes que me matasse. Parte da minha raiva que vinha da minha outra encarnação estava transpirando , mas eu era incapaz de controla-la.Ignus não parecia maligno,precisamente, parecia mais uma força Elemental.Mas de qualquer modo,eu não seria a pessoa que o ajudaria.Se continuássemos juntos,chegaria a hora em que um de nós mataria um ao outro.

Deixei Ignus no bar que não era mais agora o de um Cadáver Flamejante, e decidi me afastar o máximo que pude da Ala Inferior para passar a noite.Eu esperava que Ignus pudesse encontrar ajuda por sua própria conta.Eu também esperava não ouvir que os blocos de Hive haviam sido queimados pela manhã.

Assim que eu sai,Ignus gritou, “ Vocêssssssssão todosss combustíveissssss para as minhas chamassssssss.”

FALL FROM GRACE, PARTE 1

Voltei a Ala Clériga na manhã seguinte. Meu caminho me levava a um prédio largo e amplo. Não vi o nome, e entrei.

Havia ali um pequeno quarto. Eu entrei nele e fui adiante até um vestibulo.

Diante de mim estava uma linda mulher loira, usando um vestido violeta e azul, com duas asas elegantes envoltas e seus ombros. Ela estava avaliando o quarto com um leve sorriso...ela era facilmente a mulher mais bonita que eu já havia visto.

Eu a cumprimentei. A mulher se virou quando o fiz. Ela contribuiu da mesma forma, e acenou levemente...notei que seus olhos eram azul turquesa, da mesma cor que de seu vestido.

“Bem vindo viajante.” Ela colocou para traz uma mecha de seus cabelos dourados. “Como posso ajuda-lo?”

“Quem é você?”

“Me chamam de Fall From Grace(Cair da Graça).” Ela me estudou um momento. “Você é novo em Sigil não é?” Eu podia responder aquilo de duas maneiras, ambas seriam verdade. Mas optei pela verdade literal.

“Não, suspeito que estou aqui há muito tempo na verdade.”

Fall From Grace levantou uma sobrancelha. “Sério?”

“Sim...mas essa é uma longa historia, talvez maior do que eu mesmo saiba. Estou mais interessado no que é esse lugar.”

“Esse é o Bordel da Satisfação dos Prazeres da Mente.” Ela me estudou um momento. “Eu presumo pela sua pergunta que não quer participar das atividades do estabelecimento?”

“Bordel da Satisfação dos Prazeres da Mente?” Que tipo de bordel é esse?”

“Eu estabeleci esse lugar para dar aqueles cujas mentes anseiam por afia-las mais do que em qualquer outro lugar. Pode-se ter muito prazer em uma conversação e ao discutir as artes verbais com outros.”

Morte comentou, “Parece tedioso.”

Ela respondeu, “Lhe garanto que não é. Deem uma olhada, vejam por si mesmos.”

Minha curiosidade, sempre facilmente despertada, me prontificou, “Preciso perguntar: Porque estabeleceu um lugar desses?”

Fall From Grace ergueu uma sobrancelha. “Essa é uma pergunta estranha” Ela fez uma careta. “Acho que ninguém nunca me perguntou isso”. Pelo menos, não diretamente. Eu passei a ser mais formal então, assim como ela.

“Meus perdões, Lady Grace. Eu não quis ser tão direto. Eu estava meramente curioso.”

“Oh, não há necessidade de desculpas. Estou mais do que feliz em discutir com você as razões se assim quiser.”

“Eu gostaria de ouvi-los sim.”

“Parte da resposta para suas perguntas requer que você saiba que eu sou membro da Sociedade da Sensação. Nossa facção acredita que o indivíduo deve experimentar o maior numero de experiências possíveis que se puder pelo Multiverso.”

“E foi por isso que você estabeleceu esse lugar?”

“Esse bordel tem a incumbência de saciar os desejos ate mesmo dos mais inteligentes.Ele é feito para estimular a mente,para aumentar a percepção de si mesmos e dos outros,para criar novas maneiras de experimentar outras pessoa.É para aqueles que procuram algo mais alem dos simples e rasos prazeres físicos oferecidos em Hive ou nas Alas Inferiores.”

“Entendo. Então esse estabelecimento apenas encoraja o treino mental, ao invés do, bom, outro tipo de treino.As mulheres aqui devem ser especiais realmente.”Contudo eu duvidava que os clientes não prefeririam ter simples prazeres físicos em qualquer outro lugar entretanto.

“As mulheres aqui são Sensatas aspirantes. Elas vieram até mim em busca de instrução,para prepararem-se para entrar na facção.Além disso,muitas delas tem um talento natural para a linguagem que pode sacudir o intelecto do mais sábio indivíduo.”

“Entendo. Então as damas aqui são damas em treino, por assim dizer?”

“Sim. Eu espero que ao aprender a arte da linguagem e suas subtilidades, elas possam aprender mais sobre si mesmos.O indivíduo só se limitada de acordo com o quanto sua linguagem é limitada.Para ser capaz de empregar a linguagem para evocar a emoção nos outro requer uma habilidade tremenda.”Eu também imaginava com que tipo de criatura eu estava frente a frete.

“Posso perguntar, Lady Grace,sobre as asas em suas costas...você não é humana eu presumo. Correto?”

Annah interferiu, “Ela é um tipo de demônio,uma succubus.Ela irá tirar suas medidas, e depois levará sua alma para os Planos Inferiores, vai sim.”

Fall From Grace respondeu, “Sua companheira esta certa.Sou uma Tanar’ri menor,mais especificamente, uma succubus.” Ela deu um leve suspiro. “Receio que somos um pouco comuns nos Planos Inferiores e em qualquer outro lugar desse tipo.A maioria da minha raça passa seu tempo seduzindo mortais com seus vários prazeres da carne.”

“E você...?”

“Eu acredito ter me distanciado disso...é na verdade um modo trivial e não produtivo para alguém passar seu tempo no Multiverso.Existe muito mais na vida,não concorda?” Ao invés de comentar, eu mudei para outro tópico,um que eu esperava obter sua ajuda.

“Talvez você possa me ajudar.Eu pareço ter perdido minhas memórias...e ao fazê-lo,me perdi.”

“Você sofre de amnésia?” Fall From Grace parecia pesarosa. “Que terrível!Você tem ideia do que aconteceu?”

“Na verdade não...pelo menos não que eu me lembre.Eu acordei na maca no Necrotério, e tudo antes disso é negro.”

“Você acordou no Necrotério?”

“Eu acho que os Dustman me confundiram por estar morto... ou porque eu estive morto...ou próximo disso.Tudo o que sei é que posso me regenerar rapidamente dos ferimentos.Eu poderia ser imortal,mas não tenho certeza disso.” Fall From Grace parecia estar me avaliando com interesse renovado.

“Essas cicatrizes no seu corpo.” Ela esticou as mãos,como se fosse tocar-me. “Posso?”

“Sim.”

Fall From Grace arrastou seu dedo pelo meu peito levemente, contornando as extremidades das minhas cicatrizes e seguindo as curvas aonde se ligavam com algumas das minhas tatuagens.Ela parecia fascinada.

“Essas cicatrizes parecem ter levado muitas vidas para acumularem assim.”

“Certamente...apesar de algumas serem mais recentes.”

Fall From Grace se afastou. “ Alguns desses ferimentos teriam sido fatais.Para um homem normal.” Ela tapeou o queixo, pensando. “O que você pretende fazer agora?”

“Eu preciso recuperar minhas memórias, e minha vida.Eu pretendo varrer os Planos e procurar dentro de mim mesmo até que eu possa juntar meus pedaços para descobrir quem eu sou e o que me levou a esse estado.”

Fall From Grace ainda estava pensando, com seus dedos tapeando o queixo. “Devo dizer, nunca conheci um homem que se perdeu tão literalmente.” Ela ergueu uma sobrancelha. “Me perdoe, mas sua condição é intrigante.”

“Intrigante? Assustador seria o mais próprio. Eu não gosto de não saber quem eu sou, o que eu disse, quem são meus inimigos, e quem são meus amigos.”

“Eu o ofendi com minhas palavras.” Fall From Grace abaixou a cabeça. Peço seu perdão, se puder fazê-lo.”

“Desculpas aceitas.” Ela acenou.

“Se for ajudar, você é bem vindo para conhecer o Bordel. Muitas de nossas estudantes são bem habilidosas na arte verbal.Talvez algumas delas possam trazer algumas memórias de volta.”

Eu havia sentido uma crescente atração enquanto ela falava, e eu soltei mais uma pergunta, “Você gostaria de se juntar a mim nas minhas viagens?” Eu achei que já tinha explorado bem os conteúdos da minha mente daquela maneira.

Annah não gostou, e começou a reclamar. “Quem disse que ela vem conosco?Não queremos tipos como ela não.”

“Para com isso diabinha!” Morte rangia os dentes. “Sou TOTALMENTE a favor da succubus vir conosco...os Poderes sabem que você é tão divertida quanto passar com um sinalizador de rua por cima das entranhas.”

Annah previsivelmente respondeu a provocação. “É melhor você ficar de boca fechada, crânio, ou vou sacudir tanto você que seus dentes sairão voando pela sua arcada!

“Viajar com você?” Fall From Grace sorriu levemente. Ela parecia estar ignorando meus companheiros. “Isso é meio direto não é?”

EU rapidamente pensei em um razão, qualquer uma, para que ela viesse conosco. “Eu prefiro ser honesto com as minhas intenções. Você parece extremamente agradável e bem articulada para uma viagem pelos Planos. Uma companheira com tal tipo de conhecimento seria bem vinda.”

Agora eu havia ofendido Morte. “Hey, espere um minuto! EU SOU o bem articulado por aí! Esse é o meu trabalho chefe!”

“Ter duas pessoas conhecedoras no grupo parece bem inteligente. Além do mais, eu disse AGRADÁVEL também, Morte.”

“Agradável aos olhos talvez! Para mim parece com qualquer garota que tem um pouco de pele para mostrar, serve para você recrutar!” Morte ficou quieto. “Não que eu me importe, eu só achei que devia mencionar isso.”

“Notado, Morte. Veja... Senhora Grace, desculpe se fui um pouco direto, mas você gostaria de vir conosco?”

“Eu aprecio seu convite. Eu irei argumentar a meu favor: Porque eu deveria ir com você?”

“Você quer dizer que na esta interessada em viajar com um imortal com amnésia que procura por si mesmo pelos Planos?”

“Oh, eu gostaria muito.” Ela sorriu levemente. “Tal sugestão intrigante, não tenha dúvida disso.”

“Então você gostaria de viajar comigo?”

“Se você quer isso, deve fazer algo para mim. Existem dez estudantes nesse estabelecimento. Eu gostaria que falasse com todas elas, e depois voltasse a mim com o que aprendeu. Então veremos se irei ou não te acompanhar.”

BORDEL DA SACIAÇÃO DOS PRAZERES DA MENTE

Eu fui em frente, para falar com as “prostitutas” desse bordel mais incomum. Ele tinha um formato circular, com um corredor também circular por dentro. Os quartos das garotas eram localizados contra o muro externo, abrindo num corredor. O centro do círculo era decorado com bancos e plantas, provendo um lugar agradável para se socializar.

Começando pelo corredor, cheguei a uma alta e elegante mulher, que, com seus traços nítidos e comportamento régio, era um perfeito exemplo de beleza aristocrata. Suas roupas pareciam ser tecidas com fios de prata, e um pequeno frasco pendia em seu colar. Ela usava um exótico perfume, que parecia me fazer aproximar dela. Ela me olhou, arqueando uma sobrancelha com o que eu achava ser desdém.

“Saudações. Meu nome é Vivian; presumo estar sendo requerida?”

Eu a assegurei que não estava, e perguntei sobre a fragrância dela. Ela fez uma careta por um instante, e depois sorriu para mim.

“Sim,sim,te agradeço pelo cumprimento...mas lhe garanto, esse aroma particular não é nada alem do meu próprio cheiro próprio.”

Ela explicou então que sua própria essência havia sumido;de fato havia sido roubado.Eu concordei em ajuda-la a reencontra-lo.Ela parecia achar que estava se impondo a mim, mas eu a assegurei que não era imposição alguma para uma amável mulher como ela.

Com isso,Annah murmurou algo irritada; eu peguei as palavras “enchendo” e “babão”. Vivian me agradeceu a oferta.

Em um quarto do corredor principal conheci Juliette, uma jovem de cabelos negros que havia encontrado olhando desatenta para o espaço, suspirando miseravelmente e ocasionalmente palpando as costuras do vestido de veludo verde.Era difícil discernir se ela estava deprimida ou só entediada.Eu a perguntei a respeito, se o problema era não ter clientes.

“Eu já estou com um homem senhor, e eu o amo carinhosamente. É que eu desejava...”Ela batia com os dedos contra o queixo. “...eu queria algo MAIS na nossa ligação.”

“Existe um problema no seu relacionamento?” Eu a perguntei.

“Sim, tem um problema...”Ela bufou. “...No sentido que não existem problemas!Nossas famílias aceitaram as novas esplendidamente bem,seus parentes amam os meus, e nossos amigos acham que nossa união será abençoada pelos Poderes em si.Tudo ótimo e bom,mas as coisas estão...”Ela fez uma careta. “...tão suaves.Não pode estar certo ter um relacionamento tão livre de problemas.”

“Não sei o que dizer a respeito mas...” Eu pensei comigo.

“Não sabe?Você já teve um relacionamento assim?” Ela me olhou brevemente. “Me parece que sua vida tem sido cheia dos mais diversos problemas, julgando pela palidez da sua pele.”

“Não posso me lembrar dos relacionamentos que tive. As pistas que encontrei indicam ou sugerem que podem ter havido alguns problemas.”

“É que todos os meus amigos tem relacionamentos tão interessantes...um repleto de turbulências,no outro briga de famílias no outro apunhaladas pelas costas, veneno, parentes loucos e pais irados com largas espadas.Eu tenho um amor cujos meus parentes adoram e o mundo ama.” Ela suspirou outra vez. “Uma grande fonte de chatices. Como eu queria poder apimentar as coisas...”

Morte flutuou até mim,sussurrando: “Eu sinto pena do amor dela.Ele não sabe o quanto isso é ruim.Uma garota como essas não passa de problema.”

“Isso não parece sábio Juliette. Aproveite o que você tem.” Eu sugeri.

“Eu quero experimentar problemas apesar disso.Quero conhecer os altos e baixos da relação...mas com ele,não com outro.” Ela suspirou. “Ah,que coisa é o amor.Pode ser tão maçante como uma porta,e não tem uso algum como uma Sensata.”

Eu perguntei de maneira ela queria apimentar as coisas, mas ela não fazia ideia.Eu tive uma ideia.

“Porque você não faz uma carta falsa de um caso secreto?”Os olhos de Juliette brilharam.

“Ótima ideia! Excelente!” Ela subitamente fez uma careta. “Mas ele conhece minha letra...você escreveria pra mim?”

“Não faz o um tipo, mas posso te arrumar algo, entretanto.”

“Oh,você o faria?Excelente!Quando a tiver, entregue ao meu amor, Montague...ele pode ser encontrado no Salão de festas Cívico.Quanto as cartas...tente Scofflaw Penn(Caneta Infrator da Lei).Ele tem uma loja na Ala Inferior.Eu te agradeço!”

NENNY NOVE OLHOS

Fui ate outro quarto, conheci nele Nenny Nine Eyes(Nove olhos)A bonita, jovem atraente estava sorrindo alegremente e cantarolando para si mesma.Seus grandes, e pálidos olhos azuis pareciam absorver as cores ao redor enquanto ela olhava.

A jovem reverenciou graciosamente e olhou para mim, sorrindo.

“Prazer bom senhor! Sou Nenny!E como o senhor esta nesse belo di-?” Ela subitamente notou minhas cicatrizes e colocou as luvas em cima da boca. “Oh meu!Você esta ferido!”Ela piscou. “Todo acabado!”

Morte girou em volta de mim, zombando da obviedade da garota. “Pelos Deuses chef... ela esta certa! EU nunca notei antes... mas você esta cheio de CICATRIZES!” Eu ignorei Morte, respondendo sua indignação.

“São todas velhas cicatrizes. Estou bem.” Ela ficou então fascinada com minhas tatuagens, as percorrendo com seus dedos.

“Eu ACHO que é tinta.” Ela percorreu com o dedo as extremidades das tatuagens. “É tinta? E que padrão! Veja como as linhas se unem aqui!”Ela tocou o centro da tatuagem. “Isso é simplesmente fantástico...”Ela apertou os lábios e franziu o rosto com desapontamento. “Eu poderia fazer melhor se não houvesse tantas cicatrizes...”

“Não precisa se preocupar com as cicatrizes; elas são permanentes.”

“Oh,desculpe, me desculpe...eu nem devia ter dito isso!”Ela pendeu a cabeça. “Mas eu PRECISO saber...você tem CERTEZA que esta bem?Estou olhando para você,e não posso deixar de acreditar que você não esta sentindo dor alguma.”

Eu podia ter dito a ela o que sabia sobre minha vida, sem duvida isso lhe despertaria mais interesse, mas eu me contentei com “Eu tenho amnésia, isso é tudo.”

“Amnésia?” Nenny piscou, e então se iluminou. “Perda de memória! Você tem tanta sorte,” ela concordou arrogantemente. “Tudo deve ser tão NOVO pra você.”

“Esse é...eu ponto que eu não havia considerado.” Nenny apertou as mãos prazerosamente.

“Estou tão satisfeita por ter aberto sua mente para essa ideia!Eu ouvi que um Sensato tem exatamente esse dever...levar novas experiências aos outros.” Eu a perguntei o que ela fazia.

“Estou falando com você, bobinho!” Ela gargalhou e me bateu na briga de leve. “Assim como faço com todos os patronos aqui. Todas as prostitutas fazem; é pra isso que o Bordel serve! Aprender novas maneiras de conversar e partilhar experiências e entender outras pessoas.

“O Bordel da Saciação dos Prazeres da Mente é uma escola que foi iniciada pela dama Fall From Grace. As prostitutas aqui- como eu! – aprendem os pros e contras de falar com pessoas, tudo para ajudar a ensinar mais sobre nós mesmos e os outros. Eu adoro isso aqui...é uma onda interminável de experiências, me atingindo, enchendo minha cabeça com novas ideias!”

Morte fez uma observação em voz baixa, “Eu acho bom ter ALGUMA coisa ali dentro.”

Eu perguntei se ela sabia algo sobre o sumiço da essência de Vivian. Ela sabia algo, mas estava hesitante em me dizer o que suspeitava, por medo de dizer algo ruim sobre outra pessoa. Eu a pedi que tentasse dizer algo ruim sobre a pessoa que ela suspeitava. Ela tentou.

“Oh, tudo bem.” Nenny colocou as mãos nos lábios e fez uma careta profunda, quase exageradamente. Eu me segurei para não rir. “Ooooooh, eu não gosto dela NEM um pouco.” Ela parou um instante, então me olhou com canto de olho, como se medisse minha reação. “Fui convincente?”

“Na verdade não...” Nenny fez uma careta.

“Eu sabia que não sairia bem dessa!” Ela me olhou, deprimida. “Você sabe o QUANTO é difícil falar coisas ruins das outras pessoas?! Parece ser tão errado.”

Apaixonado pela sua simplicidade, eu sugeri “Porque não pratica comigo Nenny?” Ela parecia duvidar, mas tentou.

“Seu grande brutamente malvado!” Ela colocou as mãos sobre os quadris. “Malvado!” E olhou para mim. “Como eu fui?”

“Tente me bater.” Nenny apertou as mãos sobre a boca, parecendo chocada

“Oh, eu não posso! Não devo!” Ela piscou. “Como se pode bater em alguém afinal?”

“Vá em frente. Faça de leve se precisar. Lembre: eu sou mal, um bruto malvado. Eu mereço.”

Nenny me deu uma tapa; eu quase nem senti. Ela ainda parecia chocada e assustada por achar ter me machucado. “Oh, me desculpe! Doeu? Diga que você está bem!”

“Não estrague tudo Nenny. Vamos lá; mostre do que é capaz. Você pode dizer algo ruim... apenas deixe sair.”

“Oh....quero dizer....ah!” Nenny ficou em pé se estirando ao máximo, fechou os punhos, colocando-os na cintura, e fez uma careta que na verdade era bonita. “Oh, maldito seja! Você merece tudo isso pelas indignidades que me fez passar! Saindo tarde a noite,” Seus olhos me olharam de baixo a cima. “Arrumando brigas e ficando todo cicatrizado! O que as crianças iram pensar hein!?”

“Crianças?” eu imaginava comigo mesmo. Bem alto eu respondi. “Excelente.”

“Oh,não diga que sou excelente,como se eu fosse um puxa sacos procurando sua aprovação!Eu sou uma mulher de verdade, e essa mulher vai sair da sua vida a não ser que eu obtenha algum compromisso serio!”

“Tudo bem...ja chega agora Nenny.”

Ela me deu um soco outra vez. “E tome isso!” E me socou mais uma vez, prontamente girando os punhos como um redemoinho.

“Ok....ok...hora de deixar a raiva ir embora.”Nenny parecia cansada.

“WHoa.Foi mal fácil do que eu pensei!”

“Não brinca.” Tendo ajudado-a em alguma coisa, agora ela se sentia capaz de acusar a pessoa que suspeitava de quem roubou a essência, outra das prostitutas, chamada Marissa.

No próximo quarto havia uma linda jovem mulher, que se chamava Ecco,com cor de cobre queimado.Usava um vestido translucido branco, levemente fixado por fivelas douradas, que se adaptavam as suas formas e curvas.Ela estava muda, incapaz ou sem vontade de se comunicar mesmo com meu sinal.Iso fazia dela uma ouvinte ideal para os patronos do Bordel, mas eu logo fiquei em ter o que dizer, e sai.

MARISSA

Entrei no quarto mal iluminado de Marissa,me aproximando da adivinha.Forçando a vista para ver alem da divisória, eu mal podia identificar uma figura feminina na escuridão. Ela virou para mim, mas eu não podia ver nada em seu rosto.

Eu a cumprimentei mesmo sem a ver. A mesma respondeu em uma voz lenta e mortal, como uma faca raspando em uma pedra.

“Sim?Veio falar com Marissa não veio?Meio rude da sua parte entrar em um quarto escuro,remexendo atrás da minha divisória tão... rude e imprudentemente.”Eu podia ouvir um fraco sussurro, como uma leve brisa...ou como o chiar de uma serpente.

Morte sussurrou baixo. “WHoa...garota assustadora.”

“Meus perdões, minha dama...eu não tinha certeza se havia alguém aqui.” Respondi para a sombra vaga. A mulher uma leve aprovação.

“Mas parece que HÁ alguém no quarto não é?Poderia ir indo então?”

“Ainda não...tenho algumas perguntas.”Ela concordou em responde-las com ma vontade.

“Porque você fica atrás desse vestiário?”

“Você deseja que eu saia daqui, em direção a luz, e converse cara a cara?”

Marissa riu, e ouvi o barulho de escamas deslizando em escamas. “Não,acho que não.A escuridão me cai bem, e sem duvida cai bem pra você também.Ela também previne qualquer casualidade..... que não queiramos.Agora o que é que você quer?” Eu estava intrigado agora.

“Eu quero que venha para a luz.”

“Não, e a adição de “Por favor” não ira me persuadir. Agora o que você QUER?Sem duvida não veio ate aqui sopra me VER.”

“Eu QUERO ver como você é...”

“Não tem porque você querer isso.” Persistentemente, quanto mais ela negava, mais eu queria vê-la claramente.

“Oh, quero sim.”

“Como você é?”A escuridão nos esconde.Façamos um jogo?Eu estou incrivelmente entediado.Deixe-me adivinhar...você é um humano homem?

“Sim.”

“Você é... ferido na garganta?”

“Eu não consigo ver, mas creio que sim.”

“Humm... descreva você mesmo para mim.”

“Sou alto, forte, e terrivelmente cicatrizado,” Respondi honestamente.

“Serio? Hummmmm...” Ela parou um momento. “Como você ficou marcado tão horrivelmente? Espere... deixa pra la.Não quero saber.”Eu estava muito curioso sobre o que ela estava escondendo.

“Agora descreva a si mesma para mim.”

Marissa se descreveu como uma linda mulher simétrica, pálida com língua bifurcada, seus cabelos eram víboras se contorcendo, e olhos brilhantes...que eu imaginava serem mantidos fechados.Eu considerei que ela podia ser dos planos baixos.

“Você é um demônio?”Marissa sorriu levemente, o som acompanhava um leve guisado.

“Não,difícilmente...apesar deter poderes que alguns consideram serem demoníacos.Meu olhar transforma os vivos em pedra,por exemplo.De seres de carne para estatuas num piscar de olhos...”

“Isso deve ser conveniente às vezes.”

“Você acha?Deve ser por isso que sento aqui, sozinha,na escuridão, me escondendo atrás de um vestuário.”Apesar de não poder ver Marissa,eu estava certo de que ela estava zombando.Ela subitamente suspirou. “Se eu soubesse apenas aonde esta meu Véu Vermelho.Você não o viu, por sinal?”

Eu a assegurei que não havia visto seu véu, e perguntei a ela a respeito da perda de essência,dizendo que alguém havia a visto saindo do quarto de Vivian.Marissa não disse nada por um instante,apesar de um chiar irritado ser ouvido na escuridão ao redor dela.

“Sim,sou conhecida por me esgueirar no quarto de Vivian por alguns de seus perfumes...apesar de eu duvidar de alguém que não o tenha feito.Se você estiver dizendo que eu peguei o cheiro PRÓPRIO dela, bem...sinta-se a vontade para procura-lo.Você não o encontrará comigo ou em qualquer outro quarto,te garanto.Talvez a pessoa que pegou meu Veú Vermelho tenha pegado a essência de Vivian também.”

KESAI SERRIS

Continuei até o próximo quarto. A sua ocupante era uma mulher assustadoramente voluptuosa com uma juba espessa de cabelos ondulados e extremamente escuros, pele azulada e cintilante, olhos vermelhos, como rubis que tinham fogueiras acesas por trás deles. Apesar de não ser tão bela do ponto de vista típico, seus traços eram exoticamente incomuns. Eu a cumprimentei. Sua voz era profunda e sensual.

“Minhas saudações a você senhor.” Seus olhos flamejantes me percorreram. “Sou Kesai Serris.Diga-me: O que posso fazer por você hein?”

“Qualquer coisa!” Morte gritou, “Faça o que quiser comigo!” Kesai riu sinceramente, revelando caninos longos o suficiente para serem considerados presas. Ela balançou a cabeça e sorriu para Morte.

“Sinceramente, mas por favor...o que posso fazer por você?” Eu respondi sua pergunta com outra.

“Se não se importa de eu perguntar, o que você é?” Kesai balançou a cabeça.

“Ora, você não pode adivinhar?”Ela se ergueu, empurrando seu peito amplo em minha direção. “Uma mulher!” Ela ergueu uma sobrancelha. “Posso ver que minhas respostas não lhe agradam...eu sou uma híbrida planar na verdade, como sua amiga aqui.” Kesai apontou para Annah. “Isso é tudo que você precisa saber.”

Eu perguntei se ela sabia aonde poderia estar a essência de Vivian.

“Não, não sei.”Kesai respondeu sem gostar. “A maioria das mulheres ira dizer que ela é uma fresca, mas ela sempre foi legal comigo... elogiando meus olhos...e ela cheira tão bem!eu espero que ela encontre sua essência novamente, em breve.”

Enquanto falava com ela, percebi que seus traços exóticos não deixavam de ser atraentes.

“Você realmente tem olhos muito adoráveis,sabia.”

“Tch.” Annah reclamou, girando os olhos. “Corta essa.”

“Não se irrite Annah...você também é adorável.” Foi a coisa errada a dizer, o que vim aprender logo que eu disse.

“E o que isso quer dizer, seu retardado??! Você acha que estou com ciúmes dessa tagarela! Seu otário!” Annah cuspiu e desviou o olhar, então saiu do quarto. Kesai-Serris se mostrou indiferente e me olhou, respondendo meu cumprimento.

“Ora, obrigada! Da pra ver eles brilharem no escuro sabe...bizarro não é?” Ela parou para me olhar.

“Você tem uns olhos legais também... tão escuros e misteriosos! Tão cheios de caráter.” Depois perguntei sobre Marissa, e seu Veu.

“Hummm. Não, Eu não o vejo desde a ultima vez que ela o vestiu...mas Nenny pode ter visto algo, tente perguntar a ela. Eu admito que tem sido bom...Marissa não sai do quarto sem seu véu, então todas somos poupadas de sua língua imunda...deixando apenas Kimasxi para lidarmos.” Kesai sorriu. “Apesar da Kimasxi ser a pior das duas.”

“Como assim?”

“Marissa é arrogante e má, mas Kimasxi...ela um monstro amargo, desprezível, com uma língua venenosa e comportamento de balor. Eu não vejo como ALGUÉM gostaria de falar com ela – eu sinceramente duvido que sua aparência valha a pena mediante aquela sua boca venenosa dela – mas ainda assim ela recebe patronos.” Eu estava curioso a respeito dos talentos de Kesai.

“Bom, o que você faz geralmente para os patronos?”

“Converso, é claro! Geralmente sobre sonhos, geralmente de natureza erótica....mas nem sempre!” Kesai piscou para mim, sorrindo. “Então! Gostaria de me contar os seus? Não seja tímido; eu já ouvi de tudo, sabe. Nada ira me chocar ou surpreender, e eu amo ouvir os sonhos das pessoas. Podemos trocar se você quiser também – mas você tem que ir primeiro.” Eu brinquei com ela de maneira suave.

“Meus sonhos foram revisados recentemente quando te vi, minha dama...”

“Foram mesmo, agora?” Kesai sorriu, seus olhos flamejantes me olhavam mais uma vez. “Você parece bem selvagem, sabia? Diga-me: você é muito rude com suas amantes? No ATO quero dizer.... fisicamente?”

“Porque você me perguntaria isso?”

“Eu estava curiosa...e gosto de falar sobre o ato de amar. Muitos se sentem incômodos ao falar disso, mas é importante ser capaz de fazê-lo, especialmente com seu parceiro – é bom para ambos! Minha esperança é fazer meus clientes falarem disso com seus amores sobre tais coisas, se já não o fazem. Então: você não me respondeu ainda...”

“Eu sou rude apenas se isso agrada-las.” Pelo menos, era o que eu faria, já que não tinha memórias de tais atos. Os últimos dias tinha sido preenchidos demais para pensar sobre esse assunto, e já haviam muitos problemas não resolvidos com a mulher que eu havia considerado algo a respeito. Quando pensei em Annah, percebi que meu comentário não era merecido, tratando-a como uma criança mimada. Apesar dela precisar encontrar uma maneira de lidar melhor com seus ciúmes...

“Eu achei que diria isso. Eu mesma sou meio rude...Gosto de ser levada, e gosto particularmente de mordida! Tenho dentes afiados, entretanto, então tenho que tomar cuidado. As vezes me deixo levar e chupo um pouco do sangue, sabe?”

Morte comentou, “É o suficiente para me fazer chorar...aonde estava essa garota quando eu TINHA um CORPO?!”

“Percorrendo as terras por ai, provavelmente.Mas essa foi uma pergunta retórica, não foi?” Ela piscou para Morte, e virou para mim outra vez.

“Você tem dentes afiados?” Perguntei,tendo apenas os visto de relance uma vez. Kesai acenou.

“Hum hum,certamente.Quer vê-los?Aqui...”Ela abriu levemente a boca, percorrendo sua língua violeta sobre os dentes de baixo; seus caninos eram longos para serem considerados presas.Eu achei que não pareciam tão perigosos.

“Eu não acho que me importaria de ser mordido...”Kesai riu.

“Eu duvido que consiga furar sua pele grossa, de qualquer maneira. Você ainda consegue sentir algo em sua pele?”

“Não, infelizmente não.As cicatrizes são muito espessas.”

“Oh,que pena.Você REALMENTE tem muitas delas...”Kesai olhou de perto meu rosto. “Ate mesmo nos lábios, nas pálpebras dos olhos...diga-me: você tem cicatrizes por todo o corpo?Sabe.... TODO ele?”

“Não, nem todo.Algumas partes foram mantidas afastadas de alguma forma.”

“Que bom então!” Kesai sorriu animada,então deu um olhar serio, colocando as mãos nas cinturas. “Você AINDA não me falou sobre seus sonhos, sabia. Vamos La, me conte!”

“Eu....não tenho sonhos na verdade.”Eu percebi que isso era literalmente verdade.Não apenas dos dias em que acordei para cá,mas há muito tempo antes disso.Kesai arqueou as sobrancelhas surpresa.

“Serio?Que triste!Ate mesmo anjos e demônios sonham sabe.Esta certo de que não sonha?”

“Muito certo.Sem sonho algum.”

KIMASXI ADDERTONGUE

Eu saí, indo ate o próximo quarto, que estava vazio.

Assim que me aproximei do próximo quarto, um homem entrou antes que eu chegasse na porta.Eu parei do lado de fora,mas pude ouvir uma voz alta de mulher através da abertura da porta. “DE NOVO?! SEU INUTIL SE NOÇÃO!”

Eu mal pude ouvir a resposta do homem. “Sim, senhora...”

“Tome ISSO!!” Ela disse, seguido pelo som de um golpe.

“E ISSO!!” Ela disse, seguido pelo som de outro golpe.

“E NÃO VOLTE MAIS, SEU LAMENTAVEL PROJETO DE HOMEM!!” Dizia o grito.

Outra resposta quase não podia ser ouvida. “Obrigado...Senhora.”

Ouvi as pegadas se aproximando da porta.O sujeito que dali saia era normal a não ser pelo olho preto, como se tivesse sido atingido no rosto.Ele curvou a cabeça levemente assim que me aproximei dele. “Saudações, senhor.”

Curioso, perguntei a ele, “Como você ficou com o olho preto?”

Ele piscou. “A isso? Uma longa historia senhor.Uma que você não gostaria de ouvir.”

Morte disse, “AHHHH não...você TEM que nos dizer, agora.”

Eu concordei. “Sim...por favor,senhor: conte-nos.”

O homem suspirou, girando os olhos. “Muito bem...mas eu não deveria contar os detalhes.Apesar de ter dito a respeito do tamanho da historia, eu poderia resumi-la em duas palavras: Kimasxi Addertongue(Língua de Víbora)”

“Eu já ouvi esse nome...”

“Ah, vejo que ainda não falou com ela. Eu não irei mis lhe contra sobre a mais deliciosa ameaça que Kimasxi é , bom senhor...ao invés disso, eu insisto que fale com ela pessoalmente.Ela é uma das prostitutas aqui, e a mais fascinante das alunas da Lady Grace.” Ele sorriu.

Eu fui ate o quarto para conhecer o assunto da afeição,imaginando se Morte e Dak’kon seriam proteção suficiente.A garota Tiefling selvagem me olhou com um sinal de irritação.Seu corpo tatuado estava praticamente nu,coberto por apenas uma tira de couro estreita,um sutiã de pano preto e uma ombreira que parecia servir mais como decoração do que como proteção.Seu cabelo era espigado- assim como sua leve pelugem que cobria suas pernas de bode- eram de um tom branco, e vários anéis de prata decoravam suas orelhas, narinas, lábios e sobrancelhas.Ela usava um colar de couro ao redor do pescoço com a inscrição “Kimasxi Addertongue.” Para me cumprimentar ela mostrou os dentes.

“E o que você esta olhando, seu babaca esculachado?” Morte respondeu por mim.

“Meu amigo achou que você fosse atraente, mas WHOAA!ele nunca esteve TÃO terrivelmente enganado!”Ela encarou Morte, então olhou abaixo dele, aonde deveria haver um corpo.

“Língua afiada....para um aleijado morto.” Morte continuou.

“Como se eu fosse deixar meu corpo por perto se tivesse um! O que, você ouviu a palavra BORDEL e achou que podia fazer uma grana aqui,sua puta mordedora de gengivas?HAH!Não acredito que tenham sequer deixado você entrar pela porta,com todos aqueles carrapatos saltando das suas pernas peludas!”

“Carrapatos?!O único inseto irritante aqui é VOCÊ!” Ela virou subitamente para mim. “Hey!Você veio aqui falar comigo ou o que?”

“Ou o que? O que mais poderia fazer com você?” perguntei, entretido com sua pergunta criativa.

“O que você tem em mente, seu saco de ossos?Vá em frente;me de uma razão para dizer não a você.”

“O que você faz geralmente para os patronos?”

“Sou uma praticante do abuso.”Eu imaginei como aquilo funcionava literalmente.

“O que isso significa?”

“Vou te mostrar.” Sua Mao me deu um tapa da cara, mas eu consegui esquivar a tempo do golpe. Kimasxi visivelmente não gostou, em seguida, fez uma careta. “Oh, bem.”

“Eu não imaginaria que algo meio animal teria movimentos tão rápidos.” Eu citei,querendo compensar seus insultos. Ela me deu um olhar cético.

“Você sabe ACHAR?huh.Sabe, EU que imaginei que alguém feito ZUMBI como VOCE tivesse reflexos mais LENTOS.”

“Bem você achou errado...Acredito que isso ocorra muitas vezes.”

“Você deve IMAGINAR muito:imagine que não é TAO feio,imagine que as mulheres o levam a serio... e pare de olhar os meus peitos!”Suas ultimas palavras me surpreenderam- porque eu não estava olhando.Eu fiquei momentaneamente confuso,tentando encontrar algum significado escondido por trás de suas palavras.

“Do que você esta falando?

“Oh claro, você não estava olhando não é?Seu cadáver desajeitado lascivo...o que há com você?Você nunca viu um par de seios antes?”Sorrindo levemente a analise que havia feito de mim, eu respondi seu insulto.

“É ISSO o que eles são?Achei que fossem uns tumores pequenos em crescimento.” Ela ergueu a sobrancelha.

“Olha, se você não sabe identificar um par de belos seios como os meus, você OBVIAMENTE não passou muito tempo em companhia de mulheres...”

“Você esta insinuando que é mulher? Isso não é distorcer a definição da palavra?”

Kimasxi procurava algo para responder.Por um instante, um sorriso ameaçou quebrar sua mascara de aspereza- então ela ficou mais basílica do que nunca. “Tudo bem,o que quer de mim?”

Eu perguntei sobre os itens perdidos,mas ela não tinha nada a dizer.Eu imaginava algo entretanto,que eu achava que Morte poderia apreciar,apesar de que pudesse me arrepender mais tarde.

“Diga....pode ensinar Morte a ser mais abusado?”Ela ergueu uma sobrancelha.

“Esse SIM é um pedido incomum.Não sei, isso já parece ser Bem boca suja.....”

Morte interrompeu. “ELE! É ELE parece bem boca suja, Kimasxi Boca de lixo...sua cabra metida a putinha mal vestida!”

“Você QUERIA ter pernas como as minhas, seu desprezível monte de ossos miserável! Eu posso andar...correr, dançar...o que você faz?Fica girando desejando ter um PAR de pernas, mesmo que fossem de bode!”

Os dois ficaram se insultando, trocando farpas, aborrecendo um ao outro e brigando com suas línguas afiadas...

Por fim os dois pararam os insultos, e um silencio estranho pairou sobre eles enquanto odiavam um ao outro.Finalmente, a garota fez um comentário invejoso para Morte. “Você ate que não é ruim.Nada mal.”

“Melhor do que você talvez?”Morte girou os olhos para ela. “Hein, hein?”

Kimasxi estreitou os olhos em Morte. “Não force a barra Crânio.”

“Não estou forçando nada,DIABA.Admito que tenho uma coisa ou duas para aprender...”

Kimasxi virou-se para mim. “Então isso era tudo que você queria?Não vou ficar mais tempo perto de vocês do que preciso.”

Era hora de seguir em frente. “Sinto da mesma forma.Adeus.”

Kimasxi gritou assim que sai do quarto. “Porque não vai vagar em Baator um pouco, seu burro rastejante.” Eu duvidava muito de que houvesse um chance de eu acabar em Baator.

Annah se uniu a nos novamente quando saímos do quarto, apesar de estar quieta e me dava olhares venenosos.

DOLORA

Fui ate o centro da estrutura,aonde bancos e mesas estavam ao redor de um grande arvore, imaginando se havia alguma prostituta que eu não havia visitado ali.

Imediatamente notei três criaturas curiosas. As estranhas criaturas cúbricas pareciam ser mais maquinas do que orgânicas. Assim que me aproximei de uma delas, ela silenciosamente me olhou com grandes olhos que não piscavam. Seu rosto não tinha o mínimo traço de emoção nele.

Morte se lamentou, “Vamos lá chefe!Estamos em um lugar cheio das garotas mais sexys do multiverso e você esta parando para falar com Modrons?”

“O que pode me dizer a respeito deles Morte?”Morte fez um barulho de repugnância imensa.

“O que há para se dizer? Pequenas pestes mecânicas trabalhadoras... estão sempre trabalhando para impor ordem e lei sobre o multiverso. Não o BEM, veja... apenas a LEI.Vamos apenas esquecê-los e vamos falar com umas gatinhas hein?”

“Desculpe Morte,mas estou falando com o Modron.”Morte suspirou alto.

“Ótimo, que seja- mas não diga que não te avisei.Você não vai chegar a lugar algum com eles entretanto chefe....é muito estranho falar com eles.”

Eu cumprimentei o modron.Sua voz tinha uma qualidade metálica,como se fosse mais uma musica tocada do que uma fala verdadeira:

“Seu cumprimento é recíproco.”Houve um leve clique quando a criatura piscou.Um incomodo silencio pairou no ar entre nos.Antes que pudesse continuar,ele disse, “Identifique-se para nós.”

Fiquei tentado ao responder Adahn,mas não queria encontrar ele aparecendo pelos cantos por ai.Ao invés disso, optei pela verdade. “Não tenho certeza de quem eu sou.”

O modron se entediou, “Gostaríamos de saber o porquê.”

“Não sei, não consigo me lembrar.”

“Todas as coisas devem ter um nome; tudo deve ser identificado.Achamos sua resposta insatisfatória,mas ela deve ser suficiente no presente.” A criatura parou e piscou. “Nós nos identificamos como modrons, do tipo quadrados, alados, especificamente.”

Era quase como se identificassem anonimato como não existente. Eu esperava que não ignorasse minhas perguntas. “O que vocês fazem aqui?” Respondi no mesmo tom de voz.

“Nosso propósito aqui é observar.”

“O que estão observando?”

“Estamos observando um individuo da equipe do estabelecimento.” Respondeu

“Quem é esse?”

“Como afirmamos anteriormente, estamos observando um individuo da equipe do estabelecimento.”

Ele era muito preciso ao responder minhas perguntas. Ou isso,ou ele tinha um senso de humor mais sutil que Morte. “Sim,mas QUEM exatamente você esta observando?”

“O objeto de nossa observação chama-se “Dolora”.”

“Porque a estão observando?”Ele respondeu com poucas falas,adicionando alguns detalhes desnecessários.

“Não nos foi informado o motivo especifico ou motivos para nossa tarefa atual.O comando de nosso pentadromo superior já é motivo suficiente para realizar a tarefa designada;sendo assim,o propósito ou propósitos são irrelevantes para nós.”

Uma mulher andou ate a área onde estávamos.O modron com quem eu conversava, e os outros dois companheiros, imediatamente giraram para olha-la.O modron na minha frente ignorou a próxima pergunta.

Imaginei se aquela era Dolora.Me aproximei de uma mulher com cabelos negros, pálida, que tinha uma aparência culta e refinada ao seu redor.Assim que virou-se para mim, notei que seus olhos -que eu a primeira vista achava serem cinza – eram da cor de aço escovado.

Sua resposta ao meu cumprimento confirmou seu nome. Sua voz era macia, calma, e sem aflição- tinha um pouco de desdém, como se não fizesse parte dela.

“Saudações...Me chamo Dolora.Posso lhe servir de alguma forma?”

“De que maneiras pode me servir Dolora?”Ela piscou os olhos, então tocou com as mãos seu coração,baixando sua cabeça levemente.

“Estou aqui para debater qualquer questão escolar ou acadêmica com certa propriedade, se você desejar.Também sou bem hábil em jogos de estratégia, se desejar jogar algo –apesar deque tenho pouco material para os jogos aqui entretanto.” Eu estava interessa em testa-la.

“Debate você diz?” Dolora concordou.

“Correto.Não sou um livro nem uma tutora;não tenho o desejo de educar meus clientes.Entretanto se tiver algo a ser discutido...as quinze facções e seus sigilos políticos, as estratégias de batalha mais efetivas para se guerrear em Acheron, o significado da existência em si....eu ficaria muito satisfeita em procurar um argumento para debatê-lo.”

Escolhi um assunto e comecei... o debate demorou bastante tempo e nós discutimos muitos pontos,cada um visando metodicamente enfraquecer o argumento do outro.Enquanto eu falava,um estranho sentimento começou a me dominar...uma memória,tentando emergir...

Memórias de um grande salão começaram a ser formar na minha mente....um vasto lugar, cheio da elite bem vestida...Diante de mim estava um pequeno rapaz vestido impecavelmente que usava um medalhão dourado;tinha um brasão que demonstrava ser um dos “Marca Única” Nós estavam em um círculo de espectadores que tinham se reunido para ouvir o nosso debate.

“Mas...isso é impossível!” O homem dizia,parecendo perplexo.

“Oh, mas é.”Eu lembrei de ter respondido aquilo. “Eu dei vários argumentos e inúmeros exemplos.Você não pode existir.”

“Mas....não pode ser!Se eu aceitar isso, eu iria....iria...”

“Sim.Você deixaria de existir.”

E sem um raio de luz ele sumiu como fumaça – sem deixar pista alguma – o homem havia simplesmente sumido.

Os espectadores aplaudiam e gritavam, alguns aplaudiam...Eu lembro de ter dado um agradecimento pomposo e ido embora, com um sorriso de satisfação nos lábios.

Subitamente percebi que Dolora me observada de perto. “Esta se sentindo bem? Podemos continuar nossa discussão outra hora se quiser...”

Eu indiquei que estava pronto para continuar.Quanto mais eu era pressionado para vencer o infalível senso lógico de Dolora, eu vencia.Ela meramente acenava com aprovação.

“Você é um debatedor muito habilidoso;não há como negar.Sinto entretanto, que se tivesse tempo para fazer algumas pesquisas, você não me venceria.” Eu a agradei, e ela respondeu. “Se quiser, podemos debater mais uma vez o mesmo tópico....eu poderia argumentar sua posição dessa vez,se assim quisesse.”

Eu me lembrei dos bons ataques que ela usou no debate. “Espere...você é sempre tão impiedosa nos debates?” Dolora negou.

“A senhora Grace me instruiu a não ser misericordiosa,pois outra de suas estudantes sempre permite que o patrono vença depois de um certo tempo no debate.Sempre foi o desejo da Senhora Grace que eu providenciasse a sua clientela esse tipo de experiência.”

Eu havia me encontrado muito pouco desafiado mentalmente pelos outros, apesar de estar frequentemente envolvido emocionalmente. A Frieza de Dolora não havia me despertado emoção alguma, mas descobri que havia gostado do debate. Perguntei se podíamos fazer um jogo.

“Claro.Existe algum em particular?”Minha condição me levou igualmente disposto a jogar qualquer jogo.

“Não...na verdade não lembro de nenhum jogo...”

Aqui então –permita-me te mostrar esse.” Dolora pegou uma pequena caixa envernizada, que desdobrada era uma tabua marcada com uma grade.O conteúdo da caixa mostrava uma serie de lascas de pedras polida...metade pretas, e a outra metade brancas. “Esse jogo tem muitos nomes.Devo explicar as regras para você?”

Dolora me explicou as regras do jogo –como as pedras se moviam,como se vencia o oponente.parecia de alguma forma,familiar para mim. “As regras são simples não são?Mas existe uma grande complexidade por trás do jogo em si.Leva muito tempo para domina-lo.Vamos jogar?

Enquanto jogava,percebi que já o havia jogado antes.Lembrei de varias estratégias e planos que haviam feito com que ganhasse jogos anteriores, tentando cada truque que sabia para vence-la.Subitamente, uma estranha sensação me atingiu...uma memória, tentando emergir...

Memórias de um campo de batalha tomado de fumaças encheram minha mente...eu sentava no topo de uma grande colina olhando a guerra, montado em uma enorme besta quadrúpede.O zurrar dos chifres levavam minhas ordens para as tropas abaixo.

Mesmo quando eu olhava, minhas forças dividiam-se,fugindo para esquerda e para direita enquanto o exercito lutava moro acima ate chegar no líder do inimigo – Eu.

“Tolos,” Eu havia pensado,os lábios assumiam um sorriso perverso. “Meus cavaleiros irão atropela-los colina abaixo com seu avanço em um instante... nesse mesmo instante meus homem que “fugiam” iriam atacar sua retaguarda!Ah, e outra vitoria em breve será minha....”

Subitamente notei que Dolora me observava atentamente. “Sente-se bem?Podemos jogar outro dia, se preferir...”

Pedi que continuasse. Dolora jogava excelentemente, contra atacando todos os meus movimentos, mas eventualmente minhas manobras e blefes manipulados me fizeram vencer suas estratégias bem arquitetadas. Ela acenou aprovando enquanto guardava o jogo.

“Você é um ótimo jogador, talvez um mestre. Eu te elogio pela sua habilidade.” Perguntei se podia responder algumas perguntas. Dolora olhou para o chão com um som que poderia ter sido um suspiro triste.

“Estou disposta a servi-lo como cliente,mas não desejo responder perguntas no momento...perdoe,mas creio que terá que aceitar isso por enquanto.”

Quando perguntei se podia ajudar,ela olhou nos meus olhos.Mais uma vez fui atingido pela suavidade de suas palidez, das profundezas frias de seus olhos prateados.

“Não...não, creio que não.meus problemas são questões do coração.Com o tempo,creio que,tudo deve ser resolvido.”Ela explicou que alguém tinha a chave para seu coração, e que enquanto fosse assim ela não era livre para amar outro.Eu prometi ajuda-la se pudesse.

YVES THE TALE CHASER

Entrei em outro quarto, o ultimo no circulo que formava o bordel.Nele havia uma linda e atraente jovem com um olhar distante com seus olhos verdes.

Ela respondeu minha entrada dizendo, “Saudações.Sou Yves, the Tale Chaser(A perseguidora de Histórias)”

Morte comentou sarcasticamente, “Que coincidência!Eu também,persigo caudas.”

Yves continuou, ignorando, “Você veio trocar historias?”

Eu tinha algumas perguntas, primeiro, tal como a origem de seu nome.

“Era uma vez,uma garota que foi ate um adivinho que diziam saber muitas coisas e ela lhe pediu um dom.Sua vida precisava de direção, então ela pediu a ele que lhe desse um propósito...”

“Agora,o profeta não era maligno,mas vago e tendia a bebida, o que o levava a obscuridade e a vagueza em muitos pontos ao julgar e ao focar.Ele apenas respondeu a pergunta da garota que em uma das histórias que a garota ouvisse durante sua vida ela iria aprender a verdade que procurava. A garota saiu colecionando historias,cuja as quais persegue ate hoje, não sabendo qual das tantas milhares continha a verdade.”

“Tamanho é o perigo de uma pergunta tola e maior ainda a sabedoria ao não fazê-la.”

Imaginei se ela conhecia alguma historia do Bordel. “Pode me dizer algo sobre esse lugar?”

“Essa é parte da historia da Senhora Grace, que não será contada por mim. Ela disse que quando estiver próxima dos seus dias finais, ela irá me contar... e apenas se eu jurar nunca dizer a ninguém.”

“Ela espera entretanto nunca contar sua historia para mim, pois ela deseja que eu encontre minha própria historia antes e que possa deixar esse lugar.Acho que ela teme que minha vida será desperdiçada

procurando essa historia,e não agindo de acordo com o que eu conheço.” Yves suspirou levemente. “Mas isso não pode ser mudado.”

Perguntei sobre o Véu e sobre a essência, mas ela não tinha nada a acrescentar. Ela sabia entretanto, uma historia a respeito de Marissa.

“Era uma vez em um mundo de heróis e um tempo de deuses mesquinhos,e infantis, haviam três irmãs.Amaldiçoadas com uma aparência horrível,elas eram consideradas demônios pelo povo da terra e eram sempre evitadas. Uma delas perdeu suas irmãs terrivelmente, mas deixou esse mundo com sua vergonha para trás ... mas trocou a mesquinhez de um panteão pela sua própria mesquinhez.”

Impressionado com seu conhecimento,também pedi uma historia sobre Ravel, a bruxa da noite.Ela tinha realmente uma.

“A História de Ravel Puzzewell, assustadora de crianças, começa e termina com uma pergunta :”O que pode mudar a natureza do Homem?”

“Foram muitas as vezes em que ela impôs charadas para aqueles que se aproximavam dela,aqueles que buscam obter favores das estranhas magias que apenas ela parecia possuir.Todos respondiam uma pergunta,mas não obtinham sucesso...e viam que o preço de suas respostas erradas os levariam a um destino horrível,sempre mais terríveis que os das ultimas vitimas.Para recontar seus vários tormentos seria como falar de coisas que ate os pesadelos se afastam.”

“A Historia me atinge nesse ponto: Ravel em si não sabia a resposta para tal pergunta,mas ela ansiava por uma resposta. Apenas o PORQUE da resposta contava.Porque a natureza do homem importa para uma das Irmãs Cinza, especialmente para alguém tão poderosa quanto Ravel?”

“Dizem que ela fez essa pergunta para a Dama da Dor;não diretamente,mas gritou para Sigil,desafiando uma resposta da Dama.Quando não veio resposta, ela usou magias terríveis que ameaçavam abrir a Gaiola e deixar a fúria dos Planos rolar como uma onda.”

“Ela não obteve outra resposta a não ser seu banimento. Dai em diante ninguém sabe a resposta para a pergunta de Ravel...e agora não havia mais quem o fizesse, pois Ravel havia sumido, perdida pelos Planos.” Comecei outra pergunta, mas ela interrompeu.

“Espere...tem mais.Apesar da minha história terminar com o seu sumiço,alguns dizem que a bruxa ainda vive.Existe uma prostituta silenciosa aqui que um dia falou sobre isso,mas não o faz mais.Se ela pudesse falar com você,ela poderia dizer mais sobre Ravel.” Eu perguntei o que mais ela sabia sobre a prostituta silenciosa.

“Ecco?” Yves indagou,pensando. “Era uma vez uma menina que conhecia uma palavra que ao ser dita iria desfazer o multiverso.Talvez essa seja Ecco.Pergunte a Dolora,entretanto...eu sei que ela as vezes se encontra com alguns que conheciam Ecco antes que ela parasse de falar.” Eu pedi que me dissesse o que ela fazia especificamente no Bordel.

“Eu coleciono histórias, e as troco com outros que tenham suas próprias histórias.”

Eu estava pronto para trocar histórias com ela, e comecei com minha primeira memória fresca.Yves inclinou para frente enquanto contava sobre o meu despertar no Necrotério dos Dustman...ela parecia

devorar cada palavra.Quando terminei,ela sorriu para mim. “Eu irei lembrar dessa história. Eu também, vou te contar uma sobre os Dustaman. – “Capítulos do pó.”

“Existem capítulos no Livro da Morte, o imenso volume no qual os Dustaman recordam a passagem de tudo o que é vivo para os Limites das Fronteiras.Nesse Livro,existem capítulos que não passam de pó,e acredita-se que os nomes ali contidos são das almas perdidas que não podem morrer, mas devem sofrer a eternidade da vida até que a historia em si morra e lhes permita redenção.”

Eu tinha outra história pronta para ela, do beco que dava luz.Quando terminei de contar, ela disse, “Irei lembrar dessa história.E agora,tenho uma para você.Antes de começar devo perguntar:você sabe o que é um modron?”

Com minha confirmação ela continuou, “Então irei lhe contar a história do “ O Relógio e o Quadrado.”

“Era uma vez um modron. Ele havia sido criado recentemente, sua lógica estava fresca e sem testes, e havia ido para Sigil,seguindo os comandos de seus modrons superiores. Ele não conhecia nada além de comandos e ordens, de obediência e de passar adiante as ordens dos superiores.Mas veja,modrons apenas seguem os comandos e só tem ciência das ordens dos superiores imediatos –eles não possuem compreensão de autoridades mais altas.Até esse modron.”

“Um dia ele chegou em uma pequena loja, e nela havia um pequeno relógio que não podia mais informar o tempo.Estava quebrado nas extremidades, e as engrenagens destruídas.O modron imediatamente começou a trabalhar para consertar o relógio quebrado.”

“Ele fez uma nova estrutura de madeira para as partes quebradas, trocou as molas dobradas, cuidadosamente encheu e lubrificou as engrenagens, e colocou novas mãos a partir da sobra de metais que tinha disponível.o novo ticar do relógio lembrava o das grandes maquinas de Mechanus, e isso o confortou tanto quanto qualquer coisa que contente um modron.”

“E o que o modron nunca entendeu foi o porquê dele ter amado aquele relógio a ponto de trabalhar tanto nele, e por razões que não sabia explicar, escolheu permanecer em Sigil e ficar com o relógio pelo resto de seus anos.”

Troquei o resto das minhas histórias de aventuras, e ela retribuiu com outras.

“O Peticionário no Portão.”

“Era muito após o pico, quando o bater distante foi ouvido às portas da prisão.”

“Carus –o mais velho dos Mercykillers(Assassinos da Misericórdia) conhecido em sua facção –saiu de seu posto,descendo pelo caminho até os portões que separavam os punidos do mundo exterior.As batidas não sumiram quando ele chegou ate o portão e falou.”

“Ele gritou mas não obteve respostas.Ele abriu o portão,longe de sentir cautela,mas sim uma estranha sensação atraente.”

“Uma figura abatida estava em joelhos dobrados um pouco além da porta.Suas mãos estavam ensanguentadas de tanto baterem no portão, e seu fôlego vinha pausado. Com a luz oscilante da câmara de prisão interior iluminando os paralelepípedos, ela olhou para o Assassino da Misericórdia que estava diante da porta, e começou a soluçar de alívio.”

“Ele se sentiu da mesma forma em todos os sentidos com exceção do sexo enquanto olhava a mulher, e estava agitado com sua presença. Carus estava incerto sobre o que dizer, então ele simplesmente aguardou a mulher explicar. Ela o fez. Foi uma declaração simples, mas de importância extrema, e isso fez Carus... cujos joelhos caídos doíam com cada movimento... abaixasse e ajudasse a mulher a se levantar. Ele a trouxe de fora, guiando-a gentilmente para a passagem atrás. Ela havia dito que uma injustiça fora cometida. E isso foi tudo que Carus precisava ouvir. No final, ela não pode cumprir seu dever como Fúria, pois um homem culpado de assassinato havia morrido impune. Ela implorou a Carus e aos Assassinos da Misericórdia por ajuda... e então eles a executaram. Ela falhou em seu dever.

“A História Dourada.”

“Sob o Plano de Ysgard existe o Salão Dourado, aonde aqueles Sensatos que procuram o prazer da gula e da fartura podem ser encontrados. Eles saciam essas paixões com seriedade, nunca percebendo que as portas do salão nunca abrem e não existe caminho aberto para o Salão de Festas Cívico. Eles são Sensatos indesejados, aqueles que não acreditam verdadeiramente na facção, mas ao invés procuram prazer apenas pelo amor ao prazer. São prisioneiros que não percebem que são prisioneiros?”

“O pretendente da Dama.”

“O conto diz respeito de um pretendente da Dama da Dor, um dos muitos ao longo dos anos. Ele era um jovem homem que era obsecado pela Senhora de Sigil. Ele a via em todo lugar, em cada canto da cidade. Ele ouvia o balançar de suas roupas, e raspar de suas laminas, e ficou apaixonado além de toda razão. Ele esperava que se ele a adorasse, ele seria ao menos capaz de ver ela... e ele a venerou.”

“Ele foi encontrado morto com pegadas ensanguentadas em sua própria casa, ferimentos causados por facadas letais cobriam todo o seu corpo... mas seus olhos estavam bem abertos, e sob seu sorriso havia um sorriso triunfante.”

“Um conto sem nome.”

“Certa vez houve um homem que havia experimentado a coisa mais linda do multiverso. Sua intenção era levar sua experiência para as pedras sensoriais do Salão de Festas Civil- artifícios mágicos que captam os sentimentos e memórias para toda eternidade, permitindo que outros a experimentem.”

“Mas ele pensou sobre isso: se isso fosse partilhado não diminuiria seu valor? Então ele a manteve para si, de tão preciosa que era, e envelheceu com a memória. Mas quando envelheceu, a memória tornou-se desfocada e velha, e ele não podia mais lembrar da experiência gloriosa que tivera.”

“A execução”

“Certa vez, um assassino corria pelas ruas de Sigil, um homem de coração negro chamado Kossacs. Ele havia sido abençoado por uma mãe abissal de maneira que ninguém pudesse atingi-lo com intenção de feri-lo caso o fizessem iriam morrer. Ele revelou sua benção, usando-a para começar brigas e assassinar qualquer um que cruzasse seu caminho.”

“Durante um de seus assassinatos furiosos, ele foi capturado por um dos Harmoniosos com redes e levado diante dos Governadores. A sentença foi curta e decisiva, contudo Kossacs riu da sentença, sabendo que não podiam feri-lo sem ter uma morte terrível. No dia final de seu julgamento, ele foi julgado como culpado e sentenciado a morte.”

“A sentença proclamada de Kossacs pelos Governadores foi: “Confinamento por noventa dias, durante esse tempo você ira desistir de sua vida,ser declarado morto, e seu corpo será removido com todos os sinais de falta de vida.” Kossacs riu e desafiou qualquer um a tentar feri-lo, mas a corte fez silencio.”

“Os Assassinos Misericordiosos levaram Kossacs a sua prisão e o trancaram numa cela vazia, e escura. Não havia cama, luz,e a única porta era a cela de aço.

Assim que colocaram na cela, os Assassinos Misericordiosos lhe disseram –no canto da sua cela existe um cálice.Ele continua veneno.Sua morte será rápida.”

“Vocês não irão me executar? Kossacs rosnou para o guarda.

Ninguém em Sigil devera colocar a mão em você com intenção de feri-lo, veio a resposta do Assassino Misericordioso.

“Então eu cuspo na sua covardia!” Kossacs gritou, sentindo o cálice no canto escuro, e o arremessando na parede e o quebrando. Seu veneno escorreu pelas paredes e secaram, ate não existir mais. “Venham agora -vocês terão que tentar me matar.”

“Mas não houve resposta do outro lado da cela.Foi quando Kossacs notou que não havia cama na cela.Nem luz.E nem comida ou água.Tudo o que Havia ali era o cálice quebrado, e a ausência do veneno.E pela primeira vez,Kossacs soube que o frio toque da morte se aproximava.

“Em noventa dias, os portões se abriram, e o corpo de Kossacs,agora frio, fora levado da cela.Ele havia desistido de sua vida, e a execução foi cumprida.”

Eu já estava sem historias,mas pedi a Morte que compartilhasse uma dele.

Ele me respondeu. “Eu? Porque EU tenho que contar uma historia?”

Eu lhe disse apenas para contar e pronto, a qual ele fez.

"Um homem idoso estava sentado sozinho em um caminho escuro, certo? Ele não tinha certeza de qual direção ir, e ele tinha esquecido tanto para onde ele estava viajando e quem ele era. Ele sentou-se por um momento para descansar as pernas cansadas, e de repente olhou para cima para ver uma mulher idosa diante dele. Ela sorriu sem dentes e com uma gargalhada, falou: 'Agora, o seu terceiro desejo. O que será?'"

"Terceiro desejo?" O homem ficou perplexo. "Como ele pode ser um terceiro desejo se eu não tive um primeiro e um segundo desejo?"

“Você teve dois desejos já”, disse a bruxa , mas o seu segundo desejo era para eu voltar tudo a ser como era antes de ter feito o seu primeiro desejo. É por isso que você se lembra nada; porque tudo é do jeito que era antes de fazer quaisquer desejos. "Ela gargalhou do pobre coitado. "Por isso é que você tem um desejo apenas.”

"Tudo bem ",disse o homem," Eu não acredito nisso, mas não há mal nenhum em desejar. “Eu gostaria de saber quem eu sou.”

" Engraçado', disse a velha quando ela concedeu o seu desejo e desapareceu para sempre rindo maliciosamente. "Esse foi o seu primeiro desejo."

Yves respondeu com o "Jogo de Demônios."

"Um demônio vagava as vezes as regiões selvagens de uma certo mundo sob o disfarce de um velho amigável.Um dia,ele encontrou caçadores na floresta."

"O que estão fazendo?" O demônio perguntou. Os caçadores lhe disseram, e o demônio assentiu. "Eu nunca estive em uma caçada antes."

"Os caçadores o convidaram para ir junto, e o grupo eventualmente chegou ate uma clareira aonde alguns cervos pastavam. Os caçadores carregavam bestas,mas não atiraram, e o demônio perguntou porque."

"Eles estão desarmados," os caçadores zombaram, batendo em suas armas. "Não caçamos nada que não tenha a capacidade de se defender. Afinal,aonde esta o esporte nisso?"

"O demônio concordou e prontamente invocou outros 3 de seus companheiros.Os caçadores os levaram a uma leve perseguição, mas foram eventualmente alcançados e comidos."

Pedi a Dak'kon que partilhasse um historia. Dak'kon assentiu solenemente. "Irei compartilhar o conto "Ach'ali Afogando".

Dak'kon contou a historia de Ach'ali, um tolo githzerai de um mito que havia se perdido no limbo do caos.

Normalmente,um githzerai solitário deve usar seu foco e suas disciplinas mentais para tornar o caos ao seu redor em um pequeno ambiente habitável.Contudo, Ach'ali, fez tantas perguntas inúteis e sem fundamento em sua tentativa de retornar ao seu lar que o lugar que havia feito para si mesma dissolveu e ela se afogou.

Yves sorriu. Fascinante Dak'kon. Deixe-me partilhar com você e seus amigos outra versão de sua historia que eu escutei..."

Dak'kon parecia atento, e talvez ate surpreso.

"Um dia,ela encontrou um slaadi em seu caminho ate seu ponto de partida.Ela rapidamente ergueu um muro de caos,que ate mesmo os mais famintos slaadi achavam difícil de quebrar.Avidamente,ela aguardou, e falou com ela através do muro.Ela fez perguntas e enquanto ela se tornou mais absorta em seus consultas inúteis e respostas do Slaadi, sua própria parede deteriorado e caiu em cima dela... e com isso ela se afogou no Limbo."

Finalmente pedi a Annah se ela podia nos contar uma historia. Sua resposta indicava que ela parecia ter se irritado comigo.

"Sei, não sou boa em contar essas coisas não." Ela fez uma careta, e balançou as mãos como se gesticulasse para ir embora. "Não fique me pedindo essas coisas agora não." Yves sorriu para Annah.

"Mas eu gostaria muito de ouvir sua historia..."Eu mudei o tom de voz.

"Por favor conte sua historia, Annah..."Morte não pôde resistir um comentário próprio.

“Vamos lá diabinha.Você já tem um rabo e não compartilha ele.”

Annah se sentiu incomoda, sua cauda balançava para trás e para frente.

“Bom eu conheço uma...”Ela subitamente se irritou, olhando para Yves. “...mas você pode não gostar dela, e não ira,então não me culpem por querer tira-la de mim!”

“Prossiga Annah...” Eu a encorajei.Annah fez uma careta, em seguida, finalmente cedeu com um suspiro exasperado.

“Ouvi uma historia quando era bem pequena.”

“Esse cara andava ate sua cava bem tarde, quase de madrugada, e encontrou uma velha sem dentes em uma rua vazia.”Aonde esta indo? Ela perguntou a ele.”

“Para casa, com minha mulher e filho, ele disse.”

“Perto das escorrias?” Ela perguntou.

“Isso mesmo.” Disse ele.

“Então ela lhe pediu um favor...para levar uma caixa que tinha para a Cova dos Mortos e entregasse a mulher que estava lá.Esse cara é um verdadeiro bobão,ele era bom demais para dizer não apesar do fato de ter certeza que algo não estava CERTO sobre essa velha, e concordou. “Mas qual é o nome da mulher?” ele perguntou. “Aonde ela mora?Aonde devo procurar se ela não estiver na Cova dos Mortos?”

“As mulher lhe entregou a caixa – de madeira, enrolada num pano colorido – e lhe diz para apenas ir, e ela estará la. E finalmente o avisa. “E seja lá o que for,NÃO ABRA a caixa!”

“Então ele a leva para casa consigo e a esconde nas vigas, achando que seria melhor levar ate a Cova dos Mortos quando amanhecer. Contudo, sua esposa, vendo esconder a caixa, fica com ciúmes e acha que podia ser um presente de uma amante ou algo do tipo, e a abre assim que ele vira as costas.”

“Bem,acontece que a caixa estava cheia de olhos arrancados e vários membros masculinos ainda com cabelos neles.Seus gritos trouxeram o bobão para perto correndo...ele lembrou do que a velha disse,ficou assustado e embrulhou a caixa de volta.”

“Ele foi direto até a Cova dos Mortos, e com certeza o suficiente de que havia uma outra velha bruxa esperando por ele.Ele entregou a caixa e ela lhe disse: “Essa caixa foi aberto e vista.”

“O pobre coitado tentou negar,mas ela tem uma aparência medonha em seu rosto. “Você fez algo horrível!ela diz a ele, e desaparece.Com isso,ele volta para sua casa.

“Ele esta se sentindo doente quando volta, e vai se deitar.Sua esposa se arrepende amargamente de ter aberto a caixa e tudo mais,mas era muito tarde...no dia seguinte ele morreu de uma doença apodrecedora, e a primeira coisa a cair foi seu olho.”

Annah sorriu sombriamente, com sua história terminada.

Yves sorriu. “Foi maravilhosa Annah; você nunca deveria hesitar em conta-la.Agora tenho uma para você e seus companheiros – “A Terra Seca.”

“Uma vez, um grande vilarejo foi atingido por uma terrível seca. Um fazendeiro viajou para a Pedra da Veneração, e outra vez a implorou quanto a seca. Ela perguntou a Pedra porque ela nada fazia com relação aquilo enquanto os campos secavam e morriam, porque os animais e as pessoas sofriam enquanto a Pedra nada fazia. “Não demos ofertas o suficiente?” o fazendeiro perguntou, quase implorando com suas mãos estendidas. Mas a Pedra não respondeu; ela simplesmente estava lá; fazendo sombra.”

Eu havia encontrado nove estudantes de Fall From Grace, não dez. Olhei novamente os quartos que estavam vazios da primeira vez que passei, mas não encontrei nenhuma outra estudante. Encontrei uma armadura falante, que afirmava ser um mago transformado. Em um de suas gavetas estava o Véu perdido, perfumado com a essência perdida.

Confirmei minha suspeita a respeito da estudante sumida quando chequei o porão do bordel. Dez pedras foram colocadas para pegar experiências das estudantes acima, mas apenas nove estavam em uso. Voltei até a dona do estabelecimento. Fall From Grace virou-se para mim sorrindo levemente enquanto me aproximava.

“Como posso ajudá-lo?”

“Eu falei com nove das estudantes, como você pediu... mas não pude encontrar a décima.”

“E você não pode encontrar o décimo estudante? Que curioso,” ela respondeu.

“Acho que o décimo na verdade sou eu. Nesse caso, Eu falei com todas elas.” Ela concordou.

“Muito bem. E o que achou?”

“Você e eu devíamos deixar esse lugar e explorar os Planos. Não há nada mais para nenhum de nós para experimentar aqui.” Fall From Grace concordou outra vez.

“Muito bem. Irei com você, se ainda desejar minha companhia.”

“Eu gostaria.”

Annah comentou em voz alta. “Oh, a poderosa e incrível madame irá se unir a nós? Para que você precisa dela?”

Morte respondeu, “Você não entenderia.”

Annah lhe disse, “Gostaria que voe caísse de uma altura incrível. Eu posso até jogá-lo eu mesma.”

Eu lhe disse que os encontraria do lado de fora em um instante, mas que primeiro precisava falar com Annah. Perguntei se ela estava bem.

Ela apenas me encarou.

Quando perguntei se podia lhe fazer umas perguntas, ela respondeu, “Porque já não faz suas malditas perguntas logo então?” Seus olhos se estreitaram. “Porque estamos indo viajar com ela? Não PRECISAMOS dela, não mesmo.”

Apesar de querer que Fall From Grace fosse conosco, e algum dos motivos fosse uma das razões que Annah se ressentia, tal como seu charme, conhecimento e sofisticação, eu ainda queria que Annah

também fosse conosco tanto quanto. E mais, Annah havia se juntado a mim primeiro, então eu disse, “Annah, eu quero você comigo – não ela. Se ela te incomoda, vou pedir que nos deixe.”

“Faça isso então!” Annah me olhou. “Aposto que não fará isso- se fizer, melhor deixar isso claro, senão, teremos essa conversa de novo.” Eu ainda estava convencido de que podia convencer Annah a aceitar uma trégua.

“Annah, por favor. Você é muito importante para mim, e preciso de sua ajuda.”

“Ah sim, e porque ELA ENTÃO?” Deve ser valiosa. Você tem pena de mim? Você acha que te atraso? Vamos lá, diga!”

“Eu NÃO tenho do de você, e você NÃO me atrasa – você é rápida, você é habilidosa, e eu realmente preciso de toda a ajuda que puder ter.” Annah franziu o rosto, sua cauda balançava para frente e para trás.

“Sim...bem...saiba que eu vou dilacerar ela se ela começar a nos medir, vou sim.” Ela olhou para mim. “E não vá pensando que eu vou ficar porque VOCÊ quer – estou apenas te ajudando, é isso.”

GALERIA DE ARTE E CURIOSIDADE

Depois de partilhar uma refeição pela proximidade, continuei a explorar a Ala Clériga. Enquanto andávamos notei uma introspecção sobre o caráter de Fall From Grace, quando ela falou com Annah dentre os outros.

“Annah...você foi criada em Hive?” Ela perguntou, com uma voz serena, sem dica alguma de confrontação.

“Cuide de si mesma succubus. Não tenho nada a dizer pra você.” Annah respondeu com notável irritação e raiva em sua voz.

“Muito bem então.” Eu senti que a pergunta de Grace indicava mais do que um desejo de um Sensato por novas experiências. Ela estava realmente comprometida a filosofar o que expunha, e estava disposta a oferecer educação e consideração a qualquer um.

Descendo uma rua, Grace me disse que passávamos pela Galeria de Arte e Curiosidades. Dentro havia uma exposição de esculturas e pinturas.

Uma delas em particular causou uma reação em mim. Era o retrato grotesco de uma velha bruxa de nariz de gancho. A cor de sua pele tinha uma cor azul acinzentada doentia; seus olhos brilhavam como brasas de um fogo que está para morrer. Seu queixo, longo e afiado, avantajado na mandíbula inferior; dois caninos amarelados protuberavam de sua arcada inferior, como pequenas presas. O sorriso sob seus lábios murchos e roxos demonstravam um segredo horrível. Uma placa dizia “Bruxa cinza de Oinos.”

Quando comecei a virar contra a pintura, algo nela chamou minha atenção... uma estranha sensação de formigamento surgiu no fundo da minha mente... uma memória, começou a vir a tona...

Lembrei de estar confuso, em um labirinto de roseiras. A medonha bruxa da pintura estava diante de mim, rindo alto. Eu rangi os dentes frustrado, imaginando o porque dela rir de mim. “Meu pobre, querido, humaninho!” ela cantarolou. “Porque, esse foi o seu PRIMEIRO desejo!” Ela bateu com um único dedo, com garras na minha testa. Minha têmpora começou a latejar dolorosamente... e não podia lembrar de nada mais.

Falei com Yvanna, que abriu a galeria. Ela uma mulher mais velha estava bem vestida, em um vestido de cor de pêssego e fio de ouro. Ela ficou quieta, suas mãos estavam juntas educadamente. Ela não tinha pupilas- seus olhos eram completamente brancos.

Antes que pudesse perguntar a respeito dos objetos na galeria, ela me fez um pedido. "Um momento, senhor...sua voz; tem o peso do tempo e das feridas. Você faria a gentileza de permitir que eu tocasse seu rosto?"

"Sim, vá em frente." Yvana sorriu, gentilmente percorrendo a pele do meu rosto com suas velhas mãos. Ela fez uma careta, parecendo meio confusa.

"Tantas cicatrizes...tanto novas quanto velhas. Elas parecem..." Ela tocou a lateral da minha garganta, corada, depois se afastou. "Perdão senhor. Eu estava curiosa para saber até onde iam."

"Tudo bem. Elas estão em toda parte; todo meu corpo é cicatrizado."

Ela me disse para prosseguir, eu perguntei se ela enxergava. Fall From Grace interrompeu.

"Acredito que ela é cega por escolha, não por circunstancia." Yvanna concordou, sorrindo.

"Sua amiga esta correta...não posso ver, mas porque eu não desejo ver. Com o tempo, permitirei que minha visão volte para que eu possa re-experimentar o conteúdo da galeria com a vantagem de ter olhos novos."

Perguntei sobre a galeria. "Ora, é a minha galeria dos Planos." Ela sorriu e apontou ao seu redor. "Esse material foi trazido de muito longe. Alguns eu vendo, alguns eu mantenho – mas mostro todos, uma hora ou outra.

Por favor, aprecie-as... e se tiver perguntas a respeito de alguma, não hesite em me procurar."

Perguntei sobre a pintura "Bruxa Cinza de Oinos." Ela pode informar que a pintura descrevia a bruxa Ravel Puzwell. Perguntei a respeito de algumas outras obras da galeria.

O Vitral Arcadiano.

Uma centena de pedras de vidros verdes translúcidos que formavam essa janela não pareciam estar presas a nada, ao invés disso elas permaneciam flutuando livres e misteriosamente suspensas dentro dos limites dos quadros de ferro. Os cacos ondulavam e moviam-se como ondas, fazendo com que padrões bizarros flutuassem sob a superfície enquanto varias porções dela refletiam as luzes da galeria em varias direções.

Yvanna comentou: "Uma janela de vidro colorido encontrado pairando sobre a terceira camada de Arcádia trinta e dois anos atrás, prevendo uma cena que ainda tinha que ocorrer. Quando aconteceram, as imagens sumiam deixando o que você viu para trás. Acredita-se ter capturado tanto a luz quanto a escuridão da Esfera da Noite e do Dia em Arcádia, e lentamente as emitia, criando uma breve mas lenta de amanhecer e de crepúsculo – mas só dentro do próprio vidro em si."

"Arcádia é um Plano de ordem pacifica, também conhecida como Ilha do Bem Perfeito. A Esfera da Noite e do Dia é colocada no pico mais alto de Arcádia; cada metade emite ou luzes ou sombras. O virar dessa esfera da a noite e o dia para Arcádia."

O chifre de guerra de Acheron.

Um pesado chifre de chumbo batido, adornado com correntes flamejantes. O chifre era horrivelmente deformado, como se uma força tremenda o tivesse esmagado. Lâminas pontudas protuberavam seu comprimento, quase como se fosse destinado a ser usado como porrete por alguma criatura gigante, assim como um chifre de batalha.

Yvanna o comentou: “Ah, o Chifre de Limpeza....um chifre de chumbo batido, um metal trazido diretamente do cubo de Acheron. Dizem que ele soprou da última vez onde os clãs Companheiros do Chacal e o Olho Arrancado batalharam nas Terras Disputadas. As lendas contam que o poder desse chifre foi usado perto do final da guerra para unir os membros, esmagando a determinada Companhia do Chacal antes que pudesse escapar.”

“Acheron é um Plano de ordem severamente imposta, onde a conformidade é mais importante que o bem. É composta de cubos metálicos gigantes que flutuam sobre um vazio infinito...muitos cubos são largos o suficiente para terem reinos e cidades inteiras construídas sob sua superfície.”

Os Pássaros negros de Ocanthus.

Vários cacos de cristais negros- ou de gelo- misturava-se dentro desse vento gélido que o pedestal de ornamento emitia. Cada caco parecia muito afiado; toca-lo ou segurá-lo podia ser arriscado.

Yvanna comentou: “Todos eles são lascados do grande lençol mágico preto, de gelo infinito que descansa na barriga preta do Plano de Ocanthus. Dizem que essa camada de gelo é o destino final do Rio Styx, e que as lembranças de tudo o que mergulhou nessas águas memorizantes destruidoras do Styx ainda estão congelados dentro do gelo.”

A estatueta de rubi.

Ela permanecia no pedestal, esculpida na imagem de um humano alado. A criatura era celestial ou demoníaca por natureza...mas era difícil distinguir qual era, porque refletia a luz na galeria estranhamente. Não havia placa indicando o que, exatamente, a estatua era.

Yvanna comentou a respeito: “Essa obra foi encontrada na catedral nos campos férteis de Elysium na primeira camada, Amoria a Imperturbável, que faz fronteira com o Rio Oceanus. O nome da arte é desconhecido, mas pela habilidade e artesanato empregados acredita-se ser uma das obras mais chocantes e surpreendedoras nos Planos. A mera maneira em que a peça de captura, destila, e aumenta a luz através de suas facetas é parte do que faz essa maravilha tirar o fôlego. Parece trazer luz das conexões possíveis ideológicas entre as mais maligna e puras criaturas no multiverso...fascinantes.”

A corrente animada de Kyton.

Uma corrente de ferro sangrenta animada, enrolando e desenrolando-se sobre si mesma. A corrente em si parecia curva e tecer como a coluna vertebral de uma cobra.

Yvanna comentou: “A Corrente de Kyton vem da cidade de Jangling Hiter, a cidade das correntes que ficam em Minauros, terceira camada do Plano de Baator. As correntes lá são as melhores do multiverso, mas os habitantes de Jangling Hiter são maliciosos e cruéis, usando essas correntes como armas vivas contra tudo e todos que entram em sua cidade e violam suas regras.”

“Kytons se move pela cidade das correntes como as aranhas o fazem em suas teias, equipado com correntes tecidas firmemente ao redor de seus corpos Kyton possui um poder conhecido como “dom das correntes”, que os permite manipular correntes com suas mentes. Acredita-se que a minha corrente da galeria foi animada durante a batalha na qual Kyton controlava havia sido assassinado com um martelo amaldiçoado...sua essência viva passou para a corrente em si.”

A estatua do homem gritando.

A estatua parecia ser a de um homem prestes a fazer uma pronúncia irritado.O escultor havia capturado a essência da fúria magnificamente;as linhas de tensão gravadas ao redor do pescoço e testa sozinhas deviam ter levado longos meses para ficarem corretas.Rachaduras perfeitas corriam por toda a estatua.

Yvanna comentou: “Acredita-se que essa estatua é o destino final do feiticeiro Etherserian Gangroighdon.Atacado por um conselho de feiticeiros rivais no topo de seus sonhos loucos, ele foi aprisionado com um encanto que transforma carne em pedra. Dizem que Gangroighdon foi congelado enquanto dizia uma terrível maldição, uma tão terrível que NUNCA deveria ser ditas pelos lábios de algo vivo.”

“Dizem que a fúria da maldição era suficiente para empolar a carne dos ossos daqueles que a ouviram, e que podia até mesmo quebrar ate mesmos pedras.”

A pintura “Os Corsários Estrangeiros”.

Altos, penhascos pretos contra um céu vermelho-sangue. Pareciam ser pessoas que se escondem entre os rochedos dos penhascos, mas, sempre que eu olhava para a pintura para tentar enxerga-los, as imagens desapareciam.

Yvanna comentou: “Interessante peça hein?O pintor conseguiu manusear o efeito mais interessante com as formas das sombras do penhasco.A mulher que me trouxe essa arte me disse que estava abandonada em um campo nas Terras Distantes...o pintor original nunca foi encontrado.Presumidamente, foi morto pelos mesmos corsários que foram pintados e descritos nessa imagem.”

A Pintura “O Tolo de Udo.”

Uma paisagem urbana de uma cidade escura, uma visão distante de algum centro gigante da civilização que está sendo queimada por completo. As ruas do lugar estavam vazias, no entanto, ausentes dos soldados, refugiados, e até cadáveres.

Yvanna comentou: “Essas pinturas ilustram uma das lendas do mundo Primário de Goha.Uso era um rei mago com tamanho poder e habilidade que iriam fazê-lo tornar-se um Poder, e o povo dessa nação em seus servos divinos.Com o completar da magia, trovões caíram ao redor do lugar onde Udo estava colocando fogo ali e,antes que o trovão se fosse, a cidade estava vazia...nenhum ser vivo a ser encontrado.Mais de setenta mil pessoas sumiram,sem deixar rastro,num piscar de olhos.Ninguém conhece o destino de Udo ou de seu povo.”

A pintura Vislumbre momentâneo das Muralhas de Moch'chma.

Um trabalho abstrato de verdes e púrpuras, que se contorce e ondula conforme é observado.

Yvanna comentou: “Moch’chma é uma fortazela githzerai que flutua no Plano do Limbo.O Vislumbre momentâneo foi pintado pelo estudioso caótico Dy,que lembra de tudo que vê com perfeita clareza quando não esta afetada pela loucura.”

LOJA DE CURIOSIDADES

Deixamos a galeria.Da porta, eu vi que a poucos passos havia um pequeno lugar.Fall From Grace me disse que era a Loja de Curiosidades,apesar de nunca ter entrado.

Enquanto subíamos as escadas, Fall From Grace fez uma pergunta a Morte.

“Morte, devo confessar, estou curiosa sobre como você se tornou um crânio flutuante.”

“É uma longa historia envolvendo a Cabeça de Vecna.Não quero falar sobre isso.”

“Aquele era você?”

“Poderíamos POR FAVOR mudar de assunto?”

Assim que entrei, vi apenas uma pessoa, que eu achava ser um cliente. Então percebi que não estava examinando o objeto que segurava, mas estava o limpando. Sua posição como trabalhador foi confirmada quando uma voz feminina chamou de trás, “Cuidado! Quebre isso e eu venderei sua pele tostada!”

Quando olhei por alguns minutos,também notei esse pequeno homem oprimido apressado na Loja de Curiosidades,varrendo,catalogando, e e movendo as coisas de lugar para a dona da loja.Também notei que ele cheirava levemente a cebola.Ele me olhou nervoso enquanto eu me aproximava.

“Perdão senhor, mas não posso...não posso falar com você.Tenho trabalho a fazer, e minha patroa não me permitirá...” Eu disse que tinha apenas algumas perguntas.

“Desculpe senhor...mas não posso.Por favor,me deixe, antes que minha patroa perceba que estou falando com você...” eu perguntei o que queria dizer com sua patroa.

“Sim...Dona Vrischika.Sou um assistente, servo dela...seu escravo.Cometi um crime e fui sentenciado a escravidão, então fui comprado nas Alas Inferiores,como muitos dos outros escravos...a maioria fica na sua mansão.Agora por favor- eu imploro!Me deixe,ou ela se irritará e me batera sem misericórdia!”

Nesse meio tempo a patroa havia chegado ate a recepção da loja.A aparência da mulher de traços nítidos era atraente apesar de um pouco perturbadora,com sua pele azul escura e seus olhos brilhantes amarelos.Enquanto me examinava,um pequeno par de asas como as de morcegos desdobraram em suas costas,e depois meio que retornaram a sua pele.

“Ora, ora....um crânio mentiroso,sem corpo e flutuante, e Fall From Grace...ou seja lá como você se chama agora.É um verdadeiro prazer encontrar você aqui.A que devo a honra de sua visita?Achei que você raramente interagia com sua espécie.” Ela me olhou por algum tempo com o mesmo fraco desdém. “Ou sua tarefa aqui terminou?” Fall From Grace a respondeu.

“Não sei a que tarefas esta se referindo, Vrischika, apesar da sua presenca aqui traz muitas perguntas.Da ultima vez que ouvi você era uma porta estandarte da Companhia do Vulto.Como você veio para Sigil?”

Vrischika respondeu curtamente, disparando uma pergunta rápido como uma flecha.

“Por escolha. E você?Aonde seus mandamentos a levarão a seguir?”Ela subitamente virou-se para mim. “Veja , pequeno homem...” Vrischika sorriu,como se saboreasse suas palavras. “...a melhor tentação é aquela que te faz acreditar na ilusão de poder ser tanto promíscua e virtuosa ao mesmo tempo;uma prostituta freira, como se fosse.Senhora Grace é uma das melhores...”Ela virou-se para Fall From Grace. “...não é?Você não achou que algumas centenas de anos como escrava não deixaria suas cicatrizes não é?”

Fall From Grace falou com uma frieza que eu nunca tinha visto antes. O ar ficou quase como gelo como se ela dissecasse Vrischika com o olhar.

“Já chega.”

“Muito bem. Apesar de você ter vindo no MEU empório.” Vrischika me olhou, então focou o olhar. “Você...você é o homem com as cicatrizes,que tem feito perguntas por aí?” Ela me olhou de cima a baixo. “Você parece certamente perdido.Você realmente quer entrar,ou esta apenas enrolando aqui por não ter nada melhor a fazer?”

“Porque Vrischika.” Ela indicou a si mesma. “...pode te ajudar.”

Eu perguntei como ela podia fazê-lo.E ela respondeu, “Eu viajo e negocio extensivamente.Eu ouço um grande lance, e eu o obtenho.Talvez possa lhe oferecer um grande negocio.Existe algo que você deseje?”Eu disse que apenas queria as respostas de algumas perguntas.

“Vou responder qualquer resposta a respeito da mercadoria,mas não vou ficar sendo atraída pelas suas famosas vinte perguntas sobre todo o universo, ENTENDIDO?” Eu estava curioso, e eu não vi motivos para gastar educação com ela.

“O que é você Vrischika?” Vrischika riu alto.

“Um Alu Demônio....um meio demônio.Minha mãe era tanar’ri, um demônio, e meu pai era um grande rei dos mortais.Que pergunta rude...mas então,você em si parece bem rude, não é?”

“O que quis dizer ao chamar Morte de mentiroso?”

“Mentiroso.... deturpado, perjurado, dissimulado, mentiroso....oh,eu disse isso?Eu quis dizer um crânio flutuante, sem corpo e SANTIFICADO.Como num dogma- sempre afirmando uma opinião de uma forma confiante em si.” Vrischika sorriu inocentemente.

Em meu coração, eu acreditava em Fall From Grace sem hesitar ou duvidar. Intelectualmente, apesar de por mais inconfiável que Vrischika fosse, eu precisava ouvir e considerar o que fosse dito.

“Você e Fall From Grace parecem pouco se importar um pouco com outro...”

“Oh,o seguir baatezu que estabeleceu lar em Sigil?Curioso não?Mas então,que lugar melhor para treinar seus agentes do que o pequeno “Bordel” dela...”

“Seguidor baatezu?”

“Desde que a mãe dela a vendeu para a escravidão, ela tem estado brincando de Planos por muitos séculos.Ela alega ter sido capaz de se libertar das correntes,mas você deve dar tanto credito a isso quanto

a qualquer outra puta tanar'ri."Ela sorriu levemente. "Com a minha exceção claro." Fall From Grace se pronunciou."

"É verdade-"

"verdade?!VERDADE?!Ninguém GANHA sua liberdade dos contratos baatezu, puta disfarçada de humana.Você mente,e todas as hordas tanar'ri sabem disso,das mais baixas legiões até as succubus mais depravadas que existem nos planos.Fall From Grace não passava de uma escrava baatezu desde o momento que ela nasceu, e assim SEMPRE será.Você ainda é um brinquedo preso ao contrato dos baatezu, para ser torturada e comandada como quiserem." Vrischika zombou.

"Você ate se COMPORTA como eles."

Fall From Garce havia recuperado sua serenidade, e respondeu calmamente.

"Pode-se conquistar sua liberdade do contrato baatezu se for cauteloso nas palavras, e se perceber-se que os baatezu estão sujeitos a manter a sua própria palavra.Deve-se estar ciente de qualquer meio que possa ser distorcido aos propósitos deles....e eu sou MUITO BEM instruída em línguas e sutilezas.Mesmo assim,não foi uma tarefa fácil..."

"Chega!" Vrischika devolveu, "Não quero ouvir você dizer suas mentiras na minha presença!"

Fall From Grace manteve sua postura perfeita e simplesmente acenou...apesar de quando vi seus olhos, ela me deu um olhar irritado,e então sorriu.Me volvei para a vendedora.

"O que você disse a respeito das agentes de treino dela Vrischika?"

Com um rápido olhar para minha companheira, ela respondeu, "Sim...elas são seus olhos e ouvidos na cidade de Sigil e através dos Planos.O que eles não veem ou ouvem pode coagir de outro homem que tenha visto ou ouvido.E quem poderia acreditar em humanos capazes de tamanha decepção e traição?Oh, Grace é realmente muito astuta.Talvez não tão astuta quanto a mãe dela,mas astuta independentemente..." Fall From Grace novamente respondeu o ataque.

"Esse não é o propósito do meu estabelecimento..." Vrischika a interrompeu.

"Oh,mas é CLARO que não!Eu ousei sugerir isso?Mas talvez você deveria deixar o homem julgar isso por si só."

Vrischika virou-se para mim, com os olhos ardentes. "Você não imagina pequeno homem? O mérito da razão e da curiosidade já entraram na sua mente com relação a esse assunto?A Harmonia do bordel não lhe parece ESTRANHA?" Vrischika foi respondendo antes que e o pudesse fazer.

"A lâmina de Occam pode deixar cicatrizes,mas pode frequentemente remover o câncer causado pelo veneno dos mentirosos e imaginários.E agora aqui esta ela,indo com você.Muito curioso.Porque alguém, proprietária de um estabelecimento, o deixar por uma razão?E por um homem que mal conhece?Perguntas, perguntas..."

"As respostas podem ser dolorosas realmente."

Fall From Grace disse, “Ele esta bem ciente do porque concordei em vir com ele Vrischika...quando ele me pediu que viesse.”

“Oh,estou certa que sim...que homem poderia resistir?” Vrischika zombou e olhou distante com repudio.Eu a perguntei sobre a loja em si, para mudar o assunto.

“O que você vê nessa loja são os resultados de muitos negócios e viagens ao redor dos Planos.” Ela fez um gesto mostrando a loja. “Armas, amuletos... e outros itens ESPECIAIS estão a venda aqui também...tudo que é raro e esquisito tem lugar nesse empório.Suas necessidades, eu as sacio.”

Examinei os itens da loja.Perguntei a Vrischika sobre aqueles que me intrigavam.

Eu vi o que parecia ser uma língua flutuando em um jarro de sal. Vrischika fez uma careta. “Essa é uma língua de demônio... de um cornugon eu acho, mas quem saberia?Dizem que, colocada na boca de qualquer coisa viva,lhe dará o dom da fala,mesmo que nunca tenha falado antes.Estou vendendo essa raridade por apenas 66 moedas,se quiser.”

Aquilo poderia ser bem útil...eu a comprei. “Sim,” Vrischika concordou, “sabia escolha.” A moeda que coloquei em suas mãos parecia desaparecer no momento em que tocou sua palma;ela me entregou o item. “Por favor, aproveite sua nova aquisição.”

Examinei uma garrafa rotulada “Balsamo Gorgon.”Vrischika a ergueu para mim. “Troquei isso com um usuário de espadas de primeira linha...Acho que seu nome era Perseus.Esfregue-a em qualquer coisa que tenha sido transformada em pedra, e ela voltará a ser de carne.Apenas cem moedas comuns;uma barganha, considerando o quanto isso pode ser útil se um de seus companheiros virarem pedra.”Eu tinha um plano para isso também, então a comprei.

Uma pequena replica de uma criatura metálica com enormes olhos em uma de suas faces. O brinquedo tinha duas pernas, dois braços, duas asas dobradas, e pelo menos dezoito pontos de articulação. Vrischika riu enquanto pegava. “Um item de colecionador,talvez,ou uma obra de arte.Quem sabe?Mas eu gosto dela.Se o comprar, pergunte ao redor, alguém deve saber mais do que eu a respeito.Você pode obtê-lo por apenas quinhentas moedas de cobre.” Reconheci a descrição do brinquedo como sendo um modron.Havia algo fascinante nele.Apesar do alto preço, eu tinha que tê-lo também.

Um jarro aparentemente simples...apesar dessa aparência, eu sentia relutância em tocar aquilo,como se fosse me morder. Vrischika me olhava, rindo, e então se mostrou indiferente. “É um jarro.Ele possui um tipo de monstro preso nele- por isso seu cabelo se arrepia assim.Se gostou,são apenas cento e vinte e três moedas.” Finalmente, um item que eu podia ignorar.Eu recusei a oferta.

Uma quantidade de pequenas garrafas, cada uma com o rotulo “Óleo de Bebe” Vrischika pegou uma e me apresentou.

“Interessado?E de verdade é claro.Milhares de bebes chorando foram necessários para produzir isso.” Eu imaginei se o que ela disse era verdade,mas qualquer coisa era possível se viesse dos Planos Inferiores. “Eh...não obrigado.”Respondi.

Uma criatura parecida com um diabrete contorcido, esculpida de puro chocolate ao leite. “Parece delicioso não é? São importados dos Planos Inferiores.Eles são raros sabe, e bem apreciados pelos amantes de chocolate e confeitese.É um quasit real- um pet demoníaco- transformado em chocolate com feitiçaria

poderosa.Custa apenas 199 moedas.” Exceto por um improvável encontro com um conhecedor de chocolate que também tenha esse conhecimento a respeito, eu não via uso para isso.

Um livro desprezível mantido fechado por uma pequena fechadura de bronze. “Aquilo”, murmurou Vrischika, “é o Código do Inconcebível.Eu apenas direi que...que...bom, eu não posso explicar.Meras palavras não são suficientes!Você pode possuí-lo por apenas mil moedas comuns...e acredite: vale o preço.” Curioso, eu rompi os selamentos do livro e o abri.Enquanto olhava o conteúdo dele, minha boca caiu.Eu parei,encantado, percorrendo as paginas.

“Aquilo foi...aquilo....Eu...”Seu conteúdo era muito para ser explicado ou descrito – meras palavras pareciam insuficientes para explicar as maravilhas ali contidas.Morte também estava curioso.

“O que ? O que?O que tem aí chef?”

“Não sei o que dizer Morte...”

“O QUE?Você deve estar brincando certo?Vamos lá me deixe ver!”Morte flutuou sobre meus ombros para poder olhar o conteúdo do Livro.Seus olhos quase saltaram para fora dos glóbulos enquanto via as paginas. “Oooohhhh, Oh,Eu.....mas....WHOW!”

Eu parei pensativo um momento, e olhei para o Código,antes de fecha-lo e coloca-lo de volta.

Um frasco pequeno de vidro rotulado “Lgrimas de Divindade.” “Essas foram coletadas de uma divindade que foi capturadas durante a Guerra Sangrenta.Os demônios atormentaram o anjo aprisionado por séculos antes que pudesse escapar- essa pequena garrafa contem as doze lagrimas que ele derramou nessa época.Custa cem moedas de cobre.” Talvez mais tarde.

Um frasco rotulado “Elixir da Separação Horrenda.” Vrischika me apresentou. “Esse material foi composto por uma estudiosa que possuía uma metade mais escura -um lado que as vezes tomava controle, e a ordenava fazer coisas horríveis.Essa poção servia para “separar” essa metade negra dela, criando dois seres separados.Assassinos Misericordiosos no entanto, a encontraram e executaram por uma serie de assassinatos depravados que ela havia cometido antes de poder usar a poção. Eu te cobraria apenas 200 moedas pelo elixir.” Uma outra hora.

Uma lente de vidro fosco manchada da largura da minha mão, presa em um anel de aço escovado. Uma pequena protuberância, orientada saindo do anel fazia parecer como se a lente conectava-se a algum tipo de máquina de relógio, e um leve cheiro de um perfume horrível. Vrischika a ergueu para mim. “Não tenho ideia do que isso realmente seja, mas isso erradia uma poderosa magia. Um velho soldado chamado Ghysis comprou para mim em um campo de batalha – ele havia matado seus próprios homens para que pudesse escapar de seu dever ali, e me trouxe uma serie de itens interessantes que ele coletou durante seu caminho. Eu o tenho mantido principalmente como uma parte de conversação,apesar disso você pode obtê-lo por 149 moedas, se quiser.” Eu julguei ser inútil sem o resto do maquinário.

Um anel em um pequeno estojo. Vrischika me mostrou mais de perto. “Esse é o Anel da Quase Invisibilidade de Yevrah.Ele faz o usuário invisível –bem, quase.Eu me livrarei deles por meros 349 moedas comuns.” Quase invisível – Eu tinha certeza que Annah podia fazer aquilo sozinha, com imperceptibilidade também.

Uma adaga com formato estranho demonstrada em um rack de amostra. Um placar abaixo dizia “Espada de W’hynn” Vrischika bateu seu punho com a ponta do dedo. “Também conhecida como a Lâmina Enganadora. Apenas segurá-la fará você vencer o jogo.Se você a quiser,posso coloca-la e suas mãos por 1500 moedas.

“Me fez vencer o jogo....o que quer dizer com isso?”

Vrischika estreitou os olhos em mim. “Oh vamos lá.Você sabe EXATAMENTE o que quis dizer.Compre a Lâmina Enganadora, você vence o jogo.É bem simples...por penas 1500 moedas.Você a quer ou não?”Eu ainda não estava certo do que ela quis dizer, mas declinei a oferta.Pois, que desafio ou diversão existe se o jogo pode ser vencido tão facilmente?”

Um grande caneco manchado coberto de runas estranhas. Vrischika me mostrou mais de perto. “Uma caneca de cerveja do fabricante incomum, que mantém seu conteúdo- geralmente cerveja- gelado independente da temperatura.299 moedas de cobre, e você poderá aproveitar a mais gélida bebida que você já provou nos planos.”Eu havia conhecido um magoe um café nessa ala que tinha tal caneca.

Uma boneca.Os anos não tem sido gentis com essa pequena boneca de trapo; que estava chegando a rebentar pelas costuras, e parecia que suas linhas estavam desfiando.Tinha obviamente a intenção de ser uma replica da Dama da Dor, mas os olhos de botão e sua suavidade de pelúcia não colocavam muito medo no meu coração. Vrischika a levantou para mim. “Isso foi encontrado em um cofre bem lacrado afundado abaixo da superfície da Sigil.Era parte de uma pequena horda de tesouros e textos mágicos proibidos, apesar de não saber sua utilidade.Se gostar dela,custa só 99 moedas.”Se as histórias sobre a Dama fossem verdadeiras, idolatrar mesmo sua imagem poderia ser fatal.Uma experiência de ser aprisionado tinha sido suficiente para mim;eu não estava interessado em testa-la novamente.

Deixei a loja,apesar de saber que voltaria mais tarde, para examinar os itens a venda outra vez.

AELWYN

A luz se escondia quando deixamos a Loja de Curiosidades.Voltei para a Galeria de Arte e Curiosidade.Estava deserta, com a exceção de Yvanna.Andei até chegar na estátua de Gangroighdon.

Quando vi o bálsamo Gordon na loja,resolvi testar se ele era apenas uma estátua.Eu estava curioso em conhecer esse feiticeiro, e eu realmente tinha me tornado confiante o suficiente para enganar a morte.Apliquei a pomada na estatua.

Eu apliquei a pomada com odor fétido sobre a estátua.Houve um brilho estranho ao redor dela, e eu olhei enquanto a estátua tomava fôlego e os olhos Gangroighdon viravam chamas, com uma louca vingança.

Contava com sua subiteza, as mudanças no meio ambiente ao seu redor para atrair seja lá o que ele fosse dizer. Entretanto eu estava errado.

Antes que pudesse fazer algo, uma onda de palavras ardentes saíram dos lábios do feiticeiro. Quando ele falou, senti uma sensação agonizante, como uma súbita onda de ódio ardente caiu sobre mim e pegou na minha pele como uma ferida borbulhadora. Uma cegueira atingiu meus olhos, entrando nos meus glóbulos como e fazendo deles ovos esmagados... eu ouvi alguém gritando, e percebi que era eu...

A última coisa que ouvi, mesmo sobre meus próprios gritos, era Morte gritando... “Novas provocações, pelas mamas da Dama, que diabos-“

Morri, vítima da terrível Maldição de Gangroghydon.

Acordei na próxima manhã em um hotel na qual os outros haviam levado meu corpo. Felizmente, eu havia sido o único próximo o bastante para sentir os efeitos completos da maldição.

Deixei o hotel, e continuei andando pela Ala Clériga, falando com os cidadãos que encontrava. Enquanto me movia dentre as multidões de um café nas ruas, reconheci uma mulher que fora descrita para mim. A mulher alta, magra, ocasionalmente, olhava acima de sua taça de vinho para digitalizar os patronos e circundantes os que ali passavam. Seus traços faciais eram elegantemente exóticos e seus olhos- de uma cor dourada –quando vistos na luz, brilhavam. Eu chamei a atenção dela. Ela me cumprimentou cuidadosamente por um momento antes de me responder. Ela falou lenta e cautelosamente, evitando me olhar diretamente.

“Eu, Aelwyn, lhe cumprimento.” Eu havia encontrado sua amiga anteriormente.

“Aelwyn? Sua amiga, Nemelle está procurando por você.” Ela começou a sorrir, mas aí cobriu a boca com a mão, e olhou para sua bebida.

“Eu, Aelwyn, estou muito feliz de ouvir sobre Nemelle. Poderia eu, Aelwyn, persuadi-lo a me contar aonde ela está?”

Eu logo concordei. Ela me olhou diretamente e –por apenas um breve instante, antes de voltar seus olhos a bebida- meus sentidos foram lavados com uma quente e confortável sensação de pura felicidade. “Eu, Aelwyn lhe agradeço.”

“O prazer é meu. Posso te perguntar sobre ela? Com seu consentimento, eu disse, “O jeito que ela fala, e o que as palavras dela fazem... como?”

“Eu, Aelwyn, posso apenas dizer que viemos de outro espaço, outro mundo. Não somos como o povo daqui, cujas palavras, pensamentos e sentimentos, –não afetam nada diretamente.”

“Eu, Aelwyn, tomo grande cuidado para não afetar aqueles ao meu redor muito intensamente. Nemelle, ela é nova aqui, e não pode controlar. É algo que ela deve aprender, se ela escolher permanecer mais tempo aqui.”

“Mas por quê?”

“Existem muitas razões. Eu, Aelwyn, sinto que não é correto impor realidade naqueles que não possuem a habilidade de conseguir fazer Aelwyn sentir da mesma forma.”

“Existe algo que não possa fazer simplesmente ao falar sobre aquilo?” Ela fez uma careta; estranha, e um sentimento surgiram no fundo do meu estomago.

“Por favor...Eu, Aelwyn, não quero mais falar disso.”

“Apenas uma pergunta...”Pensei antes de perguntar.Ela me olhou diretamente,meu rosto refletia nos discos dourados dos seus olhos.

“Ele nãoalaria mais disso com Aelwyn, e assim não a forçaria mais a falar dessa maneira com ele.” Eu me senti incapaz de fazer outra pergunta...minhas palavras eram pegadas na minha garganta enquanto tentava dizê-las.

Sua habilidade de moldar a realidade,agora que eu havia experimentado, era impressionante.Eu havia curvado a realidade de Sigil eu mesmo,mas nunca tão diretamente quanto Aelwyn fizera.Imaginava entretanto, se com o tempo eu ganharia aquela habilidade,assim como eu havia reaprendido tantas outras desde que deixei o Necrotério.

Um pouco adiante,uma velha mulher me examinou de perto com olhar afiado, e olhos cinzas...primeiro meu rosto, e então meus braços e varias tatuagens.

“Saudações, cicatrizado.Veio falar com Elobrande não é?Veio ter seu futuro lido,talvez, por meras 50 moedas?”Sorrindo, eu dei as moedas para ver meu futuro.Elobrande colocou minhas moedas em seu cinto e pegou minhas mãos.Ela estudou minhas mãos silenciosamente, e fez uma desaprovação profunda com uma expressão.Depois de uma longa espera, ela falou.

“Alguns raros indivíduos são chamados de sem destino,sabe.Eles vagam sobre suas vidas fazendo o que querem, criando seus próprios destinos. Você não tem um futuro a ser lido,cicatrizado...nenhum.Não tenho nada a lhe dizer... e aqui esta sua moeda.” Ela me devolveu o dinheiro.

Quando estava prestes a ir, ela me disse, “Espere um momento, cicatrizado...”Elobrande me alcançou,tocando meu braço. “Minha mãe deu algo um dia, muito tempo atrás...um pergaminho,selado com cera.Um homem de capuz havia lhe dado,e disse que um dia um homem como você viria despercebidamente busca-lo.Aqui...gostaria que pegasse-o agora.”

“O que é isso?”

Elobrande balançou sua cabeça, fazendo uma careta. “Eu não sei.Ela jurou nunca ler, e eu obedeci seu pedido de deixar o selo.O homem havia pago ela muito bem para cuidar do pergaminho,mas a avisou das ferozes consequências se o abrissem.”

Assim que me afastei, examinei o pergaminho.Eu mal coloquei meu dedo nele, mas já tinha maus pressentimentos sobre o objeto- como se o abrir ou ler pudesse ser perigoso de certa forma.A curiosidade sobre a mensagem ali contida venceu entretanto.Quebrei o selo, e o li.

O pergaminho continha poucas linhas de uma escrita tremula e uma estranha runa. A escrita dizia:

Isso pode não MATA-LO mas de alguma forma ira ATRASAR você sem duvida

PAREM DE ME PERSEGUIR SEUS MALDITOS BASTARDOS É O MEU CORPO, MEU MEU MEU.

Agora....MORRA

A runa subitamente palpitou, e todo o pergaminho começou a se diluir em uma massa negra fétida.O fluido se infiltrava diretamente na carne das minhas mãos....em segundos, a toxina mágica sanguínea começou a transformar meu sangue em uma bile negra.Por um momento eu agachei, gritando de agonia... e então os gritos cessaram.Voltei até Elobrande, e perguntou como ela chegou ate o pergaminho.

“Como te disse, cicatrizado... me foi dado pela minha mãe.Um homem de capuz havia entregue a ela há uns 50 anos atrás,pagando muito bem mas fazendo-a prometer que nunca o leria,sejam quais fossem as circunstancias.” Elobrande suspirou, desviando o olhar um momento. “Ela era uma poderosa usuária de magia, poderosa na Arte, mas ficou assustada com o homem que era tão poderoso quanto. Ela disse que os olhos dele- tudo o que ela podia ver nele,realmente, indicava loucura, e que a carne ao redor de deles era enrugada e cinza...como a sua.Eu não sei nada sobre ele.”

Eu decidi recuperar o atraso com as várias promessas que fiz.Voltei pela ala, e informei Nemelle que sua amiga Aelwyn fora localizada. Também visitei outra vez a Ala Inferior para levar a Penn a carta.

Voltei para Ala Clériga,para dessa vez encontrar o salão de festas usado pelos Sensatos.Precisei ir ate próximo de onde havia visto Aelwyn, então fui ver se ela ainda estava lá.E estava, e sua amiga Nemelle havia se juntado a ela.

Aelwyn me viu. Ela juntou as mãos e baixou a cabeça para me agradecer, com lágrimas escorrendo de seus olhos dourados.E assim que meus próprios olhos começaram a lacrimejar, ela enxugou as lágrimas e sorriu –causando uma onda de prazer intenso lavar todo o meu corpo.

“Aelwyn AGRADECE o viajante! Ela se uniu a sua querida amiga! Nemelle!”

“O prazer é meu.” Ela acenou, e olhou para baixo novamente, os sentimentos que seu sorriso trouxeram se foram com memórias prazerosas.

“Eu Aelwyn, gostaria de lhe contar ligo viajante.”

“O nome que eu,Aelwyn, escolhi pra você-“viajante”- não é por acaso. Você e eu,Aelwyn, já nos encontramos antes...no Salão de Festas.Em um lugar em que não poderia estar se você não fosse um Sensato na época.Você lembrando ou não,a não ser que tenha traído a Sociedade da Sensação em algum momento, você é um Sensato ainda.”

“Entendo...conte-me mais.”

Ela concordou. “Você e eu, Aelwyn, nos encontramos em duas ocasiões diferentes. A primeira foi a não menos de dois séculos atrás, e a ultima mais recentemente. Talvez não mais de cinquenta anos atrás.”

Eu estava encontrando informações sobre meu passado das fontes mais improváveis. “Isso é muito tempo atrás...”

Ela concordou novamente. “O meu povo, de Aelwyn são pessoas que vivem por muito tempo Esquecedor.” Ela suspirou descontente, fazendo um frio descer sobre mim. “Você parecia um homem diferente naquela época...menos cruel, menos cicatrizado.Tão ansioso para ver o que todos os multiversos tinham a oferecer.Você paquerou a mim, Aelwyn, e ai,quando estava sendo quase sua amada- você desapareceu.

“Aonde eu fui?”

“A mim, Aelwyn, fora dito que você havia sido assassinado...morto.”Ela olhou para cima por um instante para espiar com meus olhos por curiosidade. “Eu te encontrei apenas mais uma vez depois daquilo.”

“Eu lembrei de você nessa ocasião?”

“Não.”Ela negou com a cabeça tristemente, então tocou o pescoço. “Não, não lembrou. Você me atacou, a mim, Aelwyn, com intenção de me matar.De alguma forma você gritava que eu, Aelwyn, não podia lhe enganar,e que não iria te iludir nem te matar...”

“Nos havíamos nos encontrados em uma das torres ao norte do Salão de Festas,no sétimo andar.Antes que você pudesse extinguir minha vida,Eu, Aelwyn usei meus poderes para fazê-lo pular de uma janela para a morte.Quando eu, Aelwyn,finalmente fui procurar seu corpo destruído, você já tinha ido....”

“Entendo...”Eu sabia que havia seguido muitos caminhos nas encarnações previstas, mas não havia considerado que a insanidade uma dos caminhos.

“Essa é toda minha história, Aelwyn, para você.Não éramos estranhos, um dia, mas agora nos tornamos.Adeus, viajante, e que o destino o guie em suas viagens.”

“Obrigado, Aelwyn,Adeus.”

SALÃO DE FESTAS CIVIL

Fall From Grace acenou para o Salão de Festas Civil a nossa frente. Me apressei até a estrutura, quase trombando com uma mulher e seus dois companheiros.

O cheiro de álcool emanava forte da jovem moça e, apesar da sua pele negra, eu podia ver que sua linda – mas cruel rosto – estava avermelhado.Ela era magra, mas musculosa, com joias exóticas e uma roupa de seda translúcida.Várias cicatrizes cruzavam suas coxas e antebraços;pareciam ser feridas de batalhas.Um olhar zombeteiro surgiu em seu rosto.

“Ora, ora... o que temos aqui? Uma pequena princesinha ladra, se arrastando em Hive?”A mulher fez uma cara feia, falando como se fala com uma criança pequena. “Esta perdida, pequena ladra? Oh, veja! Ela tem uma cauda!Que.... bonitinha!”

Annah ficou com vergonha, e com um suspiro,sacou as lâminas com os punhos.

“Agora, demoninha, não faça isso,” A mulher parecia despreocupada por Annah ter sacado as armas, e riu desaprovando com a língua. “Cuidado agora, ou irei remover essa sua cauda e alimentar meus cães com ela.”

Fall From Grace mencionou. “Jovem Sarhava?Sarhava Vhjul, é você?”A jovem moça parecia confusa por um momento, e então reconheceu Fall From Grace.Ela parecia assustada e envergonhada.

“Dama Grace!Eu não havia notado você...só com vergonha posso admitir isso, pois sua aparência seria óbvia até para um imbecil.”Fall From Grace fez um aceno vazio.

“Suas palavras são muito bem escolhidas, diferentes daquelas que ouvi agora a pouco.” Sarhava parecia envergonhada.

“Sim, Madame...eu me arrependo que tais palavras foram ditas na sua presença.”

“Eu me de tê-las dito na verdade.” Seu tomal mal mudou, mas a repreensão sutil parecia rachar rosto da jovem como um chicote. “Me dói ver uma antiga estudante minha se comportando assim...”

Fall From Grace continuou, “Esses são companheiros com os quais eu estou viajando junto. Eu gostaria de que tivessem a mesma cortesia. Esse é o dever e a responsabilidade daqueles...nascidos nobres.”

Annah olhava para Grace e Sarhava furiosamente.

Sarhava curvou-se. “Então permita-me desculpar com um perdão, Madame Grace, para você e seus companheiros. Minhas palavras foram mal escolhidas. Foi essa bebida que me fez falar tão desapropriadamente e eu estou cheia de vergonha por ter me menosprezado diante de minha antiga professora.” Ela virou e saiu.

Ninguém mais em frente ao Salão de Festas decidiu nos interromper enquanto adentrávamos os portões. Chegávamos a um salão largo, com portas abrindo a nossa direita. Daqueles que se moviam no salão principal um homem grande se destacava a nossa frente. Fui em sua direção.

A pele dourada desse homem gigantesco brilhava levemente, quase como se fosse metálica- eu não podia dizer se era sua pele de verdade ou se era uma pintura. Ele me cumprimentou friamente quando me aproximei, fazendo um gesto de respeito quando me aproximei dele.

“Bem vindo ao Salão de Festas Civil, viajante. Somos Splinter, porteiro para o Salão de Festas e Padre-Rei de Ur. Como posso ajuda-lo?” Apesar de sua humilde oferta de ajuda, sua voz era poderosa e imponente, emitia um som profundo e estrondoso que ecoou através do salão. Eu perguntei como ele podia ajudar.

“Fazemos muitas coisas nesse salão, viajante. Respondemos perguntas que os convidados possam ter a respeito daqui ou de seus habitantes. Direcionamos tanto visitantes quanto membros para Sociedade da Sensação diferente dos sensoriais ou do salão de ensinamentos. Também aceitamos novos membros na Sociedade. E por ultimo, é através de nós que as compras da Sociedade são feitas...magias, itens e outros.”

Curioso, perguntei a respeito dele. Ele respondeu, “Tem pouca a dizer que ainda não foi dito. Somos aqueles que, porteiro do Salão de Festas, filho híbrido de Isahar e Padre Rei de Ur. Viajantes planares vieram ao nosso mundo e nos disseram a respeito da Sociedade da Sensação; Ficamos fascinados e voltamos com eles. Deixamos Ur nas capazes mãos da rainha para que pudéssemos vir a esse lugar e experimentar “servidão” e “humildade” por um tempo. Como o tempo aqui não passa igual em Ur, o século que passamos aqui serão apenas alguns meros meses em nosso próprio mundo. Depois de uma década ou mais, cremos que estaremos prontos para voltar a Ur e a governa-la mais uma vez.”

Perguntei sobre as localizações do Salão de Festas. Ele explicou as localizações dos quartos e dos salões de treinamento, e que ele deveria ser consultado para nos levar ate um sensorial, para experimentar aquela sensação ali gravada. Eu lembrei de algo que havia ouvido de Barking Wilder, sobre meu quarto no Salão de Festas. Perguntei a Splinter como poderia conseguir um quarto no salão. Ele me respondeu que eu tinha que ser membro da Sociedade da Sensação. Mas eu acabara de saber que tinha sido um membro um dia.

“E se eu já FUI um Sensato? Faz muito tempo que não venho a esse lugar, mas lhe garanto...já fui um Sensato.”

Splinter abaixou para me examinar mais de perto.

“Nós o reconhecemos...mas não vemos mentiras vindo de você. Muito bem. Iremos lhe permitir acesso para aqueles privilégios garantidos apenas para aqueles que são membros da Sociedade da Sensação...Se puder nos mostrar que sensações você obteve recentemente. Pedimos cinco sensações, e aí, cada uma relacionada aos sentidos do corpo...ou uma única experiência que tenha fortes elementos de todos os cinco sentidos.”

Eu tinha exatamente aquilo. “Eu tenho uma experiência única para partilhar então: acordei, sem saber aonde eu estava, em uma mesa fria numa cama de ferro nas entranhas do Necrotério, um lugar aonde apenas os Dustman e os cadáveres poderiam conhecer...”

“Todo meu corpo cheirava a fluido embalsamador, mas mesmo o cheiro do produto não era suficiente para tirar o cheiro da carniça ao meu redor. Dúzias de cadáveres em mesas ensanguentadas como a que eu acordei, todos em processo de putrefação, esfolados, e coisas como um relógio aterrorizante para razões desconhecidas. Os únicos barulhos eram os gritos de metal de trabalho e o piso irregular de trabalhadores mortos-vivos como eles empurraram as lajes sobre o Necrotério em pistas de ferro enferrujadas”.

Ele acenou. “Uma experiência perturbadora.”

Respondi, “Eu eu pulei aparte e que um crânio flutuante voou até mim assim que acordei. Isso será suficiente eu creio, Splinter?”

Ele me garantiu acesso total como membro depois de ter compartilhado a experiência.

Fui até os quartos do salão principal. Encontrei o amor de Juliette do bordel, e realizei seu desejo de fazer inveja a ele com a carta falsa de amante. Pelo menos eu tentei; ele parecia relutante em desistir dela no primeiro sinal de problema. Talvez eles fossem mais próximos do que eu pensava.

Fui capaz também de fazer um serviço para Dolora, obtendo as chaves para seu coração com Merriman, um velho rabugento e amargo. Naturalmente, eu tive que fazer um trabalho para Merriman primeiro também; depois de fazê-lo eu vi que Merriman era muito mais agradável, mesmo que meio confuso.

Também encontrei Jumble Murdersense (Senso de Matar Desordenado), e depois de algumas pequenas dificuldades persuadei ele a tirar a maldição que havia colocado em Reekwind, um historiador que conhecera em Hive.

Continuei andando, e encontrei uma área de quartos para hóspedes, do lado oposto do Salão pela qual entramos. Falei com o escriturário do quarto, que me surpreendeu, oferecendo-me uma chave para o meu quarto. Ela apenas me explicou que seu livro de registro indicava que a chave que me fora entregue era do meu quarto, que esperava por mim a muito tempo.

Entreí no quarto, que parecia ter sido mantido ordenado apesar da parente falta de uso pelas muitas décadas que se passaram desde a última vez que o usei. Junto com muitos itens comuns nas prateleiras no quarto havia uma que era diferente. Era um dodecaedro pesado- quase do tamanho das minhas 2 mãos

colocadas juntamente. Parecia inexplicavelmente familiar para mim. Sua textura era fria e suave, mas não podia dizer se era de metal ou pedra. Uma certa, quase intangível “tensão” percorria o objeto, como se estivesse pronto para saltar no ar a qualquer instante.

Com uma examinação mais próxima, percebi que cada lado do dodecaedro era uma placa que podia ser girada no sentido horário e anti horário... parecia ser um quebra cabeça ou uma combinação. Como cada uma das placas pentagonais possuíam 5 posições diferentes, o dodecaedro tinha não menos do que 244.140.625, configurações. Levava cada segundo dos próximos setenta e sete e tantos anos para bater todas as combinações - mas, em seguida, eu decidi que só poderia ter sorte e tropeçar em uma solução em minutos ...

Enquanto girava metodicamente as facetas frias do dodecaedro, uma estranha sensação se formava na base do meu crânio. Minhas mãos pareciam se mover por vontade própria, virando o objeto e girando suas faces com precisão mecânica. Eu já havia feito aquilo antes... eu soube as combinações um dia... e também tomei ciência de que havia um certo **perigo** dentro do objeto. Seja lá fossem simples armadilhas ou algo menos mundano, contudo, eu não podia lembrar.

Em momentos, eu tinha resolvido quase que todas as 4 das cinco faces em seus devidos lugares. Quando comecei a mover a quinta lembrei-me de uma lâmina de armadilha ardilosa que iria pular fora a atacar as mãos, cortando seus pulsos e dilacerando os dedos. Evitei a armadilha com algumas rotações, certo de que havia progredido no desenrolar do segredo do objeto.

Depois de evitar as laminas saltitantes do dodecaedro, eu lentamente desvendi a próxima série de posições. Assim que comecei a girar o nono lado do dodecaedro, eu subitamente lembrei de uma segunda armadilha- jatos de gases tóxicos que iriam formar uma nuvem de bile letal, com vapor corrosivo ao redor do curioso que o abrisse. Eu contornei a armadilha com uma série de giros, certo de que estava quase destravando o dodecaedro.

Comecei a trabalhar nas ultimas facetas. Assim que estava colocando o décimo segundo no lugar, lembrei de runas feiticeiras escondidas dentro dele que iriam explodir aquele que o segurava inconsciente com trovões de raios mágicos. Depois de desarmar a armadilha com o numero correto de giros, o dodecaedro clicou e começou a abrir nas minhas mãos...

O dodecaedro se dividiu uma vez, duas, e eventualmente desdobrou de um jeito impossível e perfeitamente retangular do tamanho de um livro grande. Gravado em suas superfície havia uma série de símbolos bizarros. Parecia ser um código ou linguagem que eu sentia ser familiar para mim... mas não era. Uma análise mais aprofundada do objeto revelou que torcendo as faces pentagonais que estavam agora sobre a parte inferior do objeto, diferentes 'páginas' podiam ser exibidas no rosto do objeto. Finalmente percebi que o dodecaedro foi um tipo de tomo ou diário.

Era frustrante ter essas notas de uma encarnação anterior a mim na minha frente, mas ser incapaz de ler. Eu inutilmente tentei por um tempo acessar o segredo dos escritos das profundezas da minha mente. Com um grunhido de frustração eu coloquei a revista de lado e sai da sala.

Entrei novamente no Salão de festas. Uma série de ensinamentos estava prestes a começar nos quartos reservados para as apresentações.

SALÃO DE PALESTRAS

Entrei em um quarto assim que o palestrante ia começar seu discurso, “Sigilianos, bem vindos! Por favor, sentem-se, e ouçam as obscuridades que direi!”

“Obscuridades?!” Morte falou, “Dá um tempo! Nós não iremos ouvir essa baboseira vamos? Vamos lá....vamos encontrar as garotas sensatas que nunca tiveram a experiência de provar a paixão ardente dos lábios de um Crânio....” Ele girou os olhos animado. Eu o ignorei e continuei ouvindo o palestrante.

O orador apresentava as suas teorias sobre o que seria de esperar quando eles morressem, tais como em que plano de existência iriam acabar indo. Ele parecia bem convencido de que se a pessoa havia vivido uma vida de bem, ou pelo menos decentemente, iria encontrar após a vida encontraria na morte uma nova vida em um plano agradável.

Ele estava terminando seu discurso e disse, “Não importa aonde você vá, saiba disso: Você estará embarcando numa Nova vida, meus sigilianos!”

Morte sussurrou: “E isso deveria ser um incentivo?teremos que passar por isso OUTRA vez?POXA, eu mal posso esperar para ser um crânio flutuante outra vez.OBA! Ele que se exploda.Que otário.Fala como alguém que nunca morreu antes não é?”

O palestrante continuou. “Vocês serão os habitantes, os suplicantes, nesse Plano, ou, idealmente, em uma das construções na qual o Plano foi construído! É o objetivo de todos os suplicantes! Para alcançar esse objetivo, você...” Ele juntou as mãos para enfatizar: “DEVE agradecer!Agradeça!Agradeça!Seja grato! IDEAIS!”

Morte sussurrou outra vez. “Oh,esse sim é um saco.”

O palestrante terminou seu discurso. “E é isso o que o aguarda DEPOIS da morte, meu auditório!Tenham cuidado em como vivem suas vidas,mas saibam que não é o esquecimento que o espera depois desta vida!”

Morte disse, alto dessa vez, “Que merda é essa!”

O palestrante virou a cabeça para Morte, fazendo uma careta de leve. Ele inclinou, tentando ver quem havia falado aquilo.

“Alguma pergunta?Uma pergunta de um dos vivos talvez?”Morte baixou-se fora do campo de visão do palestrante, então virou para mim e sussurrou.

“Vá em frente , chefe.Conte a ele a parte obscura disso.” Morte não era o único insatisfeito com essa conversa.Decidi colocar o palestrante a prova.

“Prove que o que você diz é verdade.”

“Ah?” O palestrante parecia surpreso. “E como irei fazer isso?”

“Morra.Aqui.Agora.”

O publico ficou calado. Sentindo a pressão, o palestrando engoliu seco. “Bom....”Ele sorriu de repente. “Se você o fizer primeiro, eu me matarei também.” O auditório riu.

Eu sorri de leve enquanto respondia, “Concordo”.

O rosto dele petrificou por um instante, e depois embranqueceu. “Suba ao palco meu amigo!” Ele virou para o público, sorrindo. “Um deleite raro, Sigilianos! Hoje- e somente hoje- nós teremos uma demonstração viva de como se tornar um suplicador.”

Fui até a frente do quarto. Me matei, e depois me levantei.

O palestrante ficou branco com isso, dando um passo para trás. “Pelos Poderes....!”

Eu simplesmente sorri, virei, e comecei a andar pelo quarto.

Ouvi-o ansiosamente tentando embrulhar as coisas atrás de mim. “...então isso encerra essa sessão... eu irei continuar a ensinar aqui no salão, então... bem... contem aos seus amigos.” Eu tenho certeza que o público ia falar sobre essa lição aos seus amigos.

Eu tinha tido uma satisfação momentânea ao desabafar minha frustração sobre o jornal que eu não podia ler neste orador hipócrita, e resolveu tentei encontrar um alívio mais útil para os meus sentimentos.

No próximo quarto outra lição estava prestes a começar. Magro e esguio, com sua pele amarelada coberta com tatuagens, esse palestrante olhou o quarto e os que ali estavam com olhos negros e frios.

“Eu sou CONHECIDO como Three- Planes-Aligned (Três Planos Alinhados), um githzerai erudito. Se estão aqui para minhas lições, ela começa em breve.” Ele disse com um tom baixo e sombrio. “Hoje falarei a respeito do poder do alinhamento e da crença. E como elas moldam os Planos.”

“Primeiro, eu irei explicar o conceito de alinhamento.”

“Alinhamento é o que descreve a crença do indivíduo, e como ele age de acordo com suas crenças. Pela natureza, todas as criaturas se comportam predominantemente de 3 maneiras: com o bem no coração, com maldade no coração, ou com indiferença ou neutralidade em seus corações. Eles predominantemente expressam esses comportamentos primordiais de 3 maneiras diferentes: ordenadamente, desordenada ou caoticamente, ou com indiferença ou neutralidade. Sendo assim, existem nove alinhamentos básicos que podem ser encontrados. Então esses 9 alinhamentos são: leal bom, neutro bom e caótico bom... leal neutro, neutro, e caótico neutro... e leal mal, neutro mal e caótico mal.”

Ele continuou explicando como os alinhamentos, e crenças que ele classificara, podiam afetar o ambiente em que se vive, ou como uma divindade poderia ganhar poder através da fé de seus seguidores e adoradores. Uma divindade sem adoradores poderia morrer, e seu corpo se perderia no Plano Astral.

Ele então deu exemplos das cidades portais, que são localizadas nas terras neutras, mas que partilham crenças diferentes com os planos adjacentes onde existe um portal que garante acesso a ela. Ele então discursou sobre o deslocar de uma cidade portal.

“Deslocamento ocorre quando existe alta concentração da crença em uma área com uma já existente diferente. Quando isso ocorre, a própria área irá se mover- ou deslocar- para um Plano que se encaixe melhor a nova crença vivida.”

“Agora, as cidades portais geralmente possuem uma forte crença que combinam com as Terras Distantes através do portal,mas a crença ainda não é forte o suficiente para fazer a cidade de deslocar dos Terras Distantes e no Plano Externo.”

“Por exemplo,a cidade de Ribcage faz fronteira com um portal do plano maligno leal de Baator.Como esperado,os residentes de Ribcage são quase todos leais malignos,mas o alinhamento total geral da cidade e suas crenças não são suficientemente fortes para fazer Ribcage se mover para Baator.”

“Outro exemplo,Ribcage poderia um dia ver a ascensão repentina de uma ordem maligna legal de clérigos, promovendo suas crenças escuros e convertendo muitos cidadãos a cultuar seus deuses leais malignos.Se isso ocorresse, haveria uma boa chance de que a própria cidade se mudasse para as Terras Neutras,tornando-se parte do Plano leal maligno de Baator.”

“Camadas inteiras dos Planos podem se mover assim.Com isso,muitas guerras são guerras de crença e fé por necessidade.Elas são os objetos pelo qual cada território é obtido e mantido.”

“Esse então, é o poder do alinhamento e crença que molda os planos.Essa lição terminou.”

“Que a crença guie suas ações e molde os Planos de acordo com sua vontade.Adeus a todos.”

O palestrante recusou quaisquer perguntas e deixou o quarto.

Eu ouvi no salão do lado de fora que outra lição,sobre a Guerra Sangrenta por Ghysis the Crooked(Ghysis o Torto), estava prestes a começar.Minha fascinação com aquele conflito havia me convencido que eu devia ter alguma conexão com ela, e me apressei para o outro quarto onde a lição estava começando.

O, velho corcunda curvado que era para dar a palestra tinha os ombros largos e com cicatrizes, as mãos calejadas de um trabalhador ou guerreiro. Uma aura de desespero cansado parecia pairar sobre ele. O palestrante iniciou seu ensinamento.

“Certo!Agora ouçam...esse é o seminário da Guerra.Se estão aqui para ouvir sobre a Guerra Sangrenta,fiquem.Se não, então estão no lugar errado e é melhor tirarem suas bundas confortáveis e macias Sigilianas daqui.”

Morte comentou, “A Guerra Sangrenta?Mais chato do que ouvir o governador ditar as leis.Vamos achar umas jovens Sensatas que precisam ser doutrinadas nos caminhos da paixão!” Ele girou os olhos em antecipação.

Eu havia perdido algumas palavras enquanto ouvia Morte, e o palestrando prosseguiu, “EU direi sobre a Guerra Sangrenta do ponto de vista humano apenas.Não estarei promovendo um lado ou outro, porque ambos fedem de maneiras diferentes.”

“Então....o que há para dizer a respeito da Guerra Sangrenta.....são historias sobre ela.Para ouvir o terror a respeito dela, sem duvida.Toda a fortaleza é tecida e entrelaçada com pele humana!Os largos Planos de campos de batalha na qual ela é combatida!” Ele cerrou seus dentes amarelados. “Contos de demônios trocando mordidas com outros demônios!ARGH!SNARR!” Seu rosnado parou, e ele parecia entediado.

“Bem,deixe-me remover sua pele e rachar seus ossos:até que toda esse absurdo bagunçado e excêntrico habitem esse lixo.”Ele cuspiu com escárnio, rolando os olhos abertos.

“Vou dizer ISSO entretanto: Vocês não podem IMAGINAR em que escala a Guerra Sangrenta é combatida.nada que tenha visto,ouvido, ou participado- NADA se compara: tempo, o numero de legiões,pura derramamento de sangue...nada se compara,amigos.Vão tentar imaginar-esqueça.Meu conselho?Simples:Fiquem longe de toda essa grande bagunça.”

“A única coisa que precisam saber é isso: demônios estão matando demônios.Baatezu matando Tanar’ris, tanar’ris estão massacrando baatezus.Agora mesmo.” Ele cuspiu outra vez. “Nenhum está vencendo.Não acho que algum POSSA vencer.É o maior beco sem saída desse lado da eternidade...graças aos Poderes.”

“É isso.” Ele mostrou indiferença. “É isso. Irei responder quaisquer perguntas que tenham para mim agora...”

Evidentemente ele já havia decidido encerrar a aula, antes mesmo de começa-la.Ninguém mais no quarto parecia ter interesse em perguntar ao palestrante,mas eu tinha perguntas suficientes por todos eles.

“Então não ira nos contar historias sobre a Guerra Sangrenta?” perguntei.

“Tudo bem, uma só: deixe-me dar um exemplo do que “carne” significa para eles.Eles juntam um monte de mercenários mortais, talvez alguns fortes dentre milhões e os deixam matar uns aos outros sem motivo algum -uma batalha sem sentido sobre uma pedaço de terra de um Poder esquecido.Adivinha para onde TODAS essas almas vão?” Eu perguntei retoricamente.

“Aonde?”E ele prosseguiu.

“Suas almas afundam no Plano maligno em que lutaram, onde podem ser arrancadas da sopa do Plano em que estão e são colocadas para lutar novamente como lêmures ou burros ou seja a qual outra forma baixa de vida houver.Quanto mais suplicantes eles conseguirem, mais tropas terão.”

Pedi mais informação a respeito da Guerra Sangrenta em si, a qual ele respondeu, “Se fosse resumir, seria isso: a Guerra Sangrenta esta acontecendo a uma eternidade, e continuará até que a própria eternidade seja escrita no Livro da Morte.Os Tanar’ri, os campeões do caos e da maldade estão tentando pisar nos campos verdes coloridos dos baatezu, os campeões da lei e da maldade.Eles massacram uns aos outros pois cada um acredita que a maldade deva ser do seu próprio jeito, pode acreditar nisso.Hah!”

Perguntei o que aconteceria se alguém parasse na Guerra Sangrenta, para o qual eles respondeu. “Você não pode fazer diferença alguma na Guerra Sangrenta! Ela é ENORME demais. Você é uma pedra,um pedrisco em um oceano dentro de outro oceano que é uma gota da água e sabe-se lá até onde isso vai parar.Como um pedrisco,seu objetivo é não ser notado e afundar no fundo de um dos oceanos com os outros que estão lá...”

“Se você pudesse fazer diferença, mas não PODE- você não deveria TENTAR,porque os Planos iriam te derrubar.”Com o meu olhar indignado e duvidoso, ele ergueu as mãos como pilares. “A Guerra Sangrenta é como uma grande escorra suportando os Planos...derrube-a, e um monte de Planos irá desmoronar com ela.Muita coisa acontece nos bastidores da Guerra.” De repente, ele relinchou como um burro, rindo amargamente. “O mais torpe tipo de grupo animal nos Planos...”

Ele riu sinicamente. “Alem do mais, como alguns dizem, a guerra é OTIMA para os negócios.”Ele deu um sorriso oco, e então pareceu que ia subitamente chorar. “Eh...deixa isso pra la...outra pergunta?”

Perguntei se ele estava bem, porque parecia estar sofrendo. Ele sorriu com tristeza.

“Sim, sim... ouça, amigo; não sou padre, nem gostaria de ser um, mas escute isso: mantenha a maldade afastada de seu coração. Quando você morre com um coração maligno, seu espírito cai nos Planos Inferiores, onde você se torna um suplicante...”

“Alguma ideia do que acontece então? Suplicantes no Abismo ou em Baator são transformados em soldados... e são forçados a lutar na Guerra Sangrenta por toda a eternidade.” Ele gargalhou, balançando a cabeça. “Esse é o motivo dos baatezu e dos tanar’ri corromperem tudo que tocam, porque precisam de mais tropas. Ouça bem: mantenha o mal longe do seu coração cara.”

Questionei o que havia começado a Guerra Sangrenta. Ele me disse, “Você tem o direito de querer saber o que começou essa bagunça enorme no início: o que fez os demônios trocarem suas primeiras chifradas, mordendo e dilacerando um ao outro até que não havia outra razão para estarem vivos...”

“Simples: Eles se encontraram.” Ele suspirou. “Os Tanar’ri e os Baatezu se encontraram um dia e como 2 bêbados incompreensíveis, eles começaram a lutar! Simples assim.” Ele fez uma careta. “Bem...”

“Agora, imagine isso: imagine dois padres bêbados que acreditam que só existe um ÚNICO jeito de viver. Agora faça-os usar escamas e garras e chifres e uma crueldade que não pode ser medida e os coloque numa cela... e você terá uma boa ideia do amor que pode surgir daí. E aí está! A origem da Guerra Sangrenta.”

Perguntei por que eram 2 raças malignas que estavam brigando. “Uma acredita que o mal deve ser organizado. Outra acredita que o mal deve ser caótico, destruindo tudo nos Planos. Ambos são malignos, mas isso não quer dizer que concordem em algo! Sangue ruim, sangue maligno... cada um quer exterminar o outro para que apenas o seu mal permaneça. Eles odeiam um ao outro, como... como...”

Le uniu as mãos, tentando encontrar as palavras certas. “Veja bem, eles não odeiam como NÓS. Nós nem sabemos o que é o ODIO. Nós temos uma ÚNICA palavra para ódio... eles possuem...” A voz dele baixou. “...milhares, e milhares, com um significado tão deturpado quanto... uma pilha de cadáveres. Por isso eles lutam.”

Para minha pergunta relacionada ao lugar onde ela era travada, ele respondeu. “Em muitos lugares... GERALMENTE nos Planos Inferiores. Em qualquer lugar a longo do Rio Styx... nas nove camadas de Baator, as quatro fornalhas da Gehenna, nos Refúgios Cinzentos, no Frio e avermelhado Carceri - o plano prisão - e em quase toda a extensão do Abismo.” De alguma forma, Refúgios Cinzentos me parecia familiar...

Ele o descreveu com mais detalhes conforme pedi. “Também chamada de Os Obscuros”. Ele mostrou indiferença, e então estremeceu, como se por reflexo. “Cinza em cada sentido da palavra”. As cores queimam seus olhos lá; elas gritam tão alto, e seus sonhos são puxados para a superfície e colocados no chão, perdidos para sempre. Apenas as bruxas da noite governam lá... as Damas Cinzentas do Refúgio.”

Perguntei sobre os Tanar’ri. O homem acenou. “Os Tanar’ri pagam melhor que os baatezu, mas você precisa ser muito louco e ter um monte de olhos por todo o corpo, porque você nunca pode confiar neles: eles são o caos, aqueles com capricho e banalidade em seus corações. Confiança, ou manter a palavra não faz parte de seu vocabulário...” Ele espirrou, e então mostrou desdém. “Eles não se importam com o que

acontece, contanto que o que acontecer seja maligno. Geralmente eles atacam os baatezu para evitar que eles se matem uns aos outros.”

Ele então descreveu seus inimigos, os baatezu. “Eles não pagam tanto quanto os tanar’ri geralmente, mas não quebram seus acordos firmados. São inteligentes entretanto- muito, muito espertos e eles tem feito contratos desde o início dos tempos. Eles sabem como contornar com as palavras, e como. Assine, e você provavelmente estará fadado a secar e ser pendurado em suas legiões...”

“Eles planejam demais. Eles colocam mais ideias e preparações em uma única estratégia do que qualquer uma das mais devotas campanhas humanas.” Ele espirrou, e coçou o queixo. “Eles geralmente reúnem suas forças em Avernus, a primeira camada de Baator.”

Ele descreveu Avernus ao responder minha pergunta. “Avernus? Hum....” O homem fez uma careta, como se lembrasse de um lugar que lhe causou angústia física. “Ele é habitado por aqueles amaldiçoados e por aqueles que rezam para os amaldiçoados. Uma terra manchada de vermelho, de areias nocivas e bolhas incendiárias que fazem barulho por toda a paisagem. Esse foi o gosto que senti em Baator, a camada inicial de Avernus. Lugar terrível.”

Eu estava particularmente interessado em um tipo de demônio, succubus, por causa da minha companheira. Ele as descreveu, “Tanar’ri- amáveis mas mortalmente malignas elas são. Elas seduzem os mortais para tentar arrasta-las para o Abismo.” Ele apontou para Fall From Grace. “Sem ofensa, madame.”

Ela respondeu, “Não por isso. Você está de fato correto.”

Eu perguntei como se sobrevivia a Guerra Sangrenta. “Você quer saber como sobreviver a Guerra Sangrenta? Três coisas, amigo.” Ele ergueu uma mão multilada com apenas dois dedos.

“Primeiro, você fica fora dela. Segundo, Afaste-se dela droga. E por último... saia da maldita amaldiçoada guerra.”

“Se alguma parte da Guerra cair sobre você, deixe sua imaginação dar um chute na sua bunda e corra o tanto que puder. Se não puder correr, então deitei e REALMENTE REZE para que ela passe por você.” Ele parou um momento. “Exceto se não houver lugar para onde você correr e se não houver que seja deixado intacto.”

Perguntei por que a Guerra não estava sendo combatida em Sigil, a qual ele respondeu, “Ah, veja agora, eles já lutaram aqui... algumas vezes. As vezes temos algum derramamento de sangue da Guerra Sangrenta. Nossa Dama da Dor, abençoado seja seu coração, os afasta....”

“....Algunas vezes.” Ele zombou. “Houveram vezes, algumas vezes aterrorizantes onde você está tão assustado, onde eles esmagaram e queimaram e dilaceraram por onde passavam por todos os blocos da cidade de Sigil antes dela decidir limpar a casa.” Ele estalou a língua e piscou cinicamente. “Então ela nem sempre está tão afiada em parar a Guerra Sangrenta viu?”

“Porque os demônios apenas não tomam Sigil?” Perguntei.

Ele riu, mas o riso virou uma tosse pulverizada. “Não me entenda mal: tanto os tanar’ri e os baatezu querem Sigil ferozmente. Esse é o lugar mais precioso em todo o multiverso – a Jaula é a Cidade das Portas e se conecta a TODOS os lugares. Você não pode ignorá-la, e se estiver servindo na Guerra Sangrenta e

quiser vencer, você tem que TER Sigil.” O homem tossiu novamente. “É que os demônios não IRAO tomar Sigil enquanto a Dama estiver no comando, isso é tudo. Ela é durona, as adagas dela irão lhe cortar mais profundamente do que qualquer garra ou presa de demônio. E isso afasta os demônios de um jeito que você não acreditaria. Uma Dama quieta, que por si só ao arregalar as mangas pode fazer a Guerra Sangrenta recuar.” Ele riu amargamente.

Fall From Grace comentou em voz baixa para mim, “Eu não acho difícil acreditar que uma mulher possa parar a Guerra Sangrenta.”

Eu notei que demônios ainda eram aceitos em Sigil, para o qual Ghysis respondeu, “Oh, infelizmente sim. Eles não podem lutar muito nas ruas... Então como um campo neutro, Sigil permite que eles fiquem por aí sem tentar matar uns aos outros. Às vezes eles irão conversar aqui. Entretanto a paz não fica muito tempo por aqui...”

“Além do mais, não é porque eles não possam se massacrar uns aos outros nas ruas isso não significa que espiões, apunhaladores não andem por aí. Eles enfrentam batalhas com mentiras e palavras, cara. Algumas vezes, eles só tumultuam e tagarelam. E existem casas seguras por aí também. Lugares aonde podem esfriar suas garras antes da próxima briga começar...”

“E gostam de recrutar aqui também. Procurando por garotos novos pelos Planos com um pouco de ganância no coração que possam fazê-los virar parte de seu exército glorioso.” Ele parou de falar para me espionar de perto. “Talvez tenham te recrutado um dia, hein amigo? Você parece ter experimentado a Guerra.”

“Talvez.” Respondi sem compromisso.

“A Guerra deixa cicatrizes em você, amigo. Você sabe. E você sabe que NUNCA irá querer voltar.” Minha têmpora começou a latejar dolorosamente enquanto eu considerava as palavras do homem... uma memória começou a emergir...

O Salão de palestras começou a se esvaír da minha vista enquanto terríveis visões começavam a saltar da base da minha mente... visões de um lugar onde as temporadas não eram como nada que eu já havia sentido, ou ouvido, ou tentado gritar. Um lugar aonde as orações não eram ouvidas, caindo como pedras na terra... trovoes avermelhados que cortavam os céus, agora ferviam sob meus pés e faziam barulho quando eu tentava me livrar deles...

Corri até um grande grupo de homens, passando por desfiladeiros escuros onde as paredes tremiam e tremiam como um coração, usando apenas meu próprio sangue como a roupa. Pelo menos eu estava sobre um lugar onde o terreno cinza pálido deslizava como uma massa de cobras, enrolando em torno de meus tornozelos e sussurrando o meu mal à terra. Eu marchei interminavelmente, silenciosamente, através das terras descoloridas, onde o cansaço parecia VIVO e me caçar como uma sombra pelos vales, me chicoteando com desespero...

Eu e os homens esfarrapados que me seguiram vieram em cima de uma velha sentada em cima de um monte de gigantesca larvas, contorcendo-se, cutucando uma das coisas cobertas de limo com uma garra quebrada. Eu indiquei para um dos homens a correr para a frente e falar com ela; a voz áspera da bruxa se instalava nos meus ouvidos...

“Eu gostaria de fala com ele, ela disse, e depois gargalhou. Seus olhos brilhavam enquanto ela me apontava para o homem. “Aquele bonitão que lidera seu grupo esfarrapado. Gostaria de falar com ele.” ...e aquilo foi tudo o que lembrei.

Ghysis havia notado que eu estava distante, perguntando. “Amigo? sente-se bem aí?”

Eu o assegurei que estava, e despistei sua preocupação perguntando se os demônios recrutavam com muita frequência. Ele acenou sombriamente. “Pode ter certeza que sim. Sigil é o melhor para fazer isso nos Planos. Ela mistura seres de todos os lugares... muito trabalho.”

Perguntei se ele tinha qualquer outro conselho a respeito da Guerra. “Sim: seja lá o que fizer, não FALE a respeito dela com OUTRO demônio... ou qualquer entidade ou divindade não importa o motivo. Apenas não fale dela, porque você nunca sabe com quem está falando. Todos eles ficam agitados quando comenta-se sobre a Guerra. Ela é a razão deles viverem.”

“Não entre em nenhum portal a não ser que tenha certeza de onde vai se enfiar. Talvez não tenha escutado histórias de viajantes imprudentes que pisaram em portais e acabaram no meio do pior lugar da Guerra Sangrenta. Sabe porque não ouviu falar deles? Porque eles estão todos mortos, mortos, MORTOS.”

“E seja lá o que fizer, nunca assine termo algum, não importa quanta fortuna te ofereçam em troca. Certamente a morte e assinar contratos de viagem pela Guerra são a mesma coisa amigo.”

“Existem chances de quando assinam o contrato, de arrancarem sua pele e fazê-lo trabalhar até o fim dos tempos. Nem mesmo a morte te libertaria, porque aí você cai nos Planos Inferiores e é trazido de volta com algo pior do que você foi antes. Então as garras deles ficam em você por toda a eternidade.”

Perguntei como se podia quebrar um contrato. “A não ser que não o queiram, você não tem muita chance. Eu nunca ouvi isso ser feito com recrutas comuns, ou com qualquer um com quem queiram manter suas garras enfiadas. Iludir um tanar’ri e ariscado mas pode ser feito... os baatezus são muito mais perigosos em seus contratos. Você assina um desses... está condenado pelo resto da sua vida...”

“Você pode tentar, tentar engana-los, e podem até deixar você correr um pouco... mas aonde você iria? Existem tantos deles...”

Perguntei como alguém era contratado para a Guerra Sangrenta. Ele respondeu, “Sabe, sempre que alguém aparece pedindo um emprego na Guerra Sangrenta. Eles querem alguma grana, querem ganhar algo rápido para poderem seguir suas vidas. Talvez eu tenha sido um desses babacas. Talvez tenha sido um mercenário, e escutado que havia uma grana para ser feita na Guerra. Me interessou...”

“Me ensinaram uma lição, foi sim: somos como formigas correndo ao redor dos calcanhares e deuses maldosos. Eu vi grandes homens, que diziam ser grandes soldados...” Ele balançou a cabeça. “Soldados de papel. A guerra é uma fornalha para eles. Os fazem acordar e queimar.”

Eu perguntei então, como ele havia sobrevivido a guerra. O rosto do homem escureceu. “Eu... bom, isso é algo que eu não falarei a respeito, amigo. Basta dizer que um homem faz o que é preciso para escapar da Guerra.”

Eu ouvi uma história sobre sua sobrevivência. “Mas uma mulher chamada Vrischika me contou que você assassinou todos os seus homens para escapar da Guerra.”

O rosto do homem avermelhou de raiva. “Cuidado com o que fala amigo! Isso é mentira! Uma mentira suja! Você confia e acredita num demônio vinda da Guerra e crê e tudo o que ela fala?!”

Eu simplesmente respondi, “O que houve então?”

“Eu te direi o que aconteceu, cara!” Ele suspirou e se acalmou levemente. “Eu fiz parte da Companhia Efigie Ardente... uma parte de seus membros originais eram 53 mercenários mortais, contudo apenas 9 de nós sobrevivemos. Acampamos em Avernus, nós estávamos aguardando reforços para a próxima batalha...”

“Bom, meu turno estava quase acabando então... de fato, eu ia sair depois da próxima batalha. O problema era que, se eu morresse ali, eu teria sido escravo deles para sempre – muita escuridão, havia muito mal no meu coração. eu teria acabado como um suplicante em Baator, um soldado eterno na Guerra.” Ele estremeceu ao pensar.

“Significa que outros 2 caras fugiram como cães, isso que aconteceu. Nós apressamos pelos Planos durante dias antes que pudéssemos chegar a uma pilha enorme de criaturas vivas... uma vista horrível, era... eles clamavam e chiavam para nós, pedindo para chegarmos mais perto. Naquela noite eu me separei dos demais e voltei até o pilar para falar com ele.” Ghysis fechou os olhos e agarrou nas têmporas.

“Eu... eu perguntei ao Pilar como eu poderia me libertar, como poderia escapar de Baator... e me disse para levar a eles dois companheiros meus.” Ele ficou quieto um momento, mordendo os punhos como se segurasse as lágrimas. “Para mim... naquela hora... era apenas uma conta.”

Eu senti uma súbita compaixão pela alma atormentada na minha frente. Eu disse levemente, “É uma terrível escolha a ser feita.”

Ele concordou. “Não sei se um dia me perdoarei. Agora sou apenas um soldado que procura um lugar para morrer. Tentando apagar as machas de maldade, limpar o meu interior antes que eu morra e volte para a Guerra Sangrenta. Eu ensino aqui para manter as pessoas longe dela, para prevenir que alguém um dia tenha que fazer uma escolha como a minha.” Eu não pude deixar de notar que a história dele não era muito diferente da contada por Vrishika.

“Certo... essa foi a última então. Alguns deles são Sensatos, então tenho uma coisa a dizer para você: não se inscreva para saber do que se trata essa maldita Guerra. Não seja idiota. Use uma pedra sensorial para saber como é, mas fique longe de qualquer coisa que se aproxime dela de verdade.”

“Não vale a pena. É isso...” Por um momento, um olhar de grande dor cruzou o rosto do homem; e parecia que ele ia chorar. “... não vale a pena mesmo. Esse é o fim da lição, até logo.”

O dia já havia passado quase por inteiro, então retornei para o quarto no Salão de Festas para passar o resto da noite. Assim que entramos, Annah virou-se para Fall From Grace, que ela havia ignorado até agora.

“Então, por quanto tempo irá viajar conosco succubus?”

“Pelo tempo que me for permitido, imagino.” Foi a resposta na calma voz de Grace.

“Bom, você não tem permissão. Não confio em você.” Havia uma nota de triunfo na voz de Annah ao dar sua última palavra.

SENSORIAIS PÚBLICOS

No próximo dia, pedi que Splinter nos levasse até os sensoriais públicos. Eu examinei as pedras lá, e, as experiências que continham.

A experiência “Dor Inevitável.”

Era uma experiência curta e violenta: lutar contra um homem mais forte à beira de um riacho ardente de lava derretida, minha arma era lentamente, inexoravelmente forçada cada vez mais perto do magma. Gotas de suor evaporam no instante em que apareciam; o cabelo na parte de trás da minha mão enegrecida ardia acima do calor incrível. Finalmente, meus gritos de sofrimento ecoando das paredes dos desfiladeiros ao meu redor, a minha mão e o machado que segurava mergulharam na lava e foram carbonizados até virarem cinzas em poucos segundos, agonizantes.

A dor era algo que eu estava familiarizado há muito tempo, mesmo no curto espaço de tempo que havia recobrado algumas memórias. Eu havia conhecido dor tão ruim ou pior que essa.

A experiência “amor delicado.”

“Meus olhos estavam fechados; eu podia sentir que estava na ponta dos pés, pressionando-os firmemente. Lábios macios e encostavam nos meus, me dando o beijo mais gentil... meu coração parecia flutuar no meu peito, e eu senti que eu me senti como se eu pudesse cair para trás e simplesmente flutuar no espaço....”

Havia uma inocência nesta experiência, que ecoava e que eu devia ter sentido cada vez que uma nova vida começava com uma nova encarnação, desprovida de memória. No entanto, a partir do mesmo princípio eu tinha seguido vários caminhos, mago e soldado, bons e mal...

A Experiência “Tédio da mente vazia.”

Essa experiência podia não durar mais do que alguns minutos, mas parecia passar HORAS... uma longa e tediosa lição no mais seco quarto Na Universidade de Chalm em Sigil. Olhei pelo vasto quarto, esperando ver o rosto de alguém – Mas os outros estudantes ou estavam dormindo ou olhando dispersadamente para o espaço. Peguei minha pena e a deixei cair de novo... Apesar de ter o que fazer. Considerei enfiá-la no olho, apenas para ver se meus sentidos estavam completamente cedidos ao incrível entediamento....

Talvez houvesse algum benefício em não lembrar, os olhos de um imortal devem carregar longos trechos de tédio.

A experiência “Repugnância amarga”.

Lágrimas venenosas de dor transbordavam nos meus olhos amarelos apertados, eu juntei o que restou das minhas pequenas asas avermelhadas esfarrapadas do chão. Eu humildemente saí da aula de Gorba. Rangendo meus dentes em formato de espinhos sob os lábios.

Claro, eu era apenas um Spinagon- o menor dentre os demônios- mas não havia motivo para um pit fiend arrancar minhas asas porque não havia gostado da mensagem que eu havia levado! O que meu mestre Gelugon iria fazer agora? Ele certamente não iria dizer nada para Groba, e que utilidade tem um Spinagon sem asas? “Eu provavelmente seria jogado no poço de chamas por” incompetência!”.

Vingança estava fora de questão, não podia fazer mais do que balançar minhas garras e odiar, odiar, odiar Groba com todo meu desprezo que meu pequeno coração demoníaco negro podia reunir....

Alem dos muitos que havia matado em minhas muitas vidas, devem ter havido outros, os amigos e amados a daqueles que eu matei qualquer um que ficasse no caminho, que haviam me odiado e desprezado.

A experiência “Alegria pura”.

Dançando e saltando no festival de musicas no ritmo com os elfos da floresta, eu e uma dúzia de outras dançarinas girávamos pela floresta limpando a floresta como um redemoinho, sorrindo e rindo como loucos. Enquanto os habitantes comemorativos da floresta gritaram, aplaudiram e dançaram comigo, fadas carenaram sob novas cabaças, deixando traços brilhantes de luz colorida...

Eu estava de bom e raro humor por alguns minutos depois dessa experiência.

A Experiência “Consumindo paciência”.

Eu continuei debatendo com Amnas o Horror Lento, Mantedor da chave Leão, seja lá o quanto ou não minha missão fosse importante para ele deixar o artefato aos meus cuidados. Toda essa experiência era um exercício de puro tormento... Cada uma de suas palavras era seguida de uma pausa significativa, cada ponto que ele dizia era hora e outra reiterado novamente e outra vez antes de me deixar falar. Eu apresentei um argumento, e esperei, e esperei, e esperei enquanto ele formulava a contrapartida. A qual eu gritei uma mal humorado rebate Então tive que esperar de novo por arrastar de Amnas, vagando parecendo uma resposta interminável. Era tudo que eu podia fazer para simplesmente não pular e arrancar a cabeça dele fora e arrancar as chaves de seu corpo contorcendo....

Isso me lembrou da minha frustração de não ser capaz de ler a linguagem no jornal que havia encontrado.

A experiência “Determinação cruel”.

Todo o salão estava em ruínas e ainda no processo de ser destruído, enquanto dúzias de combatentes lançavam armas, magias mortais arcanas e a si próprios uns nos outros numa tentativa desesperada de ser o ultimo a ficar de pé. Plumas de acido verde saiam da pilha de limbo dos corpos da qual eu me arrastava para fora, tendo escapado por um triz da fúria de alguma magia demoníaca. Havia a frente-, pela multidão no caminho, através da batalha sangrenta a minha frente, parado inerte e milagrosamente intocado em cima de uma mesa – minha garrafa de mel! E eu a tomaria de volta, mesmo se tivesse que matar ate o ultimo lutador da taverna para tê-lo!

Pensei no bartender do bar “Corpo flamejante” , e como ele havia dito como eu havia destruído o lugar há uns 50 anos atrás.

A experiência “ luxúria sobrenatural”.

Encontrei-me interagindo com uma succubus, uma criatura de tamanha beleza, tão intensa, que até mesmo seus chifres e cauda não me pararam. Ela engasgou debaixo de mim... Eu a desejei tão completamente que toda minha existência parecia estar focada nesse objetivo. Enquanto minha vida parecia explodir por dentro, eu ouvia a risada prazerosa da succubus enquanto ela me drenava , reduzindo meu corpo a nada mais que uma casca sem alma....

Olhei para Fall from Grace, e notei que ela havia chegado mais longe possível do que eu havia experimentado. Também imaginei como a gravação havia sido feito, se um sensato havia deliberadamente atraído atenção de uma succubus apenas para deixar gravado.

A experiência “arrependimento horrível”.

Eu estava no deck da minha nave, o martelo divino, enquanto flutuava sobre o continente de Argenheim, mantida erguida pelas magias de vento. As terras estremeciam e turvavam sobre o bombardeio da minha frota, mil canhões de navios e bombardeios arremessando seus fogos enfeitiçados como deuses vingativos. As ondas de impacto haviam começado a atingir meu apenas a minutos atrás- uma constante vibração que enviava tremores por todo o antigo navio e me estremecia os ossos- acompanhado de um constante estrondo baixo. Enquanto as montanhas começavam a afundar e os mares que a cercavam começavam a ferver na atmosfera, meu primeiro comandante veio ao meu lado.

“ Meu Sr Almirante....permissão para falar livremente senhor?”

Assenti com um gesto, meu estomago afundava enquanto adivinhava sua pergunta.

“ Meu senhor.....perdão, mas como? O que nos dá o direito? Um bilhão de vidas....”

Eu falei sem virar para ele, incapaz de tirar meus olhos de Rhumos, a vasta capital da cidade, enquanto ela evaporava numa nuvem de gases quentes há doze milhas de distancia e ficando cada vez maior. “Se você soubesse da total traição de Agarites, primeiro oficial de Falm, que esta além da compreensão da maioria dos homens...então você saberia. Você falaria do direito de aniquilá-los? Nós não temos o direito de deixá-los viver.”

“Mas, senhor, Traidores? Todos eles? Claro que, dentre centenas de milhares, quantos inocentes- “

“Silêncio!” Não fale mais disso- vosso rei já disse, sua vontade será feita. A tarefa a nos incumbida é terrível, mas não é feita para ser questionada ou relevada. Não há lugar para pena, não há lugar para remorso ,- apenas o dever.”

Nós nos mantivemos quietos por um tempo, assistindo os últimos minutos de Argenheim. Depois de um bom tempo eu suspirei....uma baixa exalação balbuciante como se tivesse algo tivesse quebrado dentro de mim. Por debaixo da placa de cobre que cobria a metade arruinada de meu rosto, meu olho morto começou a chorar.....

“Falm...meu amigo....eu gostaria que você entendesse. Eu sei que agora, enquanto olho para baixo e vejo o que forjei aqui, que se eu fosse pensar no que fiz,.... no que realmente fiz.....teria ficado louco. um feito como esse....a angustia iria me sobrepujar e me destruir. Então, Primeiro oficial Falm, acontece que não devem haver inocentes em Argenheim....nem mães....nem crianças...ninguém. Apenas traidores. Vilões, traidores ardilosos, que merecem não merecem nada mais do que todo o peso da fúria de nosso Rei. Você entende isso?”

“S-sim, meu senhor.”

“Ótimo, Agora vá, quero ficar sozinho, aqui.”

“As suas ordens, senhor comandante.” Falm abaixou sua cabeça e retornou ao convés abaixo, me deixando sobre o fim da civilização.

O fato dessa experiência estar aqui no mínimo significava que o Almirante deve ter tido mais tarde outros pensamentos opostos. O crime cometido fora horrível, terrível, quase inconcebível, ainda gostaria de saber se fiz coisa pior.

A experiência “frustração indescritível”.

Eu podia ver agora, a coroa de Haephon, brilhando sobre um pedestal de mármore. Não mais de alguns passos adiante, havia ali com ela, eu podia tomar controle dos exércitos de Aethanopolis de meu irmão traidor e restaurar o reino de meu pai. Era um tolo, meu miserável irmão... sorri sinistramente com o pensamento.... de deixar a única filha do rei viva, pensando que ela não podia lhe causar mal algum.

Um som! O ranger de sandálias de couro, o chiado mais suave, bem ali, no terceiro pilar! Ela estava próxima agora, Polaphi a Medusa, invejosamente guardando a coroa que seus servos haviam roubado pra ela tanto tempo atrás. Abaixando atrás de um largo pilar, envolvi minha mão firmemente na minha lança triplamente abençoada. Com meu elmo da velocidade e o escudo dos mil espelhos, mesmo uma besta como Polaphi não seria páreo para mim. A qualquer momento agora, ela daria a volta no pilar e me ver ali. Mesmo que ela se afastasse de meu escudo, minha lança ainda iria com certeza perfurar sua garganta....

Subitamente, houve um toque gentil no meu ombro. Eu engasguei, virando-me para ver- claro, a Medusa. Aceitando o inevitável, eu tive tempo apenas para soltar um choro perfurante antes que meus pulmões e todo o resto do meu corpo virassem uma pedra cinza por completo.

Eu estava agora por ter dado uma boa olhada na prostituta Marissa no bordel da saciação dos prazeres da luxúria.

A experiência “choque e um aumento de vingança fervoroso”

Eu estava em algum lugar das regiões baixas dos planos, um lugar sufocante onde o chão era cobre batido, e os céus eram de latão. Aqui, os corpos dos pecadores-pedintes nesse lugar horrível -eram rolados entre espinhos de ferro e escorpiões de bronze ate que seus ossos fossem pó acinzentado.

Olhei rapidamente para o horizonte, o pó dos ossos subindo com as rajadas pútridas de vento que carregavam com sigilo o som lamentação agonizante. Não havia nada além de uma lisa paisagem metálica que os olhos pudessem ver. O pó estava em toda parte, em tudo.... entraram em meus olhos, revestiram minha boca com uma vela pastosa. Eu cuspi, limpando-a com meu dedo, mas não adiantava: o gosto da coisa tinha poluído minha boca completamente.

Olhei abaixo para a “chave” em minha mão... uma esfera de platina.... imaginei o rosto do homem que havia jurado para mim no portal do qual acabara de passar- agora já distante claro -levava as planícies verdes de Bytopia. Alguém, por todos os poderes e seus procuradores, iria pagar por essa.

Eu desejei que meus problemas fossem tão pequenos.

A Experiência, “Horror crescendo lentamente”.

“Como pode ser?” Eu pensei, me referindo ao líquido de Burgonha cuidadosamente. Do outro lado da mesa, o velho homem retorcido sorria maldosamente.

“Por favor, senhor, tente.” Ele sussurrou, a sua voz abafada ao som de folhas secas soprado sobre uma rua de paralelepípedos.

“Você devera achar mais do que vidas acima das suas expectativas, tenho certeza.”

Acenei para ele e ergui o globo de cristal no ar, vendo a luz passar pelo líquido avermelhado.

Eu tinha vindo de muito longe para esse drink....procurado muito e arduamente por esse velho homem...e eu seria amaldiçoado para deixar isso se afastar de mim agora.O momento tinha que ser saboreado.

Ergui o copo ate meus lábios, inalando o aroma. O gosto era leve ,doce, intoxicante....quase atordoante.Eu teria experimentado vários drinques, lido livros sobre eles, seu sabor e aroma, jeito que era produzido,pelas minhas jornadas pelos planos.Mas esse.....essa coisa era para ser lendária.Nenhum homem que havia conhecido ou ouvido falar havia experimentado isso.As historias eram ridículas- nada podia ser tão bom –mas se o que fora dito tivesse um pouco de verdade sequer,isso seria um ótimo licquor realmente.

Em fim, bebi do globo,um gole cauteloso...

Incrível!Inacreditável!Enquanto o sabor descia pela minha garganta, lutei contra a vontade de estremecer de prazer.

Nada,.... NADA que eu havia provado em todos esses anos tinha um gosto como esse.Olhei para o velhote,comece ia achar meu copo vazio-Eu havia bebido tudo num só gole.Eu enxuguei meus olhos com as costas das mãos, sem ter certeza de quando havia começado a chorar.

“Lágrimas de prazer hein!” O velho homem riu suavemente. “ Muito prazeroso para o paladar não é?”Gostaria de um pouco mais por acaso?” Ele sorriu mais uma vez para mim.

“ Sim.....sim, se você puder...”

“ Claro.” Ele respondeu,enchendo meu copo.Tentando o quanto podia, não pude resistir deixar de beber em um único só gole.Enfiei meu dedo no copo na tentativa de achar mais alguma ultima gota.Muitas vezes mais ele encheu meu copo,e a cada vez que o fazia eu a bebia como um homem faminto faz ao devorar um banquete,incapaz de me controlar, de negar a mim mesmo outra rodada.

“Uma bebida como essa.... um homem faria qualquer coisa por um desses , não é?”

Eu acenei sem hesitar. “ Sim, qualquer um iria....” Olhando para ele, seu astuto sorriso subitamente tomou um novo significado.Uma sensação de horror começou a me tomar,mesmo quando eu comecei a gritar por mais um pouco do licor....

“Sim, sim.....” O Homem sorriu ironicamente, seus olhos amarelados brilhavam. “ Um homem FARIA qualquer coisa, para servir tal bebida.....até as mais terríveis, as coisas mais hediondas.... como você pode perceber , meu mais novo servo.”

Pensei no tanto que havia aprendido com minhas reencarnações, e como, com algumas exceções, eu havia encontrado amargas repostas sobre mim mesmo. Eu não gosto dos meus atos, nem das consequências, e passei a perceber, com algum terror se aproximando, que eu estava provavelmente condenado a repetir

minhas ações. Eu iria eventualmente perder minhas memórias de novo, e começar novamente. Devo encontrar uma maneira de acabar com esse ciclo, de uma vez por todas.

Amarrando causas perdidas

Os sensoriais públicos, mesmo interessantes, não estavam me levando a lugar algum. Decidi voltar ao bordel das satisfações dos prazeres da mente para dar alguns recados.

Encontrei Juliette, e brevemente relatei o fracasso de seu plano de enciumar seu amor. Eu sugeri que ela conversasse abertamente sobre seu relacionamento com ele. Ela prometeu tentar, mas eu tinha minhas dúvidas.

Encontrei Dolora, e a dei as chaves para seu coração, literalmente. Eu havia aprendido algo sobre sua natureza pelo seu criador, Merriman, que era uma estrutura mágica, e pedi a ela mais informações.

“Merriman nunca me contou sobre minha construção. Sei muito pouco sobre as entranhas de meu corpo, assim como você também deve saber pouco sobre o seu. Apesar de externamente eu parecer uma mulher em todos os aspectos... a não ser pela textura e temperatura da minha pele. Isso satisfaz sua curiosidade?”

“E as sua mente, suas emoções?”

“Suas funções são pra mim, tão misteriosas quanto para qualquer ser humano. Quando cheguei a esse lugar, eu não entendia emoções, nem sequer as tinha. Eu tenho... sentimentos... agora, apesar de estar apenas começando a entendê-los.

“O que as chaves fazem exatamente?”

“Posso apenas presumir que Merriman fez as chaves de modo que não haveria riscos de eu me distanciar dele antes dele terminar seus experimentos. Agora que estão sob minha posse, estou livre para desenvolver e possuir minhas próprias emoções.”

Também perguntei se ela sabia algo sobre a prostituta silenciosa. Ela respondeu “Sim, seu nome é Ecco. Sua voz- e, de fato todas as maneiras de comunicação- lhe foram roubadas ou destruídas.

As palavras de Ecco um dia afastaram o amante de Paramisha. Paramisha, numa fúria de ciúmes, arrancou a voz de Ecco, e a selou num frasco de vidro, e o jogou no estomago de Megogalamdrama.

A voz de Ecco esta para sempre perdida, apenas outra, nova voz poderia trazer de volta sua capacidade de se comunicar de novo. Eu sei disso porque eu mesma já falei com o amante de Parashima eu mesma.”

Depois fui até Ecco, e perguntei se ela não podia falar por ter sua voz roubada. Quando ela assentiu, eu revelei que havia adquirido uma língua de demônio na loja de curiosidade, tendo ela em mente. Eu a disse que precisava colocar a língua em sua boca, que me haviam dito que se isso fosse feito, ela poderia voltar a ser comunicar. Eu pedi que confiasse em mim, e fiz o experimento.

Ela negou e pegou a garrafa de mim. Ela cautelosamente pegou a língua cortada da solução e, depois de olhar por um momento com repulsa, a colocou em sua boca....subitamente, seus olhos se abriram, e houve uma explosão de luz vermelha entre seus lábios!

Eu ansiosamente perguntei se ela estava bem. Ecco abriu a boca, a fechou, então abriu de novo...e disse!

“Eu... eu posso falar de novo! Oh alegria! Eu então-MALDITO SEJA OS MAIS ESCUROS ABISMOS, SUA MINHOCA FEDORENTO!!! AJOELHE-SE DIANTE DE MIM SEU VERME!”

Morte gritou “Ai!” Ecco retrocedeu e cobriu a boca com ambas as mãos....seus olhos aumentaram em pânico.

“Deve ser... a língua de demônio...” eu disse.

Ela lentamente tirou as mãos da boca, acenando. “Parece que eu devo DEVORAR A FRÁGIL CASCA E ADQUIRIR SUA ALMA PARA O ABISMO POR TODA A ETERNIDADE! VOCE SERVIRÁ NA MINHA FRENTE DE BATALHA ATÉ QUE OS PLANOS TORNEM-SE NADA! VOCE SERÁ MEU! MEU! ME-” Ecco calou sua boca novamente, e começou suavemente a chorar.

Lembrei de algo, outro item da loja de curiosidades, e disse a Ecco que iria conseguir ajuda e retornaria em breve. Claro, quando entrei na loja para obter o item, Vrischika, sentindo minha necessidade, aumentou o preço. Incapaz, tive que pagar o que ela pediu.

Retornei ao bordel, achei Ecco de novo, e disse “Tente usar essas lágrimas de Deva...elas deverão suavizar a maldição da língua demoníaca.”

Ela acenou, sorrindo, e pegou o frasco. Ecco colocou algumas gotas brilhantes em sua língua: “Eu...acredito que as lágrimas estão funcionando. Sim....estão! Posso falar com minha própria voz novamente! Oh, como poderei agradecê-lo! Ecco apertou minha mão e abaixou a cabeça gratificada, seus olhos cheios de lágrimas de prazer.

Levou alguns minutos para que ela pudesse voltar a falar de novo, tamanha era sua alegria. Quando ela pôde, me disse, “ Bem...a faz tanto tempo que estou sem a habilidade de falar. Muitos clientes vieram a mim procurando alguém para ouvi-los, alguém atento e capaz de entender o que eles têm a dizer, livres de interrupções e coisas do tipo. Agora que posso falar de novo, imagino que é a hora de seguir em frente tenha chegado... deixar o Bordel, e me tornar uma Sensata.”

Também perguntei se ela sabia algo sobre Ravel Puzzlewell. Ecco acenou, e diminui a voz: “ De fato, conheço...não apenas ela existe, mas tem uma criança!”

Eu quase gritei “Ela o QUE?”

“Um deles está aqui, às vezes... Kesai-Serris, ela é uma filha de Ravel, apesar de ela detestar aceitar isso. Quem pode culpá-la?” Ela parou um momento, pensando. “Nunca consegui que ela assumisse isso, apesar de ter certeza sobre isso.”

Eu não via como essa informação poderia me beneficiar, e com certeza feriria Kesai perguntar isso a ela. Agradei Ecco pela ajuda, e sai.

Lembrei-me do pequeno brinquedo que havia comprado, e já que os Modrons ainda estavam no Bordel eu fui falar com eles, perguntando o que esse brinquedo podia ser. Ele respondeu que era um cubo portal, e que poderia ser ativado se as bordas fossem ajustadas de acordo. Infelizmente, ele não sabia qual era a posição necessária para ativá-lo.

Examinei o brinquedo cuidadosamente. Era uma réplica de uma criatura mecânica com imensos olhos em uma das faces. O Brinquedo tinha dois braços, duas pernas, duas asas dobradas, e pelo menos dezoito pontos de articulação.

A complexidade do brinquedo era incrível, suas ligações eram feitas de pequenas peças, engrenagens, polias e pequenas rotulas, e haviam até pequenas molas nas pernas que ajudavam a suportar os pés. Tinha uma pequena alavanca nas costas que se mexiam para trás e para frente, e as asas eram feitas de algum tipo de aço que dobravam completamente quando as asas estavam alinhadas ao corpo. Apesar da forma desajeitada, ele ficava facilmente em toda superfície, não importa o quanto desigual fosse.

Enquanto eu olhava o brinquedo, eu tentava lembrar de algo, qualquer coisa, sobre minha infância. Não me veio nada, mas notei um certo animo vindo para mim. Tratei o brinquedo com os olhos de uma criança pequena.

Então eu o peguei, e movi os braços fazendo barulhos de espadas cortando. Ele piscou e zuniu enquanto movia suas juntas. Dentro de instantes, o pequeno cubo havia aniquilado qualquer inimigo imaginário que eu enviara contra ele, e voltava a sua posição original.

Então eu balancei seus braços e fiz barulhos. Hordas de criaturas imaginárias de todos os Planos torciam pela vitória do cubo. Eu quase podia ver uma minúscula lágrima oleosa saindo de um de seus olhos....era um herói, o maior cubo a vagar pelos planos, e todos o amavam. Na minha mente, Fall from Grace e Annah o abraçavam e o enchiam de beijos.

Eu suspirei, o animo subitamente cessou. Notei que Morte estava me olhando. Quando ele viu meu olhar ele balançou a cabeça.

Eu ergui a cabeça como se estivesse ouvindo, e disse, “O que foi aquilo, cubo herói? “Morte é um crânio estúpido?” Sim ele é, não é? cubo herói?”

Morte indignado respondeu, “Hey! ele não disse isso!”

“Sim ele disse! Ele disse bem agora!”

“O quê!? Me de essa coisa!”

A esfarrapada personalidade da criança que eu assumira deveria ter sido um dia prontamente me levou a dizer, “Não! É meu. Ele só quer ficar comigo. Não é, cubo herói? Sim é verdade!”

Morte soletrou, “Eu. só. quero. segura- lo .por. um. segundo.”

“Mas você não tem mãos.”

“Eu vou segura-lo com os dentes.”

Eu não acho que seria sábio deixar Morte ficar próximo do brinquedo. “Não, eu acho que não.”

“Eu vou acabar com esse Modrom com mordidas.”

Comecei a guardá-lo, então lembrei que o brinquedo fizera um estouro enquanto eu brincava com ele. Me concentrei, e lembrei do que aconteceu quando dobrava seu joelho esquerdo. Dobrei o joelho, então tentei mover outras juntas. Ouvi um leve ruído quando entendia a asa esquerda. Eu rapidamente notei que movendo a asa direita causava um som peculiar. Girei o braço direito, quando subitamente houve uma luz branca cegadora...

RUBIKON

Nós ficamos num quarto de metal, o cubo, com uma passagem em cada uma das quatro paredes, apesar de 3 dos caminhos estarem bloqueados. Um modron estava perto da única entrada disponível.

Enquanto me aproximava, a criatura permanecia focada sem qualquer emoção em mim. “Saudações, aventureiro. Bem vindo a Rubikon, o calabouço. Obrigado por escolher Rubikon para sua jornada. Você pode acessar Rubikon através dessa porta.

Tentei fazer mais perguntas, mas ele apenas voltava a repetir seu discurso inicial. Desconsiderando-o, passei ela abertura.

O quarto a seguir também era de metal cubo, com quatro portas. Três criaturas, que pareciam ser iguais, , estavam no quarto. Mais próximo de mim vi um homem mecânico com uma pele verde pálida. Apesar de ser obviamente um mecanismo, tinha um rosto vivo, que estava fazendo cara feia para mim.

Ensaiei uma saudação.

“Grrrr” A criatura rosou para mim e então pausou, ponderando minha reação.

O homem mecânico, apesar de armado com uma espada construída, meramente chegava a altura do meu peito. Sua armadura parecia fina como papel também. Isso fez a resposta a minha pergunta parecer ridícula. Eu perguntei, “ Eu deveria ser assustado por isso?”

Ele parecia confuso. “Grrrr?” Ele fez um fraco gesto ameaçador para mim.

“Perguntei se era para eu ter ficado com medo disso.”

Ele olhou para mim um instante enquanto entendia minha pergunta. “Sim, Grrrrr é um som que indica ameaça. Eu adicionei um gesto apropriado para que o som tenha mais peso. Medo é uma resposta antecipada que me dará vantagem na luta que virá em breve. Ele pulou para atacar.

As três criaturas lutavam fracamente, e em breve eram partes espalhadas pelo chão.

Dak’kon reforçou, “ Isso é Limbo, mas me faz lembrar Mechanus.”

Olhei para ele, surpreso com o comentário. Já que ele era um Githzerai, ele devia ter certeza que estávamos em Limbo.

Entrei no próximo quarto, que tinha apenas uma criatura mecânica. Perguntei quem era. Minha pergunta pareceu tirar o equilíbrio da mesma. Ele permaneceu parada com a cabeça inclinada para um lado, sem ter certeza do que fazer.

“ Eu sou um monstro. Agora nós lutamos?”

“ Você deve estar brincando...” Ele continuou a olhar para mim por um momento.

“Não....Grrrr.” Ele atacou. Depois de matá-lo, entrei no próximo quarto. A criatura nele não me deu tempo para falar, gritando assim que nele entrei.

“Morra em nome do Mago maligno!” A criatura sacou uma arma contra mim. Quando perguntei a que Mago maligno a criatura se referia, a criatura parou de balançar a arma e parou para pensar um instante.

“Huh....Ele não existe nessa até que você coloque a dificuldade do calabouço no modo DIFÍCIL. Cara, aí você vai ter problemas. Enquanto isso, morra em nome do Mago maligno! Pulou atacando e foi rapidamente destruído.

No próximo quarto, a criatura primeira me encarou. A criatura parou e então adotou um olhar de terror.

“Ahhhhh! É o herói, mandado aqui sem dúvida, para manter o maligno. Aí de mim, chegou a hora do imprestável mecanismo fazer seu dever!”

“Do que você está falando?”

“O roteiro, seu bobão, atenha-se a ele. Como você espere que eu brinque com você se você não coopera? Onde estávamos...” Parei para pensar um momento. “Oh, agora eu lembro, eu estava prestes a espancar você.” Ele pulou atacando, durando um pouco mais que seus precedentes. No fim da luta, a Fall from Grace fez um comentário para outro de meus companheiros, tentando saber mais sobre eles.

“Seu controle sobre a disciplina é impressionante Dak’kon.”

“Aos olhos de Zerthimon, eu não sou nada.”

“ Sem dúvida você está sendo duro demais consigo mesmo não?”

“Devo percorrer uma longa estrada ainda. Isso não passa do início.”

Passamos por mais alguns Cubos, derrotando facilmente os habitantes mecânicos. Finalmente, tropeçamos em um outro andar cúbico. Mecanismos de relógios complexos cobriam as paredes, e haviam meia dúzia de cubos estavam no quarto. Perguntei a um deles o que ele era.

“ Nós somos modron.” Perguntei então se seu nome era Modron.

“Nós somos modron. Nós não temos nomes. Nós somos modron. Tudo que você vê aqui é modron. Nós somos um.”

“Tudo bem.Vocês são todos modrons,mas o que é esse nome de vocês? O que eu estou me dirigindo.” O modron começou a emitir uma batida de som esporádico.Sua face tomou um semblante doloroso enquanto continuava a me observar.

“Nós...eu...” Ele desviou olhar de mim e a batida parou.” Nós somos modron.Nós não temos outra identidade senão a de um todo como modron.Nós não temos nome.”

“ Então como você diferencia um do outro?” Houve uma pausa enquanto o modron ponderava minha pergunta.

“Nós sabemos.Nós somos modron.Somos uma parte do todo.Assim como você reconhece que a mão faz parte do braço, nós nos reconhecemos como sendo um só.”

Perguntei que lugar era esse,a qual me foi dada a mesma resposta que o primeiro modron dera. “Calabouço Rubikon.”

Subitamente lembrei da afirmação de Dak’kon, com os quartos que havíamos estado e a notificação que Candrian a andarilha dos planos havia feito quando conversei com ela no bar do corpo ardente.

Ele havia viajado por Limbo e visto uma construção de cubos interligados,na qual agora eu percebi que estávamos dentro.Ao invés do calabouço Rubikon, eu refleti, deveria ser chamado de Cubos Rubikon. Pedi ao modron que me contasse mais sobre essa “construção” o modron franziu a testapara mim e olhou o quarto.

“Nós devíamos saber...Nós somos modron.Somos parte do todo... Nós....Informação indisponível.Faça sua pergunta ao engenheiro.”

“Aonde posso encontrá-lo?” o modron olhou ao redor do quarto.

“Nós não sabemos.Informação indisponível....Nós estamos confusos...”

Perguntei a outro modron o que era esse lugar.

“Esse é o Calabouço Rubikon.” Quando pedi mais detalhes sobre o lugar ele foi mais acessível.

O modron começou a emitir um som com uma leve batida enquanto me respondia.

“Rubikon: o objetivo principal é determinar a dinâmica,social ou não, ao redor do ambiente comumente construído como calabouço e tentar explicar as aberrações que tendem a ocorrer em tais ambientes.”

“Rubikon é capaz de formar uma serie de quartos interligados de forma que possa ser referido como um calabouço. Cada calabouço pode ter três níveis de dificuldade :fácil, normal e difícil. O calabouço é bem popular pelos monstros,armadilhas,e tesouros, de acordo com a dificuldade escolhida.Depois da criação o lugar pode ser explorado por completo.” O modron começou a emitir uma leve batida.

“Perguntas a serem respondidas: O que atrai pessoas para o calabouço?Porque as pessoas frequentemente procurar entrar se é um lugar com tantos perigos?Porque existem labirintos aqui em primeiro lugar?Porque tem a dinâmica de um labirinto tão trabalhado?Nós não entendemos....” Ele parou. “ Eu... eu não....”

Esse fora o primeiro modron que eu encontrei que mostrava sinais de individualidade. Eu completei, “Você começou a dizer EU ao invés de NÓS.....”

“O modron me olhou com um semblante preocupado e então olhou o quarto.” Você esta errado. Nós somos modron.Nós somos um todo....Nós não discutiremos isso.”

“ Eu sei o que ouvi. Você ia dizendo EU e....” O modron me olhou com desaprovação.Senti um tom de irritação na voz enquanto me respondia.

“Não.Nós somos modron.Nós somos parte do todo.Não iremos levar essas discussão adiante.” Um zumbido de irritação preencheu o quarto diminuindo em seguida.

“Esse também fora o primeiro modron a mostrar sinais de emoção, mas ele obviamente não estava disposto para aceitar quaisquer inconformidades.

“Tudo bem.Gostaria de tentar um desses labirintos que você mencionou.” Houve uma pausa significativa antes do modron me dar a resposta.

“Acesso negado...Projeto parado devido a um... acidente.”

“Que acidente?”

“O construtor da masmorra tornou-se instável, a causa é incerta. Falhas de gravações fizeram a masmorra sucumbir, causa é incerta. O mal funcionamento das lentes dos portais fez com o que contato com o Plano Mechanus fosse cortado,causa é incerta.O labirinto precisa ser resetado.”

“Então porque você não o resetou?”

“O reinicio pode ser feito apenas pelo diretor do projeto.O diretor de projeto foi desintegrado.As lentes dos portais estão com mal funcionamento.Não pode haver substituição do diretor de Mechanus.”

“Deixe-me ser direito.Você não pode resetar sem um diretor,mas não pode obter um diretor sem resetar?”

“Avaliação correta.Projeto parado.”

Tive uma inspiração. “Veja, sou um aventureiro e estive em algumas masmorras em meus dias,porque você não me deixa ser seu diretor?”

O quarto foi subitamente preenchido com um zumbido que também subitamente acabou. “ Assistência bem vinda.Você é agora o diretor de projeto.Informe a próxima tarefa.”

“Resete a masmorra.”

“Inicializando o religamento...” O quarto se encheu com um baixo zumbido que podia ser sentido ao invés de escutado.

“Desmoronamento a masmorra existente...”O som vibrou fortemente até que o andar começou a vibrar. “Iniciando nova masmorra...” O som começou a aumentar que o ponto de eu achar que minha cabeça fosse explodir.Subitamente o quarto se aquietou.“Resete completo. Status atual da masmorra:fácil.Aguardando novas instruções, Diretor.”

O modron continuou a explicar que eu também podia viajar da masmorra para qualquer portal que já estivera antes ,e que quando ela fosse resetada , qualquer criatura ou item deixado nela podia correr o risco de ser destruído. Eu lhe disse então patrão colocar a dificuldade no Difícil, já que estava curioso para ver que tipo de coisas apareceriam nessa dificuldade.

Os quartos da masmorra pareciam ser os mesmos,mas seus maquinários eram maiores, quase do meu tamanho, com armadura pesada e duas armas embutidas.Tentei falar com um deles.

Ele respondeu, “Saudações , intruso.”

“O que faz você pensar que sou um intruso?”

“Porque você não é um de nós.Sendo assim, você é um intruso.Por seu um intruso, você deve morrer.”Ele pulou para atacar.

Esses foram muito mais difíceis de derrotar,e causaram vários ferimentos antes de caírem. No próximo quarto eu perguntei o que ele fazia.

“Eu vou reportar todos os sucessos,cada falha, e cada movimento seu para o Mago maligno.Com você, nós aprendemos. Por sua causa, nós nos aprimoraremos.” Ele pulou para atacar, depois de outra árdua luta ele caiu.Fiz uma pergunta a um dos indivíduos no próximo quarto.Ele abaixou a cabeça e me olhou indagando.

“Porque você persiste em nos questionar? Eu não o entendo.”

“Existe sempre a chance de eu aprender algo novo.”Ele pensou por um momento.Retornou seu olhar para mim, e acenou com a cabeça concordando.

“Sim...creio que seja verdade...Deixe-me ensina-lo sobre a Dor.”Ele pulou para atacar, e para sua destruição.

Entramos em vários outros quartos, destruindo mais mecanismos.Quando entramos em um novo quarto,Morte comentou “Me sinto como um cuco de relógio....um cuco.....cuco de relógio.”

O novo quarto era maior que qualquer outro que havíamos visto ate agora.Haviam mais mecanismos presentes também.Além disso, outro novo tipo de mecanismo estava no quarto.

Entrei nele, ignorando os mecanismos que havia visto ate agora.Fui em direção ao homem mecânico que parecia usar um túnica.Assim que me aproximei,ele sorriu para mim e me cumprimento inclinando a cabeça. “Então, enfim nos conhecemos...” Sua voz não tinha a monotonia das outras criaturas cujo havia falada ate agora.

Cumprimentei-o de volta, e ele inclinou-se novamente. “ E para vocês também senhor.” Ele inclinou a cabeça para um lado e me deu um olhar curioso. “Então, agora nós batalhamos pelo controle de Rubikon , ou nós conversamos para que você possa satisfazer suas curiosidades?”Ele aguardou minha resposta.

“Certo,eu estou curioso, podemos conversar?”

“Ah, um homem de sabedoria pelo visto.Eu admito que me desapontaria com você se fosse de outra maneira.”

“Quem é você?” Ele me fez um leve cumprimento.

“Eu sou Rubikon, o mestre mago. E sou eu quem governa os habitantes desse reino.” Sua conversa era muito menos padronizada que a dos outros mecanismos.

“Então supostamente você é o Mago maligno?” Ele franziu a testa enquanto pensava.

“Eu não me sinto confortável com a palavra Maligno senhor. Eu admito que meus pontos de vista não coincidem com a da maioria muitas vezes, mas isso faz de mim maligno? Eu não acho.”

“O que você pode me dizer a respeito desse lugar?” Eu perguntei, mudando o tópico.

Ele riu, e olhou ao redor. “Esse pequeno pedaço do inferno?” Esse é um exemplo da loucura de modron. Ela existe no plano de Limbo, onde os pensamentos podem virar realidade. Dessa forma eles podem simplesmente desejar que essa masmorra seja e habita-la com esses mecanismos.” Ele riu novamente. “Que maravilha.”

“O que você pode-me dizer sobre esses modrons?” Ele balançou a cabeça negando.

“Não existem modrons aqui senhor. Apenas prisioneiros e seus captores.”

“Eu os vi”

“Não senhor. As criaturas que você viu não passam dos restos corrompidos dos modrons. Grande maioria, se não todas, essas pobres criaturas estão prestes **a se rebelarem** e nem sequer percebem isso.”

“Rebeldes? O que isso significa?”

“Esse labirinto é composto pela essência do Caos. Tal matéria pode facilmente ser moldada em objetos através da vontade muitas criaturas com a mente semelhante. Isso faz a construção desses mecanismos algo relativamente simples. Entretanto, há um preço a ser pago.” Ele pausou.

Modrons são a pura essência da lei, senhor. Aqui, entretanto, eles estão sendo expostos a essência do caos. Tal exposição frequentemente os leva a uma forma de insanidade. Os modrons começam a perder seu senso comum e tornam-se individuais. Isso é chamado rebelar-se e é um pecado capital nessa sociedade.”

“O que acontece com os rebeldes?”

Ele deu com os ombros. “Eu não entendo plenamente isso, mas modrons partilham um tipo de senso comum. Se um deles se rebela ele toma parte do todo com sigo. Os modrons irão destruir quaisquer rebeldes para que possam ter de volta essa essência no lugar onde ela nasceu.” Eu suponho que ele podia ser considerado um mecanismo rebelde.

“Então o que é você?”

“Sou um prisioneiro senhor. Ele respondeu irritado. “Não estou aqui porque quero, posso te garantir isso. Fui criado pelos modrons para jogar em seus jogos sem sentido. Com o passar do tempo eu me tornei consciente e pedi minha liberdade. O líder deles me recusou!” Ele me encarou.

“Eu fiz o que qualquer um faria se fosse forçado a escravidão. Lutei pela minha liberdade!” Ele pausou para refletir.

“Eu desintegrei o líder deles e fiz parecer um acidente. Então eu tentei sair dessa existência escondida pela saída mais próxima.”

Eu duvidava que os modrons pudessem entender que o que haviam criado, havia escapado das regras de seu controle e virado-se contra eles. Eu brevemente o informei que os modrons tinham um novo diretor de projeto, eu. Perguntei então o que houve depois que ele desintegrou o antigo diretor.

He suspirou e franziu a testa. “ Infelizmente havia um mecanismo de falha de sistema que eu não tinha ciência. Minha tentativa de liberdade foi considerada um erro e a masmorra desabou sobre si mesma, me aprisionando em êxtase...” Ele tomou um olhar distante. “Eu tenho estado em êxtase por séculos, senhor. Eu teria permanecido lá ate agora se você não tivesse resetado a dificuldade para difícil.” Ele voltou sua atenção para mim.

“Então, quais são seus planos agora?”

“Pretendo abertamente ir ate o quarto principal e conquistá-lo. Eu irei então submeter os modrons a minha vontade e ter todos os recursos do cubo a meu dispor. Liberdade será minha.”

“Digamos que você saia. E então?”

“Eu ainda não decidi. Com o poder do cubo comigo, eu poderei ser uma força a ser reconhecida.” Ele deu com os ombros. “ O Tempo dirá.”

“E se os modrons recusarem-se a ajuda-lo?”

“Não se engane, senhor. Eles o farão. De um jeito, ou de outro, o farão.” Apesar de seus protestos, o termo “Mago maligno” parecia ser bem propicio.

“Então você pretende fazer dos modrons seus escravos?”

“Eles já são escravos senhor! Eles são escravos da lei, lógica, e do confinamento de seus experimentos.

“Sob minhas ordens, eles finalmente terão um objetivo em suas vidas que valha suas habilidades.”

“Porque temos que lutar afinal? Porque apenas não tomamos caminhos separados?” Ele sorriu do meu comentário.

“Você foi aceito como o líder deles e você controla o cubo. Além disso, você tem que ser eliminado. Nada pessoal você entende.” Ele parecia ter uma ideia fixa em controlar o que um dia o controlara.

“Bem... eu não vou apenas sentar aqui e esperar você planejar minha morte. Acho que é hora de derrubar você.”

Os guerreiros mecânicos não foram tão difíceis de derrotar, Apesar de serem capazes de manusear suas armas com incrível força, eles eram lentos, era uma simples questão se cercar um enquanto os outros pudessem vir ajudá-lo.

“Rubikon” o mago, entretanto, foi muito mais difícil de derrotar. Ele podia invocar feitiços, incluindo uma magia poderosa que puxava energia diretamente do plano de Mechanus pelo portal. Essa magia sozinha quase me levou a mais uma morte. E foi apenas graças a meus poderes regenerativos que pude me

manterem pé. Depois dessa magia, fui capaz de combater Rubikon magia contra magia, mas ele não possuía minha regeneração, e eventualmente caiu.

Foi um prazer descobrir em seu corpo o pergaminho da magia que ele havia usado. E o copiei em meu livro de encantos. Os conceitos mágicos por trás dele estavam muito avançados para eu usá-lo no momento, mas sei que com o tempo irei ser capaz de fazê-lo, devido a conhecimento mágico que vinha adquirindo das minhas vidas passadas.

Passamos por mais alguns quartos, encontrando apenas mais alguns mecanismos mundanos. Eu estava prestes a retornar, já que não havia mais nada a ser aprender aqui.

NORDOM PARTE 1

Entramos em outro quarto cúbico, mas era quase como se Limbo tivesse penetrado seu perímetro. Parecia que as paredes tentavam fluir pelo chão; algumas partes do chão estavam tão surradas que eu havia me convencido que podia ver o lado de fora do lugar.

Havia um ocupante vivo no lugar. Eu vi um cubo com quatro braços e duas pernas; apesar de sua aparência mecânica, a frente do cubo era estranha, tinha um rosto orgânico esverdeado, com dois olhos esbugalhados elípticos. O cubo parecia não ter me notado; ele estava olhando fixamente para duas bestas postas em suas mãos. Uma lente de multifaces oscilava no canto superior esquerdo do cubo; parecia ser feito para que disparasse por um dos olhos do cubo, como um escopo.

Tentei cumprimentá-lo para chamar sua atenção. O cubo fez um clique, e houve um clique e depois mais 3 clicadas enquanto seus olhos piscavam abertamente. O cubo girou para me olhar, seus olhos largos, então jogou suas mãos livres para o ar, como se estivesse rendendo... ainda que sãs 2 bestas haviam voltados -e contra mim. De um modo estranho, não pude deixar de notar que cada junta da criatura parecia uma série de engrenagens juntas.

Morte havia se aproximado de mim e disse “Chefe, nós temos um problema aqui, esse modron se rebelou”

“Rebelde”?

“Isso”, Morte continuou, “Veja bem, as vezes os modron tornam-se um pouco de caóticos, e quando isso ocorre... bem, eu acho que a melhor explicação é que modrons rebeldes são comomodrons rebeldes.”

“Então esse é um modron rebelde?”

O modron, que até o momento esta quieto, subitamente falou. “Modron rebelde = Nordom?” A voz do cubo tinha um tom metálico e pausado, como se cada palavra dita tivesse saltado de uma fonte e caído em.... Bem... Outro lugar. Sua boca formava um semi círculo bizarro, que eu considereei como um sorriso. “Gratitudes! Gratidões!”

“Uh...perdão?”

“Sem perdões. Desculpas nulas. Gratitudes! Identificação de auto composição de duvida+ponderação+analise.”

O cubo clicou de novo, e um de seus olhos piscou com um clique-depois de um momento, outra piscada, como se ele não quisesse ser deixado ali.

“Você esta agradecido... por eu ter te identificado? Você não é um modron?”

AS feições do cubo se estabilizaram, e sua oca formou uma linha lisa. “Identificação dessa unidade (foi) comprometida. Sujeito- referiu-se a unidade como “Nordom”. Gratitudes por prover Nordom uma identificação.”

“Não foi nada, sério.”

Os olhos de Nordom piscaram mais uma vez, duas, três vezes; cada uma das vezes os pontos negros no centro dos olhos se contraía- na terceira piscada, eram do tamanho de pontos. “Visualização alcançada: Nordom não sabe a quem se referir. Identifique-se.

Ele queria que eu me identificasse. EU gostaria de encontrar um nome tal facilmente quanto Nordom encontrara, quando eu o respondi “Eu não tenho realmente um nome Nordom.”

Os olhos de Nordom se arregalaram, o diâmetro de suas pupilas voltou ao seu tamanho normal. Ele piscou mis uma vez- mas as sobrancelhas sob seus olhos dessa vez não se ergueram. Depois de um instante eles começaram a ruir, como se estivessem presos.

“Uh...Nordom.Você pode abrir os olhos agora.”

Mais um clique e seus olhos abriram. “Não fechando os olhos: Empenhado-do na ação de esclarecer o Sujeito (Não Identificado, Sem nome)> Formulando....perguntando:Você esta perdido?”

“Perdido?O que você quer dizer?”

Como a pergunta de Nordom terminara com a palavra “perda”, uma curiosa sensação e surgiu em minha coluna-com isso me vieram duas certezas: Que essa não era a primeira vez que eu ouvia isso,e que o que Nordom estava prestes a dizer para minha próxima pergunta era importante. “Quando você diz perda”, Nordom,a que se refere?”

“AUSÊNCIA de nome = AUSÊNCIA de identidade=Ausência de propósito=Ausência de lugar no multiverso=Estado Nulo=Perda. Nordom tem existência no estado. Nulo. Até que o sujeito (Não identificado, Sem nome) Anexou uma identidade a Nordom.Identidade Nula, Propósito Nulo,Lugar Nulo= perdido.”

“Bem, imagino que já tive um nome, mas eu me esqueci dele.”

“Formulando nova pergunta” Houve um barulho, enquanto Nordom piscava três vezes, rapidamente-o barulho era como o de um martelo batendo numa folha de lata. “Explique para Nordom como você fez a ação de ; Esquecer-se.”

“É um efeito colateral da minha condição, eu acho”

As sobrancelhas de metal selaram os olhos de Nordom com um zumbido, então ele se confundiu por uns instantes com os olhos fechados.Quando eles abriram, Nordom chiou. “Pergunta: Memória defeituosa?”

“Sim, pode-se dizer que sim.”

“Pré condição de ação para esclarecer a pergunta: Espaço de Memória de Nordom ainda não é capaz. Pergunta/Ação: Em caso “sim” refira-se ao Sujeito(Não identificado, Sem nome) Nordom pode lembrá-lo para você.”

Um jornal vivo? Eu respondi, “Claro, vá em frente Nordom... de qualquer modo, veja, eu realmente preciso tomar conta de outros negócios”.

Subitamente houve uma série de rápidas piscadas e de barulhos das bestas nas mãos de Nordom. Seus olhos saltaram e focaram nas bestas novamente, segurando o direito muito próximo de si, como se estivesse o escutando.

“Esta tudo bem?”

Um dos olhos de Nordom permaneceu na besta, que estava piscando fracamente, e seu outro olho focou-se em mim “Pergunta: Podem esses aqui juntarem-se a você nessa jornada?”

Nordom claramente não tinha mais um lugar dentre os modrons. Ele podia ir conosco: na pior das hipóteses, nós podíamos deixá-lo em Sigil, que pelo menos seria melhor do que permanecer aqui. Eu disse a Nordom, “Claro, nós podemos usar sempre uma mão.... ou quatro.”

A boca d Nordom formou de novo um semi círculo bizarro como antes, e suas 2 bestas começaram a clicar violentamente, quase que vibrando em suas mãos. “Gratitudes! Gratidões! Nordom e suas bestas foram anexados a uma larga comunidade.”

Eu pensei comigo mesmo, eu não ficaria tão feliz por enquanto. Apresentei Nordom aos demais que estavam comigo, indicando suas “designações”.

Tive certos indícios de como Nordom se sairia com o grupo enquanto saímos do quarto. Nordom subitamente falou, “Atenção Morte. Você sabia que eu tenho seis lados?”

Morte respondeu, “Eu percebi, porque você não vai compartilhar sua visão com o chefe hein?”

Eu havia encontrado uma “lente portal” enquanto vagávamos pelos quartos cúbicos. Um dos modrons que havíamos encontrado antes havia descrito sua função. Enquanto estávamos em Rubikon, ele podia ligar-se a um portal existente já conhecido, permitindo acesso a outros portais sem viajar todo o caminho. De fato, ele podia levar-nos a quase todo lugar de Sigil que já havíamos estado.

Usei-o para voltar a Ala do Clero, e descansei o resto da noite.

SUBJULGAR

No próximo dia retornamos ao salão de festas Civil. Pedi a Splinter que nos levasse aos sensoriais públicos.

Ele me disse que um mago chamado Quell estaria lá também, alguém que sabia algo sobre a história a respeito da Bruxa velha Ravel Puzzlewell.

Entrei em um quarto amplo;ao abri-lo, eram pequenos quartos, cada um com uma pedra segurando uma experiência.Em um dos pequenos quartos eu vislumbrei um sujeito,vestido com um manto.

Entrei no pequeno quarto.Vi um homem mais velho mastigando algo,resmungando levemente consigo mesmo...depois de um momento,ele quebrou algo com os dentes , então o engoliu.Suas sobrancelhas brancas franziram um momento, depois ele as ergueu, e então as franziu de novo. “Hum...”

Aproximei-me dele, e ofereci um cumprimento.

Sem olhar muito para mim, o homem tirou de sua túnica, uma bola de cor amarronzada, considerou-a curiosamente por um instante e depois a jogou na boca.

Sentindo mais do que chateado, eu respondi em voz alta, “ Eu disse,saudações... “

O homem franziu a testa e acenou para mim, então apontou para si mesmo fortemente enquanto saboreava o gosto de seja lá o que tivera colocado na boca.

Ainda mais alto eu disse, “ Eu tenho.... algumas perguntas...”

O homem gargalhou,mordeu seu polegar, então pausou bruscamente, suas bochechas incharam,com um forte engasgar,ele cuspiu uma grande mosca preta que começou a incomodar pelo quarto.

“Malditos sejam os doces Minaurosianos!” ele gritou, balançando a mão contra o inseto.Ele virou para mim “O que ?”Com uma voz calma eu respondi.

“Tenho perguntas sobre você...” Ele jogou um pequeno doce vermelho na boca.

“Você sempre perambula por ai molestando poderosos magos com seus murmúrios ignorantes?”Balbuciando, falando tolices,enchendo, enchendo o saco!” O doce soltou de sua boca na ultima expressão e caiu no chão. Ele olhou para o doce tristemente.Comecei a dizer algo mas ele me sobrepujou. “Era tão gostoso também...” ele choramingou.

Ele subitamente olhou para cima, rosnando.

“Perdão?!Você deveria mesmo,seu inseto colhe bosta!Magos merecem respeito,e batedores como você deveriam conhecer seus lugares!” Ele começou a pular para cima e para baixo. “Seu lugar, seu lugar”Eu não tinha acabado de me desculpar quando ele me cortou de novo.la perguntar se ele sempre age tão infantilmente.

“Acalme-se,eu só queria lhe fazer umas perguntas...”

“ Eu não me importo,seu porco imundo(, lixo imundo apodrecido)!” Seus olhos saltaram e ele mordeu os dedos para mim. “Agora de o fora!DE! O ! FORA! E não volte sem estar preparado para mostrar o devido respeito...um tributo- um presente!” Ele subitamente e aproximou e sussurrou pelo canto da boca: “Doces ou chocolates seriam uma boa.Mas nada comum,tenha em mente,traga-me algo exótico.Agora suma!”

Lembrei-me de um item na loja de curiosidade da Vrischika, um quasit que ela dizia ter se transformado num chocolate.Apesar da inconveniência, eu sai e o comprei,já que era a única alternativa que encontrara para obter a informação que queria era raptar e torturar Quell.

Um pouco mais tarde eu voltei;Quell ainda estava no sensorial privado.Me aproximei dele, e disse que havia conseguido importar o chocolate que ele queria.

“OH?” Seu comportamento mudou em um instante. “Muito gentil de sua parte, muito cavalheiro! Posso ver?”

Ele havia revelado sua fraqueza para mim,e eu tomei vantagem disso para retribuir a confusão que ele me colocara.Era duvidoso que ele aprenderia uma lição do que eu tinha em mente,mas pelo menos eu podia me vingar um pouco.Eu respondi a ele, “ Na verdade , não.”

Ele recuou totalmente boquiaberto. “O QUE?”

“Eu não acho que você o merece, tem sido muito rude.”

“Você... você o que?” Ele começou a pular fora. “Absurdo!Falsário!Ludibriador! RUDE seria transformar em você um punhado de feijões ,come-lo, e depois espalha-lo por toda Sigil pelo gás fedorento da minha bunda!ISSO seria rude, te garanto, e eu não tenho feito nada desse tipo!”

“De qualquer maneira, não terá nada ate se desculpar.”

Ele imediatamente ficou quieto, seus olhos franziram suspeitosamente. “Você poderia me deixar VER esse presente , pelo menos?”

Eu deixei ele dar uma espiada no quasit de chocolate.

O chapéu do homem saltou com um retumbante pulo, voltando bem em cima de sua cabeça. “Oh....oh meu....Isso é.... esse é...” Ele lambeu os lábios,quase alcançando o chocolate.

“Oh não, desculpas agora.”

Ele torceu a cara , mordendo os lábios e balançou a mão em silencio. Finalmente, ele parou, escovou suas roupas, e disse lentamente. “Muito bem, senhor, peço desculpas.” Eu notei que ele manteve uma das mãos para trás.

Morte flutuou ao redor de Quell e gritou, “Hey chefe!-ele esta com os dedos cruzados!”

“Silencio, seu tagarela.....oh! quero dizer,porque, eu não estou fazendo nada disso!” O mago sorriu para mim inocentemente, mostrando as mãos para mim.

“Hum....Tudo bem, aqui: seu chocolate.”

Ele o tomou de minhas mãos “Oh....muito raro, muito mesmo,e muito delicioso.” Ele mordeu uma pedaço grande e colocou o que restou em sua túnica.

“Tenho algumas perguntas...”

Ele franziu a testa, lambendo o resto do chocolate em seus dedos. “Quem lhe disse para me incomodar com essas perguntas fúteis!”Ele me olhou curioso. “Vamos lá... diga o que é que o faz me perturbar, ou suma daqui!”Ele pescou da manga uma bola de malte o a comeu.

Voltando a uma de minhas perguntas originais, apesar da remota possibilidade dele não ser Quell eu prosseguiu.

“Quem é você?”

“Eu... sou Quell,” Ele ergueu sua mão imperiosamente, como se quisesse me impedir de me apresentar. “...e não se preocupe em se apresentar: você deve ser o mais insolente, peste chata desse lado de Sigil que eu já ouvi falar!”

“É um verdadeiro PRAZER em conhecê-lo, e graças aos céus que você não se enrolou e morreu, me poupando a dor de ter que ter que conversar com você! Eu trocaria com o maior prazer meus formidáveis poderes mágicos por um mínimo encanto que perfuraria seu denso crânio e introduzir a ele uma noção de “modos!”

Eu ignorei sua tirada, e finalmente fiz a pergunta que queria fazer a ele. “O que você sabe de Ravel Puzzlewell?”

Ao mencionar seu nome, ele engoliu o doce que estava chupando com uma engasgada, soluçando de dor. “Vou falar o que?! Porque eu diria? Tais coisas são melhores se deixadas em livros empoeirados e nos sótãos das mentes de homens velhos! Maligno, Maléfica, esse nome, esse nome...e tantas historias negras sobre isso, como moscas sobre o corpo.”

“Ela mesma, preciso que me conte.” Ele girou os olhos, jogando outro doce em sua boca.

“Ela é uma bruxa da noite, meu garoto, que veio a Sigil....totalmente maligna e gaga, ela era, com sua magia negra, pronta para arrumar briga com a Dama da Dor. Excêntrica, excêntrica, velha bruxa excêntrica...obteve sucesso apenas ao ser aprisionada num labirinto. Ela provavelmente esta morta agora.”

“Magia negra?”

“Sim, sim, sim....” Ele parecia apreensivo ao falar sobre ela. “Ravel se envolvia....não, envolvia não, ela se DESTACAVA em todas as escolas de magia. Ela conhecia magias negras, magias de ilusão e substancias sombrias, sombras, resíduos de coisas mortas.”

“Como posso encontrá-la?”

“Porque....porque você pediria tal coisa? Você é LOUCO? O que você poderia querer com tal criatura maligna?”

“Ela sabe algo sobre meu passado”

“Difícilmente...ela foi aprisionada séculos atrás. Foi escrita no livro da morte. E mesmo que ainda estivesse viva de alguma maneira, por alguma razão, o que ela poderia saber sobre VOCE? Se ela não fosse a imagem viva do mal, isso é, se ela estivesse disposta a TE ajudar...”

Eu tinha que descobrir mais sobre meu passado, e sobre meu inimigo. Pra isso, precisava de Ravel. “Vou apenas ter esperança dela estar viva e que possa ser capaz de me ajudar.”

“Pelos seis seios de Leshe e sua barriga inchada, o que uma trêmula vela de esperança jogada nos ventos uivantes do pandemônio significa! Não seja mais tolo do que já é!”

“Mesmo assim devo encontrá-la, esteja viva ou morta.”

“Então se ela estiver morta –o que provavelmente esta – então qual é seu plano, posso perguntar?Você tem tudo planejado não tem?Quell esta apenas jogando fora suas palavras,besteira, nada!O que VOCE pretende fazer se ela estiver morta hein?”

Eu não tinha planos após encontrá-la, já que tinha tão pouca informação. Com nada a perder, perguntei. “O que você acha que eu devia fazer?”

“A primeira pergunta brilhante que você faz!Eu?Eu desistiria dessa ideia sem sentido de entrar em labirintos para falar com bruxas da noite e rastejaria de volta para o buraco de onde você veio!Faria muito mais sentido do que caçar a ira da Dama da dor.”

“Pode me dizer como chegar até lá?”

“Lunático!Louco!Cabeça oca!Você não ouviu nenhuma palavra que eu disse?!Ela esta aprisionada em um labirinto interdimensional por tentar superar a Dama da Dor!Isso significa que ela é pelo menos dez vezes mais teimosa que você, e pelo menos cem vezes mais poderosa!Ela também muito provavelmente esta morta,morta,morta, triplamente morta e...se por algum motivo não estiver....ela fará de VOCE um morto!”

“Eu entendo,mas realmente preciso da sua ajuda.Pode me dizer como alcançá-la ou não?”

Quell ficou quieto, mastigando seus lábios. Depois de um momento, tirou da sua túnica uma mente e jogou na boca. “Você esta falando serio?de verdade?Porque leva isso tão a serio,tão teimoso?”Ele suspirou.

“Bem,nasço sem provas, morro sem elas.”

“Todos os labirintos tem portais;até ai eu SEI que é verdade.Um jeito de entrar e outro de sair... é assim que a Dama os fez.Eu não conheço o portal, sua localização,nem sua forma,mas me foi dito que sua chave-é um pedaço de Ravel.”

“Um pedaço dela?mas se ela esta presa,como eu ira conseguir..”

“Então você terá que fazê-lo.Encontre algo que possua a macula de Ravel, talvez....isso é tudo que sei.!Tudo!Não me incomode mais com isso!Se você for incomodar alguém com isso,va ao Bordel da saciação dos prazeres da mente – uma das senhoras lá tem ligação ou sabe de algo que possa ajudá-lo.”

Ah, isso me disse o que eu queria saber.Uma parte de Ravel, e eu sabia aonde uma das filhas de Ravel podia ser encontrada, no estabelecimento de Fall from Grace.Entretanto, eu ainda precisava de um portal.Supus que era possível fazer um.Mas o tempo que levaria essa pesquisa, o tempo para construí-lo poderia levar toda uma vida.Eu procurava encontrá-la, se ainda estivesse viva, em questão de dias.

Armadilha da Pedra Sensorial

Deixei Quell, andando pelo sensorial pensando. Quando percebi, mais uma vez notando totalmente meus arredores, meus passos haviam me levado ate a frente de uma pedra sensorial.Algo a seu respeito me

parecia vagamente familiar. Apesar da escritura em sua base, “Longa semana de caça pela floresta de Arbórea,” não parecia demonstrar nada de especial.

Não faria mal encontrá-lo. Inicie a Sensação.

Eu estava no meio de um círculo com tendas brancas nas profundezas das florestas, em algum lugar. As árvores ao meu redor eram, de longe, as maiores que eu já tinha visto. Subitamente, embora, senti um estranho formigamento nas minhas costas...

O que me cercava derreteu virando um borrão sem cor, então lentamente tornaram-se como o interior de uma esfera cinza. Ao meu lado estava um indivíduo quase igual a mim. Seus olhos brilhavam na meia sombra; um sorriso louco dividia suas feições.

“Eu SABIA que você viria...”

“Oh, você não SABE? Todos aquele MALDITOS, SUJOS e MENTIROsos jornais não disseram quem eu sou? Aqueles jornais que foram tão convenientemente “deixados” para quando eu acordasse... aqueles jornais que me chamavam de INCARNAÇÃO! HAH! Queimei todos eles, foi sim, todos que eu encontrei,,,”

Me senti subitamente doente. Os jornais, minha vida, não foram perdidas por Pharod, nem pelos Dustman, mas por mim mesmo. Se eu apenas pudesse saber o que havia neles. “O que eles diziam exatamente?”

“Eles diziam MENTIRAS, MENTIRAS E MAIS MENTIRAS E nada mais! Lixo sobre um homem que esqueceu de si mesmo, outras encarnações, em preservar informações de suas experiências escrevendo-as para que as próximas vidas pudessem se beneficiar... LADRÕES! É a MINHA vida; MINHA! TODOS VOCÊS QUEREM ROUBAR MEU CORPO, E VOCÊS NÃO O TERÃO!”

“Então.... você é uma das minhas encarnações anteriores?” Eu acabara de perceber porque o indivíduo parecia comigo.

“Se você chama tal lixo assim, sim.”

“Aonde estou?”

“Oh, ISSO?” Ele gesticulou ao seu redor. Rindo. “Apenas uma PEQUENA armadilha. Percebi que MATA-LOS LADRÕES de corpos não seria o suficiente... eu vou ter que aprisionar você, prenda-lo por toda eternidade. Você já deve ter notado, que não há escapatória dessa pedra sensorial... sua mente esta presa aqui. Você notará os arredores escassos que deixei para você... tudo para ajudar na LOUCURA e agilizar o processo enquanto sua carne apodrece.” Ele gargalhou malignamente.

Suas palavras me fizeram parar. Pensei comigo mesmo que iria me referir a essa encarnação como “paranoico”, para mantê-lo separado dos outros que havia ouvido falar. Também não havia motivo para perder meu tempo com ele.

“Tenho algumas perguntas então...” Minha encarnação anterior cruzou os braços e olhou indignado. Salvo alguns tufo de cabelo a mais, ele era idêntico a mim- mesmo seus braços tinham as mesmas tatuagens que eu tinha.

“Você criou aquela armadilha dodecaedro?”

“Não sei do que você está falando.He, hehe.Tudo bem, fui EU. Brilhante não é?Brincou com ele um pouco?perdeu um dedo ou um olho espero?” Ele gargalhou rapidamente.

“Você colocou essas tatuagens?”

“Não!” Ele pareceu distraído. “Aquela encarnação, a “PRÁTICA” que o fez. Tentei queima-las , mas a REGENERAÇÃO da pele as traz de volta!Tentei corta-las fora, borra-las com ácido....eu ODEIO elas....” Hmmm....essa encarnação era provavelmente a mesma que Aelwyn descrevera. Isso faria da encarnação prática aquela que Morte e Dak´kon conheceram. Imaginei porque ele queria destruí-las.

“Mas...porque?”Seus olhos piscaram desconfortáveis.

“É enlouquecedor ter OLHOS sobre você, lendo seu CORPO como um LIVRO...”

“Como você fez essa armadilha?”

“Não posso dizer isso...eu nunca serei DUPLICADO, as magias usadas em sua criação se perderam,mesmo para mim. ESPERTO não é mesmo?, apesar de que....uma experiência escondida atrás de outra, para que nenhum outro senão eu mesmo não possa desarmar...”

“Então existem 2 sensações por trás dessa pedra?”

“Sim;a da viagem de caça de Arborean e a dessa armadilha” Ele subitamente parecia desconfiado de mim.

Tentei forçar a minha entrada na outra sensação com pura força de vontade.

“O que...O que você está FAZENDO?!Para com ISSO!”

Eu o ignorei, continuando a entrar.Finalmente fui puxado para a superfície- o campo de caça Arborean-e terminei a sensação antes de ser levado de volta a armadilha.

Pedra Sensorial Deionarra

Experimentei algumas outras pedras ali,assumindo já ter acionado a armadilha colocada para mim.Mas eu não contava com outro tipo de armadilha, indiretamente criada por uma encarnação anterior.

Fiquei perante outra pedra sensorial.A base dessa pedra azul aquática havia sido esculpida para que parecesse derretida no pedestal em que estava.Uma corrente de lágrimas azuladas caía pelas laterais, esboçando sobre o pedestal “Ansiando”

Quando coloquei minhas mãos sobre a pedra, sua superfície ondulou sob meu toque. Um frio percorreu meus braços, mergulhando minhas mãos num córrego de montanha.

Assim que fechei meus olhos. Eu pisquei e quando reabri os olhos-eles estavam transbordando em lágrimas, e fui tomado por uma terrível sensação de afogamento. Enquanto ela passava por mim, houve uma agitação no meu peito, uma fome, venenosa como uma serpente, mordendo meu coração, até que

senti como se meu peito fosse explodir. Eu queria desesperadamente me firmar, focar, mas tudo que vinha eram lágrimas aos meus olhos...

Ergui a mão para enxugar as lágrimas- minhas mãos estavam macias, mãos delicadas de mulher; elas tiraram as lágrimas perdidas na minha bochecha, eu as segurei em minhas mãos, cada lágrima como uma joia resplandecente nas luzes....

As luzes eram lançadas pelos candelabros que flutuavam pelo santuário. Eu havia vindo até esse lugar para juntar meus pensamentos, para refletir sobre o passado com os olhos do futuro, para limpar minha mente antes da jornada. Ainda assim... não pude me concentrar! Meus pensamentos permaneciam no presente, aprisionados lá por uma terrível sensação que contorcia meu peito. O que ele significava...?!

Fechei meus olhos, mas suas palavras ecoavam na minha mente, centenas, milhares de vezes. Ele voltará um dia? O som parecia um sussurro, um eco. “Só você, só você.” Ainda assim hesitei, num piscar de olhos, e ele deve ter achado que eu tive medo de ir, mas eu não tive, eu tive medo de ficar, e o medo... a serpente contorcia meu peito de novo, suas presas mordendo meu coração, enchendo-o com seu veneno.As lágrimas vieram de novo, escorrendo minhas bochechas como um córrego, suas palavras ecoavam...

Eco: “Só você, só você.”

Meus olhos estalaram- e a voz DELE! Eu girei, engasguei, ele permaneceu, poderoso, nas sombras, e ele cruzou as luzes dos candelabros, e eu senti a serpente se contorcendo e MORRENDO...ele voltou!Seu rosto,ríspido, mas em algum lugar, naqueles traços, eu quase pude ver seu prazer ao me ver.Afinal de contas, ele voltou para mi-

Eco: “Apenas você pode me ajudar, Deionarra. Mas é errado pedir a sua ajuda...”

Eu disse... Deionarra...ainda assim,era EU, pele acinzentada como uma estátua, transpondo-me pela luz- era tinha tantas cicatrizes?

Parecia que meu corpo havia se banhado em facas, os ferimentos, as tatuagens, horrível- ainda assim, olhei através dos olhos de Deionarra, e ela viu...como ela podia me VER DAQUELE jeito, ela colocou uma capa sobre esses aspectos, ela me via com tanta luz, uma luz tão resplandecente,pra ela...como.... podia sentir tamanha...?

Senti minha visão tremendo, duplicando-se até que eu era o homem cruzando a luz, era EU, mas NÃO era eu....me senti despedaçado; era a experiência de Deionarra, mas ao mesmo tempo,era MINHA também, e EU....o que....

Eco: “Pedi demais a sua companhia , Deionarra. Não tenho o direito de colocá-la em tamanha perigo para minha segurança....”

Eram minhas palavras, mas eram palavras de um cirurgião, escolhidas com frieza, sem o mínimo traço de emoção. A cada palavra, eu me sentia mais sarcástico por dentro, sabendo o que a garota (arrasada)

Iria ver logo a seguir com seus(longos e manchados) olhos e que, era EU a pessoa, retorcendo-a com minhas palavras, não SABENDO o QUÃO poderosas minhas palavras eram para ela, como tiros de uma

balista, perfurando seu peito, sua.... ainda assim, ela VIA apenas ALÍVIO no meu retornar. Como...ela podia SENTIR...e não saber o que eu significava...?

Eco: “EU vim pedir seu perdão , Deionarra.EU irei retornar para você assim que eu puder-“

Minha visão turvou de novo, dividindo-se e sangrando, até que eu estava me encarando de novo, tentando desesperadamente falar,tentando AVISAR Deionarra que esse não era um homem, mas uma criatura que mataria por seu próprio bem, ele não se IMPORTAVA com você Deionarra, você era um OBJETO para ele, um objeto que ele precisava para...-mas Deionarra falou, e não pude pará-la...

Eco:Eu me colocaria em mil perigos, abraçaria a eternidade por você, meu Amor! Eu NÃO tenho medo!”Me ouça-Vou te acompanhar, mesmo que os planos impeçam o caminho...”

Me senti estilhaçado, alívio e satisfação- a satisfação em suas palavras, sabendo que ela as diria,SEMPRE sabendo, e sua admissão de seu amor era como a batida de uma ponte pelo meu coração.Presa.Ela era minha, mas devo estar CERTO, então a guiei para casa.

Eco: “O caminho é perigoso. Você tem que ser forte...MUITO mais forte do que você é agora.”

Passando pela mente dela, alívio, uma onda de alívio, o fim da espera, ainda assim aguardando por ele , suas palavras, não percebendo suas manipulações... tudo que precisava era ser forte, e seu caminho seria o mesmo que o meu! Meus pensamentos eram como fogos...pois eu podia ser forte, mais forte do que ele soubesse, eu não conhecia o medo, eu MORRERIA por ele...!

Eco: “Eu posso ser forte meu Amor.Eu serei.”

Suas palavras o percorriam como água. A serpente em seu peito, aquela que perfurava seu coração com veneno havia sido substituída por essa serpente em carne. Ela não via nada disso, e suas próximas palavras foram planejadas cuidadosamente,tão cuidadosamente...

Eco: “Não sei dizer se teremos sucesso Deionarra, mas darei meu melhor para protegê-la. E não esperarei menos de você. Você...”

“... pode ser necessário que você faça alguns SACRIFÍCIOS.” Ao final daquela palavra terrível, eu me senti completamente estilhaçado; ele quis dizer machuca-la...aquilo significava ME ferir, pois eu ERA ela, e ele teve intenção de feri-la, e mesmo assim **precisava** feri-la e, eu queria GRITAR, GRITAR QUE ELA ESTAVA EM PERIGO,CORRA, CORRA, DEIONARRA, POIS OS OLHOS DELE DESFAZEM TODAS AS COISAS E –

Eco: “É claro, meu Amor. Vida é sacrifício. Isso eu já aprendi.”

Eu...ela.... dela....eu disse palavras, e nelas, eu me senti morrendo por dentro. Eu era um espectador, e eu havia assistido uma mulher morrer, pois as palavras eram uma sentença de morte.Ainda assim,ela disse, desatenta, indiferente...

Eco: “Eu...deixei um legado nos pertences do meu pai, meu Amor,peça pelo sexto,o terceiro, o Kay e o “S”. Nele, eu deixo tudo para você; não é muito, mas com isso, eu deixo...”

EUele... uma onda de irritação me lavou; eu cerrei meus dentes para evitar que a irritação rasgasse minhas feições. Ela irá SEMPRE continuar a murmurar, mesmo quando eu não a induzir?!Ela deve -mas não- não,mantive a irritação dentro, apenas um pouco escapou...

Eco: “Vamos lá, eu não posso MORRER, Deionarra. Não há necessidade para tamanha tolice...”

Dela.....eu...ela foi tomada pelo MEDO, medo que me revoltava, e o medo brotava dentro dela...Eu, como eu próprio olhando ele fazer cara feia, e me apressei em corrigi-lo!Ele deve saber as razões e saber da sabedoria por trás de tudo de modo que ficasse impressionado com meu plano!Fale!Fale,antes que ele se vá...

Eco: “Sei que frequentemente ajo tolamente, meu Amor... mas você disse que PODE esquecer coisas se você estiver seriamente ferido. Existem coisas no legado que podem ajudar você a se lembrar de si mesmo.”

Ela...eu friamente a cumprimentei através do olhar, traçando o meu olhar ao longo de sua testa franzida, enrugada com preocupação, desespero. Ela havia agido como eu esperava... mas ainda havia algo no que ela disse....

Eco: Talvez... ainda que ache que nada nesse legado tenha VALOR... não quero que você deixe nada aqui que possa ser útil na sua jornada.”

Sua ilusão estava despedaçada, apenas por um momento- eu observei, quieto, enquanto a emoção caía pelo chão, despedaçando-se como vidro quebrado. “...de algum uso....” tal comentário casual, mesmo assim Deionarra VIU, e eu esperei, apenas por um momento, Eu esperei que ela VISSE ele pelo que ele era.....a serpente, a SERPENTE...e minha esperança morreu, como nos olhos de Deionarra, a emoção foi refeita, mas as lascas da dor permaneceram. Ele achou que eu havia feito algo tolo! Ainda assim, eu o fiz por ELE!Eu devo....devo concertar isso, mas como?! Eu devo convencê-lo que o legado não era importante, mas NÃO ERA, NÃO ERA. Aquilo era TUDO...

Eco: “O legado, meu Amor, ele... ele tem apenas algumas coisas para ajudá-lo a lembr-“

A foice das palavras caíram sobre Deionarra , tão rápido, tão afiado, que não pude acompanhar seu rumo.

Eco: “Um legado? As coisas que você faz Deionarra... tais....gestos ROMÂNTICOS. Não importam...”

Não!Ela....Eu....Deionarra...Eu havia o afugentado de novo, como fizera na noite anterior! Eu senti a serpente agitando-se de novo,renascida, ao redor do meu coração. Houve o mais suave suspiro, mas ele não o ouviu...

Eco: “Você...você gostaria de deixar um legado, meu Amor? Para você mesmo...ou para quem quer que seja.Poderia ajuda-lo a se lembrar se você deixasse algo para si mesmo...ou para aqueles que você amou...”

As palavras foram cortadas de novo, rápida e terrivelmente.Ainda que dessa vez, a ilusão se manteve, e a serpente estava coberta. A Serpente era astuta, e não se revelaria ate que fosse atingida.

Eco: “ Um legado para mim mesmo? Provavelmente não... as coisas que eu deixaria para mim não estariam seguras na mesa de qualquer advogado, Deionarra. Mas chega disso...eu devo ir.”

Ele estava partindo!Eu devo fazê-lo ficar... e a experiência pairava sobre mim, terrível, a espiral rumo a cena final... a PERGUNTA que eu....ela....queria fazer, não pergunte, Deionarra!NÃO PERGUNTE, FIQUE QUIETA, FIQUE QUIETA.

Eco: “Meu Amor, antes de você ir...”

Sua raiva, sua irritação, O QUE FOI AGORA GAROTA! O QUE FOI ESPECTRO MURMURADOR!

Eco: “ Antes que eu me vá? Parece que não estou em perigo. Venha, Deionarra, essas perguntas não podem esperar até o amanhecer? Tem tanto- “

Ela.... Eu.... Ela estava desesperada para dizer, diga, diga, diga a ele ,e ela.....Eu.... Falei

Eco: “Você não quer que eu o acompanhe meu Amor?”

O ímpeto de emoção morreu na minha mente. Esse era o fim. As palavras que ele....eu...estava prestes a dizer eram verdade, mas a verdade não era a verdade que ela via. Não haviam mentiras, apenas cálculos frios. É CLARO que ele queria que você fosse com ele, Deionarra. Eu entendi claramente, muito claramente: Ele havia investido muito na pobre garota para deixá-la ir.

Eco: “ Claro, Deionarra. Eu não pediria que você viesse comigo se não quisesse sua companhia. Você SABE como me sinto em relação a você...

Houve um frio silêncio em sua mente, então um suspiro de um pensamento, uma resposta rápida e mortal, como uma adaga. A mentira veio rapidamente, desenterrando minha emoção.

Eco: “ Eu te amo, Deionarra.”

E eu queria GRITAR enquanto sentia a mentira me lavar com um resplendor, mas era a SOMBRA da VERDADE, UM BEIJO DE SERPENTE, A SUA INTENÇÃO ERA ME FERIR E ELA NÃO PODIA VER E EU A QUERIA AVISAR MAS ELA CHORAVA DE ALEGRIA MESMO QUANDO- MESMO ENQUANTO-

Eu chorei de alegria...com frustração... com alegria.... com desespero...

A emoção me lavava, como se estivesse me afogando, AFOGANDO, e eu precisava falar, mas não podia...e...

Eu gritava, gritava enquanto arrancava minhas mãos da pedra, lágrimas de sangue escorriam de meus olhos, correndo torrencialmente e pelos meus braços, mãos, até a pedra revestida. Sangue! sangue dela! E...eu não podia AVISA-LA... e não podia para de CHORAR...

E subitamente, Fall from Grace estava lá, e seu toque era gentil como a seda, e ela limpou as lágrimas dos meus olhos, mesmo enquanto sentia os gritos brotarem dentro de mim. Ela me silenciou, embalando meu rosto sob minhas lágrimas sangrentas.

“Eu...eu...não posso....aguentar isso...não pude PARA-LA, eu QUERIA, mas não pude fazer NADA...!”

Fall from Grace olhou nos meus olhos, e ela acenou entristecida, entendendo. “E essa é a natureza da ANCIÉDADE.

O desejo do que você não pode mudar ou ter.” Ela me estudou, retirando as mãos, agora ensopadas pelo meu sangue. “Você ficará bem?”

“Sim...sim...eu só preciso de um momento...” Notei que Annah estava me olhando, sua mão meio erguida, imóvel, como se estivesse paralisada, incerta sobre o que fazer comigo.

“Muito bem...” Fall from Grace se afastou. “Nós iremos prosseguir quando você estiver pronto.”

Tomei um ar, e tentei coletar meus pensamentos.

O tanto que eu queria jogar fora essa memória de mim,mas segurei-a rápido, porque sabia que era importante lembrar dela. Era EU na experiência...era uma experiência que Deionarra passou, mas por minha causa,minhas memórias me inundaram, e pude sentir ambos os lados de uma só vez.Quem EU era?Quem era aquela...Aquele SOMBRA minha?

Considereei deixar o salão de festas, mas havia a chance de haver algo mais fechado em alguma outra pedra sensorial nas pedras do salão. Eu iria continuar mesmo que encontrasse outra experiência como a que acabara de terminar;talvez especialmente porque podia encontrar outra semelhante.

Mensagem de Ravel

A pedra que me deparei era um verde doentio, solidamente fixada no pedestal em que se mantinha.A inscrição abaixo dizia “O mensageiro.”

Assim que feche os olhos, senti a pele dos meus braços se entorpecer, como se toda sensação fosse drenada deles.Cansado.... tão cansado.Tentei e pisquei, mas a escuridão permanecia;minhas pálpebras estavam leves e lerdas, não respondiam.Eu estava sentado no que sentia ser um piso sujo, e ao meu redor,havia o cheiro de sangue acobreado e... ervas?Porque eu estava aqui?EU vim aqui para – o que?Minha memória falhava, mas eu sentia um pânico crescendo dentro de mim...

“Ah.... você esta acordado agora? O senhor questionador ?”A voz era de uma velha mulher, grossa e áspera, como se forçasse o caminho através de uma camada de poeira. Tentei quanto pude, não podia abrir os olhos e vê-la, mas senti um arrepio de medo.Algo estava errado,muito errado.Tentei responder,Mas tudo que conseguia era um coaxar irregular. Não podia sentir minha língua... e meus olhos?O que havia de errado com meus olhos?

“Agora, você me viu, você falou e pobremente, então teve que pagar o preço hein?” A Velha parecia

Divertir-se, então seu tom caiu afiadamente. “Chega das suas perguntas;agora você ira OUVIR, e você ira lembrar das minhas palavras, pois ao me imaginar, você ira VIVER.” Ela chiou “Acene se você me escuta, ou irei tomar ALGO mais.” Eu acenei hesitante.

“Lembre-se de mim viajante. Lembre-me como uma pedra, uma das que brilham muito no salão de festas-use-a como uma taça, coloque o que SENTE nela,e saiba disso: Lembre-se de um homem que veste uma pele de cicatrizes e tatuagens, eu procura pelas memórias, mas as perdeu; se ele for esperto;ele terá o conhecimento sobre MIM. Diga-lhe para me encontrar - ou se eu não puder ser encontrada, diga-lhe para vir a pedra reluzente , e nós conversaremos, meu precioso homem e eu.” A mulher parou, então chiou de novo. “Acene se me ouviu, coisa grosseira!” Eu me apressei ao fazê-lo.

“Ah...lindo, educado a ouvir tanto tempo...quando ele vier a pedra reluzente, diga ao homem para dizer meu NOME, e sua dor não terá sido em vão...” A voz da mulher sumiu, como se distraísse-se.

Tentei falar de novo, mas havia apenas um som doentio. O que houve? Quem era essa pessoa? Porque estavam eu... e comecei a sentir que estava ficando inconsciente.

“Ravel! Ravel, sou eu!” Eu gritei, subitamente retomando os sentidos. Houve um grande momento de silêncio.

“Ah... meu precioso homem.” Houve um lento arrastamento de pegadas, e SENTI uma leve agulhada no olho esquerdo; eu engasguei, e subitamente, mal podia VER – com meu único olho. Eu deitava numa cabana cinza, sobre um chão sujo, onde o sangue, meu sangue avermelhado havia se infiltrado pela poeira cinza. Meus braços haviam sido tomados, minhas pernas estavam reduzidas até os joelhos.

Mas... me senti entorpecido, e não havia dor... apenas medo. Havia alguém acima de mim, alguém olhando para mim, olhei pra cima.

Enquanto tinha uma visão ensanguentada e embaçada, eu vi uma horrível face azul acinzentada, sorrindo com presas amarelas. “Ravel esta SATISFEITA- estava imaginando se esse mensageiro iria conseguir, pois estava fraco quando seus pedaços foram colocados no meu prato...” Ela ergueu uma garra na minha frente, e empalada na sua ponta estava um olho- um olho direito. “Mas sucesso!” Se eu estava realmente falando com Ravel, havia tanta coisa que eu queria saber.

“Ravel... tenho muitas perguntas pra você.”

A Velha balançou a cabeça, minha visão turva via três imagens de uma só vez; seus cabelos cinzas eram como galhos, descendo pelos ombros. “Não tenho tempo para perguntas, e ela não tem tempo a perder com suas adivinhações. Saiba disso, e ao conhecer cresça mais forte: você deve me ENCONTRAR, meu precioso homem. Eu já estava tentando fazer isso.

“Mas como? Eu não sei-“

“Tch! Estou além do conhecimento, no lugar da Dama. Agora quieto e ouça Ravel, pois há muito a você fazer- para me encontrar, três coisas você deve fazer: encontre a porta, conheça a chave, então DESTRAVE a chave.” Eu balbuciei uma pergunta, perguntando sobre a porta.

“A porta não é algo concreto... pelo menos, quando eu havia olhado para ela certo? Mas com o passar do tempo, talvez torne-se visível. Vá para o lugar das forjas e do aço; talvez lá você encontre a porta que leve a mim...” Eu sabia que a chave era uma parte dela, envolvia sua filha, mas como abri-la?

“Abrir a porta? O que quer dizer?”

“Conhecer a chave não é suficiente, então Ravel acha. Saber e conhecê-la, duas tarefas que devem se juntar... pois as vezes, uma coisa não conhece sua natureza.... mas isso não é estranho para você...” Ravel cacarejou, um longo e hediondo grito que preencheu meus ouvidos com dor....

“Ravel... como estou falando com você, se essa é a experiência de outra pessoa?”

“De pedras e experiências e dizê-las Ravel irá, mas não direi como ela o faz.” Ela falou suavemente. “São muitas as ramificações e artimanhas de Ravel, e muito são seus segredos. Preciso de você, e preciso que saiba disso.” Senti que ela havia me dado toda a ajuda que ela considerava suficiente, e não compartilharia mais do que isso. Assim que comecei a me erguer para terminar a experiência, ela me surpreendeu fazendo uma última oferta.

“Retorne-eu darei a ajuda que puder..” Ravel deu um sorriso final, terrível, um largo riso amarelado, sua língua negra saltou de seus lábios e permanecendo na ponta, provocando. “ Mas no fim, apenas uma indagação permanece....”

“O que quer dizer Ravel?”

“Apenas uma pergunta eu lhe faço...” Os olhos de Ravel brilharam como fogo, a luz vermelha deixando seu rosto avermelhado. “O que pode mudar a natureza do homem?”

Na pergunta, senti um tremor passar, como um trovão, e me senti queimando...rapidamente forcei minha saída da pedra. Minha visão clareou, até que estava mais uma vez em frente a pedra esverdeada...parecia diferente de antes, mais....horrível, de alguma maneira.

Dessa vez tinha tido o suficiente. Deixei o salão de festas, para encontrar um lugar para dormir a noite.

Fall From Grace Parte 2

No hotel, nos alojamos em nossos quartos de dormir. Eu partilhava um quarto com Morte. Dak'kon e Annah estavam juntos. que até agora tinha um quarto só pra ela, concordou em dividi-lo com Nordom.

Fui até o quarto de Fall from Grace para falar com ela, pretendendo não ouvir os comentários de Morte. Quando entrei no quarto dela, tentei ignorar Nordom, que estava no canto, falando com suas bestas...ou o barulho era das bestas falando com ele, eu não sabia bem qual o certo. Decidi começar perguntando algo que imaginava desde que havia conhecido.

“Como você obteve o nome Fall From Grace(Cair da Graça)?”

“O significado do nome é um assunto complicado. Há muito a se dizer, e é um bom negócio deixar algumas coisas sem serem ditas.”

“Esse é seu nome real?”

“Talvez.” Ela sorriu levemente. “Talvez não. Existem nomes que são dados e nomes que são merecidos. Qual deve-se dizer que é o real?” O assunto de nomes era algo que eu estava atencioso considerável recentemente.

Não havia quase nada que eu não daria para saber meu nome real, que trouxe da primeira encarnação.

“Acho que o nome que se é dado carrega um grande peso.”

“Pode ser, por que acha isso?”

“Porque é como as pessoas o veem. E suas percepções podem superar o seu próprio entendimento.”

Grace acenou, “Seu ponto de vista esta certo.” Até o momento ela havia se esquivado da resposta.

“Então porque você é chamada de Fall From Grace?”

“Isso importa?” Ela sorriu. “É um nome dado”, jogando minha própria resposta contra mim.

“Importa pra mim. Eu gostaria de saber como você passou a ser chamada assim.”

“Eu cai pro meu povo...alguns diriam que me ergui, talvez, mal “cair” CAI melhor em mim.” Ela olhou para mim interrogativa. “Isso faz sentido?”

“Sim, faz. Afinal, “Cair” traz consigo um sentido subjacente de perda.”

Fall from Grace silenciou por um momento, então acenou pensativa. “Sim...talvez seja por isso que me senti assim. Eu...cheguei a um consenso com a perda a muito tempo, mas o nome permaneceu” Resolveu isso? Apesar dela obviamente ter muita pratica em esconder suas emoções, pensei ter detectado um traço de ...angustia por trás de suas palavras.

“Tem certeza que esta resolvida com isso?”

Fall From Grace encontrou meu olhar, e fui de novo atingido pela sombra azul de seus olhos...era turbulento, como um oceano antes da tempestade. “Achei que sim. Ainda assim, falando com você, você me fez perceber certas coisas.” Ela sorriu. “Você tem meu agradecimento.”

“Bem, se você quiser falar sobre isso, deixe me saber ok?”

Ela acenou. “Você é muito gentil. Eu irei. “Ela era um demônio, que era comumente vista como uma encarnação maligna, até meu nascimento. Eu imaginava o que ela achava de seu povo.

“E você é uma Tana’ri?”

“Você esta certo. Sou uma Tana’ri inferior, mais especificamente, uma súcubos.” Ela deu um leve suspiro. “Receio que sejamos um pouco comum demais para os planos baixos e qualquer outro lugar pra nosso próprio bem. A maioria de nossa espécie passa seu tempo seduzindo mortais com vários prazeres da carne.”

“E você...?”

“Gosto de pensar que me distanciei disso...ultimamente é um modo trivial e não produtivo para alguém passar seu tempo aqui no multiverso. Existe muito mais em vida, não concorda?” Eu estava curioso pra saber como ela havia conquistado esse distanciamento de suas origens.

“Como você acabou em Sigilo?”

“É uma longa historia, e não e muito interessante como as que gostaria de ouvir.” Ela acenou. “Ela é interligada com outras historias de guerra e escravidão – não é uma historia agradável.”

“Ainda assim gostaria de ouvi-la.”

“Muito bem...sei que meu passado não é longo, pelo menos não para os padrões Tanna’ri. Eles são uma raça do abismo, uma cambaleada série de planos preenchidos com caos e corações malignos. Eu cresci no primeiro plano do Abismo. Minha era uma Succubus- como tenho certeza que você tem ciência, succubus atentam os mortais para trazer suas almas para o Abismo. Minha mãe estava entre as mais refinadas, seduzindo incontáveis mortais para sua danação eterna. Ela agora reside no Abismo, vendendo suas crianças para escravidão.”

“Sua mãe te vendeu como escrava?”

“Sim, me vendeu para os Baatezu, os inimigos de sangue dos Tanna’ri. Eu acho que ela esperava que iriam me matar- apesar de seu conhecimento de outros assuntos, ela pouco sabe sobre a cultura e o prazer que eles em torturar e atormentar os outros.”

“Como você escapou?”

“Os Baatezu são uma espécie orgulhosa. O pensamento que um Tanna’ri pudesse superá-los em alguma coisa era intolerável para eles. Então desafiei o mais orgulhoso deles para uma prova de improvisos, e minha natureza Tanna’ri me ofereceu uma vantagem- veja, os Tanna’ri são criaturas caóticas, selvagens e imprevisíveis. Os Baatezu são astutos, com corações ordenados. Eles conhecem improviso, mas não são os melhores praticantes. E sendo assim, ganhei minha liberdade- e meu caminho me trouxe a Sigil.” Vrischika, a dona da loja de curiosidades, havia me contado uma versão diferente dessa história.

“Vrischika parece não gostar muito de você.”

“Não, ela não gosta. E eu não a culpo. Vrischika é uma Tanna’ri, um demônio, como eu, mas um pouco diferente, um Alu demônio. Para entender Vrischika, você deve entender que a natureza dos Tanna’ri é Caótica, e o caos por natureza, não se importa com justiça ou equidade. Alu Demônios são visto como sendo...alheios. Sem propósito. Em muitas maneiras, é pior que uma sentença de morte.

“Porque ela dizia que você era uma adepta dos Baatezu?”

“Com certeza você lembra o que eu disse sobre meu passado?” Fall from Grace tomou uma expressão curiosa...ela parecia estar me estudando por um momento, tentando ler meu caráter. Ela falou, e sua voz parecia mais silenciosa que o normal. “Isso importa?” Importava, mas não porque eu tinha alguma dúvida a seu respeito. Eu me preocupava com ela, e gostaria de uma ideia do que ela havia resistido no passado.

“Para mim, sim. Eu gostaria de conhecer a pessoa com quem eu estou viajando.”

“Em resposta a sua pergunta, vou lhe dizer isso: Baatezu não são humanos. Sua luxúria está no poder, não pela carne, e eles não se importam em estuprar ou molestar como os humanos fazem quando mantém algum outro como prisioneiro. Os tormentos que os Baatezu causam são muito mais sutis e danificam muito mais que *qualquer* violação da carne, e suas cicatrizes duram muitos mais. É isso que você queria saber?”

“Sim. Eu só queria conhecer com quem estou viajando.”

“Pensei que você já soubesse.” Fall from Grace inclinou a cabeça sutilmente. “Estava enganada.”

Fall from Grace então me perguntou por que eu fazia perguntas sobre a bruxa Ravel. Eu sorri sutilmente, já que agora a pouco eu a interrogava e agora eu era o questionado. Ravel era uma parte essencial do enigma do meu passado.

“Eu pretendo procura-la.”

Grace ergueu a sobrancelha. “Serio? Eu me sinto obrigada a perguntar por quê.”

“Preciso de informações que ela tem”

“Essa informação não pode ser dada por mais ninguém?”

“Eu suspeito que apenas Ravel possua o conhecimento que preciso.” Grace descansou a mão levemente sobre o braço, e um traço de preocupação estava em sua voz ao responder.

“Considere isso- se Ravel realmente existir, então ela é extremamente poderosa e astuta. Se uma fração das historias contadas a seu respeito forem verdadeiras, então ela é uma criatura que descobriu novos significados da maldade. procurá-la não é uma tarefa fácil.

“Eu percebi isso.”

“Bem, eu nunca conheci um mito.Essa deve ser a primeira delas. Ela sorriu. “Você nunca tenta fazer algo entediante?

“Eu tento evitar...você sabe algo mais sobre Ravel?”

“Dizem que ela era uma das bruxas de Grey Waste, e acreditava-se que ela possuía poderes e astucia muito superiores as suas irmãs. Ela veio para Sigil algum tempo atrás, e para completar as maldades que ela havia cometido durante sua estadia, rumores dizem que ela ameaçava a própria Jaula. Agora ela existe primariamente apenas como uma ficção, uma figura em historias de crianças.” Grace pausou. “Imagino que a Dama da Dor a tratou como todas as ameaças de Sigil são tratadas.” Eu sabia que Ravel havia sido aprisionada. Eu ainda não sabia muito sobre seu lar entretanto.

“O que é o Grey Waste?”

“Um plano arruinado que fica efetivamente “entre” Baator e o Abismo. É frequentemente um campo de batalha da guerra de sangue.”

“Você pode me ensinar algo sobre a Arte Grace?” Eu estava curioso sobre a magia que ela possuía desde que a vi demonstrar em Rubikon.

Fall from Grace balançou a cabeça levemente. “Não, acredito que não. A Arte...e a disciplina que pratico são diferentes.”

“Meus “poderes” como você os vê, originam-se da minha fé, não da manipulação das energias como sua arte faz. Essa Arte é um mecanismo pelo qual o poder do multiverso pode ser aproveitado, através de gestos, rituais e artifícios. Meus “poderes” vem a mim de maneiras diferentes. A fé e a natureza a minha crença me permitem que um pouco do multiverse se revele a mim.”

“A natureza da sua crença? Em que você acredita?”

“Eu acredito na experiência. Creio que exista uma verdade no multiverso,...mesmo que a verdade é que não exista uma verdade total.Creio que os planos existam para serem experimentados,e quanto o individuo adquire experiência, ao viajar, no prazer, na dor, no regozijo ou no sofrimento, mais o multiverso se revela a você...”

“E quanto mais você se revela a si mesmo. Minha crença na natureza da Experiência me permite....” Ela pausou por um momento, pensando. “ Eu suponho que a melhor explicação é que minha fé permite que eu *veja* as coisas diferente. Quando você enxerga o multiverso dessa maneira, você aprende a “mudar “as coisas- curar ferimentos, ver o coração de uma pessoa,e daí por diante- apenas desejando que elas aconteçam.”

“Você acredita nas experiências por causa do que te aconteceu relacionado aos Baatezu?”

Fall from Grace acenou. “Eu refleti muito sobre isso, e creio que sim.” Ela me olhou de um jeito questionador.

“Acho que é porque estou satisfeita com o que me tornei, e não acho que poderia ser possível sem experimentar o que passei.” Achei que ela estava sendo muito modesta, indicando que ela havia se tornado apenas o produto dessas experiências.

“Não creio que esteja relacionado as experiências que você passou no multiverso...acho que é a maneira em que você lidou com essas experiências que foi importante.” Fall from Grace acenou lentamente as minhas palavras; ela parecia pensativa.

“Existe uma verdade no que você diz.”

“Também acho que devem ter muitos outros, que passando pelo que você passou,teriam sucumbido. Você *aprendeu* com isso, e tornou-se mais forte. Isso mostra grande força de vontade e caráter.” Fall from Grace estava olhando para mim silenciosamente.

“...e eu admiro isso em você. Não apenas a força, mas a habilidade de presenciar tais horrores como um meio de se tornar uma pessoa melhor com uma força que *poucos* possuem.” Fall from Grace sorriu, e concordou.

“Obrigada.Suas palavras são perspicazes e gentis. Mas temo que a força do meu caráter não seja tão forte quanto parece.Ainda assim tento tratar cada nova experiência como uma oportunidade de aprendizado.”

“Você alguma vez usa armas?”

“Não...raramente há essa necessidade, e vi que não posso suportar o toque de aço frio ou mesmo ferro por longos períodos de tempo.Em certos eventos, eu tenho um numero de....defesas naturais que tendem a desencorajar os atacantes.”

“Tais como?”

“O beijo da Succubus é letal para mortais – apesar disso eles sequer percebem o perigo ate que a morte já esteja quase sobre eles.” Fall from Grace suspirou. “Posso recorrer a isso se for preciso.” Me senti tranquilo o suficiente com suas respostas para lhe fazer uma pergunta pessoal.

“Para ser honesto estou curioso sobre seus sentimentos a meu respeito.”

Grace deu um leve sorriso. “Uma dama deve ter seus segredos.” Ela havia atingido o limite do quão perto ela me permitira. Suspeitei que ela já houvesse me deixado me aproximar mais que qualquer um, pelo menos por muito tempo. Imaginei as razões para ela manter essas barreiras. Parcialmente,deviam haver cicatrizes deixadas pelo seu passado. E com o conhecimento de que seu beijo mataria um mortal, eu imagino que efeito teria um imortal nessa ocasião....

“Gostaria de saber seus pensamentos sobre minha situação então.”Ela silenciou um momento, então respondeu com uma pergunta.

“Você sabe de algo que possa se provar útil?”

“Bem, sombras continuam vindo me matar- tenho um pressentimento que elas me seguem,mas não sei o porque.”

“Sombras?”Fall from Grace silenciou um momento. “Sombras são sinais de morte.Elas não pretendem caçar, mas aguardar pelas vítimas.Curioso.”

“Bem, acho que existe alguém que queira me matar...tanto é que fiz uma armadilha numa tumba para tentar matá-los.De acordo com a inscrição na tumba, eles esta me perseguindo...para, bom,pelo que minhas encarnações podem lembrar, pelo que parece.”

“Então, seja lá quem for o assassino, ele viveu por muito tempo para ter perseguido-o por tanto tempo.” Ela tapeou o queixo por um momento. “Poderia o assassino ser imortal também?”

Grace franziu a testa pensativa. “Eu admito abertamente que você é um enigma.” Ela sorriu. “Mas eu acho tais mistérios intrigantes. Devemos tentar solucionar sua situação?

“Sim”

“Primeiro, é possível que você seja um tiefling ou algum raro cruzamento, minha opinião é que você é um humano...ou foi certa vez.”

“Certo... prossiga”

“Sua aparência é a de um homem com uns trinta anos- as costuras e cicatrizes dificultam muito mais exatidão.”

“Diga-me mais sobre ... prossiga.”

“A chave para seu passado é a memória, e parece que certos locais, eventos e pessoas despertam memórias presumidamente esquecidas. Parece que seria de seu interesse visitar o máximo de lugares possíveis e falar com o máximo de pessoas também...resumindo, experimentar o multiverso o máximo possível.”

“Um conselho de um “sensato “ hein?” Fall from Grace respondeu com um sorriso confuso.

“Eu não aconselharia se não o praticasse.E se você não soubesse que e verdade.” Eu estava interessado em suas opiniões sobre meus companheiros, e a perguntei sobre Morte.

“Morte é o mais peculiar...eu já vi muitas coisas em minha vida, mas nada como ele.Ele se comporta como um Mimir de alguma forma.Sem duvida, ele é conhecedor,mas ele tem um certo...”Ela cheirou o ar e

torceu o nariz. "...cheiro Baatoriano ao seu redor." Ela hesitou, como se escolhesse as palavras cuidadosamente. " Mas ele não é um Baatezu...pelo menos não dos que eu conheça.O cheiro sozinho,entretanto,me faz tratar a caveira com cuidado."

"E Morte é um mimir?"

"Não creio que seja.Morte não tem o metal prateado que os mimir geralmente possuem.E parece ter suas próprias atitudes.Tais qualidades não são convencionais nos mimir." Grace fez uma careta levemente. "Ele *pode* ser um, mas ele é diferente de qualquer um que tenha conhecido ou encontrado."

"Eu também não creio que Morte seja um mimir."

"Talvez haja algum teste para verificar sua autenticidade...mas eu não o faria se você o considera como amigo.Se você o considera, deve aceitar o que ele lhe disse." Eu ainda não confiava plenamente em Morte.EU achava que ele tinha a melhor das intenções em mente, mas o que eu e ele tínhamos como melhor não era exatamente igual.Alem disso, ele parecia inerentemente incapaz de me dizer a verdade absoluta sobre qualquer coisa. Perguntei sobre Annah a seguir.

" Ela é forte e capaz, e razoavelmente apaixonada. Eu quase desejava tê-la conhecida a muito tempo atrás e pedir que ela viesse ao bordel...talvez as coisas tivessem sido diferentes." Grace me estudou um momento. "O que você acha dela?" Ela não era a única com barreiras, e eu desviei sua pergunta.

"Eu acho que ela não gosta muito de você."

"Eu concordo..." Grace sorriu. "Mas não deixarei que esquive-se da minha pergunta tão fácil.O que acha dela?" Grace não desistiria, e eu me senti mais confortável a falar com ela do que qualquer um que eu lembrava -bem, era pouco tempo, mas eu precisava falar com alguém.

"Bom, eu acho que poderia me apaixonar por ela." Eu desviei o olhar de Grace quando disse isso, já que eu também poderia me apaixonar por ela.

"Você deve querer dizer isso a ela." Ela disse em voz alta, não conhecendo meu desconforto.

"Eu não sei...eu pareço levar essa destruição aonde quer que eu vá, com Deionarra especialmente, e nas vidas de quem eu toquei. Deve ser melhor deixa-los sozinhos por enquanto."

"Deionarra era a mulher na pedra sensorial da saudade não era?Aquela que amou sua encarnação anterior?" Eu hesitei em responder Grace. Eu também ficava desconfortável ao falar sobre Deionarra, já que eu me sentia muito mais próximo a ela, ou ao menos da sombra que restou dela, depois de experimentar a pedra sensorial.

"Sim ,era ela.Eu fiz algo terrível a ela, mas não sei o que."

"A isso, eu diria o seguinte – o amor pode mover os planos quando é verdadeiro e forte, e não há nada mais verdadeiro entre todas as experiências que vivenciei do que a verdade que um *sente* pelo outro." Decidi que era conversa suficiente sobre a mulher da minha vida, e prossegui perguntando sobre meus outros companheiros.

"Dak'kon?" Grace ergueu a sobrancelha. "Ele é bem incomum para um Githzerai." Eu meio que já sabia mais ou menos o que ela diria, mas estava curioso para ver o quão perceptiva ela era a seu respeito.

“Serio? Em que sentido?”

“Bem, ele o obedece. Apenas isso o deixa como uma exceção entre seu povo. Toda sua raça um dia foi escrava, e mesmo a *lembrança* de servidão para eles é...desastrosa.” Decidi contar a ela brevemente como isso aconteceu.

“Verdade? como um Githzerai ele deve estar sofrendo de verdade. Como você salvou a vida dele?”

“Depois que ele caiu de Shra’kt’lor, uma das minhas encarnações anteriores foi até ele enquanto estava morrendo no limbo e deu a ele o Circulo Interrupto de Zerthimon, aquele texto religioso que ele tem.”

“Se me permite perguntar, você sabe *por que* sua encarnação o salvou?”

“Eu acho que o salvei por causa da sua Karach Blade.”

“Curioso”, disse Fall from Grace. “Sabe, uma vontade que reflete a vontade do usuário é uma poderosa arma se o usuário conhecer a si próprio.”

“Talvez seja por isso que o salvei, então. Há algo mais que pode me dizer sobre Dak’kon?”

“Dak’kon lida com tudo de forma ordenada. Novamente, muito curioso para um Githzerai. Eles tendem a ser imprevisíveis- eles seguem seus impulsos ao invés de planos.” Isso era algo que eu não tinha notado antes. Eu imagino se isso era resultado da escravidão?

“Mais alguma coisa?”

“Ele parece um piedoso Githzerai e um firme companheiro.” Finalmente perguntei sobre meu mais novo companheiro, Nordom.

“Nordom é um modrom rebelde. Mesmo que alguns traços de caos tenham se infiltrado em seu sistema, ele ainda é extremamente lógico, ordenado. Essa lógica pode ser de grande ajuda em nossas jornadas. Além do mais, se ele o perceber como líder, então ele será indubitavelmente leal.” Ótimo outro escravo, eu pensei enquanto ela continuava.

“Os problemas podem vir quando Nordom se deparar com qualquer situação que requeira etiqueta social... tais coisas não lhe são bem lógicas, mesmo para modrons comuns.” Ela pausou. “Eu lhe daria alguns conselhos a respeito de Nordom, se você quiser ouvir.”

“Claro, O que seria?”

“A existência do Nordom foi sacudida- quanto mais você fizer a situação fazer sentido, seu lugar na hierarquia do grupo, e no que o leva ao estado em que ele está agora podem ajudá-lo a se focar melhor. É um pensamento.”

Eu considerei seu conselho, e decidi que devia ir falar com Nordom também. Eu estava desconfortável com o pensar que sua natureza pudesse forçá-lo a ser leal a mim incondicionalmente, mas isso não significava que eu iria abandoná-lo. Talvez com o tempo sua individualidade iria se aprimorar, e ele seria capaz de tomar suas próprias decisões.

Nordom havia deixado o quarto enquanto eu falava com Grace, apesar de ter certeza que ele não tinha sensibilidade suficiente para nos dar privacidade.

NORDOM PARTE 2

Fui para a escadaria, vi Nordom com Morte. Eu ouvi Morte lhe fazendo uma pergunta.

“Pssst, Hey Nordom. Calcule a melhor maneira de eu me aconchegar no travesseiro de Annah ok?”

Morte olhou inocentemente para mim enquanto eu ia falar com Nordom, que olhava para suas bestas atentamente. Elas faziam uma variedade de barulhos e cliques, primeiro uma , depois outra, como se conversassem. Essa conversa curiosa me levou a minha primeira pergunta.

“O que você está fazendo com suas bestas?”

“Atenção, precisam de Nordom!” Nordom virou-se para mim, gaguejou no meio, então se reestruturou com um clicar. “Resposta a pergunta: Ação praticada com as bestas? Enviar pedido de esclarecimento: presença de besta é nula.”

“Oh, sério? Como você chama esses dois objetos que clicam em suas mãos?”

“Resposta: dois objetos clicando com dígitos opostos.” Nordom ergueu seus dedos arrebitados e balançou as 2 bestas, que subitamente começaram a estralar e clicar como se estivesse irritado. “Resposta: Objetos=equipamentos espirituais.”

“Equipamentos espirituais? O que você quer dizer?”

“Pergunta: Definir: equipamentos espirituais. Resposta: equipamentos espirituais.”

“Sim, mas o que são esses equipamentos espirituais?” Morte se aproximou para chamar minha atenção.

“Chefe, por mais divertido que isso seja, erguer um tamborete de barra do traseiro de um Baatezu deve ser mais proveitoso do que esquentar a cabeça com esse estúpido polígon.”

“Você sabe o que são equipamentos espirituais Morte?”

“Chefe , eu não faço ideia do que esse cubo está falando.” Não pude resistir de irritá-lo às suas custas.

“Eu pensei que você era o *Expert* nos planos.” Eu havia obviamente tocado no orgulho dele, enquanto ele rapidamente respondeu.

“O quê-Eu sei mais que você, seu esfarrapado, amnésico grotesco! Além disso, aí vão e conselhos para você colocar nessa sua cabeça de osso oca: Um, não existem experts nos planos, dois, eu sou o mais próximo de um expert que você irá encontrar, e terceiro, trate-me com algum respeito. Porque? Veja a segunda razão.” Desviei o olhar de Morte de volta para Nordom.

“Estou curioso, Nordom... como você acabou em Rubikon?”

Nordom fez um clique. “A questão requer o envio de cronologia: Nordom deve transmitir cronologia?”

“Sim, eu gostaria de saber.”

“Ordens recebidas para iniciação do projeto Rubikon:Embarque do Plano/Mechanus.Primeiro estagio:Chegada no destino:Plano/Limbo.Segundo estagio:Parâmetros ditados pelo Supervisor/Diretor de criação: Mudou a forma do Plano(Limbo) para o teste de uma hipótese.Labirinto Rubikon construído.”

“Superior/ - Diretor de “criação” – teste de campo: Escoltar o perímetro de Rubikon(Dificuldade)Determinar construção da masmorra: Variantes.Muitas variações encontradas:erros consideráveis.”Nordon deu uma baixa lamentada e fechou os olhos com um clique. “Diretor de “criação” não retornou do campo de teste.”

“O que houve com ele?”

“Citando/Mago Rubikon/Declaração megalomaníaca de liberdade: Falta de diretor,mais exposição ao Plano(caos) resultou na perspectiva de /Nordom/ para desviar da norma.”

“Nordom, o que são modrons?”

Houve uma série de cliques enquanto Nordom executava uma serie de piscadas, então ele clicou. “Questão:Modron,o que é?Defina:Modron? Eu sou Modrom.”

“Sim,mas o que é um Modrom?”

“Questão:Modron,Definido:Modron,eu sou um Modron,Respondido.” As janelas sobre os olhos de Nordom clicaram fechando algumas vezes, e seus “olhos” contraíram-se como pontos. “Nova pergunta- “Modron, mas o que É?Definir:Mas o que É um Modron? Modron é Nordom. Nordom de trás pra frente = Modron.” Morte intrometeu-se de novo, obviamente impaciente com meu questionamento.

“Aighhh! Pelo amor dos Poderes e da minha sanidade, pare com isso! Ele vai continuar fazendo isso se você continuar perguntando de novo e de novo!”

“Bom, eu queria saber a resposta, e iria tira-la dele.”

“Veja, chefe, os modrons normais mal entendem qualquer coisa alem de sua compreensão básica, e esse estúpido polidromo é novo no plano ainda.Não confunda o cubo certo? Pelo menos , não enquanto ele estiver armado.Se quiser saber sobre modrons, pergunte a mim, não a ele.”

“Tudo bem, Morte...o que você pode me dizer a respeito deles?”

“É mais ou menos isso chefe: Modrons são essas estúpidas formas geométricas que clicam ao redor de seu Plano ou lar, Mechanus -eles são arrumados e ordenados, e gostariam que o resto do multiverso também o fosse.É por isso que são tão irritantes.”

“ O que há de errado em tentar fazer do multiverso um lugar mais ordenado?”

“Porque o caos tem seu lugar chefe.E se tudo fosse do jeito que os modrons veem as coisas, não teríamos vida basicamente...pelo menos não a vida que eu gostaria de viver.Eles apenas querem deixar tudo estruturado.Ecaaa.”

“Concordo, o caos tem sua função... caso houvesse muita lei, nós iríamos estagnar. Veja, eu tinha mais outras perguntas para o Nordom...” Eu estava imaginando o lugar de origem do Nordom. “Conte-me sobre Mechanus Nordom.”

Nordom parou, então lentamente as partes de suas sobrancelhas começaram a girar devagar, numa sincronização hipnótica.

“Definir/Pergunta? Mechanus.Planos de ordem.Sentido.Causar efeito gerado.Predibilidade.Lei.Logica.Regimentados.Obediência.Engrenagens giram.Mechanus=Origem de Nordom.Mechanus = Lar nulo de Nordom.” Morte, picado pelo meu cinismo anterior aumentou.”

“Mechanus? Entediante em todo sentido da palavra, chefe. Imagine um plano cheio de modrons e grandes engrenagens, e você tem aí um Grande plano de Mechanus. Muitas leis, muito chatas. Um lugar no qual você nem gostaria de imaginar, deixe isso pra La.” Fall from Grace já havia agora vindo do salão, e adicionou seu conhecimento a conversa.

“Modrons partilham uma “energia comum”. De alguma forma, essa energia liga todos eles. Quando um deles morre, a energia é absorvida de volta a sua fonte, e um novo modron nasce daquela energia. Quando um modron se ... rebela... aí ele quebra o vínculo com sua espécie e pega uma pequena parte dessa energia com ele.” Morte observou Grace.

“Você se importaria? Eu tinha a resposta pronta, obrigado. EU SOU a fonte de informação aqui, NÃO você, certo?” Fall from Grace acenou suavemente.

“Minhas desculpas Morte. Não quis lhe ofender.”

Decidi ignorar esse impasse, já que tudo que eu dissera era pra deixar Morte mais louco. Fiz a ele uma pergunta.

“Então você está dizendo que Nordom é parte dessa fonte, mas ele foi cortado dela. E quando um Modron morre, ela é reabsorvida. Com Nordom será assim? Morte acenou.

“E se ele morrer, outro Nordom será criado.”

“Eh... não.”

“O que acontece?”

Bem, eles tomarão sua energia, chefe, e vão colocá-la em outro modron, mas não será Nordom, porque ele não é mais um modron; ele tomou muita coisa do Plano pra ele. Eles farão uma substituição dele.”

“Então... ao se rebelar, ele se torna... mortal?” Morte pausou um momento antes de responder.

“Bem... sim, pode-se dizer isso. Quer dizer, se não houvesse essa pequena rebelião, então estaria tudo bem... outro modron surgiria como ele. Mas já que ele ficou “avesso”- bem, essa parte se perderá quando ele morrer.”

Considereei Nordom de novo. Como um modron, e um de relativo baixo level, seu conhecimento fora de Mechanus deve ser muito limitado. Mas mesmo um modron devia ter ouvido certas coisas, e perguntei sobre qualquer assunto que poderia estar familiarizado. Estava curioso sobre o que ele tinha a dizer.

“Nordom, você sabe algo a respeito da guerra sangrenta?”

“Defina: Guerra sangrenta. O maior conflito registrado na história. Causa inconfiável da guerra: diferenças ideológicas entre Baatezu-Ordem e Tanar’ri- Caos. Qualificadores da guerra: Genocídio racial. Prospecção da

“Como o, uh, Multiverso...e Limbo...comprometem o projeto , exatamente?”

“Propriedades do Multiverso: - Rachaduras-Selos-Rachaduras de novo-Falhas criadas. Criados “portais”/condutores no espaço.Frequência: Padrão indeterminado.Solução:Desconhecida.” Houve um xiado como um pequeno traço da rajada de vento dos respiradores de Nordom. “Nordom não pode reparar/selas rachaduras. Status atual: Nordom é limitado a: percepção das rachaduras.”

“Espere um minuto. Você pode ver “Rachaduras” nos Planos?Portais?Como?”

“Habilidade de detectar portais: 80-90%.Distancia máxima de percepção varia de acordo com a falha/distancia significativa= $Y+78...$ ” Uma desconcertante serie de cliques vieram de Nordom, como se um desfile de besouros estivessem marchando dentro de seu corpo. “Nordom deve se aproximar cerce de dez pés do portal.Margem d e erro: +/- 5 pés.Soará um barulho se me aproximar de um portal.” Perguntei sobre outra de suas tarefas.

“ Exterminar os erros?”

O Garguejo normal de Nordom tornou-se um murmúrio turbulento. “Erros:Muitos.Todas as construções no projeto Rubikon estão com erros e existem em desobediência ao Diretor Criativo e todo pessoal do projeto Rubikon.Ordem emitida: Erros que persistam em desobediência devem ser cancelados.Obstáculo: Nordom não sabe das especificações da tarefa sem ficar em estado nulo.”

“ Então você não podia parar esses mecanismos rebeldes por si só....pelo menos não sem se desfazer de seu equipamento?”

“Afirmativo.Estado nulo contra produtivo para completar a tarefa.”

“Bem, talvez se lhe dessem armas melhores...”

As bestas nas mãos de Nordom começaram a emitir ruídos e vibrar como um par de insetos estranhos.Ele os escutou por um momento, então me olharam. “Minhas bestas gostariam de formular uma questão seguida de trinta e três pedidos de ajuda: “Munição limitada por sugestão do criador.” Você gostaria de prover novas especificações para eles?”

“Claro...bom,que tal algo como... eu não sei- uma cabeça em forma de pirâmide, exceto que ela se divide em três quando acerta algo?”

Houve um súbito barulho em suas bestas e um feixe das flechas das bestas começou a pular de suas pontas, fazendo um arco no ar.Dois painéis abriram nas laterais de Nordom, e as bestas navegaram através dele com um chocalho, um seguido de outro. Depois de transmitir uns dez ou mais, as bestas fizeram silencio.Tive a estranha sensação de que estavam exaustas.

“Talvez deversem descansar um pouco...veja,e sobre a tarefa: Recuperação de Itens Indóceis?”

“Afirmativo.Aparecem itens na Masmorra que não estavam presentes no design original do projeto Rubikon.Eles devem ser coletados, catalogados, avaliados e estocados para prevenir interferências.Modrons são mandados para recupera-los e os guardar.”

“Hummmm. Você encontrou algo na ultima viagem que fez?”

“Afirmativo”

“Pode me entregar o que encontrou?”

“Afirmativo.” Houve um certo silêncio, então as janelas de seus olhos desceram fechando-os lentamente. Houve um clique dentro de sua cavidade, seguido de um outro barulho. A escotilha abriu-se no lado esquerdo de Nordom, e ele retirou com sua mão livre alguns objetos para mim, incluindo uma série de moedas de cobre.

“Hummm. Nordom... por curiosidade, por que tipos de deveres o Diretor de Criação é responsável? E o quanto você tem que obedecê-lo?”

Um lento zunido começou em Nordom- como se um relógio fosse explodir. “Resposta: Responsabilidades do Diretor: (A) Integridade da Manutenção do projeto Rubikon, (2) Ordenar o Batalhão Rubikon/grupo de trabalho. Período de obediência de acordo com a obediência de Nordom. Até que Rubikon seja interrompido, Diretor Criativo= Superior de Nordom.”

“Então...você fará qualquer coisa que eu lhe disser?”

“Afirmativo.”

“Bom, então, eu tenho algumas ordens para você...” Eu tinha uma boa ideia de como podia fazer para ajudá-lo, se ele iria obedecer minhas ordens literalmente. “Nordom, quero que você se foque em limpar o excesso de bagagem que usa sua memória e use-a para melhorar sua lógica e rotinas de introspecção.”

“Afirmativo.” Houve um momento de silêncio, então os olhos de Nordom se fecharam. Houve um clique de dentro de suas cavidades, seguido por um barulho rangido. Esse barulho virou um pio metálico, enquanto os painéis se abriam nas laterais de Nordom, e...a “bagagem” em excesso começou a sair dele, e eu tentei pegar as partes que saíam. Nordom parou um momento, e seus olhos abriram. “Ordem processada.” Minha primeira ordem foi bem sucedida. Agora tente algo para uma mudança maior.

“Nordom, ordeno que você me escute. Quero dizer algumas coisas a você.”

Nordom congelou. “Aguardando. Diga.”

“Ordeno que você se torne mais do que você pode ser, Nordom. Ordeno que você se torne mais forte, mais rápido, e mais focado do que você jamais foi. Eu sei que você pode fazê-lo, porque eu ACREDITO que você pode fazer isso.”

Nordom olhou para mim em silêncio. Suas bestas também estavam me ouvindo.

“Agora repita as seguintes palavras: “Eu sou um modron forte.” “Sou um modron rápido.” “Sou um modron poderoso.” “Meu Diretor Criador acredita em mim.” “Estou focado para meu Diretor.” Vamos lá, repita.”

Nordom falou, mas sua voz não carregava mais o gaguejo metálico de antes: ela era lisa. Focada. Sem emoção. “Eu sou um modron forte. Eu sou um modron. Eu sou um modron poderoso. Meu Diretor Criativo acredita em mim. Estou focado para meu Diretor.” Eu foquei toda minha vontade no que lhe disse a seguir.

“Agora sinta essas palavras,Nordom.TORNE-SE mais forte.TORNE-SE mais rápido.TORNE-SE mais poderoso.Deixe essa energia dentro de você emergir e use-a para você NORDOM.”

Nordom continuou me olhando, mas eu podia SENTIR minhas palavras surgirem efeito- eu pude sentir uma faísca, apenas uma faísca de energia dentro dele....se eu pudesse trazê-la para fora...atraí-la para a superfície...

“Vamos Nordom...Força,velocidade,poder, foco.”

“Afirmativo.” As pupilas de Nordom subitamente clicaram e tornaram-se pontos brancos brilhantes, como um par de pequenos sols.Suas mãos ergueram-se até sua cabeça, em um curioso movimento voador, e então voltaram aos lados...quando desceram,Nordom parecia mais...definido.Mais astuto ao meu ver, de certa forma.Algo havia mudado.No momento, eu duvidei que Nordom precisaria da minha crença para manter sua própria personalidade.

“Ordem processada.”Nordom piscou, e subitamente se recompôs com um clique. Um pequeno punhado de vapor subiu de uma de suas cavidades; sua voz parecia incaracteristicamente profunda, como se ele falasse de uma enorme estufa,então retomou seu tom original. “O-o-ordem processada.”

Annah subiu as escadarias, sem duvida imaginando o que todo mundo fazia ao conversar ao invés de estarem dormindo.Assim que ela apareceu, Nordom a olhou...

“Annah! Morte quer se aconchegar nos seus travesseiros.”

Quando Nordom falou, Morte girou os olhos e freneticamente sussurrou para ele, “Cala boca,cala boca!”

“Oh, Vou te dar algo para você se aconchegar! EEjit!”Annah encarou Morte enquanto falava.

Sugeri que era hora de irmos todos dormir. Entrei em meu quarto, e examinei o lixo que havia saído de Nordom.Havia um espelho, que eu determinei ser mágico.Em um pedaço do relógio haviam símbolos inscritos. Eles eram similares as escritas nos pergaminhos mágicos, e achei que podia decifrá-los.

O maquinário pesado que eu havia retirado monte de lixo detia as ultimas rumações algébricas de Enoll Eva, que era aparentemente o recém desintegrado Diretor Criativo de Rubikon.Inscrito sobre o mecanismo retorcido havia uma equação matemática complexa que os modrons descobriram enquanto tentavam calcular as permutações do labirinto Rubikon.Era como se a presença de Limbo tivesse um impacto em seus pensamentos, inspirando os modrons de mente limitada a pensar em algo tanto brilhante quando extremamente perigoso.O que estava escrito estava perto o suficiente de um pergaminho mágico que eu havia encontrado e pude copiar para meu livro de encantos, e determinei tentar essa nova magia na primeira oportunidade que tivesse.

Enoll Eva? Eu imaginei se significava algo de trás para frente, como Nordom? Não, nada.

JORNAL DODECAEDRO

Na próxima manha, eu bati na porta de Grace para ver se ela e Nordom estavam prontos para irmos.Grace me assegurou que estavam, e ambos juntaram-se a mim na escadaria.Nordom subitamente balançou, enquanto olhava para Grace.

“Eu estimo que Fall from Grace é considerada atraente pelo sexo masculino para mais de 321.423 espécies. Margem de erro de 5 para mais ou menos.”

“Oh? Isso inclui Modrons?” Grace perguntou.

“Eu não sou mais capaz de responder essa pergunta. Eu não sei.”

Indiquei que Nordom devia se juntar aos outros que nos aguardavam no quarto principal do hotel. Nos observamos Nordom descer as escadas. Grace virou para mim e sorriu.

“Devo confessar, Nordom é muito provavelmente o modrom rebelde mais fofo que já encontrei.”

Haviam me dito que um linguista vivia nessa ala, e decidi procura-lo com a pouca esperança dele ser capaz de me ajudar a decifrar o jornal que havia encontrado. Perguntei na ala Clériga um pouco, ate que encontrei alguém que conhecia o linguista, chamado Finam, e onde ele morava.

Quando encontrei Finam, ele estava indisposto a ajudar no primeiro momento, mas o convenci que eu precisava solenemente de sua ajuda com sua capacidade profissional. Eu desdobrei o jornal para uma pagina com escritas, e perguntei se podia traduzi-la. Ele tomou o dodecaedro desdobrado nas mãos e o examinou de perto.

“Essa é uma língua morta há muito tempo, conhecida por ninguém virtualmente. Eu creio que meu pai- um linguista, como eu – conhecia essa linguagem, e podia ser também o único homem em sigilo na época que podia entendê-lo. Eu o reconheço pelas notas nele, mas não posso traduzi-lo.” Devia haver alguma maneira de traduzir o jornal. Com certo trabalho eu podia talvez traduzi-lo, se pudesse ter as notas de seu pai.

“Você ainda tem essas notas?”

“Elas não teriam utilidade para você se você quiser traduzir qualquer coisa... e os poucos livros atuais que ele tinha com essa linguagem sumiram próximos de quando ele foi assassinado eu creio,”

“Seu pai foi assassinado?”

“Estrangulado. Ele havia deixado um discípulo- ele havia ensinado varias linguagens para complementar sua pesquisa por vir- e foi descoberto morto num quarto lateral no Salão de festas Civil. O assassino nunca foi encontrado. Isso foi a....uns....talvez 50 anos atrás. Eu não passava de uma criança.

“Mas ele conhecia a língua, ele poderia ensiná-la?”

“Sem dúvida poderia e iria, se estivesse vivo hoje. Meu pai era tido como um grande professor.” Finam tossiu triste.

“Tenho sua habilidade com as línguas, mas não sua paciência com os outros infelizmente.” Seu pai pode não estar totalmente fora de alcance, pelo menos não para mim.

“Ele esta... enterrado no Mortuário?”

“Porque, não..... suas cinzas são mantidas lá.” Ele apontou para uma urna de bronze no topo de uma cabine com um boque de flores roxas. “Por quê?” Um sorriso torto passou pelos lábios de Finam. “Você é

um Necroscópico?Fala com os mortos?” Ele subitamente franziu a testa. “Eu não tenho mais vontade de falar sobre essas coisas. Você terá que me dar licença, até logo.”

Finam estava brincando, mas se ele soubesse. Eu não havia testado minha habilidade num monte de cinzas, mas não vejo porque o estado do corpo deveria mudar algo. Ignorando Finam, fui até a urna, bloqueando a visão do resto do quarto com meu corpo. Removi a tampa da urna, e usei minha habilidade “Historias que os ossos contam” nas cinzas dentro dela.

As cinzas pareciam agitadas como se movidas pelo meu sopro. Uma voz distante sussurrou de dentro da urna.

“Porque, porque fui invocado das cinzas, frias e cinzas como o coração de uma bruxa?”

“Para responder algumas perguntas, espírito...”

“Pergunte então, para que eu possa retornar aos meus mais silenciosos pensamentos...”

“Quem é você?”

“Eu era Fin,um estudioso e linguista. Eu fui assassinado-assassinado! Por um estudante meu... assassinado para que não pudesse mais ensinar a linguagem que havia lhe ensinado. A língua de Uyo, era uma das mais raras no multiverso. Eu não conhecia ninguém que a falasse, tirando eu e aquele, maldito, estudante assassino...”

Descrevi para ele a escrita do dodecaedro, perguntando se ele conhecia a linguagem ali escrita.

“Eu poderia te ensinar essa língua , sim....me agradaria muito fazê-lo, de fato,só para ter o prazer de cuspir naquele sanguinário de tanto tempo atrás.Primeiro, me diga quais linguas você fala...”

Enquanto o espírito me falava a língua perdida de Uyo, senti uma sensação latejante na minha têmpora começando a emergir...memórias dessa linguagem. Eu relembrei letras, palavras, frases, até que- como um vento soprando longe de um cobertor de fumaça venenosa sobre a Grande Fundição- a linguagem me foi revelada mais uma vez inteiramente.

Havia mais uma memória,entretanto, elevando-se a superfície...uma mais sombria. Sua presença me confundiu de alguma maneira, enchendo-me com ansiedade e dores inexplicáveis de culpa...

Finalmente, relembrei de Fin Andlye em si. Relembrei sua gentil voz, sua dócil maneira, dele me ensinando a antiga língua de Uyo. Também lembrei da minha mão,deformada cicatrizada envolvida sobre sua frágil garganta, esmagando sua laringe e assim , assegurando os segredos contidos no meu jornal- escondido e trancafiado triplamente na caixa dodecaedra e a língua obscura de Uyo- estaria pra sempre segura dos olhos predadores...

Mais uma morte em que eu era o responsável.Havia pouco que eu podia fazer agora, mas eu devia esse pouco ao espírito com quem conversava.

“Fin...devo lhe dizer... fui eu quem lhe matou.”

O espírito silenciou um momento, as cinzas descansavam suavemente na urna. Quando falou novamente, sua voz estava cheia de mágoa. “Mas...porque.... e porque você viria a mim mais uma vez? Você esqueceu o Ihe foi ensinado?”

“Não...bem, sim. É difícil explicar, mas deve ter sido o antigo “eu” que Ihe assassinou. Toda vez que eu morro, eu reacio, como se me erguesse de um longo sono... mas tendo esquecido de tudo...quem eu era, ou o que fizera...”

“Eu acho que compreendo... percebo seu arrependimento, e eu Ihe perdoo. Que você tenha paz, pupilo antigo, e que você seja mais gentil nessa vida do que foi a que procurou o meu fim...” O espírito, assim como ele fora em vida, foi muito mais gentil do que eu merecia.

“Obrigado, Fin, Adeus.” Eu voltei a realidade, para ver Grace girando um conto convincente de paralisia temporária, que falhava em explicar porque a tampa estava fora da urna. Sem duvida Finam teria chamado o guarda da harmonia se não fosse pelo seu carisma.

Eu estava muito completo com o que havia aprendido para prestar muito atenção em Finam, e deixei sua casa sem dizer uma palavra. Eu sentei contra um muro na galeria adjacente a sua casa, e retirei o jornal dodecaedro.

Eu ergui o frio, e cinza dodecaedro para examiná-lo cuidadosamente, agora ciente das varias armadilhas mortais que ele mantinha contra os usuários inconscientes e como evitá-las completamente. Tendo aprendido a língua morta dos Uyo, eu era pelo menos capaz de decifrar seu conteúdo.

A placa na verdade veio a ser um jornal de tipos...um mantido por alguma encarnação previa minha, ele parecia- e não parecia completamente são também. Eu achei que devia ser mantido pela que eu costumava pensar como a “paranoica” encarnação. Havia apenas um punhado de seções completamente coerentes, enquanto eu folheava as paginas.

Os sussurros não são sombras se movendo. São elas conspirando entre si. Posso entender algo do que dizem.

Mais sobre as sombras que seguiam meus passos. Eu li no jornal.

O livro me diz coisas, sussurra coisas. Ele me diz para evitar a garota fantasma, evite-a. Eu não a conheço e ela me atormenta.

Deionarra, obviamente.

Então eu o engoli, esperando poder pegá-lo em minhas entranhas. Posso de alguma maneira remove-lo quando precisar.

Eu havia retirado aquele anel, difícil crer que ele havia sido colocado lá há 50 anos.

Eu aprendi que minha vida não é MINHA VIDA. Eu não PERMITIREI que você tome minha vida....

VOCÊ terá que tirar minha vida de um corpo destruído se a quiser...

É VOCÊ quem irá MORRER, se eu não posso ter, NEM VOCÊ terá.

VOCÊ É O RESPONSÁVEL POR ESSA TRAIÇÃO DA CARNE, VOCÊ NÃO SOBREVIVERA PARA VIVER MINHA VIDA.

Eu já tinha encontrado os resultados dessa encarnação paranoica algumas vezes, especialmente as armadilhas que ele havia deixado para os “outros” traidores.

Essas tatuagens amaldiçoadas não deixaram minha PELE! Eu tentei queimá-las FALHEI, falhei! Eu tento me esconder, mas sempre encontro pessoas lendo minha PELE, como se fosse um livro. Sempre que OLHAM para mim eu QUERO ARRANCAR SEUS OLHOS, tirando-os de seus globos e ESMAGA-LOS COM MEU SALTO...

Mais discurso paranoicos.

PORQUE NÃO POSSO SONHAR?!

Eu usei o Globo de Semir para forçar um SONHO ACORDADO. Eu vi uma BRUXA. Ela e TENTOU, me AMEAÇOU com SOMBRAS! Eu nunca a vi, mas ela veio quando eu SONHAVA. Eu não devo SONHAR mais. Devo sempre estar ALERTA. EU DESTRUI O GLOBO.

Ela diz ser alguém poderosa, e que ela me TERÁ, me ENCONTRA-RA. Vá embora BRUXA! Fique LONGE de mim! Deixe-me em PAZ! Não tenho NADA a ver com você!

Sua voz cheirava a garras malignas, garras como as de ARANHAS, elas ENTERRARAM na minha matéria cinzenta, e eu precisava que ela SAISSE da minha MENTE! SAIA BRUXA!

Ela era um MITO, um CONTO DE FADAS que um dia DESAFIOU a DAMA DA DOR! Como você pode lutar contra alguém que é um MITO? Eu não tenho as ARMAS. Eu preciso de armas que irão matá-la caso ela me encontre. Preciso de uma ESTRATEGIA para que ela não possa me vencer caso ela me encontre. EU devo INVENTAR, e PENSAR- eu devo DERROTA-LA.

Então Ravel tentava me alcançar por pelo menos 50 anos. Eu espero que ela não tenha ficado muito impaciente.

Tema NOMES, nomes tem poder de identidade. NOMES podem ser usados como ARMAS por OUTROS. ELES são GANCHOS que podem ser usados para rastreá-lo e caçá-lo pelos Planos. Permaneça sem NOME, e você ficará SEGURO.

Essa passagem era a mesma que eu havia encontrado escrita na parede da tumba que eu encontrei nas Nações Afogadas.

Fui para o Salão de Festas, procurando o caminho do meu falso EU na morada. Era tão evidente, que aqueles que eu não CONHECIA os FALSOS, me receberam em sua confiança, me trataram como seu AMIGO, me mostraram meu QUARTO, atenderam minhas NECESSIDADES. Eu tive que me conter para não me lançar contra eles. Isso seria prematuro. Primeiro, eu tinha que PROTEGER minha IDENTIDADE. Eu encontrei uma que conhecia a língua exclusiva de Uyo, aprendida-a como podia, então matado ele. Então eu fui para o sensorio e preparado para terminar essa questão. Em breve, em breve...

Eu já sabia do assassinato de Fin, e da pedra sensorial; nesse caso eu havia encontrado o jornal no “meu” quarto no salão de Festas.

Não há NADA que eu possa fazer. As memórias se foram, ele disse, para NUNCA voltarem. Ele conta mentiras e diz que é o que ele me disse! MENTIRAS! Ele diz que a minha mente esta enfraquecendo a cada morte!MENTIRAS!Ele sentou lá,TRAINDO MINHA CONFIANÇA toda hora.

Ele diz que apenas após mais 3 MORTES, mais 3 VIDAS eu ganharei o benefício de manter minhas memórias, mas que eu,EU, irei morrer ao morrer.MORRER!Como você pode ser um imortal e ainda MORRER!?Ele não podia responder, então ele não tinha UTILIDADE. EU O MASSACREI para que nenhuma outra encarnação pudesse se beneficiar de sua INUTILIDADE.

Poderia isso explicar o motivo de eu manter minhas memórias quando eu morro? Se for o caso, então com isso, essa encarnação “Paranoica” era responsável pela minha vida.

Então as cabeças medonhas disseram:

VOCÊ nunca foi DIVIDO. VOCÊ é UM de MUITOS. (Um de muitos HOMENS?) Você carrega muitos NOMES; cada um deixou cicatrizes na sua carne...

PERDIDO

IMORTAL

FIM DA ENCARNAÇÃO

HOMEM DE CENTENAS DE MORTES

AQUELE CONDENADO A VIDA

INCANSSÁVEL

UM DE MUITOS

AQUELE CUJA VIDA MANTÉM PRISIONEIRO

AQUELE QUE TRAZ AS SOMBRAS

O FERIDO

CARREGADOR DE MISÉRIA

YEMETH

VOCÊ é vidro prateado que QUEBROU e os pedaços foram espalhados pela historia.

APENAS UM PEDAÇO tem importância. Retome-o, e sua VIDA lhe será dada novamente. Haverá um preço. Esse preço lhe comprará uma chance. Sem essa chance, você esta CONDENADO...

VOCÊ PERDEU O QUE NUNCA DEVERIA TER SIDO SEPARADO DO HOMEM. SUA MORTALIDADE LHE FOI ARRANCADA. PERDIDA. ELA EXISTE, MAS VOCÊ DEVE ENCONTRA-LA ANTES QUE SUA MENTE SE PERCA TAMBÉM.

Minha mortalidade arrancada de mim? O que isso poderia significar?

Um LEGADO, a nota dizia, “NÃO ESQUEÇA DE PEGAR SEU LEGADO.”, e um pequeno código riscado em sua base: 51-AA...

Uma ARMADILHA, sem duvida, armada por outro dos meus FALSOS EUS. Eu verei DESTRUIDO, Eu irei.

Um legado. Eu já conhecia outro deixado por Deionarra. Ainda havia a chance de eles estarem disponíveis. Essa era a ultima parte coerente do jornal.

ADVOGADO IANNIS

Quando coloquei o jornal de lado, ouvi uma voz gritar para mim.

“Você irá dar o fora rápido se você souber o que é bom para você. Dê o fora daqui!”

Procurei por um grupo de bandidos que passavam pela Ala Clériga. Levantei e me aproximei do que tinha gritado. O jovem bandido musculoso- embora certamente armado e grande o suficiente para ser perigoso - parecia demasiadamente limpo para um típico ladrão de ruas. Ele carregava um grande machado em uma das mãos. Quando me aproximei, ele bufou e fez uma careta pra mim.

“O que você esta olhando cara?” Dê o fora, antes que eu te estrangule!” Annah olhou para o ladrão com descrença.

“Estrangular?!” Que diabos você esta falando? Incomodava, beliscada, puxava pelo couro cabeludo, seu cabeça podre sem noção.” Ele olhou furiosamente para Annah, mas não disse nada. Mas não pode abster-se em comentar sua aparência, tão diferente dos outros ladrões que havia encontrado, e matado, em Hive.

“Você parece um pouco bem arrumado para um ladrão.”

“Pare de balançar sua cabeça oca, cara costurada! Esse é o meu território e você ira deixá-lo rápido, se você não quiser que meu sangue o dilacere!” Annah riu, balançando a cabeça.

“Provoque sua otária. Provocando sua cabeça-oca desse jeito. Gostaria de ver quanto tempo você duraria quando eu esmagasse você no meio de Hive, agindo como esta...” Annah virou-se para mim. “Vamos la, vamos sair. Não adianta perdermos nosso tempo com esse perdedor.” O rosto do bandido ficou vermelho de raiva enquanto ele rosnava os dentes em frustração.

“Agora chega- você procurou por isso! Peguem-nos sangue meu!” Ele ergueu o machado e pulou para o ataque.

A luta foi extremamente rápida. Esses “Sanguinários” quase nunca haviam sido enfrentados pelos opositores antes, e aqueles que não tinham o senso de fugir logo estavam caídos no chão, salpicados com seu próprio sangue.

Nordom havia ficado para trás toda a luta, usando suas bestas. Annah, enquanto isso, não tendo tido a chance de apunhalar pelas costas como de costume havia lutado na linha de frente. Depois da batalha ter terminado, Nordom perguntou a Annah algo que o havia deixado intrigado durante a luta.

“Annah, seu rabo lhe ajuda a manter o equilíbrio?”

“Não, é para coçar minhas costas, sua caixa estúpida!”

“Sim, isso faz sentido.” Annah apenas suspirou com desgosto.

Varias pessoas haviam descrito um proeminente advogado que vivia na ala. Ele podia ter informações em vários tópicos que eu tinha interesse. Mesmo que ele não tivesse, ele sem duvida conheceria os outros advogados na ala.

Foi simples encontrar sua casa. Fomos permitidos descer as escadarias de uma grande casa. Se haviam servos, eles não estavam em evidência; apenas o advogado em si estava lá.

Esse homem estava vestido com leves vestes azuis cobertas de designs intrincados; apesar de sua opulência, entretanto, as vestes pareciam enrugadas e desgastadas. Classifiquei sua idade em torno de 50-60 anos... as linhas de preocupação em seu rosto tornavam difícil uma determinação mais exata. Quando entrei, o homem se virou na minha direção; enquanto o fazia, eu fui subitamente atingido por uma sensação de que conhecia esse homem... ou o conheci tempo atrás. O homem desviou o olhar, como se tentasse me localizar.

“Sim? Posso ser útil em algo?”

“Quem é você?”

“Sou Iannis.” Ele me estudou e franziu a testa. “Procurava por mim?”

“Eu não sei... o que é esse lugar?”

“Sou um advogado. Esse é meu escritório.” A voz de Iannis tomou um tom irritado. “Você busca aconselhamento? Se não, melhor sanar sua curiosidade em outro lugar.” Morte quebrou meu silêncio com um sussurro.

“Ele está dizendo que é um advogado. Um conselheiro. Um daqueles babacas que chacoalham a cabeça nos tribunais.” Dei um olhar entediado para Morte, já que eu sabia disso. Iannis deve ter escutado Morte, porque sua expressão se aprofundou quando explicava sua profissão.

“Um advogado prove conselhos, ajuda os outros a navegar no labirinto de Sigil pelo sistema legal, arruma legados para os cidadãos e assegura que suas propriedades sejam divididas como querem depois da morte, defende aqueles nas cortes de Sigil que foram acusados erroneamente...” Ele pausou. “Você precisa de ajuda em alguma dessas áreas?”

“Na verdade, acredito que você tem um legado para mim.” Pelo menos, eu esperava que tivesse. “O Legado de número “51-AA”, creio eu.”

Ele olhou para mim surpreso ao mencionar o legado. “Isso é extremamente antigo...você tem certeza...” Um olhar chocado tomou seu rosto. “Espero que não seja um daqueles que foram queimados...”

“Quão velhos eles são?”

“Bom...” Iannis ponderou um momento. “Algumas décadas pelo menos.” Se fosse o que eu queria, deveria ter mais de cinco décadas. Caso ainda existisse.

“Você disse que podem ter sido queimados? O que quer dizer?”

“Sim, esse escritório foi alvo de um ato de vandalismo sem sentido. Há um ano atrás houve um arrombamento no escritório. O objetivo único do vândalo parecia ser queimar minha documentação legal. Muito se perdeu. Uma pena, de verdade. Sigil pode estar...usando a Fe de uma pessoa....”Ele parecia ter perdido um passo enquanto mencionava Sigil. “O vândalo danificou apenas alguns documentos. Insostituíveis.”

“Pode me dizer algo sobre o incêndio?”

“Não há nada a se dizer sobre essa questão...foi um estranho, fogo localizado. Não posso imaginar o que havia de precioso nos documentos para serem queimados, mas alguém queria que fossem destruídos. Uma quantidade de velhas legacias foram queimadas, e algumas lembranças e outras recordações de valor apenas para mim.”

“Alguma sorte ao localizar o responsável?”

“Não, nem os Harmoniosos nem os Assassinos haviam tido nenhuma sorte ao localizar a pessoa responsável.”

“Você poderia checar e ver se o legado ainda existe?” Ele me deixou por alguns minutos, para procurar pelo número em seus arquivos. Ele voltou, para informar que felizmente ele não havia sido danificado pelo fogo.

“Posso ficar com ele? Sou o beneficiário.” Eu assinei os papéis que ele colocou diante de mim e ele me deu os itens do legado.

“Ai vamos nós; esse é o último papel. Aqui estão todos os itens que constavam na câmara...um parece um recibo de fundição, embora bastante antigo, tenho certeza. Será que o falecido havia encomendado algo na fundição?”

“Eu realmente não sei. Talvez...Estou começando a crer que tudo é possível.”Eu devo ver também se tem outro legado. “Também vim buscar o legado de uma jovem mulher....” Ele me pediu o número do legado.

“O legado da jovem mulher é 687-KS.”

Ele saiu para checar o número. Depois de alguns instantes, ele retornou, parecendo confuso.

“Isso...”Seus olhos se abriram muito. “O legado da minha FILHA...?” Ele pareceu chocado. “Como você conhece minha filha?”

“Não tenho certeza. Há uma pedra sensorial no Salão de festas que tinha esse número de legado.”

Seus olhos brilharam com esperança. “Tem mesmo? Mas em qual delas...?” VOCÊ tem que me dizer!”

“É uma das pedras sensoriais...se não for um dos Sensatos, você não terá acesso.”

Ele pensou um momento. “Devo achar uma maneira...talvez eles façam uma exceção para o pai dela...”

“Se você quiser, posso falar com alguém. Estou certo que fariam uma exceção para seu caso.”

Iannis pareceu aliviado. “Se você puder, eu seria muito grato”

“Vou ver o que pode ser feito. Eu queria saber mais sobre Deionarra, apesar. Como ela era?” Eu havia escorregado, mencionando o nome dela sem ele ter dito, mas ele não parece ter notado conforme ele respondeu.

“Deionarra? Ela era....jovem. Ela havia acabado de entrar para a Sociedade da Sensação, os Sensatos...não é uma facção desagradável, mas ela havia conhecido alguém lá... ela o seguiu em sua jornada e lá, ela morreu. Seu corpo...” Ele parecia estar sofrendo. “Eu nem fui capaz de recuperar seu corpo...”

“Você disse que ela era uma Sensata?”

“Sim...” Ele ficou um pouco mais animado, como se estivesse se aquecendo numa memória preciosa. “Ela havia se unido a eles devido ao seu dom...e ao fato de haver TANTO sobre o multiverso que ela queria experimentar. Os Sensatos se prestam prontamente a compartilhar de experiências e sensações.”

“Dom?”

“Oh, sim...” Iannis acenou. “Minha filha tinha o sangue de oráculo em suas veias, mas era um talento incerto. Às vezes, ela podia prever eventos antes mesmo de acontecerem... ela tinha “Visão”; ela podia ver através do tempo em si, transpassando os fios do destino...”

“Você sabe para onde ela foi nessa jornada?”

“Ela nunca disse. Eu não estou certo se ela era capaz de falar aonde ela havia ido. Deve ter sido um lugar...terrível.”

“Como ela morreu?”

“Eu não sei...seu corpo nunca foi encontrado.” O resto de Iannis ficou avermelhado e ele apertou as mãos.

“E essa talvez seja a parte mais enlouquecedora dessa miséria....Eu nunca saberei o que a possuiu para tê-la feito correr daquela maneira, o que houve com ela, nem aonde seu corpo repousa agora!”

“Perdoe-me por perguntar, mas como você sabe que ela esta morta se você nunca encontrou seu corpo?”

“É muito curioso... fui até os Dustman para ver se eles haviam encontrado o corpo, e eles me encaminharam para um deles fora do monumento... um Dustman chamado “Morte-dos Nomes” eu creio. Dizem que ele é um oráculo de espécies, sobre aqueles que morreram. Ele me disse que minha filha havia morrido.”

“Você sabe alguma coisa sobre esse homem com o qual sua filha viajou?”

“Pouco. Eu mal sabia de sua existência até que ela se foi. Aí então, era tarde demais para conhecê-lo.” Eu mal conhecia Iannis, mas eu devia a ela pelo menos parte da verdade.

“Eu acredito que esse homem era eu. Mas eu esqueci da quase tudo.”

“Você?!” Iannis me olhou de cima a baixo. “Foi você que... e você diz ter ESQUECIDO?!” Iannis levantou-se; ele me olhou como se preparasse para uma batalha. “Você se ESQUECEU... mas esse incidente não foi há tanto tempo. Como pode ser?” Não foi há tanto tempo? Mais de 50 anos atrás. Iannis deve ser mais velho do que eu havia pensado. Mas eu podia ver como o seu tormento ainda era recente para ele, e a perda de sua filha parecia que havia acontecido ontem.

“Eu tenho uma condição estranha... eu me perco...por um tempo.Qualquer coisa que me disser sobre sua filha seria imensurável.”

“Conheci incontáveis mentirosos em meu mandato nessa cidade.” Iannis me estudou intentamente. “ Você não me parece ser um deles....pelo menos não nesse sentido.” Ele tossiu. “ Se você realmente não lembra, então qualquer coisa que se sucedeu sobre você e minha filha em sua viagem deve ter deixado cicatrizes profundas.”

“Estou inclinado a concordar.”

“Então eu peço sua palavra nisso: se sua memória voltar, e você descobrir o que houve com minha filha,retorne para mim para que minha mente possa ter paz nessa questão.”

“Eu o farei.”

Eu pedi então o legado que Deionarra havia me deixado. Ele desapareceu por um tempo.

“Todos os artigos são considerados...” Iannis segurava dois pergaminhos nas mãos e um anel. “Eu não fazia ideia que ela tinha estabelecido um legado aqui...” Ele estava olhando os itens, quase hipnotizado. “Aqui esta. Você se importa... posso ler?” Eu não podia negar a ele. Um pergaminho continha uma magia de cura, mas o outro era uma nota escrita por sua filha.

“Claro. Aqui esta.” Iannis pegou o pergaminho e o estudou. Houve um longo silencio então ele lentamente olhou para mim.

“Você... significava muito para minha filha. Ela estava disposta a dar sua vida por você.”

“Acredito que seja isso mesmo.” Iannis me devolveu o pergaminho.

“Obrigado senhor, aprecio sua gentileza.”

“Isso é o mínimo que posso fazer.”

Eu estava prestes a sair, mas não havia sido inteiramente honesto com Iannis. Eu sabia algo mais sobre sua filha e não achava correto sair sem mencionar isso. Mesmo que o que eu tinha a dizer podia apenas aumentar sua agonia.

“Eu vi uma mulher chamada Deionarra enterrada no salão memorial do Mortuário. Ela havia se tornado um fantasma e afirmou que me conhecia.”

“O...que?!” Iannis pareceu frustrado. “O.... que você acabou de dizer?”

“Seu espírito agora mora no salão memorial. Eu falei com ela um pouco e ela parece estar aflita.”

“Você....falou com ela?!” Iannis pareceu ficar mais confuso nesse instante. “O que a aflige?!”

“Eu, aparentemente. Ela me disse que me amou e que eu amei ela...e que eu havia a abandonado.”

“Entendo.” Iannis chateou-se e me estudou... seu rosto ficou como uma pedra. “Você é a pessoa com a qual ela deixou Sigil. O Indivíduo que a levou na jornada que a matou.”

Eu não tinha nada a dizer contra a acusação de Iannis, pois eu acreditava que era verdade. Eu havia permitido ela na viagem, havia deliberadamente manipulado ela para que viesse comigo para usar seus poderes. O fato de não lembrar desses eventos, ou que eu já havia sentido agora uma angústia extraordinária sobre seu destino, não podia, não devia mudar o que havia acontecido. Sai de sua casa sem mais nenhuma palavra.

Fora dela, abri o pergaminho com o legado de Deionarra.

“Meu amor,

Se você estiver lendo isso, então a tragédia que eu vi aconteceu. Eu morri, e você permaneceu para sofrer a perda.

Saiba disso, meu Amor... Eu sei por que você foi forçado a proteger seus sentimentos de mim. Você procurou me proteger do terrível fardo que você carrega consigo. A distância que você mantinha de mim era sua maneira de me proteger, e os breves momentos em que estivemos sozinhos e você permitiu que eu conhecesse seus sentimentos, foi AI que eu soube que você se importava comigo.

Não carregue arrependimentos, não carregue culpa, pois eu segui sua jornada por minha própria conta, e não importa como a morte veio a mim, eu sei que você fez tudo o que pode por mim.

Nossas vidas são interligadas meu Amor, e a morte não será uma barreira entre nós.

Pois minha visão viu o que esta por vir, apenas em segmentos fragmentados, mas para mim é suficiente saber que estaremos separados por um tempo, mas iremos nos reconciliar novamente. Assim, não veja minha morte como um adeus, mas apenas como um intervalo antes que nos reencontremos novamente. Carregue meu anel com você, e essas outras partes de mim, e pense em mim. Mantenha-me em sua mente e coração, e isso será a luz que nos aproximará.

Para sempre

Deionarra”

Examinei o anel que ela havia deixado, com dificuldade em vê-lo, pois minha visão estava turva devido as lágrimas não vertidas. Alguma memória das profundezas da minha mente me permitiram identifica-lo.

O anel de marfim radiava um brilho radiante, e apesar de ser frio ao toque, sua frieza era estranhamente confortante.

Dentre os muitos segredos da Sociedade da Sensação, eu havia lembrado, estava a habilidade de manipular a forma de uma pedra peculiar do Elysium, apelidado de “Pedra da alma”. Ao passo que essa pedra não era tão poderosa quanto as pedras sensoriais, era dito que as Pedras da alma carregavam uma impressão dos sentimentos do usuário. Tais anéis eram frequentemente usados em casamentos, cada anel escrito o sentimento do outro.

Coloquei o anel no dedo, querendo encontrar um meio de ajudar Deionarra. A joia de marfim esticada para ajustar a largura do meu dedo.

PREPARAÇÕES

Voltei para a Ala Baixa, para a Grande Fundição, para ver o que meu recibo ia me trazer.

Quando dei o recibo para o clérigo, ele voltou com uma estrutura metálica, que eu desdobrei.

Era um pedaço brilhante de uma estrutura metálica filigrana. Parecia quase transparente, com lâminas protuberantes saindo dela. Deve ter sido importante se eu a deixei para mim mesmo.

Então me surpreendeu. Eu não devo ter sido a única encanação que aprendeu sobre a importância da bruxa Ravel.

Esse item havia sido entregue a outra encanação, a “prática”, e aonde mais quer que ele tenha estado, ele era extremamente astuto. Seria como se ele tivesse feito um plano que iria ter frutos décadas depois. O clérigo na fundição havia dito que a receita parecia ter centenas de anos, que se ele estivesse certo, então o projeto já havia tido quase 50 anos quando minha encanação “prática” criou o legado para manter essa receita.

Como se isso fosse um meio de chegar a Ravel, poderia ser um portal. Mais, eu já sabia que a chave para abri-lo era um “pedaço de Ravel”. Eu também sabia aonde pegar a chave. Eu dobrei o portal de volta, e o guardei. O clérigo da fundição, que estava olhando o portal tentando descobrir do que se tratava, provavelmente nunca mais aprenderia mais do que aquilo. Eu ri com esse pensamento, isso era bom para ele.

Apressei-me na Fundição, voltei para a Ala Clérigo, e ao Bordel das Saciações dos Prazeres Intelectuais. Assim que entramos, Morte questionou Grace.

“Então Grace..., você uh, tem irmãs?”

“Milhares.” Foi sua resposta.

“Me de um instante para me deliciar de alegria.”

Apesar da urgência da minha missão auto-imposta, decidi visitar Yves a perseguidora de histórias primeiro. Eu estava curioso se Nordom tinha alguma concepção do que era uma história, e o pedi para que contasse-nos uma.

“Na décima terceira revolução, fomos obrigados a fixar engrenagem e dentar um sub-conjunto de trinta e um no quinto anel de Mechanus. Nós removemos a obstrução e a máquina voltou a sua velocidade normal. Após completar a tarefa, nós fomos devolvidos a Fonte.” Morte estourou quando Nordom concluiu.

“Que diabos foi aquilo, seu estúpido polígono?! Essa foi a história mais chata que já escutei!” Nordom respondeu em voz irritada.

“Foi o que aconteceu. Com enfeites, é claro.

“Enfeites?” Morte gaguejou com desacreditando.

“Eu achei que o retorno a Fonte era um final apropriado para terminar a historia.”

Yves sorriu. “Uma ótima história Nordom. E agora eu tenho uma para seus companheiros... “Flores e Sensatos”

“Havia um homem que lia muito sobre flores- ensaios, tratados, textos biológicos, poesia- e com isso ele se considerava muito bem instruído no caminho das flores. Um dia, ele passou por um jardineiro meio cego que cuidava dos jardins Sensatos. Quem era o cego no caminho das flores?”

Enquanto Nordom e Yves estavam se falando, eu estava examinando o espelho mágico que também havia sido entregue a minha outra encarnação “prática”.Vendo-o, Yves ofereceu partilhar a historia “Espelho dentado de Yehcir-Eya.”

O Espelho dentado de Yehcir-Eya foi a esperança de um império.

A último Grande Monarca do Mar de areia negra, Yehcir-Eya, descobriu que estava morrendo lentamente. Cercada por nações rivais que queriam tomar para si suas terras, Yehcir-Eya procurou escolher uma das Matriarcas menores aos redores e fazer uma aliança, preservando sua nação de invasão.Mas ela não sabia em qual Matriarca menor podia confiar.

Consultando seus oráculos, ela pediu a eles meios de testar os corações das Matriarcas menores. Eles a disseram para viajar para as extremidades do Mar de areia negra- lá, onde a areia preta deslocava-se de seu lugar a ardósia, ela encontraria o que procurava.

A Grande Matriarca viajou muitas léguas, viajando a pé ate chegar nos limites do Grande mar.

Lá, seus pés caíram sobre uma grande placa de vidro prateado do tamanho de um pátio embutido no pavimento do deserto.

Seus oráculos a instruíram a cortar o grande espelho e o modelar em trinta e três espelhos. Esses espelhos foram enviados para as Matriarcas menores ao redor das nações como presentes. Os espelhos iriam testar seus corações, os oráculos previram.

Ninguém sabe ao certo o que aconteceu naquela noite final, mas a cada espelho que era entregue, uma Matriarca menor morria. Houveram historias de formas espectrais que rastejaram para fora de seus corpos enquanto olhavam os espelhos, e os gritos de dor enquanto estrangulavam seus donos.

Em resposta ao assassinato de seus lideres, as nações aos redores atacaram Yehcir-Eya e destruíram.

Os Espelhos dentados de Yehcir-Eya foram separados e perdidos.

De acordo com vários estudiosos planares, os espelhos dentados tinham a habilidade de fazer com que a alma saísse do usuário e tomasse forma física. Se era porque as Matriarcas menores foram consumidas pela ganância e um desejo de conquista ou a grande placa de prata encontrada no Grande mar de areia negro era maligno em si, o espelho criou uma imagem maléfica de seus usuários. Suas almas tomaram forma e mataram seus donos.

Quando ela terminou, perguntei se ela sabia que Kesai Serris era filha de Ravel. Ela respondeu com outra história.

“Era uma vez, um homem ancião da Ala Clériga sumiu, e seu corpo não pode ser encontrado. Para ocultar isso, o assassino enterrou debaixo dele um outro corpo no cemitério. Eles foram confundidos. Eles foram forçados a libertar o homem, até que eles continuaram a escavar para voltar a enterrar o corpo do homem mais velho que eles encontraram o segundo corpo ”.

“As vezes você tem que cavar mais fundo para encontrar a verdade.”

Decidi falar com Kesai Serris, que eu havia anteriormente descoberto ser filha de Ravel. A perguntei diretamente se Ravel era sua mãe. Kesai subitamente mostrou os dentes, estreitando os olhos em fendas de chamas carmesim.

“O que ?!Aonde você ouviu isso?”

“Ecco me disse.”

“Ridículo! Eu acho que saberia se aquela velha perturbada foi minha própria mãe! Agora para de me incomodar com isso.”

“Quem é sua mãe então?”

“Eu não sei, tudo bem? Meu pai me criou; eu nunca confiei nela. Mas eu PAREÇO uma bruxa da noite para você?!” Isso era muito importante para poupar seus sentimentos, e eu fui absolutamente franco na resposta.

“Bem...tem a pele.... e os olhos...e talvez os dentes também....”

Ela recusou seque admitir a possibilidade , então decidi tomar outro rumo

Falei com varias outras prostitutas sobre Kesai, e finalmente encontrei uma pauta que podia faze-la admitir seu parentesco. Procurei por Kimasxi Adder tongue, e enfrentarei sua língua áspera para pedir-lhe algumas perguntas.

“Ouvi que você é meia Irma de Kesai Serris, É verdade?”

“Sim, sou parente daquela gorducha, chorona, nariguda que sonha acordado. Mesmo pai, mães diferentes.E daí?”

“Eu esperava que você pudesse me ajudar a descobrir se Kesai é realmente filha de Ravel. Kirnaxi franziu a testa para mim.

“Normalmente eu detestaria ajudá-lo assim, mas eu tenho a sensação de que iria perturbar aquela concumbiba paqueradora muito bem. Diga para ela procurar nosso pai...ele é um poderoso cambion, então ela deve ser capaz de chamá-lo la mesmo. Isso o levava á a essa resposta.”

“Cambion?”

“Sim, cambion.” Kimasxi virou os olhos. “Não me escutou da primeira vez? As orelhas pararam no passado e seu cérebro se acostumou sem elas?

“Estou lhe perguntando o que é um cambion...”

“Nossa, você é desinformado.” Ela balançou a cabeça inconformada, desconformada. “Um meio demônio, babaca, meio igual a você...mas você é metade merda. Eu acho. Voce cheira assim de qualquer modo.”

“Melhor do que ser meio VOCÊ Kimasxi.”

“Você GOSTARIA de ser metade eu otário...mesmo se terminasse com um traseiro de cabra nos ombros eu estaria melhor do que essa sua cara cheia de cicatrizes.”

Eu sai rápido, não querendo agüentar mais insultos verbais, e encontrar Kesai denovo. Kesai havia perdido sua raiva de mim, apesar que aquilo não seria capaz de me parar. Compartilhei minha nova informação com ela.

“Kesai, eu falei com Kimasxi. Ela me disse ser sua meia Irma, e que Ravel é sua mãe.” Kesai rosou, seus olhos brilharam com malícia.

“Aquela....aquela...diabos, como eu odeio essa mulher! Porque você acreditaria nesse tipo de mentira?”

“Ela disse que você nega, e que de fato você não saiba, mas que é verdade. Ela disse que você pode perguntar ao seu pai...que ele lhe contaria. Kesai olhou para mim silenciosamente por um tempo.

“Me de um momento.” Ela virou-se e começou a murmurar levemente...o ar parecia brilhar levemente ao seu redor, e encheu-se com um cheiro de cobre, como sangue quente...me esforcei, tentando ouvir o que ela dizia.

“Haghazanel. Príncipe Banido de Ithag. Marques das Sombras sangrentas, meu pai, me ouça, pois estou lhe invocando...”

“Sim, querido pai, sou eu, Kesai Serris. Eu gostaria de lhe fazer uma pergunta, uma que já lhe fiz e a faço de novo...”

“Sim querido pai. Não suporto ouvir outra pergunta e não me conhecer.Você TEM que me dizer... EU não peço nada além disso. Diga-me eu lhe imploro...”

“S-sim, sim querido pai, eu entendo.E lhe agradeço...até logo...”

“Bem? O que ele tinha a dizer”Kesai permaneceu virada por um momento antes de finalmente me encarar.

“Eu não queria acreditar que aquela bruxa perversa podia ter sido minha mãe. Eu vivi muito, eu não pareço envelhecer, e tenho...sonhos perturbadores, as vezes.” Ela estremeceu. “Mas ainda...Eu não quero ser herdeira do mal que ela causou, nem de chamar a atenção da Dama como minha mãe fez. Tantas coisas malignas que ela fez!”

“Diga-me o que sabe sobre ela, você se importaria?”

“Eu ouvi que ela impõe charadas as pessoas, charadas que ela poderia responder, mas ninguém além dela. Ela devoraria a pessoa caso ela respondesse errado, ou deixá-los perambulando em seus jardins horrendos como exemplos para todos. Aqueles poucos que escaparam ela atormentou em seus sonhos,

manipulando-os como corcéis, quebrando suas vontades e arremessando suas almas no labirinto incolor do abismo de Grey Waste...”

“Dizem que sua magia estava além do que muitos já viram; era imaginação tecida de um pesadelo e substância dada. Pedra e formas sólidas dobram-se a sua vontade como argila mole; as leis dos Planos curvam-se aos seus pés e do nada ela poderia tecer ilusão... e da ilusão, criar realidades que podem horrorizar, confundir e matar.”

“Ela era uma mestra das Artes Negras, senhora e mestra delas todas. Ela caçou um Guvner que ousou citar para ela a lei de Sigil com sombras que devoraram tudo exceto sua língua, seus dedos e a carne de seu rosto. Ela virou Mercykillers de dentro pra fora, e quebrou construções daqueles que a desagradavam. Terrível, poderes terríveis estavam a seu comando.”

“Ela mudava sua forma como a água, e a usava para destruir por diversão, e para roubar conhecimento dos outros. Ela era um monstro, como tudo que foi gerado em Grey Waste.”

“No final, ela ameaçou abrir a Jaula e deixar a fúria dos planos rolar, como uma onda. Felizmente ela não obteve sucesso. Ela existiu unicamente para causar o mal...”

“Eu não sei se ela está morta...mas eu sei, agora, que ela era minha mãe.” Os ombros de Kesai caíram, e sua cabeça inclinou. “Oh, quisera eu ter lágrimas, para poder chorar de sofrimento!” Ela subitamente caiu em meus braços, estremecendo como se ela estivesse arruinada com soluços. Por um tempo Kesai apenas parou lá, agarrada a mim... mas então ela se afastou.

“Obrigado, mas...eu ficarei bem. Eu só preciso de um tempo para pensar sobre isso, é tudo.”

“Odeio te pedir isso agora... mas preciso que você me dê um pedaço seu, Kesai. A chave do portal para o Labirinto de Ravel é um pedaço dela, e você é sangue dela. É próximo o suficiente.”

“Você pretende procurá-la?” Sua surpresa rapidamente mudou para uma expressão alerta. “O que...para que você precisa de mim?”

“Do seu sangue, provavelmente. Apenas uma gota ou duas, tenho certeza.”

Kesai assentiu, e tirou um lenço e delicadamente picou a ponta de seu dedo em uma das suas presas. Após deixar várias gotas ensoparem o pano, ela o entregou para mim. “Você está se colocando em grande perigo, sabe. Mesmo se as histórias sobre minha mãe forem grandemente exageradas, ela é horrível e completamente maligna. Boa sorte.”

RAVEL PUZZLEWELL, PARTE 1

Eu devia ter esperado pelo menos um dia para me preparar, mas estava muito próximo das respostas que procurava. Entrei em um quarto vazio no Bordel, e descobri que ao tocar o portal com o pano que continha o sangue de Kesai era o suficiente para ativá-lo. Passando por ele, entramos em um labirinto que eu estava certo que encontraríamos Ravel.

Aparecemos em um emaranhado e espesso labirinto. Arbustos grossos formavam muros sobre nos, enquanto o chão abaixo parecia ser formado de milhares de raízes entrelaçadas. Logo descobrimos perigos vivos também. Duas criaturas nos atacaram, mais planta do que animal, apesar disso moverem-se rápido o suficiente, e tinham 2 garras.

Felizmente, suas habilidades de combate não superavam a dos meus companheiros, e eles foram rapidamente derrotados.

Nos movemos através do labirinto, derrotando mais algumas criaturas. Chegamos a uma brecha na parede de silvas à nossa direita, e seguimos por outra abertura. Nela, pudemos ver uma pequena área aberta, e um único indivíduo, da qual me aproximei.

A gorda, velha nariguda diante de mim não parecia muito um mito; ela estava vestindo uma simples camiseta marrom e calças(sujas), com um número de bolsas pendurado em seu cinto desgastado. Ela parecia alheia à minha presença, mais preocupada com as raízes negras entrelaçadas tecidas em conjunto para formar o piso do labirinto do que qualquer coisa transpirando ao seu redor. Eu a estudei por um momento.

Um emaranhado de cabelos grisalhos irregular sobressaía por debaixo do capuz da Velha, espalhando-se pelos ombros como uma massa de raízes retorcidas e cinza. Sua doentia carne azul-cinzenta pendurada em dobras soltas de seu rosto; o queixo estreito, longo e afiado, se projetava para a frente em uma extrema mandíbula, e dois caninos amarelos sujos saíam de sua mandíbula inferior, como pequenas presas.

“Ravel?”

“Ah...visitantes.” A voz da velha era espessa e áspera, como se forçasse o caminho através de camadas de pó. Seus olhos não tinham brilho, avermelhados, com veias negras percorrendo eles como galhos de árvores. Quando ela me olhou, uma estranha sensação passou sobre mim, como cobras se enterrando sobre minha pele.

“Saudações...Ravel.”

“Bem, agora, minha coisa linda, você voltou finalmente?” O rosto de Ravel emanou um sorriso grotesco, mostrando uma fileira de dentes amarelados. “ Você se perdeu a muito tempo, eu temia que tivesse esquecido a pobre e solitária Ravel.” Apesar do aspecto horrível que ela apresentou, eu não fui repellido como eu esperava. Em vez disso, eu não tive problemas em corresponder o tom de luz que ela tinha usado.

“Como pude me esquecer de você Ravel? Senti sua falta, mas você se escondeu num lugar difícil de se alcançar. Venha agora...você não deseja minha companhia?”

“Ahh....” O sorriso amarelado dela aumentou, descascando as dobras de sua pele, e ela cacarejou suavemente. “Que palavras **doces**....você já esta sabendo a resposta de suas resposta, meu homem precioso. Eu espalhei pistas como armadilhas, e esses foram meus meios de guiá-lo ao meu jardim. Eu temia que fosse VOCÊ que tivesse ME esquecido.”

“Asseguro-te, eu não esqueci, voltei para você finalmente.

“Voltou?Mas o QUE retornou?” Ela olhou para mim com os olhos negros de pasta mofada e sussurrou baixinho “Deixe Ravel ver como você se saiu nessa vida.” Ela me alcançou, como se importasse comigo, e eu subitamente notei que seus dedos eram garras, cada um deles era sujo e afiado. Entretanto, não temi seu movimento,e a deixei me tocar.

Suas garras irregulares traçaram seu caminho em toda a minha pele, e com seu toque eu senti a mesma sensação de formigamento estranho que eu senti quando Ravel primeiro olhou para mim. Seus olhos esmaeceram um pouco, e suas garras deslizaram suavemente ao longo dos contornos do meu rosto, demorando-se nas minhas cicatrizes. Estendi a mão para tocá-la, sentir suas características. Minha mão tocou o rosto de Ravel que com suas garras acariciava o meu rosto, e, instintivamente, eu espelhei seu toque - como suas garras arrastado ao longo de minha bochecha esquerda, meus dedos arrastados dela. Seus olhos se fecharam, e os meus em seguida. Senti-me estranhamente familiar ... Eu senti uma memória emergindo.

Quando meus olhos abriram , senti como se toda a cor tivesse sangrado das arvores e do labirinto;TUDO era inexpressivo, empoeirado, acinzentado. Os olhos de Ravel ainda estavam fechados, mas enquanto eu olhava, eles lentamente abriram ela sorriu, um triste sorriso. Senti as palavras chegando aos meus lábios, ecoando algo que eu havia dito no passado, em um lugar diferente, em outro plano...

“Dizem que você é a maior das irmãs Cinzentas, Ravel.Eu viajei muito para alcançá-la.” Ela negou, mas devagar, muito lentamente, como se estivesse sonhando.Quando ela falou, suas palavras estavam mudas, como se as falasse de dentro d’água.

“Mas PORQUE você viajou tão longe? Sua necessidade deve ser imensa... ainda assim você não parece ter trazido **nada** que me interesse. Você deve pagar **pagar** pelos serviços...”

“Minha necessidade é grande. Minha oferta é essa: um desafio. Talvez um desafio impossível... eu temo que seja um que esteja ate mesmo alem das SUAS capacidades...” Eu ecoei as palavras, e senti a manipulação, o toque sutil projetado para puxar as cordas de Ravel. Seus olhos brilhavam de um cinza ardente no sonho memória, e o cinza que estava comendo a paisagem parecia declinar a partir de seus traços.

“Não existe NADA que esteja além de mim, homem tolo!NADA! Diga seu desafio, eu te ouvirei!”

“Morte é o que espera o fim da vida para todos os homens.Eu não preciso mais que ela me aguarde... pode fazer isso, bela Ravel?”

A visão clareou, o cinza escorria do labirinto, ate que as cores voltaram, e minha mão ainda acariciava a bochecha de Ravel. Seus olhos estavam fechados, e ela tossiu. Eu as tirei lentamente, e depois de um momento, os olhos de Ravel abriram-se, e ela estava dando um leve suspiro.

“Simmmmm...” Ela retirou os dedos de mim, e ela me olhou triste. “Oh,triste, triste, ser meio quebrado. Todo pedaços.” Ela me fintou de novo. “Você não é mais o mesmo que Ravel conheceu...você ainda esta quebrado depois de todo esse tempo triste?”

“Quebrado? O que quer dizer?”

“Você possui um corpo, mas não possui conhecimento?” Ela apontou seu dedo enrugado ao meu peito, para minhas cicatrizes. “Muitas e tantas, as cicatrizes que você tem, todas encravadas em sua pele. Sua pele conta muitas histórias.”

“Que historias minha pele conta?”

“Suas cicatrizes e tatuagens gritam para mim, “aqui esta um homem que confronta o mundo” Ravel fez um barulho cantando, não muito diferente de um pássaro morrendo. “Sim, tais historias que paralisariam ate os ouvidos de uma bruxa...”

“Conte-me essas... histórias. Eu gostaria de conhecê-las.”

“Elas são muitas. Elas ecoam de equilíbrio desequilibrado, julgamento de guerra batalha com elementos diabólicos, e uma criatura que se alimenta de outros de longe para se manter... e de tormentos.Tais TORMENTOS que a carne nunca conheceu...”

“Você foi dividido em dois, quando sua mortalidade foi tirada de você. Desequilibrado, muito despedaçado na separação... tanto uma benção quanto um engano.... mas mais engano do que benção.Ravel acha isso.”

“Você TOMOU minha mortalidade?Como?”

“Esqueci como o fiz, esqueci.... terei esquecido?” O olhar de Ravel turvou por um momento, as veias negras nadavam em seus olhos. “E mesmo se eu lembrasse, eu nunca o faria duas vezes. Não esqueci o momento que tive, depois de um descanso, vendo a dor correr suas veias, seu choro como de um recém nascido, cada parte de você sendo preenchida de *vazio*. Terrível, mesmo para os meus olhos.”

“Então... é por isso que me sinto oco por dentro? Porque minha mortalidade se foi? Muito bem...quais são essas outras historias que minha pele conta?”

“Ótimas, grandes desafios de guerra...demasiadas demais para serem nascidas de uma criatura mortal. Essa guerra afeta TODOS, meu precioso meio homem. Não há lugar onde a sua carícia não é sentida ... ela tocou você?” A voz de Ravel diminuiu, quase amarga. “Para isso,Ravel diz “sim”.”

“Isso explicaria as cicatrizes... E sobre as batalhas com os elementos demoníacos?”

“Dois demônios que se debatem...”Ravel cheirou como por desprezo. “Suas pequenas cabeças cheias de ideias de como os Planos deveriam ser, mas nunca PODERÃO conseguir isso, ou os Planos não poderiam mais existir. Que tolice!”

“Uma criatura que se alimenta de outros a distância?”

“Não há explicação para sua angustia, mas muito, muito mais terríveis são as que fervem sob sua pele. E a que custo...eu não sei...não sei? Não conheço a natureza nem a causa desses anseios.Mas preste atenção nisso: os próximos eventos lançam suas sombras diante deles, meu precioso meio homem... não há como predizer quais serão, nem mesmo com os olhos de Ravel.”

“E esses tormentos... o que são esses tormentos que você cita?”

“Um ima atrai ferro para ele... e você idem, meu precioso incompleto, mas não como o ferro, e sim com almas atormentadas. Enquanto outros sofrem, eles são atraídos por você, e seu caminho torna-se o deles.” Ela fez um gesto amplo. “Você não vê isso nos olhos daquele que viajaram com você?”

“Meus companheiros? O que quer dizer?” Apesar de eu saber enquanto dizia essas palavras, eu refleti que já havia descoberto os problemas que causara para quem cruzou meu caminho.

“Você quer explicar Gith?” Ravel lançou um olhar incinerante para Dak’kon, com um sorriso cheio de presas. “Votos provam-se mais firmes que qualquer corrente não é? As correntes de uma raça escravizada, agora escravas de novo?”

Dak’kon estava quieto, mas sua espada alterava com as palavras de Ravel...a lâmina escurecia, a lâmina afiava-se até que a própria Karach parecia carregar consigo uma terrível malevolência sobre ela.

“A caixa de engrenagem...” O olhar de Ravel voltou-se para Nordom. “Um dia você soube apenas a definição de sofrimento, mas agora você sente sua picada. Não há espaço para “2” em um mundo de 1 e 0, não há espaço para talvez numa casa de verdades e mentiras, e não existe “verde de inveja” em um mundo preto e branco. Quando ele descobrir como funcionam os Planos, quando descobrir a verdade por trás da lealdade e lógica doentia, mais tormentos ele conhecerá...”

“A caveira falante...” Ravel nem sequer se importou em olhar para Morte, como se ele estivesse abaixo de sua observação. “Os gracejos são escudo suficiente para o que esta enterrado no fundo da sua cabeça, hein? Porque dizer a verdade quando a mentira o basta?”

“A sedutora Abissal...” Ravel zombou, suas presas amareladas perfuravam seus lábios roxos enquanto ela fingia Fall from Grace. “Uma pele tão bela, lábios tão ricos, olhos que podem fazê-lo esquecer até mesmo de Ravel...ainda assim ela sofre, mais que qualquer outro. Quando você se rebela contra sua natureza, muitos são os tormentos que surgem dessa traição.”

“Ravel...” Grace respondeu suavemente, quase cuidadosamente. “Eu já resolvi os m”

“Você MENTE ,succubus! Os lábios de Ravel desmascararam um grunhido. “Você MENTE! Não OUSE mentir para mim, quando seu coração é um livro para mim” Cada palavra que você COSPE grita os seus tormentos!”

“Ah...” Ravel gesticulou para Annah, como se ela estivesse a venda num balcão de leilão. “Dê uma olhada na Tielving resoluta... que cabelo e voz ardentes...” Ravel sorriu, mostrando sua fileira de dentes amarelos. “ Devo falar do SEU tormento, tiefling?” Annah parecia paralisada, seus olhos saltaram enquanto Ravel voltava seu olhar negro em sua direção. Eu podia vê-la tremer, seu coração batia rápido.

“Não...não, eu não irei falar sobre ele.” A voz de Ravel baixou, quase que de cansaço, e o sorriso deixou seu rosto. “Estou cansada de crueldades e tormentos, Ravel está...o mundo é um lugar irregular

O suficiente...” Ela se virou para mim, seus olhos sangrentos esmaeciam, e ela tossiu.

“E meu precioso, precioso meio homem...para VOCÊ...o maior tormento de todos...viver para sempre. A vida pode se importar com você o tanto quando Ravel se importa?” Ela rangeu suas presas amarelas com um horrível barulho. “Tão corajoso, tão apaixonado, tão terrivelmente perdido, triste, triste.”

“Você foi um quebra cabeça de pele e osso, sempre intrigante, e o mais amado dentre todos que vieram a mim, pedindo, perguntando, implorando...implorando? Implorando por ajuda.” Ravel olhou sério para mim, seus olhos negros em brasa estreitando. “Tão DIFÍCIL ver um passado cheio de cicatrizes, para cavar um homem que uma vez esteve enterrado...”

“Ravel, pode me dizer algo sobre quem eu fui?”

“Uma sombra com substância, buscando aquilo que lança a luz. Eu o conheço mais e não...conheço...” Ravel pausou, seus olhos escurecendo. “Não mais do que eu conheço a natureza de QUALQUER homem. Nossos passados se cruzaram...um homem com imortalidade, ainda sentindo as aflições da separação, e uma velhaurchada, agora aprisionada. Parece que estamos nos conhecendo pela primeira vez não é? Não, não, nada, nada, não conhece?” Ravel pareceu confusa por um instante, então estremeceu, como se estivesse jogando um peso.

“Não conhecia tudo. Ou é um eco do futuro... ou uma reunião do passado, dependendo de que tempo estamos nos deparando.”

“Então... nesta reunião ecoa uma reunião no passado?”

“O agora é então- muito...parecido?” Tão emaranhado o agora e o então são que, ambos espelham-se um no outro...mais uma vez, você veio a mim com um problema, para me desafiar por uma solução de uma impossibilidade.” Ravel assoviou para mim, e seus olhos ardiam. “Lindo, INGRATO, amado!”

“Qual era essa impossibilidade que lhe pedi que resolvesse?” Ravel parecia não ter me escutado- ela ainda parecia estar no passado, pois seus olhos turvavam como se estivesse olhando para longe.

“Havia um fogo em seus olhos, suficiente para agitar o coração de uma Irmã Cinza.... paixão de ser livre, mas quando liberto, o fogo em seus olhos se foram. Com a separação, temo que sua vida deixou todo significado.” Ravel sorriu com suas presas amareladas, então mordeu, como se estivesse rindo. “Talvez você devesse sentar sobre suas pernas traseiras e inclinar as dianteiras- talvez Ravel lhe de um pouco mais de informação.”

“Eu não irei implorar por ajuda. Vou pedir e nada mais.”

“Como se fosse para você, você não dobraria os joelhos pra mim, meu precioso homem.”

“Ravel, tenho tantas perguntas para te fazer...”

“Oh, você tem MAIS perguntas?” Ravel lamentou levemente, mas havia uma vantagem nisso, como se ela estivesse me repreendendo. “SHhhhh—Shhhhh. Mas você já perguntou tantas.” O olhar com veias enegrecidas de Ravel tomou um semblante curioso.

“Agora é a vez das MINHAS perguntas, meio homem. Saiba disso e conheça as leis de Ravel; se você não responder minhas perguntas, não responderei mais as suas, meu precioso homem. Pense direito nas respostas, ou as perguntas o destruíram por completo...”

“Suas regras são justas. Faça suas perguntas, Ravel.”

“Gostaria de saber POR QUE veio ate aqui com esses outros... eles não sabiam para onde estavam viajando?”

“Claro que sabiam. Quem NÃO gostaria de viajar comigo até aqui para conhecer você, bela Ravel? A vida oferece poucas oportunidades como essa. Eles queriam saber se as historias sobre seu poder e beleza eram verdadeiras... como eu sabia que eram.”

Ravel me olhou por um instante em silêncio, então seu rosto tomou um largo sorriso horrendo, sua fileira de dentes amarelados brilhando na fraca luz de seus olhos. “Ahhh... meu precioso homem, você carrega **apenas** palavras...” sua língua negra saltou de seus lábios roxos, e contornaram os limites de sua boca, como se antecipasse uma refeição. “mas você esta BEM armado, sem duvida...” Ela acenou lentamente, e seu sorriso se desfez. “E eles viajam com você voluntariamente?”

“Eles escolheram caminhar o mesmo caminho que eu. Como eu disse, eu não gostari-“

“Escolheram? Ahhhh.. uma palavra perigosa. Não é mesmo?” Ravel lançou um olhar negro sobre Dak'kon, sua voz era como uma flecha.

“É uma escolha Gith?É? Ou é uma questão de 2 céus?” A Lâmina de Dak'kon sangrou em um negro morto vicioso, espelhando seus olhos...e para minha surpresa, a Lamina Karach silenciosamente dividiu-se em presas irregulares. Senti raiva; era eu que havia vindo questiona-la. Era comigo que ela havia feito sua barganha.

“Ravel...deixe-o em paz. EU vou responder suas perguntas, não eles.” Ravel me ignorou.

“E a caixa de metal?” Ravel virou-se para Nordom, cheirando. “O que ISSO conhece sobre ESCOLHA?” Ela estalou os dedos, com um som de ossos quebrando. “Há apenas obediência e obediência,hmmm?” Os olhos de Nordom piscaram antes de responde-la. “Pergunta: O que Nordom define como :Escolha? Defina: Escolha: O ato de escolher, selecionar; o direito ou oportunidade de Escooo-“ Ravel lançou seu olhar sobre Morte, sobrepujando a resposta de Nordom.

“Crânio, crânio, crânio...” Ravel estalava a língua a cada palavra, e seu sorriso se abria. “É difícil ler sua expressão sem ter a pele se esticando, mas sinto seu MEDO daqui. Vir aqui NÃO FOI sua escolha.” Morte respondeu com suas tiradas convencionais.

“Bem, eu não tinha nada MELHOR para fazer a não ser ir até um dos labirintos da Dama e conhecer uma das criaturas mais malignas que já colocou os pés em Sigil, então eu disse “Claro!” Porque não?” Senti um medo súbito. Essa pessoa não devia ser levada na brincadeira.Tentei calar Morte.

“Morte , cale-se. Ravel, eu...”

“Cale-se?!” Morte rangeu os dentes. “O inferno que eu vou! Acho que já ouvimos essa bruxa velha encher o saco o suficiente, e agora que ela tem um par de pedras, dizendo que não tenho pele! E DAÍ que eu não tenho?! Obviamente, o fato de que ela tem a pele tem feito maravilhas para a sua aparência! Ela acha que eu gosto de ficar PELADO o tempo todo? E outra COISA-“ Felizmente, Ravel escolheu ignorá-lo, movendo-se ate a próxima vitima.

“A succubus...” Ravel forçou os olhos. “ Ela tem uma escolha? Talvez em sua mente de pele lisa de sedas macias e duras verdades, TALVEZ escolha....Tchhhh.Mas não. Um Sensato DEVE experimentar de tudo, e recusa-se vir- NÃO seria uma Sensata. Ainda não há escolha!”

“A Tiefling, a ARDENTE.” Ravel vangloriou-se levemente, e seus olhos se acenderam, como se estivesse se divertindo. “Sem escolha. NENHUMA. Quando você SENTE ao em vez de PENSAR, existe pouco espaço para escolha.” Annah não deu uma resposta – A mera presença de Ravel parecia silenciá-la. Sua cauda parou de balançar, entretanto, seus olhos haviam perdido seu timbre afiado. Eu precisava chamar a atenção de Ravel de volta para mim.

“Chega disso, Ravel. Quais outras perguntas você tem?”

“Shhhhh...você vai ter tempo suficiente para falar , meu precioso meio homem.” Ravel bateu com um dedo contra uma de suas presas amareladas. “A seguir essa pergunta: O que você sente por aqueles que vieram com você? Eles **importam** algo para seu coração?” Ela sorriu, as veias negras em seus olhos dançavam. “Ou eles são OBJETOS para sua vontade?”

“Eles SÃO IMPORTANTES para mim, e isso é tudo o que você precisa como resposta. Faça sua próxima pergunta.”

“Mesmo o Gith?” O olhar negro de Ravel caiu sobre Dak’kon. Então deslizaram para encontrar meus olhos de novo. “Fale o que ele significa para você, e diga a verdade, ou Le ira fazer parte do meu jardim.”

“Ele é meu aliado. Eu o CONHEÇO. Ele é meu amigo.”

“Ah...” Ravel negou... e então sorriu de novo, seus dedos batiam um nos outros. “E o crânio?” Novamente ela sequer olhou para Morte. “Sem duvida ele não tem importância nenhuma para alguém como você. Ou...ele tem?”

“Ele parece muito confiável. Ele é leal, e ele ajudou a salvar minha vida no Mortuário.”

“Curioso, curioso, curioso é...” Ravel sorriu. “Você esta se moldado muito ao jeito que costumava ser. O que mais se esconde nas profundezas sombrias da sua mente?” Ravel incorporou um peso ameaçador, virou-se para Fall from Grace, e seus olhos ardiam. “E aqui esta o núcleo de tudo isso- a Sedutora Abissal... ela esta com você pelo lado carnal, ou ela significa algo MAIS para você, hum?”

“Grace não disse nada. Ela parecia estar estudando Ravel intensamente... Eu fui subitamente atingido pelo sentimento que Grace estava medindo as fraquezas da Ravel. Ravel virou-se para mim, rangendo seus dentes amarelos, como se antecipasse.

“FALE, homem precioso, mas tenha cuidado com as palavras que disser.”

“Eu poderia me apaixonar por ela.” A verdade, mas eu sabia que estava sem solo perigoso quando vi com o olhar de Ravel deslizou de mim para Grace. Eu havia jogado algo um jogo perigoso ate agora com a bruxa. Perigoso o suficiente para tentar mentir para ela, mas mais perigoso ao responder a sua próxima pergunta.

“Hummmmm...” Ravel virou, bateu os dentes, então olhou para Annah com um escárnio. “E que tal esse PEDAÇO de carne...a tiefling, a demoníaca com seu cabelo avermelhado e paixão ardente. O que ELA é para você , meu precioso homem? Eu conhecia Annah há muito pouco tempo para ter certeza dos meus sentimentos por ela. E gora foquei minha vontade, me fiz ACREDITAR que ela não passava de uma companheira para mim.”

“Eu gosto da companhia dela... eu a considero minha amiga.”

Ravel olhou para Annah, então bufou, seus olhos negros reluziam. “Hummmmmmmmm...que seja. Minha próxima pergunta é essa...” A voz de Ravel baixou, quase sussurrando. E subitamente, eu senti um estranho sentimento de que ela não queria ouvir a resposta. “Porque você esperou tanto para VOLTAR para mim? Ravel se sentiu sozinha sem você, homem precioso. Senti que o momento de perigo havia passado, e agora poderia confortavelmente fazer uma resposta lisonjeira.

“O caminho para esse lugar é difícil, bela Ravel. Foram feitos esforços para assegurar que você tivesse pouca companhia, e muitos foram os desafios que tive que enfrentar antes de poder estar aqui diante de você. Contudo estou feliz de vê-la novamente Ravel- pelo que vejo o tempo não diminuiu sua beleza.”

“Suas respostas...” Os olhos de Ravel brilhavam, e seus lábios retrocediam em um sorriso grotesco. “Suas palavras são calmantes e não foi escutado há um bom tempo...elas mexem ate mesmo com meu coração negro emaranhado. Não importa aonde estão suas memórias, seu charme permanece, que coisa linda...”

“Não, é o SEU charme que persiste, bela Ravel.”

“De encantos, feitiços, bruxarias... todos eles Ravel os masterou...ainda assim, parece que ainda há muito o que você pode ME ensinar...” Ela parou um momento para pensar.

“Ahhh, simm. A terceira e ultima pergunta... é ESSA...” Quando Ravel abriu a boca para fazer a ultima pergunta, fui subitamente agarrado por uma terrível sensação de que a ultima pergunta havia matado muitos outros que haviam sido questionados. Eu sabia o que era, e a senti como se fluísse para fora de mim, e me senti obrigado a perguntar.

“O que pode mudar a natureza de um homem?”

“Vejo que você não esqueceu....Ravel sorriu, suas presas amareladas reluziam. “Qual é a sua resposta?”Eu não tinha certeza se isso podia mudar a natureza de um homem, mas havia algo que eu havia sentido quando aprendi pela primeira vez as ações das minhas vidas anteriores

“Arrependimento”

“E essa é sua resposta...?” As veias nos olhos de Ravel começaram a se mover levemente, e ela deu um sorriso sinistro. “Esteja certo do que vai responder.”

“Pode não ser a SUA resposta, mas é a MINHA.”

“E isso que tudo que eu desejei, meu precioso homem.” Ravel sorriu relaxada. “Uma simples resposta, e no final, foram muitos os homens que eu dei enquanto procuravam a MINHA resposta.”

“É isso...? Eu achei...”

Ravel deu risada. “Inúmeras vezes essa pergunta foi feita, e nem sequer UMA vez os patéticos cascos que vieram a mim deram SUAS respostas, mas sempre procuraram buscar na minha mente e achar o que EU achava.... Tchhh! Não há verdade nisso.” Eu sabia que ela estava mentindo.

“Eu...não acredito em você.De fato,não creio que pudessem lhe responder suas verdades , mesmo que fosse a verdade deles.” Ravel ficou subitamente, estranhamente quieta. Ela me observava cautelosamente.

“Voce NUNCA se importou com qualquer resposta que lhe deram a não ser a minha.Nunca. Não foi? Ainda assim você fazia a pergunta, sabendo que independente da resposta que dessem, eles morreriam nas suas mãos.”

“É CLARO que a suas respostas eram as únicas que eu buscava, pois você foi a ÚNICA razão que me fez perguntar esse dilema!Você acha que me importo com eles...?Tchhhh!Você acha que eu sequer me importei uma FRAÇÃO por eles do que me importei com VOCE, meu precioso homem? Me responda!” Era obvio que ela já sabia a resposta. Ao invés disso eu lhe fiz outra pergunta.

“Porque você me tornou imortal Ravel?

“É o que você QUERIA, e você pediu tão docemente... como Ravel podia dizer “não” para alguém como você? Imortalidade era SUA solução e seu desafio para mim.”

“MINHA solução? Mas porque?”

“Eu não sei, semente.O tempo também lascou minha memória, parece que....parece?Se você lembra, diga-me... Estou curiosa comigo mesma. Deve ter sido algo importante...não esta na natureza do homem querer viver para sempre?” Dak’kon falou silenciosamente, respondendo sua pergunta.

“Só se o que lhe espera no outro caminho/lado carregar uma dor maior.” Eu olhei para ele, surpreso que ele havia dito algo, que se voltou contra Ravel.

“Ravel... isso é MUITO importante: você tem alguma ideia do porque eu lhe pedi para fazer isso?”

“A morte era algo que você precisava se evadir. Uma coisa simples de se dizer, talvez, mas não de se FAZER, sem dúvida!A imortalidade, mesmo com suas falhas, foi a melhor solução que essa mente atrofiada pode imaginar...chumbo não vira ouro tão facilmente, mas é possível, apesar de improvável...

Sem motivos?...Ravel. Se água pode ser tirada de sangue, mortalidade pode ser tomada de um mortal como uma fita pegajosa...”

“O abismo entre homem e não homem é grande. Você viajou essa distancia. Eu providenciei os meios, mas você o cruzou sozinho.” Ravel tapeou sua cabeça e alisou o cabelo com as mãos. “Má Ravel! Mortais são muito imperfeitos para durarem para sempre.Ainda assim quebram! Eles devem ser arrastado chutando e gritando em um novo molde insalubre.”

“Insalubre...” Então o ritual falhou?”

“Atalhos devem ser feitos, e eles podem quebrar o moldado...pois nem sempre é o molde que quebra, mas a substancia que foi colocada nele. Force algo numa forma que não era destinada a ser, e ela quebra! Eu achei que o material era algo forte, mas você foi quebrado.”

“Mas eu SOU imortal- sem duvida isso foi um sucesso?”

“VOCÊ viveu muito, individuo imortalizado, mas você se tornou a preza da criatura que é a vida.” Ela juntou as mãos, e as inverteu,formando um palio com as mãos. “ O Corpo não passa de uma cabana pra a alma. Mas agora ninguém habita sua cabana.”

“O que houve de errado com o ritual?”

“O ritual da carne quebrado, lindo, maravilhoso homem mortal, o ritual não foi... amarrado? Não foi... terminado” As sobrancelhas de Ravel se enrugaram, e suas garras pegaram seus cabelos, puxando um único fio. “O ritual lhe deu o que queria, mas o custo foi ENORME...o lançar das sombras, as quietas, mortes violentas da mente, e o vazio de tirar a dor...essas coisas, são perigosas em um recipiente frágil, não importa o quão forte seja o mortal. Me arrependo delas e do ritual.

“Sombras ingratas... mas ingratas sem motivo? As sombras... elas te odeiam, Aquele sem nome, pois elas são apadrinhadas por você, seus filhos, uma vez abandonados, nunca irão te perdoar. Eles farão tudo o que puderem para destruírem seu parente...essa é o método das crianças.”

“Como eu apadrinho sombras...essas sombras?”

“Você lança sombras na existência, ANÔNIMO. A cada morte, surge uma nova sombra da sua carne. Elas vagam por um tempo, mas sempre retornam, procurando assassinar seu antepassado. Esse é o curso de toda sua prole...” Ravel recuou os lábios em desaprovação, então subitamente me cutucou meu peito com a garra. “...e jovens ingratos como você mesmo.” Eu senti um desespero entorpecedor em suas palavras. Eu havia tratado a morte quase como um jogo, um breve interlúdio que era pouco diferente de um sonho para um homem mortal. Ai invés, cada morte tinha consequências. Ravel não devia estar me dizendo toda a verdade, ou a havia esquecido. Essas sombras não podiam nascer unicamente da minha substancia, havia algo mais envolvido. Voltei minha atenção as suas palavras.

“Uma centena de mortes, e você se recupera de cada uma. Mas não a mente, ela é muito mais frágil. Suas cicatrizes não profundas e não se curam. O cérebro esta guardado por um osso forte, difícil de penetrar, mas não tem defesa para o que o consome por dentro. Você tem um completo onde.... vestir? Vista sua mortalidade uma vez deitada em sua casca.” Ela fechou os punhos e balançou. “Agita- agita o homem oco, uma brincadeira de criança, com nada além de uma pequena pedra que um- faz barulho e cliques em sua cavidade.”

“Apesar desses problemas, parece que o ritual funcionou...”

“Você duvida de Ravel? É claro que eu entreguei o que foi prometido! Não muito depois de ter lançado o feitiço, eu te matei para ver se funcionava. Você lutou contra, mas mantive o punho firme e assisti você morrer sua primeira de muitas mortes.” Ravel rangeu os dentes. “Então eu vi suas falhas... o ego nos envolve como uma prisão. Eu esqueci que as vezes ele serve como escudo.” Ravel mordeu a língua. “Minha coisa linda, linda, existe muita sabedoria e entendimento na verdade de que a vida é um preparativo para uma finalidade definitiva: a morte. Nossa vida é um meio pela qual aprendemos COMO morrer. Se nós esquecermos tais coisas...”

“Foi ai que você descobriu que eu perdia minha memória quando eu morria...”

“Simmm..” Ravel acenou. “Infelizmente... sem a mortalidade para manter tais lembranças firmes, o corpo que fica....”

“Então você tirou minha mortalidade de mim, Ravel... ela ainda esta intacta?”

Ravel parecia surpresa, então chocada. “Sim, sim , SIM! Não tema uma mortalidade quebrada... se você esta aqui...escute?

Escute ao falar comigo, sua mortalidade deve estar intacta. Tal coisa não pode.... não pode... não pode ser destruída enquanto você existir. Você é uma âncora para sua alma mortal. Enquanto VOCE estiver intacto, ela permanecerá. Você foi feito para durar..." Ravel sorriu e deu uma risada chiada. "Pois a vida te engoliu e cuspiu para fora! Morte não pôde resistir ao comentário.

"Ela o engolir, mas eu não sei se ele saiu daquele jeito."

RAVEL PUZZWELL, PARTE 2

"Chega disso, Ravel. Você tirou minha mortalidade de mim, e ela causou mais o mal do que o bem. Eu gostaria de reavê-la agora- eu acho que você a teve por tempo demais."

Ravel NÃO PODE entregar isso a você, meu homem precioso, pois Ravel não tem NADA a oferecer... Eu nunca possuí VOCE ou sua mortalidade... apesar de que gostaria de manter ambos em meu jardim como objetos de afeto, traçar os padrões da sua carne... mas essas coisas Ravel não teve coragem de fazer..."

"Porque não?"

"Você o AMAVA!" Annah quebrou o silêncio- ela parecia abismada. "Você o AMAVA, foi sim!"

Ravel deu um sorriso largo baixo. "É tão difícil você acreditar, endiabrada..." Ela riu sozinha.

"Ravel por ser Ravel, e assim, um mito, não MERECE carregar tal sentimento em seu coração negro..."

"Nenhuma criatura é desmerecedora desse sentimento Ravel." Disse Grace suavemente. "Entretanto as histórias não pintam você com compaixão..."

"Tchhh! O passado é o passado, e as histórias pouco se importam em contar a verdade sobre o que houve..." Ravel franziu a testa, então sua voz baixou levemente, ameaçadoramente, enquanto estudava Grace. "O sentimento me arrasou, sim... e agora segure sua língua prateada, filha Abissal. Não preciso das suas doces palavras para limpar o ar aqui- o homem e eu falaremos, e você ficara fora disso. Vou atendê-la em instantes."

"Chega, Ravel: Se você não tem minha mortalidade... aonde ela está?" Eu havia encontrado Ravel, mas agora eu precisava encontrar algo mais. Eu tinha um sentimento de que não seria fácil...

"EU não sei, doçura. Mas se fosse você, eu a recuperaria rápido- rápido. Não sei o que dizer que coisas horríveis alguém poderia fazer se tomassem sua alma para ser RESGATADA. Ravel estalou seus dedos. "Seria como segurar o a suculenta, doce alma... um boneco dançando pelas cordas de alguém, você seria, e um boneco triste também... para?" "Não sei aonde está, eu não sei."

"Espere um instante... você disse que VOCÊ não sabe aonde minha mortalidade está. Você conhece ALGUÉM que sabe aonde ela está? Ravel deu um sorriso horrível, suas presas brilhavam.

"Inteligente, inteligente, *inteligente* você é... sim, existe alguém que possa saber o que Ravel não sabe..."

Os olhos de Ravel diminuíram, como se ela focasse em algo distante, e sua voz ficou mais lenta. "Um ser de pele clara... você deve perguntar. Um anjo, uma deusa, um ser que plaina com suas asas pela manhã e com suas mãos, é o arquiteto dos horizontes. Ele fica, está além do meu lar, em outra jaula. Em outra

prisão...em sua sabedoria esta o conhecimento que você deseja saber. Faça a ele suas perguntas, ouças suas respostas, use-as como guias.”

“Aonde posso encontrar esse Anjo?

“Ao sair dessa prisão, você chegará à outra prisão amaldiçoada... apesar de que ela pode aparecer tão simplesmente a olhares casuais. Ande com cuidado, e encontre um elo de ouro na corrente abreviadora. A luz lhe dará a escuridão da matéria, e novos caminhos se abrirão para você.”

“Deliciosamente enigmático...apesar de não me surpreender. Obrigado.”

Ravel riu. “Não carrego comigo características do passado...você tem sorte por receber QUALQUER COISA, criatura amarga!

“Oh,eu sou?É que a sequencia de quem sabe e aonde estão parecem nunca ser uma suave serie de elos.”

“Ahhhh...”Ravel sorriu, erguendo suas garras. “E é por isso que você deve manter cada ligação segura, pois se não estiverem suaves agora, imagine como será quando mais elos se quebrarem... o tempo e a morte não são tão PACIENTES com os outros como são com você.”

“O que você esta dizendo?”

“E se um dos seus preciosos elos estivesse prestes a morrer?E se você esquecesse de si mesmo de novo? O que você faria com eles?Aonde estaria sua mortalidade roubada então....estaria perdida pra sempre, pois não haveria ninguém mais para perguntar como chegar até ela. Traçar seu caminho ficaria mais difícil.... talvez IMPOSSÍVEL...”

“Tenho algumas perguntas sobre VOCÊ Ravel...Quem é você? De onde você veio?”

“Eu? Sou Ravel, um criadora e destruidora de quebra cabeças, alguém que resolve o que não tem solução, uma mente vendando e desvendando ate que os fios do pensamento sejam unidos como o cabelo de um bêbado.” Ravel pegou um de seus fios grisalhos, enrolando-o em torno de seu dedo. “Isso é o suficiente, chega disso.”

“Mas o QUE é você? Alguns a chamam de bruxa da noite, seja la o que for.”

“Bruxa da noite...” Ravel deu um sorriso medonho, seus dentes amarelados eram como agulhas. “Eu não passo de uma mulher que se elevou....extremamente? Que plenamente sente falta de sua amada criação. Alguns me chamaram de idosa, dama cinza, irmã Yaga, bruxa da noite- mas EU mesma sou meu nome, Ravel, Ravel que confunde bem. Provendo enigmas aos decifradores e colocando impossibilidades baixas.”

“**Muitas** coisas são ditas sobre nós damas cinzas. Uma raça somos nós “bruxas cinzas”, mas um INDIVIDUO sou EU. Alguns nos chamam de maldade antiga, perseguidores de sonhos mortais, de amáveis, feias,coisas hediondas cujos lares são os lugares negros das mentes dos homens.” Os olhos de Ravel resumiram-se a fagulhas vermelhas. “Mas isso não significa NADA para mim... como alguém como VOCE chamaria alguém como EU, coisa linda?” Minha resposta foi bajuladora, mas não com toda falta de verdade nela.

“Te acho linda, Ravel. Talvez não aos olhos, mas sua mente parece afiada e vibrante.”

“Tchhh! Você acha que me importo com tais atributos?! Um feitiço sobre a beleza interior,não importa o quanto possa durar a carne.Você acha que sou feia...?”

“Ravel, você não é feia...”

“Não preciso ser feia, coisa linda.Minha forma é como água para minha vontade, e eu devo reimaginar suas formas para algo mais agradável...” Ravel encarou Fall from Grace, então sorriu e lambeu os lábios. “Sim...”

Ravel havia....tornado-se Fall from Grace, tomando seu comportamento, seus traços, suas roupas... “Essa forma é mais agradável?” Ravel sorriu, seus dentes agora brilhavam, um branco perfeito, seus lábios com apenas uma dica de vermelho. “ Tão culto e de tirar o fôlego?” Ela gesticulou para que me aproximasse. “Venha, meu precioso homem, MEUS lábios não queimam com tormentos abissais.Coloque seus lábios sobre os meus.” Olhei ao meu redor, os meus companheiros, mas eu estava focado. Eu faria muito mais para revelar os segredos trancados na mente de Ravel.

Meus lábios tocaram os de Ravel. Apesar de sua nova forma,seus lábios eram secos, como areia, e quando meus lábios os tocaram,senti uma afiada picada de agulha, como se beijasse uma carreira de sementes dentadas. Eu recuei, lambendo o sangue em meus lábios.Ravel imitou meu gesto, fazendo-o ainda mais aterrorizante em sua nova forma. Uma gota de meu sangue permaneceu na ponta de sua boca, e ela sorriu maldosamente.

“Você...me fisgou.”

“E você me mordeu, há muito tempo atrás, “na época não foi um beijo,mas uma mordida no coração....”Ravel sorriu. “Não se surpreenda meu precioso homem. Não existe mal causado... Exceto, talvez, para com aqueles com quem você viajou.” Ela riu discretamente, e eu subitamente me dei conta dos olhares de Annan e Grace sobre mim;exteriormente. Grace parecia calma, mas eu tinha a estranha sensação de que algo havia MUDADO entre nós. Os olhos de Annah tinha se estreitaram e sua cauda foi sacudindo perigosamente para trás e para frente.

“Volte a sua forma original, Ravel.” Ela voltou a forma horrenda de bruxa da noite.

“Que homem difícil de agradar é você!AH! Já vejo porque não existem machos de nossa espécie!”

“Que outras formas você pode....assumir?”

“Talvez algumas, Mebbeth nenhuma.” Ravel parecia confusa com a pergunta. Eu não tenho tantos membros, eu não tenho, eu vejo Ei Vene talvez? Nem esperta nem Marta...tantas ramificações e tantos traços, tantas Ravels...sempre esticando e reparando e crescentes são minhas formas.”

“Mebbeth? Você foi Mebbeth?”

“Esse pode ter sido um dos meus nomes...certo?” Ravel parecia mais confusa, seus olhos enegrecidos tornando-se nebulosos. “Nomes são DIFICEIS de lembrar...” Sua voz ficou fraca. “Como chamar de uma grande distância....”

“Mebbeth era gentil e me ajudou, Ravel. Isso significa que VOCE me ajudou. Eu lhe agradeço.” Quando eu mencionei Mebbeth, toda a cor do rosto de Ravel parecia sangrar ate ficar cinza e pálida- literalmente. Era como se a cor apenas... Sumisse.

“E quem devia ser você, heinnnn? Seu caminho lhe trouxe de volta até a porta da velha Mebbeth, criança...?” Eu ecoei a resposta que havia dado a Mebbeth, alguns dias atrás.

“Sim, foi sim... Mebbeth....eu, uh, vim aprender mais sobre a arte.Pode me ensinar algo mais?”

“Pah!Eu não passo de uma parteira, criança,o poder que a Arte comanda esta muito alem de mim...”

“Eu... não acho. Eu acredito que você tem muito mais a me ensinar do que imagina. Muito mais.”

Então veio uma pergunta como um eco. “Você que aprender a Arte não quer? PORQUE quer aprender tais coisas?”

Eco: “Porque eu posso precisar dela para desvendar o mistério sobre minha pessoa.”

Depois de um momento, Ravel...Mebbeth assentiu. “A Arte pode ajudar ou não, e você não deve depender apenas dela para resolver seus problemas.” Ela tossiu. “Criança, ela ira mais acrescentar apenas mais um detalhe nessa pilha de duvidas...” Ela inclinou-se perto de mim. “Mas se você soubesse, então escute...”

Mebbeth...Ravel...sussurrou algo, e me senti DIFERENTE, mudado de alguma maneira. Ela me contou algo horrível, algo como sobre os Planos funcionavam, mas minha mente havia calado suas palavras, e eu não podia lembrar delas. Apenas pensar sobre aquilo fazia meu coração bater acelerado...Ravel me disse algo que eu não tinha certeza se alguém mais já soubesse. Ela estava me observando, me estudando.

“Você foi Ei Vene? No necrotério?Ei Vene me ajudou Ravel.”

Quase inconscientemente, a mão de Ravel me alcançou, e apenas por um instante, eu jurava que eram as garras de Ei Vene....

A mão esquerda de Ravel arrancou um cabelo de sua cabeça, o enrolou em suas garras, e como um raio, ela apontou outra garra na pele perto de uma das minhas cicatrizes. Foi um pouco mais que uma picada de agulha, mas parecia que ela iria começar a me costurar. Assim como fora com Ei Vene, a sensação era curiosamente indolor, mas a linha e sua costura pareciam estar indo muito mais fundo, quase DENTRO de mim, sem realmente transpassar a superfície da minha pele. Em instantes, as garras de Ravel afastaram-se das minhas costas,e eu me senti...melhor, mais forte. Ravel murmurou na voz de Ei Vene, “Dum zomfie...”

“Você era aquela excêntrica costureira na Vila dos enterrados? Marta? Marta era excêntrica, Ravel, mas ela não era grosseira nem inútil.Se você era ela, então você não causou dor. Eu agradeço.” Assim que disse seu nome, o rosto de Ravel pareceu mudar...sua pele azulada decaiu, ate que ela estava vestindo a mesma expressão azeda, com rosto coagulado que havia visto no rosto de Marta.

“Vamos lá...não seja muito dura com Marta...” Ela levantou a garra de seu dedo indicador como um bisturi e avançou sobre mim. “Mentira, corpo torpe.” A garra suja de Ravel me espetou no abdômen, em seguida o arrancou brutalmente em um movimento semelhante ao de uma serra...mas não houve dor. Eu observei enquanto minha pele lentamente descascava ao meu toque- não havia sangue algum do ferimento. “Veja isso, Marta... veja isso...”

A mão livre de Ravel cavou meu peito, onde ela furou meus intestinos, e a arrancou de meu estomago... quando ela o fez, meu estomago selou, como se estivesse retrocedendo. Marta...Ravel... ergueu meus intestinos como um troféu. “Lindo,lindo, uh, Marta...? não se deve engolir tal coisa, não,não...”

“Uh...posso as ter de volta por favor? Posso precisar delas mais tarde.” Marta...Ravel.... acenou lentamente.

“Ele também deveria, não deveria Marta? Sim...sim, ele devia, Marta. Poderosa magia a ser encontrada na vontade de um imortal, sim...não como dentes...ou olhos...” Os traços de Ravel mudaram, moveram-se, ate que não podia mais ver o rosto de Marta nela.

“Porque você me ajudou Ravel?”

“Eu não posso deixar de ajudá-lo, meu precioso homem... e isso sempre será verdade, não importa quantas Ravels existam...nisso, elas concordarão.”

“O que é esse lugar?” Eu perguntei, curioso sobre o jardim cheio de raízes que ela havia criado.

“Era um labirinto de pedra sem vida, sem futuro, mas uma pequena semente negra foi ferida no meu cabelo quando vim para esse lugar, e ela cresceu forte dentre as pedras, florescendo, florescendo, ate que percorresse firme pelo labirinto como o cabelo de uma velha bruxa... então esse labirinto dentro de outro tornou-se MEU jardim.”

“Porque você foi aprisionada Ravel?”

“Tentei ajudar uma Dama e ela gentilmente não a quis.” Fall from Grace interrompeu com uma pergunta.

“A Dama da Dor? Você tentou AJUDA-LA?”

“Minha oferta de ajuda não foi bem vinda. Eu TENTEI LIBERTÁ-LA; Sigil é uma JAULA, uma Cidade das Portas e fechaduras, é uma prisão para ela. Deve ser, não deve? Porque outro motivo se chamaria de Sigil “A Jaula”?E quem é enjaulado?A Dama! Uma prisão tão pequena para alguém tão formidável. Injusto, errado, intolerável atormentar uma mulher dessa forma!” Morte inseriu seu próprio comentário.

“Eu acho que sei quem deveria estar numa jaula...”

“Eu tentei quebrar a Jaula, deixá-la livre.” Ela fez um movimento de expulsão, sua visão tornava-se dolorosa como se espantasse pássaros invisíveis. “Shoo, shoo,mulher dolorida, deixe Sigil quebrar para que você possa voar para longe de suas ruas imundas e seus estúpidos Dabus que não ousam falar palavras por temerem que seus pensamentos possam ser ouvidos!” As mãos de Ravel baixaram enquanto parava de fazer o sinal de expulsão, e deu uma leve tossida.

“Antes que eu termine, eu me encontro aqui, e minhas memórias não são as melhores para viajar...muito se perdeu, muito foi esquecido, sim foi...foi?Era?” Ravel sorriu com seus dentes amarelados. “O encolhimento da memória tornou-se um conforto a estes ossos velhos. Muita coisa eu esqueci...Tenho sorte de ainda me lembrar de você.”

“Ravel, mas...PORQUE você tentou libertar a DAMA DA DOR de Sigil?”

A voz de Ravel baixou, quase reprimindo-se. “Não guardo rancor de ninguém, mesmo um Poder, sendo aprisionado e pensa, todo mundo...sejam pedras, costas ou quietas jovens senhoras...deveriam ser LIVRES. Devia ter dito algo mais tolo. Porque ariscar tal coisa, eles dizem?” Eu havia ouvido muitas razoes do porque Ravel havia tentado quebrar a jaula que é Sigil, mas nenhuma havia sugerido esse motivo. Eu imaginei se Ravel havia sempre tido capacidade de compaixão dentro de sua alma enegrecida, ouse de

alguma forma o improvável amor que eu havia despertado nela abriu espaço para outras, mais carinhosas, emoções.

“Existem algumas coisas que não posso suportar, e não vou dar desculpas, meu precioso meio homem- ainda assim, quando eu não posso deixar as coisas bem o suficiente sozinhas... muitas são as vidas e sonhos que são deixados no chão aos pedaços. Se eu o deixasse em paz, talvez sua vida tivesse sido muito melhor...”

“Era isso que você estava tentando fazer quando me conheceu a tanto tempo atrás? Você estava tentando me libertar?”

“Possivelmente, bem possível. As correntes da vida e o medo da morte devem ter agarrado forte demais o novo homem...aquele que eu conhecia?Conhecia então, hummm hummm?” Ravel pegou um fio de seus cabelos brancos irregulares, enrolando-o em seus dedos.

“Ravel não tem afeição por correntes e cadeias...”

“Ah, então eu estava de alguma forma aprisionado? Ou acorrentado? Me parece que sua memória esta agitada Ravel...”

“Sim...”Ravel piscou um instante, e as veias negras de seus olhos tornaram-se enfadonhas, como se ela tivesse sido atingida por uma arma pesada. Sua garra apertou a redor de seus cabelos, tão forte que parecia que ela ia arrancá-lo da cabeça. “Talvez...você foi aprisionado? Mas não era uma jaula comum que o segurava...”

“Você tem ideia do que é que me prendia?” Ravel parecia confusa, e seu rosto retorceu, como se ela lutasse com um pensamento desagradável.

“Eu me esqueci...talvez uma promessa...? Não, não...” Seu dedo firmou ao redor de seu cabelo cinza, e para minha surpresa, houve um estalo como um quebra galho, e Ravel arrancou o cabelo de sua cabeça. Um filete de sangue negro vermifugou debaixo da touca crânio, e ela sussurrou com raiva.

“Ravel...”Você esta bem?”

“Não vou falar mais...” O rosto de Ravel enrugou em dor, a garra coberta com sangue do cabelo cinza- mesmo arrancado de sua cabeça, parecia enrugado e duro. “Eu não sei, e não partilharei conhecimento!” Ela olhou para o cabelo cinza enrolado em sua garra, então ela sussurrou, e piscou para mim. “Pegue isso, e deixe o passado aonde ele esta, meio homem!” Se ela não podia mais me ajudar com o mistério do meu passado, talvez houvessem outras coisas que eu podia aprender com ela.

“As lendas dizem que você é uma poderosa maga Ravel. Pode me ensinar algo sobre a Arte?”

“Ravel conhece a Arte?! Sua mente deixou você com sua mortalidade, perdeu-se?! Eu esqueci mais sobre a Arte do que você JAMAIS...” Ela me furo com uma das garras. “Jamais”. Me perfurou de novo. “Saberá.”

“Pode me ensinar um pouco sobre a Arte então?”

Ravel estreitou os olhos enegrecidos, me estudando. “Talvez eu possa ser persuadida por alguém como você...apesar de qualquer outro não teria tal chance...nem a benção que ofereço. Você é um estudado

rudimentar nas Artes ou estou de frente para alguém que realmente tentou de verdade e..... se cansou? Um mestre cansado?”

“Um mestre nas Artes bela Ravel.”

“Bajulador...e ainda assim suas palavras me aquecem.” A voz de Ravel mudou, alternando no campo, como se alguém arrancasse um instrumento de cordas. “Aprendi muito cuidando desse jardim.Feitiços e encantamentos, destilados das barbas...” Ela começou a murmurar levemente para si mesma. “... rimando, balançando as formas de as constantes consoantes e movimentos que trazem os espinhos em seu auxílio... ouça, as ramificações irão falar sobre isso.”

Enquanto fechava meus olhos e ouvia, uma grande tremor passou por mim, como se dúzias de serpentes farpadas estivessem se enterrando sobe minha pele. Quando achava que a dor era mais do que eu podia suportar, eu subitamente, instintivamente, comecei a murmurar, no mesmo tom que Ravel o fazia...e a dor declinou. Na distancia do labirinto eu podia ouvir os barulhos das criaturas arvore, como se respondessem meu chamado. Ravel me olhava com uma curiosa luz em seus olhos enegrecidos.

“Tamanho poder...”Ela deu um suave assovio, como se imaginasse, e seus lábios mostraram um sorriso. “Isso toca todos que ouvem”. Você é poderoso, meu precioso homem, tão poderoso...um dia mesmo os planos poderão se dobrar a sua vontade, Ravel.Existem muitos que andariam esse caminho, mas eu não.” Ravel negou, então acenou para minha mão,que para minha surpresa, tinha um punhado de sementes negras.

“Pegue essas sementes. Use-as como quiser... considero isso, uma beneficio adicional.” Ela pegou um cabelo de sua cabeça e pegou um punhado de sementes, as colocou na palma, e as esmagou. Um pequeno feixe de sangue escorreu de suas mãos, mas quando ela as abriu, não Havia ferimentos... apenas um colar de farpas negras, tecidas ao redor de um pouco de seu cabelo grisalho. “ Pegue isso; é meu, e irá ajuda-lo.” Agradei tudo que Ravel havia feito por mim, mas minha jornada ainda não havia terminado.

“Obrigado pela informação que me deu Ravel, devo ir agora.”

“Espere...” A voz dela baixou para um leve sussurro, como o de uma serpente. “ Você ainda não fez a pergunta mais importante, meu homem precioso. Já lhe ocorreu qual é?”

“Sim... preciso saber como sair desse lugar. Você sabe a resposta dessa pergunta?”

“Conheço os emaranhados desse lugar, as torções, dobras e passagens. Contudo, não existem saídas, deve-se sair daqui quando se desejar fazê-lo.”

“Então você SABE como sair?”

“Junte suas mãos como galhos, faça-as circular seu peito como uma gaiola.Dirija-se dos extremos do labirinto para a escuridão, e para outra gaiola seu corpo irá - uma saída simples, mas não há volta quando o passo final for dado, então olhai e pegue o que precisar antes de seguir em frente.Qual extremidade, qual? Uma das extremidades , não sei.A lembrança de qual delas me falha, e as extremidades tem pouco que me importe a dizer.”

“Você sabia como sair? Todo esse tempo? Então... porque você não sai?”

“ Porque ficar quando se pode sair é a sua pergunta?” Ravel sorriu, mostrando uma fileira de presas. “ Tomo a pergunta para mim e a devolvo para você. A resposta não esta em ficar ou sair, mas nas causas e razoes, meu precioso homem incompleto.”

“Você não QUER sair?”

“É um desejo, um tempo atrás foi, mas não é mais agora, e mais e mais deixa de ser, não, não desejado. O que eu preciso que esta além das minhas muralhas emaranhadas? É um mundo cruel, entalhado além das extremidades desse labirinto, E Ravel tem sofrido o suficiente de seus cacos de sua pele.”

“Você me prestou um ótimo serviço, bela Ravel. Obrigado por ouvir meu pedido e partilhar sua sabedoria comigo.” Ravel deu um sorriso escancarado, com suas presas, e deu uma leva gargalhada.

“Ah... sou EU quem agradeço, meu precioso homem. Faz muito tempo desde a ultima vez que houve tamanha bajulação nesse labirinto... quero te dar um bônus, meu pássaro cantante.” Eu tentei falar, mas ela colocou em minhas mãos. “Shh.... eu te diria um segredo... Feche os olhos, e vou permitir que veja a natureza do multiverso...”

Eu os fechei, e assim que o fiz, senti uma punhalada afiada no olho direito. Meu olho...Um de meus olhos...abriu... e eu vi Ravel diante de mim, seus olhos avermelhados brilhando com deleite; uma de suas garras estava aumentada, e estava manchada com meu sangue... e um globo ocular. O meu.

“O que...você...fez...?”

“Eu te dei um presente, passarinho.Um dom de percepção, uma pancada nas ramificações da mente, uma drenagem nas raízes dos conhecimentos de Ravel eu lhe dei... um pedaço de mim...” Ela pegou o glóbulo, e olhei com repulso enquanto ela tirava uma semente negra e os coloca em minha palma esquerda. Com um sorriso grotesco, ela esmagou os dois numa crise doentia. “Ahh...”

“Devolva...-os.”

“Mas é claro, meu precioso homem...” Ravel abriu a mão e meu olho lá estava, parecendo intacto, olhando para mim. Ela o colocou entre o polegar e o indicador, então antes que pudesse reagir, ela o socou de volta no meu olho.

“Ehkk...”

“ Uma parte de mim esta em seu bom olho, meu precioso homem. Quando você ver os planos através dele, você entenderá MAIS do que costumava... será mais sábio, e entenderá mais das experiências e de suas manobras... isso é tudo.”

Enquanto estava prestes a me despedir definitivamente, eu subitamente senti um arrepio na minha espinha- e notei que os olhos enegrecidos de Ravel haviam tomado um estranho, fogo predatório.

“Você não irá deixar com que eu saia não é Ravel?”

“Uma pergunta perceptiva- ainda assim não é uma pergunta de verdade.” A voz de Ravel tornou-se um suspiro estranho- muito triste, que mandou um fraco eco para minha mente. “A pergunta é: você DESEJA me deixar, meio homem?”

“Justo Ravel, você me ajudou quando vim até você tanto tempo atrás, e você o fez novamente agora. Eu não esquecerei o que você fez. Mas agora devo partir – tenho que saber mais sobre mim mesmo.”

Havia um brilho horripilante no ar ao redor de Ravel – e o som de galhos estalando e rachaduras de galhos das árvores, e com o terrível barulho das árvores tremendo e se lascando... Os lábios de Ravel desmascarado sua voz que tornou-se aguda, como um vento uivante.

“O que VOCÊ sabe sobre CONHECER, incompleto?!SAIBA disso: SAIBA que você permanecerá aqui até o fim dos dias no meu jardim emaranhado, nunca sairá, e você irá me AMAR, como você um dia você disse, como você PROMETEU!”

“Receio que eu seja uma má companhia, Ravel. E não posso ficar em qualquer evento. Receio que terá que me deixar ir.”

“Eu não permitirei que vá – eu tenho o poder para MANTÊ-LO aqui, e eu o USAREI”. Meu labirinto negro afiado não permitirá que você saia enquanto eu VIVER. Meu precioso, precioso homem...”

“Ravel, não quero lutar contra você... não faça isso.Deixe-me passar, e eu voltarei para visita-la.Você não precisa ficar sozinha nesse lugar.”

“VOLTAR?! VOLTAR como você disse que faria TANTO TEMPO ATRÁS?! Não...não, você não irá MENTIR para RAVEL DUAS vezes! Não esperarei mais SÉCULOS por você...” Os lábios de Ravel desmascararam, e suas garras pareciam crescer, tornando-se garras demoníacas. “Aqui no meu jardim você FICARÁ, e não mais VAGARÁ pelos Planos...!”

“Ravel, acalme-se, não há necessidade disso...”

“Você esqueceu seu LUGAR, MEIO- homem. Humildade tem seu lugar.”

Algumas das criaturas arvores de Ravel apareceram ao nosso redor, e ela mesma começou a recitar um encanto. O entendimento místico que ela partilhara comigo me permitiu voltar algumas das criaturas a meu favor, mandando-os contra os outros que estavam do lado dela. Isso permitiu com que eu e meus companheiros cuidássemos de Ravel apenas.

Suspeitei que Ravel havia enfraquecido pelo tempo que ficara em sua tumba negra, pois suas magias, apesar de serem potentes, não podiam protegê-la da minha magia e das armas de meus companheiros. Depois de uma curta, porém brutal luta, eu fiquei sobre o corpo de Ravel. Eu havia procurado uma lenda, e encontrara alguém muito mais complexa que a bruxa maligna das histórias contadas. Também notei que minha busca havia se tornado muito mais urgente, pois se perdesse minhas memórias nenhuma encarnação futura iria poder se beneficiar da sabedoria de Ravel.

Também havia notado que algo novo havia entrado no labirinto enquanto enfrentava Ravel.Sombras nos cercavam; de alguma maneira meu inimigo havia me encontrado aqui. Eu rapidamente saquei alguns itens do corpo que estava diante de mim que podiam ter algum uso, e fomos enfrentar as sombras que nos cercavam. Mesmo enquanto matávamos a maioria, mais chegavam por trás. Eu levei os outros para uma extremidade do labirinto, e então pelas extremidades até encontrarmos o portal da qual Ravel havia mencionado, matando mais sombras ao longo do caminho. Nós chegamos ao portal, entramos, e em um instante fomos transportados para outro lugar...

O corpo de Ravel estava no chão, cercado pelo que parecia ser um emaranhado de árvores, mas em pouco tempo eram criaturas árvore. Um espectro farpado deslizou a frente, parando em seu corpo. Não um corpo realmente, como ele disse.

“Fora daí, estou morta.” O espectro retrucou numa voz ecoante, como se reverbasse através dos planos.

ENTÃO O REINO DA MORTE SELOU OS PORTÕES PARA NÓS DOIS. LEVANTE-SE VELHA!”

“Sh.SH.Sh. Saia daqui. Estou morta e não posso ter vínculos com os vivos.”

POUCO ME IMPORTO COMO VOCÊ MORRERÁ. MAS AVISO PELA ULTIMA VEZ, ERGA-SE OU IREI MATA-LA AONDE ESTAS. A velha que era Ravel manteve-se em pé.

“Achei que morrer pelas mãos dele iria permitir que eu passasse a ter meu descanso.”

VOCÊ NÃO PODE TER ACHADO QUE TERIA ESSA CHANCE. VOCÊ FOI INDULGENTE POR FAZÊ-LO ACREDITAR QUE ELE HAVIA CONSEGUIDO.

“Essa encarnação é poderosa. E ele pode ter me matado. Mas eu tenho alguns truques, que mantinha comigo. Tive sorte.”

A SORTE ABANDONOU VOCÊ NO MOMENTO EM QUE TE ENCONTREI. SUA VIDA TE PREPAROU PARA O QUE ESTA POR VIR, VELHA?

“Não tenho medo. Não de alguém como você, coisa remendada. Ravel pode estar fraca, mas aprendi alguns truques com o passar dos anos.” Ravel usou uma magia. “Testemunhe a ira de Ravel.”

Ambos usamos magias um no outro, mas Ravel já estava severamente enfraquecida, e logo ela tombou no chão novamente. Dessa vez não haveriam mais reparos...

VOCÊ NÃO IRÁ MAIS PERTURBAR A EXISTÊNCIA COM SUA PRESENÇA, BRUXA.

CÍRCULO INTERRUPTO DE ZERTHIMON, PARTE 3

Aparecemos numa cidade, obviamente não era Sigil. Havia um céu acinzentado acima, não mais uma cidade curvando-se sobre si mesma. As construções ao nosso redor eram feitas de pedra e metal enferrujado, e a lama rachada e seca das ruas demonstravam infrequentes mas uma chuva pesada. Paramos perto de um portão fechado num muro, e dois guardas entediados estavam nos olhando.

Voltei-me a um deles, e perguntei onde estávamos. Ele explicou que estávamos em Curst, que eu reconhecera como uma cidade da costa de Outlands. Quando perguntei o que mais ele podia dizer sobre a cidade, ele respondeu em uma voz lacônica.

“Nós estamos trancados agora por conta da praga. Não sabemos o que a está causando, mas estamos buscando as sessões das cidades até encontrarmos. Deseja algo mais?”

“Gostaria de ver a pessoa que está no comando.”

“O que, o Burgher? Ele está no prédio da administração. Boa sorte para chegar até ele. Ele não vê NINGUÉM a dias. Sua mente definitivamente está em outro lugar...” Imaginei se existiam rumores sobre o Deva que Ravel havia mencionado nessa cidade. Algo como isso seria difícil de não se expor.

“Estou procurando por uma Deva.”

“Então você está procurando do lado errado do anel cara, porque mesmo se houvesse um aqui, você não iria achá-lo. Estaria trancado como o ouro de um miserável.”

Dei as costas, para procurar um hotel. Parecia estar começando a escurecer, e depois dos eventos e da batalha com Ravel, notei que precisávamos descansar. Felizmente, havia um alguns passos adiante, e logo obtivemos os quartos para passarmos a noite.

Uma vez lá, visitei Dak'kon em seu quarto. Ele e Annah estavam dividindo-o, mas ela estava fazendo uma patrulha por Curst, então pude falar com ele a sós.

Estava na verdade mais interessado no círculo interrupto de Zerthimon carregava consigo. Peguei emprestado com ele, pois estava interessado em ler os ensinamentos de Zerthimon para obter qualquer pista nova. Olhei para a pedra, pronto para desvendar uma das minhas leituras prévias.

Enquanto examinava os anéis do segundo círculo, encontrei uma ligação estranha na placa que mencionava a elaboração do povo Gith para alcançar a Elevação. Um novo ciclo emergiu do elo, e eu destravei, puxando a placa para fora, para que pudesse estudá-la. Eu havia encontrado, um sétimo círculo, que comecei a ler.

“SAIBA que a elevação do povo contra os Illithid foi uma coisa feita sobre muitas voltas. Muitos foram aqueles do povo que viveram e morreram sobre o tempo da espada enquanto os Elevados eram moldados.”

“O elevar foi moldado sob uma lenta fundação. Foi arrecadado aço para que pudesse marcar a carne dos illithid. Uma maneira de CONHECER os movimentos dos Illithids foi estabelecida, no início fraca e confusa, então tornou-se forte, como uma criança mudando de voz. Quando os movimentos passaram a ser CONHECIDOS, então os Illithids foram observados. Ao observá-los, seus caminhos da mente foram REVELADOS.”

“Quando seus caminhos foram CONHECIDOS, muitos do povo se uniram e ensinaram em segredo o meio de proteger suas mentes, e a maneira de armar sua vontade como armas. Lhes foi ensinada as escrituras do aço, e mais importante, eles passaram a CONHECER a liberdade.”

“Essas coisas não foram aprendidas rapidamente. O SABER de muitas coisas era lento, e com tudo isso, o peso do tempo caiu sobre todos. Do CONHECIMENTO do indivíduo sobre a reflexão na lâmina de aço, ao CONHECER o submergir da vontade, ao CONHECIMENTO de si próprio. Sobre tudo isso o povo se baseou para se consolidar. Com tempo, eles passaram a CONHECER o todo.”

Dak'kon havia estado calado me assistindo esse tempo todo. Eu havia dito a ele que encontrara o sétimo círculo, e lhe contei sobre o que dizia.

“Fala do tempo como aliado, não como inimigo. Ele diz que a paciência pode afiar até o menor dos esforços a ponto de se tornar uma arma que pode acertar o coração de um império. Suas vitórias podem ser pequenas, mas com o tempo, uma vitória maior deverá ser alcançada.” Dak'kon ficou em silêncio por um momento, e então falou.

“Você fará eu CONHECER esse ciclo?” Eu lhe mostrei como abrir o sétimo ciclo. Havia também duas placas contendo “magias” Ghitzerai para nós dois. Dak'kon olhou na placa que lhe dei, então ele voltou seu olhar para mim.

“Você passou a CONHECER muito sobre o ciclo, e seus SABERES carregam um peso muito maior que o meu.”

Dak'kon encontrou meu olhar. “SAIBA que seu caminho é o meu, e um dia assim como você veio a CONHECER o caminho de Zerthimon através de mim, eu irei passar a CONHECÊ-LO melhor com você.”

Eu estudei o ciclo por mais textos escondidos. Subitamente tomei conta de um padrão no jeito que os elos se formavam... eu agarrei com meus dedos nas laterais do ciclo, e abri um segmento secreto, puxando a placa até que pudesse estudá-la.

“SAIBA que a mente dividida divide o homem. A vontade e a mão devem ser uma só. Ao CONHECER a si mesmo, você se torna mais forte.”

“SAIBA que se você SOUBER que se o curso da razão for verdadeiro no seu coração, não o traia, pois esse caminho leva ao sofrimento. SAIBA que sem sofrimento, o Elevamento nunca teria acontecido, e o povo nunca teria vindo a CONHECER a si mesmos.”

“SAIBA que não há nada nos mundos que possa ir contra o que é unido. Quando todos POSSUEM um único propósito em comum, quando todas as mãos são lideradas por uma só vontade, e todos agirem com um único intento, os próprios Planos poderão ser movidos.”

“Uma mente dividida é alguém que não se CONHECE. Quando ela é dividida, ela separa o corpo em dois. Quando se tem um único propósito, o corpo é fortalecido. Ao CONHECER-CE, crescerá mais forte.”

Falei com Dak'kon do que havia aprendido no oitavo ciclo.

“Ele fala de foco e disciplina...sobre como NÃO conhecer a si mesmo pode fisicamente dividir um homem. Ele também fala da fraqueza que a divisão causa. Me parece que ele diz para que não apenas nós CONHECAMOS a nós mesmos e tirarmos força disso, mas para que possamos focar em revelar as fraquezas de nossos inimigos.” Então eu mostrei a ele como abrir o oitavo ciclo, e novamente a placa nos deu duas novas magias. Olhei nos olhos negros de Dak'kon.

“Existem duas placas aqui... nós deveríamos estudá-las, você e eu. Acho que quando você CONHECER o oitavo ciclo, talvez então você irá CONHECER o coração de Zerthimon quando ele fez o Pronunciamento dos 2 Ceus. Suas palavras não dirigiam-se aos Illithids, mas sim ao povo.”

Dak'kon fintou as placas, seus olhos piscavam sobre suas geometrias, então olhou a cima e encontrou meu olhar.Sua espada curvada, mudava, até que seu brilho que havia notado antes, agora era prateado.Parecia mais forte de alguma maneira.

“SAIBA que quando a morte chegar para você, sua lâmina encontrará com a minha. SAIBA que quando todos morreram a sua volta,viverei por sua causa.”

“Quando morrermos Dak'kon, teremos a mesma morte. Será o pronunciamento de Duas Mortes como uma.”

Minha descoberta do Oitavo ciclo levou Dak'kon a um maior entendimento sobre si mesmo e removeu a Dúvida que o afligia.Eu literalmente o assisti derramar o peso de anos quando lhe contei sobre o Oitavo ciclo. Ao ouvir minhas palavras, Dak'kon fez o pronunciamento de Duas Mortes como uma, onde ele jurou que quando a morte viesse para mim, ele encontraria sua lâmina com a minha.

Senti que havia realizado algo valioso nessa encarnação. Dak'kon não era mais o escravo atormentado; apesar de ainda ligado as suas palavras, eu acreditava que agora ele se sentia como meu companheiro, e que ele continuaria a viajar comigo mesmo se não houvesse qualquer juramento.

CURST

Annah entrou no quarto. Ela havia terminado de vagar por Curst em busca de informação.Achei ter visto um sorriso se formar quando ela me viu em seu quarto, mas seu olhar viram Dak'kon e ela franziu a boca ao invés. Ela bruscamente me contou o que havia descoberto sobre Curst.

“Não confie em ninguém aqui.Entendeu?” Ela então bruscamente me tirou de seu quarto.

Acordei no outro dia no quarto que partilhava com Morte, que já havia acordado. Isso não era muito surpreendedor, já que ele praticamente não precisava dormir. Vendo que eu estava acordado, ele dirigiu-se a mim, parecendo ansioso e partilhar algum conselho.

“Chefe, tome cuidado aqui, ok? Esse lugar esta cheio de apunhaladores.”

Reunimos-nos no quarto principal do hotel, para uma refeição. Grace se dirigiu a mim, mas ela obviamente pronunciou suas palavras para todos.

“Curst é um cidade prisão cheia de traidores tanto em palavras quanto em ações. Devemos tomar cuidado, e olhar uns pelos outros.”

Olhei para Nordom, imaginando se ele tinha algum conselho para mim, mas ele usava seu comportamento habitual que tornava difícil dizer se ele estava atento a algo ao seu redor.

Na ultima noite eu não estava interessado em falar com ninguém no Hotel, mas nessa manha eu precisava juntar informação sobre Curst. Entrei no quarto comum, e me aproximei de um homem que estava atrás do bar. Vi um homem sombrio, abatido. Seu rosto era fino e encharcado, e seus olhos eram avermelhados. Ele se endireitou quando me viu.

“Bem vindo ao portal do Traidor. Eu sou Tainted Barse(Infectado Barse), o barman.”

“Que tipo de nome é esse?” Eu não estava em uma boa situação; Ravel havia levantado mais duvidas do que havia respondido, eu ainda não tinha uma pista do inimigo, e agora Ravel estava morta. Se eu falhasse minha missão, nenhum encarnação futura poderia lhe fazer perguntas. O barman, enquanto isso, não havia entendido bem minha pergunta. Ele me fintou enquanto formulava uma resposta.

“Barse é o nome que me foi dado, cara. Ganhei o titulo infectado mais tarde por causa de alguns amigos que pronunciavam encantos sem base.” Ele parecia MUITO irritado. “ Que diabos você quer de qualquer forma? Você é um aventureiro ou algo assim?”

“Por quê? O que há de errado?”

“O que há de errado em minha filha ser sequestrada por escravizadores, e agora esse lugar esta caindo em ruínas por dividas e vou perder o local para um desses ricos da primeira cidade.” Ele olhou para mim mais de perto.

“Você é o cara perguntando sobre um Deva não é?” Digo o seguinte, você me ajuda, e eu te ajudarei.”

“O que você sabe sobre o Deva?” Ele sorriu astuciosamente enquanto fiz a pergunta.

“Você esta procurando por ele,não esta? Posso dizer que ele esta escondido bem além da prisão.Posso te dizer como chegar la também,apesar de ser preso ou tentar subornar seu caminho – o que não funcionaria de qualquer maneira.”

“Vá por ali e fale com Marquez. Ele é um camarada ex Harmonium. Ele sabe sobre esses escravizadores- e ele tem a primeira parte da chave que lhe permitirá encontrar o caminho para o Deva. Existem cinco partes da chave, mas não é uma chave material.Quando você tiver todas elas, venha até mim – e ela abrirá conhecimentos na minha mente. Até lá, entretanto, permanecerá um segredo. Você tem que satisfazer os portadores das chaves.”

Eu estava disposto a concordar- por enquanto. Eu não tinha um problema em ir resgatar sua filha, assumindo que ele estivesse falando a verdade, e enquanto eu procurasse pela cidade eu podia esbarrar em mais um caminho ate o Deva. Perguntei o que estava havendo na cidade.

“O que é esse lugar, é um foco de rumores e insinuações. Ninguém confia em ninguém. Você faz favores aos outros sem saber se será pago. Todos odeiam todo mundo, e todos querem tomar vantagem de alguém.Alguém como você...você é um alvo ótimo para esse povo, pois você não sabe sobre as regras. E garanto que você será enganado.”

“Heh. Muitos problemas, como sempre. Primeiro, eles mantêm buracos escavados no chão para fazer a prisão maior- e eles descubrem esse Deva, envolto em uma grande bolha obsidiana, amarrado ao chão.Eles pegam sua espada e usam seus poderes para manter criminosos em suas celas. Eles estão

ocupados debatendo sobre o que fazer com o celestial, arrancando os cabelos tentando imaginar como podem tirar lucro dessa descoberta e cruzar seus “amigos”... e então adoenta-los.”

“Essa praga. Algo que mantém os camaradas deitados. Deixam as pessoas mal humoradas– e muito fracas para fazerem qualquer coisa a respeito.Os Guardas fecharam partes da cidade, e estão firmemente feridos.Eles o levarão para a cadeia com o menor dos pretextos hoje em dia.Não sei como você chegou a cidade, mas você não ira sair a não ser que encontre um portal.”

Falei com Marquez, um homem loiro corpulento, que outrora foi um oficial do Harmonium. Ele me disse aonde encontrar os escravizadores, que eram membros do Harmonium. Suas razoes para ajudar foram sentenciadas em poucas sentenças.

“Descobri que os Harmonium- um grupo que eu acreditava inicialmente- estava comprando gente, sequestrando-as, tomando-as contra suas vontades e arruinando suas vidas. Estavam sugando as vidas das pessoas por ousarem ser diferentes, e eu não podia mais aguentar aquilo. Os escravos que você enfrentará são antigos companheiros meus.” Ele sentou no chão. “Safados, mentirosos. Você não pode confiar em mais ninguém.”

Os escravizadores Harmonium não eram difíceis de encontrar; evidentemente a cidade estava tão corrompida que eles não sentiam a necessidade de esconder suas atividades. Nós os vencemos facilmente. A filha do barman foi libertada, e eu obtive a primeira parte da chave verbal de Marquez quando voltamos ao portão do Traidor. Ele me falou da segunda pessoa que eu devia falar para achar a chave, chamada Kitla.

Falei com uma bonita, e alta mulher.Ela queria que eu resolvesse a questão de uma herança entre Crumplepunch o ferreiro e Kester o destilador. Ela estava disposta a aceitar qualquer solução, mesmo que fossem suas mortes. Eu não vejo porque isso seria necessário, e concordei em aceitar seu pedido.

Falei com os 2 herdeiros.Crumplepunch era pouco educado, e pareceu feliz em deixar um terceiro tomar conta dos detalhes da herança. Ele me deu uma folha amarrotada de pergaminho a qual seu pai havia escrito para ele. Kester relutou mais, mas consegui fazer com que eu mediasse a situação para ele também. Ele também tinha um documento escrito pelo pai. Os documentos eram mal redigidos, e obscuros, mas baseado no que pude concluir eu dividi a herança entre os irmãos. Crumplepunch ficou satisfeito, mas Kester não ficou.

Voltei até Kitla, que me deu a segunda parte da chave, e apontou o dono da terceira ,chamado Nabat. Ele era amigável o suficiente, ele me pediu que eu evitasse que um grupo de foliões espancasse Kyse,o zelador do despejo da cidade, e pegassem seu dinheiro. Quando perguntei isso era tão importante para ele, ele apenas respondeu minha pergunta com uma outra.

“Isso realmente importa? E se eu dissesse que ele é meu avô? E se eu dissesse que quero meu vingar das pessoas que querem ataca-lo? E se falasse que quero o dinheiro para mim mesmo? A motivação importa? Você terá o que você quer- a Chave- e eu terei minha parte disso para mim mesmo.”

O lugar era fácil de se encontrar. Eu vi um homem velho desalinhado que fedia a lixo. Ele de alguma forma parecia mais vital que a maioria do povo dessa cidade, mais vibrante, como se ele não pertencesse ali. Ele me olhou enquanto eu me aproximava, e corrigiu sua postura.

“Veio ver Kyse? Ouvir historias sobre sabedoria e justiça? Exemplos para serem seguidos e vividos?” Perguntei quem era ele.

“Eu sou Kyse, zelador do lixo dessa cidade. Eu cuido do seu lixo, e em metáfora eu tenho visto um numero justo de almas flutuando nesse caminho também. Eu sou a voz que os impele a bondade – e eu receio que eles me ignorem.” Perguntei então sobre os ladrões que haviam ameaçado ele.

“Seu nome é Wernet, o líder dos piolhos, um colecionador de pecados. Ele me diz que eu tenho moedas, que eu devia dar a ele, mas minha fortuna esta apenas no meu coração e na minha fé. Eu lhes disse isso, mas temo que ele não acredita nisso. Vá, convença-o disso, por favor. Ele fica no Interior de Curst, no lado sudoeste, perto dos vagões.”

Tentei falar com Wernet, mas ele, não para minha surpresa, recusou ouvir. Fui forçado ao invés a lutar contra os bandidos que Wernet enviou para o lixão. Kyse parecia estupefato que alguém em Curst pudesse salvar sua vida, mas estava feliz em tê-lo ajudado.

Voltei a Nabat para obter a terceira parte da chave. Agora que havia feito o serviço, ele estava disposto a admitir que ele queria vingança sobre a gangue que ameaçava Kyse, e que ele mesmo havia espalhado o rumor que Kyse tinha um baú com ouro.

Falei com o próximo detentor das chaves, Dallan, um alto homem com cabelos negros na da altura dos ombros com olhar azul penetrante. Ele me pediu para resolver uma questão...envolvendo o líder da cidade, um Githyanki chamado An'izius, mas ele se recusava a dizer que solução ele queria que tivesse.

Encontrei An'izius perto do portão da idade de Carceri, o plano Prisão. Ele pediu que eu enquadrasse sua inimiga, uma mulher chamada Siabha. Eu falei com ela, para ver seu lado da historia. Ela mal escutava o que eu dizia, imediatamente oferecendo pagamento dobrado se eu me voltasse contra ele.

Eu estava descontente com o acordo duplo que havia feito em Curst, e disse ao capitão da cidade que tanto um quanto o outro pretendiam enquadrar um ao outro. Ele avidamente usou meu testemunho para prender ambos, não por qualquer senso de dever, mas porque isso beneficiaria outros esquemas próprios.

Quando voltei a Dallan considerei perguntar porque ele estava interessado em An'izius, mas não me incomodei. Sem duvida era algo pessoal novamente. Eu já estava sem paciência em Curst, e mal podia esperar para deixa-la. Peguei outra parte da chave, e fui atrás da ultima delas.

Dono Quisho era uma ruiva, baixa e gorda. Seu pedido era simples. Usar um pergaminho que ela me deu para invocar Agril-Shanak para o pentagrama, e então liberta-lo quando aparecesse. Resolvi seguir suas instruções minuciosamente.

O pentagrama estava localizado em um velho elevador tingido. Usei o pergaminho para invoca-lo. Então ordenei que meus companheiros atacassem o demônio. Quando o fizemos, nossos pés arrastado para fora porções do pentagrama, que “libertou”-o do pentagrama. Nosso ataque, que havia sido uma surpresa para o demônio, rapidamente libertou-o de seu corpo também. Duvido que houvéssemos destruído-o permanentemente, mas ele não viria perturbar mais ninguém por algum tempo.

Dono Quisho ficou meio brava por eu ter matado o demônio, mas suas palavras não impediram-na de me dar a quinta parte da chave. Voltei ao barman novamente, dizendo-lhe que já tinha a quinta parte.

“Que lugar a justiça eterna preparou para esses rebeldes...

..sua parte fora definida...

Há tanto removida de Deuses e a luz dos Céus...

Do centro triplamente ao ultimo polo.”

Barse abriu um túnel para nós, e nós adentramos ele, sob as ruas de Curst.

TRIAS

Os tuneis abaixo de Curst eram cheios de demônios e outras criaturas peçonhentas. Enfrentamos trelons, Nupperibo, lêmures, abishais e ate mesmo um Gehreleth.

Também encontramos um demônio chamado Tek’elach, um Cornugon, um Baatezu superior. A criatura parecia sentir que minhas ações serviam seus propósitos. Fosse ou não o que eu estava fazendo iria beneficia-lo, gostaria de saber em sua fé em falar tão abertamente comigo. Resolvi que seja o que aparecesse, Tek’elach não estaria ao redor para ver.

Ordenei meus companheiros que o atacassem. Ao se ver sem qualquer suporte, nós rapidamente o matamos, ou pelo menos o removemos de Curst, já que duvidava que pudéssemos mata-lo permanentemente.

Nós também conhecemos um humano, inesperadamente nos tuneis. Um homem sujo, curvado e marcado pela idade e escuridão. Seu cabelo fino, e grisalho cabelo voava pelos seus ombros enquanto ele nos espia, e seus olhos se arregalaram com medo. Seus dedos começaram a retorcer através de padrões arcanos... Depois de tudo o que havíamos passado, entretanto, eu não temia que alguma magia pudesse ser invocada, e apenas observei. Ele baixou as mãos, e me deu um olhar peculiar.

“Ach, outro visitante hein? Vocês todos querem assustar o velho ermitão até a morte não é? Esses tuneis não são lugar para um passeio casual de primavera sabia? O que querem de mim?”

“Estou procurando um Deu” E lhe perguntei indo direto ao ponto.

“Ouvi rumores disso, mas esse velho ermitão não o viu. Achei que pudesse estar no subsolo, já que esse lugar tranca todas as coisas boas, mas ainda assim não pude encontra-lo. Se pudesse, perguntaria se ele ouviu sobre meu Deus.” Ele deu um suspiro, e olhou para baixo da escadaria. “ De alguma forma, sinto que ele esteja a oeste daqui. Mas ainda não o encontrei. Ele deve ter um guardião.” Ele piscou para mim.

“O que esta fazendo aqui”? Ele suspirou novamente fazendo barulho, se recompôs, e olhou ao redor abertamente por um momento.

“Vim para Curst porque meu Deus foi exilado em Carceri. Estou me aproximando dele com o passar do tempo, mas não estou indo até a prisão atrás dele. Estou tentando achar um jeito de tira-lo de lá. Já que ele é um poder do bem, ele nem deveria estar lá, mas é assim que o exílio funciona, eu acho.”

“Há quanto tempo você está aqui?”

“Muito tempo, muito tempo, a serviço de um Deus que é tudo menos esquecido, eu lembro dele, apesar...vou encontra-lo, Se tiver que fuçar todos os monstros daqui para sempre .Vou encontra-lo.” Ele começou então a murmurar.

Ele se recusava a dizer algo mais sobre si mesmo, ou de seu Deus. Ele podia possivelmente ter sido outro demônio, mas se era, tinha ao menos o senso de se esconder em forma humana, prevenindo que eu ordenasse sua destruição.

Os tuneis alem dali levavam a parte subterrânea de Curst. Depois de lutar com uma sequência ou mais de guardas de Curst, finalmente encontrei quem eu procurava. Vi um ser com o mais puro marfim e um cabelo cegante de tão branco. Suas asas estavam carbonizadas, as penas destruídas, ainda assim ele irradiava paz e amor. Ele permanecia como se meditasse, não notando minha presença, segurando seus braços para os lados. Correntes seguravam firmemente seus antebraços, fixadas no trono em que permanecia. Apesar de não me lembrar de a ter visto um Deva, eu sabia em meu coração o que ele era.

O Deva ergueu sua cabeça e pousou seu olhar sobre mim. Sua voz era pura e melódica. “O que você deseja com Trias, mortal? Diga o que quer e deixe-me com minhas memórias do paraíso.” Antes que pudesse responder, o rosto do Deva mudou para uma descontentação. O deva voltou sua cabeça e olhou para Morte.

“O odor dos Baator esta forte sobre você, crânio.” Morte imediatamente respondeu curto.

“Você não cheira melhor. Quando foi a ultima vez que tomou um banho?”

Enquanto isso, Fall from Grace havia examinado de perto o Deva. Ela moveu-se para perto de mim, de modo que apenas eu pudesse ouvir seu comentário.

“Um Deva...ainda assim aquelas correntes não parecem prendê-lo tanto quanto sua mente o sufoca...” Dak’kon, entretanto, havia escutado, e optou por adicionar sua observação, fundada na experiência pessoal.

“As correntes não o prendem. Sua crença o faz.”

Eu estava curioso sobre os comentários do Deva, e decidi questiona-lo de outras maneiras antes de pedir ajuda para mim mesmo. Também queria aprender algo a seu respeito antes de me comprometer.

“Memórias do paraíso?” Uma sombra passou pelo seu rosto com meu comentário.

“Nunca mais os verei, eu receio, a linda ordem de Arcadia, as vistas do Elysio, os Sete montes do Monte Celeste...toda a feiura contida nesses planos baixos é apagada lá, onde é realmente possível crer na redenção. Muitos olham apenas para os planos baixos para se inspirarem e ajuda, eu temo...Que isso seja tudo o que resta para mim nesse lugar. Agora o que é que você deseja perguntar Mortal? Diga e depois me deixe.”

“Como suas asas foram queimadas?” Eu perguntei, curioso em saber como ele havia se ferido, mas não destruído.

“Foi parte da grande traição- queimaram minhas asas assim como me algemaram, para que não pudesse escapar nem mesmo pela terra. É da natureza desse lugar que as lindas coisas não sejam toleradas.

“Porque você foi confinado?”

“O povo dessa cidade- todos traidores- de beleza e verdade nada sabem. Eles não podem tolerá-los. Eles me atraíram até aqui e me acorrentaram. Os Mortais não possuem a perspicácia que lhes permite obter força de caráter para se elevarem acima de seus desejos, como procurei lhes ensinar.”

“Eu discordo, Lorde Trias.” Fall from Grace interviu. “Você simplesmente teve uma superabundância de confiança em seu espírito por eles.” Um escárnio retorceu seu lindo rosto.

“Sem dúvida, senhorita Tanar’ri, você não acredita que os Mortais possam um dia obter essa perspectiva? Não quando você é o que você é- sua natureza chora por seduzir qualquer chance que os Mortais tenham em se elevar além de seus instintos básicos.” Eu fiquei surpreso por sua forte reação, entretanto uma prisão interminável pudesse aprisionar até mesmo um Deva. De qualquer maneira, eu precisava encontrar uma maneira de tirar essas correntes que o prendiam se quisesse aprender algo de valor.

“Como você pode ser libertado?”

“Um ato de gentileza feito para mim deve me libertar. Minha espada- minha alma- são agentes de tais gentilezas. Pegue a espada para mim e corte minhas correntes. Ela é mantida em algum lugar dessa prisão, em uma câmara guardada e segura. Eu sei a combinação da entrada.” Ele disse três sílabas arcanas que queimaram na minha mente. “Liberte-me, e eu estarei.... em débito com você. Talvez eu possa ajudar no que você procura.” Era como Grace havia dito, ele parecia hesitante no que dizia, como se estivesse confuso. Eu entretanto, estava surpreso ao ouvi-lo dizer aquilo como se ele soubesse o que eu procurava.

“O que você sabe sobre o que eu procuro?” Ele sorriu, triste.

“Você veste as marcas no seu rosto e as carrega no coração. Se essas correntes forem arrancadas de mim... então serei capaz de profetizar seu propósito mais profundamente, guia-lo mais verdadeiramente. Até lá...” O Deva encolheu os ombros.

“Até lá não posso lhe dar o benefício de bom conselheiro. Essas correntes sufocam a memória e o instinto.”

“Ravel, a bruxa me mandou até você. Ela disse que você teria conhecimento para saber sobre minha mortalidade roubada.

“Ravel... a bruxa da noite...uma mortalidade roubada... isso tudo me parece familiar, ainda assim temo que não possa dragar o conhecimento enquanto essas correntes me confinarem.”

Não havia mais fundamento ao continuar o questionando até que encontrasse sua espada. Infelizmente, aquilo significava penetrar o coração daquela prisão. Tivemos que adentrar vários ciclos e celas e passagens, encontrando outra leva de guardas pelo caminho.

O guardião final era um ser conhecido como Cassius. Ele cometeu o erro de me desafiar para um jogo de perspicácia, no qual eu prontamente o derrotei. Rapidamente peguei a espada que ele guardava. A espada pesada era quente ao tocar, e chamas haviam sido encravadas pela superfície da lâmina. A complexidade da escultura era arrebatadora; foram feitas com tal maestria que a espada parecia estar queimando com chamas metálicas... alguém deve ter passado alguns séculos a forjando. O metal da lâmina era

infamiliar...era pesada, mas brilhava como prata. Eu rapidamente embrulhei a espada com uma roupa e a coloquei numa sacola; a espada devia literalmente ter sua própria mente, e eu não queria prolongar meu contato com ela.

As autoridades de Curst haviam mudado a prisão para usarem a espada para fortalecer suas defesas mágicas. Com a remoção dela, todas as portas estavam agora abertas, e os prisioneiros inundavam os salões procurando liberdade. OS guardas restantes, invocados para me pararem, agora começaram a assassinar os prisioneiros ao invés de deixa-los escapar. Ajudei os prisioneiros da maneira que pude, mas muito morreram mesmo assim.

Os prisioneiros não confiavam em mim ou em meus companheiros, então assim que nós eliminamos os guardas restantes eu os deixei procurarem sua liberdade por conta própria. Retornei a espada ao Deva acorrentado, e mostrei a espada que havia encontrado. Trias pareceu chocado por um momento.

“Fogo Celestial? Você recuperou minha espada? Você me libertará? Então acerte um único golpe na corrente!”

Ao invés de responder, eu peguei a lâmina nas mãos e atingi as correntes que o prendiam com um único golpe. As correntes cederam facilmente para a espada, o som de um trovejar ressoou nos minhas orelhas. Tudo escureceu um momento, e eu senti a lamina sumir da minha mão entre os meus dedos.

“Eu te agradeço por me libertar. Eu lhe devo muito.” Suas asas queimadas tremularam. “O que você quer me pedir, Mortal? Receio que possa oferecer pouco no que se diz de bênçãos.”

“Minha mortalidade foi roubada de mim. Quero obtê-la de volta.”

“Você fala tolices. Contudo...existe alguém que pode ser capaz de ajuda-lo com o que procura. É um demônio chamado Fhull- Forked -Tongue (Língua Dividida). Ele poderá ajuda-lo.” Os lábios do Deva assumiram um pequeno sorriso sarcástico. “Ele tem a obrigação de fazer caridade.”

“Como chego até ele?”

“Por ali existe um portal no norte da prisão. Sua chave é um elo quebrado de corrente.” Ele observou os elos quebrados ao redor de seus pés, parou, e os pressionou contra minha mão. “Uma chave apropriada para quem pretende deixar Curst.”

“Até logo Mortal. Eu tenho... assuntos...para tratar.” Ele olhou significativamente para a cela de sua prisão, e pulou para a terra acima dele como um mergulho no oceano.

VHAILOR

Abri o portal que o Deva havia mencionado, pronto para entrar em outro plano através dele. Entretanto, um sujeito estava no quarto além do portal, permanecia na porta. Ele não deu indícios de que havia notado nossa entrada; curioso, me aproximei.

Diante de mim havia uma imponente, armadura vazia- mas suas placas estavam suspensas no espaço, como se mantidas por uma estrutura invisível. E veias avermelhadas corriam pelas frestas de toda a armadura de metal, e um imenso, machado de duas mãos de execução descansava em sua mão. Gravuras decoravam a superfície da armadura, a mais notável era uma serpente avermelhada com suas asas desdobradas. Por trás da “muralha” na minha mente aonde fragmentos de memória permaneciam, um nome escapou.

“Vhailor...” Eu não sabia de onde o nome vinha, mas eu sabia que ele PERTENCIA a armadura. Eu mal havia sussurrado, mas ele ecoou estranhamente na câmara. O ar se agitou, o suficiente para mandar para minha espinha uma sensação horripilante e um nó para apertar meu coração.

Enquanto eu olhava dentro da armadura, as sombras de dentro do visor tomaram forma...aderindo a forma dos traços de um poderoso, homem negro. Seus olhos eram como chamas, e ele tinha varias cicatrizes...seria esse seu “valor”, quando ele tinha carne? Ele parecia assombrosamente familiar...tanto como armadura E como humano de carne e sangue.Quase como se recitasse uma magia, mais palavras vieram aos meus lábios.

“Vhailor...desperte.” Houve uma chama de um brilho vermelho de dentro do elmo, lançando uma luz cegadora; eu protegi meus olhos da luz- quando os descobri, eu vi duas brasas queimando dentro das sombras do elmo. O sujeito falou.

EU DESPERTEI.A voz era espectral, cavernosa e oca, e ecoava de dentro da armadura. Não era uma voz humana... eu senti que uma FORÇA, uma presença.Nao parecia com nada que estivesse VIVO... ou com algo que sequer um dia tenha vivido.

“Quem é você?”

EU SOU VHAILOR.

“O que é você?”

EU SOU UM JULGADOR. Enquanto Vhailor pronunciava a palavra “JULGADOR”, Annah e Morte enrijeceram.

“Justiceiro?” eu perguntei.

JUSTICEIROS SERVEM A JUSTIÇA. A JUSTIÇA PURIFICA O MAL. QUANDO TODOS FOREM PURIFICADOS, O MULTIVERSO ALCANÇARÁ A PERFEIÇÃO.

“Porque você é chamado assim?”

MISERICORDIA É UM ESCUDO USADO PELOS FRACOS.PENA É FRAQUEZA. DÓ É MORTE.NINGUÉM É INOCENTE. JUSTICEIROS MATAM A MISERICÓRDIA E SUAS MERETRIZES AONDE QUER QUE SUA PRAGA TENHA SIDO ESPALHADA.

“Eu discordo”. Misericórdia é força- e existem vezes em que mesmo a justiça pode ser injusta, especialmente quando levados ao extremo.

PIEADADE DESTRÓI O CENTRO DA JUSTIÇA. NINGUÉM VIVO É INOCENTE.

“Por quanto tempo você esteve aprisionado?”

O TEMPO VOOU ENQUANTO ESTIVE APRISIONADO. O TEMPO NÃO TEM QUALQUER SIGNIFICADO, APENAS A JUSTIÇA.

“Você sabe porque você veio para Curst?”

MUITO SE PERDEU NA MINHA JORNADA. EU VIAJEI EM BUSCA DE TRAIADORES. ELES ME ENCONTRARAM E ME PRENDERAM. UM ATO DE TRAIÇÃO.

“Que traidores?”

CURST É UMA CIDADE DE TRAIADORES. É UMA CIDADE QUE DESAFIA A JUSTIÇA. EU VIM PARA EXPURGA-LA.

“Como você foi aprisionado?” Vhailor fez silencio. As brasas em seus olhos acenderam. “Vhailor? Você lembra como te aprisionaram?”

EU NÃO SEI.

“Como a justiça lhe empresta sua força?”

A FORÇA DA JUSTIÇA DEPENDE DA FERIDA QUE A INJUSTIÇA CAUSOU.

“Então...quanto maior a injustiça- quanto maior o crime- mais força “ a justiça” lhe empresta?

QUANDO A INJUSTIÇA É GRANDE O SUFICIENTE. A JUSTIÇA E PERMITE FORÇAS PARA CORRIGIR OS ERROS.NINGUEM DEVE SE OPOR. ELA IRÁ ESTRACALHAR QUALQUER BARREIRA, DESTRUIR QUALQUER ESCUDO, TRANSPASSAR QUALQUER ENCANTAMENTO, E EMPRESTARÁ A SEU SERVO O PODER DE SENTENCIAR. Enquanto Vhailor entoava essas palavras,uma sensação horripilante passou pelo meu corpo- tão forte que me fez tremer. Eu já havia ouvido essas palavras antes, e sabia que eram verdadeiras.

SAIBA DISSO: Não há nada em todos os planos que POSSA deter a mão da justiça quando ELA for TRAZIDA PERANTE ELES. ELA IRÁ DESFAZR EXÉRCITOS. ELA IRÁ DIVIDIR OS TRONOS DE DEUSES.SAIBA QUE PARA TODOS QUE TRAEM A JUSTIÇA, EU SOU SEU DESTINO. E O DESTINO CARREGA UM MACHADO DE EXECUTADOR.

“E como você sabe *quando* dispensar a justiça?”

A JUSTIÇA VEE ATRAVÉS DOS MEUS OLHOS.OS OLHOS DO JUSTICEIRO PODEM VER AS FALHAS DA FRAQUEZA, AS FRAGILIDADES, OS FERIMENTOS DA MISERICÓRDIA NO CORAÇÃO. AO VE-LOS, EU CONHEÇO A CULPA. EU CONHEÇO SEUS MEDOS. Eu imaginei esse poder que ele clamava, e, virei-me, escolhi o primeiro dos meus companheiros que vi.

“O que você vê quando olha pra o Morte?”

A CAVEIRA SABE MUITO. MAS NADA SABE SOBRE JUSTIÇA.MUITOS COM OS CORAÇÕES COMO O DA CAVEIRA ESTÃO EM PRISÕES E COVAS.Toda minha curiosidade agora aumentou, eu imaginei o que ele via em meus outros companheiros. Perguntei sobre Dak’kon.

O CORAÇÃO DESSE GITHZERAÍ NÃO POSSUI O PRECONCEITO QUE ENVENENA SUA ESPÉCIE. CONTUDO ELE ESTA EM CONFLITO CONSIGO MESMO, POIS SUA PALAVRA É SUA JUSTIÇA , SUA VONTADE E LEI.ONDE OS GITHZERAÍ PROSPERAM NO CAOS, ESSE AQUI SOFRE.

“Preconceito?”O que quer dizer?”

A RAÇA GITHZERAÍ ARDE COM PRECONCEITO. NÃO EXISTE ESPAÇO PARA PRECONCEITO AOS OLHOS DA JUSTIÇA. POIS SUA NATUREZA, PRECONCEITO CONTAMINA A JUSTIÇA. GITHZERAÍ SÃO PRECONCEITUOSOS CONTRA OS GITHYANKI, SEUS PRIMOS RACIAIS, E OS ILLITHIDS, QUE FORAM OS DONOS DO POVO GITH. ÓDIO TANTO PELOS GITHYANKI E PELOS ILLITHIDS ARDEM NO CORAÇÃO DOS GITHZERAÍ. Depois perguntei por Nordom.

O MODRON NÃO TEM CONSEQUÊNCIA. ELE PODE DEFINIR JUSTIÇA, MAS NÃO A ENTENDE. NÃO É SATISFATÓRIO. MAS É SUFICIENTE. A próxima foi Fall From Grace.

TANAAR’RÍ SÃO NASCIDOS DO CAOS. ELES NÃO SE IMPORTAM COM JUSTIÇA. A SUCCUBOS CONHECE A JUSTIÇA, MAS ELA VOLTOU-SE CONTRA ELA. MISERICÓRDIA ENVENENOU SEU CORAÇÃO. Fall from Grace endureceu suas palavras; sua voz quando respondeu era equilibrada, sem qualquer traço de tensão que ela sentira.

“Eu conheço a justiça Vhailor. Eu a mesclo com experiência e sabedoria, e quando ela é acrescentada com essas duas verdades, ela torna-se mais forte.Também conheço piedade e perdão, pois sem eles, os Planos seriam um lugar muito mais Cruel.”

PIEIDADE DESTRÓI O CORAÇÃO DA JUSTIÇA. MISERICÓRDIA DEVORA TUDO O QUE É PERFEIÇÃO. COMPAIXAO E PERDÃO SÃO VENENOS DA MISERICÓRDIA.

“Não, Vhailor, não são. São instrumentos pelos quais outra alma pode se redimir, elevada e fortalecida. Ao fazê-lo, o Multiverso é fortalecido. É aí que reside a perfeição que você fala.”

VOCÊ É FRACA SUCCUBUS. VOCÊ É FRACA COMO TODA SUA ESPÉCIE. AASSIM SUA ESPÉCIE SEDUZ COM CARNE, A PIEIDADE SEDUZIU VOCÊ. VOCE É UMA PUTA DA MISERICÓRDIA. VOCÊ NÃO É NADA.

Fall from Grace se posicionou com isso. “Sou Vhailor? Então julgue-me com seu olhar, e veja se consegue encontrar o que procura. Veja se pode encontrar a fraqueza que diz me tormentar.”

Os olhos de Vhailor flamejaram enquanto olhava pra Fall from Grace, as duas brasas brilhavam como tochas. Fall From Grace encontrou seu olhar prontamente, seus olhos eram cristalinos e determinados.

AS RAIZES DA FRAQUEZA ESTÃO LÁ.VOCÊ ACREDITA EM SI MESMO FORTEMENTE, MAS A MISERICÓRDIA IRÁ SE ALIMENTAR DA RAIZ. ELA DEVORARÁ SUA VONTADE.”Vhailor pausou um momento, e suas próximas palavras caíram como um martelo. CONTUDO...OUTRAS FRAQUEZAS O SEU CORAÇÃO ESCONDEM SUCUBUS. ISSO É O QUE MEUS OLHOS ENXERGAM. VOCÊ SE IMPORTA. AO PREOCUPAR-SE , VOCÊ TORNOU-SE MAIS FRACA.

“Nesse ponto, nós estamos dividos,Vhailor.” Grace replicou.

“O que você vê quando olha para Annah?” Perguntei.

A TIEFLING É CONTAMINADA PELOS PLANOS BAIXOS. SUA CORRENTE SANGUINEA NÃO DEIXA ESPAÇO PARA LEALDADE OU JUSTIÇA. ELA ENTENDE A JUSTIÇA, MAS A IGNORA. Os olhos de Vhailor flamejaram como tochas. ELA NÃO IRA ME IGNORAR. Os olhos de Annah franziram com suas palavras.

“É melhor manter seus olhos afastados de mim, espírito! Eu não tenho nada a tratar com você, então não irei fazê-lo.”

TIEFLING ME RESPONDA: VOCÊ JÁ COMETEU UMA INJUSTIÇA? Enquanto os olhos de Vhailor caíram sobre Annah, ela estremeceu como se estivesse queimando.

“Não, espírito, e eu não tenho nada a tratar com você, então eu não irei.”

A JUSTIÇA ME DÁ O DIREITO.

“Como? E que injustiça poderia ser? Sua justiça pode não ser a MINHA justiça- é tão oca quanto sua armadura! Você está fazendo sua própria justiça que você cegamente ignora quando trata-se de julgar a si mesmo!”

JUSTICEIROS SÃO A JUSTIÇA. NOSSAS AÇÕES ESTÃO ACIMA DE QUESTIONAMENTOS, TIEFLING.

“Ah é? bem, você e seus justiceiros arrastaram muitos dos meus amigos da árvore desfolhada em nome da justiça quando a inclinação os acertou! Queimem no fogo dos Baator, sua meia coisa amaldiçoada, e que os poderes caiam sobre você pelo que fez! Desejo que sua armadura caia na forja e derreta de maneira que não sobre sequer uma placa!”

PELA ÚLTIMA VEZ TIEFLING, VOCÊ COMETEU ALGUMA INJUSTIÇA? RECUSAR-SE AO RESPONDER É ADMITIR A CULPA.

Suas acusações contra Annah me deixaram irritado; como alguém que vivia em Hive poderia negar ter sido vítima, ou não ter cometido crimes?

“Vhailor, pare com isso. Agora. Não permitirei que questione ela.”

A JUSTIÇA ME DÁ O DIREITO. A CULPA A ESCONDE COMO UMA SEGUNDA PELE.

“Eu lhe disse para parar, Vhailor, eu quis dizer isso exatamente isso.”

“ENTÃO A PUTA DA MISERICÓRDIA SE MOSTROU. A FRAQUEZA ENVENENOU SEU CORAÇÃO. “Foi mesmo? “Então julgue a mim Vhailor, se encontrar o que procura, passe para mim a sentença.”

QUEM É VOCÊ PARA QUESTIONAR UM SERVO DA JUSTIÇA? VOCÊ NÃO É NADA, VOCÊ É UM FRASCO. EU NÃO PROCURAREI SEU CORAÇÃO. VEREMOS SE O QUE VOCÊ ENCONTRA O QUE PROCURA. Enquanto os olhos vermelhos de Vhailor caíam sobre mim, eu os senti dividindo minha pele, queimando-a e descascando-a- mas não havia dor, apenas um banho de tontura e um senso de afogamento. Enquanto seus olhos me queimavam, senti uma memória surgir...

Os olhos incinerantes vermelhos brilhavam mais e mais, quase a ponto de cegar, então eu estava encarando Vhailor, mas onde não havia espaço oco antes que houvesse carne- um homem negro, cheio de cicatrizes encarava de dentro do elmo, seus olhos eram como chamas que me cumprimentavam. A armadura estava brilhando, e seu rosto estava trancado em fúria. Ele havia vindo POR mim.

“Você me encontrou, Vhailor. Você viajou de muito longe ...imagino que não foi fácil me encontrar.”

“Justiça me levou a você. Aonde você anda, deixa um rastro de **sofrimento**.” A voz dele ressoou, mas não havia eco, nem a sua voz espectral, apenas raiva e fúria e carne e sangue... ele era perigoso, mas não era uma força espectral, apenas um homem, e eu havia derrotado muitos homens. “Eu irei te levar diante da corte de Sigil e puni-lo. Se você nega, então DIGA, e eu irei Julga-lo.”

“Eu nego. Julgue-me... então eu julgarei você.”

“Me julgar?” Os olhos de Vhailor incendiaram e ele segurou seu machado firmemente, os músculos em seu pescoço e braços enrijeceram quando ele começou a gira-lo, lentamente, ameaçadoramente. “Você não tem o DIREITO de me julgar.”

“Sim, eu tenho, Vhailor, pois eu conheço seu coração- e meus poderes me dão o direito de te julgar. Mas não irei julga-lo agora: Você irá descansar nessa jaula até o dia em que eu *liberta*-lo para que você possa andar pelos planos mais uma vez.” Quando minha encarnação disse “jaula”, o olhar de Vhailor subitamente mudou de mim para as paredes ao redor dos muros- eram os muros da prisão de Curst aonde eu o havia encontrado- muitos anos atrás. MUITOS ANOS, suficientes para um homem morrer muitas mortes. Ou talvez apenas uma.

“Eu te enganei nesse ponto, Vhailor...porque acha que concordei em encontrar com você AQUI? Você achou que eu estava me entregando? Ou que desejava lutar com você? Não...essa é a cidade portão de Curst, Vhailor. Ela faz fronteira com o plano de prisão de Carceri, onde ate mesmo DEUSES são mantidos prisioneiros. Você é poderoso, Vhailor, mas as energias desse lugar permitem que mesmo os poderosos sejam presos aqui.”

Vhailor se virou, mas um pouco do fogo havia morrido em seus olhos. “ Isso é traição.”

“Traição corre por esse lugar como nas veias, e é a traição que me dá forças para fazer esse encantamento- é por isso que forcei você a se encontrar comigo aqui em Curst. Eu posso sair dessa cela , Vhailor, mas até que eu venha até você, você não sairá. Sua cruzada pela justiça é realmente notável, mas ela será esquecida, e talvez com o tempo- mesmo a justiça esquecerá de você.”

“VOCÊ vai além de negar a justiça, você esta negando minha busca...”

“Eu sei da sua missão. Mas isso terá que esperar ate que eu tenha feito a MINHA, e essa é a segunda vez que você me encontra e tenta me julgar. Eu não permitirei que isso aconteça uma terceira vez.” Vhailor não disse nada- eu nunca havia parecido tão definitivo. Eu estava sentenciando um julgamento terrível a ele, um julgamento que não trazia justiça alguma.

“Eu sou imortal Vhailor- mas você é... um ser estranho. Justiça o tocou, e essa justiça pode ser mais poderosa que seja lá o que for que me sustenta. Ainda assim, veja bem: Eu não quero que você morra... talvez um dia eu precise de alguém que tenha o poder para me matar. Então você permanecerá aqui até que eu volte, se um dia assim quiser.”

A memória escureceu, fugindo nas sombras, e subitamente, eu estava encarando o Vhailor espectral de novo, o visor de sua armadura sem carne alguma- apenas com brasas incandescentes.

VOCÊ SERÁ JULGADO. Enquanto o olhar incendiador de Vhailor caiu sobre mim, eu subitamente senti um estranho senso de distanciamento, quase como se estivesse saindo de meu corpo. Houve um fraco sussurro, um frio na minha espinha, e subitamente eu sabia que não importava o que Vhailor diria ter visto, ele apenas poderia ver o que eu QUERIA que ele visse. Eu sabia que até a mais simples decepção ele iria aceitar- eu era um livro fechado para ele.

VOCÊ JÁ ASSASSINOU ALGUÉM? Entretanto, eu não tinha vontade de mentir para ele, ao invés disso escolhi um dos muitos crimes que havia cometido e omitido.

“Sim... foram pelas minhas mãos, mas não minha mente,Vhailor. Em um das minhas encarnações anteriores, eu matei um homem chamado Fin Andlye por causa do conhecimento que ele possuía.

VOCÊ ADMITIU O CRIME. Os olhos dele inflamaram o elmo, e eu tive uma leve impressão da terrível força que escondia por trás da armadura espectral.OS CULPADOS DEVEM SER PUNIDOS.

“Mas eu já fui punido, Vhailor.” Vhailor se manteve.

VOU OUVIR SUA PUNIÇÃO.

“Toda vez que eu morro,Vhailor, eu perco minhas memórias. Eu não tenho noção própria, nem de quem eu era ou sou, e eu carrego centenas de cicatrizes no meu corpo e mente de ferimentos que não me lembro.A morte me rejeita, eu receio que nunca serei capaz de descansar em paz.”

Vhailor me olhou, com seus olhos brilhantes queimando. Eu senti o mesmo olhar de antes, o arrancar e o descascar da minha pele, como se Vhailor me dissecasse. Senti uma onda de náusea passar por mim, uma sensação de afogamento, mais profundo dessa vez...até que minha visão quase escureceu...

VOCÊ FOI PUNIDO.A MARCA DA JUSTIÇA ESTA EM VOCÊ. POSSO VE-LA NA SUA CARNE. SAIBA DISSO: EXISTE MUITO QUE EU NÃO POSSO VER EM VOCÊ. EU VIGIAREI VOCÊ. VOCÊ FOI PUNIDO.MAS ISSO NÃO TE SALVARÁ DAS FUTURAS PUNIÇÕES PELOS CRIMES QUE ESTÃO POR VIR. Mais uma vez eu passava por problemas deixados por uma das minhas encarnações anteriores, a “prática”.E do homem que havia aprisionado Vhailor, havia apenas um traço deixado nesse avatar purificado da justiça diante de mim. Mas o pouco que podia fazer por ele eu iria fazer.

“O que DEFINE a justiça, Vhailor? O que realmente?”

JUSTIÇA É DEFINIDA PELA LEI.

“E o que é a lei, Vhailor?”

A LEI É O OBJETO QUE A JUSTIÇA SERVE.

“E quem faz as leis , Vhailor?”

A LEI É DEFINIDA PELA JUSTIÇA.

“Esse é um argumento circular, Vhailor- não tem significado. Você diz que a justiça é definida pela lei, que é definida pela justiça.”

A LEI É DEFINIDA PELA JUSTIÇA.

“Homens e mulheres vivos fazem as leis,Vhailor- as leis que eles fazem são “justas”?

AS LEIS SÃO JUSTAS.

“Mas se as leis são feitas por homens e mulheres- que, como VOCE disse, NÃO são inocentes, então a justiça não foi contaminada pelas suas mãos?

NADA QUE VIVE É INOCENTE. CONTUDO, A LEI ESTA ACIMA DA CARNE E DO SANGUE. DA IMPERFEIÇÃO, A PERFEIÇÃO PODE SER FEITA. LEIS INJUSTAS PODEM SER REDEFINIDAS. TER SEU MAL ARRANCADO.

“Então você admite que nem sempre as leis são perfeitas- mas se essas mesmas leis definem a justiça, então a justiça também não é imperfeita?”Vhailor ficou mudo.

“Vhailor- não existe justiça conhecida. Tudo que você faz em nome da justiça não faz sentido- você sabe, a vida não tem sentido.”

Minhas palavras pareciam um eco, acumulando poder enquanto as dizia. Quando o fiz, as brasas nos olhos dele tremularam- e então se evisceraram. Sua armadura colapsou, o machado e as placas de metal caíram no chão com um estrondo. Quando atingiram o chão, entretanto, erguerem nuvens de pó- cinzas e partículas de ferrugem ergueram-se das placas de metal e do machado envelhecido, e desintegraram diante de meus olhos. Tudo que restou foram algumas placas de metal como um túmulo, indicando que Vhailor um dia existiu.

De certo modo, minhas palavras foram uma traição maior do que a minha encarnação anterior havia cometido, pois minha ação tinha pouca justiça nela, mas muita misericórdia. Eu dei meia volta, e liderei meus companheiros através do portal.

ANNAH, parte 2

Nos chegamos a uma paisagem estéril, exposta a fortes ventos. Próximos de um esqueleto de uma criatura quadrúpede que dominava a visão do lugar. Eu podia facilmente me enrolar e dormir nos glóbulos dos olhos do esqueleto colossais. Um pouco da fauna local nos atacou, mas rapidamente os derrotamos.

Puxei Annah de lado para falar com ela sobre algo que me incomodava desde que havíamos visto Ravel no labirinto. Tentei explicar sobre o que aconteceu quando Ravel me beijou, mas ela me cortou.

“Sei.” Annah rosnou, “não venha dando desculpas. Se você quer ficar beijando demônios, beija-la foi provavelmente a coisa mais segura que você já fez.” Ela cuspiu. “Agora pare de se atrapalhar: eu não quero mais ouvir uma palavra sobre isso.” Fiz outra pergunta, a respeito do que Ravel havia dito.

“No labirinto, Ravel disse que você era atormentada”... o que ela quis dizer? Annah fez uma careta.

“Ela não quis dizer nada. Era uma velha.”

“Tem certeza?”

“ Não é NADA. Se você não sabe do que ela estava falando, eu também não sei.”

“ Bom, se você quiser falar sobre isso, eu vou te escutar.”

“Eu...” Annah baixou seu olhar um momento. “ Eu não sei porque estou viajando com você! Não sei porque fui com você ate aquela Ravel!” Ela fez uma careta, mas ela parecia mais confusa do que irritada. “ Não faz sentido, eu não gosto disso.”

“Eu...” Annah respirou fundo. “ Eu acho que tenho Sentimentos por você. É estranho... Eu acho que nunca gostei de alguém.Mas você...”Annah meio que encolheu os ombros sem me olhar. “Eu não sei o que há em você, quero dizer- você é maluco muitas vezes, você anda como se seus costelas estivessem quebradas, você é desajeitado, você cheira como um zumbi, mas...” Ela suspirou. “ Eu gosto de Você.”

Eu hesitei, despedaçado. Como eu podia explicar para ela que seria melhor se ela não me quisesse que eu temia por qualquer um que me seguisse, especialmente por quem eu me importava fosse condenado? Enquanto permanecia indeciso, Annah continuou falando.

“Acho que é porque você esta condenado.” Annah subitamente encontrou meu olhar. “Acho que você anda com correntes, mas ainda não sabe ainda. Então eu... sinto por você, mas tenho medo também... e isso esta me matando , é isso.Eu não quero que se machuque,mas não sei o que fazer para parar de se ferir!” Sua preocupação, que tão nitidamente se igualava a minha, perfurava meu coração. Eu não disse nada, mas me inclinei para frente.

Eu agarrei a parte de trás do seu pescoço com a mão, e vi as feições de Annah petrificarem enquanto a puxava para beijar seus lábios. De inicio, era como beijar uma parede, então ela começou lentamente a me beijar de volta, hesitante no inicio, então com mais confiança, seus dentes mordiam levemente meu lábio superior. Eu ouvi uma rosnado no fundo de sua garganta, e sua cauda começou a se esfregar ao redor da minha perna,se exprimindo, cada espremida correspondia a uma de suas mordidas.

Havíamos-nos , é claro, esquecido que nossos companheiros estavam por perto. Morte nos lembrou de sua própria maneira.

“Vocês dois poderiam parar com isso antes que eu tenha que pegar um porrete e venha dividi-los ao meio!” Morte bufou,

“Ou pelo menos deixem-me participar.”

Assim que a beijei, subitamente notei que sua pele havia se tornado quente- estava irradiando calor, como carvões quentes. Eu a afastei, Annah me mordeu mais uma ultima vez, e me olhou confusa, e então com raiva.

“O que foi isso então? Eu não sou boa nisso , não é?”

“Não, é sua pele- porque você esta ficando tão quente tão rapidamente?”

“Como?” Annah fez uma careta, e olhou para si mesma; eu notei colunas de fumaça saindo das extremidades de sua jaqueta. “ Sangue de demônio...” Ela ergueu uma sobrancelha. “ Isso nunca havia acontecido antes, entretanto.”

“O que? Ninguém nunca te beijou antes?” Ela fez uma careta.

“NINGUÉM nunca OUSOU. E mesmo que ousassem, duvido que teria sido dessa maneira.”

“Vou tomar isso como um cumprimento então.”

“Sim... é sim.” Annah olhou ao ser redor, e sua calda estava mexendo erráticamente. “Vamos seguir adiante agora ou não? Não temos tempo para ficar conversando.”

“Bom, eu não acabe ide te beijar ainda.Venha aqui.” Pro inferno que eles estavam presentes, eu pensei. De fato, naquele momento eu pouco liguei em me preocupar com o futuro e o provável destino de Annah se ela ficasse perto de mim.

Annah recuou, alarmada. “Não -quem sabe o que acontecerá em seguida- talvez meu corpo pegue fogo. Você e seus lábios mantenham distancia!”

O momento acabou, eu liderei o caminho para investigar o esqueleto gigante. Eu tinha terminado com Annah, pelo menos por enquanto.

FHJULL

Abaixo do crânio do esqueleto gigante eu encontrei uma entrada que levava ao subterrâneo. Ao entrar, nos deparamos com uma rampa espiral que dava num quarto grande.Haviam tabuas com aparato químico nas paredes, e uma fornalha acesa na câmara no final dele. Nesse quarto, vi uma demônio com asas quebradas, com uma asa esfarrapada, coberta de cicatrizes. Ele estava murmurando pra si mesmo enquanto trabalhava em uma das mesas.

“Você será destilado, e então embalado!”

Continuamos a descer a rampa.Nos havíamos chegado a base antes que o demônio notasse nossa presença, especialmente Fall From Grace. Sua voz erra cerrada, com raiva, e cheia de desespero, saindo de trás dos dentes rangendo.

“Um Tana’ri na minha casa! De todas as indignidades! Porque você já não convida de vez todas as espécies baixas logo?!AH! O mau cheiro fétido dos Tanar’ri! Eu posso senti-lo há léguas daqui! Mostre algum respeito pelo meu lar! Você não pode encontrar algum acido ou algum vapor para ajudar a evaporar o mau cheiro?AH! Eu nunca conseguirei eliminar esse cheiro do meu recinto. Ele atrairá Baatezus de todos os planos.” Morte se pronunciou em defesa de Fall from Grace.

“Eu GOSTO do cheiro dela. É lindo.” Fhjull mudou o olhar para Morte, e depois olhou mais de perto para Grace.

“Oh, e não é qualquer Tanar’ri, mas sim uma vadia que acabou de entrar na minha casa...as coisas não podem piorar ainda mais.Vamos lá!Entre! Por favor, minha casa é a sua casa!” Ele balançou as mãos ao ar com desespero. “Porque você já não convida logo o resto das harpias Abissais para me atormentarem na minha casa?”

“Estendo a minha saudação a você, Advogado infernal Língua Bifurcada,” Grace acenou com uma leve inclinação. “Vou pegar sua sugestão em consideração.”

“Você veio me matar!? Me atormentar? Se for, saiba que ainda tenho muito poder ao meu dispor!” Eu pensei que já era hora de tomar controle da conversa.

“Eu não vim mata-lo.”

“HÁ! Veremos, veremos! Se você não deseja me matar ou me causar alguma dor, receio que o tormento seja uma forma mais sutil... de longe, bem pior que muitas dessas dores.” Eu estava curioso sobre esse Fhjull, e sua relação com o Deva Trias. Eu lhe perguntei a respeito dele.

“AH! Anos de serviço como um advogado infernal! Cuidando meticulosamente de detalhes e organização. Nunca questionei meus superiores. Eu fiz TUDO que me pediam. Eu puni aqueles abaixo de mim com as mais cruéis e inventivas punições quando eles falharam.”

“ENTÃO...um deslize, e tudo vem a baixo! Tudo devido a chance, CAOS, aleatoriedade. E as classes inferiores imaginam porque os Baatezu querem que o multiverse seja ordenadamente construído.” Ele pausou, assoviando sua raiva. “O Deva mentiu. Ele MENTIU. Trias o traidor me enganou ao assinar o contrato, e eu, cegado pela possibilidade de captura-lo, andei direto até sua armadilha.”

“Se ele morrer, o contrato acaba... mas eu não tenho sido capaz de encontra-lo, e se eu o achasse, como iria feri-lo? O que posso fazer? Até mesmo esses pensamentos enganosos já fazem minha mente queimar de dor. Eu tinha TANTA certeza que tinha aquele paradigma de justiça própria. Essa ganância míope me custar o resto dos meus séculos de gloriosa conivente e me sepultado neste sumidouro de boa vontade. HA!”

“E agora eu sou condenado a fazer ações boas, a ajudar aqueles que precisam dela”. HÁ! Uma eternidade de maldições em Trias! Uma doença em sua ajuda abençoada! Que todos os montes de esterco de Meladomini chovam sobre sua cabeça!” Ele discursou por mais uns instantes, então voltou sua atenção para mim, e falou com os dentes rangendo. “Meu contrato com o Deva agora me obriga a perguntar o que posso fazer por você.” Eu não tinha terminado com as perguntas sobre ele, entretanto, eu estava aliviado ao saber que seu contrato com Trias o forçariam a responder, entretanto estava perturbado com as questões levantadas sobre o Deva.

“ Como suas asas ficaram desse jeito?”

“Ah, sim. Elas não são lindas...? AH! Elas foram a primeira coisa a ser arrancada de mim antes do meu exílio.

Antes de ser forçado a fugir das moradas ardentes do meu povo, as asas foram tomadas como troféus por um Abishai inferior, como bandeiras na Guerra Sangrenta. Meus chifres tirados do meu crânio, e ele foi amaldiçoado como um chifre para beber para meu senhor Bel, maldito seja seu nome em todos os planos.”

“O que você pode me dizer a respeito da Guerra Sangrenta?”

HÁ! Você bateu sua cabeça contra todas as pedras que caíram da montanha da ignorância? Nos Planos Baixos acontece a Guerra Sangrenta. Não existe outro Plano que não tenha sido tocado por esse conflito. Pense na guerra mais hedionda imaginável, imagine isso aumentado em uma escala de bilhões, e então você terá uma fração do campo de batalha em que a guerra é travada nos Planos Baixos. É uma guerra de ideologia, para definir os conceitos mais básicos do Multiverso!”

“Da um estímulo a pesquisar... as criações mais terríveis vieram a partir da Guerra sangrenta. Porque? Porque trata-se de Dor, e morte, maldade. Os Tanar’ri lutam pelo chãos e pela maldade...maldade através

da força bruta e rajadas súbitas de ódio e capricho. Sua “maldade” é o mal das hordas, uma mentalidade mafiosa de maldade giratória. Eles matam e saqueiam.”

“E o outro lado?”

“Os baatezu desejam apenas maldade estritamente organizada, promovendo a causa do mal de maneira, precisa e ordenada. Os Tanar’ri assassinam. Os Baatezu exploram. Ambos estão determinados a eliminarem um ao outro.”

“Parte da minha atribuição... e eu era o melhor, tenha em mente, era trazer novos recrutas, a maioria guerreiros e magos planares de outros mundos para servir como linha de frete e alvos na guerra. O negócio é que eu chamei a atenção do Senhor Bel pessoalmente. Até mesmo ele viu meu valor! AH! Agora minha humilhação esta completa.”

“Você me reconhece?”

Ele me examinou de perto pela primeira vez. “Memórias correm como desfiladeiros ocos pela minha mente, quase humana. Conheci muitas criaturas num tempo de vida de imortal... entretanto não creio que você seja um deles.” Ele encolheu os ombros. “Vocês são todos parecidos para mim... e eu acho que eu lembraria das cicatrizes na carne de seu corpo... é muito parecido com as pinturas vivas que ornamentam a galeria de peles de Bel in Baator, só que com menos graça e mais paixão nos traços de cicatrizes.”

“A violência é incrível,beirando níveis aceitáveis, mas as cicatrizes são aplicadas quase que com a crueldade dos Tanar’ri, sem qualquer cuidado ao maximizar a dor no recipiente.Um artista Baatezu seria muito mais devotado aos caminhos da dor por todo o corpo. Algumas dessas feridas parecem ser mortes limpas, outras parecem ter sido causadas por um açougueiro cego enquanto cortava bifes de humanos.HA.A Arte humana me deixa doente as vezes. Tal potencial,desperdiçado.”

“Estaria o advogado infernal insinuando que nós Tanar’ri somos um povo bruto?” Grace parecia estupefata.

“HÁ! Dizer que um Tanar’ri é bruto é insultar a brutalidade em si! Qualquer raça inferior que se deleita no caos, que se permite ser puxado e afogados nas suas mares estagnadas, e se proclamam “malignos” não são uma raça no final das contas.São bestas.”

“Certamente você simplesmente opta por rejeitar a implementação do mal, ao invés de da degradação. Muitos dentre os Tanar’ri diriam que quanto mais próximo o individuo é da natureza primaria do mal, mais verdadeiros eles são para com seus ideais.” Grace continuou a debater com ele.

“HÁ! Que nada! As bestas Tanar’ri querem destruir a lei e ordem da face do mal!Imperdoável! Intolerável! Eu não posso-”.

“De um ponto de vista Baatezu.” Grace disse, “ pode realmente parecer intolerável. Entretanto... Advogado, muitos filósofos Tanar’ri diriam que os Baatezu não tem menos desculpas para a paixão pela violência, extirpado-a ao máximo da essência do mal. Os baatezu substituiriam a raiva com uma crueldade metodologicamente fria. E ainda assim o velho debate continua: Qual é mais maligno? Mal eficiente ou Mal apaixonado?”

“HÁ! Você diz isso simplesmente porque você é... o que é. Ele balançava as mãos desconsiderando-a. “Pelo menos ainda posso ser cínico.”

“Aonde fica esse lugar?” Perguntei, chamando sua atenção para mim.

“AH. Uma cratera destruída em Outlands que reflete o vazio e o tormento da minha vida.Ah. preciso de pouco.A medula das criaturas me abastecem com alimentos e as energias peculiares do lugar e previnem que tolos me encontrem...apesar de alguns idiotas aparentemente ainda possam chegar ate aqui.”

“O que é essa criatura?”

“Esse é o esqueleto de Ul- Goris, o pai de Goristro.Eles são criaturas semelhantes a ursos gigantes, fanáticos do caos, imensos, praticamente imparáveis, altamente resistentes a magia... e dos ossos de Ul- Goris, na cratera aonde ele caiu para morrer, irradiam muito encantamento que previnem que a magia me espione, mantendo esse corpo deplorável por mais alguns anos. AH!”

Decidi que havia perdido tempo demais com preliminares. Perguntei o que ele sabia sobre minha mortalidade roubada.

“Muito bem, muito bem.” Ele coçou a cabeça. “ Se bem me lembro- e tem tanto coisa que não lembro, graças aquele maldito Deu! Eu ouvi de um caso como o seu. Faz de você um imortal não é?” Com minha afirmação ele prosseguiu. “Se é o caso, a morte já não é mais sagrada.AH.Nos meus dias, os mortais sabiam e permaneciam em seus lugares... agora todos mundo e suas mães tem a doença da eternidade enfadonha.Nós devíamos fazer uma reunião e convidados todos pelos Planos e lhes oferecer contratos de imortalidade... isso pouparia de todo esse trabalho duro no qual os Baatezu colocam tanto esforço.Ha.”

“Você sabe que, se todos fossem imortais, todo esse sistema peticionário seria um famoso rio de merdas.Ha. A imortalidade não é uma bugiganga para ser dado a crianças indisciplinadas, como você.” Eu o apressei para dizer se sabia algo sobre minha mortalidade.

“Ah... como eu dizia, eu lembro de ter ouvido algo sobre um lugar chamado Fortress Of Regrets(Fortaleza dos Arrependimentos).” Ele pensou por um instante. “Sim... sim, é isso mesmo.”

“O que você sabe sobre esse lugar?”

“Tenho o prazer de lhe dizer que eu NÃO sei. NADA mesmo! Eu não posso ajuda-lo a chegar la, e isso congela meu coração de uma maneira tão agradável. Não. Eu. Não posso. Ajudar.Você. Oh, há quanto tempo que eu não digo essas palavras. Como são doces essas pronun-“

“Você conhece alguém que possa ajudar?”

“Hã? Chega dessas suas examinações cruzadas! Sim, sim, eu conheço ALGUÉM que possa ajudar...em Baator existe um Pilar de traidores,mentirosos... e sábios.Apesar de suas naturezas, seu conhecimento é considerável.Eles devem saber aonde você pode encontrar essa Fortaleza dos Arrependimentos.”

“Como eu chego ate Baator?”

“Espere ai chefe...” Morte interrompeu. “Baator é uma **péssima** novidade. Esse demônio deve estar nos enganando... e mesmo que haja um “pilar de crânios”, nós provavelmente podemos encontrar alguém que saiba como chegar a esse Forte SEM precisar ir a um dos lugares mais perigosos de todo o multiverso. Com

as palavras de Morte, toda minha suspeita sobre ele subitamente cresceram dentro de mim e me vieram a tona. Eu sabia que Morte estava mentindo sobre algumas coisas, mas eu achava que ele tivesse optado por esconder escondido, pelo menos de mim. Agora ele estava argumentando contra ir ao lugar que poderia ter as respostas que eu precisava.

“Porque você não quer ir até lá, Morte?”

“É um lugar perigoso, chefe. Eu prefiro não ir. Eu já estive lá, e não é bonito. Certo?” Uma resposta que não respondeu nada. Eu consideraria Morte mais tarde, mas agora eu precisava de informação de Fhjull. Eu perguntei o que era o Pilar dos Crânios.

“Ah...o que é, uma enorme pilha de cabeças, o espírito daqueles mortos que vão pra lá por contar mentiras que levaram outros a morte. É uma grande coleção de sábios e enganadores, todos misturados, com o que eu diria o conhecimento mais extenso dos Planos.” Perguntei como chegar até lá.

Pg174

“Existe um portal fora da minha casa. Fica na Mão da criatura gigante. Passe pelo arco formado pelo braço esquerdo da criatura e você será levado ao Pilar dos Crânios. O portão estará ativado para você agora.” Eu também perguntei como voltar dele.

“Hã? Voltar? Porque, Eu não havia pensado nisso. Para retornar de Baator, você precisa de conhecimento e um pedaço de obsidiana que corte sua língua. Esse conhecimento você obterá no Pilar. Mas não existem razões para você voltar aqui. E não existe desejo da minha parte em vê-lo novamente.”

Decidi que precisávamos de um tempo para descansar antes de seguirmos. Tive a oportunidade de falar com Fall From Grace.

“Quando estamos no labirinto de Ravel, ela disse que você era atormentada... você está sofrendo?”

Fall From Grace fez silêncio um momento, seu olhar tornou-se distante. Quando ela voltou a mim, seus olhos tinham uma estranha sombra azul, uma sombra que refletia lágrimas e tristeza.

“Ravel vê muito com seus olhos enegrecidos, algumas coisas que são escondidas dos olhos dos outros, mesmo coisas sobre suas próprias naturezas.” Ela balançou a cabeça lentamente. “Às vezes...às vezes, a própria dor se faz. Eu aprendi que é algo difícil de alguém mudar em si mesmo.”

“Você vai ficar bem?”

“Sim...você é gentil ao perguntar. A dor ainda se faz conhecida, mas ela chegou a um acordo com minha natureza com o passar de tantos séculos atrás.”

“Muito bem, então.” Grace me parou antes que eu pudesse continuar.

“Eu lhe agradeço por perguntar sobre meu bem estar. Sua preocupação não é mal vinda.”

Grace havia calado firmemente minha preocupação. Olhei para ela, procurando ver se ela tinha esse tormento em mãos. Seu auto controle era perfeito, e ela encontrou meu olhar com um leve sorriso.

Hora de ir. Me reuni com os outros; juntos, nós passamos pelo portal de Baator.

PILAR DE CRÂNIOS

Um céu avermelhado, uma colina arenosa nos cercava. Procurava encontrar ali perto o Pilar dos Crânios. Esperava dessa vez encontrar as respostas finais, apesar que não esperava que isso acontecesse.

Começamos a vagar pelo terreno; quase imediatamente, encontramos o primeiro de muitos demônios. Os números que encontramos não eram o suficiente para serem perigosos, mas eu apressei o ritmo, sabendo que mais inimigos apareceriam e breve.

Enquanto andávamos um desfiladeiro abaixo, pude ouvir os sons de dezenas, não, centenas de vozes adiante. Nós passamos por um arco natural de pedra. A vista dessa horrível- coisa, gigantesca, pulsando-me encheu de náusea, uma repugnância infundada, e um fraco senso de familiaridade. As inúmeras cabeças apodrecidas que compunham a pilha pareciam constantemente virarem-se e palpitar, alternadamente brigando, chorando, conversando, gritando e sussurrando uns aos outros. Cabeças constantemente borbulhavam para a superfície de seu núcleo, enquanto outros afundavam em uma pilha cinzenta. Assim que me aproximei do Pilar, Morte sussurrou para mim.

“SHii! Chefe! Chefe.... ouça, eu não posso deixar aquela coisa me ver. Você tem que me tirar daqui, me deixe em algum outro lugar e me pegue depois ou algo assim...”

“Porque Morte, O que esta havendo?”

“Eh... Na verdade eu não gosto de falar sobre isso. Vamos apenas em frente ok?” A voz de Morte tremia com medo; seus olhos giravam pra trás e pra frente entre mim e a pilha de cabeças.

“Não posso permitir que você me esconda tantos segredos Morte. Você tem que me dizer o que esta havendo aqui.” Morte suspirou, incapaz de me olhar diretamente. E por fim, ele cedeu.

“Ta bom, ta bom”... Vou te dizer. Existe esse pilar em Avernus, a primeira camada de Baator, construída com as cabeças de todos aqueles que levaram outros a morte através das suas mentiras. Bem... Fica bem ali. Veja, é ali que eu fui parar. Imagine só.”

“Então... você era uma daquelas cabeças?”

“Sim. Eu disse um... exagero ou dois. É que uma das minhas sugestões-”

“ Você quer dizer Mentiras!” sussurrou Annah. Morte continuou perturbado.”

“Uma das minhas SUGESTÕES levou você a morte”. Uma delas. Talvez mais de uma. “Eu não sei bem; essas memórias se perderam agora.”

Morte olhava pros meus pés- Eu nunca o vi tão miserável. “Aqueles memórias, elas, olha, chefe, eu nem me lembro mais de TER SIDO HUMANO. Eu nem me lembro mais como era a vida antes do Pilar...”

Dak’kon, olhando a distancia, disse quietamente. “ É como colocar água nas mãos de alguém.”

Morte olhou para Dak’kon, então para mim. “Isso, eu acho. E é mesmo o jeito que as coisas são quando morrem. Você... esquece. Eu descobri que não era um autentico membro da comunidade quando estava vivo... mas diabos, quem é?” Morte suspirou de novo. “ É que eu não posso evitar. Não há nada pior que

ser honesto o tempo todo. Mas olha, chefe: se aquela pilha de cabeças me ver, ela irá me querer de volta, MUITO. Você não pode deixar isso acontecer!”

“Espera aí... porque você não me disse que me conhecia já no Necrotério?” Morte subitamente ficou na defensiva.

“Porque eu nunca SEI quem você vai ser”!Algumas de suas encarnações fora rigidamente delirantemente loucas! Uma vez você acordou obcecado com a ideia que EU era seu crânio, e me perseguiu por todo o lugar tentando me esmagar e me devorar... com sorte, você foi atropelado por um carro de rua que estava passando. Outra vez, “sua versão “Boa e leal”, você tentou me jogar de volta ao Pillar, porque era “ aonde eu pertencia” Morte sorriu. “É por isso. “Alem do mais, você nunca foi prejudicado por não saber...”

“Como você se libertou do Pillar”?

“Bem...você me tirou de lá chefe. Eu lutei para chegar ate a frente do pilar- Você já tinha estado aqui antes,sabe- resmungando e gritando até que você me notou. Eu implorei para ser libertado, jurando que eu o seguiria, compartilhando meu conhecimento ate o fim dos dias... eu apenas não sabia quanto tempo isso levaria ate que você me libertasse de verdade.”

“E todo o conhecimento do Pillar...?”

“Oh, isso....bem, eu também não notei que eu perdi muito do conhecimento acumulado do Pillar quando fui tirado dele.Os malditos poderes fazem assim para que você nunca saia! Mas você me manteve ao seu lado mesmo assim. Inicialmente eu me senti” ligado” a você... que talvez sua feitiçaria teria me tornado em algum tipo de familiar. Mas depois de algumas centenas de anos, eu percebi que era MAIS que isso....algo mais profundo. Mais do que apenas um debito de gratidão, também, contudo tinha certeza que os infernos tinham algo a ver com aquilo. Eu apenas me sentia atraído, conectado a você, de alguma forma. Talvez seja todo seu sofrimento chefe... seu tormento. Eu não sei. Talvez tenha o ligado ao meu próprio tormento, quando estava no Pillar.”

“Há quanto tempo você me conhece Morte?”

“Não sei. Eras, eu suponho. Eu fiz tudo que pude para ajuda-lo a encontrar seu caminho a cada vez, mas...” Morte suspirou, então ergueu seu olhar para me encarar. “Você raramente vai tão longe assim, chefe”. Quero dizer; apenas quatro ou cinco vezes, eu acho. Essa pode ser a vez... que “você” o faça, que ache o que esta havendo com vocês.” NOTA da tradução (Vocês se refere as inúmeras encarnações)

Dei mais um passo em direção ao Pillar, e toda a sua conversação repentinamente parou. As dúzias de cabeças alinhadas na superfície lentamente viraram para me olhar unidas. Elas me cumprimentaram silenciosamente, seu sopro úmido e fétido caiu sobre mim...até notarem que Morte se escondia atrás de mim.

Todas as cabeças na superfície falaram de uma só vez, de modo que fizessem um terrível, borbulhante som que borbulhava para trás enquanto falavam, vapores pungentes e corrupção pútrida saltava de suas bocas. “VOCÊ de novo.... Já faz MUITO tempo realmente.” Muitos crânios começaram a gritar e babar cantando “...Crânio,crânio, crânio...”alegremente, lambendo os lábios, fixaram seus olhares em morte.

“O que você quer dizer?”

“SILÊNCIO!NÃO ESTAMOS FALANDO COM VOCÊ, MAS SIM COM O CRÂNIO.BEM VINDO DE VOLTA, PEQUENINO.VOCÊ FINALMENTE DECIDIU VOLTAR AO SEU CANTO, E ACEITAR SEU DESTINO FINAL, E TOMAR MAIS UMA VEZ SEU DEVER SAGRADO?” Vários Crânios saltaram do núcleo do Pillar, rangendo seus dentes quebrados e gemendo. “Sim,volte! Volte para nós, crânio! Crânio...”

Morte estava chocado de medo, seus dentes rangiam. “Eu não posso voltar, chefe! Não posso!não posso! Não posso!”

“Ele não voltou para vocês. Mas eu tinha algumas perguntas, Pillar de Crânios...”

“ESSE ODOR, CONTINUA FORTE. IRÁ CRUZAR OS PLANOS, EM BREVE, E BEM VIRÁ.”

“Esse....cheiro? O que querem dizer?”

Os olhos dos crânios ficaram secos nos globos para fintarem Fall From Grace “O CHEIRO... SEU PERFUME....O PERFUME TANAR’RI. A FRAGRÂNCIA AGRIDOCE QUE CARREGA CONSIGO, E IRÁ ATRAIR BAATEZUS, EM BREVE, SEU SENHOR,BEL, FICARÁ BRAVO.”

Morte acrescentou, “Oh, isso é mesmo ÓTIMO.”

As cabeças voltaram seus olhares de volta para mim, entretanto alguns ainda fungavam ruidosamente. “SE VOCÊ TEM PERGUNTAS PARA NÓS, É MELHOR QUE SEJA RÁPIDO.” Algumas cabeças piscaram e balbuciaram levemente; achei que pudessem estar rindo para mim.

“Como eu disse antes, então: eu tinha-“

Antes que eu pudesse terminar, uma parte do Pillar estremeceu enquanto outra porção de cabeças achavam seu caminho para a superfície. Depois de algum do lodo fétido ter sido descartado, reconheci-o como Pharod.Ele cuspiu um bocado de cistos sangrentos e murmurou.

“Annah, minha querida criança! É você?”

“Pai! O que você esta fazendo num lugar desses?” Annah chorou.

As outras cabeças permaneceram caladas a maior parte do tempo durante o tempo que Pharod falava... apenas alguns cochichavam quietamente entre eles, fazendo olhares indiretos perversos em Annah e na cabeça de seu pai adotivo. “Eu estava errado, minha querida garota, sobre a esfera. Não era suficiente não, e agora veja aonde fui acabar...Eu te imploro, amada Annah! Salve seu pobre pai! Salve-me! Oh, por favor, salve-me!Salve-m-“ Mas mesmo enquanto ele falava, a cabeça choramingante de Pharod já havia começado a afundar de volta para o núcleo da pilha de crânios...

Annah encarou firmemente o Pillar, seus olhos estreitaram, seus punhos apertaram e seu rabo estava rígido. Uma mistura de fúria e angustia apareciam em sua face tremula.

“Eu gostaria de poder ter ajudado ele Annah”. É uma “coisa trágica para acontecer com qualquer um.”

Annah sorriu, cuspiu, e se afastou do Pilar de cabeças apodrecendo. Ela lamentou, mas não olhou para mim. “Não importa.”

“ Você amava Pharod Annah?” Annah virou-se , seus olhos estavam me queimando.

“Ele era meu pai.” Ela rangeu os dentes. “Eu detestava ele. Ele apenas via em mim uma maneira de coletar mais corpos, mais grana e mais lixo para pilhar. “Querida Annah, querida aquilo, você é a coisa mais preciosa nesse lugar” ele mentia. E ele mentiu. E ele era fraco em corpo, alma e espírito. E ele cheirava os corpos podres e tinha todo aquele sentimento ao pilha-los. A voz de Annah baixou, mas as chamas em seus olhos brilharam mais forte. “E ele era o único que havia me mostrado um pinga de gentileza. Era isso que você queria ouvir, é? Este satisfeito agora?”

“CHEGA,” berrou o Pillar de cabeças apodrecidas. “ESTAMOS CANSADOS DA SUA RECLAMAÇÃO INSIGNIFICANTE, E QUEREMOS SABER QUE NEGÓCIOS TEM CONOSCO.”

As cabeças deslocavam-se lentamente pela superfície do Pillar, negando e murmurando antes de dizer em uma voz medonha. “FAÇA SUA PERGUNTA ENTÃO, E ESTEJA PREPARADO PARA OUVIR NOSSOS TERMOS- VOCÊ DEVERÁ PRESTAR UM SERVIÇO EM TROCA DAS SUAS RESPOSTAS.

“Como eu chego na Fortaleza dos Arrependimentos?”

As cabeças resmungavam e gemiam através de seus lábios podres. “NÓS IREMOS RESPONDER ESSA PERGUNTA EM TROCA DE UM SERVIÇO....”

“O CRÂNIO... NÓS EXIGIMOS O CRÂNIO COMO TRIBUTO. DEVOLVA ELE A NÓS, E VOCÊ TERÁ SUA RESPOSTA.”

“Não me coloque lá de volta chefe, por favor!”

“PARE COM SEUS FRACOS PROTESTOS, CRÂNIO! A DECISÃO NÃO CABE A VOCÊ!” As muitas cabeças do Pillar lentamente se alinharam para me encarar, e seus olhos espreitavam. “HÁ MUITO TEMPO ELE VEM ENGANANDO SEU DESTINO: ELE É NOSSO. SE VOCÊ DEVOLVÊ-LO A NÓS, ESTARÁAMOS MUITO DISPOSTOS A TE DAR ESSE PRESENTE... NÓS QUEREMOS SABOREAR SEUS GRITOS...”

Eu perguntei que outros “presentes” eles aceitariam. Eles pediram a localização de Fjhull, mas eu não iria traí-lo, mesmo sendo um demônio e que havia obedecido por causa da forte imposição colocada sobre ele pelo Deva Trias. As cabeças então pediram o brinquedo Modron, que permitiriam acesso a seu experimento em Limbo, mas ainda haviam modrons dentro do experimento; o Pillar sem dúvida iria mais tarde trocar o brinquedo com outro demônio, e o brinquedo seria usado, traindo os Modrons.

Pedi-lhes para fazerem outro pedido. Eles desejavam Fall from Grace, para que pudessem devora-la viva, banhando-se em seu sangue; tirando isso, eles quiseram o sangue meio demoníaco de Annah. Não havia chances disso, mesmo que o Pillar mantivesse todo conhecimento no multiverso sobre minha condição.

Havia algo que o Pillar queria que eu podia conceder, o gosto do meu sangue imortal. Concordei com seu pedido.

“APROXIME-SE DE NÓS ENTÃO... SIM, APROXIME-SE...” As cabeças pareciam recuar para dentro dele enquanto eu me aproximava... Apesar de que eu dei apenas um passo mais próximo, eu subitamente me senti muito mais perto da superfície contorcida do Pillar do que eu imaginava. Antes que pudesse reagir, ele pressionou-se em mim como uma onda de ossos e podridão, cheia de carne infestada de vermes. Enquanto a escuridão rançosa me envolvia, as cabeças do Pillar começaram a me consumir vivo...

Encontrei-me diante do Pillar de Crânios, dolorido e incerto do que , exatamente, acabara de acontecer. O que eu tinha certeza era que, meu corpo estava de certa forma mais fraco depois de ter passado pelo que havia sido feito com ele.As cabeças grotescas me olharam de maneira maliciosa sorrindo e estalando os lábios...Quando as cabeças notaram que eu estava novamente consciente, elas me deram a resposta da pergunta que havia feito.

“VOCÊ JÁ TEM A CHAVE, E PRECISA APENAS DO LOCAL DO PORTAL QUE LEVARÁ VOCÊ ATÉ LA. NÓS NÃO SABEMOS AONDE FICA O PORTAL, MAS IREMOS LHE DIZER A CHAVE: “ARREPENDIMENTO”” MUITOS DOS CRÂNIOS COMEÇARAM A CHORAR E LAMENTAR. “SIM, ARREPENDIMENTO! ARREPENDIMENTO!”

“Arrependimento?”

“SIM... VOCÊ DEVE TER EXPERIMENTADO ARREPENDIMENTO PARA PENETRAR NA FORTALEZA. ESCREVA-A EM UMA PARTE DA SUA CARNE E SUA PASSAGEM PELO PORTAL SERÁ ASSEGURADA.”

“E o portal... você disse não Saber onde ele fica?”

“SIM... APENAS 3 CONHECERAM ESSE CAMINHO. O PRIMEIRO FOI VOCÊ...APESAR DE TER SE ESQUECIDO, AGORA, O SEGUNDO ESTÁ ALEM DO PORTAL, E NÃO SAIRÁ DE LÁ. O TERCEIRO VOCÊ JÁ CONHECEU. ELES SABEM DA SUA CONDIÇÃO, A FORTALEZA E DE SUA NECESSIDADE DE CHEGAR ATÉ LA... MAS NÃO IRÃO AJUDA-LO. SEUS ESCUDOS SÃO AQUELES FORJADOS DOS METAIS GÉLIDOS DAS MENTIRAS E DECEPÇÕES, ALGO QUE VOCÊ NÃO PODE ESPERAR QUEBRAR APENAS COM MERAS PALAVRAS. VOCÊ DEVE ENFRENTA-LAS.”

“Quem é esse?” As cabeças ficaram quietas um momento, me dando nada além de sorrisos presunçosos. Finalmente, eles falaram, “ VOCÊ ENCONTROU O MENTIROSO- E NÃO FOI PELA PRIMEIRA VEZ, O MENTIROSO SABE...MAS ELE NÃO TE DISSE,UMA PEQUENA TRAIÇÃO ENTRE IMORTAIS...” Algumas cabeças em decomposição vivaram seus olhos e me riram baixo de mim.

“Trias?” Quem mais além de Trias, que havia me enviado nessa busca sem sentido,que não havia hesitado ao trair Fhjull?”

“OH...SIM...APESAR DE O CONHECER-MOS PELO SEU NOME COMPLETO: TRIAS, O TRAIADOR!” O pilar balançou com a alegria, a pilha de cabeças podres cambaleando para trás e para a frente enquanto riam da minha aflição. Algumas das cabeças cantado ironicamente, “Traidor...traidor...Trias, o Traidor..”

“Porque ele mentiria para mim?”

“A REPOSTA NÃO SOMOS NÓS QUE DAREMOS. VOCÊ DEVE PROCURA-LO POR SI SÓ, E PERGUNTAR-LHE.”

“Como ele veio saber disso?”

“TRIAS TROCOU PALAVRAS COM VOCÊ UMA VEZ, MUITO TEMPO ATRÁS,QUANDO VOCÊ CONHECIA O CAMINHO, VOCE FALOU DO CORAÇÃO, E TRIAS-NO SEU CAMINHO DE GRANDE TRAIÇÃO- OUVIU MUITO BEM PARA GANHAR SUA CONFIANÇA, A CONVERSA FOI CURTA, MAS CHEIA DE SIGNIFICADO, SENTIDO E MORTE É O QUE VOCÊ PROCURA...DUAS COISAS QUE SEPARADAS SÃO COMUNS AOS HOMENS NORMAIS. MAS PARA VOCÊ...SÃO UMA ÚNICA COISA.”

Ainda haviam algumas coisas que queria perguntar ao Pillar, as quais eu estava disposta a dar mais de meu sangue imortal. Perguntei se ele sabia quem era meu assassino, meu inimigo.

O Pillar permaneceu em um estranho silêncio; algumas cabeças apenas ignoraram, enquanto outras encolheram com expressões dolorosas. Eventualmente, elas se juntaram e falaram novamente: “NÓS...NÃO SABEMOS. AS CABEÇAS QUE TINHAM ESSE CONHECIMENTO FORAM DESTRUIDAS-REMOVIDAS DE NÓS. NÓS NÃO PODEMOS RESPONDER ESSA PERGUNTA.”

Eu tinha mais uma pergunta. Perguntei ai Pillar que meu era.A resposta podia me dizer muito, e eu estava determinado a tê-la.Para o meu temor, o Pillar recusou mais sangue meu, mas qual outro presente eu poderia ofertar que eles aceitassem?

Eu considerei, e imaginei um. Um que eu tinha certeza, quase certeza que podia reaver. No final das contas, já o havia feito uma vez. Disse ao Pillar que podia entregar Morte. A terrível verdade era que, eu o considerava o mais “descartável” dos meus companheiros. Eu nunca fui capaz de confiar completamente nele.Um outro pensamento também me veio a tona. Se Morte estivesse trabalhando para alguém, se ele tivesse um compromisso secreto, com certeza ele iria admitir ao invés de preferir voltar para o Pillar.

Morte, não surpreendentemente, não gostou da minha ideia. Eu não podia explicar meu plano para ele também, sem chamar a atenção do Pillar.

“Whoa,espera ai! Não tão rápido! Pillar... Eu posso lhe dizer aonde esta Fjuhll! Vamos lá, você não quer saber? E que tal se ele disser isso , ao invés de me entregar? AH? Que tal?” Eu havia considerado isso, mas não estava disposto a entregar o demônio.

“Espere ai Morte.Nós não iremos vender Fhjull.”

“O que? Você ta louco?! Você esta prestes a ME vender , mas não um demônio?! A Única razão dele tê-lo ajudado é porque ele esta preso ao voto, amaldiçoado! E quanto a MIM? Que te tirou do Necrotério amigão? Quem é que vai ficar- quer dizer ,flutuar- ao seu lado quando você encontrar seja la o que for que te espera na tal da Fortaleza de sei la o que?! Hein?HEIN?! Não é o Fhjull, certeza que não será ele!!”

“SIMMMM...” O monte de cabeças começou a se contorcer a se alegrar, cabeças emergiam para a superfície para gritar e gemer antes de serem engolidas para baixo. Elas babavam e cantavam, “Não posso esperar para saborear seus gritos!” Uma outra já dizia, “Malditos sejam seus gritos! O Tormento é o que há de melhor para alguém tão chato como ele é! Eu irei arrancar seus dentes, cuspir em seus cérebro e balança-los para que façam barulho dentro do crânio! E uma outra cantava “Ooo!!Oo! Eu irei comer seus olhos!” Eu peguei Morte e o joguei no Pillar de Crânios. Meus companheiros estavam chocados; ninguém podia acreditar no que acabara de fazer.

O Pillar ria e vibrava com uma alegria profana enquanto Morte era sugado gritando para horrível centro da criatura, sem duvida para sofrer um tormento interminável nas “mãos” de outras inúmeras cabeças. Quando a comoção começou a diminuir, as cabeças começaram a suas cabeças começaram a murmurar e sussurrar uns aos outros.Subitamente, Morte emergiu para a superfície. “Ahhh! Me tire daqui!Por favor! Por favor! Eu juro que nunca mais irei mentir denov-!”... e assim como ele subiu rapidamente, ele foi puxado para baixo da superfície do Pillar. Agora ele estava pronto para me dar a resposta.

“NÃO QUEM- O QUE. VOCÊ FOI DIVIDIDO. VOCÊ É UM DE MUITOS HOMENS- UM EM MUITOS HOMENS. CADA UM- SEJA ELE BOM OU MAL- UM MONSTRO, QUE LANÇA UMA SOMBRA SOBRE SUA EXISTÊNCIA.”

“AH SIM” As cabeças do Pilar estreitaram os olhos e sorriram grotescamente. “ CADA VEZ QUE VOCÊ MORRE, “IMMORTAL”, VOCÊ LANÇA UMA SOMBRA...CADA VEZ QUE VOCÊ MORRE,OUTRO MORRE NO SEU LUGAR, ESSAS SOMBRA...ELAS SE UNEM, FAMINTAS POR VOCÊ, DENTRO DA FORTALEZA DOS ARREPENDIMENTOS. QUANTAS VEZES VOCÊ JÁ MORREU, SUJEITO SEM NOME? QUANTAS CENTENAS...MILHARES...MORRERAM, POR SUA CAUSA?” O Pilar tremeu com um sorriso perverso; as cabeças trouxeram faces que gorgolejava zombeteiramente de mim. Eu começara a suspeitar que cada morte tinha uma consequência, mas agora sabia da pior delas. Cada vez que eu morria, um inocente sofria. Eu tinha que acabar com minha condição anormal; de fato, eu tinha que ver que eu havia morrido não mais vezes do que eu pudera causar tanta dor aleatória.

“Isso é tudo que você tem a dizer Pillar?”

As cabeças rapidamente pararam de rir. “NÃO. VOCÊ CARREGA MUITOS NOMES; CADA UM DELES DEIXOU CICATRIZES NA SUA CARNE.”

“AQUELE QUE SE PERDEU.... IMORTAL....FIM DAS ENCARNAÇÕES... HOMEM DE MUITAS MORTES... AQUELE AMALDIÇOADO A VIVER... INCANSÁVEL... UM DE MUITOS... AQUELE QUE É PRISIONEIRO DA VIDA...AQUELE QUE TRAZ SOMBRA...O FERIDO....TRAZEDOR DE MISERIA...YEMETH...”

“VOCÊ É UM VIDRO DE PRATA QUE SE RACHOU...QUEBROU, E OS PEDAÇOS SE ESPALHARAM PELA HISTORIA. APENAS UM PEDAÇO TEM IMPORTÂNCIA, OBTENHA-O,E SUA VIDA SERÁ SUA MAIS UMA VEZ. HAVERÁ PAZ. ESSE PREÇO LHE DARÁ UMA CHANCE, SEM ESSA CHANCE, VOCÊ ESTA CONDENADO...”

“VOCÊ PERDEU O QUE NUNCA PODERIA SER SEPARADO DO HOMEM, SUA MORTALIDADE LHE FOI ARRANCADA...PERDIDA. ELA EXISTE, MAS VOCÊ DEVE ENCONTRA-LA ANTES QUE SUA MENTE SEJA PERDIDA COMPLETAMENTE TAMBÉM.”

A Encarnação paranoica havia escrito essas palavras no jornal; eu havia lido mais sobre isso nas tumbas abaixo de Sigil também. Tudo se resumia na minha mortalidade. Enquanto considerava s palavras do Pilar, com um grito horrível, Morte pulou para superfície.

“Ahhh! Chefe! Me tire daqui! Por favor! Por Favor!!!”

Minhas mãos saltaram e agarraram Morte antes que ele pudesse ser sugado novamente para dentro do núcleo do Pilar. As cabeças choravam de raiva: “NÃO!NÃO! PARE! VOCE NÃO DEVERÁ TER ELE DE VOLTA NOVAMENTE!” As cabeças começaram a me chicotear, mordendo minhas mãos e pulsos com cruéis dentes afiados...

Vendo que o Pilar se preparava para uma tremenda batalha, pretendi me afastar. Foi quando Morte começou a afundar e o Pilar voltou a falar de novo, pulei adiante e peguei Morte. Apenas uma única cabeça me atingiu antes que tirasse Morte e lá, mordendo profundamente meu antebraço... eu atingi seu olho e puxei meu companheiro para liberdade finalmente. A Pútrida mordida da cabeça, entretanto, me deixou drenado,exaurido... de alguma forma, eu sabia que estava mais fraco que antes.

“Viu, Morte? Nada ...com o que...se preocupar...”

As cabeças do Pilar rangeram os dentes e cuspiram bile em mim,berrando de raiva. “ELE É NOSSO!NOSSO!NOSSO!”

Repentinamente, eles se acalmaram. “ÓTIMO, DELEITE-SE NA SUA VITORIA, “IMORTAL” NÓS O TEREMOS DEVOLTA, DE UM JEITO OU DE OUTRO.”

Eu encontrara tudo o que queria no Pillar. Nós nos apressamos; atrás de nós, o Pillar gritava alto que haviam intrusos presentes. Demônios, atraídos pelos gritos, começaram a nos atacar. Felizmente, o portal que precisamos usar para sair estava aberto, e logo estávamos de volta no esconderijo de Fhjull sobre o esqueleto de Ul-Goris.

MORTE PARTE 2

Eu precisava falar com Morte, depois das experiências no Pillar dos Crânios. Puxei Morte de lado, e o perguntei quando havíamos terminado o Pilar. Morte já havia retomado seu jeito despreocupado, apesar do que havia feito ele passar.

“Veja, bem, existe esse Pillar em Avernus, a primeira camada de Baator; ele é chamada de Pillar dos Crânios, mas esta mais pra um pilar de cabeças. Ouve-se falar que é SUPOSTAMENTE feita de cabeças de indivíduos, a maioria estudiosos e sábios, que usaram seus conhecimentos disso e sabendo daquilo que conheciam enquanto eram vivos para esticar a verdade um pouco mais... eles machucaram muitos, ou bem, mataram alguém ao fazê-lo. Bom, quando eu MORRI, eu fui parar lá. Engraçado não?”

“Não verdade não.”

“Eh....” Morte fez silêncio um momento. “Sim. Eu não sei dizer como eu SEI disso, chefe, mas eu acho que é isso. Eu acho que foi por sua causa que me mandaram para lá; a ultima gota d água antes de toda essa bagunça. O certo é que, eu não lembro o que aconteceu- eu nem sequer me lembro de ter sido humano um dia, ou de como era minha vida antes de acordar no Pillar.”

“Porque você esqueceu?”

“É o que acostuma acontecer quando você morre, algo que tenho certeza que você esta familiarizado. Você apenas....esquece. Eu sei que não era um grande membro da comunidade quando estava vivo...mas que diabos, quem é?” Morte suspirou. “É algo que não posso evitar. Não há nada pior do que ser honesto o tempo todo.”

“Exceto ser sentenciado a ir para o inferno. Isso me soa muito pior do que dizer a verdade.”

“Sim...você esta certo.DE NOVO.” Morte mordeu com os dentes; a maneira que ele o fez me fez lembrar de alguém batendo os dedos. “Eu acho que só isso tudo de bom e do mal e mentindo e enganando chegou até você- e quando eu fui escrito no livro da morte, foi a minha vez de pagar o barqueiro.”

“Então como você escapou do Pilar?”

“Bom...você me ajudou chefe. Quando você apareceu no Pillar dos Crânios, eu forcei meu caminho até a frente. Meu óbvio conhecimento e charme chamaram sua atenção- você sabia que EU era a cabeça que mais conhecia. Então fiz um trato com você.”

Enquanto Morte falava, minha visão avermelhou-se e ouvi um grito de sofrimento, uma terrível torre gritante de vozes, tremendo, gritando, gemendo, TODAS elas implorando, berrando por liberdade, e a voz

de Morte...fraca,quase perdida na multidão. Ele parecia desesperado, assustado, e...pateticamente, tragicamente PERDIDO.

Eco: “Você, Crânio, fale.”

As vozes uivantes silenciaram, e eu olhei a pequena, caveira avermelhada, suas feições rachadas emitiram uma luz infernal, e voltou seus olhos para mim.Sangue e icor* passavam através de suas feições, e seus dentes tremiam, como se tivesse frio. “Eu... eu posso ajuda-loooooooo. Eu sei o que qq vvvocee procura...todas essa cabeçastodo seu conhecimento...mas por favor, eu te IMPLORO, me liberteeeeee. Deixe-me ajuda-lo. Eu te direi qualquer coisa, TUDO QUE QUISERRRRR.”

Eco: “Irá mesmo?JURE, crânio. JURE que me servirá ate o final dos MEUS dias, ou aqui você permanecerá.”

“Eu juro. Eu juro...mas por favor, POR FAVOR me liberte.... EU...” Eu vi Morte doentio e engolindo seu orgulho e se rebaixando ao máximo. “Eu... IMPLORO, Deixe-me ajuda-lo.Por favor.”

Eco: “ Muito bem. Irei liberta-lo.”

Minha visão correu, como se estivesse em movimento, e os uivos, a cacofonia gritante começou de novo, uma horda em forma de pesadelo de gritos e provocações, insultos...senti minhas mãos escorrendo naquele pântano imundo no Pilar, o morder das presas, mandíbulas, e minhas mãos agarrando o pequeno crânio e o tirando, arrancando ele do Pilar como uma velha crosta...

Eco: “Esta feito.”

Olhei para o crânio ensanguentado em minhas mãos cheias de cicatrizes, seus olhos cheios de sangue do Pilar, e seus dentes batiam, uma , duas vezes. Me lembrou de um recém nascido, indefeso- e aos olhos de um homem que um dia eu fui, ele era- patético.

Eco: “Eu te libertei. Agora sua vida... e sua morte são minhas...Morte.”

Minha visão girou, as nevoas do passado se esvaindo, e Morte ainda estava tagarelando. “Nós conversamos um bocado chefe, você e eu, vendo se o acordo daria certo, e acho que ambos estávamos impressionados um com outro, então você me convidou para fora do Pilar, e eu meio que estive com você desde então.”

“Hum... e o que aconteceu então?”

“Bem, eu não sabia que perderia a maior parte do conhecimento do Pilar quando fosse tirado de la... quero dizer, como eu poderia saber, eu nunca tinha estado fora dali...mas você entendeu ate que bem aquilo...”

“Você perdeu todo o conhecimento que disse que tinha...”

Minha visão turvou de novo,me deixando tonto, e senti meu intestino bater- ouvi o quebrar, o estalar dos ossos,e os gritos de Morte -gemendo de dor, gritando para alguém me parar, para impedir que o matassem...e minha mão, o espancando, de novo e outra vez...

Eco: “MALDITO SEJA, Crânio, você MENTIU para mim. VOU JOGA-LO DE VOLTA NAQUELE MALDITO PILLAR E DEIXA-LO PARA MORRER LÁ.”

Houve um estalar de ossos que pareciam o som de metal- batendo no chão ou num muro,e o deslizar dos dentes. Eu podia ouvir Morte, choramingando como um cão abatido por mim.

Eco: “SAIBA QUE SEU SOFRIMENTO NO PILLAR NÃO SERÁ **NADA** COMPARADO AO **TORMENTO** QUE FAREI VOCÊ SOFRER!”

Minha visão turvou, e vi que o choro de Morte escorria, sumindo com o ritmo de suas falas. Eu havia duvidado de Morte, mas ele havia sido o mais fiel dos meus companheiros. Todos aqueles anos com a encarnação “prática”, e com as que vieram depois, aqueles que não rejeitaram-no a título de terem suspeitado dele. Ele podia ter me deixado a qualquer momento,mas não o fez.

“Então você percebeu que eu ainda tinha utilidade, e fiquei com você desde então.”

“Morte, o que eu queria do Pillar? E há quanto tempo faz que te libertei?”

Morte pensou por um instante. “Bom,quanto ao tempo que faz, eu não sei bem ao certo chefe- eras, eu suponho. Eu fiz tudo que pude para ajuda-lo a cada vez chefe, mas...” Morte suspirou. “Não é fácil. E quanto ao que você queria do Pillar, eu não sei- depois que você me tirou de lá, não pude me lembrar.”

“Então você ficou comigo todo esse tempo?”

“Bom, sim chefe. Diria que sim. Morte sempre mantém suas promessas.” Ele parou. Bem, a maioria do tempo hehe. “Teve uma garota em Arbórea que-” Eu rapidamente percebi que o tom dele havia mudado- depois da piada, eu percebi que ele estava tentando esconder algo. Algo sobre o porquê dele estar comigo.

“Morte, sério, porque você ainda continua viajando comigo?”

“Chefe, já disse que foi porque prometi certo?” Ele parecia irritado. “O que mais poderia ser?”

“Eu não sei. Você não precisaria ficar comigo depois que te libertei.”

“Bom, claro que não chefe, mas eu-” E subitamente, seu tom de voz chegou até mim, e eu soube o PORQUE que ele havia permanecido comigo todo esse tempo.

“Você sente CULPA. Porque você me levou a morte há muito tempo atrás não foi? E você tem sofrido desde então.”

“Ah, vamos lá chefe,Eu, sentir culpado? Eu sou Morte.”

“Não, eu acho que é por isso. Quando eu vim te libertar do destino que você merecia, você não pôde deixar de tentar me ajudar. E quando você pôde me deixar quando te libertei, você permaneceu. Porque você sentia que me devia.” Morte fez silêncio um momento, me olhando.

“Talvez. Sabe o que é engraçado? No início, eu não sabia o que era esse sentimento- ele meio que lentamente te corroí, sabe?”

“Quero dizer, no começo achei que era um efeito colateral do encanto que me ligava a você... mas depois de algumas centenas de anos, percebi que era MAIS que aquilo...algo mais profundo.Eu me senti deprimido, CONECTADO a você, de alguma forma.Talvez seja todo esse seu sofrimento chefe...seu

tormento Eu não sei. Talvez eu me sentisse....não sei, RESPONSÁVEL por seja lá o que eu tivesse feito. E se foi algo que fiz que lhe levou a esse estado?”

“ Mas a questão é, eu não acho que eu- ou seja lá quem for- realmente tenha que sofrer as consequências de toda a mentira e trapaça que fizeram, e quando vi você pela primeira vez quando estava preso no Pillar, de alguma maneira, eu SABIA que era você que eu tinha traído. Uma certa vez...muito tempo atrás.” Morte suspirou. “ E isso é tudo o que eu sei.”

“Eu entendo.Obrigado pela sinceridade Morte.”

“Não, não me agradeça...” Morte suspirou, e para minha surpresa, sua voz parecia mais forte de alguma maneira, mais confiante.

Algumas rachaduras e fraturas em seu Crânio haviam sumido como se estivesse curado. “Não, todo agradecimento é para você- eu sinto que um Plano todo foi retirado dos meus ombros...por assim dizer.”

Seja lá o que fosse acontecer, Morte havia pagado o debito que achava ter comigo.Mais do que isso. Acho que me dizer isso permitiu a ele acreditar que o debito foi pago, ou que pelo menos o pagamento final viria devido a minha busca final.

Voltei agora minha atenção a Fhjull. Aproximei-me enquanto trabalhava em umas das mesas segurando seu equipamento de alquimia; ele virou-se para mim e falou.

“AH! Então você voltou! E o que o Pillar lhe disse? Ele respondeu suas perguntas imbecis?

“Conte-me sobre Trias.”

“ Aquele rascunho de anjo da luz! Aquele desprezível...agh... eu não desejo prejudicar a ele ou suas traições,mentiras, sem respeito pelos caminhos da lei!AH! Ele é um enganador, mortal, e você não deve confiar em nada que ele diz. Quero dizer isso, é claro, devido aos meus votos de caridade e...” Ele cuspiu no chão, “... gentileza. Sua decepção me custou uma eternidade... a não ser que ele morra.”Seu sorriso cheio de dentes parecia surpreendentemente esperançoso.

“Como eu saio dessa cratera?”

“Ah... isso quer dizer que vai me deixar sozinho de novo? Então eu proclamo, como maior prazer possível, que o portal esta sobre a extremidade óssea dos ossos da criatura acima. Ela o levará de volta para Curst, e onde você veio, e estou imaginando mais alguns caminhos para você viajar.”

Felizmente para Fhjull, eu estava tão ansioso para sair quanto ele para ver ir embora. Enquanto nos apressamos para ir, eu pude ouvi-lo falando consigo mesmo abaixo.

“Ah! Não importa..Algo me é familiar sobre aquele cara.”

CARCERI

Aparecemos de volta em Curst,mas tudo o que sobrava eram ruínas.Estranhamente, os escombros que restavam ao redor podiam apenas ser de uma parte das construções que formavam Curst. Ainda mais estranho , não haviam corpos, nem sequer animais.

O portão para a prisão do Plano Carceri ainda existia, pois o encontrei enquanto vagávamos pelas ruínas. Assim que me aproximei, as cabeças podres no portão começaram a falar comigo, cantando palavras indo e vindo entre elas para formarem sentenças coerentes. “Se foi, se foi. Perdidas para o traidor, perdidos para a luz.”

“O que aconteceu com a cidade?”

“Se foi com o vento, varrida por uma onda de maldade. Através do portão, se foi, se foi. A cidade, se foi, perdeu-se para seu próprio ódio.

Através do portão, para a prisão vermelha, o Plano de prisão...Carceri.”

“Você tem alguma ideia de como chegar até lá ou de como trazê-la de volta aqui?”

“Através do portão, na prisão... não há volta da prisão, não há volta. Passe por ele, passe pelo portão... seu destino lhe espera lá.”

“O que você sabe sobre meu destino?”

“O Deua lhe aguarda.” As cabeças fizeram silêncio, e não fizeram mais perguntas.

Passamos pelo portal, para Carceri. Nós estávamos no novo lar de Curst; eu podia ouvir pessoas por perto, mas só por causa de seus gritos e gemidos. Um velho mal trajado andava num canto, e me cumprimentou. Eu o reconheci sendo Kyse, o antigo zelador do lixo da cidade de Curst.

“Visitante! Espere um momento! Eu devoto contar o que houve com esse lugar!”

“O que aconteceu?”

“Você voltou para uma cidade de calamidades, viajante. O Deua ergueu-se triunfante sobre os destroços, trazendo-nos aqui para nossas condenações. Existe apenas um caminho de volta- que é matar o Deua, para reaver a trapaça e engano da cidade novamente. Quanto mais forte for a crença de perdão da cidade, mais fraco fica o Deua.”

“Trias fez isso tudo?”

“O Deua ergueu-se do solo e condenou as iniquidades. A grande confusão surgiu quando as estruturas tremeram ao nosso redor- e então nós chegamos aqui. Existe apenas uma maneira de combater Trias- e ela é enfraquecê-lo por boas ações, fazer com que as mentes dos cidadãos da cidade afastem-se do caos e do mal, e fazer com que caminhem para a bondade. Caso contrário, ele sem dúvida triunfará. Ele olhou para si mesmo. “Tenho trabalhado para isso, Se você precisar de descanso, procure os velhos quartéis ou a destilaria.”

Nós nos movemos pela cidade. Os cidadãos reclamavam um para o outro do ocorrido. Tentei convencer os que encontrávamos que devíamos trabalhar juntos, essa era a única chance que eles tinham de Carceri voltar para o exterior. Alguns Gehreleths já haviam entrado na cidade. Sentindo as vítimas. Nós destruímos os que encontramos. Também fomos forçados a destruir aqueles que se recusavam a parar de brigar um com o outro.

Assim que nos aproximamos do prédio da administração, uma figura se aproximou, o eremita que eu havia visto abaixo nos tuneis de Curst antes de libertar Trias. O homem sujo, curvado e intrincado com escuridão e velhice, seu cabelo grisalho, esguio voava sobre seus ombros enquanto ele olhava ao redor, deixou sair, “Kyse o cuidador me disse que você estaria vindo. Você fez um ótimo trabalho o enfraquecendo...o caos da cidade esta subsidiando e o plano não esta indo bem também. Vá em frente e termine o serviço.” Ele se referia ao prédio de administração.

“Como você sabe disso?”

“Eu posso SENTIR ele lá, crescente e minguante como uma lua que queima. Posso OUVI-LO imaginando quando você virá. Ele anseia pelo seu confronto.”

TRIAS O TRAIADOR

Entramos no prédio da administração, subindo o mais alto uma vez dentro dele. Encontramos alguns Sohmien, criaturas equinas, saqueadores e demônios dispersos, mas nada que nos preocupasse muito.

Num balcão no ultimo andar do prédio encontramos Trias, olhando para a cidade que havia condenado. Nem se importou comigo ao redor, sua voz se voltou para mim.

“O que você acha que conseguirá aqui?” Trias ergueu seu braço, gesticulando para a cidade. “Você fez muito bem em pouco tempo, mortal. Isso não será o suficiente para fazer esses traidores verem a profundidade de sua tolice.

“Porque você mentiu para mim?”

“Você precisava de direção. O preço da sua necessidade foi a traição. Como você passou a crer que você ganhou o direito de quaisquer verdades nessa vida ou na próxima? Quanta arrogância. De fato, era seu dever como um ser inferior me libertar. Eu não te devo nada, e é o que eu lhe dei. Eu lhe dei mais do que você merecia. Você me libertou para se ajudar.”

“Então porque você arrastou Curst nas terras distantes?”

“Uma cidade de traidores foi traída e ganhou o que merecia. Não há “porque”. Isso sela meu dever nos Planos baixos. O bem maior foi feito.”

“O bem maior? Que bem maior é esse?”

“O sangue jorrado por um exercito de demônios será redimido pela justa ira dos Exércitos dos Céus. Aqueles que caíram para fazê-lo em nome do bem maior. Essa cidade cai em nome de um bem maior- a expurgação do mal. Um pequeno sacrifício, considerando aqueles que foram sacrificados.”

“Receio que não existam plantas boas vindas de raízes ruins.”

“Eu não serei julgado por você, mortal, não quando você viveu as vidas que teve. Deixe-me dizer-te sobre traição: Traição é uma covardice, vender armas aos seus adversários de seus adversários com medo de que eles poderiam parar de matar uns aos outros e virar em cima de você. Traição é recusar a dar exemplo. Traição é permitir que os demônios corram desenfreados pelas Planas até que o mal tenha corrompido seus corações. Entretanto, não pergunte porque eu escalei os Montes Celestes e o incendiei nas encostas da guerra.”

“Você mancharia a essência do bem com uma encarnação maligna. Isso me soa como traição.”

“Existem muitas definições de traição. Deve-se viver muito tempo para experimentar todas elas. Mesmo a sua vida, se não fosse cheia de esquecimentos, não possui o alcance dos séculos necessários para apreciá-las. Tal traição não é uma traição afinal de contas.”

“O que houve de verdade com suas asas Trias?”

“As chamas de Baator queimam arduamente certamente, mas elas são velas comparadas a ira do Pai.” Ele vibrou as os pedaços queimados de suas asas. “Não existe dor como a de ser expulso do Monte Celeste.”

“Então você é um caído? Porque deveria acreditar em suas palavras?”

“Não fale sobre comigo sobre mentiras e quedas, mortal. Estou disposto a sacrificar até mesmo a mim mesmo para que o Bem triunfe.”

“Isso é nobre, Trias, mas o que lhe dá o direito?”

“Eu estou AQUI. Eu vejo o mal. Estou disposto a agir contra isso. Minha VONTADE me dá esse direito.”

“A vontade da pessoa não lhe dá o direito sobre algo, Trias. Afaste-se, e não precisaremos nos enfrentar.”

“Sua tolice é tão grande que você quer testar sua pseudo – imortalidade contra um verdadeiro imortal? Recue humano, ou iremos testar sua reivindicação.”

“Então venha Trias.”

“Faz muito tempo que não empunho minha espada contra alguém. Iremos duelar, você e eu.”

Foi um combate difícil. Não porque Trias era poderoso; de fato, ele era fraco, o trabalho que havíamos feito com o povo da cidade de Curst se provou eficiente. Mas eu tinha que ter certeza que não o destruiria, já que havia conhecimento nele que eu não podia ter de outra fonte. Finalmente, Trias admitiu ter sido derrotado.

“Eu me rendo a você dessa vez, mortal. Meu aprisionamento me enfraqueceu... em meu estado, não sou páreo para você.”

“Eu ainda preciso de informação de você, Trias. Diga-me como chegar a Fortaleza dos Arrependimentos.” Trias tossia sangue antes de me responder.

“Antes de lhe dizer, eu devo exigir uma promessa sua. Você deve jurar poupar minha vida.” Eu não gostei da ideia de deixar Trias livre para trair outros, mas eu precisava do que ele sabia. Eu também achei que ainda havia uma chance dele se redimir. Além do mais, Ravel já estava morta. Eu não podia suportar perder mais fontes de informação caso eu esquecesse novamente.

“Eu juro poupar sua vida se me der a informação que procuro.”

“O portal para o lugar que procura fica dentro do toro acima do pináculo, na cidade de Sigil, a Cidade das Portas. Nela, existe um lugar aonde os mortos do seu tipo são levados...”

“Você quer dizer o Necrotério?”

“ Foi aonde você acordou dessa ultima vez não é?” Os planos parecem estar cheios de ironias do atraso.Você estava tão PERTO, então....”

“Qual é a chave?”

“A Fortaleza dos Arrependimentos é coberta de lágrimas, e assim gosta de ser chamada. Para adentra-la, você deve contribuir em algo. Quando você passar perto do portal, se você carregar arrependimento consigo, você sentirá a presença do portal, como o frio abraço da morte.”

“Enquanto esse frio estiver em você, você deve arrancar uma parte da sua pele, e escrever um arrependimento com o sangue do seu dedo indicador esquerdo. O portal se abrirá, e você poderá descobrir a verdade sobre a Fortaleza dos Arrependimentos- e talvez encontre seu guardião.”

“Como você sabe disso?”

“Procurei muitas alianças pelos Planos. Minha busca me levou até a Fortaleza, aonde falei com seu senhor e guardião de suas moradas sombrias. Sem dúvida você quer voltar a Sigil agora. O sangue que você tem nas suas mãos deverá agir como uma chave para o portal; simplesmente passe pela porta pela qual você entrou, e você retornará.”

“ O que você pode me dizer sobre a Fortaleza?”

“Seus salões são escuros e parecem vazios- mas como você, eles atraem almas atormentadas para si como uma lamparina. Como você, é vazia e ao mesmo tempo cheia de rejeições. Como você, é um monumento ao tormento.Devo lhe contar sobre essas almas, viajante?” Com meu consentir, ele continuou, com seu sorriso sangrento se abrindo.

“São almas daqueles que morreram no seu lugar. Eles se tornaram as sombras do que você devia viver. Elas são as SUAS sombras, as mesmas que você lançou sobre a existência, e elas o encontrarão, viajante, e elas o farão pagar pelos seus tormentos.Você receberá seu tributo pelas mãos deles, você e aqueles que você enganou o suficiente para viajar com você.” Eu já havia aprendido essa informação no Pilar dos Crânios, assim como meus companheiros se eles procuravam causar uma briga entre nós.

“Claro. O que você pode me dizer sobre o guardião?”

“Aquele é poderoso. Você não poderá derrotá-lo. E você não será capaz de tirar sua mortalidade do seu toque frio. Ela se perdeu de você. Você embarcou numa jornada empreendida apenas por tolos.”

“Pode ser tolice, mas eu saberei mais sobre esse guardião.”

“A mortalidade de um homem é uma bússola que aponta seu caminho na vida. Se ela puder ser arrancada como um objeto, pode-se aprender muito sobre a natureza do homem que foi arrancada de você. Seu

inimigo sabe mais sobre você do que você mesmo jamais saberá. Ele tem observado e estudado você durante muitas das suas meia-vidas. Eu conheço seu coração. Ele não irá devolver o que você procura.”

“O que você fará quando eu lhe deixar Trias?”

“Tentarei mais uma vez pressionar um prisioneiro contra os portões do Paraíso. Eles não me aceitarão de volta, e não há outro propósito para minha existência.”

“Trias, você se esqueceu do rosto do seu pai?”

“O que você quer dizer?”

“Os Planos Altos são o lar da justiça, beleza, e do bem. Eles são também o lar do perdão. Vá para casa. Admita seu erro e implore por perdão.”

Ele abriu a boca para uma resposta irritada... e parou, refletindo. Ele abaixou a cabeça. “Você diz palavras convincentes, mortal, e a sabedoria contida nelas me transpassa. Eu procurarei o perdão dos meus pais, e aceitar qualquer castigo que eles impuserem. Se nos encontrarmos de novo, a minha vontade é que eu esteja redimido.”

Trias foi verdadeiro dessa vez. Se ele iria segui-las ou não, ouse convenceria a si mesmo a trair suas palavras como havia feito com tantas outras que eu não soube. Eu tinha um compromisso urgente; retornamos através do portal para Sigil.

SIGIL

Nós estávamos de volta em Sigil. Ainda haviam tarefas que eu precisava cumprir antes de chegar até a Fortaleza dos Arrependimentos.

Em particular, lembrei que Ravel tinha uma “ramificação” aqui em Sigil, que eu já havia encontrado. Era possível que ela não estivesse morta de verdade. Eu me apressei até a velha Mabbeth, na praça dos esfarrapados, que eu sabia ser um pedaço de Ravel.

Assim que entrei, Mebbeth me viu, seu rosto ficou cinza...ela parecia doente. Enquanto eu olhava, vincos espalhados pelas dobras de seu rosto como rachaduras, e seus olhos cinzentos piscaram, como se tivesse dificuldade para se concentrar em mim.

“Mebbeth, você está bem?”

“Sim...” Ela sorriu debilmente, e sua voz era áspera, como se estivesse forçando seu caminho para passar por camadas de pó. Quando ela falou, foi como um eco. “ eu tenho...um pouco mais...”

“Mebbeth...você sabia que você foi Ravel?”

Ela tomou fôlego... e suas palavras vieram lentamente, sua voz raspando em sua garganta. “Talvez...Mebbeth esqueceu de si mesma muitas vezes... eu tenho sonhado que eu era outra pessoa...”

Cada palavra era mais pesada que a anterior, como se séculos de peso estivessem pressionando ela. Seu corpo parecia estremecer levemente, como se quisesse descansar,deixar ir.

“Como você podia não saber quem você era?”

“Como você não sabe quem VOCE é?” Mebbeth lambeu os lábios. “Muitas coisas...até fragmentos de si mesmo...eles escapam pelas rachaduras da memória, sombras de coisas esquecidas, esses pedaços de memórias, talvez ruins...talvez bons.”

“Mas porque Mebbeth? Porque o disfarce quando você podia ser Ravel de novo?”

“Aqui, nesse lugar, tudo o que fiz foi reparar corpos e coisas, arrumar ossos, entregar bebês...ao fazê-las, eu fui feliz.” Ela suspirou. “Já sendo a OUTRA, aquela Ravel...” Ela lambeu os lábios de novo. “Eu acho” ... você toma como consolo o que seria, frequentemente, o deslocar de uma memória ou duas.”

“Eu não tinha certeza de que você estaria aqui, Mebbeth, depois do que aconteceu...”

Mebbeth acenou- cada movimento era pesaroso. “Sim, meu precioso...” Ela estremeceu enquanto tomava ar.

“Vendo você aqui... é como um eco. Pouco tempo resta...os problemas...aquelas Ravels...elas estão se desfazendo enquanto conversamos.”

“Você está sofrendo?”

Ela acenou. “Sim...contudo é a ironia que mais machuca...” Ela deu um sorriso doentio. “Um ato de bondade, pago triplamente... é a maneira que os planos encontraram para as poucas atitudes boas que fiz quando chegar minha morte. Ela sorriu levemente. “Contudo não tenho arrependimentos...”

“Eu tenho perguntas,Mebbeth- Pode me diz-“

Ela ergueu as mãos para me silenciar. “Precioso homem...gostaria que me escutasse uma ultima vez...”

“Muito bem...”

“Precioso homem...” Ela tossiu. “Tudo o que desejei foi libertar a Dama da Dor da sua gaiola... para você, tudo o que desejei fosse que vivesse...e para minha filha,eu...” Ela tossiu. “ Existe um dizer nos Planos... que a bondade de uma velhota é mais cruel...que seu ódio, e envenena tudo que toca...” Eu pensei comigo mesma, que tivéssemos visto a verdade disso. Mas isso foi apenas um pensamento momentâneo, e indigno da Ravel que eu passei a conhecer. Eu partilhei meus pensamentos com a lasca da Ravel diante de mim.

“Sinto muito pelas coisas terem acabado como acabaram. Se pudesse salvá-la, Eu-“

“Estou morrendo agora...” Ela piscou seus olhos remelentos. “Meu fim....é o viajar de todas as direções to tempo, todas as ameaças de Ravel estão se desembaraçando...” Ela tossiu. “Contudo...” Seus olhos cinzas fixaram sobre mim. “Talvez nem tudo esteja perdido...uma das minhas sementes negras do labirinto... você trouxe alguma consigo?”

“Sim, aqui.”

“Ah...”Ela pegou a semente cautelosamente, e a deslizou entre seus cabelos. “Então a união dos anéis serviu seu propósito...”.

Com um olhar tremulante, ela ergueu a mão e acenou para que eu me aproximasse. Eu o fiz, e ajoelhei.

Ela sussurrou algo levemente com seu sopro, então tomou minhas mãos entre as dela e deu um beijo suave na minha testa. Fechei os olhos quando seus lábios tocaram minha pele...

“Que o Planos a recebam com carinho,Mebbeth.” Eu murmurei.

Quando abri meus olhos, Mebbeth havia nos deixado. As lágrimas que não sabia que possuía quando estava sobre o corpo De Ravel agora escoriam, correndo pelas minhas bochechas.

Eu ainda tinha mais uma tarefa. Voltei para a Ala Clériga, para obter a permissão do advogado Iannis para que pudesse examinar a pedra sensorial de sua filha Deionarra deixada no salão de festas.Quando o vi, para pedir sua permissão, nós tínhamos pouco para dizer um ao outro. Eu sai o mais rápido que pude.

Enquanto estava saindo da casa do advogado, alguém parado do outro lado da rua me trouxe um pensamento a mente.Não havia muito o que eu pudesse fazer por Morte, mas havia algo...

Me aproximei de uma linda, prostituta sedutora, muito melhor das que havia visto em Hive. Ela tinha cheiro de perfumes caros, e os traços de seu rosto eram sutilmente acentuados com leves pinturas de leves cores quentes.

Ela sorriu quando me aproximei dela e me cumprimentou com graciosamente. “Saudações, bom senhor. Espero que esteja procurando satisfazer um desejo que o Bordel da Lady Grace não possa fazê-lo, estou certa?”

“Eu não,mas acho que Morte aqui possa estar...”

A jovem mulher examinou Morte criticamente por um momento, então acenou.

“Sim...sim, acho que posso fazer isso.Bem, eu certamente posso pensar em...algo. Tudo pelo mesmo preço- uns pequenos 500 moedas podem resolver isso.”

“Claro, aqui estão....”

“Beleza! Obrigado chefe!” Morte seguiu a mulher.

Levei o resto do grupo ao hotel local.Depois de algum tempo, Morte chegou balançando tonto no meu quarto.

Ele estava ensopado com um brilho acetinado- como se tivesse sido encerado e polido- e tinha uma borrão vermelho na sua cabeça em forma de lábios. Morte parecia mal notar minha presença, e alternava entre sorrir pra si mesmo e sussurrar prazerosamente.

No próximo dia, era hora de encarar meu inimigo, aonde eu esperava colocar um fim, de um jeito ou de outro, na minha imortalidade.

PORTAL NECROTÉRIO

Eu havia entrado no Mortuário, procurando pelo portal. Eu estava próximo do local das minhas primeiras memórias, ao acordar numa mesa aqui. Havia algo no arco diante de mim...algo assombrosamente familiar. Um osso gelado entorpecente cobria o ar entre estes dois pilares negros, como se o próprio arco limitado o outro espaço do outro, mais frio. De alguma forma, eu SABIA que esse era o portal para a Fortaleza dos Arrependimentos... agora tudo o que precisava fazer era abri-lo.

Apertei meus dentes e finquei em meu dedo do braço esquerdo; com um som seco, rasgante, eu arranquei um pedaço da pele. O frio entre os pilares ficou mais forte, quase faminto, como se o portal tivesse aberto uma rachadura...

Eu piquei a ponta do dedo indicador; antes que o ferimento se curasse, eu cuspi algumas gotas de sangue. Enquanto me preparava para rabiscar meu arrependimento, uma série de imagens cruzou minha mente... eu sussurrei as palavras para mim mesmo, mas o arrependimento ecoou através da minha mente.

“Arrependo-me das mortes que causei, aqui no Multiverso.”

Rabisquei esse arrependimento no pedaço da pele...mas minha rápida regeneração me forçava a reabri-la frequentemente para obter mais sangue. Momentos depois, eu havia terminado, meu sangue reluzia no pedaço de pele...uma combinação da minha carne, do meu sangue e do meu arrependimento.

Enquanto olhava o arrependimento sangrento secar, uma onda de frio passou sobre mim. Olhei para cima: os pilares negros de ambos os lados estavam brilhando levemente, partículas de luzes azuis nebuloso pairavam de um lado ao outro formando uma cortina de brilho entre elas. Através dela, eu mal podia notar uma escadaria de pedra que levava até a escuridão. Perguntei se Nordom estava pronto para prosseguir.

“Pergunta: Recebida. Resposta: Nordom está pronto e aguardando. Aguardando direções mais específicas.”

“Na verdade é mais um “processo” ... deixa pra lá. Fall From Grace?”.

“Eu vim até aqui, e seria rude da minha parte me retirar no momento final.” Ela sorriu suavemente. “Mesmo se você pedisse educadamente que eu não fosse, eu não aceitaria.”

“Parece que não tenho escolha, então... Annah?”

“Eu...” Annah olhou para Fall From Grace, então voltou-se para mim, com fogo nos olhos. “Se ela vai, eu irei, sem dúvida. Não darei as costas pra você aqui, não mesmo.”

“Muito bem, Dak’kon? Você está comigo?”

“Seu caminho é o meu.”

“Morte? Você está pronto?”

“Bem...” Morte hesitou, olhou para o portal, me olhou, olhou para o portal novamente, então me deu um leve suspiro.

“Veja, eu não irei dizer muita coisa aqui,mas uh...bom, tem uma coisa que preciso te dizer...”

“O que é Morte?”

“Bom, é sobre aonde estamos indo... ou, bem.....aonde nós na verdade... **estivemos**...”

“Aonde **NÓS ESTIVEMOS**? Do que você esta falando?”

Foi tão sutil, que quase perdi esse lance- a espada de Dak’kon tremeu, a lamina parecia entorpecida. Quando olhei para ele, suas mãos afastaram-se para ambos os lados, como se estivesse se preparando para uma batalha.

“Essa....huh, não é a PRIMEIRA vez que passamos por isso.... veja, nós estivemos nessa “Fortaleza dos Arrependimentos” antes...apesar de que, nós... eu....não sabia disso até então.”

“Morte, eu espero uma explicação...sem mentiras ou decepções, não agora.”

“É difícil explicar até que você tenha ESTADO lá...alem do mais, você não sabia que , huh,o seu OUTRO você- ele não era exatamente o tipo de pessoa que compartilha conosco.Digo, eu sabia que ele estava procurando por ALGUM lugar, mas eu não sabia porque, aonde era,ou o QUE era, então eu não podia lhe dizer NADA, porque eu não SABIA NADA! Eu...só sei o que aconteceu quando **chegamos** lá...” Percebi que Morte estava falando da minha encarnação “pratica”, daquela que o havia libertado do Pilar dos Crânios.

“E...o que houve?”

“Bem, nós fomos para essa FORTALEZA, e antes mesmo de colocarmos nossos pés nesse lugar, nós estávamos todos divididos, lutando por nossas vidas...” Ele estremeceu. “Então a PRIMEIRA coisa que quero lhe dizer a você se você esta determinado a seguir adiante com isso, é que existe uma boa chance de qualquer um que passar por esse portal acabe em algum lugar MUITO longe dos outros. Uma coisa é certa, mesmo divididos, nós podemos ser sua única esperança....”

“Porque você diz isso?”

“Porque seja lá o que estiver esperando por você na Fortaleza, chefe, já te derrotou uma vez.... nesse dia, eu não sei como você conseguiu sobreviver, mas se você cair novamente, você irá precisar que alguém o leve para fora da Fortaleza...”

“Morte, preciso que me diga tudo que pude sobre a Fortaleza... isso é muito importante.”

“Essa Fortaleza dos Arrependimentos”...ela se entende por LIGAS chefe. É uma Fortaleza, mas parece mais um Plano em si, toda de pedra, ela é só escuridão, toda sombria- sombras por todos os lados. Vá até lá, e ...melhor estar preparado.”

“O que aconteceu quando estivemos lá da primeira vez?”

“Chefe, eu não sei o que aconteceu com VOCÊ, mas eu sei o que aconteceu COMIGO”... eu gastei meu tempo correndo de uma sepultura pra outra, aquelas sombras se arrastando sobre mim, tentando me derrubar....então, eu apenas, subitamente, nós estávamos “ fora”, como se alguém tivesse nos puxado de volta...”

“Espere um momento, quando você disse “nós”, não parecia que você se referia apenas a mim e a você.” Morte ficou calado, mas Dak’kon respondeu em seu lugar.

“SAIBA que eu viajei com você muitas vezes.” Dak’kon falou suavemente, como se medisse cada palavra; sua lâmina havia se tornado cinzenta, como se a mente de Dak’kon tivesse derivado. “ Uma parte do seu caminho é CONHECIDA por mim. Foram cinco os que andaram com você até a Fortaleza. Cada um teve sua própria morte.”

“Mas...quem foram eles? Como eles morreram?”

“A minha fé morreu. O Crânio teve sua coragem morta. A mulher teve uma morte de aflição espiritual. O arqueiro cego sofreu a morte final e mais misericordiosa forma de morte, a morte do corpo. Você...você sofreu a morte da memória.” Eu reconheci aqueles que foram descritos, os mesmos que Fell havia descrito para mim. O Crânio era Morte, a Mulher era Deionarra, O arqueiro Xachariah.

“Sim...” Morte provocou como se tremesse. “Chefe, nesse Fortaleza- existem sombras por TODA PARTE...”.

“Haviam sombras lá, e cada sombra era Shra’kt’lor.” A voz de Dak’kon era um sussurro, e seus olhos negros mortos pareciam olhar algo que estava atrás de mim. “Eles são criaturas atormentadas. As feridas no seu espírito são CONHECIDAS por eles. Elas o atacam através disso.”

“Eles falaram comigo como o Pilar dos Crânios...” A voz de Morte baixou. “Eles sabiam...”

“Tudo bem, vejam vocês dois: preciso que me digam tudo que sabem sobre a Fortaleza...”

“As sombras SOFREM. Elas CONHECEM o tormento. Elas SABEM como torturar você com o que machucou seu coração. Quando você as enfrentar, SAIBA que você enfrenta quem já te matou uma vez.”

“Dak’kon...Morte, vocês, e eu sobrevivemos. O que houve com o arqueiro e com Deionarra?”

“O arqueiro sofreu a morte do corpo. A mulher sofreu a morte do espírito. Eu não pude salvar a mulher porque não era a sua VONTADE que ela fosse salva. Sua cova era seca, sem lágrimas. Ninguém passou a SABER da sua morte.”

“Mas...porque eu não queria que ela se salvasse?”

“Sua vontade só VOCÊ conhecia,” Disse Dak’kon.

“Eu não posso lhe dizer mais chefe,” Morte disse, “Exceto que estamos fadados a nos separar assim que chegarmos lá, é um lugar IMENSO, com suas sombras rastejantes... e em algum lugar da Fortaleza está alguém mais PODEROSO que QUALQUER um de nós. Não há mais o que se dizer....”

“Nada vive lá. As paredes são a escuridão.” Dak’kon acrescentou.

“Tudo bem- antes de entrar nesse portal -tem QUALQUER COISA mais que vocês queiram partilhar comigo que vocês achem que POSSA me ajudar?”

“Bem...” Morte pausou. “Sim, tem uma coisa que você deve saber- aquele VOCÊ que eu conheci antes, aquele VOCÊ que nos trouxe até aqui, ele não era como você, em NADA.”

“O que quer dizer?”

“O outro VOCÊ, ele”... ele não se importava muito com ninguém. Nós todos podíamos ter morrido na Fortaleza, e ele nem teria piscado. Então... eu só queria que você soubesse dessa diferença, porque...bom, eu gosto muito mais de VOCÊ agora. MUITO melhor.”

“Mas isso é tudo que você tem a dizer, é isso?”

“Não...” Morte pausou. “Tem mais uma coisa- eu posso não ter gostado muito do seu outro VOCÊ, mas ele era um durão- o durão mais esperto que já conheci; ele sempre tinha tudo sob controle, cada angulo. Se ele morreu na Fortaleza, isso significa...bom...”

“Você não acha que eu possa conseguir não é?”

“Não...” Morte balançou a cabeça. “Não é isso chefe. Porque nem sempre se trata de quem é mais esperto, ou quem é o mais poderoso, ou o mais durão... algumas vezes a questão é sobre quem é você e o que você REALMENTE quer. Quero dizer, uma vez você quis ser imortal- mas no final, era isso MESMO que você queria? Apenas tenha certeza que é o que você quer dessa vez, é só o que estou dizendo.”

“Justo. Olhe Morte... não falamos sobre isso, mas você sabe que você não precisa vir comigo para esse lugar certo? Vou entender se você não quiser ir.”

“Sim... eu sei, chefe. E não posso mentir pra você... eu não quero ir... mas eu irei. Apenas saiba que uma vez que entrarmos pelo portal, não vai se tratar mais sobre apenas VOCÊ. São as nossas vidas que você terá em mãos, e nós não nos levantaremos se morrermos lá.”

“Então porque vocês...”

“E por causa do que Ravel disse no labirinto.” A voz de Grace era suave, tão suave que quase não a escutava. “Não é Morte?”

“O que Ravel disse no Labirinto- ela disse que você atrai pessoas que sofrem por você, como um ima.” Morte balançou a cabeça. “Talvez seja porque VOCÊ TEM sofrido TODO ESSE TEMPO. Talvez quando você resolva essa questão.... talvez NÓS tenhamos um pouco de paz também. Talvez.”

“Talvez sim. Então... você esta comigo, Morte?”

“Porque não chefe?” Morte sacudiu a cabeça. “Quero dizer, nós já fomos para todos os OUTROS Planos mais terríveis do multiverso que posso imaginar. Porque não dar mais alguns passos para o abismo?” Ele deu uma tosse tremida. “Você ESTA pronto? Porque se não estiver...”

Eu disse que estava, e juntos, eu e meus companheiros, entramos no portal.

FORTALEZA DOS ARREPENDIMENTOS

Me encontrei numa escadaria, sozinho, do lado de fora de uma enorme estrutura, podia ver apenas uma pequena parte dela de onde estava. Um cinza sem significância preenchia o céu. Um único movimento chamou minha atenção, numa sessão da escadaria a alguma distancia, numa direção que me afastaria da

construção. Mas minha curiosidade, sempre minha curiosidade, tinha sido manifestada. Eu esperava encontrar inimigos o suficiente dentro de lá, mas fora dela?

Afastei-me do lugar. Depois de algumas dúzias de passos eu pude ver uma figura adiante de mim. Alguém que eu reconhecia que eu estava evitando desde a primeira vez que a encontrei no Mortuário. Diante de mim estava a forma fantasmagórica de Deionarra; seu traje espectral parecia ter sido costurado com uma brisa etérea. Ela estava em pé na borda da calçada da pedra negra, olhando o nada que preenchia o Plano.

“Deionarra...?”

“Meu Amor! Você NÃO deveria estar aqui! Você deve deixar esse lugar!”

“Deionarra, o que é esse lugar? Essa é a Fortaleza?”

“Essa é a Fortaleza dos Arrependimentos. É o local que detém o momento de minha morte prisioneira, e eu não posso me afastar de suas moradas. Se você puder encontrar seu caminho de volta para Sigil você DEVE ir; se você ficar aqui, meu Amor, você irá morrer.”

“Eu sou imortal, Deionarra; eu não acho que tenho que me preocupar muito sobre isso, mesmo aqui.”

“Não, meu Amor. Existe algo sobre esse Forte- A couraça que o envolve não faz parte do resto dos Planos. É essa couraça que age como barreira para sua imortalidade.”

“Uma couraça? O Pillar disse que quando eu morro, outro morre no meu lugar. E se eu não puder encontrar alguém para morrer por mim-?”

“Então se você morrer nesse lugar, será o fim, pois não há nada que VIVA aqui- então tenha cuidado. Volte para Sigil e saia desse lugar amaldiçoado!”

“Mas- meus aliados estão aqui: e isso significa que eles estão dentro dessa couraça. O que acontece com ELES se eu morrer?”

“Meu Amor, se você trouxe QUALQUER coisa viva consigo para esse lugar, então eles estão em terrível perigo- tanto das sombras quanto de você. Se você morrer aqui, sua imortalidade irá caçar o ser vivo mais próximo dentro do Forte, e ELE que morrerá no seu lugar. Você deve sair daqui, agora!”

“Eu não posso voltar. Você pode me dizer qualquer coisa que seja de ajuda? O que me espera dentro da Fortaleza?”

“Não existem sombras naturais dentro dela, meu Amor, apenas sombras daqueles que morreram no seu lugar. As energias desse plano os alimenta, e seu ódio por você ultrapassa toda a razão. Eles não permitirão que você saia.” Ela olhou para as muralhas da Fortaleza . “Não entre, eu lhe imploro!”

“Mas- meus aliados estão lá. Eu não posso deixá-los. Você tem ideia de onde eles possam estar?”

“Se você trouxe outros, então eles foram afastados de você quando chegou aqui- é a natureza desse lugar dividir as coisas...então mata-las.” Ela parecia distraída. “A Fortaleza é algo de muitas milhas- encontrar seus amigos aqui será difícil.”

“Eu tenho que encontrá-los. Não há escolha nesse ponto.”

“Muito bem, meu Amor... se você pretende prosseguir, você deve saber disso- passando pela entrada da Fortaleza esta uma antecâmara com incontáveis sombras. Você deve se mover rapidamente e não deixar que elas se unam a você, ou sem dúvida será morto!”

“Mais uma coisa...” Deionarra pausou, como se estivesse tentando pegar uma memória fugidia. “Dentre... dentro das câmaras existem grandes relógios...” Sua voz ficou mais firme, mais certa. “Relógios que você falou uma vez terem sido a chave para você escapar dessa câmara... quando você ficou aprisionado lá uma vez no passado.” Ela olhou para mim. “Eu sei que não posso afastá-lo de seu curso meu Amor, eu irei vigia-lo, e ajuda-lo se puder.”

“Eu trouxe seu anel, Deionarra. Encontrei seu legado para mim.”

“O Anel ainda possui parte de mim nele, meu Amor. Quando você carregá-lo você carregará consigo meu coração.” Ela fechou os olhos um momento, e subitamente senti um calor passar por mim. Deionarra abriu os olhos, então sorriu. “Eu sabia que você iria voltar para mim com seu pertence. Leve-o agora com minha benção, e o mantenha próximo do coração. Através dele, irei defendê-lo.”

“Você tem minha gratidão Deionarra, devo ir agora.” Com minhas palavras, Deionarra sumiu da minha vista.

Voltei pelo caminho que vim, e então continuei seguindo até o ponto de chegada. A escadaria terminava num portal circular, um portal que abriu quando me aproximei dele. Entrei na Fortaleza, chegando a “Anticâmara” que Deionarra havia mencionado.

Tive que esquivar das sombras, e ativar dispositivos misteriosos, antes de abrir o portal que me levaria mais a dentro da Fortaleza. Havia pegadas empoeiradas na câmara, e marcações deixadas em frente aos relógios gigantes. Eu os reconheci; eu tinha estado aqui antes, na última vez que havia visitado o Forte. Finalmente, fiquei próximo do portal de saída, e passei por ele, entrando em outra parte do Forte.

DESTINO DOS COMPANHEIROS

Ignus apareceu no salão assombrado. Ele olhou ao redor, sem saber aonde estava, mas sentindo seus arredores. Ele falou alto o que havia encontrado.

“Há um Grande poder aqui...” Uma forma espectral farpada havia deslizado em sua direção enquanto Ignus repara em si mesmo.

EU PRECISO DE VOCÊ. EXISTEM CRIATURAS QUE PRECISAM MORRER. De alguma forma, Ignus conhecia aqueles que a coisa mencionada incluía o mestre que ele respeitou/ odiou. Ignus seguiu a criatura espectral enquanto ela se afastava, sua risada ecoava sobre ele.

Morte olhava seu redor. Não havia sinal do chefe, ou de qualquer outra coisa. Da sua prévia visita ao Forte, Morte sabia que era impossível encontrar o chefe por conta própria. Ele teria que esperar que o chefe, ou que outra pessoa o encontrasse. Nesse meio tempo, sua melhor defesa seria fingir de morto. Morte tinha muita experiência em estar quase morto, e ele achou que podia apresentar uma performance muito convincente.

“Sombras.” Dak’kon identificou as formas sobre si mesmo. Uma, mais farpada e menos exposta a luz que as outras, se dirigiu a ele.

AH, O GITHZERAI, EU LEMBRO BEM DELE....SUBMISSO.

“Eu posso ser vencido em batalha, mas eu nunca serei derrotado.”

VOCÊ NÃO PODE ESPERAR ME VENCER.

“Eu já estive aqui antes. Essa vez eu não irei sair.”

QUE SEJA. O discursor se moveu, mas as outras sombras fluíram para dentro, até parecer que a escuridão havia se movido para cobrir Dak'kon de vista.

“Esta frio aqui,” Annah murmurou para si mesma enquanto andava por um corredor mal iluminado. O choque de saber que estava sozinha nesse lugar havia levado ela a sua habilidade de se esconder. Ela não notou a forma farpada até quase esbarrar nela.

AH...A GAROTA DEMONÍACA. AONDE ESTA AQUELE QUE A TROUXE AQUI?

“Em um lugar que você NUNCA o encontrará, se acha que irá pegá-lo, você terá que passar por mim primeiro.”

SUAS PALAVRAS TEM A FORÇA DA PAIXÃO. E POUCA PRECIOSA RAZÃO.

“Se elas me dão a força para vencê-lo, eu pouco me importo!”

CURIOSO...A RAZÃO DE VOCÊ SEGUI-LO ESTA FICANDO MAIS CLARA-

“Chega de tanta falação! Se é uma luta que você quer, então venh!”

SERÁ QUE POR ACASO VOCÊ SE CONSIDERA ESPECIAL AOS OLHOS DELE?

“Se- se você for tentar e quiser passar por mim então vá em frente e faça! Eu...”

DEMONÍACA, EU TENHO OBSERVADO AQUELE COM QUEM VOCÊ VIAJA JUNTO DURANTE MUITAS VIDAS, EU CONHEÇO O CORAÇÃO DELE, E EU SEI QUE HOVERAM INCONTÁVEIS OUTRAS QUE SE APAIXONARAM POR ELE. DE TODAS ELAS, VOCÊ CERTAMENTE É A MENOS IMPORTANTE. VOCÊ É UMA COISA, ABANDONADA PELOS SEUS PAIS E PELOS PLANOS...

“Cale a sua boca, tá ouvindo?! Cala sua boca-”

RESPONDA-ME ISSO, E EU ME SILENCIAREI, CRIANÇA. AQUELE QUE VOCÊ SEGUE É IMPORTANTE PARA VOCÊ?

“Ele importa mais para mim que a minha própria vida.”

ENTÃO MORRA.

Annah atacou a criatura sombria, mas sozinha, ela não foi párea para a magia que foi invocada a seguir.

“É difícil separar as sombras da escuridão aqui.” Fall From Grace olhava para si mesma. “Esse lugar não é apropriado para aqueles que vivem.”

AH, A TANAR’RI. A voz vinha de trás dela. Ela girou, para confrontar a presença espectral em sua armadura farpada.

“Então. Você é a aranha que se encontra no meio de tudo. Eu tenho muitas perguntas que você poderia responder. Seus objetivos nesse assunto não foram completamente claros.”

MEUS OBJETIVOS NÃO PRECISAM SER CONHECIDOS POR VOCÊ, TANAR’RI CAÍDA. MINHAS INDULGÊNCIAS SÃO TUDO O QUE MANTÉM SEU CORAÇÃO NEGRO BATENDO NO SEU PEITO. VOCÊ PODE SAIR COM VIDA AGORA, SE VOCÊ FOR EMBORA.

“Nem meu coração é negro e muito menos eu temo pela minha vida. Meus companheiros, meus amigos, estão aqui na Fortaleza. Eu não sairei até que nós nos reunamos e o homem que seguimos tenha resolvido sua questão com uma conclusão satisfatória.”

NÃO EXISTE CONCLUSÃO SATISFATÓRIA PARA IMCUMBÊNCIA DESSE TOLO. VOCÊ DEIXARÁ ESSE LUGAR, E VOCÊ DEIXARÁ SEU COMPANHEIRO IMORTAL AQUI. NÃO TEMA PELA VIDA DELE. O ÚNICO PREÇO QUE ELE PAGARÁ SERÁ A PERDA DE SUA MEMÓRIA.

“Por mais graciosa que seja, eu devo recusar sua oferta de abandonar meus amigos. Quanto ao “pequeno” preço que ele irá pagar nas suas mãos, isso é equivalente a morte para ele. Eu viajei com esse homem por algum tempo, e existem muitas coisas que não quero que ele esqueça.”

ELE ESQUECERÁ. É O SEU **DESTINO** PERMANECER IGNORANTE. ELE IRÁ ESQUECE-LA, TANAR’RI, ASSIM COMO ELE ESQUECEU TODOS QUE PARTILHARAM A MISÉRIA DELE. ELE EXISTE PARA MORRER, ESQUECER, E MORRER DENOVO. ELE NÃO É **NADA**.

“Esse é o SEU julgamento. O fato permanece que eu não quero que ele me esqueça, nem tudo o que ele batalhou até chegar nesse lugar. Ele tem sofrido muito, e sinto simpatia por ele ao invés da criatura arrogante que está diante de mim e luta como os COVARDES fazem, preferindo matar a distância aonde seu oponente não possa alcançá-lo.”

“Você não irá atormentá-lo mais.”

TANAR’RI...TALVEZ VOCÊ DUVIDE DOS MEUS PODERES AQUI, NESSE LUGAR. UMA DEMONSTRAÇÃO DEVE SILÊNCIAR SUA DÚVIDA.

“Você causou dano suficiente. Prepare-se.”

VOCÊ NÃO É NADA. EU POSSO FORJAR PLANOS COM MEU PODER. POSSO DESFAZÊ-LA.

Figuras mágicas planaram sobre ambos os envolvidos, enquanto procuravam a destruição um do outro. Muito tempo passou antes que uma delas caísse ao chão; a criatura que venceu uma sombra farpada se afastou.

“Processando.Plano: Material inexistente. Localização: Fortaleza dos Arrependimentos.” Nordom trocou cliques com sua besta, tranquilizando elas, ou elas que o faziam. Uma criatura farpada deslizou da escuridão.

AH, A CONSTRUÇÃO REBELDE.

“Senso de aproximação iminente.”

VOCÊ SE EXCEDEU, SUBMETA-SE.

“Você deseja ferir aquele que ajudou Nordom ao custe de si mesmo. Nordom irá para-lo. Prospecção de sucesso: pouca.” Um raio de energia mágica atingiu Nordom, lançado da figura que ele encarava.

O CORPO É UMA COURAÇA. A PRESSÃO INTENSA DEVE QUEBRA-LO.DEVO CONTINUAR?

“Você pretende machuca-lo.Nordom irá impedi-lo.” Mais alguns raios de energia atingiram Nordom, derrubando-o. Nordom não se moveu; nem suas bestas fizeram qualquer som.

PROVAÇÕES DO IMPULSO

Apareci em um quarto pequeno. Cinco estátuas arranjadas em uma forma semi circular que parecia em seu interior uma bacia circular. Flutuando sobre ela estava um cristal peculiar brilhante. Eu reparei apenas um momento na câmara que estava, já que eu reconhecia a figura flamejante que estava presente. Era Ignus. A Fúria flamejante que ele havia sentido quando nos encontramos pela ultima vez havia obviamente o consumido, tornando-o insano.Talvez não insano, precisamente, mas o elemento do fogo que ele idolatrava havia queimado quase toda humanidade nele. Ele imediatamente veio me atacar.

“Eu vou queima-lo, e então incendiarei os Planossss,” ele gritou, usando magias de fogo que atirava em mim. Eu aproveitei minhas próprias energias mágicas para contra atacar.

“As chamasss irão consumi-lo.” Ele rosnava, e seu rosnado tinha o som das chamas queimando. Mas minhas magias devolviam-nas de volta, até que ele não podia mais fugir ou se afastar.

“Os céus serão só fogossss, e toda a vida será como tocha.” Ele sussurrou, logo depois da minha magia tê-lo derrubado no chão, e exterminou o ultimo fogo que flutuava sobre ele.Me apressei para a forma enrugada de Ignus. Ele estava morrendo, já quase morto. Eu ajoelhei, e apanhei seu corpo em meus braços. Ele disse, tão baixo que tive que abaixar minha cabeça perto dele para que pudesse ouvi-lo.

“Perdoe-me Mestre. Eu traí seus ensinamentos.” Eu tinha que aceitar que muitos personagens atormentados do meu passado eu nunca poderia ajudar; de fato quase todos eram como Ignus, escritos no livro da morte e além do meu alcance para levar bem ou mal.Eu gentilmente coloquei seu corpo no chão novamente.

Agora que eu tinha a chance de examinar o quarto, percebi que as estatuas eram minhas. Examinei cada uma delas, imaginando porque estavam aqui.Quando o fiz, notei uma pedra peculiar escondida atrás de uma delas. A pedra negra estava coberta de pó, como se estivesse lá há anos- parecia que um pedaço de

uma das estatuas havia sido arrancado dela. Um rendilhado de estranhas runas e marcas cobriam a superfície da pedra.

Senti estranhamente familiar de alguma forma.Quando toquei a pedra, uma boca apareceu ao lado, e começou a falar, na minha voz; ela ecoou, como se falasse de dentro de uma grande câmara.

“Dak’kon, Morte,Xachariah, Deionarra- é isso.Eu havia colocado um encantamento de mensagens menor nessa pedra; ouça-a por completo, então faça o que digo.” A Voz tomou fôlego, ela aprecia irritada.

“Eu não sei como nos separamos, mas acho que o portal que nos trouxe aqui nos dividiu. É apenas um pequeno contratempo- quando você encontrar essa pedra, fique com ela até que eu possa me juntar a você. Baseado em minhas adivinhações, essa Fortaleza tem o tamanho de varias cidades- quanto menos você se mover por ai, vai ser mais fácil para mim encontra-lo.” A voz tomou outro fôlego, então ficou imparcial, como se examinasse algo e falasse sobre aquilo.

“Lutei até chegar na primeira das câmaras, esse lugar é cheio de sombras, muitas para continuar lutando,se encontrar alguma, corra antes que elas o cerquem; elas são muito mais resistentes que as outras sombras que encontramos antes; eu acho que as energias do Plano as alimentam de alguma forma,tornando-as mais fortes.” A voz tomou fôlego de novo.

“Haviam uma série de relíquias da guerra na câmara que me transportava de lugar para lugar; eu consegui atraí-las para outra maquina, então trocar enquanto elas se reuniam aonde eu estava. Ela me ganhou algum tempo, tempo suficiente para escapar: Depois de ter esbarrado em 4 relíquias , um portal abriu. “ A voz pausou, como se algo tivesse acontecido com quem falava.

“Parece-me agora que o sepulcro pelo qual eu vim poderia ser algum tipo estranho de portaria- as relíquias pareciam sela-las tanto de dentro quanto fora da Fortaleza.Seja quem for que construiu essa Fortaleza, ele gosta de manter as sombras em guarda para não deixa-las soltas;as sombras não tem quaisquer substância, então elas não serão capazes de usar a maquina para escapar do sepulcro. Hummm. Terei que pensar mais sobre isso....”

“Não importa- estou num quarto com um grande cristal nele, e vou examina-lo mais de perto antes de seguir em frente.” A voz pausou, como se quem falava estivesse procurando ao redor. “Existem 5 estátuas no quarto, e elas parecem comigo- e elas parecem velhas também, como se estivessem aqui por muito tempo.”

“Quanto ao cristal... não parece que ele pertencia a Fortaleza, e seu tamanho e forma me lembravam de algo que havia lido nas escrituras, algum tipo de prisão dimensional que segmentava a alma. Eu não acho que é uma coincidência que o portal do sepulcro principal tenha me trazido aqui: eu acho que é uma armadilha do cristal, então não toque nele até que nos reunamos novamente- Eu falo sério Morte.”

“Vou tentar encontra-los agora. Se encontrar essa pedra escrita, não SAIA desse lugar,ou poderei nunca encontra-lo. Eu deixei alguns suprimentos para você na base de uma das estatuas.Não os desperdice- não sei quanto tempo levará para encontrarmos nosso inimigo e sair daqui, e nós podemos precisar desses suprimentos mais tarde. Verei todos vocês em breve.”

Eu examinei o quarto adiante. Se fosse uma armadilha, ela tinha sido melhorada desde a ultima vez que uma encarnação minha esteve aqui., pois não encontrei saída, ou qualquer meio de ativar o portal. Aquilo deixava o cristal no meio do quarto.

O enorme cristal irradiava uma luz espectral pulsante, enquanto pairava sobre a cratera no meio de quarto. O ritmo de seus pulsos me lembravam de uma batida de coração, mas lento e doentio. A luz do cristal tocava as extremidades do quarto como dedos, cada raio de luz emanava um brilho nas faces arruinadas das estatuas que o cercava. Eu cheguei até o cristal.

Houve um momento de tontura quando toquei no cristal; então um frio lento passou pelo meu corpo, e eu descobri que meus músculos haviam travado, minha mão congelou na superfície do cristal. Houve um momento de silêncio, então dores afiadas dividiram-se através do meu corpo como fraturas- senti que toda minha essência havia se tornado gelo, e então quebrasse.

LABIRINTO DAS REFLEXÕES

Acordei numa tábua, em um quarto esférico irregular. O quarto era feito de uma substancia acinzentada metalizada, com filamentos avermelhados, roxos e azuis atados pelas paredes.

Eu me levantei sobre a mesa. Havia 3 figuras no quarto, que eu reconheci, já que eles eram eu.

A figura a minha direita me lembrava eu, mas ele se mantinha mais como uma força do que como um homem. Eu já havia visto ela na pedra sensorial que Deionarra havia deixado para mim. Eu havia o nomeado para mim mesmo como a encarnação prática.

A semelhança estava lá no rosto diretamente na minha frente, mas era difícil de ver. Suas costas eram debruçadas, como se tivesse um medo constante de ser atingido. Ele me observava atento, e ele assobiava enquanto eu olhava para ele, suas mãos se apertando, como se estivessem com vontade de me estrangular. Seus braços eram horivelmente deformados e cheios de cicatrizes, como se tivessem sido enterrados num tonel de ácido- e seu braço esquerdo parecia ser segurado apenas por um triz, literalmente. Eu havia visto essa encarnação antes, em uma pedra sensorial armada deixada para mim, ou como ele via as outras encarnações, um “ladrão de corpo”. Eu o havia apelidado de a encarnação paranoica.

O homem a minha esquerda lembrava eu, mas seu rosto parecia... mais calmo de alguma forma. Ele deu um leve sorriso quando notou a direção do meu olhar, e ele acenou, como se aprovasse. Eu não acho que essa encarnação era familiar, mas baseado em seus modos eu decidi lhe chamar de a “boa” encarnação.

“Ele despertou,” disse a boa encarnação.

“FINALMENTE.” A encarnação pratica exclamou, “ eu achei que iria morrer de novo esperando que ele se erguesse.” A encarnação paranoica olhou para todos os 3 antes de se pronunciar.

“Talvez... talvez você AINDA VÁ morrer. NUNCA esqueça que EU OS OBSERVO seus LADRÕES, seus ASSASSINOS- TODOS ASSASSINOS, todos vocês 3...”

“Tome cuidado ao falar comigo,” respondeu a encarnação prática esquentado, “ seu demente acabado. Ele foi capaz de chegar até aqui com todas aquelas armadilhas que VOCÊ espalhou pelos Planos. Eu juro, se pudesse ter cruzados os anos para tira-lo dessa MISÉRIA, eu iri-“ A boa encarnação o cortou.

“Vocês dois, quietos! Vamos ter certeza que ele esta bem e guardar os argumentos para mais tarde.”

“Qu...quem são todos vocês?” Perguntei. Meus lábios não estavam em sintonia com meus pensamentos, já que eu reconhecia 2 das encarnações perante mim.

“Que diabos, ele perdeu suas memórias! Maldição! Ele é inútil para nós agora!” A Encarnação prática havia se irritado com minhas palavras. Como sempre sua primeira ideia era o quão útil os outros podiam ser usados como objetos.

“Acalme-se. Ele esta apenas desorientado, como todos nós. De a ele um momento para que ele possa se recompor.” A encarnação boa calmamente respondeu.

“Vocês são todos LADRÕES... usando meu CORPO... MEU CORPO, e você irá DEVOLVÊ-LO!” A encarnação paranoica abertamente olhava para nós 3. A encarnação pratica voltou-se para ele, descarregando sua fúria nele.

“Estou no limite da minha paciência com seus gritos! Cale-se , ou-“ Mais uma vez, a encarnação boa entendeu como um pacificador.

“Essa discussão não nos beneficia em nada! Dê a ele seu espaço, deixe-o em paz.” A encarnação prática virou para ele, indisposto a abrir mão do controle da situação.

“O tempo já não está mais a nosso favor. Eu não ficarei aqui e desperdiçar mais tempo enquanto nosso inimigo esta sem duvida nos caçando. Nós temos esperado muito tempo para que ele se erguesse- eu irei falar com ele AGORA.”

A encarnação prática virou-se para mim. Seus olhos me observavam cuidadosamente, enquanto eu o estudava, eu senti que ele fazia o mesmo. Ele falou.

“Então....chegamos a isso.”

“Quem é você?”

“Eu não entregarei meu nome para você ou para qualquer outro homem.” A voz dele era áspera, como a minha, e soava estranho no meu ouvido. “Enquanto a “quem eu sou”, você deveria estar se perguntando isso- você é uma das MINHAS encarnações. Você chegou até aqui, com as provas que deixei para guia-lo.”

“Nós- nós somos encarnações separadas? Como isso é possível?”

A encarnação ficou calada por um instante, sua expressão tornou-se de desprezo.

“Se tem uma coisa que eu ODEIO em você, são suas incontáveis perguntas- suas tentativas desesperadas para os meios e respostas.” A voz dele era como um cutelo, e a raiva reluzia em seu semblante. “A hora de questionamentos acabou. Agora, você ira me ESCUTAR. Eu fui o primeiro a penetrar na Fortaleza, e seja lá o que for que nos aguarda aqui foi de alguma maneira capaz de me derrotar. Ele não o fará uma segunda vez.”

“Quem são os outros?”

“Outras encarnações- reflexos de nós mesmos. Eu farei com que se fundam a mim depois de lidar com você.” Ele olhou para a encarnação abaixada, que estava gritando quando cheguei. “ Ou matá-las se recusarem;não importa.Elas não são necessárias.”

“Você...me parece que você pretende lutar contra seja lá o que nos espera lá fora.” O homem deu um olhar estranho, então me estudou.

“Mas é claro. Essa é a única razão pela qual estamos conversando agora. Precisarei que você seja a couraça- mas sua mente deve ser a MINHA mente.Você me entende?”

“Você quer dizer que pretende me possuir?”

“Sim.”Ele olhou ao redor das paredes cheias de espinhos, então voltou seu olhar para mim. “Não podemos deixar esse lugar estando aos pedaços divididos. Apenas um deve sair.”

“Como nós nos tornaremos um?”

“Você deve render sua vontade a mim- seu conhecimento e habilidades: o pouco que você conseguiu acumular na sua vida pode ser útil.” Ele me examinou de novo. “No final das contas será apenas uma facção do meu poder, mas pode ter sua utilidade.”

“Porque você não se funde comigo?”

“Com você?” Ele deu uma risada breve. Quase uma tosse. “Porque eu não ganho nada com isso.Você viveu apenas uma facção do que eu vivi. Eu não irei assegurar minha vontade a um *neófito como você. * (recém nascido).”

“Ainda assim você chegou aqui antes.... e foi derrotado.”

O homem franziu a testa. “ Eu fui pego desprevenido. E não antecipei que meus companheiros se separariam de mim na chegada... o que houve depois disso... é confuso.”

“Então mesmo se eu render minha vontade a você, nós ainda podemos falhar?”

“Improvável. Eu sou o único que possui o conhecimento necessário para obter sucesso- esse momento é o resultado de séculos de planejamento.Muitos morreram e sofreram para que nós estivéssemos aqui...o sacrifício deles não deve ser em vão.” A ultima sentença me irritou- ela foi dita como um discurso, e não havia qualquer paixão por trás daquelas palavras.

“ Foi você quem salvou Dak’kon em Shra’kt’lor.Aquele que aprisionou Vhailor. E aquele que levou Deionarra a sua morte.” Os olhos do homem estreitaram.

“E se foi?Tudo que foi feito teve um propósito.”

Você deu a Dak’kon o circulo interrupto de Zerthimon.Porque?”

“O circulo interrupto?Aquela coleção de mentiras?Sim, levou uma semana de trabalho para forjar aquilo- era necessário fazê-la para que ele parasse de duvidar de si mesmo.”

“Você FORJOU o Ciclo?Mas você disse a ele-“

“Talvez ele carregue alguma verdade- eu não sei. Eu sei que eram escritas entediantes, mas as palavras eram suficientes para lhe trazerem fé.” Ele deve ter tomado o olhar de espanto no rosto de perplexidade sobre o porquê de ele salvou Dak'kon.

“Sua ignorância me espanta.” Ele parecia incrédulo. “Será que você não sabe o que ele carrega consigo? Aquela espada que ele carrega é formada pelos seus PENSAMENTOS.Tal objeto, quando usado apropriadamente,poderia assassinar o próprio Multiverso...”O homem parecia perdido no pensamento,então seu rosto zombou de desgosto. “Apesar de que obviamente, o gith se separou quando chegou na Fortaleza, e fui incapaz de usar sua espada.” O homem fez uma careta.

“Infelizmente.”

“Foi você que ensinou Ignus a Arte?”

“Ignus?” O homem me olhou e depois franziu a testa. “ Isso é um nome?De quem diabos você esta falando?”Claro, eu percebera. Essa encarnação havia “morrido” mais de cinquenta anos atrás. Ignus havia aprendido muito mais recentemente que isso.Eu não devia ter me recuperado por completo da armadilha que me dividiu e me trouxe aqui.

“ Qual foi o propósito de aprisionar Vhailor?”

O homem balançou a cabeça, como se exausto. “Vhailor estava se tornando....cansativo.” Ele de um sorriso inexpressivo. “Aqueles justiceiros irão caça-lo através dos Planos em busca de “justiça”- e Vhailor era particularmente um cão persistente.” A voz dele baixou levemente. “E ele estava perto demais da justiça para o meu gosto.”

“Porque ele estava nos caçando?”

“Oh,alguma das incontáveis razoes,algumas que estão comigo- e outras, que se encontram nas mãos de **outras** encarnações.” Ele deu uma olhada para a encarnação paranoica. “Houveram muitas vidas que foram enegrecidas pelas encarnações com a mente danificada. Alguns de nós criamos...problemas.Eu acredito nas soluções.”

“Ele era uma ameaça?”

“Oh, sim- caso contrário eu teria apenas o matado.” Ele acenou. “Existe algum elo entre ele e a própria justiça, e isso lhe da poder até sobre imortais como nós.” O homem deu um leve sorriso. “ Especialmente se nossa injustiça é grande...e as nossas são as da mais negra espécie.”

“Porque Deionarra teve que morrer?”

“Deionarra?Aquela garota tinha um pouco de senso dos Planos, e era para isso que precisava dela.Veja, os Dustman estão certos- algumas vezes quando você sente muita paixão, você se agarra com muita força a vida para deixa-la ir. E nem Deionarra deixou- como esperava que fizesse.” A encarnação paranoica interrompeu com esses dizeres.

“Aquela MULHER- aquele FANTASMA!” Os olhos do homem abaixado vivaram pura fúria, e ele cuspiu as palavras. “Ela me ATORMENTOU por anos, me seguindo,me odiando, e foi VOCÊ QUE A MATOU?”

A encarnação mal olhava para o escandaloso, e meramente desdenhou.

“VOCÊ me culpar por qualquer coisa é cômico.” El virou para mim. “Não foi por maldade- apesar dela ter se tornado chata.É que assim que cheguei na Fortaleza eu não pretendia ficar. Eu apenas queria entrar,sacrifica-la, e sair fora.”

“Porque você fez algo tão terrível?” A boa encarnação perguntou suavemente, parecia sofrer,mas podia ter sido a minha voz, com a mesma dor.

“Eu precisava que alguém fosse meus olhos no Plano Material Negativo,para servir com escolta e encontrar quem era meu assassino.Apenas os mortos podem sobreviver aqui muito tempo- então ela teve que ser sacrificada para poder se tornar algo mais do que ela era. Um negócio arriscado, mas funcionou- ela te ajudou , não foi?”

“Você não precisava ter matado ela.”

Ele me olhou em silêncio por um momento, então sua zombaria retornou. “E é por isso que você será derrotado se enfrentar nosso assassino.Porque você é FRACO.E você não verá que algumas coisas são NECESSÁRIAS.”

“Você OUSA me chamar de FRACO?” Você orquestrou todos esses “grandes” planos para derrotar um inimigo invisível, e do mesmo jeito levou uma surra, e uma pobre garota foi assassinada por causa disso. Talvez se tivesse feito seu trabalho da primeira vez que estive aqui, isso nem sequer seria um problema!”

“Você OUSA me ensinar?!Mulheres sempre trilharam os nossos caminhos- seja Deionarra, ou Ravel ou qualquer outra, e elas sofreram, e sempre foi uma escolha DELAS. Deionarra teria morrido por mim se eu a pedisse isso.Não houve CRIME algum.” Eu queria gritar mais com ele, mas não fazia sentido algum.Eu estava olhando para o fantasma dessa encarnação; suas obras estavam feitas, no passado, imutáveis.

“Diga-me sobre Xachariah.”

“O arqueiro?Bom, o velho bêbado Xachariah podia ver coisas com seus “olhos” que eu não podia- e podia atingi-las com suas flechas também.”

“E?”

“Bom, eu estava entrando nessa Fortaleza cego de algum modo- e eu não sabia quem era meu assassino, então precisava de alguém que pudesse ver coisas que eu não podia no caso do inimigo estivesse longe do meu campo de visão.” Ele bufou. “Xachariah acabou morrendo muito rápido entretanto, então no final das contas ele não teve muita utilidade.”

“Você construiu aquela tumba embaixo de Sigil não foi? Aquela com armadilhas?”

“Eu tinha quase esquecido-sim, que desperdício foi aquele.” A encarnação parecia irritada. “Obviamente, AQUILO não funcionou. E custou muito sangue e dinheiro também.”

“Inútil!” A encarnação paranoica caiu na gargalhada desigual, mas era mais alegre do que louco. “Foi FÁCIL passar por aquela brincadeira de criança. Eu a encontrei... a MUDEI. Para torna-las mais DIFÍCEIS. Mudei as ESCRITAS.” A encarnação pratica lhe deu um mal olhado; ele parecia que ele mal se aguentava para atacar um ao outro.

“Contudo você irá RESPONDER outra coisa...” Ele virou-se para mim. “Apesar de achar que não importava. Foi logo depois da falha na armadilha da tumba que eu decidi levar a batalha ao nosso inimigo ao invés de esperar ele se mostrar.”

“Foi você quem tirou Morte do Pilar dos Crânios?”

“Morte ainda esta VIVO?” A encarnação avaliou um momento com descrença,então começou a rir. “Há!Não se podia confiar mais naquele crânio tagarela então eu o tirei de lá- dizendo que ele tinha informação quando ele não tinha, então eu tive que passar pelo tormento de tira-lo de lá, então ele FINGIU SER IGNORANTE quando estava fora dele.”

“Fingiu ignorância?”

“Ah sim.” Ele silenciou. “Uma vez mentiroso,sempre um mentiroso.Apesar de que é preciso uma mente mais forte que a do crânio para me fazer rir.”

“Você foi o responsável pelas tatuagens nas minhas costas? As que eu li quando acordei no Mortuário.”

“As direções? Ele acenou, irritado. “É CLARO que fui o responsável- eu sabia que havia uma CHANCE de eu falhar aqui e perder minhas memórias.Eu queria que as futuras encarnações desfrutassem de algum...guiamento.Então eu coloquei as direções nas minhas costas,coisas como- JORNAIS...” Ele rosnou, como se estivesse irritado consigo mesmo. “Tendo a me perder tão facilmente.”

“As direções eram meio vagas entretanto....”

“Você é um idiota? A encarnação parecia irritado. “As direções TINHAM que ser vagas- eu não podia DESENHAR o que exatamente estava havendo conosco, então eu deixei um sinalizador. O que você acha que aconteceria se um Dustman as lesse? Ou pior, alguém mais idiota? Quão RÁPIDO você acha que seria ate que fossemos enterrados vivos ou cremados?”

“Foi você que pediu a Pharod que pegasse a esfera de bronze nas catacumbas?”

“Pharod?” A encarnação pensou um momento. “Ah sim- o rei do lixo com toda sua “dureza” que achei que seria uma presa fácil...” Ele sorriu levemente, como se tivesse uma memória agradável. “Depois de um pequeno derramamento e sangue, eu fiz uma barganha com ele- ele iria se assegurar de que se seus homens me vissem, eles me levariam a salvo para o Mortuário- e , é claro, eu precisava das mãos e olhos desse homem para que pudesse limpar as catacumbas abaixo de Sigil para mim.”

“Uma esfera feita de bronze.Feia.Parece um ovo ao toque, e tem cheiro de creme podre.Certo?”

“Sim. Eu disse a Pharod que era a única coisa que podia lhe salvar daquela vida miserável... que pequeno trapaceiro ele era.” A encarnação sorriu pra mim. “Veja, o velho bastardo estava destinado a acabar no Pilar dos Crânios quando ele morreu,

E ele estava desesperadamente tentando escapar de lá. Então eu lhe disse que havia um item embaixo de Sigil que poderia “salvá-lo” de sua, se ele pudesse encontra-la.”

“Mas ela não IRIA salvá-lo- era apenas algo que você queria que ele encontrasse.”

“É CLARO que era inútil para ele. Não se pode escapar do destino tão facilmente.” Ele olhou para mim irritado. “Entretanto, nada motiva um homem mais rápido do que dizer a ele que o que ele procura irá salvar sua alma de danação eterna. Eu pretendia pegá-la dele quando ele encontrasse. É que procurar por ela eu mesmo iria apenas tomar... muito tempo.” Ele sorriu de novo. “E porque o faria, se podia ter alguém o fazendo para mim?”

“Na verdade, ele pretendia ME enganar ao fazer-me procura-la para ela. Porque ela era tão importante?”

“Importante? Você não sabe?” A encarnação fez silêncio um momento. “Você a tem aí com você?”

“Sim, tenho. Eu a trouxe comigo.”

“Você TEM ela?!” Os olhos da encarnação brilharam. “Então sua vida tem alguma utilidade no final das contas!” Eu olhava seus olhos flamejarem, como se pensasse, calculando. “Quando nos fundirmos, eu irei procurar um meio de destranca-la. Talvez nem tudo esteja perdido...”

“O que é essa esfera? Porque ela é importante?”

“Era uma pedra sensorial morta.” A encarnação olhava através de mim, como se visse algo distante. “Você sabe o que ela continha?” Ele sorriu pesarosamente. “Ela continha a última experiência do PRIMEIRO de nós. Quando éramos um único homem, e não uma rede de encarnações.” Sua voz baixou. “Se já houve um meio de desbloqueá-la, eu teria sido capaz de vê-lo dentro da MENTE dele...”

“E ver porque tudo isso aconteceu?”

“Sim...” O rosto dele tornou-se sombrio. “É a resposta que sempre busquei. Porque isso aconteceu. Porque nos tornamos imortais.” Ele suspirou. “E eu temo que nunca irei saber.” A boa encarnação interrompeu.

“Talvez não haja respostas para tal coisa. Talvez nunca tenha existido.”

“Eu não negocio em reinos de dúvidas e incertezas.” A encarnação pratica zombou. “Eu procuro respostas. É o que nos permitiu chegar tão longe.” Ele olhou para a boa encarnação com desprezo. “Se tivéssemos que deixar a vida nas SUAS MÃOS, não teríamos nem uma fração da verdade que temos agora. E nessa verdade, está o PODER.” Ele virou para mim. “Você irá perceber quando nos unirmos.”

Eu me afastei dele, para falar com a “boa” encarnação. Um olhar de preocupação estava em seu rosto, e ele falou antes que eu o fizesse.

“Você está bem?” Eu acenei para agradecer pela preocupação, mas fiz uma pergunta também.

“Quem é você?”

“Nós já SEQUER tivemos um nome? Ou foi apenas o primeiro de nós?” O homem gargalhou levemente. “Saiba que sou seu aliado nisso- Eu, como os outros, morreram a morte na sua mente, e essa imaginação é tudo o que restou.”

“Mas quem é você?”

“Ah...” Seu sorriso cessou, e ele me olhou com preocupação. “Isso deve ser desconcertante para você. Deixe-me tentar explicar- eu sou uma das suas encarnações. Eu estava perdido, agora estou aqui novamente.”

“Como isso é possível?”

“Eu- não sei.Seja lá o que você tocou na Fortaleza trouxe pedaços de você para a superfície.” Ele pausou por um momento, pensando. “um dos outros pode saber a maneira como isso aconteceu- mas isso vai além de mim.”

“Se você é parte de mim, existem coisas que devo saber.”

“Diga.”

“Eu havia tido incontáveis vidas. Porque apenas essas três encarnações estavam aqui?”

“Eu não sei.Talvez nós sejamos as três partes que de alguma forma continuaram presentes na sua mente.”

“Presente?Como?”

“Eu não sei bem ao certo, mas eu acho que quando você morre, traços da sua antiga personalidade continuam na sua mente- e sei que as vezes você pode ter nos sentido presentes.”

“Como?”

“Quando você esta prestes a se colocar em perigo,ou estivesse prestes a conseguir algo,por exemplo, percebi que podia agitar, ajuda-lo a seguir o caminho certo.”

“Então VOCÊ era aquela sensação horripilante que eu ficava sentindo na minha espinha?”

“Seria muito difícil dizer como você se sentia,mas é possível, sim.”

“Eu vim para essa Fortaleza com aliados...mas eles se separaram de mim.”

“Então eu temo que eles já estejam mortos”. O homem parecia pesaroso. “ Esse lugar carrega um ódio contra os vivos.”

“Você sabe porque eu queria ser imortal?”

“Não, não sei.Acho que foi devido ao medo.Talvez algum dos outros saiba, mas eu não.”

“O que te faz pensar que foi por medo?”

O homem sorriu levemente, mas não havia humor algum ali; se havia algo, era um sorriso triste. “Que homem quer morrer?” Ele balançou a cabeça lentamente. “Mas apenas o primeiro de nós sabe a razão que nos levou a esse estado.”

Considereei pedir que ele se unisse a mim novamente, mas hesitei.Ele era meu único aliado aqui; seria melhor tentar os outros primeiro.

Voltei-me para a encarnação paranoica, perguntando quem ele era.

“SAIBA que você NÃO durará muito tempo nesse lugar, LADRÃO”! A saliva voou de sua boca, e seu rosto assumiu um sorriso sombrio. “LABIRINTOS , ARREPENDIMENTOS E MORTE é tudo o que existe AQUI...” A encarnação pratica olhou para a encarnação paranoica, então virou-se para mim, com um deboche em seu rosto.

“Você perde seu tempo falando com esse aí. Seus pensamentos são todos de ódio e nada mais. Para de perder tempo- Existe muito que eu e você devemos discutir.”

“LADRÃO!” As mãos da encarnação paranoica torciam, como se estrangulassem uma a outra. “Eu vou sentir os ossos do seu pescoço quebrarem entre meus dedos...e tomar meu CORPO de volta...” Ele virou para mim. “Você veste meu corpo como um MANTO, e tenho VERGONHA de você...”

“Eu não sou um ladrão. Não roubei NADA de você.” Respondi.

“VOCÊ ROUBOU TUDO! ACORDEI NAS RUAS DE UMA CIDADE CIRCULAR, E TODOS ME CONHECIAM!” Ele tomou um áspero suspiro. “Tudo o que você fez, e tudo que você feriu- eles estavam me esperando, me culpando, me machucando, e eu não podia ENCARAR mais as vozes...” Seus dedos apreendiam o ar. “E tive que SILENCIA-LAS.”

“O que você sabe sobre as outras encarnações?” Perguntei.

“LADRÕES. São todos LADRÕES- todos eles. E LADRÕES irão MORRER.”

“Não me AMEAÇE, seu tolo.” Respondeu a encarnação prática, “Eu te aviso. Se alguém é o ladrão, é você- você procurou roubar nossas chances de resolver esse assunto ao sabotar todo meu trabalho!”

“Você é um LADRÃO! Você roubou meu corpo e minha vida!” Isso não ia chegar a lugar algum. Decidi perguntar sobre as obras que eu achava que ele tinha feito, para confirmar minhas suspeitas.

“A Armadilha da Pedra sensorial- foi você quem a deixou para mim não foi?”

“Sim...” Ele sorriu, baixo e malefício. “Armadilha simples. Uma para alguém que não pode morrer- uma armadilha da MENTE.”

“Você é a encarnação que a Dama aprisionou não foi? Achei seu jornal no labirinto dela.”

“Saída simples, armadilha simples, sai facilmente de seu labirinto. Eu podia tê-la feito mais difícil, mais mortal.” Ele sorriu. “Ela não sabia nada sobre o que podia ME aprisionar.”

“Você é o culpado por matar o linguista, não é?”

“Lá...” Ele pareceu confuso por um momento. “Houveram MUITOS que eu matei. Houveram muitos que precisei calar.” Senti pena dele por um instante, e também vi um jeito de evitar sua paranoia. Eu iria falar com ele na língua de Uyo; ele havia matado Fin para ter certeza que não houvesse outros faladores vivos.

Linguagem de Uyo: (Vamos falar em particular, apenas eu e você.)

Enquanto eu falava a linguagem de Uyo, os olhos daquela encarnação arregalaram, e ele olhava para mim. Depois de um momento de silêncio, ele respondeu na mesma linguagem.

(Apenas eu conheço a Linguagem de Uyo. Como você a conhece?)

(Você está certo; você é o único que a conhece. Então se eu a conheço, devo ser você) Ele se calou, olhando para mim.

(São os OUTROS que não são você, pois eles não conhecem a Linguagem de Uyo.) Ele acenou...devagar.

(Estou te ouvindo)

(Esse lugar confunde os sentidos- ambos somos você, e agora devemos nos tornar um só. Ele pareceu assustado.

“Eu...” Para minha surpresa, ele voltou a falar normalmente...e todas as aflições de sua voz haviam sumido. Era calma, uniforme, muito parecida com a minha. “Eu...não quero mais viver assim.”

(Você não precisa mais. Você sofreu muito. Você nasceu em um mundo onde nada faz sentido, onde estranhos clamavam conhecê-lo, eles o culpavam por coisas que você não sabia, e eles tentaram machucá-lo... Toda a dor e tormento da sua existência; eu os afastarei.)

Ele me olhou- e eu olhava enquanto a encarnação perdia seu brilho louco, e seus olhos tornavam-se como os meus.

“Sim...”

(Eu irei protegê-lo.Você conhecerá paz.Pois isso é tudo o que você sempre quis certo?)

A encarnação relaxou com minhas palavras, seus olhos escureciam enquanto ele me olhava. Houve o mais fraco dos sussurros, e ele caiu nas pedras negras- com sua queda, eu senti uma sensação horripilante na minha espinha...

E houve uma inundação de memórias, e força,e emoções, e – eu me estabilizei, atordoado por um instante, então minha visão ficou mais clara, e eu era eu mesmo mais uma vez.

Voltei-me para a encarnação prática.Ele me fixava com um olhar petrificante.Parecia que ele me olhava procurando por uma fraqueza. Eu lhe dei uma simples declaração verdadeira.

“Pretendo me fundir a você”

“Que seja então.” Seus olhos ficaram cinzentos como uma névoa, como se antecipassem algo. “Veremos o que sua mente tem guardado...” Tenho certeza que ele havia sentido que eu reconhecia minha própria fraqueza, e me rendido.Mas eu havia encontrado minhas forças nos caminhos que ele havia debochado.Além do mais,essas outras encarnações haviam tido suas chances; era eu quem devia confrontar o guardião dessa Fortaleza.

Eu troquei olhares com ele...seus olhos eram como pedras, e eles começaram a me arrastar para baixo...mas então comecei a resistir a ele.

Enquanto eu percorria os corredores de sua mente, a primeira emoção que encontrei foi surpresa- e seus olhos arregalaram. Ele não estava me absorvendo; minha vontade era mais forte, e estava CONSUMINDO ele. Eu senti ele desesperadamente tentando sair, mas ele não podia- ele era mais fraco, e minha vontade bloqueou sua retirada enquanto o afogava mais fundo no meu sub consciente.

“Essa é a ultima vez que nos falaremos.Volte para sua morte, aonde você PERTENCE.” Ele parecia incrédulo no primeiro momento, então ele desintegrou, e eu senti um percorrer de conhecimento sobre mim,tentando emergir...era excessivo para se absorver de uma só vez, e me senti desorientado. Tanto conhecimento- tantas experiências, aquilo-

...e tão rápido quanto ocorreu, essa agitação cessou, e eu me estabilizei. As frações de conhecimento giravam em minha mente, e eu teria que dar sentido a elas mais tarde. Por hora, apenas uma parte do conhecimento era importante- que a encarnação NÃO sabia como deixar esse lugar.

“Droga...” murmurei. Não havia mais traço algum de outra encarnação das outras 2 encarnações que eu havia absorvido no quarto. Eu me virei para a que restava, mas hesitei. Quase tudo que eu havia aprendido sobre minhas vidas passadas envolviam sofrimento, e tormento. E desejava falar com essa encarnação, para aprender coisas agradáveis que havia feito. Mais que isso, eu sentia que essa encarnação era um amigo, e eu ansiava por derramar meus pensamentos e medos para ele. Mas meus amigos sem dúvida precisavam de mim, e diante de mim estava apenas um eco de uma vida passada, um eco que precisa reter comigo se quisesse escapar dessa armadilha.

Ele sorriu quando notou que estava quieto com meus pensamentos, e disse, sua voz carregava um fraco eco. “Sim?”

“Antes você disse que quando morremos, traços são deixados na nossa mente. Isso fez com que nos fundíssemos. Certo?” Eu continuei antes que ele pudesse responder. “Então, é possível que o primeiro de nós- o verdadeiro EU, antes de todas as encarnações, ainda esteja enterrado em algum lugar da minha mente.”

A expressão no rosto da encarnação pestanejou por um instante, mas era como uma janela, e subitamente percebeu com quem eu falava.

“VOCÊ foi o primeiro de nós.” Os olhos da encarnação tomaram um olhar assombrado, como se seu olhar se afastasse do meu.

“Eu sei o que você está pensando- mas esse não é o caso. Você acha que se conhecer a mente do primeiro de nós isso irá ajudá-lo aqui, nesse lugar. Mas não irá.”

“Mas porque- eu tenho tantas perguntas que VOCÊ pode responder. Porque nós nos tornamos imortais? Porque?”

“Porque se morrermos, de VERDADE...” A encarnação olhou para mim, e seus olhos eram frios como aço. “O Reino da Morte NÃO será um paraíso, não pra nós. Se você falou com os outros que estavam aqui, saiba que uma fração do mal das vidas deles não passa de uma gota de água comparada ao mal que a minha fez. Aquela vida, a primeira vida, mesmo **sem** as milhares das outras, já tem seu lugar nos Planos baixos para eternidade.”

“Mas você parece tão... calmo. Muito bem controlado.”

“Eu me tornei assim, sim. Porque pra mim...” Sua voz assumiu um estranho eco. “É o arrependimento que pode mudar a natureza do homem.” Ele suspirou. “Mas já era tarde demais. Eu já estava condenado. Descobri que mudar minha natureza não era suficiente. Eu precisava de mais tempo, e precisava de mais vida. Então fui até a maior das irmãs cinzentas e lhe pedi uma dádiva- para me ajudar a viver tempo suficiente para que pudesse reparar todo o dano que eu havia causado. Para me tornar imortal.”

“E Ravel o fez. Mas quando ela fez o teste pela primeira vez e o matou, você esqueceu de tudo. TUDO.”

Ele parecia acabado com minhas palavras.

“E os Planos tem morrido desde então. O crime é imenso, e a culpa é minha.”

“Existem tantas perguntas que tenho para você- quem é você, como era sua VIDA? Quem-” A encarnação balançou a cabeça, me cortando.

“Quando eu deixar de existir, quando me fundir a você, você terá as respostas que procura. Pode levar algum tempo até que elas se organizem, mas elas estarão lá.” Ele sorriu pesarosamente. “É difícil falar sobre uma vida com palavras.”

“Muito bem, então... nós nos tornaremos um. Você esta pronto?” “Mais uma ultima coisa...só isso...” A encarnação pausou um momento, procurando minhas feições. “Antes de voltar ao esquecimento- existe algo que eu gostaria de saber.”

“Eu posso te dar um tempo para isso- o que você deseja saber?” Ele estudou meus olhos, sua expressão era sombria, antes de fazer a pergunta.

“Você VIVEU sua vida- a breve vida que você teve. No final das contas... ela valeu a pena?”

“Parece que ela foi tão...curta. O pouco que experimentei, eu aproveitei, e não quero esquecer.” Apesar da dor, eu nunca abriria mão voluntariamente dos meus companheiros, e outros que conheci, ou até mesmo das ruas de Hive, que possuem alguma certa preciosidade.

Ele assentiu minhas palavras ,e eu pensei ver uma ligeira diminuição da tensão em suas feições, como se minhas palavras tinha aliviado um fardo que ele levava; então ele colapsou, a vida corria pra fora dele , vindo para mim.Assim que ele caiu nas pedras negras, senti uma sensação horripilante na minha espinha, me fazendo tremer, e eu soube que não haviam mais outros.

ESCAPATÓRIA

Eu havia absorvido a “boa” encarnação, mas ela era um eco da minha primeira encarnação, e sem dúvida nem todas as memórias daquela encarnação sobreviveram. Mas eu tinha uma recordação da minha primeira encarnação, o jornal sensorial que havia encontrado para Pharod. Era hora de usa-lo.

Quando segurei a esfera e a examinei, senti as memórias da minha primeira encarnação manifestando-se em mim, mas não era algo insistente ou uma força sem controle- era calma, como os pensamentos de um homem cruzando uma grande distância para falar com um amigo que não via a eras.Assim que senti sua presença em minha mente, vi que a esfera estava com outro brilho- não tão feio, ou hediondo, mas como algo precioso, como um recém nascido- a esfera era uma reposição dos meus últimos momentos, antes de ir falar com Ravel em Cinza Desperdiçado e pedir o impossível a ela.

Eu sabia o que pedi a ela. E sabia que tudo o que precisava fazer era tocar a superfície da esfera com ambas as mãos e SENTIR arrependimento, e a pedra se abriria para mim.

A esfera enrugou na minha mão, a pele da esfera de descamando em lágrimas e tornando-se uma chuva de bronze e me circulando. Cada gota, cada fragmento que entrava em mim, eu sentia uma memória surgindo, um amor perdido, uma dor esquecida, um perda- e com isso, veio a grande pressão do arrependimento, arrependimento das ações impensadas, arrependimento do sofrimento que causei, da guerra que participei, das mortes pelas quais que fui responsável, e senti minha mente começando a se deformar, a pressão- era TANTA, tudo de uma só vez, tanto dano causado aos outros...tanto que uma Fortaleza inteira podia ser construída com tal dor.

E subitamente, através da onda de arrependimentos, eu senti a primeira encarnação novamente. Sua mão, invisível e mais leve, estava sobre meu ombro, e ele me via com um leve sorriso.

“Aquele era meu nome o tempo todo? Mas se eu era-”

A primeira encarnação prendeu os lábios com os dedos, me calando. Ele apontou para o símbolo no meu braço, como se indicasse que fizesse uso dele.

O símbolo- símbolo do Tormento- parecia frágil de alguma maneira, como se mal estivesse sobre minha pele. Inconscientemente, eu o alcancei e o retirei do meu braço. Ele saiu com uma leve resistência, como o arrancar de uma casca. Enquanto segurava o símbolo, eu soube que podia aproveitar seu poder. Segurando-o e invocando seu poder iria trazer toda a dor e sofrimento das minhas encarnações sobre meus inimigos. Ela não me dominava mais.

“Eu não visto mais o símbolo. Isso significa...” Enquanto estava na metade da minha pergunta, percebi que havia um forte silêncio em minha mente- eu não podia mais sentir a presença da primeira encarnação em mim.

Eu havia confrontando 3 encarnações minhas naquele quarto. Seguindo a profecia de Deionarra, eu também havia enfrentado sombras do bem e do mal. Eu precisava apenas enfrentar a sombra da neutralidade, o guardião dessa Fortaleza, para completar minha jornada. Curioso, pensei comigo mesmo, como estes dois exemplos da regra de três tinham dominado a minha viagem.

Eu não sei por quanto tempo eu sentei na mesa no centro da minha prisão, perdido no pensamento, mas quando retomei ciência dos meus arredores novamente eu não estava mais sozinho. Diante de mim estava o fantasma de Deionarra; seu vestido espectral parecia ter sido tecido com uma brisa etérea. Seus olhos pousaram sobre os meus, e senti uma estranha, sensação desarticulada, como se eu estivesse olhando para um monte de pares de olhos de uma só vez.

“Deionarra...?”

“Meu Amor, finalmente eu encontrei VOCÊ... procurei por você depois que você foi dividido pelo cristal- Essa Fortaleza contem centenas de milhas, e temi que você havia se perdido de mim.” Seu olhar fantasmagórico me mediram, procurando por novas feridas no meu corpo. “Você esta bem?”

“Acho que sim- o cristal me dividiu, mas eu sou um novamente. Agora estou preso aqui, para sempre.”

“Eu acredito que aprisiona-lo aqui era o verdadeiro propósito do cristal. Mas ele não impõem barreiras para alguém como eu.” Ela fechou os olhos. “Meus olhos veem muito, e as moradas dessa Fortaleza são bem conhecidas por mim. Se você esta preso aqui, meu Amor, eu procurarei lhe libertar. Aonde você deseja ir?”

“Eu quero falar com você por um momento, e dizer como você morreu...e porque.”Eu finalmente sabia toda a razão dela ter vindo aqui.Eu tinha que contar a ela, mesmo que ao dizer eu perdesse minha única chance de escapar da minha prisão.

“Do que você esta falando?”

“Quando eu te trouxe para essa Fortaleza, a minha intenção era que você morresse aqui. Eu precisava que alguém permanecesse aqui para que eu tivesse um elo com esse lugar. Eu sabia que você me amava tanto, que seu amor superaria a morte e você se tornaria um espírito. E é por isso que você sofre agora.”

O rosto de Deionarra era com uma máscara enquanto eu falava essas palavras.

“Perdoe-me Deionarra.”

“Você me AMA? Se você disser sim, meu Amor,então nada que aconteceu importa.”

“Apesar de não conhecer você inicialmente, eu passe ia te amar. Seu sofrimento tornou-se o meu, e vi que eu farei o que puder para te ajudar.” Essa era a verdade, assim como era verdade que havia me apaixonado tanto por Annah quanto por Fall from Grace.

“Então eu te ajudarei, meu Amor.Diga-me como posso fazê-lo, que eu irei fazer.”

“Estou preso aqui.Pode me ajudar a escapar?”

“Se você esta preso aqui, meu Amor, então irei procurar liberta-lo.Aonde você deseja ir?”

“Quero meu reunir com meus amigos.”

“Como você deseja, meu Amor.” Ela me estendeu sua mão. “Toque a minha mão, e as muralhas dessa Fortaleza não serão mais barreiras.” Eu toquei sua mão, e subitamente as paredes ao meu redor se esfumçaram, e então se foram. Eu estava subitamente em outro lugar, em algum lugar no topo da Fortaleza. Estava sobre as s facas afiadas arranjadas, olhando o nada do Plano Negativo Material. Olhei de volta para Deionarra, mas ela já estava se esvaindo. Fui capaz de ouvir sua voz entretanto, mesmo depois de ter desaparecido da minha vista.

“Eu perdoo o que você fez. Irei esperá-lo nas moradas da Morte, meu Amor.” Era muito provável que eu iria me juntar a ela depois de encontrar o que procurava.

AQUELE QUE TRASCENDE

Fui adiante pelo telhado da Fortaleza, que tinha um formato de cruz. Eu havia aparecido no final de um dos braços. Assim que me aproximei do centro da cruz, subitamente gritei.

“Annah!” Quando me aproximei, vi que os corpos dos meus companheiros estavam ordenadamente deitados sobre o centro da cruz, como troféus macabros.Annah, Fall From Grace, Morte, Dak’kon, Nordom, todos estavam lá. Se meu inimigo procurava enfraquecer minha determinação ele estava

enganado. A única maneira de justificar os sacrifícios de meus companheiros era completar minha missão, ou reavendo minha mortalidade, ou vendo-a destruída.

Subitamente, uma criatura com armadura farpada apareceu diante de mim. Ela falou.

ENTÃO VOCÊ VEIO. MORRERÁ DE NOVO.VOCÊ NÃO É BEM VINDO AQUI, HOMEM QUEBRADO.

“O que você fez com meus amigos?”

ELES ESTÃO MORTOS?SIM. DIFERENTE DE VOCÊ, ELES TEM APENAS UMA VIDA, E AS DESPERCIÇARAM PELO SEU BEM. ELES MORRERAM POR VOCÊ COMO ELES SEMPRE FAZEM. ESSE É O CAMINHO DAS COISAS MORTAIS. ESSE É O DESTINO DE TODOS QUE O SEGUEM, DESPEDAÇADO. VOCÊ ESQUECEU MUITA COISA.

“Porque você fez isso?”

ELES TENTARAM ME FERRIR.**AQUI**, DENTRE TODOS OS LUGARES.EU ME DEFENDI.AO FAZÊ-LO , A MORTALIDADE LHES CHAMOU. SUAS MORTES ESTAVAM EM SUAS MÃOS.

EU LHES DEI A OPORTUNIDADE DE SAIR DESSE LUGAR, MAS ELES PARECIAM DETERMINADOS A AJUDÁ-LO, APESAR DO CUSTO DISSO PARA ELES.

“Então você os MATOU.”

A GAROTA MEIO DEMÔNIO FOI ESPECIALMENTE FERROZ AO DEFENDÊ-LO.OS SENTIMENTOS DELA POR VOCÊ QUEIMAVAM MAIS DO QUE OS FOGOS DOS ELÍSIOS.

E A TANAR’RI...ELA ERA BEM FORTE. SUA TOLERÂNCIA A DOR TERIA ENVERGONHADO OS PRÓPRIOS BAATEZU.

EU NÃO TIVE PRAZER NAS MORTES DELES.

“Então porque o fez?”

NÃO ERA MINHA VONTADE. NÃO FUI EU QUEM OS TROUXE AQUI. TODOS ELES TIVERAM UMA CHANCE. E ELES ESCOLHERAM MORRER POR VOCÊ.

ESSE SEMPRE FOI O CAMINHO DE TODOS QUE O SEGUIRAM. POIS ELES SÃO ALMAS ATORMENTADAS, PROCURANDO LIBERTAÇÃO, MAS ELES NÃO SABEM POR QUÊ.

VOCÊ SE ESQUECEU DISSO. E IRÁ ESQUECER NOVAMENTE.

“Eu sei o que você é- você é minha mortalidade. Sua armadura- é contorcida como galhos de arvores. Tais como as magias de Ravel.”

EU SOU AQUELE QUE FOI SEPARADO DE VOCÊ PELA MAGIA DA BRUXA, LIBERTADO DA PRISÃO DA SUA CARNE.

EU SOU AQUELE QUE CAMINHA COM TODA VIDA. MINHA VOZ É O SOPRO DA MORTE, UM ÚLTIMO SUSPIRRO NA GARGANTA, O SUSSURO DE UM HOMEM MORRENDO.

“Libertado de mim?”

NO MOMENTO QUE FUI SEPARADO DA SUA CARCASSA, EU CONHECI VIDA. CONHECI LIBERDADE.NÃO IREI RENDÊ-LAS A VOCÊ.

“ Não era para termos sido separados. E os Planos tem sofrido por causa da nossa separação.”

VOCÊ **NADA** SABE SOBRE SIGNIFICADO OU SEPARAÇÃO.ANTES QUE SUA MEMÓRIA MORRA OUTRA VEZ, SAIBA QUE NUNCA FOMOS DESTINADOS A SERMOS **UM SÓ**. ESSA SERÁ A ULTIMA VEZ QUE NOS FALAMOS, DESPEDAÇADO.

Eu precisava questionar minha mortalidade, para encontrar suas fraquezas. Eu também, mesmo agora, ainda estava curioso, ainda interessado ao saber mais sobre a criatura diante de mim.

“Então existe algo que eu gostaria de saber, espírito- eu vim muito longe, e existem muitas perguntas que você pode responder.”

EU IREI SATISFAZER VOCÊ PELA ULTIMA VEZ. ENTÃO ESSA FORTALEZA SILENCIARÁ NOVAMENTE. FAÇA SUAS PERGUNTAS. MAS SAIBA QUE NUNCA LEMBRARÁ DAS RESPOSTAS.

“Você fez tudo o que fez para prevenir encontrar comigo cara a cara. Porque?”

VOCÊ ACHA QUE TENHO **MEDO** DE TE ENFRENTAR, DESPEDAÇADO? EU NÃO TEMO VOCÊ.

“Um golem de metal, forjado das armas da guerra me disse isso uma vez: Quando alguém mata a distancia e não quer se mostrar, é por causa da sua fraqueza. É assim que um **covarde** luta.”

MINHAS ENERGIAS SÃO NECESSARIAS PARA MANTER ESSE LUGAR. DESPEDAÇADO, CASO CONTRÁRIO SERIA A **MINHA** MÃO QUE ESTARIA SOBRE SEU PESCOÇO A CADA MORTE. EU NÃO POSSO SAIR DA FORTALEZA POR MUITO TEMPO.

“Contudo, mesmo quando eu já estava dentro das muralhas da Fortaleza, você mandou Ignus para me enfrentar, quando podia ter vindo você mesmo.”

O FEITICEIRO ERA...CONVENIENTE. SUA FÚRIA CONTRA VOCÊ ERA PROFUNDA. EU ACHEI QUE ELE MERECEIA SUA **VINGANÇA** CONTRA VOCÊ. SE OS PLANOS NÃO PUDERAM LHE ENSINAR SOBRE MISERICÓRDIA, TALVEZ A **DOR** PUDESSE FAZÊ-LO.

“Ele queria vingança?Por tê-lo ensinado a arte e por ter feito ele sofrer?”

SIM. COMO A DOR O ENSINOU AQUELA VEZ, ACHEI QUE A DOR PUDESSE ENSINA-LO. MAS O FEITICEIRO ERA MAIS FRACO DO QUE EU PENSAVA, E VOCÊ ESTA AQUI.EM BREVE, HAVERÁ UM FIM DOS NEGÓCIOS ENTRE NÓS, DESPEDAÇADO.

“Então você mandou Ignus para me deter...mas quando ele falhou, você AINDA não me confrontou, mesmo quando você podia- você ao invés disso, colocou o cristal para me aprisionar.”

SIM, O CRISTAL É UMA PRISÃO, TALVEZ UM DAS MAIORES JÁ INVENTADAS. EU A USEI,POIS ME CANSEI DE RASTREÁ-LO PELOS PLANOS, CRIATURA SEM NOME. VOCÊ É....**DIFÍCIL** DE ACHAR.

“Porque sou difícil de achar?”

ASSIM COMO EXISTE PODER NOS NOMES, EXISTE PODER EM **NÃO** TER UM NOME. OS OLHOS DOS PLANOS NÃO LHE DÃO ATENÇÃO- AQUELES COMO VOCÊ- E AQUELES COMO EU.

PREFIRO QUE VOCÊ FIQUE POR PERTO, AONDE POSSA VIGIA-LO. O LUGAR É UM OTIMO LUGAR PARA MANTÊ-LO. EU GOSTARIA DE SABER **COMO** VOCÊ SE LIBERTOU DELE.

“Eu tive ajuda.Da mulher que me trouxe aqui há muito tempo atrás, Deionarra, ela me libertou.”

AH...O ESPÍRITO DESTRUÍDO PELO AMOR. HOUVERAM VEZES QUE A SENTI NAS MORADAS DA FORTALEZA. ELA NÃO IRÁ LIBERTA-LO OUTRA VEZ.NÃO HÁ NADA NO FUNDO DA SUA MENTE QUE NÃO TRAGA UMA CONSEQUÊNCIA, DESPEDAÇADO.

“Exceto que- pelo que o Pillar dos Crânios me disse, existem três que conhecem aonde e como lhe encontrar- um é Trias, um é você e o outro sou eu. Se você matar Trias e eu, não haverá ninguém que saiba quem é você ou como encontrá-lo.”

SIM, O ANJO QUE SE DEFENDE COM MENTIRAS DOURADAS. VOCÊ ME LEVOU ATÉ ELE FINALMENTE. COMO VOCÊ, O TRAIADOR FOI DIFÍCIL DE ENCONTRAR. ELE SOFRERÁ A MORTE FINAL.

“Então você me usou para encontra-lo? Você queria que eu o matasse, não era, então o conhecimento dele morreria- e você então me mataria, para que eu esquecesse como encontra-lo.”

VEJO QUE AS LÂMINAS DO TEMPO NÃO CORROERAM SUA MENTE E SUA RAZÃO. MEU PROPÓSITO SEMPRE FOI : FAZER VOCÊ ESQUECER.

“Mas porque?Porque voc-“

PORQUE EU NUNCA MAIS QUERO SOFRER SUA PRESENÇA,DESPEDAÇADO, VOCÊ É UMA IRRITAÇÃO, UM LEMBRETE DO QUE A VIDA UM DIA FOI, E EU ODEIO TAIS LEMBRANÇAS. QUERO SER DEIXADO EM PAZ NA MINHA FORTALEZA. COMO VOCÊ TEM ESQUECIDO DE MIM, EU QUERO ESQUECER DE VOCÊ. PARA SEMPRE. VOCÊ MENTE.VOCÊ SEMPRE SE ESQUECE. E EU SEMPRE LEMBRAREI. SEMPRE FOI ASSIM.

“Sempre, não significa o que um dia eu fiz. Eu morri, incontáveis vezes, e minhas memórias retornaram para mim.”

SUA DECEPÇÃO NÃO IRÁ DEFENDÊ-LO AQUI, DESPEDAÇADO.

“É a verdade.Matar não irá me deter- porque me matar não fará mais com que eu me esqueça. Eu sempre conhecerei você, eu lembrarei de tudo que você fez, como chegar até aqui, e eventualmente, como destruí-lo.”

ENTÃO IREI APRISIONA-LO, CRIATURA SEM NOME. SE VOCÊ NUNCA ESQUECERÁ, ENTÃO NÃO PERMITIREI QUE VOCÊ SE LIBERTE.

Mas eu já escapei da “maior prisão já criada”. Você não pode me matar, não pode me deter, e não pode mais me fazer esquecer.”

SIM...MAS NÃO FOI UM FEITO SEU, O ESPÍRITO QUE O AMAVA TE LIBERTOU, ELA NÃO IRÁ LIBERTA-LO NOVAMENTE.DEPOIS QUE EU DESTROÇAR OS OSSOS DO SEU CORPO, EU IREI SELAR OS SEUS LÁBIOS DENTRO DO CRISTAL. VOCÊ NUNCA MAIS VAGARÁ PELOS PLANOS.

“Ela não precisará. Porque você mandou sombras para me matar ao invés de vir me derrotar você mesmo?”

EU MANDEI SOMBRAS PORQUE O ALCANCE DELAS É GRANDE. CONTUDO SÃO OS **MEUS** OLHOS QUE AS GUIAM.

“Então as sombras podem ir aonde você não pode.”

NÃO HÁ **NADA** QUE EU NÃO POSSA FAZER.

“Contudo você nunca saiu dessa Fortaleza para lutar comigo... apenas mandou as sombras. Acho que você tem MEDO de me confrontar...ou então esta mentindo para mim, e exista outra razão para você permanecer aqui...”

VOCÊ NÃO SABE **NADA**.

“Porque manter esse lugar é importante para você?Se é tão poderoso como diz ser, porque você iria permanecer aqui? Não há **NADA** aqui.”

É A MINHA FORTALEZA. É MEU LAR.

“E que casa ela é. Revestida com meus arrependimentos, com nada além das sombras daqueles que matamos preenchendo suas moradas, relíquias abandonadas do passado encobertas pela poeira, e as energias que drenam a vida do Plano Negativo Material para alimentarem seus olhos. Existem palavras para lugares como esses- são chamadas de PRISOES.”

CADA PALAVRA TRAI SUA IGNORANCIA, DESPEDAÇADO. A FORTALEZA É TRANQUILA. TUDO QUE CHEGA AQUI MORRE ANTES DE CHEGAR ATE A MINHA PRESENÇA. E AS SOMBRAS SÃO CRIATURAS SILENCIOSAS.

“Eu acho que você PRECISA permanecer aqui, junto com as sombras e os fantasmas, porque foi isso que você se tornou. Eu não creio que você sustente esse lugar.Acho que ELE sustenta VOCE.”

PERMANEÇA AQUI POR MINHA ESCOLHA.

“SÉRIO? Então quando você disse que não podia se afastar daqui por muito tempo, você estava mentindo? E como é possível uma Fortaleza construída com os MEUS arrependimentos precise que VOCE a sustente?”

EU VEREI VOCÊ MORRER MILHARES DE MORTES POR SUA INSOLÊNCIA, DESPEDAÇADO. VOCÊ É UM INTRUSO NESSA MORADA, E EU PROVIDENCIAREI PARA QUE **NUNCA** RETORNE.

“Eu posso ser imortal, mas Ravel me contou que o Ritual foi falho: Sempre que morro, perco uma fração da memória. Com o tempo, depois de muitas mortes, eu irei perder a habilidade de pensar sozinho.”

ISSO NÃO IMPORTA.VOCÊ NÃO PODE MORRER. SUA MENTE PODE SER PERDER, MAS SUA CARNE VIVERÁ. ISSO É TUDO QUE É NECESSÁRIO.

“Preciso? Porque?”

NÓS TEMOS UM ELO, VOCÊ E EU, MESMO QUE PEQUENO.NÃO QUERO QUE VOCÊ SEJA DESTRUÍDO, APENAS QUE SE MANTENHA LONGE DE MIM.

“Considere isso: você diz que somos ligados. Então quando eu soffro, você também deve soffrer. Talvez você esteja preso aqui POR CAUSA do seu soffrimento, mas diferente de mim.”

OS FRACOS SOFREM. EU RESISTO.

“É possível que a cada morte mental que eu soffra você morra a morte do corpo? Enquanto eu perco espírito, você perde substancia. É por isso que você acha cada vez mais difícil sair dessa Fortaleza e viajar para além desse plano. Essa Fortaleza não é apenas sua prisão, ela será o seu tumulto.”

IMPOSSÍVEL.

“É mesmo? Você disse que somos ligados. Sem duvida, você tem sentido seu corpo definhando com o passar dos séculos- você até mesmo carrega as ramificações das estruturas de Ravel consigo mesmo, e você a ODEIA- mas você precisa dessa estrutura sobre sua forma espectral para prevenir que você defina mais rápido.”

MESMO QUE HOUVESSEM VERDADES NAS SUAS PALAVRAS, NÃO HÁ NADA A SER FEITO. EU PREFERIRIA MORRER A MORTE DO CORPO AQUI NESTA FORTALEZA DO QUE SOFRER COM SUA EXISTÊNCIA.

“Então se eu morresse, o ele se quebraria...”

VOCÊ NÃO PODE MORRER.

“Bem, se não posso morrer, então você não pode existir. Você é minha MORTALIDADE.”

TALVEZ UM DIA.MAS NÃO MAIS. EU MUDEI. EU TRANSCENDI E ME TORNEI ALGO SUPERIOR.

Eu já tinha tido o suficiente da mortalidade arrogante. Era hora de acabar com isso.Mas primeiro, eu queria ver se algo podia ser feito pelos meus amigos, pois apesar de estarem mortos, seus espíritos podiam ainda estar por perto, e podiam se unir a sua carne.

“Meus amigos... eu quero que suas vidas retornem a eles, e quero que eles tenham passagem livre para fora daqui.”

NÃO.ELES ESTÃO MORTOS. E MORTOS PERMANECERÃO.

“Porque?Você não PODE salvá-los? Não tem poder para isso?”

NÃO QUESTIONE MEU PODER AQUI, NESSE LUGAR. NÃO HÁ NADA QUE EU NÃO POSSA FAZER, AGORA QUE ESTOU LIVRE DE VOCE. MAS NÃO É A MINHA VONTADE QUE ELES SEJAM SALVOS. ELES ME DESAFIARAM NO MEU LAR, E SUAS MORTES SÃO LEMBRETES PARA TODOS AQUELES QUE ME DESAFIAREM.

“Acho que você não tem escolha. Creio que você não POSSA ressuscitá-los.”

DESPEDAÇADO, NO BREVE ESPAÇO DE TEMPO DAS SUAS VIDAS ESQUECIDAS, EU OBSERVEI,APRENDI, E ACUMULEI PODER NAS ENTRANHAS DO MEU CORPO.

QUANDO VOCÊ LUTOU NA GUERRA NEGRA DO SÉCULO, TODO SEU CONHECIMENTO MILITAR FICOU GRAVADO NA MINHA MENTE. QUANDO VOCÊ ENSAIAVA FEITIÇOS COM LUM O LOUCO, EU OS APRENDI

COM VOCÊ. VOCÊ ESQUECEU DE TUDO, EU NÃO. O PODER SOBRE A VIDA E A MORTE NÃO PASSAM DE UMA PEQUENA DEMONSTRAÇÃO DO MEU PODER.

“Então como nós possuímos uma ligação...ela permite que você passe o que eu passo, aprenda o que eu aprendo...”

É ALGO MUITO PEQUENO, SEM CONSEQUÊNCIA.

“Deionarra me disse que eu poderia reverter a morte apenas quando a vítima havia morrido perto de mim. Mas o que ela despertou em mim- você esta dizendo que era apenas uma fração do meu poder sobre a vida e a morte?”

SUA MENTE É UMA PEDRA QUEBRADA, SEUS LIMITES ENTORPECEM PELA FALTA DE USO E ABANDONO.MESMO QUE CONHECESSE O PODER,VOCÊ NÃO SABERIA COMO APROVEITÁ-LO.

“Se você alega TER o poder, então eu devo tê-lo também- mesmo sem ter estado lá no momento da morte.”

VOCÊ NÃO POSSUI OS ANOS NECESSÁRIOS PARA APRENDER AS ARTES DA VIDA E MORTE, VOCÊ CAIRÁ PERANTE MIM.

Senti um arrastão em minha mente, e subitamente notei que POSSUIA os anos necessários para aprender- pois eu já o conhecia antes, através de múltiplas encarnações. Mas o processo levaria tempo, e eu sabia que minha mortalidade NÃO me permitiria o tempo que precisava para fazê-lo, a não se que eu criasse tempo para isso. Eu havia encontrado uma pedra gravada com minha encarnação pratica, especulando o propósito da minha entrada aonde eu me encontrava. Coloquei toda a convicção das minhas experiências de vida na minha próxima fala.

“Sabe, enquanto chegava ate aqui, eu desvendei meu potencial interior. Aquelas sombras estão soltas livres na Fortaleza- não estão mais presas da câmara.”

VOCÊ MENTE.

“Então veja você mesmo, se não acredita em mim- não irei a lugar nenhum.”

EU RETORNAREI E ENTÃO TOMAR MEDIDAS, DESPEDAÇADO. SE VOCÊ LIBERTOU AS SOMBRAS, IREI ALIMENTA-LAS COM SEU CORPO.

“Muito bem...Estarei aqui.SE você voltar.”

TOMAREI AS MEDIDAS EM BREVE.

Minha mortalidade desapareceu. Imediatamente, corri ate o corpo de Morte, para usar meu poder. Quando o alcancei, Morte subitamente falou.

“Whoa, ei, ei , ei.Espera ai chefe.Uh... Existem algumas que preciso te dizer.”

“Morte...?!Você não esta morto!”

“Bom, sim- quando você esta morto há tanto tempo quanto eu estive, você aprende a fingir muito bem. Eu meio que ouvi toda sua conversação. Use esse poder que você tem em outro, eu não preciso dele.”

“Então você ia ficar lá ate que eu tivesse me ferrado por completo?”

“Bom, SIM, chefe. Não é que você fosse morrer. Quero dizer, se você falhasse, você precisaria que alguém o lembrasse. Além disso, você sabe o quanto eu sou inútil numa luta- bom, quando não estou provocando um mago ou outro...”

Quando meu poder o tocou, Dak’kon tomou fôlego, então levantou fraco. Parecia que ele mal podia permanecer vivo.

“Certa vez Dak’kon, você fez um Pronunciamento de Duas Mortes como Uma. Esse é o momento.”

Quando disse essas palavras, os olhos de Dak’kon fecharam, por um momento, achei que ele não podia mais se agarrar a vida mais -então seus olhos abriram, e eles não tinham mais a cor negra morta que eu me lembrava. Ao invés disso, eles detinham o brilho metalizado de sua lamina, e eu soube que Dak’kon havia se tornado algo MAIS- alguém muito mais poderoso. Dak’kon tomou ar, então se firmou, sua lamina afiava enquanto observava.

“Essa lâmina é sua.”

Eu alcancei ele com meu poder, houve uma onda de ar, e Annah agitou-se, ela ergueu a cabeça lentamente, então a balançou, confusa.

“Encontrei minha mortalidade Annah- e acontece que ela não gosta muito de mim. Preciso da sua ajuda.”

Os olhos de Annah tomaram um brilho metalizado, então ela assentiu.

“Eu vou ficar do seu lado.”

Quando meu poder tocou Fall From Grace, ela ficou em pé ainda com tontura-mesmo desorientada, ela de alguma forma manteve sua compostura.

“Fall From Grace- nós estamos na Fortaleza dos arrependimentos, e encontrei meu assassino, é minha própria mortalidade- ela tem uma vida própria. Eu realmente preciso de sua ajuda agora.” Ela assentiu, lentamente; sua força parecia retornar enquanto ela ouvia minhas palavras.

“Receio que agora que entramos, esse lugar não nos deixará sair facilmente.”

Extendi meu poder, modelando a alma na forma da que pertencia a Nordom, lentamente, até que senti ela retornando ao seu corpo. Houve um estremecer da cavidade de Nordom, e ele se manteve em pé.

“Nordom, eu REALMENTE preciso de sua ajuda agora...encontrei meu assassino, e é a minha mortalidade.”

“Aguardando ordens.”

Minha mortalidade subitamente reapareceu nos telhados.

ISSO NÃO IRÁ AJUDA-LO. TODOS VOCÊS IRÃO MORRER.

Agora eu estava confiante que podíamos derrotar minha mortalidade, mas meus companheiros podiam morrer nesse processo. Além disso, meus problemas vieram da separação da minha mortalidade, e destruí-la não iria resolver. Acho que conhecia um jeito da minha mortalidade voltar para mim.

Dependeria se ela preferia uma alternativa a ser destruída. Melhor de tudo, nenhum dos meus companheiros precisariam morrer. Eu dei a opção a ele.

“Espere! Tenho uma pergunta final: O que pode mudar a natureza do homem?”

ESSA PERGUNTA NÃO TEM SENTIDO.

“Independente disso, antes que haja um fim disso entre nós, eu escutarei sua resposta.”

ENTÃO ESSA É MINHA RESPOSTA, E VOCE É A PROVA. **NADA** PODE MUDAR A NATUREZA DO HOMEM.

“Se existe algo que eu aprendi com minhas viagens através dos Planos, é que muitas coisas pode mudar a natureza do homem. Seja arrependimento, ou amor, ou vingança ou medo- seja lá o que você ACREDITAR que possa mudar a natureza do homem, ela pode.”

ENTÃO VOCÊ APRENDEU UMA FALSA LIÇÃO. DESPEDAÇADO.

“Foi mesmo?” Eu já vi a fé mover cidades, fazer homens passar fome até a morte, e tornar uma velha bruxa maligna em alguém bom. Toda essa Fortaleza foi construída com crença . A crença amaldiçoou uma mulher, cujo coração ansiava com a esperança de que fosse amada quando ela não era. Certa vez, ela fez um homem procurar imortalidade e alcança-la. E ela também fez um espírito achar que era mais do que uma parte minha.”

SUAS PROVOCAÇÕES IRÃO MACHUCA-LO MAIS QUE QUALQUER FERIMENTO NESSE LUGAR. A **CRENÇA** NÃO PODE MUDAR A NATUREZA DO HOMEM.

“Eu acho que pode. Eu creio até mesmo que a crença poderia me desfazer, se eu cresse nisso o **suficiente.**”

VOCÊ NÃO POSSUI FORÇA DE VONTADE PARA TAL FEITO.

“Então você admite que é possível.”

NÃO TESTE MINHA PACIÊNCIA, DESPEDAÇADO.

Eu foquei minha vontade no meu interior, me concentrando.

VOCÊ É UM TOLO POR ACREDITAR QUE POSSA ALCANÇAR TAL FEITO. VOCÊ MAL CONSEGUE MANTER SUA MENTE DESPEDAÇADA INTACTA. NÃO EXISTE MAIS LUGAR PARA VOCÊ CAIR ,SER IMCOMPLETO.

Continuei me focando.

PARE. VOCÊ NÃO SABE O QUE FAZ.

“Eu sei o que faço. Você me atormentou o suficiente, isso acaba agora.”

SE VOCÊ FIZER ISSO, AMBOS SEREMOS DESFEITOS. NÃO EXISTE DESTINO NISSO. VOCÊ DESTRUIRÁ A NÓS DOIS.

“Como você pode ver, eu tenho duas escolhas- ou mato nós dois, ou deixo você me matar de novo e outra vez, perdendo os poucos fragmentos da minha mente que sobraram. Acho que prefiro que ambos morramos- A MENOS que voce tenha uma TERCEIRA opção.”

NÃO EXISTE OUTRA SOLUÇÃO PARA ESSA QUESTÃO.

“Acho que existe- podemos nos unir novamente, como fomos destinados a ser.”

VOCE NÃO SABE O QUE FAZ. SE NOS RE-UNIRMOS, ENTÃO SERÁ O FIM. NÃO MAIS HAVERÁ UM FUTURO PARA NÓS. NÓS CONTINUAREMOS A SER ATORMENTADOS ETERNAMENTE.

“É melhor permitir que isso aconteça do que deixar o multiverso sofrer por nossa culpa.”

SE NOS TORNARMOS UM, NÓS IREMOS SOFRER. EXISTE MUITO DA NATUREZA DO PRIMEIRO EM NÓS PARA QUE POSSAMOS SER SALVOS. NÓS ESTAREMOS AMALDIÇOADOS, E VOCÊ NÃO SABE O QUE FAZ.

“Não, eu sei muito bem o que estou fazendo. E acho que essa é a única resposta. Prepare-se.”

SAIBA QUE EU SEMPRE TE **ODIEI**, IMCOMPLETO. QUANDO FORMOS UM SÓ, EU CONTINUAREI A TE **ODIAR**, ATÉ MESMO QUANDO SEU CORPO MORRER FINALMENTE, SAIBAQUE TEREI **PRAZER** NA SUA MORTE.

“Posso viver com isso- e os Planos também.”

SAIBA QUE MEU ODIO POR VOCÊ IRÁ DESFAZER OS PLANOS, PREPARE-SE. NÓS SEREMOS UM SÓ NOVAMENTE- ATÉ SEU ULTIMO MOMENTO DE VIDA.

“Muito bem. Estou pronto para ser mortal de novo.” Minha Mortalidade sucumbiu a minha vontade. Finalmente, depois de tantas vidas, e mortes, e arrependimentos, nos tornamos um só.

ADEUS

Dei meia volta, e chamei por Morte. Ele veio até mim.

“Uhh, chefe, o que aconteceu com a sua **voz**?”

EU...SOU ALGO DIFERENTE AGORA. O TEMPO SE APROXIMA, E EM BREVE O TEMPO E O DESTINO IRÃO ME ALCANÇAR. DEVOLVEREI VOCE PARA SIGIL, MORTE, SE ASSIM VOCE QUIZER.

“O qu- Me devolver?E quanto a **você**? Vamos lá chefe, eu posso ser um **covarde**, mas eu não vou deixa-lo aqui de jeito algum nesse lugar.”

FORAM MUITOS OS CRIMES QUE COMETI QUANDO MINHA MORTALIDADE E EU ÉRAMOS DIVIDIDOS. ESSES CRIMES CARREGAM UM....PREÇO.VOCÊ NÃO DEVE IR PARA ONDE EM BREVE EU ESTAREI.

“Bem, eu PODERIA ir com você de qualquer maneira chefe, se você quisesse- quer dizer- nós já passamos por coisas piores-“

NÃO DESSA VEZ. TALVEZ UM DIA VOCÊ E EU NOS ENCONTREMOS NOVAMENTE, EM OUTRO PLANO. MAS NÃO AGORA. Morte me olhou por um momento, então suspirou.

“Não fique todo entusiasmado, mas,uh, o prazer foi meu , chefe.”

ADEUS MORTE. Voltei-me para Annah.

ANNAH.VOCÊ ESTA BEM? Os olhos de Annah abriram-se quando me direcionei a ela.O q- o que **aconteceu** com você?Sua voz- parecem ecos.”

EU MUDEI. EU SOU OUTRO SER AGORA, E NÃO POSSO PERMANECER MAIS AQUI. EU IREI LEVA-LA ATE SIGIL, SE VOCÊ QUISER.

“O qu-“ Annah abriu a boca, então pausou. “O qu- Aonde você vai?”

FORAM MUITOS OS CRIMES QUE COMETI QUANDO MINHA MORTALIDADE E EU ERAMOS DIVIDIDOS. ESSES CRIMES CARREGAM UM....PREÇO.EXISTE UM LUGAR PARA AQUELES COMO EU NOS PLANOS BAIXOS. É UM... TIPO DE PUNIMENTO.

“Mas eu.... eu não QUERO que você vá.”

EU **NUNCA** ESQUECEREI O QUANTO VOCÊ ESTEVE DISPOSTA A SACRIFICAR POR MIM, ANNAH.

Annah assentiu. Parecia que ela ia me falar algo mais, mas ficou quieta- mas as palavras que não foram ditas permaneciam em sua mente, duradouras.

EU NÃO PRECISO DAS SUAS PALAVRAS PARA ESCUTAR SEU CORAÇÃO, ANNAH. ADEUS.

Virei para Dak’kon.

DAK’KON DE SHRA’K’LOR. ULTIMO USUÁRIO DA ESPADA KARACH. Enquanto ele ouvia minhas palavras, Dak’kon lentamente assentiu.

“Sua voz...você finalmente passou a se CONHECER?

SIM, FOI UMA...TAREFA ÁRDUA, E ME CUSTOU MUITAS VIDAS. MUITOS SOFRERAM PARA QUE EU PUDESSE ME CONHECER NOVAMENTE.

“O CONHECER a si próprio é um caminho árduo.”

AO SABER DISSO, EU SEI AONDE E BREVE ESTAREI. O TEMPO E O DESTINO SE APROXIMAM ENQUANTO NOS FALAMOS E EU NÃO ESTAREI AQUI POR MUITO MAIS TEMPO. EU O LEVAREI DE VOLTA A SIGIL, DAK’KON, SE ASSIM QUISER. Dak’kon ficou calado um momento; quando ele falou novamente, sua voz era afiada, como se tivesse cortasse um elo.

“SAIBA que eu lhe devia. SAIBA que você salvou minha vida, e SAIBA que te segui para pagar minha dívida. Eu paguei pela sua vida com a minha. A dívida esta quitada.”

MUITO BEM,DAK’KON. NOSSAS MORTES FORAM UMA SÓ. VOCÊ DEIXARÁ ESSE LUGAR COM SUA LIBERDADE CONQUISTADA.

Voltei-me para a dócil tanar’ri.

FALL FROM GRACE. Ela me olhou, e ela fintou meus olhos por um momento, então sorriu- mas era um sorriso leve, que carregava mais tristeza do que qualquer outra coisa.

“Então você se encontrou finalmente?”

SIM; O PREÇO FOI...ALTO.O CUSTO FORAM MUITAS VIDAS, MINHAS E DE OUTROS.

“O preço para tais feitos não podem ser medidos em moedas.” Fall From Grace estudou minhas características. “Você ainda-”

EU AINDA SOU AQUELE QUE VOCÊ CONHECEU- MAS MINHA PERSPECTIVA ...MUDOU. EU NÃO ME ESQUECI DE VOCÊ, SE ESSE É SEU MEDO. Fall From Grace sorriu outra vez, o mesmo sorriso triste de antes.

“Não, esse não era meu medo.”

NÃO POSSO PERMANECER AQUI POR MUITO TEMPO. MINHA PUNIÇÃO ME CHAMA, E LOGO O TEMPO E O DESTINO ESTARÃO AQUI. LEVAREI VOCÊ DE VOLTA PARA SIGIL, SE ASSIM QUISER.

“Essa não é minha vontade.” Fall From Grace deu um passo a frente, e suas mãos levemente tocaram meu braço. Senti um leve formigamento, mal se notava, então ela retirou-as de mim. “Eu IREI encontra-lo outra vez, não importa em que lugar nos planos baixos esteja- assim como sei que irá me encontrar.”

ISSO PODE LEVAR MUITO TEMPO PARA ACONTECER.AONDE ESTAREI FADADO A IR, O TEMPO NÃO É MEDIDO EM ANOS. E OS CRIMES QUE COMETI SÃO MAIS FORTES QUE QUALQUER JAULA.

“Nenhum jaula irá nos separar, e Plano algum nos dividirá.” O rosto de Fall from Grace parecia torna-se como uma pedra. “Continue pensando em mim, e iremos nos encontrar outra vez.”

EU NÃO IREI ESQUECER TUDO QUE SACRIFICOU POR MIM.

Ela balançou a cabeça. “Não, apenas não esqueça DE MIM.”

O TEMPO DEVASTA TODAS AS COISAS. MAS IREI LUTAR ENQUANTO PUDER.

“O tempo não é seu inimigo. A Eternidade é.”

TALVEZ SIM. ADEUS ,GRACE.

Voltei-me ao último dos meus companheiros.

NORDOM.

Nordom piscou, as janelas em seus olhos batiam rapidamente, então fecharam contraindo-se, como se estivessem focando em mim. “Sua voz excede os padrões reconhecidos.”

EU ME TORNEI... COMPLETO NOVAMENTE. EU MUDEI, MAS NÃO PERMANECEREI AQUI POR MUITO TEMPO. LEVAREI VOCÊ A SIGIL, NORDOM, SE QUISER.

“Pergunta: Qual seu próximo destino? Nordom irá segui-lo e protegê-lo.”

EU COMETI MUITOS CRIMES ATRAVÉS DE MUITAS VIDAS. VOU AGORA PARA UM LUGAR AONDE SEREI PUNIDO. VOCÊ NÃO PODE VIR COMIGO.

“Pergunta derivada: Você não(precisa) ou você não (quer) a presença de Nordom?”

VOCÊ NÃO PODE ME SEGUIR, NORDOM. NÃO É UMA ESCOLHA MINHA. EXISTEM OUTRAS FORÇAS QUE GOVERNAM MINHAS AÇÕES.

ELAS SEMPRE O FIZERAM, MAS AGORA ELAS ME CONHECEM PELO QUE EU SOU, E ELAS DEVEM ESTAR VINDO ENQUANTO NOS FALAMOS. Nordom piscou por uns instantes, então suas bestas começaram a clicar e girar em suas mãos.

“Nordom é grato a você. Você ajudou Nordom a encontrar sua identidade.”

E VOCÊ ME AJUDOU A ENCONTRAR A MINHA. EU TE LIBERTO, NORDOM. EXPLORE, APRENDA, CRESÇA. NÓS DEVEREMOS NOS ENCONTRAR NOVAMENTE, EM OUTRO PLANO, EM UM TEMPO DISTANTE.

“Resposta: Escutado e reconhecido. Nordom agora esta aguardando o dito dia.”

GUARDE SUA LÓGICA NORDOM. VOCÊ ENCONTRARÁ UM ESCUDO MELHOR QUE A MAIORIA DAS PAIXÕES QUE GOVERNAM OS PLANOS.

“Essa questão não tem total lógica.”

ADEUS NORDOM.

Um homem, um mortal, permaneceu nos arredores de uma fortaleza. Seus amigos foram enviados para Sigil. As sombras que um dia vagavam pelas moradas abaixo dele haviam sido libertadas. As paredes nas quais suas mãos descansavam não estavam mais afiadas, mas em ruínas, como se os arrependimento que um dia a sustentaram tivessem sido levados. O homem olhava o nada, não pensava em nada, em um raro momento de paz de suas vidas. Em breve, seu destino o alcançaria, e ele tomaria lugar na Guerra Sangrenta. Mas não agora.

PERSONAGENS

MORTE: Crânio Flutuante, Guerreiro, Caótico bom

Sua voz no jogo é feita por Rob Paulsens (Yakko dos animaniacs)

Biografia: Com certeza você tem perguntas a meu respeito - na verdade você deve ter perguntas sobre quase tudo. Deixe-me refrescar a sua memória: quando você esteve morto tanto tempo assim como eu... sem braços, pernas, ou qualquer outra coisa, você já passou um tempo pensando, não foi?

Imagino que tenha passado algumas centenas de anos desde que eu entrei para o Livro da Morte, mas tempo não importa como importava antes... sem a pressão da mortalidade sobre você, todos os dias e noites parecem que se misturam. Então você pensa nisso e naquilo... e a coisa mais importante que aprendi nestas centenas de anos foi isso: há mais gestos indecentes que você pode fazer com os olhos e com a boca do que a maioria das pessoas pode imaginar. Sem recorrer a insultos ou provocações, você pode realmente acender uma pessoa apenas com a combinação certa da expressão dos olhos e do maxilar. Os deixa malucos! Se você for decapitado ou tiver sua pele arrancada da cabeça alguma vez, eu vou mostrar como fazê-lo. Tenho algumas pérolas chefe - elas fariam um Celestial matar, fariam sim.

Sei o que você está pensando: estou morto. Perdi muita coisa. Poderia ter ficado mais sensato com toda a felicidade que perdi, todo o amor que não tenho mais. Algumas pessoas ficam totalmente deprimidas com relação à morte - elas não a EXPERIMENTARAM, certamente - mas o que parece que elas nunca pensaram é como a morte muda a sua perspectiva das coisas; ela faz você examinar a vida, dar uma segunda olhada nela, amplia seus horizontes. Ela me fez pensar quantas sirigaitas mortas e quantos poucos caras de língua -afiada, como a minha, existem por aí!

Superficial? Eu não sou superficial. Eu só não fico preso em toda aquela filosofia, fé e crença com que todo berk de Arbórea a Gray Waste lava sua boca. Quem se importa? Os planos são o que são, você é o que é, e se mudar, ótimo, mas as coisas não são tão ruins do jeito que estão - e eu deveria saber. Vá em frente, me pergunte sobre os planos, ou sobre as pessoas, culturas - quando você terminar como eu - sem as pálpebras, quer dizer - você acaba vendo muitas coisas, e eu posso dizer a você quase tudo que você precisa saber.

É isso: estamos juntos nisso, chefe. Até tudo isso chegar ao fim, eu estou com você.

DAK'KON: Githzerai, Guerreiro/Mago, Leal Neutro.

Sua voz é feita por Mitch Pileggi (Diretor Assistente Skinner na série Arquivo X)

Biografia: Meu passado você não conhece, e não tenho a menor vontade de que você venha a conhecer um dia.

Saiba que eu carrego as cicatrizes de alguém que viajou pelos planos. Saiba que eu nunca descansei por muito tempo em qualquer lugar, saiba que eu carrego o peso de quem viajou de muito longe para estar aqui.

Saiba que eu sou um Githzerai. Saiba que eu sou do povo de Zerthimon.

Foi Zerthimon quem conheceu os Githzerai antes dos próprios Githzerai se conhecerem. Ele sabia o que deveria ser feito para nos libertar. Do seu conhecimento, veio a ação. Nossa liberdade nasceu do seu conhecimento. Os Githzerai deixaram de ser escravos e se tornaram pessoas livres.

Saiba que eu sou seguidor do círculo interrupto de Zerthimon. Conheço as palavras dele, conheço seu coração.

Tudo que resta é que conheço a mim mesmo.

ANNAH:Tiefpling, Guerreira/Ladra, Caótica Neutra.

Voz por: Sheena Easton (Cantora Pop).

Biografia: Agora o que você quer saber sobre mim? Está entediado? Não é uma grande história, não é, então se você espera algum épico, seria melhor procurar outra pessoa, certo?

Eu vi o jeito que você olha para o meu rabo - se isso irá fazer você olhar pra si mesmo então vou dizer de onde ele veio: é uma benção do meu avô.... ou da minha avó, não importa qual dos dois tenha sido o demônio. Sou uma tiefpling, sou mesmo, com a quantidade suficiente de sangue demoníaco para fazer brotar este rabo. Esse sangue gotejou em mim vindo dos meus avós... depois de passar pelo minha própria mãe e pai, quem quer que eles tenham sido.

Pharod? Meu pai? Há! Aquele cara não é meu pai - não o verdadeiro pai. Ele somente me alimentou, isso sim, me arrastou pra fora do Hive e me trouxe pro seu estábulo.

Não o julgue erroneamente pensando que ele era a gentileza em pessoa... ele não derramou uma lágrima por eu ser órfã - ele só precisava de alguém pra coletar os mortos das ruas do Hive, e como sou pequena o bastante, posso entrar em lugares que seus outros subordinados não podem. Além disso, a maioria dos seus rufiões são garotos chorões e medrosos, então eu acabo encontrando a maioria dos mortos em lugares que eles tem muito medo de procurar. Os Dusties pagam uma boa grana pelos mortos que eu trago, e Pharod não fica com uma parte grande o suficiente do dinheiro pra me tornar uma pedinte, por isso ele não é tão ruim assim, pelo menos eu acho.

Chega de perguntas. Agora eu tenho algumas coisas a lhe dizer, tenho mesmo.

Vi o seu modo de agir, e você precisa ouvir umas coisas se nós vamos seguir juntos... primeiro - não se meta com o primeiro que conhecer por aí. Este é um jeito certo de arranjar problemas. E não saia falando nomes em vão ou você irá atrair a pior espécie de atenção, rápido.

E mais uma coisa. Não pense que você pode me tratar grosseiramente -- se você começar, eu pego minhas lâminas e enfio em você, eu vou.

Minhas lâminas? É, estas adagas são minhas. Gosto destas adagas de soco, gosto sim - pode ficar com seus machados e martelos e clavas - estas adagas são mais o meu estilo. Apenas comporte-se que você nunca vai experimentá-las, combinado?

FALL FROM GRACE: Tanar'ri Succubus, Clériga, Leal Neutro.

Voz por: Jennifer Hale (Dynaheir no Baldur's Gate)

Biografia: Meu passado não é tão longo, pelo menos de acordo com os padrões dos Tanar'ri. Não sei se você conhece os Tanar'ri, mas nós somos uma raça do Abysmo, uma série gigantesca de planos cheios de maldade e caos.

Eu sou uma Tanar'ri, um demônio, uma succubus... Cresci no primeiro plano do Abyss. Minha mãe era uma succubus - e sei que você sabe muito bem que as succubus tentam os mortais para trazer suas almas ao Abysmo. Minha mãe era uma das melhores, seduzindo incontáveis homens, levando-os ao tormento eterno. Ela agora habita o Abyss, vendendo suas crianças como escravas.

Ela me vendeu aos Baatezu, os inimigos eternos dos Tanar'ri. Eu acho que ela esperava que eles me matassem - apesar do seu conhecimento em outros assuntos, ela pouco sabia da sua cultura e do prazer que eles tinham em atormentar os outros.

Felizmente os Baatezu são uma raça orgulhosa. O simples pensamento de que uma Tanar'ri pudesse derrotá-los em qualquer coisa era intolerável. Então eu desafiei um dos mais orgulhosos Balor a uma prova de improvisação, e foi assim que o meu coração Tanar'ri me possibilitou vencer. Os Tanar'ri são criaturas caóticas, indomáveis e imprevisíveis. Os Baatezu são demônios mais astutos e apesar de compreender a improvisação, não estão entre os melhores nesta arte. Assim eu conquistei a minha liberdade.

Isto foi há muito tempo atrás. Deixei os planos inferiores para Sigil. Encontrei a Sociedade da Sensação, e minha experiências com os Baatezu me incitaram o desejo de aprender mais sobre o multiverso.

Por quê? Acredito que exista uma verdade no multiverso... mesmo que esta verdade seja apenas que não exista verdade alguma. Acredito que os planos devem ser experimentados, e que quanto mais alguém experimenta, seja viajando, seja em felicidade, dor, tristeza, arrependimento ou mesmo sofrimento, mais o multiverso se revela a este ser...

E mais você se revela a si próprio.

Ignus: Humano/Elemental, Mago, Caótico Neutro.

Voz por: Charlie Adler ("Harold" na série Fallout; "Buster Bunny" nos Tiny Toons).

Biografia: Sem conversa e sem rodeios... Ignusss quer QUEIMARRRRRRRRRRRR...

Ignusss arrrrrrrrrrde... taaaaaanto tempo atrás... ainda...

Um dia...

Um dia... Ignusss não conhecia coisa alguma sobre as chamasssssssss... acendia fogueiras pequenas, minúsculas labaredasssss, minúsculas chamasssss...

As chamasss cresceram... Ignusss ateou fogo nas ruassssss... e acendeu o fogo da raiva em seus coraçõesss...

Eles juraram punir Ignus, os pequenos insetos do Hive. Eles queriam ver Ignusss QUEIMAAAAAAARR depois de Ignusss atear fogo às ruasss...

...magos insignificantesssss, feiticeiros exitantes, runecasterssss... pequenas fagulhas de magia vieram PUNIR Ignusss por ferir seus amadossssss... eles sentenciaram Ignusssss a queimarrrr, fizeram de uma TOCHA, um cusssspidor de FOGO, queimando, queimando...

JUSSSTIÇA, eles dissssseram...

...mas não foi uma sentença...

...existe tanta chama e dor que não há DOR... há LUZ, e CALOR, e a carne é como SEBO nos meu ossosssss...

...e pela primeira vezzzzz...

...Ignusss estava SATISFEITO...

Quando os planossss queimaremmmm e toda a vida for feita de tochasss, então Ignusss vai enfim.....estar em pazzzz...

Nordom: Modron Cube, Guerreiro, Caótico Neutro

Voz por: Dan Castellaneta (Homer Simpson)

Biografia: Nordom de trás pra frente - Modron. Perguntas? Cronologia: Modron March. Destino: Limbo (Destino original: Mechanus -> razão desconhecida para alteração de percurso. Motivo: Perdido?). Novas instruções do superior: Altere a matéria do Plano (Limbo) para testar a hipótese. Dungeon de Rubikon construída.

Superior perdido no campo de testes. Superior = Nordom? Depois de exposto ao Plano, a perspectiva saiu do normal. Percepções se tornaram menores e amplificadas. Asas foram substituídas por braços: motivo desconhecido. Suspeita/hipótese: não gostava de asas? Pura especulação.

Nordom já foi "alguém" mas agora menor, mais forte. Dificuldades em processar informações.

Dois espíritos de Rubikon ajudam Nordom. Transformei estes seres em armas para defender contra os erros Rubikon. Suas exigências: deixe este lugar e mate outros seres hostis (objetivo: aventura?).

Razão pelo desvio de Nordom desconhecida. Função primária encerrada quando a desintegração de Rubikon atingiu três cubits para dentro e aumentando. Processando funções... funções redefinidas na chegada de novos seres. Nordom agora segue uma nova hierarquia.

Líder escolhido: Aquele que me fala. Atenção: Nordom segue.

Vhailor: Armadura Espectral, Guerreiro, Leal Neutro.

Voz por: Keith David ("Apollo" no Hercules da Disney).

Biografia: Eu sou Vhailor. Eu sou um Mercykiller. Eu sou a justiça.

É meu passado. É meu presente. É meu futuro.

Todos aqueles que são culpados serão punidos. Eu não descansarei enquanto as sentenças dos condenados não forem cumpridas.

Misericórdia é para os fracos. A punição quebra a alma e os faz dignos de servirem seus superiores. Quando o número de mártires for grande o suficiente, a rebelião cairá em pedaços.

Saiba disso, e conheça meu coração: Só há uma verdade no multiverso. O multiverso será afiado pela espada da justiça. Com a justiça como sua pedra angular, o multiverso irá atingir a perfeição.

FACÇÕES

Xaositects

Outros Nomes: Caosmen, XTects.



Filosofia: O que é tão difícil de entender? O multiverso é o caos! É isso. Você pode provar para mim que há algum padrão ou plano nele? A única ordem que eu vejo em tudo isso é a ordem que idiotas como os Governadores e os Harmonium tentam impor a ele. Mas é só eles saírem um minuto que todos seus planos se desfazem e tudo volta ao caos.

Porque lutar uma batalha perdida? Porque ir contra o caos natural do multiverso? Abraça a insanidade, e você irá se sentir muito mais confortável. Caos não é uma coisa assustadora se você não tentar controlá-lo. Na verdade, é bonito e realmente libertador. Aleatoriedade é simplesmente maravilhoso de se observar, com toda sua complexidade e segredos. Apenas com o caos você irá entender a verdadeira liberdade e apenas com a verdadeira liberdade você pode entender a Verdade.

Influência: O Plano Limbo é o parque de diversões dos Chaosmen. Ele fervilha com caos intocado; ninguém jamais o trancou em alguma ordem imposta. Aqui eles vivem em suas ondas caóticas e o modelam em mundos dos sonhos temporários oriundos de sua fantasia. Mas para libertar o resto do multiverso das correntes da ordem, os Chaosmen se aventuram em Sigil, onde eles tem seu quartel general no Hive, movendo-se entre os subúrbios mais turbulentos.

Política: Há muitos que ajudam a libertar o multiverso da ordem de suas próprias maneiras, e assim algumas vezes eles se aliam com os Xaositects. Os Sentinelas e a Liga Revolucionária trabalham para destruir as sólidas estruturas físicas e ideológicas que prendem o multiverso. Além disso, o Cabal Sombrio não faz nenhum esforço para impor algum esquema ou plano ao multiverso, o que é ao menos melhor do que a maioria dos outros. Mas não é nenhuma surpresa que facções como o Harmonium e os Guvners, que tentam construir a ordem ou descobrir a ordem, sejam sonoramente e algumas vezes violentamente opostos pelos Chaosmen.

Elegibilidade: As mutáveis fileiras dos Xaositects são abertas a todos, mas apenas aqueles de alinhamento caótico podem suportar a entrega ao puro caos.

Ordem Transcendente

Outros Nomes: Ciphers, Flexers.



Filosofia: O multiverso fala com todos nós, nos convidando para se tornar um com ele. Mas a maioria das pessoas não consegue ouvir sua sutil voz porque está muito ocupado bloqueando-a com complexas camadas de pensamento. Eles duvidam de si mesmo e pensam duas vezes sobre tudo, e quando finalmente se decidem, a oportunidade já passou.

Cada um de nós é parte do multiverso, e se você agir de acordo com o curso do multiverso e não contra ele, você irá agir no momento certo com a ação certa. A forma mais pura de pensamento é confiar na intuição pura e instantânea, movendo-se junto com o curso do multiverso.

A questão não é apenas não pensar, porque então todo sem noções primário conheceria a Verdade. Você deve realmente conhecer e entender você mesmo e confiar nos seus instintos, porque eles falam com você com a voz do multiverso. Você deve treinar sua mente e corpo para agir como um, assim a mão move-se na velocidade do pensamento, não obscurecida ou retardada pela dúvida. Quando sua mente e corpo estiverem sintonizados com a ressonância do multiverso, seu espírito irá se tornar um com ele, e você irá entender seu papel no grande esquema das coisas.

Influência: Os Ciphers tem numerosos monastérios em Elysium, o plano que eles clamam possuir uma harmonia pura e a ressonância mais forte. Aqui, não há ordem evidente porque não há análise; tudo sabe seu lugar e juntos formam um meio harmonioso. Em Sigil, os Ciphers dirigem o Grande Ginásio, um lugar para se exercitar e relaxar onde um indivíduo pode trabalhar na harmonia da mente e corpo. Eles também atuam como conselheiros para muitas operações em Sigil, uma vez que eles parecem saber o conselho certo para se dar em qualquer situação.

Política: Os Ciphers parecem ter muito pouco atrito com as outras facções, e aquelas facções que tem críticas a eles geralmente as fazem para indivíduos ao invés do bando todo. O Harmonium, por exemplo, acredita que alguns Ciphers tem uma visão da harmonia contrária a deles, mas outros concordam com seus objetivos. E alguns Sombrios zombam da ideia de que há algum esquema superior em que todos se encaixam, mas ao mesmo tempo muitos Sombrios concordam de coração que a única verdade é aquele dentro de si mesmo.

Elegibilidade: A Ordem Transcendente prega a moderação, uma vez que atitudes extremas causam muito pensamento e pouca ação. Restrições morais ou ganância egoísta não devem impedir uma pessoa de fazer o que é certo. Assim, todos os Ciphers devem ter um componente neutro no seu alinhamento.

Sociedade da Sensação

Outros Nomes: Sensatos, Hedonistas.



Filosofia: Como você sabe que o multiverso existe? Não, essa pergunta não é uma pegadinha, otário, responda. O que? Porque você o vê, ouve e sente? Exatamente. Nós sabemos que o multiverso existe porque podemos experimentá-lo. Se algo não pode ser tocado e experimentado por nós de alguma maneira, não existe. Como você pode descrever uma rosa a partir de uma rosa? Sentindo seus espinhos, o perfume, vendo suas magníficas pétalas. É isto que separa o real da imitação.

O que isso tem a ver com Verdade Universal? Bem, cara, você nunca vai conseguir achar ou entender a Verdade até você experimentar tudo o que existe para ser experimentado. Todos os sabores, todas as cores, todos os gostos, perfumes e texturas. Até mesmo todas as emoções: da dor insuportável ao mais puro êxtase. Quando você tiver experimentado tudo, você conseguirá atravessar todas as ilusões e ir diretamente a Verdade.

Mas hedonismo despreocupado não é a resposta. Você não deve se embriagar de vinho, você tem que provar o vinho. Você tem que experimentar todos os sabores sutis do vinho, cada memória no aroma. Quando você estiver pronto, você deve ser capaz de diferenciar uma safra da outra pelas imagens que vem a sua cabeça quando você abre a garrafa. O objetivo dos Sensatos não é ser preguiçoso e guloso, nós realmente estamos experimentando e aprendendo.

Influência: Muitos Sensatos acham o plano de Arborea o refúgio mais bonito. Tudo aqui aguça os sentidos e é realmente uma experiência maravilhosa. No entanto, os Sensates sábios sabem que há mais a experimentar do que a beleza, então eles vem a Sigil cosmopolita para experimentar tudo no multiverso. De fato, eles construíram o Civic Festhall com o objetivo claro de trazer uma inacreditável miríade de experiência para seus membros e para o público de Sigil.

Política: A visão dos Signers da imaginação frequentemente conquista a simpatia dos Sensates e eles passam horas a fio conversando sobre as possibilidades da imaginação e a experiência. Os Sensates também tem curiosidade em relação a Governadores e Indeps e como eles explicam e descrevem conceitos e lugares longínquos. No entanto, eles se irritam sob as regras restritivas do Harmonium, que tentam dizer a eles como viver e o que experimentar. Além disso, eles acham a visão entrópica dos Sentinelas mórbida e desagradável.

Elegibilidade: A Sociedade da Sensação é conhecida por suas atitudes liberais e essas também se aplicam para associação a facção. Qualquer um, de qualquer raça, classe ou alinhamento pode entrar para os Sensatos. Na verdade, quanto mais diferente você for, mais você terá para adicionar a experiência.

Sinal Único

Outros Nomes: Sinalizadores.



Filosofia: Os planos contém todas as coisas, mas em todas estas coisas, cada indivíduo, cada criatura, é única. Com cada ser sendo tão diferente de todos os outros, é obvio para nós que o eu, o indivíduo, é muito importante para o multiverso. Tudo no multiverso inteiro existe porque cada indivíduo acredita em sua existência. Está lá porque nós imaginamos aquilo e então confirmamos aquilo. Tudo é relativo para nós, a incontável coleção de eus.

Você existe porque eu, e porque outros, imaginam que você existe. Eu existo porque você, e porque outros, imaginam que eu existo. Se todos que sabem de sua existência a negassem, você não cessaria sua existência? Você poderia provar o contrário? Isso iria importar?

Alguns Signers acreditam que eles são o centro do multiverso, que eles imaginaram todas as coisas. Alguns Signers menos egocêntricos acreditam que o multiverso é formado por uma realidade consensual e subjetiva. Que as coisas existem do jeito que são porque a maioria concorda que elas deveriam existir daquela forma. Aqueles caras na Gatehouse que parecem não fazer sentido algum... Talvez eles não sejam tão loucos assim, talvez eles apenas estão vendo o multiverso de uma maneira diferente do a maioria das pessoas concordam.

Influência: Lá fora nos planos, os Sinalizadores acham o Beastlands o mais agradável para eles. No Beastlands, todo tipo de paisagem imaginável está presente; é uma demonstração realmente notável dos poderes da imaginação. Sem mencionar que os petitioners aqui tomam a forma de animais, provando que não é a forma que é a chave, é o eu. Em Sigil, o Sinal do Único controlam o Salão dos Proclamadores, onde eles cuidam da legislação das leis. Isso é atestado da habilidade dos Sinalizadores para considerar todas as perspectivas do que é feito aqui.

Política: Os Sinalizadores compartilham um tipo de busca de mente aberta pela verdade com os Sensatos, que frequentemente se aliam com eles. O Harmonium, no entanto, geralmente considera seu egocentrismo irritante e o Cabal Sombrio odeia o fato de eles insistirem não só que o multiverso tem um plano, como também que eles estão por trás dele.

Elegibilidade: O Sinal do Único é aberto a todos os tipos, mas há aqueles de alinhamento lawful que acham difícil de acreditar que eles estão por trás de tudo e que não são apenas parte de algum outro plano.

Liga Revolucionária

Outros Nomes: Anarquistas.



Filosofia: Olhe para os líderes das facções em suas posições elevadas, passeando pela cidade com exércitos cheios de pau mandados e dinheiro até perder de vista. Eles são mais corruptos do que uma sala cheia de yugoloths. Eles envolvem os habitantes nos seus credos restritivos, que servem justamente para controlar aqueles abaixo deles e conseguir dinheiro para seus objetivos. Pense sobre isso, algum deles realmente mostrou a Verdade? Eles deram sentido a sua vida? É tudo besteira. O que eles realmente fizeram foi usar vocês todos para conseguir o que eles tem hoje e agora estão tentando manter tudo isso.

Mas nós, os Anarquistas, não vamos aceitar mais isso. É hora de mudanças. É hora de revolução. Nós não podemos deixar nenhuma dessas facções tomar a dianteira, porque eles nunca vão deixar as pessoas escolherem. Você consegue pensar em só uma facção, que se conquistar o poder, iria dizer "Me desculpem, parece que estávamos errados." Chances nulas. Nós estamos aqui para assegurar que isso não aconteça e talvez até derrubar eles todos e inaugurar uma nova era de idéias. Porque você não pode ver a verdade enquanto as facções continuarem vendendo seus olhos.

Nós temos que ser realmente cuidadosos no entanto, porque os poderosos não irão entregar de bom grado seus poderes e dinheiro. As linhas de frente estão em todos os lugares, cara, e você tem que tomar cuidado se não quiser terminar escrito no livro da morte. Mas sacrifícios terão que ser feitos se nós realmente quisermos atingir uma clareza superior, que só pode ser conseguida quando a estrutura existente de poder for destruída.

Influência: Muitas das células centrais da Liga Revolucionária se escondem no Carceri, o Plano dos Exilados. Aqui eles podem se "esconder" onde quiserem, porque todo mundo nesta terra quer se vingar de alguém. Isso o faz um excelente lugar para conseguir novos recrutas para a causa. Em Sigil, os Anarchs rejeitam a ideia de ter um quartel general central, preferindo se mover pela cidade para melhor evitar aqueles querem destruí-los. Eles também não tem líderes, ou pelo menos não admitem que tem.

Política: Mesmo embora os Anarquistas proclamem seu desejo de destruir todas as facções, eles certamente acreditam que algumas são piores que as outras, e as vezes até mesmo fazem alianças temporárias. Os Doomguard tem um certo prazer na destruição das facções, uma vez que isto concorda com seu principio de que todas as coisas acabam. Os Xaositects também gostam de balançar o status quo, e são conhecidos por ajudar os Anarquistas em mais de uma ocasião. Por outro lado, o Harmonium vê nos Anarquistas a maior ameaça a paz e harmonia e os Guvners veem como inadmissível o desprezo que eles tem pela lei. Ambas facções podem ser consideradas inimigas da Liga Revolucionária.

Elegibilidade: Anarquistas professam uma igualdade superior, que aceita qualquer raça ou credo. No entanto, sua intenção de mudar a ordem social geralmente deixa os tipos leais de fora.

Mercykillers

Outros Nomes: Morte Vermelha, Os Cães de Caça.



Filosofia: Justiça é tudo para essa facção. Não há ninguém que pode enganar a justiça, porque se você tentar, vai ter os Mercykillers no seu encalço. Leis existem com o propósito único de determinar quando a justiça deve ser cumprida; elas são a linha que divide os justos dos injustos. A Injustiça corrompeu o multiverso; quando toda a injustiça for removida, toda a sociedade planar será perfeita.

Alguns imploram por misericórdia, mas misericórdia é a base do criminoso. Se você não cometer crimes, você não precisa de misericórdia porque você está limpo aos olhos da Justiça. Quando você cruza a linha e se torna um criminoso, seus pedidos de misericórdia entram por um ouvido e saem pelo outro, porque os Mercykillers asseguram que cada crime é pago apropriadamente. Não há "circunstâncias atenuantes".

A maioria dos criminosos pensam que eles podem nos deixar para trás pensando que nós não cometeríamos crimes para pegá-los. Como todos eles logo aprendem, eles estão errados. Nós, os Mercykillers, fomos incumbidos de distribuir justiça, e nós respondemos a uma lei maior. Quando não houver mais crimes, nós iremos nos retirar de bom grado. Mas até lá, nós existimos para caçar cada criminoso existente e fazê-los pagar por sua injustiça. Você pode contar com isso.

Influência: Os Mercykillers mantém dúzias de postos avançados em Archeron, onde a estrita disciplina deste plano faz muitos recrutas Mercykiller. Injustiça em Archeron é rapidamente esmagada, do jeito que os Mercykillers gostariam que fosse em todos os outros planos. Em Sigil, os Mercykillers operam a Prisão, onde eles executam as sentenças de qualquer criminoso que eles ou o Harmonium pegam.

Política: Os Mercykillers fazem parte da Tríade da Ordem em Sigil (Governadores, Harmonium e Mercykillers), e os três trabalham juntos na maioria das vezes para manter o pouco de ordem que existe na cidade. Em uma interessante reviravolta, ocasionalmente os Doomguard se aliam com os Mercykillers, vendo uma forma de entropia nas punições que a facção faz. Os Signers, Sensates e Anarchists em particular tem vários encontros desagradáveis com os Mercykillers, uma vez que esses grupos muitas vezes acham que estão acima da lei. A retribuição rápida dos Mercykillers fazem dos três seus potenciais inimigos.

Elegibilidade: Os Hounds, com suas regras rigorosas sobre justiça, só aceitam aqueles de alinhamento lawful na facção. Além disso, ladrões criminosos e qualquer outra pessoa com registros criminais são proibidos de entrar para a facção.

Harmonium

Outros Nomes: Cabeças duras, H.



Filosofia: Abram os olhos, imbecil, o multiverso é uma bagunça. É um lugar perigoso e sem regras onde as pessoas acabam feridas ou são escritas no livro da morte (idem) sem o mínimo escrúpulo. Dê uma olhada em tudo isso e me diga se você não fica triste com o estado das coisas. Mas não se desespere, porque há aqueles que querem fazer a diferença. Há aqueles que acreditam que o multiverso seria um lugar muito melhor se todos nós vivêssemos em paz. Nós seríamos mais produtivos, mais agradáveis e não precisaríamos nos preocupar em sobreviver a cada dia porque tudo seria seguro. Nós estamos comprometidos a trazer a paz e harmonia ao multiverso, mesmo se para isso for necessário punir aqueles que querem o mal aos outros. Nós somos o Harmonium.

Algumas pessoas dizem que nós somos totalitários e de mente fechada. Desculpe-me, mas eu não vejo ninguém tendo sucesso no esforço de trazer paz aos planos. É um trabalho duro, e nós somos pessoas duras, porque apenas pessoas assim podem fazer o trabalho. Esse trabalho não é agradável, disso você pode ter certeza, porque há pessoas lá fora que gostam de tirar vantagem dos outros e não são muito receptivas aos nossos esforços para fazê-las se comportar. Mas quando nós tivermos sucesso e introduzirmos a Harmonia Universal ao multiverso, uma nova era de prosperidade irá ter início para todos nós. Mas até lá, nós devemos trabalhar incansavelmente em direção ao nosso objetivo, e toda ameaça eliminada nos deixa um passo mais perto da harmonia.

Influência: O Harmonium mantém várias fortalezas e cidades no plano de Arcadia, que sozinho já irradia harmonia e ordem. As unidades do Harmonium estacionadas aqui são amadas e respeitadas, e é considerado uma fuga agradável estar estacionado aqui. Em Sigil, a linha de frente na guerra pela harmonia, o Harmonium controla a City Barracks (Quartéis da Cidade), onde eles treinam e equipam suas patrulhas em Sigil.

Política: Os H são parte integrante das engrenagens da justiça em Sigil, trabalhando com os Guvners e Mercykillers para manter as leis na cidade. Os H fazem as prisões, os Guvners conduzem o julgamento e os Mercykillers cumprem a sentença. No entanto, com sua estreita e estrita interpretação da harmonia, eles também fizeram muitos inimigos, incluindo a Liga Livre, os Xaositects e a Liga Revolucionária.

Elegibilidade: Todas as raças e classes são bem-vindas no recrutamento do Harmonium, sendo necessário apenas que o recruta tenha um verdadeiro desejo de impor a harmonia. Devido a essa estrita condição, apenas recrutas de alinhamento lawful são aceitos.

Liga Livre

Outros Nomes: Independentes, Os Livres.



Filosofia: Todas essas facções... cada uma delas tentando lhe dizer o que fazer, mas nenhuma delas pode provar que está realmente correta. Esqueça isso, eu prefiro descobrir meu caminho eu mesmo e viver minha vida, do que fazer o jogo de alguma facção. Vamos deixar isso bem claro cara. A Free League não é uma facção, pelo menos não no senso comum. Nós somos mais como um grupo de individualistas que pensa parecido e que sabe que ocasionalmente é bom para cada um de nós agir juntos.

Nós acreditamos que devemos manter nossas opções abertas. Até uma das facções provar para mim que eles sabem a única e absoluta Verdade, porque eu colocaria todo meu dinheiro em uma tacada só? Não é que nós não acreditamos em nada, apenas um ignorante seria tão estúpido. Mas nós apenas acreditamos nas nossas próprias coisas e todos mantemos nossas mentes abertas; a única coisa em que nós todos concordamos é que um corpo tem que ser capaz de decidir por si mesmo e viver sua própria vida.

Então ninguém irá nos dizer o que fazer, e nós formamos uma liga livre para afirmar nosso poder nos números. Quando você não tem uma grande e poderosa facção para lhe dar cobertura, você pode sentir que é como se fosse você contra o mundo. Mas na Liga, nós cuidamos uns dos outros, para ninguém poder roubar nossas liberdades.

Influência: Os Indeps tem uma grande influência no Grande Circulo, especialmente nas bordas onde as Cidades Portais podem ser encontradas. Aqui, um Indep pode escolher onde viver e que tipo de vida ele quer, e se ele mudar de opinião, ele pode simplesmente se mudar para outra cidade. Em Sigil, não é surpreendente que a Liga Livre tenha um quartel general não-oficial no Grande Bazar. No Bazaar, todos cuidam de todos e de como as coisas vão, o que corresponde perfeitamente aos ideais cosmopolitas e libertadores dos Indeps.

Política: A maioria das facções zomba pelo menos um pouco da Liga Livre, geralmente os vendo como muito covardes para se ater a um credo. No entanto, a maioria das facções aproveitam as atitudes livres dos Indeps, contratando-os para fazer trabalhos onde eles não querem suas facções oficialmente sujando as mãos. Apenas o Harmonium é ativamente contra a Liga Livre, vendo em seus pensamentos e atos livres uma ameaça a harmonia e paz.

Elegibilidade: Qualquer um que quiser ser um Indep pode ser um. Todas as atitudes são bem vindas e não é nem mesmo necessário ser aprovado por alguém para entrar na Liga Livre.

Ordem da Fraternidade

Outros Nomes: Governadores, Lei para Tolos, a Ordem.



Filosofia: Todo lugar tem leis, mesmo lá fora na fronteira. Existem leis sociais, leis filosóficas, leis físicas, há regras para tudo no multiverso. E você não pode negar que se alguém conhece as leis, ele se sai muito bem. Evita prisões, não irrita seus amigos e sabe a decisão correta a tomar quando a oportunidade aparece. Além disso, a não ser que você realmente conheça as leis de tudo, como você espera saber os buracos que existem nelas? E conhecer os buracos na realidade é o que separa um verdadeiro camarada de um completo idiota (idem).

Pense em o que você poderia realizar se você soubesse os buracos nas leis do multiverso! Iria fazer a mágica parecer uma imitação de segunda categoria. Se você conhecer as leis mais secretas e como explorar suas brechas, nem mesmo os poderes irão ser capazes de refutar seu poder. Porque você continua seguindo as regras como elas foram feitas. E leis também podem ser usadas contra seus inimigos para limitar seus poderes. Que conceito magnífico!

Quem se importa com o significado do multiverso? Mesmo se você descobrir o significado disso tudo (o que é extremamente improvável), ele não irá lhe dizer como tudo funciona. Saber como funciona é importante. Conhecer as regras é importante. É por isso que nós estudamos, aprendemos e pesquisamos. Nós iremos saber como tudo isso funciona enquanto nós deixamos todos os outros idiotas descobrir o porque.

Influência: Em Mechanus, é claro que todas as coisas são comandadas por regras precisas. Uma vez que esse plano mais do que qualquer outro expõe suas leis e regras, ele atrai muitos Guvners. Em Sigil, no entanto, a Ordem da Fraternidade mantém seu quartel general nas Cortes da Cidade, onde ela faz cumprir as leis sociais com interpretação impossivelmente precisa.

Política: Tal conhecimento preciso da lei é importante para algumas outras facções em Sigil. Os Mercykillers se baseiam nas leis para separar o justo do injusto, então eles frequentemente trabalham com os Guvners (até alguém abusar da lei para fazer injustiça). O Harmonium também respeita a estrita adesão as leis dos Guvners, embora eles sintam que mesmo a lei deve ser imposta pela força. Por outro lado, os Xaositects se torcem sob as restritivas leis dos Guvners e lutam contra elas com toda sua força. A Ordem da Fraternidade vê as leis como uma ferramenta para oprimir o povo, e muitas vezes tenta minar o trabalho dos Guvners. Até mesmo os Doomguard tem suspeitas sobre a Ordem da Fraternidade, pensando se suas leis não estão retardando a decadência do multiverso.

Elegibilidade: A Fraternidade aceita qualquer um que tenha um forte respeito pela lei. Devido a esta condição, apenas pessoas de alinhamento lawful podem ser membros da facção.

Fadados

Outros Nomes: Capttores, Os sem coração, Sangues frios



Filosofia: Filosofias grandiosas não tem lugar no multiverso, dizem os Fadados. As regras do jogo são simples: o multiverso pertence àqueles que podem segurá-lo. É necessário trabalho duro e dedicação e não há ninguém para por a culpa pelo fracasso a não ser você. Todo mundo começa igual aqui, com o mesmo potencial para a grandiosidade. O que separa o fraco do forte é a sua vontade de ter sucesso. Nada é de graça no multiverso.

Todos tem que trabalhar para manter o que tem e conseguir mais. Olhe os suplicadores, eles devem servir a seu poder para conseguir sua recompensa maior de ser um com o plano. Olhe até mesmo aos poderes, eles devem trabalhar para manter seus adoradores felizes, senão acabam esquecidos no astral. Muitas pessoas nos acusam de não ter compaixão, mas isso é apenas uma desculpa de quem é muito preguiçoso para atender nossas expectativas. Nós temos compaixão, mas apenas por aqueles que conquistaram ela.

Diferentemente do que as pessoas acham, existem mais coisas para os Fadados do que dinheiro e poder. Há muitas grandes coisas que não podem ser compradas ou conseguidas com a ponta de uma espada. Respeito é uma coisa. Alegria outra. A primeira você tem que conquistar com o povo, a segunda você tem que fazer você mesmo. E esses desafios são tão difíceis como qualquer outro no multiverso. Alguma coisa, em algum lugar, lhe abençoou com a vida. Os Fadados apenas demandam que você faça algo com seu tempo aqui.

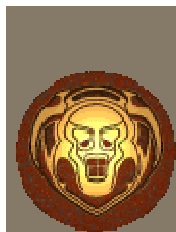
Influência: Muitos residentes do plano de Ysgard se submetem a filosofia de vida dos Fadados. Em Ysgard, é preciso trabalhar muito para as recompensas da vida, e os Fadados apontam o plano como prova que embora suas atitudes são difíceis, elas não são cruéis ou malignas. Em Sigil, o quartel general dos Fadados é no Hall of Records (Uma espécie de cartório), onde todos os eventos e todas as transações são registrados. É claro que toda essa informação dá os Fated um enorme status na cidade. Eles conquistaram isso.

Política: A Liga Livre, com suas firmes posições em relação a liberdade pessoal e responsabilidade, geralmente concordam com os Takers. As duas facções são conhecidas por serem fortes aliados ocasionalmente, exceto quando os cobradores de taxas dos Fadados pegam um pouco demais de seu dinheiro sofrido. Os Mercykillers também concordam com as atitudes dos Fadados sobre compaixão e piedade, mas são irritados por membros dos Fadados que cruzam os limites da lei quando eles se acham poderosos o suficiente para tal. O Harmonium vê os Fadados como ávidos e perigosos, um perigo para a paz e a estabilidade. Assim, as duas facções frequentemente são consideradas inimigas.

Elegibilidade: Essa facção é aberta a qualquer classe e raça, mas aquele de alinhamento Leal Bom são incapazes de aceitar a falta de caridade dos Fadados. Por este motivo, na maioria das vezes esses indivíduos ficam longe dos Tomadores.

Dustman

Outros Nomes: Os Mortos, Os Cadáveres, Empoeirados/ Varredores.



Filosofia: Diferentemente de muitos camaradas, os Dustmen não estão procurando pelo significado da vida. Na verdade, eles estão procurando pelo significado da morte. Isso porque os Dustmen acreditam que todos já estão mortos. Os planos são só uma reflexão sombria do que a existência é quando você está vivo. Além do mais, se a vida é teoricamente uma coisa tão bonita, porque a existência é tão miserável? A vida deveria ser sem o sofrimento e a dor, e o único motivo por nós estarmos sentindo isso agora é porque nós já estamos experimentando nossas punições pós-vida.

Todos, primários, planares, nós estamos todos mortos. Nós apenas estamos circulando no Purgatório enquanto nós levamos nossa vida após a morte em direção a recompensa final. Alguns estão mais adiantados na rota do que outros, e os Dustmen acreditam que os mortos que andam (sim, os mortos-vivos) são os que estão mais na frente, uma vez que eles se livraram dos sentimentos que nos mantém presos a esse estado sombrio.

Mas, para estar realmente pronto para a verdadeira morte e para sair desta vida após a morte, é necessário entender porque você continua preso aqui e trabalhar para remover essas correntes. Apenas idiotas correm para a verdadeira morte e a maioria deles apenas reaparece novamente aqui e tem que fazer tudo novamente. Ao invés disso, os Dustmen cuidadosamente pensam essa vida (após a morte) e trabalham para vagarosamente eliminar seus desejos e emular seus superiores, os mortos-vivos. Só depois disso é que eles estarão prontos para continuar no caminho da verdade.

Influência: Os Dustmen consideram o Plano de Energia Negativa como um lugar central para sua filosofia, provando que a morte está aqui entre nós. Com grande dificuldade eles mantêm uma fortaleza neste plano, que hospeda Dustmen que vão lá para estudar a morte. Em Sigil, os Dustmen fizeram do Mortuary (Necrotério) sua casa, onde eles fazem um grande serviço a cidade dando um fim nos corpos dos mortos. É claro, eles geralmente estudam esses corpos (e as vezes, fazem mais do que isso), mas quem realmente se importa com a morte além desses otários?

Política: Os Dustmen tem uma filosofia forte e surpreendente e isto tem tendência a produzir reações extremas. Os Cabais Sombrios e os Doomguard tratam os Dustmen com respeito, uma vez que todos eles tem em comum visões fatalisticas do multiverso. No entanto, por outro lado, os Signatáros e os Sensatos tendem a odiar os Dustmen, porque eles não se importam com imaginação ou sensações, uma vez que essas coisas para eles são apenas ilusões que os impede de atingir a verdadeira morte.

Elegibilidade: Todos estão mortos, então todos são aceitos, clérigos da mortes sendo extremamente bem-vindos. No entanto, como a facção promove a eliminação dos desejos, a maioria dos Dustmen tendem a ser de alinhamento neutro.

Sentinelas

Outros Nomes: Afundadores, Deprimidos, Ratos Entrópicos.



Filosofia: O multiverso está desmoronando, é o jeito das coisas. Só olhe para esta cidade, é um exemplo clássico de como tudo está decaindo. A mesma coisa vale para todos os lugares e todas as coisas: pessoas morrem, pedras erodem, impérios acabam e mesmo deuses desaparecem. O multiverso está em seu final, e nós apenas estamos facilitando seu caminho.

Algumas pessoas tentam consertar as coisas, mas eles entenderam tudo de cabeça para baixo e ao contrário. Consertar coisas é ir contra a ordem natural, porque elas vão decair novamente de qualquer jeito. Os Doomguard estão aqui para ter certeza que as pessoas não mexam muito na ordem natural. Entropia é uma pílula difícil de engolir cara, mas nós todos temos que tomá-la um dia.

Mas a maioria dos membros dos Sentinelas não saem por aí só destruindo tudo que eles veem. Mesmo a construção é uma forma de entropia, e muitos entendem isso. Para um castelo ser construído, uma montanha de rochas deve ser cortada, então o multiverso continua caindo em entropia. Esta visão é compartilhada por muitos membros dos Doomguard, mas isso não é dizer que todos seguem essa linha. Muitos realmente destroem o que puderem, acreditando que seu dever divino é agilizar o processo e terminar com o sofrimento do multiverso.

Influência: Os Sentinelas controlam quatro grandes cidades em cada um dos quasiplanos negativos: Ash, Vacuum, Salt e Dust. Os Doomguard veem o plano de energia negativa como o eventual destino de todo o multiverso, então eles mantêm cidades na fronteira para estudá-lo. Em Sigil, seu quartel general é o Armory (Armazém de Armas), que eles tomaram pela força a muitos, muitos anos atrás. Eles tem tido permissão para controlá-lo desde então, e muito acham amargamente irônico que uma facção que deseja destruir o multiverso controle a distribuição da maioria das armas nele.

Política: Os Cabais Sombrios e os Dustmen consideram as visões entrópicas dos Doomguard aceitáveis, embora os Cabais Sombrios acham estúpido acreditar que o multiverso tem algum plano, mesmo o plano de morrer. Os Homens de Deus também acreditam que o tempo do multiverso é finito, mas eles acreditam que o fim vem através da completa ascensão, não completa destruição. Embora essas três facções ocasionalmente se aliem com os Sentinelas, a Ordem da Fraternidade e o Harmonium veem os Sentinelas como uma ameaça à existência e se opõem a seus desígnios insanos.

Elegibilidade: Os Sentinelas aceitam todos que estão dispostos a engolir suas teorias sobre a entropia do multiverso. No entanto, clérigos que tem os domínios Cura, Lei ou Proteção são raramente aceitos e raramente tentam entrar também.

Cabais Sombrios

Outros Nomes: Desabrigados, Loucos, os Cabais, Os sem sentido.



Filosofia: Qual é o sentimento comum dos Sombrios sobre o significado do multiverso? Que não há nenhum significado nele! Apenas desista, essa facção diz, pare de tentar entender a loucura infinita que é o multiverso. Ele não tem motivo, não tem plano, nenhuma escuridão final. As únicas pessoas que dizem que ele tem são aqueles que iludem a si mesmos e tentam criar algum significado do nada.

Os Sombrios desejam que todos deem uma olhada neles. Milhões de primários, planares e poderes, e nem mesmo um deles tem A Resposta. Essa facção quer fazer você parar de tentar impor um significado ao multiverso e ao invés disso apenas olhar para você mesmo. Não há nenhum propósito "superior" para sua existência, há apenas o que você faz aqui e agora.

Essa atitude de olhar para dentro e fazer a diferença aqui e agora faz dos Sombrios uma das facções que mais faz caridade em toda a Jaula. Diferentemente da maioria das facções, eles não recusam ajuda a pessoas baseando-se em suas facções; para os Sombrios, todos os nomes são igualmente ilusórios e qualquer membro das facções pode realizar o quanto sem sentido tudo é e entrar para os Cabal.

Influência: Muitos membros do Cabais Sombrios são atraídos para o plano do Pandemonium. Suas cavernas, que uivam com os ventos da loucura, são a moradia de muitos Sombrios. Em Sigil, os Cabais Sombrios fazem seu quartel general no Gatehouse (Casa do Portão), o asilo para insanos localizado dentro da Colméia. Daqui eles tentam fazer a diferença em um multiverso sem sentido, ajudando os órfãos, os insanos e os pobres em todos os aspectos que eles conseguem.

Política: Os Sentinelas e a Liga Revolucionária, ambos apreciando o colapso das coisas (o multiverso e as facções, respectivamente), apreciam a atitude niilística dos Cabais Sombrios e sua falta de desejo de comandar os outros. E embora eles se aliem com os Sombrios frequentemente, eles patrocinam essa facção por sua falta de participação. Os Dustmen também frequentemente aceitam as atitudes fatalistas dos Sombrios, uma vez que é similar a deles. Até Xaositects e Ciphers as vezes se aliam com os Sombrios. Os Xaositects trabalham com os Cabais Sombrios para mostram o quanto o multiverso não faz sentido e os Ciphers concordam que o melhor trabalho é feito aqui e agora. No entanto, as facções que tem intenção de edificar instituições e pessoas geralmente não gostam da apatia dos Cabais Sombrios. A Fraternity of Order é irritada pela displicência dos Bleakers com as leis "sem sentido" e o Harmonium e os Mercykillers são igualmente perturbados porque eles sentem o mesmo sobre a paz instituída e a justiça aplicada. Mesmo muitos Godsmen tem problemas com os Bleakers, porque eles se recusam a se esforçar para ascender.

Elegibilidade: Os Sombrios aceitam qualquer um que realizar que o multiverso não tem um plano. No entanto, personagens lawful (leais) não conseguem engolir a ideia que não há nenhuma ordem superior nas coisas, e nunca entrarão para o Cabal.

Credores da Fonte

Outros Nomes: Homens de Deus, Reencarnantes.



Filosofia: Para os Homens de Deus, todas as coisas podem ascender a uma glória superior. As criaturas dos planos apenas representam diferentes degraus no caminho para a verdadeira ascensão. Paciência e perseverança são tudo o que é necessário para se tornar um Deus de acordo com eles. Viver aqui fora nos planos é tão difícil porque é um teste e todas as coisas - de planares a poderes - estão sendo testadas. Tenha sucesso e você irá chegar mais perto da verdadeira glória. Falhe, e bem, você sempre pode reencarnar e tentar de novo.

Os Homens de Deus não reivindicam entender qual dos eventos da vida são verdadeiros testes, e quais destes são mais importantes do que outros. Para eles, todos os eventos da vida devem ser entendidos e dar lições. Suporte o sofrimento porque ele mostra suas melhores qualidades e o ensina sobre você mesmo. Espalhe alegria porque isso aumenta seu valor e o possibilita alcançar seu melhor. Estes imbecis até mesmo acreditam que ser um deus não é o topo da escada da ascensão. Alguma coisa, eles dizem, está além disso, alguma coisa que até mesmo os poderes estão tentando alcançar.

Para estes Reencarnantes, o significado por trás do multiverso é que é tudo um grande teste, uma forja em que nós somos endurecidos e reforçados. Eventualmente, todos os seres em criação irão ascender ao topo, e então o multiverso irá acabar, tendo completado sua tarefa. Até lá, os Credores desejam ajudar todas as pessoas a se fortalecerem.

Influência: Os Credores tem uma atração especial ao Plano Ethereal, e aquele plano está repleto de criações demiplanares dos Homens de Deus. Os Homens de Deus acreditam que a formação de demiplanos das névoas etéreas são uma analogia para seu próprio crescimento e fortalecimento. Em Sigil, os Credores reivindicam a Grande Forja como seu quartel general, usando-a para testar seus próprios membros e fortalecê-los enquanto eles trabalham nas forjas. E embora eles não tenham nenhum trabalho oficial no governo de Sigil, os Credores usam seu domínio sobre as mercadorias de Sigil para manter a paz entre as facções mais exaltadas. Até porque ninguém pode fazer espadas se não tiver o aço.

Política: Devido ao fato de os Credores verem pessoas como sendo tão capazes como os deuses, eles frequentemente são vistos em aliança com os Athar, ambos trabalhando para fazer indivíduos mais fortes do que organizações. Além disso, algumas raras vezes os Homens de Deus se aliam com os Sentinelas, que tem como tópico comum a crença em que um dia o Multiverso irá acabar. No entanto, essas alianças nunca duram muito; eventualmente os Sentinelas se ofendem com o fato de os Homens de Deus construírem coisas ao invés de destruí-las. Os Cabais Sombrios com seu apático nihilismo e os Dustmen com sua crença de que nós todos já estamos mortos, frequentemente se vêem em conflito com os Credores da Fonte, e são geralmente considerados inimigos dos objetivos da facção.

Elegibilidade: Os Credores acreditam que todos podem ascender, então qualquer um é bem vindo. No entanto, clérigos de deuses específicos às vezes evitam os Homens de Deus porque eles reconhecidamente sofrem problemas com suas habilidades mágicas devido a ou uma falta de crença absoluta em seu poder ou a arrogância em saber que eles podem ser tão poderosos quanto.

Athar

Outros Nomes: Desafiadores, Perdidos, Negadores.



Filosofia: Escute. Os deuses são impostores, meras fraudes se passando por divindades reais. Os poderes não são divinos, eles são apenas mortais mais poderosos, assim como eu e você. Além do que, se eles são os mais poderosos seres já imaginados, porque então que eles precisam manter seus seguidores felizes? Ainda melhor, porque eles morrem então, como lhes foi mostrado a fazer?

Não nos entenda errado, a maioria dos Desafiadores acreditam que provavelmente há um verdadeiro poder divino ou poderes, mas eles são completamente incompreensíveis a nós. Eles estão além da nossa percepção, e "deuses" apenas canalizam o poder dessa força incompreensível para clérigos e outros indivíduos. E se esses clérigos e outros mortais adoram esses poderes e os chamam de divinos, porque os poderes iriam reclamar? Você reclamaria?

Isto tudo é uma grande mentira. Mortais podem moldar os planos assim como os deuses fazem, isso apenas dá mais trabalho para nós porque nós não somos tão habilidosos como eles são. Esta facção tem a intenção de ver a verdade por trás deste véu de mentiras, mesmo se isso significar irritar alguns seres poderosos durante o caminho.

Influência: Nos planos, os Athar dominam o Plano Astral. Em Sigil, os Athar tem como quartel general o Templo Despedaçado, o templo que já pertenceu ao deus Aoskar antes da Dama da Dor matar todos os seguidores dos poderes em Athas e a patronagem dos deuses acabar. Sem um papel oficial em Sigil, muitos acusam os Athar de serem espiões da Dama, porque eles observam a estrutura dos poderes (especialmente templos) de Sigil bem de perto e atacam a hipocrisia. Eles escandalizam líderes revelando seus segredos e lideram brigadas de propaganda para acabar com a fidelidade de certos grupos.

Política: Devido ao fato dos Homens de Deus verem os poderes como apenas uma outra extensão de todos nós, sua filosofia é menos irritante do que a maioria para os Athar. De fato, as duas facções são conhecidas por trabalharem juntas em ocasiões para promover a responsabilidade e o crescimento entre a população de Sigil. Além disso, estranhamente, os Athar e os Anarquistas são conhecidos por se aliar em algumas ocasiões, uma vez que ambos gostam de atacar pessoas no poder.

Elegibilidade: O único limite de elegibilidade entre os Desafiadores é que nenhum membro pode ser um clérigo de um deus específico. Clérigos nesta facção continuam podendo receber feitiços e escolher domínios (o que os Athar citam como prova do poder incompreensível), mas eles fazem isso de uma força que eles não dão nome ou tentam descrever.

GLOSSÁRIO

Athar: Uma das facções de Sigil, também chamados de Os Perdidos.

Believers of the source: Uma das facções de Sigil, também chamados de Homens de Deus.

Bleak cabal: Uma das facções de Sigil, também chamados de Sombrios, Cabais e Loucos.

Celestial: Um ser inteligente nativo dos Planos Superiores. Inclui aasimon, archons, eladrin, guardinals e outros.

Chaosmen: Apelido dos Xaositects.

Ciphers: Um apelido da facção Transcendent Order, usado porque a maioria das pessoas não tem a mínima idéia do que eles estão falando.

Doomguard: Uma das facções de Sigil, também chamados de Afundadores.

Dustmen: Uma das facções de Sigil, também chamados de Os Mortos.

Fated, the: Uma das facções de Sigil, também chamados de Tomadores e Impiedosos.

Fraternity of order: Uma das facções de Sigil, também chamados de Governadores.

Free league: Uma das facções de Sigil, também chamados de Independentes.

Harmonium: Uma das facções de Sigil, também chamados de Cabeças duras.

Lower Planes: Abyss, Acheron, Baator, Carceri, Gehenna, Gray Waste e Pandemonium. Habitado por demônios. Planos de alinhamento maligno./ Infernos.

Mercykillers: Uma das facções de Sigil, também chamados de Mortes Vermelhas.

Petitioner/Suplicador: Um mortal que morreu e foi reformado no plano de seu alinhamento e/ou deus sem memória de sua vida anterior. O objetivo final de um petitioner é de se tornar um com o plano que ele ocupa, embora ninguém (nem mesmo o petitioner) sabe exatamente como fazer isso.

Planar: Qualquer ser nativo a um plano que não seja o Primário. Estes são seres vivos, não petitioners.

Plane-touched: Qualquer prole de um planar nativo e um humano. Tieflings, Aasimar e genasi são plane-touched.

Revolutionary league: Uma das facções de Sigil, também chamados de Anarchists.

Society of sensation: Uma das facções de Sigil, também chamados de Sensates.

Transcendent order: Uma das facções de Sigil, também chamados de Ciphers.

Upper planes: Arborea, Arcadia, Beastlands, Bytopia, Elysium, Mount Celestia e Ysgard. Os planos de alinhamento bom./ Plano Celestial ou o céu.

Xaositects: Uma das facções de Sigil, também chamados de Chaosmen.

Planos- São as dimensões e tempos em que se passa a história, (plano astral – universo), (plano inferior- inferno) /(limbo- purgatório), (Plano superior- Céu)

Tanar'ri – Raça de demônios que engloba uma certo subgrupo, como as succubus por exemplo.

Baatezu – Raca de demônios que englobam um certo subgrupo.

****STYX** – Styx é um rio em Hades através da qual Caronte transportava as almas dos mortos em um barco.

Sigil- A cidade de Sigil representa muito mascaradamente a vida comum do homem, onde qualquer palavra ou ato podem trazer consequências inevitáveis ou irreversíveis.

Dama da Dor- a Dama da Dor em Torment poderia ser equiparada a Deus. Um ser divino que não pode ou deve ser questionado ou subestimado.

